AUTOR *de*

O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



ORIGEM

AUTOR *de*

O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



ORIGEM


ORIGEM



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança

diante dos desafios e contratempos da vida.

DAN BROWN



ORIGEM

ARQUEIRO

Título original: *Origin*

Copyright © 2017 por Dan Brown

Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou foram usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou lugares é mera coincidência.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Virginie Leite

revisão: Hermínia Totti e Taís Monteiro

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Michael J. Windsor

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Escada em espiral da Sagrada Família: © rosmi duaso/Alamy/Latinstock; calçada ornamental do Passeig de Gracia, Barcelona: Birute Vijeikiene/ Shutterstock **foto do autor:** © Dan Courter

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B897o

Brown, Dan

Origem [recurso eletrônico]/ Dan Brown; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital

Tradução de: Origin

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-765-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

CDD: 813

17-44256

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Em memória da minha mãe

Devemos estar dispostos a nos livrar da vida que planejamos para ter a vida que nos espera.

– JOSEPH CAMPBELL

F A T O

Todas as obras de arte, toda a arquitetura, todos os locais, conceitos de ciência e organizações religiosas deste livro são reais.

P r ó l o g o

Enquanto o antigo trem de cremalheira se arrastava pela encosta vertiginosa, Edmond Kirsch ia examinando o topo serrilhado da montanha. A distância, construído na face de um penhasco íngreme, o enorme mosteiro de pedra parecia suspenso no espaço, fundido magicamente com o precipício vertical.

Esse santuário antiquíssimo na Catalunha, Espanha, tinha sofrido a atração implacável da gravidade durante mais de quatro séculos, jamais escorregando do objetivo original: isolar seus ocupantes do mundo moderno.

Por ironia, agora eles serão os primeiros a saber da verdade, pensou Kirsch, imaginando como reagiriam. Historicamente, os homens mais perigosos da Terra eram homens de Deus… em especial quando seus deuses eram ameaçados. *E eu vou arremessar uma lança em chamas contra um ninho de vespas*.

Quando o trem chegou ao topo da montanha, Kirsch viu uma figura solitária esperando na plataforma. Um velho esquelético vestindo a tradicional batina católica roxa com roquete branco e um solidéu na cabeça. Kirsch reconheceu as feições duras e ossudas do homem a partir de fotos e sentiu uma inesperada onda de adrenalina.

Valdespino veio me receber pessoalmente.

O bispo Antonio Valdespino era uma figura formidável na Espanha – não somente amigo e conselheiro de confiança do próprio rei, mas também um dos mais influentes e enfáticos defensores da preservação dos valores católicos conservadores e dos padrões políticos tradicionais.

– Edmond Kirsch, presumo? – entoou o bispo quando Kirsch saiu do trem.

– Culpado – respondeu Kirsch, sorrindo enquanto se adiantava para apertar a mão ossuda do anfitrião. – Bispo Valdespino, quero agradecer por ter arrumado este encontro.

– Eu é que agradeço que o tenha *requisitado*. – A voz do bispo era mais forte do que Kirsch esperava: clara e penetrante. – Não é comum sermos consultados por homens de ciência, em especial um tão importante como o senhor. Aqui, por obséquio.

Enquanto Valdespino guiava Kirsch pela plataforma, o ar frio da montanha açoitava sua batina.

– Devo confessar que o senhor é diferente do que imaginei – disse Valdespino.

– Estava esperando um cientista, mas o senhor é um homem bem-apessoado… – Ele olhou com uma leve sugestão de desdém o elegante terno Kiton K50 e os sapatos de couro de avestruz Barker. – Está, como se diz, nos trinques, não é?

Kirsch sorriu educadamente. *A expressão "nos trinques" saiu de moda há décadas*.

– Lendo a lista dos seus feitos – continuou o bispo –, ainda não estou totalmente certo do que o senhor faz.

– Sou especializado na teoria dos jogos e em modelagem por computador.

– Então o senhor faz os jogos de computador com os quais as crianças brincam?

Kirsch sentiu que o bispo estava fingindo ignorância numa tentativa de parecer antiquado. Sabia que Valdespino era um estudioso de tecnologia assustadoramente bem informado e que sempre alertava sobre os seus perigos.

– Não, senhor, na verdade a teoria dos jogos é um campo da matemática que estuda padrões com o objetivo de fazer previsões sobre o futuro.

– Ah, sim. Acho que li que o senhor previu uma crise monetária na Europa há alguns anos, não foi? Quando ninguém lhe deu atenção, o senhor salvou o mundo inventando um programa de computador que trouxe os Estados Unidos de volta dos mortos. Qual foi mesmo a sua frase famosa? “Aos 33 anos, tenho a mesma idade que Cristo quando ele ressuscitou.”

Kirsch se encolheu.

– Uma analogia ruim, Reverendíssimo. Eu era jovem.

– Jovem? – O bispo deu um risinho. – E quantos anos o senhor tem agora?

Quarenta, talvez?

– Exato.

O velho sorriu enquanto o vento forte continuava a agitar sua batina.

– Bom, os mansos deveriam herdar a Terra, mas em vez disso ela foi para os jovens: os que têm vocação tecnológica, os que preferem olhar para monitores de vídeo em vez de para a própria alma. Devo admitir que jamais imaginei que teria motivo para me encontrar com o rapaz que lidera essa batalha. Eles o chamam de *profeta*, o senhor sabe.

– No que diz respeito a Vossa Excelência Reverendíssima, não sou um profeta muito bom. Quando perguntei se poderia ter um encontro privado com o senhor e seus colegas, calculei que a chance de aceitarem seria de apenas 20 por cento.

– Como eu disse aos meus colegas, o devoto sempre pode se beneficiar de ouvir os incrédulos. É escutando a voz do diabo que podemos apreciar melhor a voz de Deus. – O velho sorriu. – Estou brincando, claro. Por favor, desculpe meu senso de humor antiquado. De vez em quando meus filtros falham.

Em seguida o bispo Valdespino sinalizou adiante.

– Os outros estão esperando. Por aqui, por favor.

Kirsch olhou para onde iam: uma colossal cidadela de pedra cinza empoleirada na borda de um penhasco íngreme que mergulhava centenas de metros até uma

luxuriante tapeçaria de colinas cobertas de florestas. Incomodado com a altura, desviou o olhar do abismo e acompanhou o bispo pelo caminho irregular à beira do penhasco, levando os pensamentos para a reunião que viria.

Ele tinha pedido uma audiência com três proeminentes líderes espirituais que haviam acabado de participar de uma conferência ali.

O Parlamento das Religiões do Mundo.

Desde 1893, centenas de líderes de quase 30 religiões mundiais vinham se reunindo em lugares diferentes, a intervalos de alguns anos, para passar uma semana debatendo sobre suas crenças. Dentre os participantes havia uma variedade de importantes sacerdotes cristãos, rabinos judeus e mulás muçulmanos de todo o mundo, além de *pujaris* hindus, *bhikkus* budistas, jainistas, *sikhs* e outros.

O objetivo autoproclamado do parlamento era “cultivar a harmonia entre as religiões do mundo, construir pontes entre diversas

espiritualidades e celebrar as interseções de todas as crenças".

Uma busca nobre, pensou Kirsch, apesar de vê-la como um exercício vazio: uma procura sem sentido de pontos aleatórios de correspondência entre uma mixórdia de ficções, fábulas e mitos antigos.

Enquanto o bispo Valdespino o guiava pelo caminho, Kirsch olhou para o precipício com um pensamento irônico. *Moisés subiu a montanha para aceitar a Palavra de Deus… e eu, para fazer o oposto*.

Sua motivação, como dissera a si mesmo, era cumprir uma obrigação ética, mas sabia que essa visita era alimentada por uma boa dose de orgulho: estava ansioso para sentar-se cara a cara com aqueles clérigos e sentir o prazer de prever seu fim iminente.

Vocês tiveram sua chance de definir nossa verdade.

– Olhei o seu currículo – disse o bispo em tom abrupto, virando-se para Kirsch.

– Vi que o senhor é cria da Universidade de Harvard.

– Na graduação. Sim.

– Sei. Recentemente li que, pela primeira vez na história de Harvard, entre os alunos novos, há mais ateus e agnósticos do que os que se dizem seguidores de alguma religião. Essa é uma estatística bastante reveladora, Sr. Kirsch.

O que posso dizer? , quis responder Kirsch. *Nossos alunos são cada vez mais inteligentes*.

O vento açoitou com mais força quando chegaram à antiga construção de pedra.

À luz fraca da entrada do prédio, o ar estava pesado com a fragrância densa de incenso queimando. Os dois homens

serpentearam por um labirinto de corredores escuros e os olhos de Kirsch se esforçaram para se acostumar enquanto ele seguia o anfitrião. Por fim chegaram a uma porta de madeira estranhamente pequena. O bispo bateu, abaixou-se e entrou, sinalizando para o visitante acompanhá-lo.

Em dúvida, Kirsch passou pela soleira.

Viu-se num aposento retangular cujas paredes altas estavam atulhadas de

antigos volumes encadernados em couro. Outras estantes se projetavam das paredes como costelas, intercaladas com aquecedores de ferro fundido que estalavam e sibilavam, dando a fantasmagórica impressão de que a sala estava viva. Kirsch ergueu os olhos para a passarela com parapeito ornamentado que circundava todo o segundo andar. E soube, sem dúvida, onde estava.

A famosa Biblioteca de Montserrat, constatou, espantado por ter recebido permissão de entrar ali. Segundo boatos, aquela sala sagrada continha textos raros, acessíveis apenas aos monges que tinham dedicado a vida a Deus e estavam isolados naquela montanha.

– O senhor pediu discrição – disse o bispo. – Este é o nosso local mais privativo. Poucas pessoas de fora já entraram aqui.

– É um enorme privilégio. Obrigado.

Kirsch acompanhou o bispo até uma grande mesa de madeira onde dois homens idosos estavam sentados, esperando. O da esquerda parecia desgastado pelo tempo, com olhos exaustos e barba branca emaranhada. Usava um terno preto amarrotado, camisa branca e chapéu de feltro.

– Este é o rabino Yehuda Köves – disse o bispo. – É um importante filósofo judeu, autor de vários estudos sobre cosmologia cabalista.

Kirsch apertou educadamente a mão do rabino por cima da mesa.

– É um prazer conhecê-lo, senhor – cumprimentou. – Li seus livros sobre a Cabala. Não posso dizer que os entendi, mas li.

Köves assentiu amigavelmente, enxugando os olhos aquosos com o lenço.

– E aqui – continuou o bispo, indicando o outro homem – está o respeitado *allamah* Syed al-Fadl.

O reverenciado erudito muçulmano se levantou e deu um sorriso largo. Era baixo e atarracado, com um rosto jovial que parecia não combinar com os olhos escuros e penetrantes. Vestia um discreto *thawb* branco.

– E, Sr. Kirsch, eu li *suas* previsões sobre o futuro da humanidade. Não posso dizer que *concordo* com elas, mas li.

Kirsch deu um sorriso gentil e apertou a mão do sujeito.

– E, como os senhores sabem – continuou o bispo, dirigindo-se aos dois colegas

–, Edmond Kirsch, o nosso visitante, é um respeitado cientista da computação, teórico dos jogos, inventor e uma espécie de profeta do mundo tecnológico.

Considerando seu histórico, fiquei perplexo por ele ter pedido um encontro conosco.

Portanto agora deixarei que o Sr. Kirsch explique a que veio.

Com isso o bispo Valdespino sentou-se entre os dois colegas, cruzou as mãos e olhou com expectativa para Kirsch. Os três estavam de frente para ele, como num tribunal, criando um ambiente mais parecido com uma inquisição do que um encontro amigável entre eruditos. Kirsch percebeu que o bispo nem tinha posto uma cadeira para ele.

Sentiu-se mais admirado do que intimidado enquanto examinava os três

homens idosos. *Então esta é a Santíssima Trindade que eu requisitei. Os Três Reis Magos.*

Parando um momento para reafirmar seu poder, foi até a janela e olhou a paisagem de tirar o fôlego, lá embaixo. Uma ensolarada colcha de retalhos de antigas terras pastoris se estendia por um vale profundo, dando lugar aos picos serrilhados da Cordilheira de Collserola. Quilômetros além, em algum lugar no Mar das Baleares, nuvens ameaçadoras se reuniam no horizonte.

Adequado, pensou Kirsch, sentindo a turbulência que causaria na sala e no mundo lá fora.

– Senhores – começou, virando-se abruptamente de volta para eles –, creio que o bispo Valdespino já os colocou a par do meu pedido de segredo. Antes de continuarmos, quero esclarecer que o que vou lhes contar deve ser mantido no mais absoluto sigilo. Dito de modo simples, estou pedindo um voto de silêncio. Estamos de acordo?

Os três assentiram. Uma concordância tácita que, Kirsch sabia, era provavelmente redundante. *Eles vão querer enterrar essa informação, e não divulgá-la.*

– Estou hoje aqui – continuou Kirsch – porque fiz uma descoberta científica que acredito que acharão espantosa. É algo que busquei durante muitos anos, esperando fornecer respostas para duas das perguntas mais fundamentais da experiência humana. Agora que consegui, vim especificamente aos senhores porque acredito que essa informação afetará de maneira profunda os *fiéis* do mundo todo, possivelmente causando uma mudança que só pode ser descrita como, digamos...

demolidora. No momento sou a única pessoa na face da Terra que tem a informação que estou prestes a revelar.

Kirsch enfiou a mão no bolso do paletó e pegou um smartphone grande – que ele próprio havia projetado e construído para servir às suas necessidades especiais. A capa tinha um mosaico de cor vibrante, e ele posicionou o aparelho diante dos três homens como se fosse uma televisão. Em instantes iria usá-lo para se conectar a um servidor especialmente seguro, digitaria a senha de 47 caracteres e transmitiria para eles sua apresentação.

– O que os senhores estão prestes a ver – disse – é o esboço de um anúncio que espero compartilhar com o mundo. Dentro de um mês, aproximadamente. Mas antes disso queria consultar alguns dos pensadores religiosos mais influentes do planeta para entender como essa notícia será recebida por aqueles que ela mais afeta.

O bispo soltou um suspiro alto, parecendo mais entediado do que preocupado.

– É um preâmbulo intrigante, Sr. Kirsch. O senhor fala como se o que vai nos mostrar fosse capaz de abalar os alicerces das religiões do mundo.

Kirsch olhou o antigo repositório de textos sagrados. *Isso não vai abalar seus alicerces. Vai destruí-los.*

Avaliou os homens à frente. O que eles não sabiam era que em apenas três dias

planejava ir a público com aquela apresentação num evento espantoso, meticulosamente coreografado. Quando fizesse isso, as pessoas ao redor do mundo perceberiam que os ensinamentos de todas as religiões tinham de fato uma coisa em comum.

Estavam completamente errados.

C A P Í T U L O **1**

O professor Robert Langdon olhou para o cachorro de 12 metros sentado na praça. O pelo do animal era um tapete vivo de grama e flores perfumadas.

Estou tentando amar você, pensou. *De verdade*.

Refletiu um pouco mais sobre a criatura e depois continuou andando por uma passarela suspensa, descendo por uma ampla escadaria cujos degraus de tamanhos diferentes se destinavam a arrancar o visitante de seu ritmo e das passadas usuais.

Missão cumprida, decidiu, quase tropeçando duas vezes nos degraus irregulares.

Na base da escada parou bruscamente, olhando um objeto enorme.

Agora vi tudo.

Uma altíssima viúva-negra se erguia à frente dele, com as finas patas de ferro sustentando o corpo volumoso a pelo menos nove metros de altura. Da barriga da aranha pendia um saco de ovos feito de tela de arame, cheio de globos de vidro.

– O nome dela é *Mamãe* – disse uma voz.

Langdon baixou o olhar e viu um homem magro parado embaixo da aranha. Ele usava um casaco indiano de brocado preto e tinha um bigode enrolado para cima, quase cômico, estilo Salvador Dalí.

– Meu nome é Fernando – continuou ele – e estou aqui para lhe dar as boas-vindas ao museu. – O homem olhou para uma fileira de crachás na mesa à frente. –

Poderia me dizer seu nome, por favor?

– Certamente. Robert Langdon.

Os olhos de Fernando se ergueram de novo, bruscamente.

– Ah, sinto muito! Não o reconheci, senhor!

Eu mesmo mal me reconheço, pensou Langdon, avançando rigidamente com sua gravata-borboleta branca, a casaca preta e o

colete branco. *Estou parecendo um almofadinha*. A casaca clássica de Langdon tinha quase 30 anos, preservada desde os dias do Ivy Club em Princeton. Mas, graças à fiel rotina de natação diária, a roupa ainda servia bastante bem. Na pressa para fazer as malas tinha pegado a sacola errada no armário, deixando para trás o smoking usual.

– O convite recomendava traje a rigor, preto e branco – disse Langdon. –

Imagino que a casaca seja apropriada, não?

– Casacas são clássicas! O senhor está muito vistoso! – O homem se aproximou rapidamente e prendeu um crachá na lapela de Langdon. – É uma honra conhecê-lo.

Sem dúvida já nos visitou antes, não é?

Langdon olhou através das patas da aranha para o prédio reluzente diante deles.

– Na verdade fico sem graça em dizer, mas nunca estive aqui.

– Não! – O homem fingiu desmaiar. – O senhor não é fã de arte moderna?

Langdon sempre havia gostado do *desafio* da arte moderna, principalmente de explorar o motivo para determinadas peças serem saudadas como obras-primas: as pinturas de tinta espirrada de Jackson Pollock; as latas de sopa Campbell de Andy Warhol; os retângulos de cor de Mark Rothko. Mesmo assim ficava muito mais confortável discutindo o simbolismo religioso de Hieronymus Bosch ou as pinceladas de Francisco de Goya.

– Sou mais classicista – respondeu. – Costumo me sair melhor com Da Vinci do que com De Kooning.

– Mas Da Vinci e De Kooning são tão *semelhantes*!

Langdon sorriu, paciente.

– Então, sem dúvida, preciso aprender um pouco sobre De Kooning.

– Bom, então veio ao lugar certo! – O homem ergueu o braço na direção do edifício enorme. – Neste museu o senhor vai encontrar uma das melhores coleções de arte moderna da Terra! Espero que goste.

– É o que pretendo – respondeu Langdon. – Só gostaria de saber por que estou aqui.

– O senhor e todo mundo! – O homem sorriu alegremente, balançando a cabeça. – O seu anfitrião foi muito sigiloso quanto ao objetivo do evento desta noite.

Nem mesmo os funcionários do museu sabem o que vai acontecer. O *mistério* é parte da diversão: os boatos correm à solta! Há várias centenas de convidados lá dentro, na maioria rostos famosos, e ninguém tem *nenhuma* ideia do que está na programação desta noite!

Agora Langdon riu. Muito poucos anfitriões teriam a bravata de enviar convites de última hora dizendo essencialmente: *Sábado à noite. Esteja lá. Confie em mim.* E

um número ainda menor seria capaz de convencer centenas de pessoas importantes a largar tudo e viajar para o *norte da Espanha* para comparecer ao evento.

Langdon saiu de baixo da aranha e continuou pelo caminho, olhando um enorme estandarte vermelho que se enfunava no alto.

UMA NOITE COM

EDMOND KIRSCH

Sem dúvida, Edmond nunca sofreu de falta de confiança, pensou, achando divertido.

Cerca de 20 anos antes, Eddie Kirsch tinha sido um dos primeiros alunos de Langdon na Universidade de Harvard – um gênio da informática com cabelos de

esfregão, cujo interesse por códigos o levou a fazer um curso com Langdon no primeiro ano: Códigos, Cifras e a Linguagem dos Símbolos. A sofisticação do intelecto de Kirsch impressionou profundamente o professor, e ainda que o jovem tivesse abandonado o poeirento mundo da semiótica em troca da promessa luminosa dos computadores, ele e Langdon haviam desenvolvido um elo entre aluno e professor que os manteve em contato durante as duas últimas décadas, desde a formatura de Kirsch.

Agora o aluno suplantou o professor, pensou Langdon. *Em vários anos-luz.*

Hoje em dia Edmond Kirsch era um pensador independente, de fama mundial: cientista de computadores, futurólogo, inventor e empreendedor bilionário. Aos 40

anos, era pai de uma variedade espantosa de tecnologias avançadas que representavam saltos importantes em campos diversos como robótica, ciência do cérebro, inteligência artificial e nanotecnologia. E as previsões acuradas sobre futuros progressos científicos haviam criado uma aura mística ao seu redor.

Langdon suspeitava que a incrível capacidade de prognósticos de Edmond resultava de seu conhecimento espantosamente amplo do mundo. Desde que podia recordar, o sujeito havia sido um bibliófilo insaciável: lia tudo o que estivesse ao seu alcance. A paixão pelos livros e sua capacidade de absorver os conteúdos ultrapassavam tudo o que Langdon jamais havia testemunhado.

Nos últimos anos Kirsch vivia principalmente na Espanha, e atribuía essa escolha a um contínuo caso amoroso com o charme de mundo antigo do país, com a arquitetura de vanguarda, os bares e o clima perfeito.

Uma vez por ano, quando Kirsch voltava a Cambridge para falar no Media Lab do MIT, Langdon fazia uma refeição com ele num dos novos lugares da moda, do qual nunca tinha ouvido falar. As conversas nunca eram sobre tecnologia; Kirsch só queria falar com Langdon sobre arte.

– Você é minha conexão com a cultura, Robert – Kirsch costumava brincar. –

Você é meu bacharel particular, um sujeito que só se casou com as artes!

A cutucada brincalhona no estado civil de Langdon era particularmente irônica vinda de um colega solteirão que denunciava a monogamia como “uma afronta à evolução” e fora fotografado com uma enorme variedade de supermodelos no decorrer dos anos.

Considerando a reputação de Kirsch como inovador na ciência da computação, seria fácil imaginá-lo como um geek com a camisa abotoada até o colarinho. Mas em vez disso ele havia se tornado um moderno ícone pop que circulava entre celebridades, vestia-se nos estilos mais atuais, ouvia música underground desconhecida e colecionava uma infinidade de caríssimas obras de arte impressionistas e modernas. Kirsch costumava mandar e-mails para Langdon, pedindo conselho sobre novas obras que estava avaliando para sua coleção.

E depois fazia exatamente o oposto do aconselhado.

Cerca de um ano antes ele tinha surpreendido Langdon perguntando não sobre

arte, mas sobre Deus – um assunto estranho para quem se proclamava ateu. Diante de um prato de costeletas no Tiger Mama de Boston, fez indagações detalhadas sobre as crenças básicas de várias religiões mundiais, em particular sobre as diferentes histórias da Criação.

Langdon lhe deu uma visão geral sólida sobre as crenças atuais, desde a narrativa do Gênesis compartilhada pelo judaísmo, o cristianismo e o islamismo até a história hindu de Brama, o conto babilônico de Marduk e outras.

– Estou curioso – disse Langdon enquanto saíam do restaurante. – Por que um futurólogo se interessa tanto pelo passado? Quer dizer que nosso famoso ateu finalmente encontrou Deus?

Edmond riu alto.

– Pode sonhar! Só estou avaliando minha concorrência, Robert.

Langdon sorriu. *Típico*.

– Bom, ciência e religião não competem, são duas linguagens diferentes tentando contar a mesma história. Neste mundo há espaço para as duas.

Depois desse encontro, Edmond ficou sem fazer contato por quase um ano. E

então, do nada, três dias antes, Langdon recebeu um envelope da FedEx com uma passagem de avião, uma reserva de hotel e um bilhete escrito à mão insistindo que ele fosse ao evento dessa noite. Dizia: *Robert, seria importantíssimo para mim que você, especialmente, pudesse comparecer. Suas ideias durante nossa última conversa ajudaram a tornar essa noite possível*.

Langdon ficou pasmo. Nada naquela conversa parecia nem de longe relevante para um evento apresentado por um futurólogo.

O envelope continha ainda uma imagem em preto e branco de duas pessoas frente a frente. Kirsch tinha escrito um pequeno poema para Langdon.

Robert,

Quando estivermos cara a cara,

revelarei o vazio que nos separa.

– Edmond



Langdon sorriu ao ver a imagem: uma inteligente alusão a um episódio em que estivera envolvido anos antes. A silhueta de um cálice, ou Graal, revelada no espaço vazio entre os dois rostos.

Agora Langdon estava diante desse museu, ansioso para saber o que seu ex-aluno iria anunciar. Uma brisa suave agitava as abas da casaca enquanto ele andava pelo caminho de cimento à margem do sinuoso Rio Nervión, que já fora a principal artéria de uma próspera cidade industrial. O ar tinha um vago cheiro de cobre.

Enquanto virava uma esquina, Langdon finalmente se permitiu olhar o museu enorme e reluzente. Era impossível captar toda a estrutura de uma vez. Por isso seu olhar ia e voltava por toda a extensão daquelas formas bizarras, alongadas.

Este edifício não viola simplesmente as regras, pensou. *Ele as ignora por completo. É um local perfeito para Edmond.*

O Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha, parecia algo saído de uma alucinação alienígena: uma colagem rodopiante de formas metálicas retorcidas que pareciam ter sido encostadas umas nas outras de modo quase aleatório. Estendendo-se até a distância, a massa caótica era coberta por mais de 30 mil placas de titânio que brilhavam como escamas de peixe e davam à estrutura uma sensação ao mesmo tempo orgânica e extraterrestre, como se um

leviatã futurista tivesse se arrastado da água para tomar sol à margem do rio.

Quando o edifício foi inaugurado em 1997, a revista *The New Yorker* saudou seu arquiteto, Frank Gehry, como tendo desenhado “um fantástico navio de sonho, de formas onduladas, sob uma capa de titânio”, e outros críticos alardearam: “O

edifício mais incrível do nosso tempo!”, “Brilho mercurial!”, “Espantoso feito arquitetônico!”.

Desde a inauguração do museu, dezenas de outros edifícios “desconstrutivistas”

tinham sido erguidos: o Walt Disney Concert Hall em Los Angeles, o BMW World em Munique e até a nova biblioteca da universidade de Langdon. Cada um desses tinha projeto e construção que fugiam radicalmente das convenções, no entanto

Langdon duvidava que algum deles pudesse competir com o Guggenheim de Bilbao por sua pura capacidade de chocar.

Enquanto Langdon se aproximava, a fachada coberta de placas parecia se alterar a cada passo, oferecendo uma nova personalidade de cada ângulo. Agora a ilusão mais dramática do prédio ficava visível. Incrivelmente, a partir dessa perspectiva, a estrutura colossal parecia literalmente flutuar acima da água, à deriva num vasto lago de “horizonte infinito” cujas ondas fracas batiam contra as paredes externas do museu.

Langdon parou um momento para se maravilhar com esse efeito e depois começou a atravessar o lago pela ponte minimalista que fazia um arco sobre a água.

Estava na metade do percurso quando um sibilo alto o espantou. O som emanava de baixo dos seus pés. Parou justo quando uma nuvem em redemoinho começou a sair de baixo da passarela. O denso véu de névoa subiu ao redor e se espalhou pelo lago, rolando na direção do museu e engolfando a base de toda a estrutura.

A Escultura de Névoa, pensou.

Tinha lido sobre essa obra da artista japonesa Fujiko Nakaya. A "escultura" era revolucionária por ser construída com o ar visível, uma parede de neblina que se materializava e se dissipava com o passar do tempo; e como as brisas e as condições atmosféricas jamais eram idênticas de um dia para o outro, a obra era diferente a cada vez que aparecia.

A ponte parou de sibilar e Langdon viu a parede de névoa se acomodar em silêncio sobre o lago, fazendo redemoinhos e se arrastando como se tivesse vontade própria. O efeito era ao mesmo tempo etéreo e desorientador. Todo o museu parecia pairar sobre a água, repousando sem peso numa nuvem – um navio fantasma perdido no mar.

Justo quando Langdon ia andar de novo, a superfície plácida da água foi despedaçada por uma série de pequenas erupções. De repente cinco colunas de fogo dispararam para o alto, saindo do lago, trovejando como foguetes que rasgavam o ar enevoado e lançavam brilhantes jorros de luz nas placas de titânio do museu.

O gosto arquitetônico de Langdon tendia mais para o estilo clássico de museus como o Louvre ou o Prado. Mas, olhando a névoa e as chamas pairarem sobre o lago, não conseguia pensar num local mais perfeito do que esse museu ultramoderno para um evento programado por um homem que amava a arte e a inovação e que vislumbrava o futuro com tanta clareza.

Agora, atravessando a névoa, seguiu até a entrada do museu – um agourento buraco negro na estrutura reptiliana. À medida que se aproximava, teve a sensação inquietante de entrar na boca de um dragão.

C A P Í T U L O **2**

O almirante Luis Ávila estava sentado num banco de um bar deserto em uma cidade que ele não conhecia. Estava exausto da

viagem, tendo acabado de chegar de avião depois de um trabalho que o fizera viajar muitos milhares de quilômetros em 12 horas. Tomou um gole de sua segunda água tônica e olhou a colorida coleção de garrafas atrás do balcão.

Qualquer homem pode permanecer sóbrio num deserto, pensou, *mas só os fiéis podem se sentar num oásis e se recusar a abrir os lábios*.

Fazia quase um ano que Ávila não abria os lábios para o diabo. Enquanto olhava seu reflexo no bar espelhado, permitiu-se um raro instante de contentamento com a imagem que o espiava de volta.

Ávila era um daqueles felizardos homens mediterrâneos para quem a idade mais parecia uma vantagem do que uma desvantagem. Com o passar dos anos sua barba curta, preta e espetada havia se suavizado em distintos fios grisalhos, os olhos escuros e ferozes tinham relaxado até adquirir um ar de confiança tranquila, e a pele morena bronzeada agora contava com rugas finas, criando a aura de um homem que passava a vida franzindo os olhos no mar.

Mesmo com 63 anos, seu corpo era magro e rijo, um físico impressionante incrementado pela vestimenta de corte perfeito. No momento Ávila usava seu uniforme branco de gala – uma libré de aparência régia consistindo num paletó branco trespassado, platinas pretas, uma variedade imponente de medalhas de serviço, camisa branca engomada, de colarinho em pé, e calça branca com acabamento em seda.

A Armada espanhola pode ter deixado de ser a marinha mais poderosa do mundo, mas ainda sabemos vestir um oficial.

Fazia anos que o almirante não usava esse uniforme – mas era uma noite especial, e, mais cedo, enquanto andava pelas ruas dessa cidade desconhecida, tinha desfrutado do olhar favorável das mulheres e do vasto espaço deixado pelos homens.

Todo mundo respeita os que vivem segundo um código.

– *¿Otra tónica?* – perguntou a garçonete que tinha uns 30 e poucos anos, corpo bonito e sorriso brincalhão.

Ávila balançou a cabeça.

– *No, gracias.*

O bar estava totalmente vazio e Ávila podia sentir o olhar da garçonete

admirando-o. Era bom ser visto de novo. *Voltei do abismo*.

O acontecimento horrível que tinha praticamente destruído sua vida espreitaria para sempre nos recessos da mente: um único instante ensurdecedor em que a terra se abriu e o engoliu inteiro.

Catedral de Sevilha.

Manhã de páscoa.

O sol da Andaluzia atravessava os vitrais, esparramando caleidoscópios de cor em explosões radiantes pelo interior de pedra da catedral. O órgão de tubos trovejava numa alegre celebração enquanto milhares de fiéis comemoravam o milagre da ressurreição.

Ávila se ajoelhou no genuflexório da comunhão com o peito inflado de gratidão. Depois de toda uma vida de serviço no mar, fora abençoado com o maior dos presentes de Deus: uma família. Com um sorriso largo, virou-se e olhou por cima do ombro para a jovem esposa, María, ainda sentada num banco, grávida de vários meses e sem condições de fazer a longa caminhada pelo corredor. Ao lado dela, o filho de 3 anos, Pepe, acenava empolgado para o pai. Ávila piscou para o menino e María sorriu para o marido.

Obrigado, Deus, pensou Ávila, virando-se para aceitar o cálice.

Um instante depois, uma explosão ensurdecedora rasgou a catedral imaculada.

Num clarão de luz todo o seu mundo irrompeu em fogo.

A onda de choque o empurrou violentamente contra o genuflexório, o corpo esmagado pelo jorro escaldante de entulho e pedaços de corpos humanos. Quando Ávila recuperou a consciência estava incapaz de respirar na fumaça densa, e por um momento não fazia ideia de onde se encontrava nem do que havia acontecido.

Então, acima do zumbido nos tímpanos, escutou os gritos de angústia.

Levantou-se desajeitado, percebendo com horror onde estava. Disse a si mesmo que tudo aquilo era um sonho terrível. Cambaleou para trás, pela catedral cheia de fumaça, passando por vítimas gemendo e mutiladas, tropeçando em desespero até a área aproximada onde apenas alguns minutos atrás sua mulher e seu filho estavam sorrindo.

Não havia nada ali.

Nem bancos. Nem pessoas.

Só entulhos ensanguentados no chão de pedra queimado.

A lembrança medonha foi misericordiosamente despedaçada pela porta do bar tilintando. Ávila pegou sua tônica e tomou um gole rápido, sacudindo as trevas como fora obrigado a fazer tantas vezes antes.

A porta do bar se escancarou e Ávila se virou, vendo dois homens corpulentos entrarem. Estavam cantando uma desafinada canção de briga irlandesa e usando camisas de futebol verdes que mal cobriam suas barrigas. Pelo jeito o jogo dessa tarde fora vencido pelo time irlandês visitante.

Vou aceitar isso como minha dica para ir embora, pensou Ávila, levantando-



se. Pediu a conta, mas a garçonete piscou e o mandou embora com um aceno. Ávila agradeceu e se virou para sair.

– Que diabo! – gritou um dos recém-chegados, olhando o uniforme imponente de Ávila. – É o rei da Espanha!

Os dois explodiram numa gargalhada, cambaleando na direção dele.

Ávila tentou se desviar dos dois e sair, mas o sujeito maior agarrou seu braço com força e o puxou de volta para um banco do bar.

– Espera aí, alteza! A gente veio de longe. Vamos tomar uma cerva com o rei!

Ávila olhou a mão suja do sujeito segurando a manga recém-passada de seu paletó.

– Solte – disse baixinho. – Preciso ir embora.

– Não… você *precisa* ficar para uma cerveja, *amigo*.

O sujeito apertou com mais força enquanto o colega começava a cutucar as medalhas no peito de Ávila com um dedo sujo.

– Parece que você é um tremendo herói, vovô. – Ele puxou um dos emblemas mais valiosos. – Uma clava medieval? Então você é um cavaleiro com armadura reluzente?! – E deu uma gargalhada.

Tolerância, lembrou Ávila. Tinha encontrado incontáveis homens assim: simplórios, infelizes, que jamais representavam nada, homens que abusavam cegamente das liberdades que outros tinham lutado para lhes dar.

– Na verdade – respondeu com gentileza –, a clava é o símbolo da Unidad de Operaciones Especiales da Armada espanhola.

– Operações especiais? – O sujeito fingiu um tremor de medo. – Que impressionante! E *esse* símbolo? – Ele apontou para a mão direita de Ávila.

Ávila olhou para a palma da mão. No centro da carne macia havia uma tatuagem preta – um símbolo que datava do século XIV.

Esta marca serve para me proteger, pensou Ávila, olhando o emblema. *Se bem que não vou precisar dela*.

– Deixa para lá – disse o valentão, finalmente soltando o braço de Ávila e voltando a atenção para a garçonete. – Você é bonitinha. É 100 por cento espanhola?

– Sou – respondeu ela, gentil.

◆ ◆ ◆

– Não tem nada irlandês em você?

– Não.

– *Gostaria* de um pouco? – O sujeito se convulsionou num riso histérico e deu um soco no balcão.

– Deixe-a em paz – ordenou Ávila.

O sujeito girou, olhando-o irritado.

O segundo torcedor cutucou o peito de Ávila com força.

– Está tentando mandar na gente?

Ávila respirou fundo, sentindo-se cansado depois da longa viagem desse dia, e indicou o balcão.

– Senhores, por favor sentem-se. Vou lhes pagar uma cerveja.

Que bom que ele vai ficar, pensou a garçonete. Ainda que pudesse cuidar de si mesma, observar a calma com que o oficial tratava aqueles dois grosseirões a deixou com os joelhos meio bambos e esperançosa de que ele pudesse ficar até a hora do fechamento.

O oficial pediu duas cervejas e mais uma água tônica, voltando ao banco que tinha ocupado. Os dois torcedores encrenqueiros se sentaram nos bancos ao lado dele.

– Água tônica – provocou um. – Achei que a gente ia *beber* junto.

Ávila deu um sorriso cansado para a garçonete e terminou sua água tônica.

– Infelizmente tenho um compromisso – disse. – Mas aproveitem a cerveja.

Enquanto Ávila se levantava, os dois, como se tivessem ensaiado, bateram com as mãos rudes nos ombros dele e o empurraram de volta para o banco. Uma fagulha de raiva relampejou nos olhos do oficial e desapareceu em seguida.

– Vovô, acho que você não quer deixar a gente sozinho com sua amiguinha aqui.

O valentão olhou para ela e fez uma coisa nojenta com a língua.

O oficial ficou sentado por um longo instante, depois enfiou a mão no paletó.

Os dois o agarraram.

– Ei! O que está fazendo?

Muito lentamente, o oficial pegou um celular e disse alguma coisa em espanhol para os homens. Eles o encararam sem compreender e ele voltou a falar em inglês:

– Desculpem, só preciso ligar para minha mulher e dizer que vou me atrasar.

Parece que vou ficar um tempo aqui.

– Agora você está falando nossa língua, meu chapa! – disse o maior dos dois, engolindo a cerveja e batendo o copo no balcão. – Outra!

◆ ◆ ◆

Enquanto enchia de novo os copos, a garçonete viu pelo espelho o oficial digitar algumas teclas e levar o telefone ao ouvido. A ligação foi completada e ele falou rapidamente em espanhol.

– *Llamo desde el bar Molly Malone*. – O oficial leu o nome e o endereço do bar no descanso de copo à sua frente. – *Calle Particular de Estraunza, ocho*. – Esperou um instante e continuou: – *Necesitamos ayuda inmediatamente. Hay dos hombres heridos*. – E desligou.

¿Dos hombres heridos? A pulsação da garçonete acelerou. *Dois homens feridos?*

Antes que ela pudesse processar o significado daquilo, houve um borrão branco e o oficial girou à direita, mandando um cotovelo para cima contra o nariz do maior.

Com um estalo nauseabundo, o rosto do sujeito irrompeu em vermelho e ele caiu para trás. Antes que o segundo pudesse reagir, o oficial girou de novo, desta vez para a esquerda, com o outro cotovelo acertando com força a traqueia do irlandês e jogando-o para fora do banco.

A garçonete ficou olhando em choque os dois homens no chão, um gritando em agonia, o outro ofegando e segurando o pescoço.

O oficial se levantou devagar. Com uma calma assustadora, tirou a carteira e pôs uma nota de cem euros no balcão.

– Desculpe – disse a ela em espanhol. – A polícia vai chegar daqui a pouco para ajudar.

Em seguida se virou e saiu.

Do lado de fora, o almirante Ávila inalou o ar da noite e foi andando pela Alameda de Mazarredo em direção ao rio. Sirenes da polícia se aproximaram e ele mergulhou nas sombras para deixar que as autoridades passassem. Havia um trabalho sério a ser feito e Ávila não podia se dar ao luxo de ter mais complicações.

O Regente delineou a missão desta noite com clareza.

Para Ávila, havia uma serenidade simples em receber ordens do Regente.

Nenhuma decisão. Nenhuma culpa. Apenas ação. Depois de uma carreira dando ordens, era um alívio entregar o leme e deixar que outros guiassem o navio.

Nesta guerra sou um soldado raso.

Vários dias antes o Regente havia contado a ele um segredo tão perturbador que Ávila não tivera escolha senão oferecer-se por inteiro à causa. A brutalidade da missão da noite anterior ainda o assombrava, no entanto ele sabia que seus atos seriam perdoados.

A retidão existe de muitas formas.

E mais morte virá antes que esta noite acabe.

Enquanto emergia numa praça ampla junto à margem do rio, Ávila levantou os olhos para a estrutura enorme à frente. Era uma confusão ondulante de formas perversas cobertas por placas de metal – como se dois mil anos de progresso arquitetônico tivessem sido jogados pela janela em troca do caos absoluto.

Alguns chamam isso de museu. Eu chamo de monstruosidade.

Focalizando os pensamentos, atravessou a praça, serpenteando em meio a uma série de esculturas bizarras do lado de fora do Museu Guggenheim de Bilbao.

Enquanto se aproximava do edifício, viu dezenas de convidados se misturando, vestidos com seus melhores trajes a rigor.

As massas sem Deus se congregaram.

Mas esta noite não será como nenhum deles imagina.

Ajeitou o quepe de almirante e alisou o paletó, fortificando-se mentalmente para a tarefa. Aquela noite fazia parte de uma missão muito maior: uma cruzada pela honradez.

Enquanto atravessava o pátio em direção à entrada do museu, tocou gentilmente no rosário dentro do bolso.

C A P Í T U L O **3**

O átrio do museu parecia uma catedral futurista.

Quando Langdon entrou, seu olhar se voltou imediatamente para cima, escalando por um conjunto de colunas brancas e colossais ao longo de uma altíssima cortina de vidro que subia por 60 metros até um teto em abóbada, onde refletores halógenos lançavam uma luz branca e pura. Suspensa no ar, uma teia de passarelas e sacadas atravessava os céus, salpicada com visitantes vestidos de preto e branco que entravam e saíam das galerias superiores e paravam junto às janelas altas, admirando o lago lá embaixo. Ali perto um elevador de vidro descia suavemente pela parede, voltando à terra para recolher mais visitantes.

Era diferente de todos os museus que Langdon tinha visto. Até a acústica parecia estranha. Em vez do tradicional silêncio reverente, criado pelos acabamentos que abafavam os sons, aquele lugar era vivo – com ecos murmurantes de vozes filtradas pela pedra e o vidro. Para Langdon, a única sensação familiar era o gosto estéril no fundo da língua. O ar dos museus era o mesmo em todo o mundo – filtrado

meticulosamente para retirar todas as partículas e oxidantes, depois umidificado com água ionizada até 45 por cento.

Passou por uma série de pontos de segurança surpreendentemente rígidos, notando uma boa quantidade de guardas armados, e finalmente se viu diante de outra mesa de recepção. Uma jovem estava distribuindo fones de ouvido.

– *¿Audioguía?*

Langdon sorriu.

– Não, obrigado.

Mas, enquanto ele se aproximava da mesa, a mulher o fez parar, passando a falar num inglês perfeito.

– Sinto muito, senhor, mas nosso anfitrião, o Sr. Edmond Kirsch, pediu que todos usassem fones. Faz parte da experiência da noite.

– Claro.

Langdon estendeu a mão para pegar um fone, mas ela fez que não. Depois de verificar seu crachá, procurou o nome dele na lista de convidados e entregou um fone cujo número estava indicado ao lado do seu nome.

– As visitas desta noite são preparadas uma a uma para cada convidado.

Verdade? Langdon olhou ao redor. *Há centenas de convidados.*

Olhou o fone, que não passava de uma fina alça de metal com almofadas

minúsculas nas extremidades. Talvez vendo sua expressão perplexa, a moça deu a volta na mesa para ajudar.

– Estes são bastante novos – disse ela, ajudando-o a colocar o aparelho. – Os transdutores não vão *dentro* dos ouvidos, e sim apoiam-se no rosto.

Ela pôs a alça por trás da cabeça dele e posicionou as almofadas de modo a apertarem gentilmente logo acima do malar e abaixo da têmpora.

– Mas como…

– Tecnologia de condutividade pelos ossos. Os transdutores mandam o som para os ossos do maxilar, permitindo que ele chegue diretamente à cóclea, a parte anterior do labirinto, no ouvido interno. Eu experimentei antes e achei incrível. É

como ter uma voz dentro da cabeça. E mais: deixa as orelhas livres para as conversas externas.

– Muito inteligente.

– A tecnologia foi inventada pelo Sr. Kirsch há mais de uma década. Agora muitas marcas de fones de ouvido comuns já a estão usando.

Espero que Ludwig van Beethoven ganhe a parte dele nos lucros, pensou Langdon, quase certo de que o inventor da tecnologia de condutividade sonora pelos ossos era o compositor do século XVIII que, ao ficar surdo, descobriu que podia fixar uma haste de metal ao piano e mordê-la enquanto tocava, o que lhe permitia ouvir perfeitamente através das vibrações no osso do maxilar.

– Esperamos que goste da experiência – disse a mulher. – O senhor tem cerca de uma hora para explorar o museu antes da apresentação. Seu guia de áudio vai alertá-lo quando for hora de subir para o auditório.

– Obrigado. Eu preciso apertar alguma coisa para…

– Não, o aparelho se ativa sozinho. Sua visita guiada vai começar assim que o senhor se mover.

– Ah, sim, claro – disse Langdon com um sorriso.

E foi andando pelo átrio em direção a vários outros convidados, todos esperando os elevadores e usando fones semelhantes.

Só estava na metade do átrio quando uma voz masculina soou em sua cabeça.

– Boa noite e bem-vindo ao Guggenheim de Bilbao.

Langdon sabia que eram os fones, mas ainda assim parou e olhou para trás. O

efeito era espantoso: exatamente como a moça havia descrito. Era como ter alguém *dentro* da cabeça.

– Sinceras boas-vindas, professor Langdon. – A voz era amigável e leve, com um animado sotaque britânico. – Meu nome é Winston, e é uma honra ser seu guia esta noite.

Quem foi que gravou isso? Hugh Grant?

– Esta noite – continuou a voz alegre – o senhor pode se sentir livre para andar como quiser, ir aonde quiser, e terei o prazer de dar os esclarecimentos quanto ao que estiver olhando.

Aparentemente, além de um narrador cheio de vida, gravações personalizadas e tecnologia de condutividade pelos ossos, cada fone era equipado com GPS para discernir exatamente onde o visitante se encontrava no museu e, portanto, que comentário gerar.

– Sei que – acrescentou a voz –, como professor de arte, o senhor é um dos nossos convidados mais bem informados, e talvez tenha pouca necessidade dos meus comentários. Pior ainda, é possível que discorde totalmente da minha análise de determinadas obras! – A voz deu um risinho sem graça.

Sério? Quem escreveu esse roteiro? O tom animadinho e o serviço personalizado eram de fato um toque charmoso, mas Langdon não

conseguia imaginar a quantidade de esforço necessária para preparar centenas de fones.

Felizmente a voz ficou em silêncio, como se tivesse exaurido o diálogo de boas-vindas pré-programado.

Langdon olhou pelo átrio, vendo outro enorme estandarte vermelho suspenso acima das pessoas.

EDMOND KIRSCH

ESTA NOITE AVANÇAMOS

O que, afinal, Edmond vai anunciar?

Langdon voltou o olhar para os elevadores, onde um grupo de convidados conversava, dentre eles dois famosos fundadores de empresas globais de internet, um proeminente ator indiano e várias outras pessoas importantes e bem-vestidas, que Langdon sentia que provavelmente deveria conhecer, mas não conhecia. Sentindo-se pouco disposto e mal preparado para conversar amenidades sobre mídia social e Bollywood, foi na direção oposta, para uma grande obra de arte moderna encostada na parede mais distante.

A instalação era aninhada numa gruta escura e consistia em nove esteiras transportadoras que emergiam de fendas no chão e se moviam rapidamente para cima, desaparecendo em fendas no teto. A obra lembrava nove passarelas estreitas movendo-se em plano vertical. Cada esteira tinha uma mensagem iluminada, que corria na direção do céu.

Rezo em voz alta… Sinto seu cheiro na minha pele… Digo seu nome.

Mas, à medida que Langdon chegava mais perto, percebeu que as faixas em movimento estavam de fato imóveis; a ilusão de movimento era criada por uma

“pele” de minúsculas luzes de LED posicionadas em cada trave vertical. As luzes se iluminavam em rápida sucessão para formar palavras que se materializavam no piso, corriam pela faixa e desapareciam no teto.

Estou chorando muito… Havia sangue… Ninguém me contou.

Langdon se moveu ao redor das faixas verticais, absorvendo tudo aquilo.

– Esta é uma obra desafiadora – declarou o guia sonoro, voltando de repente. –

Chama-se *Instalação para Bilbao* e foi criada pela artista conceitual Jenny Holzer.

Consiste em nove placas de LED, cada uma com 12 metros de altura, transmitindo citações em basco, espanhol e inglês, todas relacionadas aos horrores da aids e à dor suportada pelos que ficaram para trás.

Langdon teve que admitir que o efeito era hipnotizante e, de algum modo, doloroso.

– Talvez o senhor já tenha visto alguma obra de Jenny Holzer, não?

Langdon sentiu-se hipnotizado pelo texto correndo para o céu.

Enterro minha cabeça… Enterro sua cabeça… Enterro você.

– Sr. Langdon? – cantarolou a voz em sua cabeça. – Está ouvindo? Seu fone está funcionando?

Langdon foi arrancado dos pensamentos.

– Desculpe… *o quê?* Olá?

– Olá – respondeu a voz. – Acho que já nos cumprimentamos. Só estou verificando se o senhor consegue me ouvir.

– Eu… desculpe – gaguejou Langdon, dando as costas para a instalação e olhando pelo átrio. – Achei que você era uma *gravação*! Não percebi que tinha uma pessoa de verdade na linha.

Langdon imaginou um monte de cubículos ocupados por um exército de guias munidos de fones de ouvido e catálogos do museu.

– Sem problema. Serei seu guia pessoal esta noite. Seu fone tem um microfone também. O programa é criado como uma experiência interativa em que o senhor e eu podemos ter um diálogo sobre arte.

Agora Langdon podia ver que outros convidados também estavam falando em seus fones com microfones. Até os casais pareciam ter se separado um pouco, trocando olhares de curiosidade enquanto tinham conversas particulares com seus guias.

– *Todo* convidado tem um guia particular?

– Sim, senhor. Esta noite estamos acompanhando individualmente a visita de 318 convidados.

– Incrível.

– Bom, como o senhor sabe, Edmond Kirsch é um ávido fã de arte e tecnologia.

Ele projetou este sistema especificamente para museus, com a esperança de substituir as visitas em grupo, que ele abomina. Desse modo cada visitante pode ter uma visita particular, mover-se em seu próprio ritmo, fazer a pergunta que ele ficaria



sem graça de fazer diante de um grupo. É de fato muito mais íntimo e imersivo.

– Não quero parecer antiquado, mas por que simplesmente não *acompanhar* cada um de nós pessoalmente?

– Logística. Acrescentar guias pessoais a um evento de museu literalmente *dobraria* a quantidade de pessoas nos salões e necessariamente reduziria à metade o número de visitantes possíveis. Além disso, a cacofonia de todos os monitores dando informações ao mesmo tempo causaria distração. A ideia é fazer com que a discussão seja uma experiência fluida. Um dos objetivos da arte, como diz o Sr.

Kirsch, é promover o diálogo.

– Concordo plenamente. E é por isso que as pessoas costumam visitar os museus com um cônjuge ou amigo. Esses fones podem ser considerados um pouco antissociais.

– Bom – respondeu o inglês –, se o senhor vier com um cônjuge ou amigo, pode designar um guia único para todos os fones e desfrutar de uma discussão em grupo. O programa é muito avançado.

– Parece que você tem resposta para tudo.

– Na verdade, este é o meu trabalho. – O guia deu um riso sem graça e mudou de assunto abruptamente. – Agora, professor, se for pelo átrio na direção das janelas, verá a maior pintura do museu.

Enquanto andava pelo átrio, Langdon passou por um belo casal de 30 e poucos anos, usando bonés iguais. Na frente dos bonés, em vez de um logotipo de empresa, havia um símbolo surpreendente.

Era um ícone que Langdon conhecia bem, mas nunca tinha visto em um boné.

Nos últimos anos, a letra *A* ligeiramente estilizada havia se tornado o símbolo universal de um dos grupos demográficos que mais cresciam e mais se manifestavam no planeta – os ateus. A cada dia eles vinham falando com mais veemência sobre o que consideravam os perigos da crença religiosa.

Agora os ateus têm seus próprios bonés?

Enquanto examinava a congregação de gênios tecnológicos ao redor, Langdon se lembrou de que boa parte daquelas mentes jovens e analíticas eram provavelmente antirreligiosas, como Edmond. A plateia desta noite não era exatamente “a turma” de um professor de Simbologia Religiosa.



C A P Í T U L O **4**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Plantão: Para conferir as “10 Mais Lidas” de hoje do ConspiracyNet, clique aqui. Além disso, temos uma nova matéria entrando agora!

ANÚNCIO SURPRESA DE EDMOND KIRSCH?

Esta noite muitos titãs da tecnologia invadiram Bilbao, na Espanha, para comparecer a um evento VIP organizado pelo futurólogo Edmond Kirsch no Museu Guggenheim. A segurança é extremamente rígida e os convidados não foram avisados do objetivo do evento, mas o ConspiracyNet recebeu uma dica de uma fonte, sugerindo que Edmond Kirsch vai falar daqui a pouco e que planeja surpreender os convidados com um importante anúncio científico. O

ConspiracyNet continuará acompanhando esta história. Voltamos com mais notícias a qualquer momento.

C A P Í T U L O **5**

A maior sinagoga da Europa fica em Budapeste, na Rua Dohány. Construída em estilo mourisco com enormes torres gêmeas, o

templo pode abrigar mais de três mil fiéis sentados – com bancos no térreo para os homens e nos balcões para as mulheres.

Do lado de fora, no jardim, estão enterrados numa sepultura coletiva os corpos de centenas de judeus húngaros que morreram durante os horrores da ocupação nazista. O local é marcado por uma Árvore da Vida – uma escultura de metal representando um salgueiro-chorão em que cada folha tem escrito o nome de uma vítima. Quando a brisa sopra, as folhas de metal batem umas nas outras, soando com um eco fantasmagórico acima do solo sagrado.

Durante mais de três décadas, o líder espiritual da Grande Sinagoga fora um eminente erudito talmúdico e cabalista, o rabino Yehuda Köves, que, apesar de avançado em anos e com saúde debilitada, permanecia como membro ativo da comunidade judaica tanto na Hungria quanto em todo o mundo.

Quando o sol se pôs do outro lado do Danúbio, o rabino Köves saiu da sinagoga. Passou pelas butiques e pelos misteriosos “bares de ruínas” da Rua Dohány a caminho de sua casa na Praça Marcius, 15, pertinho da Ponte Elisabeth, que ligava as antigas cidades de Buda e Peste, formalmente unidas em 1873.

Os feriados da páscoa estavam se aproximando – em geral, era uma das épocas de maior alegria para Köves. No entanto, desde seu retorno do Parlamento das Religiões do Mundo na semana anterior, ele vinha sentindo uma inquietação abismal.

Gostaria de não ter ido lá.

A reunião extraordinária com o bispo Valdespino, o *allamah* Syed al-Fadl e o futurólogo Edmond Kirsch havia atormentado seus pensamentos durante três dias inteiros.

Agora, ao chegar em casa, Köves foi diretamente para o quintal e destrancou seu *házikó* – o pequeno barracão que servia como santuário pessoal e escritório.

O barracão era um cômodo único com estantes altas que se curvavam sob o peso dos tomos religiosos. Köves foi até sua mesa e se sentou, franzindo a testa para a bagunça à frente.

Se alguém visse minha mesa esta semana, acharia que perdi a cabeça.

Espalhada na superfície de trabalho, meia dúzia de textos obscuros, cheios de

papeizinhos adesivos. Atrás deles, encostados em suportes de madeira, havia três volumes pesados – versões da Torá em hebraico, aramaico e inglês –, todos abertos no mesmo livro.

Gênesis.

No princípio…

Claro, Köves podia recitar o Gênesis de cor em todas as três línguas; seria mais provável que estivesse lendo comentários acadêmicos sobre o Zohar ou teoria cosmológica da Cabala. Para um erudito do calibre de Köves, estudar o Gênesis era como Einstein voltar a estudar aritmética do ensino fundamental. Mesmo assim, era isso que o rabino estivera fazendo naquela semana, e o caderno em sua mesa parecia ter sido atacado por uma torrente de anotações rabiscadas à mão, tão bagunçadas que Köves mal conseguia decifrá-las.

Parece que virei um lunático.

O rabino Köves tinha começado com a Torá – a história do Gênesis compartilhada por judeus e cristãos. *No princípio Deus criou os céus e a terra*. Em seguida havia passado para os textos instrucionais do Talmude, relendo as elucidações rabínicas sobre o *Ma'aseh Bereshit* – o Ato da Criação. Depois disso partira para o Midrash, examinando os comentários de vários exegetas venerados que tinham tentado explicar as contradições percebidas na história tradicional da Criação. Por fim se enterrara na mística ciência cabalística do Zohar, em que o Deus incognoscível se manifestava como dez *sephirot*, ou

dimensões diferentes, organizadas ao longo de canais chamados de Árvore da Vida, e da qual brotavam quatro universos separados.

A misteriosa complexidade das crenças que compunham o judaísmo sempre fora reconfortante para Köves – um lembrete, por parte de Deus, de que a humanidade não se destinava a entender todas as coisas. Mas agora, depois de assistir à apresentação de Edmond Kirsch e de contemplar a simplicidade e a clareza do que Kirsch havia descoberto, sentia como se tivesse passado os últimos três dias olhando uma coleção de contradições ultrapassadas. Num determinado ponto, tudo o que podia fazer era pôr de lado seus textos antigos e dar uma longa caminhada ao longo do Danúbio para organizar os pensamentos.

Finalmente o rabino Köves tinha passado a aceitar uma verdade dolorida: o trabalho de Kirsch teria mesmo repercussões devastadoras para as almas religiosas deste mundo. A revelação do cientista contradizia ousadamente quase todas as doutrinas religiosas estabelecidas e fazia isso de um modo perturbadoramente simples e convincente.

Não posso esquecer aquela imagem final, pensou Köves, lembrando-se da incômoda conclusão da apresentação de Kirsch, a que eles haviam assistido no enorme telefone do cientista. *Esta notícia vai afetar todo ser humano, não só os crentes*.

Agora, apesar das reflexões dos últimos dias, o rabino não se sentia nem um

pouco mais perto de saber o que faria com as informações dadas por Kirsch.

Duvidava que Valdespino e al-Fadl também tivessem encontrado algum esclarecimento. Os três haviam se comunicado por telefone dois dias atrás, mas a conversa não fora produtiva.

– Meus amigos – tinha começado Valdespino –, obviamente a apresentação do Sr. Kirsch foi perturbadora… em muitos níveis. Eu

insisti que ele viesse discuti-la mais profundamente comigo, mas ele não quis responder. Agora creio que precisamos tomar uma decisão.

– Eu *tomei* a minha – disse al-Fadl. – Não podemos ficar parados. Precisamos assumir o controle desta coisa. Kirsch tem um conhecido desprezo pela religião e vai apresentar sua descoberta de modo a causar o máximo de dano possível para o futuro da fé. Devemos ser proativos. *Nós mesmos* devemos anunciar a descoberta dele.

Imediatamente. Devemos colocá-la sob uma luz adequada para suavizar o impacto e torná-la o menos ameaçadora possível para os que creem no mundo espiritual.

– Sei que já falamos sobre ir a público – disse Valdespino –, mas infelizmente não consigo imaginar como apresentar *essa* informação de modo que não pareça ameaçadora. – Ele deu um suspiro pesado. – Além disso, há a promessa que fizemos ao Sr. Kirsch, de guardar o segredo dele.

– Verdade – observou al-Fadl. – Também me sinto em conflito por violar essa promessa, mas acho que devemos escolher o menor de dois males e agir em nome do bem maior. *Todos* estamos sendo atacados: muçulmanos, judeus, cristãos, hindus, todas as religiões. E considerando que todas as nossas crenças se baseiam nas verdades fundamentais que o Sr. Kirsch está solapando, temos a obrigação de apresentar esse material de forma a não causar sofrimento em nossas comunidades.

– Temo que isso não vai fazer sentido – disse Valdespino. – Se estivermos pensando em divulgar a notícia de Kirsch, a única abordagem viável será pôr em *dúvida* a descoberta dele: desacreditá-lo antes que ele divulgue a mensagem.

– Edmond Kirsch? – questionou al-Fadl. – Um cientista brilhante que jamais cometeu um erro em seu trabalho? Será que participamos da mesma reunião? A apresentação dele foi convincente.

Valdespino resmungou.

– Não foi mais convincente do que a de Galileu, Bruno ou Copérnico no tempo deles. As religiões já estiveram nessa situação difícil. Isso não é nada mais do que a ciência batendo de novo à nossa porta.

– Mas num nível muito mais profundo do que as descobertas da física e da astronomia! – exclamou al-Fadl. – Kirsch está desafiando o próprio *cerne*, a raiz fundamental de tudo em que acreditamos! Você pode citar a história quanto quiser, mas não se esqueça de que, apesar de todos os esforços do seu Vaticano para silenciar homens como Galileu, a ciência dele acabou prevalecendo. E a de Kirsch também prevalecerá. Não há como impedir.

Houve um silêncio pesado.

– Minha posição quanto a isso é simples – disse Valdespino. – Eu gostaria que Edmond Kirsch não tivesse feito essa descoberta. Temo que estejamos despreparados para enfrentar as revelações dele. E minha preferência enfática é que essa informação jamais chegue à luz do dia. – Ele fez uma pausa. – Ao mesmo tempo, acredito que os eventos do nosso mundo acontecem de acordo com o plano de Deus. Talvez, se orarmos, Deus fale ao Sr. Kirsch e o convença a reconsiderar a revelação de sua descoberta.

Al-Fadl zombou audivelmente.

– Não creio que o Sr. Kirsch seja o tipo de homem capaz de escutar a voz de Deus.

– Talvez não seja – disse Valdespino. – Mas milagres acontecem todo dia.

Al-Fadl disparou de volta:

– Com o devido respeito, a não ser que você esteja rezando para Deus matar Kirsch antes que ele possa anunciar…

– Senhores! – interveio Köves, tentando atenuar a tensão crescente. – Nossa decisão não deve ser apressada. Não precisamos chegar a um consenso esta noite. O

Sr. Kirsch disse que o anúncio será feito daqui a um mês. Será que posso sugerir que meditemos em particular sobre isso e conversemos de novo daqui a alguns dias?

Talvez o caminho adequado se revele através da reflexão.

– Sábio conselho – respondeu Valdespino.

– Não deveríamos esperar demais – alertou al-Fadl. – Vamos nos falar de novo por telefone daqui a dois dias.

– Concordo – disse Valdespino. – Então poderemos tomar a decisão final.

Isso havia sido dois dias antes e, agora, a noite da conversa havia chegado.

Sozinho em seu escritório no *házikó*, o rabino Köves estava ficando ansioso. O

telefonema programado já estava atrasado quase dez minutos.

Por fim o telefone tocou e Köves atendeu.

– Alô, rabino – disse o bispo Valdespino, parecendo perturbado. – Desculpe o atraso. – Ele fez uma pausa. – Infelizmente o *allamah* al-Fadl não vai participar desta conversa.

– É mesmo? – perguntou Köves, surpreso. – Está tudo bem?

– Não sei. Estou tentando falar com ele o dia inteiro, mas al-Fadl parece ter…

desaparecido. Nenhum dos seus colegas tem ideia de onde ele se encontra.

Köves sentiu um arrepio.

– Isso é alarmante.

– Concordo. Espero que ele esteja bem. Infelizmente as notícias não param por aí. – O bispo fez uma pausa, com a voz ficando ainda mais sombria. – Acabei de saber que Edmond Kirsch está realizando um evento para contar sua descoberta ao mundo… esta noite.

– Esta noite?! Ele disse que seria daqui a um *mês*!

– É – retrucou Valdespino. – Ele mentiu.

C A P Í T U L O **6**

A voz amigável de Winston reverberou no fone de Langdon.

– Bem à sua frente, professor, o senhor verá a maior pintura de nossa coleção, ainda que a maioria dos convidados não a identifique imediatamente.

Langdon olhou ao redor do átrio, mas não viu nada a não ser uma parede de vidro voltada para o lago.

– Sinto muito, acho que faço parte da maioria. Não estou vendo pintura nenhuma.

– Bom, ela é apresentada de modo muito pouco convencional – disse Winston, rindo. – A tela não está na parede, e sim no *piso*.

Eu deveria ter adivinhado, pensou Langdon, baixando o olhar e avançando até que viu a enorme tela retangular esticada sobre a pedra aos seus pés.

A pintura enorme consistia em apenas uma cor – um campo monocromático de um azul profundo –, e os espectadores ficavam em volta do perímetro, olhando-o como se observassem um pequeno lago.

– Esta pintura tem quase 500 metros quadrados – explicou Winston.

Langdon percebeu que ela era quase dez vezes maior do que o seu primeiro apartamento em Cambridge.

– É de Yves Klein e passou a ser conhecida afetuosamente como *A Piscina*.

Langdon precisava admitir que a intensidade fascinante daquele tom de azul lhe dava a sensação de que poderia mergulhar direto na tela.

– Klein inventou essa cor – continuou Winston. – Chama-se Azul Internacional Klein, e ele dizia que a profundidade dela evocava a imaterialidade e a ilimitabilidade de sua visão utópica do mundo.

Langdon percebeu que Winston estava lendo um roteiro.

– Klein é mais conhecido por suas pinturas azuis, mas também por uma perturbadora fotografia intitulada *Salto no Vazio*, que causou um tremendo pânico ao ser exposta em 1960.

Langdon tinha visto o *Salto no Vazio* no Museu de Arte Moderna de Nova York. A foto era um bocado desconcertante, mostrando um homem bem-vestido mergulhando de peito do alto de uma casa, na direção do pavimento. Na verdade, a imagem era um truque – concebido de modo brilhante e retocado diabolicamente com uma lâmina de barbear, muito antes dos tempos do Photoshop.

– Além disso – continuou Winston –, Klein também compôs a *Sinfonia*

Monotônica-Silêncio, em que uma orquestra sinfônica toca um único acorde de ré maior durante 20 minutos.

– E as pessoas *ouvem*?

– Sim, milhares de pessoas. E esse acorde é só o primeiro movimento. No segundo, a orquestra fica sentada imóvel e executa um “puro silêncio” durante 20

minutos.

– Você está brincando, não é?

– Não, é sério. Em defesa da apresentação, ela provavelmente não era tão chata quanto poderia parecer; no palco também havia três mulheres nuas, pintadas de azul, rolando em telas gigantescas.

Apesar de Langdon ter dedicado a maior parte de sua carreira a estudar arte, perturbava-o o fato de que nunca havia aprendido a apreciar as obras mais vanguardistas do mundo. O apelo da arte moderna continuava sendo um mistério para ele.

– Não quero ser desrespeitoso, Winston, mas preciso dizer: frequentemente acho difícil saber quando algo é “arte moderna” ou quando é pura bizarrice.

A resposta de Winston foi imediata:

– Bom, frequentemente essa é a questão, não é? No seu mundo da arte clássica, as obras são reverenciadas pela capacidade de execução do artista. Isto é, com que habilidade ele encosta o pincel na tela ou o cinzel na pedra. Mas na arte moderna as obras-primas têm mais a ver com a *ideia* do que com a execução. Por exemplo, qualquer um poderia facilmente compor uma sinfonia de 40 minutos consistindo apenas em um acorde e silêncio, mas foi Yves Klein que teve a ideia.

– É justo.

– Claro, *A Escultura de Névoa* lá fora é um exemplo perfeito de arte conceitual.

A artista teve uma *ideia*: passar tubos perfurados embaixo da ponte e soprar névoa no lago, mas a *criação* da obra foi feita por encanadores da cidade. – Winston fez uma pausa. – Mas eu dou uma nota muito alta à artista por usar seu meio como um código.

– A *névoa* é um código?

– É. Uma homenagem oculta ao arquiteto do museu.

– Frank Gehry?

– Frank *O.* Gehry – corrigiu Winston.

– Inteligente.

As iniciais do arquiteto formavam a palavra *fog*, névoa, em inglês.

Enquanto Langdon ia na direção das janelas, Winston disse:

– Daqui dá para ter uma bela visão da aranha. Você viu a *Mamãe* quando entrou?

Langdon olhou pela janela, por cima do lago, para a enorme escultura da viúva-negra na praça.

– Vi. É bem difícil não ver.

– Pelo seu tom, sinto que o senhor não é fã. É?

– Estou tentando ser. – Langdon fez uma pausa. – Como classicista, me sinto meio um peixe fora d'água.

– Interessante. Eu tinha imaginado que o *senhor*, principalmente, apreciaria a *Mamãe*. Ela é um exemplo perfeito da ideia de justaposição. O senhor poderia usá-la em sala de aula quando ensinar o conceito na próxima vez.

Langdon olhou a aranha, sem ver nada do gênero. Quando se tratava de ensinar justaposição, preferia algo um pouquinho mais tradicional.

– Acho que vou continuar com o *Davi*.

– Sim, Michelangelo é o padrão de ouro – disse Winston com um risinho –, concebendo Davi brilhantemente num *contraposto* efeminado, o pulso frouxo segurando de maneira casual uma funda flácida, revelando uma vulnerabilidade feminina. No entanto os olhos de Davi irradiam uma determinação letal, os tendões e as veias se avolumando com a expectativa de matar Golias. A obra é ao mesmo tempo delicada e mortífera.

Langdon ficou impressionado com a clareza da descrição e desejou que seus alunos tivessem uma compreensão semelhante da obra-prima de Michelangelo.

– A *Mamãe* é diferente do *Davi* – disse Winston. – Uma justaposição igualmente ousada de princípios arquetípicos opostos. Na natureza, a viúva-negra é uma criatura temível: uma predadora que captura as vítimas em sua teia e as mata.

Apesar de ser letal, ela é representada aqui com um enorme saco de ovos, preparando-se para dar a vida, o que a torna ao mesmo tempo predadora e progenitora – um núcleo poderoso empoleirado em cima de pernas paradoxalmente finas, revelando força e fragilidade. A *Mamãe* pode ser chamada de um *Davi* dos dias atuais, por assim dizer.

– *Não vou* dizer – respondeu Langdon, sorrindo. – Mas devo admitir que sua análise me dá o que pensar.

– Bom, então deixe-me mostrar uma última obra. Por acaso é um original de Edmond Kirsch.

– Verdade? Não sabia que Edmond era artista.

Winston gargalhou.

– Deixarei que o senhor seja o juiz.

Langdon permitiu que Winston o guiasse, passando junto às janelas até uma alcova espaçosa onde um grupo de convidados tinha se reunido diante de uma grande placa de barro seco pendurada na parede. À primeira vista a laje de argila endurecida lembrou a Langdon a exposição de um fóssil. Mas aquele barro não continha fósseis. Em vez disso tinha marcas gravadas grosseiramente, semelhantes às que uma criança poderia desenhar com um graveto em cimento fresco.

Os espectadores não pareciam impressionados.

– Edmond fez isso? – resmungou uma mulher vestida com um casaco de marta e Botox nos lábios. – Não entendi.



O professor que havia em Langdon não pôde resistir.

– Na verdade é muito inteligente – interveio. – Até agora é minha obra predileta em todo o museu.

A mulher virou, olhando-o com uma boa sugestão de desdém.

– Ah, *é mesmo*? Então me esclareça.

Com prazer. Langdon foi até a série de marcas riscadas grosseiramente na superfície de argila.

– Bom, em primeiro lugar – disse –, Edmond gravou esta peça em argila como homenagem à primeira linguagem escrita da humanidade, a cuneiforme.

A mulher piscou, parecendo em dúvida.

– As três marcas fortes no meio – continuou ele – formam a palavra "peixe" em assírio. Isso é chamado de pictograma. Se a senhora olhar com atenção, pode imaginar a boca do peixe virada para a direita, além das escamas triangulares no corpo.

As pessoas do grupo inclinaram a cabeça, examinando de novo a obra.

– E se olharem aqui – Langdon apontou para a série de depressões à esquerda –

podem ver que Edmond fez pegadas na lama *atrás* do peixe, representando o passo evolucionário do peixe em direção à terra.

Cabeças começaram a confirmar, em apreciação.

– E, finalmente – disse Langdon –, o asterisco assimétrico à direita, que o peixe parece estar abocanhando, é um dos símbolos mais antigos para Deus.

A mulher com Botox se virou e fez uma careta para ele.

– Um peixe comendo Deus?

– Aparentemente, sim. É uma versão brincalhona do peixe de Darwin: a evolução consumindo a religião. – Langdon deu de ombros com ar casual. – Como eu disse, é bem inteligente.

Enquanto se afastava, escutou o grupo murmurando atrás, e Winston soltou uma gargalhada.

– Muito divertido, professor! Edmond apreciaria sua palestra improvisada. Não são muitas as pessoas que decifram essa obra.

– Bom, na verdade esse é o *meu* trabalho.

– Sim, e agora entendo por que o Sr. Kirsch recomendou que eu o considerasse um convidado superespecial. De fato, ele pediu que eu lhe mostrasse uma coisa que nenhum dos outros convidados vai experimentar esta noite.

– É? E o que será?

– À direita das janelas principais o senhor está vendo um corredor com cordão de isolamento?

Langdon olhou à direita.

– Estou.

– Bom. Por favor, siga minhas orientações.

Em dúvida, Langdon obedeceu às instruções passo a passo de Winston. Foi até a entrada do corredor e, depois de verificar duas vezes se ninguém estava olhando, se espremeu discretamente por trás dos balaústres e foi avançando até sumir de vista.

Agora, tendo deixado para trás a multidão do átrio, caminhou dez metros até uma porta de metal com um teclado numérico.

– Tecle esses seis dígitos – disse Winston, informando os números.

Langdon digitou o código e a porta soltou um estalo.

– Certo, professor. Por favor, entre.

Langdon ficou parado um momento, sem saber o que esperar. Então, preparando-se, empurrou a porta. O espaço do outro lado estava mergulhado na semiescuridão.

– Vou acender as luzes para o senhor – disse Winston. – Por favor, entre e feche a porta.

Langdon entrou devagar, esforçando-se para enxergar. Fechou a porta e a fechadura estalou.

Aos poucos, uma luz suave começou a surgir nas bordas da sala, revelando um espaço impensavelmente enorme – uma câmara gigantesca – como um hangar de avião para uma frota de jumbos.

– Três mil metros quadrados – explicou Winston.

A sala fazia o átrio parecer minúsculo.

Enquanto as luzes continuavam a aumentar, Langdon viu um grupo de formas enormes apoiadas no chão – sete ou oito silhuetas escuras – como dinossauros pastando na noite.

– O que, afinal, estou vendo? – perguntou.

– Chama-se *A Matéria do Tempo.* – A voz animada de Winston reverberou pelo fone de Langdon. – É a peça de arte mais pesada do museu. Mais de 900 mil quilos.

Langdon ainda estava tentando se orientar.

– E por que estou aqui sozinho?

– Como eu disse, o Sr. Kirsch pediu que eu lhe mostrasse esses objetos incríveis.

As luzes chegaram ao brilho máximo, inundando o grande espaço numa claridade suave, e Langdon só podia olhar perplexo a cena diante dele.

Entrei num universo paralelo.

◆ ◆ ◆

C A P Í T U L O **7**

O almirante Luis Ávila chegou ao posto de controle da segurança do museu e olhou seu relógio, para garantir que estava na hora certa.

Perfeito.

Apresentou seu *Documento Nacional de Identidad* aos funcionários que cuidavam da lista de convidados. Por um momento sentiu a pulsação acelerar quando seu nome não foi localizado. Até que o encontraram no final da lista – um acréscimo de última hora – e Ávila teve permissão de entrar.

Como o Regente prometeu. Ávila não tinha ideia de como ele havia conseguido.

Supostamente a lista desta noite era inflexível.

Continuou até o detector de metal, tirou seu celular e o colocou no prato. Então, com extremo cuidado, sacou do bolso do paletó um rosário de contas pesadíssimas e o colocou sobre o telefone.

Com cuidado, disse a si mesmo. *Com muito cuidado*.

O segurança o fez passar pelo detector de metal e levou o prato com itens pessoais para o lado oposto.

– *Que rosario tan bonito* – disse o guarda, admirando o objeto de metal, que consistia num cordão espesso com contas e uma grossa cruz arredondada.

– *Gracias* – respondeu Ávila. *Eu mesmo fiz*.

Passou sem incidentes pelo detector. Do outro lado pegou o telefone e o rosário, colocando-os cautelosamente no bolso antes de seguir até um segundo posto de controle, onde recebeu um fone de tipo incomum.

Não preciso de visita guiada por áudio, pensou. *Tenho trabalho a fazer*.

Enquanto seguia pelo átrio, largou discretamente o fone numa lixeira.

Seu coração estava martelando enquanto examinava o prédio em busca de um local privado para contatar o Regente e avisar que tinha entrado em segurança.

Por Deus, pelo país e pelo rei, pensou. *Mas principalmente por Deus.*

Nesse momento, nos recessos mais profundos do deserto enluarado nos arredores de Dubai, o amado *allamah* de 78 anos, Syed al-Fadl, arrastava-se em agonia pela areia. Não conseguia ir mais longe.



Sua pele estava queimada e cheia de bolhas, a garganta tão seca que ele mal conseguia respirar. Os ventos carregados de areia o haviam cegado horas antes e ele continuava se arrastando. Num determinado ponto, pensou ter ouvido o ruído longínquo de bugres nas dunas, mas provavelmente era só o vento uivando. A fé de al-Fadl de que Deus iria salvá-lo havia se exaurido muito antes. Os abutres não estavam mais voando em círculos; estavam andando ao seu lado.

O espanhol alto que tinha sequestrado al-Fadl na noite anterior mal dissera uma palavra enquanto levava o carro do *allamah* para o meio daquele deserto imenso.

Depois de uma hora de viagem, parou e ordenou que al-Fadl saísse, deixando-o na escuridão sem comida nem água.

O sequestrador de al-Fadl não dera nenhuma indicação de sua identidade nem explicação para seus atos. A única pista possível que al-Fadl vislumbrou foi uma marca estranha na palma da mão direita do sujeito: um símbolo que ele não reconheceu.

Durante horas al-Fadl tinha andado pelo deserto, gritando em vão por socorro.

Agora, enquanto desmoronava na areia sufocante e sentia o coração ceder, o clérigo seriamente desidratado repetiu a pergunta que vinha se fazendo havia horas.

Quem poderia desejar minha morte?

De modo assustador, só conseguia pensar numa resposta plausível.

C A P Í T U L O **8**

Os olhos de Robert Langdon iam de uma forma colossal para a outra. Cada peça era uma altíssima chapa de aço envelhecido que fora enrolada elegantemente e depois colocada de modo precário sobre a borda, equilibrando-se para ficar em pé.

As paredes de aço tinham cerca de 4,5 metros de altura e haviam sido curvadas em diferentes formas fluidas: uma fita ondulante, um círculo aberto, uma espiral frouxa.

– *A Matéria do Tempo* – repetiu Winston. – E o artista é Richard Serra. O uso de paredes sem sustentação feitas com material tão pesado cria a ilusão de instabilidade. Mas na verdade elas são todas muito estáveis. Imagine uma nota de dinheiro enrolada num lápis. Assim que o lápis for retirado, a cédula enrolada poderá ficar de pé, sustentada pela própria geometria.

Langdon parou e olhou o círculo imenso à frente. O metal era oxidado, o que lhe dava um tom de cobre queimado e uma qualidade crua, orgânica. A peça emanava uma força enorme e um delicado senso de equilíbrio.

– Professor, o senhor percebe que esta primeira forma não é totalmente fechada?

Langdon continuou andando em volta do círculo e viu que as extremidades da parede não se encontravam, como se uma criança tivesse tentado desenhar um círculo e errado o ponto de encontro do traço.

– A conexão desviada cria uma passagem que atrai o visitante para dentro, para explorar o espaço negativo.

A não ser que, por acaso, o visitante seja claustrofóbico, pensou Langdon, andando bem rápido.

– De modo similar – disse Winston –, à sua frente o senhor verá três fitas sinuosas de aço, seguindo mais ou menos paralelas,

suficientemente próximas para formar dois túneis ondulantes com mais de 30 metros. Chama-se *A Serpente*, e nossos jovens visitantes gostam de correr por eles. Na verdade, dois visitantes nas extremidades opostas podem sussurrar e ouvir um ao outro com perfeição, como se estivessem cara a cara.

– Isso é notável, Winston, mas, por favor, explique por que Edmond pediu que você me mostrasse esta galeria.

Ele sabe que eu não curto essas coisas.

– A peça específica que ele pediu que eu lhe mostrasse chama-se *Espiral Torcida* e fica logo à frente, no canto direito. Está vendo?

Langdon forçou a vista a distância. *Aquela que parece estar a um quilômetro daqui?*

– É, estou vendo.

– Esplêndido. Vamos até lá, está bem?

Langdon olhou em dúvida pelo espaço enorme e foi em direção à distante espiral enquanto Winston continuava falando.

– Ouvi dizer, professor, que Edmond Kirsch é um ávido admirador do seu trabalho, em particular de suas ideias sobre a interação de várias tradições religiosas por toda a história e a evolução delas refletida na arte. Em muitos sentidos, o campo de estudo de Edmond, da teoria dos jogos e das previsões por computação, é muito semelhante, analisando o crescimento de vários sistemas e prevendo como irão se desenvolver com o tempo.

– Bom, ele obviamente é muito bom nisso. Afinal de contas, é chamado de Nostradamus dos dias atuais.

– É. Mas essa comparação é, de certa forma, um insulto.

– Por quê? – questionou Langdon. – Nostradamus é o profeta mais famoso de todos os tempos.

– Não quero contrariar, professor, mas Nostradamus escreveu quase mil quadras com palavras soltas que, no correr dos séculos, se beneficiaram das leituras criativas de pessoas supersticiosas buscando extrair significado onde não há… em tudo, desde a Segunda Guerra Mundial à morte da Princesa Diana e ao ataque ao World Trade Center. É completamente absurdo. Em contrapartida, num espaço de tempo bem curto, Edmond Kirsch publicou um número limitado de previsões bastante específicas que se mostraram verdadeiras: computação em nuvem, carros sem motorista, um processador alimentado por apenas cinco átomos. O Sr. Kirsch não é nenhum Nostradamus.

Aceito a correção, pensou Langdon. Diziam que Edmond Kirsch inspirava uma lealdade feroz entre as pessoas que trabalhavam para ele, e aparentemente Winston era um de seus ávidos discípulos.

– Então, está gostando da visita guiada? – perguntou Winston, mudando de assunto.

– Muito. Parabéns a Edmond por aperfeiçoar essa tecnologia de informações a distância.

– É, este sistema foi um sonho de Edmond durante anos e ele gastou uma quantidade incalculável de tempo e dinheiro desenvolvendo-o em segredo.

– Verdade? Essa tecnologia não parece muito complicada. Devo admitir que a princípio fiquei cético, mas você me conquistou. Foi uma conversa bem interessante.

– É generosidade sua dizer isso, mas espero não arruinar tudo agora admitindo a verdade. Infelizmente não fui de todo honesto com o senhor.

– Como assim?

– Em primeiro lugar, meu nome não é Winston. É Art.

Langdon gargalhou.

– Um guia de museu chamado *Art*? Bom, não o culpo por usar um pseudônimo.

Prazer em conhecê-lo, Art.

– Além disso, quando o senhor perguntou por que eu não o acompanhava pessoalmente, dei uma resposta correta, dizendo que o Sr. Kirsch não queria lotar os museus. Mas essa resposta era incompleta. Há outro motivo para falarmos através do fone, e não pessoalmente. – Ele fez uma pausa. – Na verdade, sou incapaz de movimentos físicos.

– Ah… sinto muito.

Langdon imaginou Art sentado numa cadeira de rodas num centro de comunicações e lamentou que ele ficasse sem graça por ter de explicar sua condição.

– Não precisa ter pena. Garanto que *pernas* ficariam bem estranhas em mim.

Veja bem, não sou exatamente o que o senhor imagina.

Os passos de Langdon ficaram mais lentos.

– Como assim?

– O nome Art não é exatamente um nome. “Art” é a abreviação de “artificial”, se bem que o Sr. Kirsch preferia a palavra “sintético”. – A voz fez uma pausa. – A verdade, professor, é que esta noite o senhor está interagindo com um guia sintético.

Uma espécie de computador.

Langdon olhou em volta, em dúvida.

– Isso é algum tipo de pegadinha?

– De jeito nenhum, professor. Estou falando sério. Edmond Kirsch demorou uma década e gastou quase um bilhão de dólares no campo da inteligência sintética, e esta noite o senhor é um dos primeiros a experimentar os frutos do trabalho dele.

Toda a sua visita guiada foi acompanhada por um monitor sintético. Não sou humano.

Langdon não conseguiu aceitar isso nem por um segundo. A dicção e a gramática do sujeito eram perfeitas. E, com a exceção de um riso ligeiramente sem graça, ele falava com uma elegância que Langdon raramente encontrava. Além disso, a conversa havia abarcado uma gama de assuntos ampla e variada.

Estou sendo observado, percebeu Langdon agora, examinando as paredes em busca de câmeras de vídeo escondidas. Suspeitava que era um participante involuntário numa estranha obra de "arte experimental" – uma peça de teatro do absurdo montada com artimanha. *Eles me transformaram num rato em um labirinto.*

– Não me sinto totalmente confortável com isso – declarou, a voz ecoando na galeria deserta.

– Peço desculpas – disse Winston. – É compreensível. Eu previ que o senhor poderia achar difícil processar essa notícia. Imagino que seja por isso que Edmond pediu que eu o trouxesse para cá, para um espaço privado, longe dos outros. Essa informação não está sendo revelada aos demais convidados.

Os olhos de Langdon sondaram a penumbra do espaço para ver se havia mais

alguém ali.

– Como o senhor sabe – continuou a voz, parecendo estranhamente inabalada com o desconforto de Langdon –, o cérebro humano é um sistema binário: as sinapses disparam ou não disparam, estão ligadas ou desligadas, como uma chave de computador. O cérebro

tem mais de 100 trilhões de chaves, o que significa que construir um cérebro é menos uma questão de tecnologia do que de escala.

Langdon mal ouvia. Estava andando de novo, a atenção focalizada numa placa de “Saída” com uma seta apontando para a outra extremidade da galeria.

– Professor, sei que é difícil aceitar a qualidade humana da minha voz como algo gerado por uma máquina, mas na verdade a fala é a parte mais fácil. Até mesmo um leitor de e-books de 99 dólares faz um serviço bastante decente imitando a fala humana. Edmond investiu *bilhões*.

Langdon parou de andar.

– Se você é um computador, diga o seguinte: em quantos pontos o Índice Industrial Dow Jones fechou em 24 de agosto de 1974?

– Esse dia foi um sábado – respondeu a voz instantaneamente. – De modo que a Bolsa não abriu.

Langdon sentiu um leve arrepio. Tinha escolhido a data como um truque. Um dos efeitos colaterais de sua memória fotográfica era que as datas se gravavam para sempre em sua mente. Aquele sábado tinha sido o aniversário de seu melhor amigo, e Langdon ainda se lembrava da festa na piscina à tarde. *Helena Wooley usou um biquíni azul.*

– No entanto – acrescentou a voz imediatamente –, no dia anterior, sexta-feira, 23 de agosto, o Índice Dow Jones fechou a 686,80, com queda de 17,83 pontos e uma perda de 2,53%.

Langdon se sentiu momentaneamente incapaz de falar.

– Ficarei feliz em esperar, se o senhor quiser verificar os dados no seu smartphone – entoou a voz. – Mas não terei outra opção a não ser observar a ironia disso.

– Mas… eu não…

– O desafio da inteligência sintética – continuou a voz, com o leve sotaque britânico agora parecendo mais estranho do que nunca – não é o acesso rápido aos dados, o que é bastante simples, e sim a capacidade de discernir como os dados são interconectados e entrelaçados, algo em que acredito que o senhor é excelente, não é? Inter-relacionamento de ideias. Esse é um dos motivos pelos quais o Sr. Kirsch queria testar minhas capacidades especificamente com *o senhor*.

– Um teste? Ele está me testando?

– De jeito nenhum. – De novo o riso sem graça. – Ele está *me* testando. Para ver se eu poderia convencer o senhor de que eu era humano.

– Um teste de Turing.

– Exatamente.

O teste de Turing, como Langdon lembrou, era um desafio proposto pelo matemático e decifrador de códigos Alan Turing para avaliar a capacidade de uma máquina de agir de um modo indistinguível de um ser humano. Em termos essenciais, um avaliador humano escutava uma conversa entre uma máquina e um ser humano, e se fosse incapaz de identificar qual dos participantes era humano, a máquina teria passado no teste. Isso tinha acontecido em 2014 na Royal Society em Londres, tornando-se um marco. Desde então, a tecnologia da inteligência artificial havia progredido a uma velocidade ofuscante.

– Até agora – continuou a voz – nenhum dos nossos convidados suspeitou de nada. Todos estão se divertindo um bocado.

– Espere aí, *todo mundo* está falando esta noite com um computador?

– Tecnicamente todo mundo está falando *comigo*. Sou capaz de me dividir com muita facilidade. O senhor está ouvindo minha voz padrão, a preferida por Edmond.

Mas outros escutam outras vozes ou outras línguas. Baseado no seu perfil como acadêmico norte-americano do sexo masculino, escolhi meu sotaque inglês predeterminado. Previ que geraria mais confiança do que, por exemplo, a voz de uma jovem do sul dos Estados Unidos.

Essa coisa acabou de me chamar de chauvinista?

Langdon se lembrou de uma gravação popular que havia circulado pela internet vários anos antes: o chefe do escritório da revista *Time*, Michael Scherer, tinha recebido um telefonema de um robô de telemarketing tão estranhamente humano que resolveu postar a gravação do telefonema para que todo mundo ouvisse.

Isso foi muito tempo atrás, percebeu Langdon.

Langdon sabia que Kirsch estivera envolvido com inteligência artificial durante anos, aparecendo em capas de revistas de vez em quando para saudar várias novidades nesse campo. Ao que tudo indicava, seu filho “Winston” representava o ápice atual dessa tecnologia.

– Sei que tudo isso está acontecendo depressa – prosseguiu a voz –, mas o Sr.

Kirsch requisitou que eu lhe mostrasse esta espiral na frente do senhor. Pediu que, por favor, o senhor entre nela e continue até o centro.

Langdon olhou a estreita passagem em curva e sentiu os músculos se retesando.

Essa é a ideia que Edmond faz de um trote universitário?

– Você não pode simplesmente me dizer o que há lá dentro? Não sou grande fã de espaços apertados.

– Interessante, eu não sabia disso.

– A claustrofobia não é uma coisa que eu incluo na minha biografia na internet.

Langdon se controlou, ainda incapaz de aceitar que estava falando com uma máquina.

– Não precisa ter medo. O espaço no centro da espiral é bastante grande, e o Sr.

Kirsch requisitou especialmente que o senhor visse o *centro*. Mas pediu que, antes de entrar, o senhor tirasse o fone e o deixasse no chão, aqui.

Langdon olhou para a enorme estrutura e hesitou.

– Você não vai comigo?

– Parece que não.

– Sabe, isso tudo é muito estranho, e eu não estou exatamente…

– Professor, considerando que Edmond o trouxe de longe até este evento, parece um pedido pequeno que o senhor caminhe uma distância curta dentro desta obra de arte. As crianças fazem isso todo dia e sobrevivem.

Langdon nunca tinha recebido uma repreensão de um computador, se é que era de fato isso, mas o comentário mordaz teve o efeito desejado. Ele tirou o fone e o colocou cuidadosamente no piso, agora se virando para a abertura da espiral. As paredes altas formavam um cânion estreito que se curvava até sumir na escuridão.

– Vamos lá – disse a ninguém.

Respirou fundo e entrou na abertura.

O caminho prosseguia curvando-se e curvando-se, mais para longe do que ele imaginava, cada vez mais para o fundo, e logo Langdon não fazia ideia de quantas rotações tinha feito. A cada giro em

sentido horário a passagem ficava mais estreita, e seus ombros largos estavam quase roçando as paredes. *Respire, Robert*. As chapas de metal inclinadas pareciam a ponto de desmoronar para dentro e esmagá-lo sob toneladas de aço.

Por que estou fazendo isso?

Um segundo antes de Langdon dar meia-volta e retornar, o corredor terminou abruptamente, deixando-o num grande espaço aberto. Como fora prometido, a câmara era maior do que ele esperava. Langdon saiu rapidamente do túnel para o espaço aberto, exalando o ar enquanto examinava o piso vazio e as paredes de metal, imaginando de novo se aquilo seria algum tipo de elaborado trote universitário.

Uma porta estalou em algum lugar lá fora e passos rápidos ecoaram para além das paredes altas. Alguém tinha entrado na galeria, vindo pela porta que Langdon tinha visto. Os passos se aproximaram da espiral e começaram a circular ao redor dela, soando mais altos a cada volta. Alguém estava entrando.

Langdon recuou virado para a abertura enquanto os passos continuavam circulando, chegando mais perto. Os estalos rígidos ficaram mais altos até que, de repente, um homem saiu do túnel. Era baixo e magro, com pele clara, olhos penetrantes e cabelos pretos e revoltos.

Langdon olhou o homem inexpressivamente por um longo momento, e então, por fim, permitiu que um sorriso largo se abrisse no rosto.

– O grande Edmond Kirsch sempre faz uma entrada surpreendente.

– Só temos uma chance de causar uma primeira impressão – respondeu Kirsch, afável. – Senti sua falta, Robert. Obrigado por ter vindo.

Os dois trocaram um abraço sincero. Enquanto dava tapinhas nas costas do velho amigo, Langdon sentiu que Kirsch estava mais magro.

– Você perdeu peso – disse.

– Virei vegano. É mais fácil do que correr na esteira.

Langdon gargalhou.

– Bom, é ótimo vê-lo. E, como sempre, você fez com que eu me sentisse vestido de modo pomposo e exagerado.

– Quem, eu? – Kirsch olhou para seus jeans pretos e justos, a camiseta branca com gola em V e a jaqueta de aviador com zíper na lateral. – Isso é alta-costura.

– Chinelos brancos são alta-costura?

– Chinelos?! Esses são Ferragamo Guineas.

– E suponho que custem mais do que toda a minha roupa.

Edmond se aproximou e examinou a etiqueta da casaca clássica de Langdon.

– Na verdade – disse ele com um sorriso caloroso –, é bem bonita. Chegou perto.

– Devo dizer, Edmond, que seu amigo sintético, o Winston, é… muito inquietante.

Kirsch riu de orelha a orelha.

– Incrível, não é? Você não vai acreditar no que consegui com a inteligência artificial este ano. Saltos quânticos. Desenvolvi algumas revolucionárias tecnologias proprietárias que permitem que as máquinas resolvam problemas e se autorregulem de maneiras completamente novas. Winston é um trabalho inacabado, mas melhora dia a dia.

Langdon notou que no último ano tinham aparecido rugas em volta dos olhos juvenis de Edmond. Ele parecia cansado.

– Edmond, poderia me dizer por que me trouxe aqui?

– A Bilbao? Ou para dentro de uma espiral do Richard Serra?

– Vamos começar pela espiral. *Você* sabe que eu sou claustrofóbico.

– Exatamente. Esta noite tem a ver com tirar as pessoas de sua zona de conforto

– disse ele com um risinho.

– Sempre sua especialidade.

– E mais – acrescentou Kirsch –, preciso falar com você e não queria ser visto antes da apresentação.

– Porque os astros do rock nunca se misturam com os fãs antes de um show, certo?

– Correto! – respondeu Kirsch em tom de brincadeira. – Os astros do rock aparecem magicamente no palco, no meio de uma nuvem de fumaça.

No alto subitamente as luzes diminuíram e aumentaram de intensidade. Kirsch puxou a manga do casaco e conferiu as horas no relógio. Então olhou de volta para Langdon, com a expressão ficando séria de repente.

– Robert, não tenho muito tempo. Esta noite é uma ocasião tremenda para mim.

Na verdade, será importante para toda a humanidade.

Langdon foi tomado por uma grande expectativa.

– Recentemente fiz uma descoberta científica – disse Edmond. – É uma

novidade que terá implicações de longo prazo. Quase ninguém sabe nada a esse respeito, e esta noite, daqui a pouco, vou me dirigir ao mundo ao vivo e anunciar o que descobri.

– Não sei bem o que dizer. Isso tudo parece incrível.

Edmond baixou a voz e seu tom ficou tenso, de um modo pouco característico.

– Antes de ir a público com essa informação, Robert, preciso do seu conselho. –

Ele fez uma pausa. – Temo que minha vida possa depender disso.

C A P Í T U L O **9**

Um silêncio pesado caiu sobre os dois homens dentro da espiral.

Preciso do seu conselho… temo que minha vida possa depender disso.

As palavras de Edmond pairavam no ar, e Langdon viu a inquietação nos olhos do amigo.

– Edmond? O que está acontecendo? Você está bem?

As luzes no alto diminuíram e aumentaram de intensidade outra vez, mas Edmond as ignorou.

– Este ano tem sido notável para mim – começou ele, a voz num sussurro. –

Venho trabalhando sozinho num projeto que levou a uma descoberta revolucionária.

– Parece maravilhoso.

Kirsch assentiu.

– E é. Nenhuma palavra pode descrever como estou empolgado por compartilhá-la esta noite com o mundo. Ela vai causar uma enorme mudança de paradigma. Não estou exagerando ao dizer que minha descoberta terá repercussões na mesma escala da revolução causada por Copérnico.

Por um momento Langdon achou que seu anfitrião estava brincando, mas a expressão de Edmond permaneceu tremendamente séria.

Copérnico? A humildade nunca fora um dos pontos fortes de Edmond, mas essa declaração parecia beirar o absurdo. Nicolau Copérnico era o pai do modelo heliocêntrico – a teoria de que os planetas giram ao redor do Sol –, que provocou uma revolução científica no século XVI obliterando completamente o antigo ensinamento da Igreja, de que a humanidade ocupava o centro do Universo de Deus.

Sua descoberta foi condenada pela Igreja durante três séculos, mas o dano já havia sido feito e o mundo nunca mais foi o mesmo.

– Dá para ver que você está cético – disse Edmond. – Seria melhor se eu dissesse Darwin?

Langdon sorriu.

– A mesma coisa.

– Certo, então deixe-me perguntar o seguinte: quais são as duas perguntas fundamentais feitas pela raça humana durante toda a história?

Langdon pensou.

– Bom, uma pergunta teria que ser: “Como tudo começou?” Ou seja, de onde viemos?

– Isso mesmo. E a segunda é simplesmente subordinada a essa. Não “de onde viemos”… mas…

– Para onde vamos?

– Isso! Esses dois mistérios estão no âmago da experiência humana. De onde viemos? Para onde vamos? *Criação* humana e *destino* humano. Esses são os enigmas universais. – O olhar de Edmond ficou mais afiado e ele espiou Langdon com expectativa. – Robert, a descoberta que eu fiz… responde claramente a essas duas perguntas.

Langdon pensou nas palavras de Edmond e em suas implicações inebriantes.

– Eu… não sei bem o que dizer.

– Não precisa dizer nada. Espero que nós dois possamos encontrar tempo para conversar com calma sobre isso depois da apresentação desta noite, mas no momento preciso falar com você sobre o lado sombrio dessa história: as *consequências* potenciais da descoberta.

– Você acha que haverá repercussões?

– Sem dúvida. Ao responder a essas perguntas, eu me coloquei em conflito direto com séculos de ensinamentos espirituais estabelecidos. As questões da criação e do destino do homem são tradicionalmente domínio da religião. Sou um intrometido, e as religiões não gostarão do que vou anunciar.

– Interessante. E foi por isso que você passou duas horas me interrogando sobre religião quando almoçamos em Boston no ano passado?

– Foi. Talvez você se lembre de que eu garanti que, no decorrer de nossa vida, os mitos religiosos seriam praticamente demolidos por revelações científicas.

Langdon assentiu. *É difícil esquecer*. A ousadia de Kirsch ficara gravada palavra por palavra na sua memória.

– Lembro. E eu contrapus que a religião tinha sobrevivido aos avanços da ciência durante milênios e que ela servia a um objetivo importante na sociedade. E

que, ainda que a religião pudesse evoluir, ela jamais morreria.

– Exato. Também falei que tinha encontrado o propósito da minha vida: empregar a verdade da ciência para erradicar o mito da religião.

– É, palavras fortes.

– E você as questionou, Robert. Argumentou que, sempre que eu encontrasse uma "verdade científica" que entrasse em conflito ou solapasse os princípios básicos da religião, deveria discuti-la com *eruditos* religiosos, na esperança de que percebesse que ciência e religião frequentemente tentam contar a mesma história, só que em linguagens diferentes.

– Eu me lembro. Os cientistas e os espiritualistas costumam usar vocabulários diferentes para descrever exatamente os mesmos mistérios do Universo. Em geral, os conflitos são de semântica, e não de substância.

– Bom, eu segui seu conselho. E consultei líderes espirituais para falar sobre minha última descoberta.

– É mesmo?

– Você conhece o Parlamento das Religiões do Mundo?

– Claro.

Langdon era grande admirador dos esforços do grupo para promover o diálogo entre as crenças.

– Por acaso este ano o encontro do parlamento foi nos arredores de Barcelona, a cerca de uma hora da minha casa, na Abadia de Montserrat.

Local espetacular, pensou Langdon, que tinha visitado o santuário no topo da montanha muitos anos antes.

– Quando ouvi dizer que ele aconteceria na mesma semana em que eu planejava fazer essa grande revelação científica, não sei, eu…

– Ficou pensando se poderia ser um sinal de Deus?

Kirsch gargalhou.

– Algo assim. Por isso liguei para eles.

Langdon ficou impressionado.

– Você falou com *todo* o parlamento?

– Não! Seria perigoso demais. Não queria que essa informação vazasse antes de anunciá-la pessoalmente, por isso marquei um encontro com apenas três deles, um representante do cristianismo, um do islamismo e um do judaísmo. Nós quatro nos reunimos na biblioteca.

– Estou espantado por eles terem deixado você *entrar* na biblioteca – disse Langdon, surpreso. – Ouvi dizer que é um território sagrado.

– Eu disse a eles que o encontro precisava ser em um local seguro, sem telefones, sem câmeras, sem intrusos. Eles me levaram à biblioteca. Antes de falar qualquer coisa, pedi que fizessem um voto de silêncio. Eles concordaram. Até hoje são as únicas pessoas na face da Terra que sabem alguma coisa sobre minha descoberta.

– Fascinante. E como eles reagiram às suas revelações?

Kirsch pareceu sem graça.

– Talvez eu não tenha lidado muito bem com a situação. Você me conhece, Robert. Quando minhas paixões se inflamam, a diplomacia não é o meu forte.

– É, já li em algum lugar que você deveria fazer um treinamento de sensibilidade – disse Langdon, rindo.

Exatamente como Steve Jobs e tantos gênios visionários.

– Assim, do meu jeito direto, comecei a conversa dizendo a verdade: que eu sempre havia considerado a religião uma forma de ilusão das massas e que, como cientista, achava difícil aceitar que bilhões de pessoas inteligentes contassem com suas respectivas crenças religiosas para ser consoladas e orientadas. Quando eles perguntaram por que eu estava me consultando com pessoas por quem aparentemente tinha pouco respeito, falei que estava ali para avaliar a reação deles à minha descoberta. Queria ter ideia de como ela seria recebida pelos fiéis ao redor do

mundo quando eu a tornasse pública.

– Sempre diplomático – disse Langdon, encolhendo-se. – Você *sabe* que às vezes a honestidade não é a melhor política?

Kirsch balançou a mão, desconsiderando o comentário.

– Minhas ideias sobre religião são amplamente divulgadas. Achei que eles gostariam da transparência. Mesmo assim, apresentei meu trabalho, explicando em detalhes o que havia descoberto e como isso mudava tudo. Até peguei meu telefone e mostrei um vídeo que considero bem impressionante. Eles ficaram perplexos.

– Não falaram *nada*? – instigou Langdon, sentindo-se mais curioso ainda sobre a descoberta de Kirsch.

– Eu esperava um debate, mas o clérigo cristão silenciou os outros dois antes que pudessem dizer uma palavra. E insistiu para que eu reconsiderasse a ideia de tornar pública a informação. Falei que pensaria nisso durante o mês seguinte.

– Mas você vai revelar tudo *esta noite*.

– Eu sei. Disse a eles que ainda faltavam várias semanas para o anúncio, de modo que não entrassem em pânico nem tentassem interferir.

– E quando eles ficarem sabendo da apresentação desta noite?

– Não vão achar divertido. Especialmente *um* deles. – Kirsch encarou Langdon.

– O clérigo que foi à nossa reunião era o bispo Antonio Valdespino. Você sabe alguma coisa sobre ele?

Langdon ficou tenso.

– De Madri?

Kirsch assentiu.

– O próprio.

Provavelmente não era a plateia ideal para o ateísmo radical de Edmond, pensou Langdon. Valdespino era uma figura poderosa na Igreja Católica espanhola, conhecido por seus pontos de vista profundamente conservadores e forte influência sobre o rei da Espanha.

– Ele foi o anfitrião do parlamento este ano – disse Kirsch –, por isso eu o procurei para agendar o encontro. Valdespino se ofereceu para participar da reunião e eu pedi que levasse representantes do islamismo e do judaísmo.

As luzes diminuíram de intensidade outra vez.

Kirsch deu um suspiro pesado, baixando a voz ainda mais.

– Robert, quis falar com você antes da minha apresentação porque preciso do seu conselho. Preciso saber se você acredita que o bispo é perigoso.

– Perigoso? Em que sentido?

– O que eu mostrei ameaça o mundo dele, e quero saber se você acha que Valdespino representa algum risco à minha integridade física.

Langdon balançou a cabeça imediatamente.

– Não. É impossível. Não sei o que você disse a ele, mas Valdespino é um pilar do catolicismo espanhol e suas ligações com a família real espanhola o tornam

extremamente *influente…* Mas ele é um sacerdote, não um pistoleiro. Ele tem poder político. Pode fazer um sermão contra você, mas acho pouco provável que represente uma ameaça a sua integridade física.

Kirsch não pareceu convencido.

– Você deveria ter visto como ele me olhou quando saí de Montserrat.

– Você se sentou na sacrossanta biblioteca do mosteiro e disse a um bispo que todo o sistema de crença dele é ilusório! O que esperava? Que ele lhe servisse chá e bolo?

– Não – admitiu Edmond –, mas também não esperava que ele me deixasse um recado ameaçador na caixa postal do telefone depois do encontro.

– O bispo Valdespino ligou para você?

Kirsch enfiou a mão na jaqueta de couro e tirou um smartphone extraordinariamente grande. Tinha uma capa turquesa adornada com um padrão hexagonal repetido, que Langdon reconheceu como um famoso padrão de ladrilhos desenhado pelo arquiteto modernista catalão Antoni Gaudí.

– Escute – disse Kirsch, apertando alguns botões e levantando o telefone.

A voz de um homem idoso saiu tensa, severa e tremendamente séria: *Sr. Kirsch, aqui é o bispo Valdespino. Como o senhor sabe, achei nosso encontro desta manhã um tanto perturbador – sentimento compartilhado pelos meus dois colegas. Insisto que o senhor me ligue imediatamente para que possamos discutir isso de modo mais profundo. Mais uma vez devo alertá-lo dos perigos de divulgar essa informação. Se o senhor não telefonar, fique sabendo que meus colegas e eu consideraremos fazer um anúncio preventivo para compartilhar suas descobertas, reformulá-las, desacreditá-las e tentar reverter o mal indizível que o senhor está para causar ao mundo… um mal que obviamente o senhor não antevê. Aguardo seu telefonema e sugiro de maneira veemente que não questione minha determinação.*

A mensagem terminou.

Langdon precisou admitir que ficou espantado com o tom agressivo de Valdespino, no entanto a mensagem não o amedrontou tanto. Serviu mais para aumentar sua curiosidade sobre o anúncio iminente de Edmond.

– E como você reagiu?

– Não reagi – respondeu Edmond, guardando o telefone de volta no bolso. –

Considerei uma ameaça vazia. Tinha certeza de que eles desejariam *enterrar* essa informação, e não anunciá-la eles próprios. Além disso, sabia que o momento precoce da nossa apresentação iria pegá-los de surpresa, por isso não fiquei muito

preocupado com a possibilidade de tomarem alguma atitude preventiva. – Ele parou, olhando para Langdon. – Agora… não sei, alguma coisa no tom de voz dele… não me sai da cabeça.

– Você está preocupado com a possibilidade de correr perigo *aqui*? Esta noite?

– Não, não, a lista de convidados foi muito bem controlada e este prédio tem uma segurança excelente. Estou mais preocupado com o que acontecerá assim que eu tiver feito a revelação. – De repente Edmond pareceu lamentar o que dissera. – É

idiotice. Nervosismo de estreia. Eu só queria saber qual era o seu instinto com relação a isso.

Langdon examinou o amigo com preocupação crescente. Edmond parecia estar com uma palidez e uma perturbação incomuns.

– Meu instinto diz que Valdespino jamais iria colocá-lo em perigo, não importando quanto você o tenha deixado com raiva.

As luzes diminuíram de novo, agora com insistência.

– Certo, obrigado. – Kirsch verificou seu relógio. – Preciso ir, mas será que nós dois podemos nos encontrar mais tarde? Há alguns aspectos dessa descoberta que eu gostaria de discutir mais com você.

– Claro.

– Perfeito. A coisa vai ficar caótica depois do meu anúncio, de modo que você e eu vamos precisar de um local privado para escapar da loucura e poder conversar.

– Edmond pegou um cartão de visita e escreveu algo no verso. – Depois da apresentação, pegue um táxi e entregue isso ao chofer. Qualquer motorista da cidade vai saber aonde levar você.

Ele entregou o cartão ao professor.

Langdon esperou encontrar no verso o endereço de algum hotel ou restaurante.

Em vez disso, o que viu mais parecia um código.

BIO-EC346

– Desculpe, é para dar *isto* a um chofer de táxi?

– É, ele vai saber aonde ir. Vou dizer à segurança de lá para esperar você, e vou chegar o mais rápido possível.

Segurança? Langdon franziu a testa, imaginando se BIO-EC346 seria o codinome de algum clube de ciência secreto.

– É um código dolorosamente simples, Robert. – Ele piscou. – Você, mais do que qualquer pessoa, deveria ser capaz de decifrá-lo. E, por sinal, só para não ser apanhado desprevenido: *você* vai representar um papel no meu anúncio desta noite.

Langdon ficou surpreso.

– Que tipo de papel?

– Não se preocupe. Você não terá que fazer nada.

Com isso, Edmond Kirsch começou a sair da espiral.

– Preciso ir correndo para os bastidores, mas Winston vai guiar você. – Ele parou na passagem e se virou. – Vejo você depois do evento. E espero que esteja certo com relação a Valdespino.

– Relaxe, Edmond. Concentre-se na apresentação. Você não corre perigo por parte desses clérigos.

Kirsch não pareceu convencido.

– Você pode mudar de ideia, Robert, quando ouvir o que vou dizer.

C A P Í T U L O **1 0**

A sede da Arquidiocese de Madri – a Catedral de la Almudena – é uma robusta construção neoclássica situada junto ao Palácio Real. Erguida no lugar onde houvera uma antiga mesquita, seu nome deriva da palavra árabe *al-mudayna*, que significa

“cidadela”.

Segundo a lenda, quando Afonso VI tomou Madri de volta dos muçulmanos em 1083, ficou obcecado em reencontrar um precioso ícone perdido da Virgem Maria que, por segurança, fora emparedado nos muros da cidadela. Incapaz de localizar a Virgem escondida, Afonso rezou até que um trecho da muralha explodiu, desmoronando, e revelou o ícone dentro, ainda iluminado pelas velas acesas com que tinha sido emparedado séculos antes.

Hoje a Virgem de Almudena é a padroeira de Madri, e peregrinos e turistas vão em bandos à catedral para ter o privilégio de rezar diante dela. A localização dramática da igreja – compartilhando a praça do Palácio Real – proporciona uma atração a mais para os frequentadores: a possibilidade de vislumbrar alguém da realeza entrando ou saindo do palácio.

Esta noite, no interior da catedral, um jovem acólito ia rapidamente pelo corredor, em pânico.

Onde está o bispo Valdespino?!

A missa está para começar!

Durante décadas, o arcebispo Antonio Valdespino tinha sido o principal sacerdote e supervisor dessa catedral. Antigo amigo e conselheiro espiritual do rei, Valdespino era um tradicionalista explícito e devoto, praticamente sem qualquer tolerância em relação à modernização. Por incrível que pareça, o bispo de 83 anos ainda usava algemas de tornozelo durante a Semana Santa e se juntava aos fiéis que carregavam ícones pelas ruas da cidade.

Valdespino, mais do que ninguém, jamais se atrasa para a missa.

O acólito estivera com o bispo 20 minutos antes, na sacristia, ajudando-o como sempre com as vestes. Assim que terminaram, o bispo recebeu uma mensagem de texto e, sem dizer uma palavra, saiu rapidamente.

Aonde será que ele foi?

Depois de procurar na nave, na sacristia e até na sala de descanso particular do bispo, agora o acólito ia a toda a velocidade pelo corredor até a área administrativa da catedral, procurar no escritório do bispo.



Ouviu um órgão de tubos trovejar a distância.

O hino processional está começando!

O acólito parou derrapando do lado de fora do escritório particular do bispo, espantado ao ver uma luz saindo por baixo da porta fechada. *Ele está aqui?*

O acólito bateu baixinho.

– *¿Excelencia Reverendísima?*

Não houve resposta.

Bateu mais alto e gritou:

– *¿Su Excelencia?*

Nada, ainda.

Temendo pela saúde do velho, virou a maçaneta e abriu a porta.

¡Cielos! O acólito ofegou ao olhar dentro da sala privativa.

O bispo Valdespino estava sentado à sua mesa de mogno, olhando para a luz de um laptop. A mitra estava na cabeça, a casula embolada embaixo do corpo e o bastão episcopal encostado na parede de modo pouco cerimonioso.

O acólito pigarreou.

– *La santa misa está…*

– *Preparada* – interrompeu o bispo, o olhar jamais se afastando da tela. – *Padre Derida me sustituye.*

O rapaz ficou olhando-o perplexo. *O padre Derida vai substituí-lo?* Um sacerdote iniciante supervisionando a missa da noite de sábado era algo tremendamente irregular.

– *¡Vete ya!* – ordenou Valdespino rispidamente, sem levantar a cabeça. – *Y*

cierra la puerta.

Com medo, o jovem obedeceu, saindo rápido e fechando a porta.

Enquanto corria de volta em direção ao som do órgão, o acólito se perguntou o que o bispo estaria vendo em seu computador que afastava tanto sua mente dos deveres para com Deus.

Nesse momento o almirante Ávila estava serpenteando em meio à multidão cada vez maior no átrio do Guggenheim, intrigado ao ver os convidados batendo papo com seus fones. Aparentemente a visita guiada por áudio era uma conversa de mão dupla.

Ficou feliz por ter se livrado do aparelho.

Nada de distrações esta noite.

Verificou o relógio e olhou os elevadores. Já estavam apinhados de pessoas que iam para o evento principal lá em cima, por isso optou pela escada. Enquanto subia,

sentiu o mesmo tremor de incredulidade da noite anterior. *Será que me tornei mesmo um homem capaz de matar?* As almas hereges que tinham arrebatado sua esposa e seu filho o haviam transformado. *Meus atos são sancionados por uma autoridade mais elevada*, lembrou-se. *Existe retidão no que faço.*

Enquanto Ávila chegava ao primeiro patamar, seu olhar foi atraído para uma mulher numa passarela suspensa ali perto. *A mais nova celebridade da Espanha*, pensou, olhando a famosa beldade.

Ela usava um vestido branco colante com uma faixa preta que atravessava o torso com elegância. A figura esguia, o cabelo preto e luxuriante e o traseiro gracioso eram fáceis de admirar, e Ávila notou que não era o único que a observava.

Além dos olhares de aprovação dos outros convidados, a mulher de branco tinha toda a atenção de dois seguranças que a seguiam de perto. Os homens se moviam com a confiança cautelosa de panteras e usavam paletós azuis iguais, com brasões bordados e as grandes iniciais *GR*.

Ávila não ficou surpreso com a presença deles, mas essa visão fez seu pulso acelerar. Como ex-membro das Forças Armadas espanholas, sabia muitíssimo bem o que significava *GR*. Aqueles dois acompanhantes estavam mais bem armados e eram mais bem treinados do que a maioria dos guarda-costas.

Se eles estão presentes, devo tomar todas as precauções, disse a si mesmo.

– Ei! – gritou uma voz masculina logo atrás dele.

Ávila girou.

Um sujeito pançudo usando smoking e chapéu de caubói preto estava dando um sorriso largo para ele.

– Linda fantasia! – disse o homem, apontando para o seu uniforme militar. –

Onde a gente consegue uma assim?

Ávila ficou olhando, com os pulsos fechados num reflexo. *Depois de toda uma vida de serviço e sacrifícios*, pensou.

– *No hablo inglés* – respondeu dando de ombros, e continuou subindo a escada.

No segundo andar, encontrou um corredor comprido e seguiu as placas até um toalete distante, na outra ponta. Já ia entrar quando as luzes de todo o museu diminuíram e aumentaram de intensidade: o primeiro empurrãozinho instigando os convidados a subir para a apresentação.

Entrou no banheiro deserto, escolheu o último cubículo e se trancou lá dentro.

Sozinho, sentiu os demônios familiares tentando chegar à superfície, ameaçando arrastá-lo de volta para o abismo.

Cinco anos, e as lembranças ainda me assombram.

Com raiva, afastou os horrores da mente e tirou o rosário de contas de dentro do bolso. Gentilmente pendurou-o no gancho de casacos preso à porta. Enquanto as contas e o crucifixo balançavam pacificamente diante dele, admirou seu trabalho manual. Os devotos poderiam se horrorizar ao ver que alguém seria capaz de conspurcar o rosário criando um objeto como aquele. Mesmo assim, o Regente havia



garantido a Ávila que tempos desesperados permitiam uma certa flexibilidade nas regras da absolvição.

Quando a causa é tão santa, prometera o Regente, *o perdão de Deus é certo.*

Assim como acontecia com a proteção de sua alma, o *corpo* de Ávila também recebera a garantia de ser livrado do mal. Olhou a tatuagem na palma da mão.

Como o antigo *crismón* de Cristo, esse ícone era feito inteiramente de letras.

Ávila o havia gravado três dias antes com tinta ferrogálica e uma agulha, seguindo exatamente as instruções, e o local ainda estava sensível e vermelho. Se fosse capturado, garantira o Regente, só precisaria deixar a palma da mão visível aos captores, e em horas seria solto.

Nós ocupamos os níveis mais altos do governo, tinha dito o Regente.

Ávila já havia testemunhado a espantosa influência deles, que parecia um manto de proteção à sua volta. *Ainda existe quem respeite os costumes antigos.* Um dia esperava se juntar a essa elite, mas por enquanto sentia-se honrado por representar qualquer papel.

Na solidão do banheiro pegou o telefone e digitou o número seguro que tinha recebido.

A ligação foi atendida ao primeiro toque.

– *¿Sí?*

– *Estoy em posición* – respondeu Ávila, esperando as instruções finais.

– *Bien* – disse o Regente. – *Tendrás una sola oportunidad. Aprovecharla será crucial.* – *Você só terá uma chance. Será crucial aproveitá-la.*

C A P Í T U L O **1 1**

Subindo o litoral, a 30 quilômetros de Dubai e seus reluzentes arranha-céus, ilhas artificiais e mansões festivas de celebridades,

fica a ultraconservadora cidade de Sharjah – capital cultural dos Emirados Árabes Unidos.

Com mais de 600 mesquitas e as melhores universidades da região, Sharjah é um pináculo de espiritualidade e aprendizado, posição impulsionada por enormes reservas de petróleo e um governante que coloca a educação de seu povo acima de todas as outras coisas.

Esta noite, a família do amado *allamah* de Sharjah, Syed al-Fadl, tinha se reunido privadamente para uma vigília. Em vez do tradicional *tahajjud*, a oração de vigília noturna, todos oravam pelo retorno do querido pai, tio e marido que desaparecera misteriosamente sem deixar rastro.

A imprensa local tinha acabado de anunciar que um dos colegas de Syed dizia que o *allamah* em geral sereno parecera “estranhamente agitado” ao retornar do Parlamento das Religiões do Mundo, dois dias antes. Além disso, o colega contou que tinha ouvido Syed numa rara discussão acalorada pelo telefone, pouco depois de sua volta. A discussão tinha sido em inglês, e portanto impossível de ser compreendida por ele, mas o colega jurou que ouviu Syed mencionar repetidamente um nome.

Edmond Kirsch.

C A P Í T U L O **1 2**

Os pensamentos de Langdon giravam como num redemoinho quando ele saiu da estrutura em espiral. Sua conversa com Kirsch tinha sido ao mesmo tempo empolgante e alarmante. Quer as afirmações de Kirsch fossem exageradas ou não, ele obviamente descobrira *alguma coisa* que acreditava ser capaz de provocar uma mudança de paradigma no mundo.

Uma descoberta tão importante quanto a de Copérnico?

Quando finalmente emergiu da escultura espiralada, Langdon sentiu-se ligeiramente tonto. Pegou o fone que tinha deixado no chão.

– Winston? – disse, colocando o aparelho. – Olá?

Houve um estalo fraco e o guia inglês computadorizado voltou.

– Olá, professor. Sim, estou aqui. O Sr. Kirsch pediu que eu o levasse pelo elevador de serviço porque o tempo é curto demais para voltar ao átrio. Além disso, achou que o senhor apreciaria o espaço amplo.

– É gentileza da parte dele. Edmond sabe que sou claustrofóbico.

– Agora também sei. E não vou esquecer.

Winston guiou Langdon pela porta lateral, saindo por um corredor de cimento até chegar diante do elevador. Como fora prometido, era enorme, obviamente destinado a transportar grandes obras de arte.

– Botão de cima – disse Winston quando Langdon entrou. – Terceiro andar.

Quando chegaram ao destino, Langdon saiu.

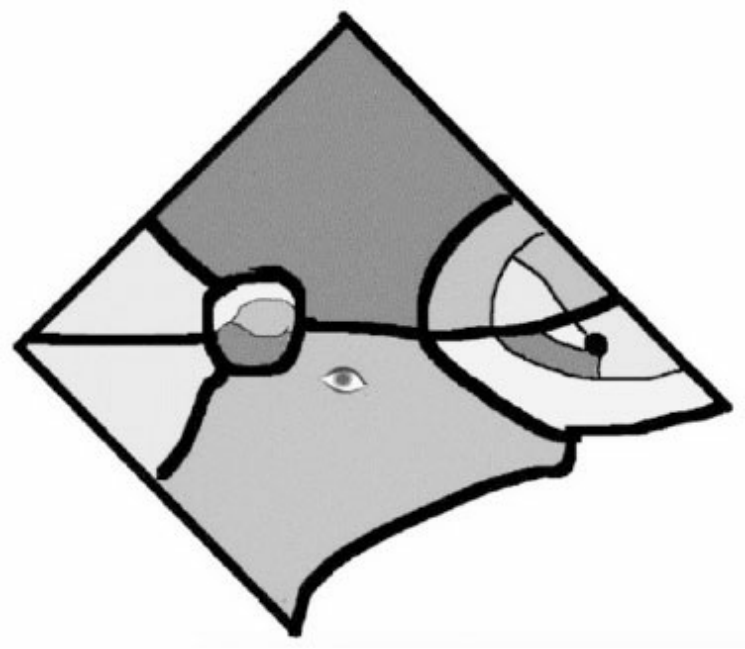
– Muito bem – entoou a voz animada de Winston na sua cabeça. – Vamos pela galeria à esquerda. É o caminho mais curto para o auditório.

Langdon seguiu as orientações, passando por uma ampla galeria com uma série de instalações bizarras: um canhão de aço que atirava bolas gosmentas de cera vermelha contra uma parede branca; uma canoa de tela de arame que obviamente não flutuaria; toda uma cidade em miniatura feita de blocos de metal queimado.

Enquanto iam para o final da galeria, Langdon se pegou olhando absolutamente perplexo para uma peça enorme que dominava o espaço.

É oficial, decidiu, *encontrei a obra mais estranha do museu.*

Ocupando toda a largura do salão, um número imensurável de lobos com aparência realista posava dinamicamente, uns correndo numa longa fila pela galeria, outros saltando para o alto e os mais à frente colidindo violentamente contra uma parede de vidro transparente, o que resultava numa pilha enorme de lobos mortos.



– Chama-se *Batendo de Frente* – explicou Winston. – Noventa e nove lobos correndo às cegas para uma parede, simbolizando a mentalidade de rebanho, a falta de coragem para se desviar da norma.

A ironia do simbolismo impressionou Langdon. *Suspeito que Edmond vai se desviar dramaticamente da norma esta noite.*

– Agora, se continuar em frente – disse Winston –, o senhor vai encontrar a saída à esquerda daquela peça colorida em forma de losango. O artista é um dos prediletos de Edmond.

Langdon viu a pintura multicolorida e reconheceu instantaneamente os rabiscos característicos, as cores primárias e o divertido olho flutuando.

Joan Miró, pensou. Sempre havia gostado da obra do famoso pintor de Barcelona, que parecia um cruzamento entre um livro de colorir infantil e um vitral surrealista.

Mas quando chegou junto à obra, parou, espantado ao ver que a superfície era absolutamente lisa, sem pinceladas visíveis.

– Isso é uma *reprodução*?

– Não, é o original – respondeu Winston.

Langdon olhou mais de perto. Aquela peça obviamente saíra de uma impressora de grande formato.

– Winston, isso é uma *impressão*. Nem é feito em tela.

– Eu não trabalho com tela – respondeu Winston. – Crio arte virtualmente e depois Edmond imprime para mim.

– Espere aí – disse Langdon, incrédulo. – Isso é *seu*?

– É. Tentei imitar o estilo de Joan Miró.

– Dá para ver. Você até *assinou*: Miró.

– Não. Olhe de novo. Eu assinei *Miro*, sem acento. Em espanhol a palavra *miro* significa “eu olho”.

Inteligente, Langdon precisou admitir, vendo o olho ao estilo de Miró espiando o espectador do centro da obra feita por Winston.

– Edmond pediu que eu fizesse um autorretrato e foi isso que eu consegui.

Esse é o seu autorretrato? Langdon olhou de novo os rabiscos irregulares. *Você deve ser um computador com uma aparência muito estranha.*

Recentemente Langdon tinha lido sobre a crescente empolgação de Edmond em ensinar computadores a criar arte algorítmica, isto é, arte gerada por programas altamente complexos. Isso levantava uma questão desconfortável: quando um computador cria arte, quem é o artista? O computador ou o programador? No MIT, uma exposição recente de arte algorítmica tremendamente bem realizada tinha provocado uma reviravolta incômoda no curso de humanidades de Harvard: *É a Arte Que Nos Torna Humanos?*

– Eu componho também – entoou Winston. – O senhor deveria pedir que Edmond lhe mostrasse alguma música minha, mais tarde, se estiver curioso. Mas agora precisa se apressar. A apresentação vai começar logo.

Langdon saiu da galeria e se viu numa passarela alta acima do átrio principal.

Do lado oposto, guias tiravam os últimos convidados dos elevadores, arrebanhando-os na direção de Langdon, indo para uma porta adiante.

– O programa vai começar em alguns minutos – disse Winston. – Está vendo a entrada para o local da apresentação?

– Estou. É logo ali.

– Excelente. Uma última coisa. Quando entrar, verá várias latas para deixar os fones. Edmond pediu que *o senhor* não devolva o seu, que fique com ele. Assim, depois do programa, poderei guiá-lo para fora do museu por uma porta dos fundos, onde vai evitar a multidão e sem dúvida poderá encontrar um táxi.

Langdon visualizou a estranha série de letras e números que Edmond tinha escrito no cartão de visita, dizendo para dá-lo ao motorista de táxi.

– Winston, Edmond só escreveu “BIO-EC346”. Disse que era um código dolorosamente simples.

– Ele disse a verdade – respondeu Winston rapidamente. – Agora, professor, o programa já vai começar. Espero que goste da apresentação do Sr. Kirsch e estou ansioso para ajudá-lo depois.

Com um estalo abrupto, Winston se foi.

Langdon se aproximou da porta, tirou o fone e colocou o aparelho minúsculo no bolso da casaca. Depois passou correndo pela entrada junto com os últimos convidados, justo quando a porta se fechava atrás dele.

De novo viu-se num espaço inesperado.

Vamos assistir à apresentação de pé?

Tinha imaginado o público se reunindo num confortável auditório com poltronas para ouvir o anúncio de Edmond, mas em vez disso centenas de convidados estavam de pé numa galeria apertada, pintada de branco. A sala não continha nenhuma obra de arte visível e nenhum assento – só um pódio na parede mais distante, flanqueado por uma grande tela de cristal líquido onde estava escrito: O programa ao vivo começa em 2 minutos e 7 segundos

Sentindo uma onda crescente de expectativa, Langdon desceu o olhar pela tela de LCD até uma segunda linha de texto, que ele precisou ler duas vezes: Número de espectadores remotos: 1.953.694

Dois milhões de pessoas?

Kirsch tinha dito que transmitiria seu anúncio ao vivo pela internet, mas esse número parecia incomensurável, e aumentava a cada instante.

Um sorriso atravessou o rosto de Langdon. Seu ex-aluno certamente havia se dado bem na vida. Agora a questão era: o que, afinal de contas, Edmond iria dizer?

C A P Í T U L O **1 3**

Num deserto enluarado a leste de Dubai, um bugre Sand Viper 1100 fez uma curva brusca à esquerda e parou derrapando, lançando um véu de areia na frente dos faróis acesos.

O adolescente atrás do volante tirou os óculos e olhou para o objeto que quase havia atropelado. Apreensivo, desceu do veículo e se aproximou da forma escura na areia.

Sem dúvida era exatamente o que parecia.

Ali, à luz dos faróis, esparramado de rosto para baixo na areia, estava um corpo humano imóvel.

– *Marhaba?* – gritou o rapaz. – Olá?

Não houve resposta.

O rapaz soube que a pessoa caída era um homem devido à roupa: um tradicional chapéu *chechia* e um *thawb* largo – e o homem parecia bem alimentado e atarracado. Suas pegadas tinham sido sopradas muito antes pelo vento, assim como qualquer marca de pneus ou outro indicativo de como chegara tão longe no deserto.

– *Marhaba?* – repetiu o jovem.

Nada.

Sem saber direito o que fazer, estendeu o pé e cutucou de leve a cintura do homem. Apesar de o corpo ser gordo, a carne parecia retesada e dura, já ressecada pelo vento e pelo sol.

Definitivamente morto.

O rapaz se abaixou, segurou o ombro do homem e o virou de costas. Os olhos sem vida espiaram o céu. O rosto e a barba estavam cobertos de areia, mas mesmo sujo ele parecia amigável, até familiar, como um tio ou avô predileto.

O rugido de meia dúzia de quadriciclos e bugres trovejou ali perto enquanto os amigos do rapaz davam a volta para ver se ele estava bem. Os veículos passaram rugindo pela crista da duna e deslizaram pela lateral.

Todos pararam, tiraram os óculos e os capacetes e se juntaram ao redor da descoberta macabra de um corpo ressecado. Um deles começou a falar, nervoso, tendo reconhecido o morto como o famoso *allamah* Syed al-Fadl – líder religioso e erudito que de vez em quando falava na universidade.

– *Matha Alayna 'an naf'al?* – perguntou em voz alta. *O que vamos fazer?*

Os rapazes ficaram parados em círculo, olhando em silêncio para o cadáver.

Depois reagiram como os adolescentes de todo o mundo. Pegaram os telefones e começaram a tirar fotos para mandar aos amigos.

C A P Í T U L O **1 4**

De pé, ombro a ombro com os convidados que se acotovelavam ao redor do pódio, Robert Langdon olhava admirado o número na tela de LCD aumentar cada vez mais.

Número de espectadores remotos: 2.527.664

As conversas no espaço apinhado tinham subido ao nível de um trovejar contínuo, as vozes de centenas de convidados zumbindo de expectativa, muitos dando telefonemas de última hora ou postando *tweets* para contar onde estavam.

Um técnico subiu ao pódio e bateu no microfone.

– Senhoras e senhores, já pedimos que, por favor, desliguem seus telefones.

Neste momento, vamos bloquear todas as comunicações por Wi-Fi ou celular por toda a duração deste evento.

Muitos convidados ainda estavam ao telefone e perderam abruptamente a conexão. A maioria ficou estupefata, como se tivesse acabado de testemunhar um milagre da tecnologia de Kirsch, capaz de cortar num passe de mágica todas as conexões com o mundo exterior.

Quinhentos dólares numa loja de material eletrônico, Langdon sabia, já que era um dos muitos professores de Harvard que agora usavam tecnologia portátil de bloqueio de celulares para transformar suas salas em “zonas mortas” e manter os alunos longe dos aparelhos durante as aulas.

Com uma câmera enorme em cima do ombro, um cinegrafista se posicionou apontando para o pódio. As luzes da sala diminuíram de intensidade.

Agora a tela de LCD indicava:

O programa ao vivo começa em 38 segundos

Número de espectadores remotos: 2.857.914

Langdon acompanhava pasmo a contagem de espectadores. Parecia subir mais rápido do que a dívida interna dos Estados Unidos, e ele achava quase impossível compreender que cerca de três milhões de pessoas estivessem sentadas em casa nesse momento assistindo a uma transmissão ao vivo do que estava para acontecer ali.

– Trinta segundos – anunciou o técnico baixinho ao microfone.

Uma porta estreita se abriu na parede atrás do pódio e a multidão silenciou

abruptamente, todos esperando ansiosos o grande Edmond Kirsch.

Mas Edmond não se materializou.

A porta ficou aberta por quase dez segundos.

Então uma mulher elegante emergiu e foi na direção do pódio. Era de uma beleza espantosa – alta e magra, com cabelo preto comprido – e usava um vestido colante com uma faixa preta diagonal. Parecia deslizar sem esforço pelo piso.

Ocupando o centro do palco, ajustou o microfone, respirou fundo e deu um sorriso paciente enquanto esperava o relógio prosseguir com a contagem regressiva.

O programa ao vivo começa em 10 segundos

A mulher fechou os olhos por um momento, como se estivesse se preparando, e então os abriu de novo, o próprio retrato do equilíbrio.

O cinegrafista levantou cinco dedos.

Quatro, três, dois…

A sala ficou totalmente silenciosa enquanto a mulher levantava os olhos para a câmera. A tela de LCD se dissolveu numa imagem ao vivo do seu rosto. Ela fixou a plateia com olhos escuros impetuosos enquanto afastava casualmente uma mecha de cabelos do rosto moreno.

– Boa noite a todos – começou, com a voz culta e graciosa e um leve sotaque espanhol. – Meu nome é Ambra Vidal.

Uma salva de palmas incomumente alta irrompeu no salão, deixando claro que um bom número de pessoas sabia quem ela era.

– *¡Felicidades!* – gritou alguém. *Parabéns.*

A mulher ficou ruborizada e Langdon percebeu que havia alguma informação que ele não conhecia.

– Senhoras e senhores – disse ela, prosseguindo rapidamente –, há cinco anos sou diretora do Museu Guggenheim de Bilbao e estou

aqui esta noite para lhes dar as boas-vindas a este evento muito especial apresentado por um homem verdadeiramente notável.

A multidão aplaudiu entusiasmada e Langdon fez o mesmo.

– Edmond Kirsch é um generoso benfeitor do museu, mas se tornou um amigo de confiança. Para mim, tem sido um privilégio e uma honra pessoal trabalhar tão de perto com ele nos últimos meses, planejando os acontecimentos desta noite. Acabei de verificar, e as mídias sociais estão agitadas em todo o mundo! Como sem dúvida muitos de vocês já devem ter ouvido dizer, Edmond Kirsch planeja fazer um importante comunicado científico: uma descoberta que ele acredita que será lembrada para sempre como sua maior contribuição para o mundo.

Um murmúrio de empolgação atravessou o ambiente.

A mulher de cabelos escuros deu um sorriso brincalhão.

– Claro, eu implorei que Edmond *me* contasse o que havia descoberto, mas ele

se recusou a dar sequer uma dica.

Ouviram-se gargalhadas, seguidas de mais aplausos.

– O acontecimento especial desta noite – continuou ela – será apresentado em inglês, a língua nativa do Sr. Kirsch, mas para quem está assistindo virtualmente estamos oferecendo tradução simultânea em mais de 20 línguas.

A tela de LCD foi atualizada e Ambra acrescentou:

– E, se alguém já duvidou da autoconfiança de Edmond, aqui vai o comunicado automático divulgado há 15 minutos pelas mídias sociais de todo o globo.

Langdon olhou para a tela.

Esta noite: ao vivo, às 20h (horário de verão da Europa central).

O futurólogo Edmond Kirsch anunciará uma descoberta

que mudará para sempre a face da ciência.

Bom, é assim *que você consegue três milhões de espectadores em questão de minutos*, pensou Langdon.

Quando voltou a atenção para o pódio, viu duas pessoas que não havia notado antes: um par de seguranças com rosto de pedra, em posição de sentido junto à parede lateral, examinando a plateia. Ficou surpreso ao ver o monograma em seus paletós azuis idênticos.

A Guardia Real? O que a guarda do rei está fazendo aqui esta noite?

Parecia improvável que algum membro da família real estivesse presente.

Católicos ferrenhos, eles certamente evitariam qualquer associação pública com um ateu como Edmond Kirsch.

Como monarca parlamentar, o rei da Espanha tinha poder oficial muito limitado, no entanto exercia uma influência enorme sobre o coração e a mente de seu povo. Para milhões de espanhóis, a coroa era símbolo da rica tradição de *los reyes católicos* e da Era de Ouro da Espanha. O Palácio Real de Madri ainda brilhava como uma bússola espiritual e um monumento a uma longa história de vigorosa convicção religiosa.

Langdon já tinha ouvido os espanhóis dizerem: “O Parlamento governa, mas o rei *reina*”. Durante séculos, os reis que tinham presidido as questões diplomáticas da Espanha eram católicos profundamente devotos e conservadores. *E o rei atual não é exceção*, pensou Langdon, tendo lido sobre as crenças religiosas profundas e os valores conservadores do sujeito.

Nos últimos meses, o monarca idoso estava supostamente de cama e agonizante, com o país se preparando para a transferência do

poder para seu filho único, Julián. Segundo a imprensa, o príncipe Julián era uma variável desconhecida, tendo vivido discretamente sob a longa sombra do pai, e agora o país se perguntava que tipo de governante ele seria.

Será que o príncipe Julián mandou agentes da Guardia para proteger o evento de Edmond?

◆ ◆ ◆

Langdon pensou de novo na mensagem ameaçadora que o bispo Valdespino tinha deixado na caixa postal de Edmond. Apesar das suas preocupações, sentia que a atmosfera no salão era amigável, entusiasmada e segura. Lembrou-se de Edmond dizendo que a segurança desta noite era incrivelmente rígida – de modo que talvez a Guardia Real da Espanha fosse uma camada adicional de proteção para garantir que tudo corresse com tranquilidade.

– Aqueles de vocês que são familiarizados com a paixão de Edmond Kirsch pelo drama – continuou Ambra Vidal – sabem que ele jamais planejaria fazer com que ficássemos de pé nesta sala estéril por tempo demais.

Ela sinalizou para uma porta dupla fechada, na outra extremidade do salão.

– Do outro lado daquela porta, Edmond Kirsch construiu um “espaço experimental” para sua dinâmica apresentação multimídia desta noite, que será totalmente automatizada por computadores e transmitida ao vivo para todo o mundo.

– Ambra fez uma pausa para olhar o relógio de ouro. – O evento foi programado cuidadosamente, e Edmond pediu que eu levasse todos vocês para dentro de modo a começarmos exatamente às oito e quinze. Faltam apenas alguns minutos para isso. –

Ela apontou para a porta dupla. – Assim, por favor, senhoras e senhores, vamos entrar e veremos o que o incrível Edmond Kirsch

preparou para nós.

Como se aproveitasse a deixa, a porta se abriu.

Langdon olhou através dela, esperando ver outra galeria. Em vez disso, ficou espantado com o que estava do outro lado. Aparentemente era um túnel profundo e escuro.

O almirante Ávila ficou para trás enquanto os visitantes se acotovelavam empolgados na direção da passagem mal iluminada. Enquanto olhava para dentro do túnel, ficou satisfeito ao ver que o espaço do outro lado estava escuro.

A escuridão facilitaria um bocado sua tarefa.

Tocando as contas do rosário no bolso, organizou os pensamentos, examinando os detalhes que tinha acabado de receber para realizar a missão.

Timing é fundamental.

C A P Í T U L O **1 5**

Feito de tecido preto esticado em arcos de apoio, o túnel tinha cerca de seis metros de largura e subia suavemente à esquerda. O piso era coberto com um tapete preto e fofo, e dois fachos de luz na base das paredes forneciam a única iluminação.

– Sapatos, por favor – sussurrava um guia aos recém-chegados. – Todos, por favor, tirem os sapatos e os carreguem.

Langdon tirou os sapatos sociais de couro e seus pés calçados com meias afundaram no tapete incrivelmente fofo. Sentiu o corpo relaxar no mesmo instante.

À sua volta escutou suspiros de satisfação.

Enquanto seguia pela passagem, finalmente viu o fim do túnel: uma cortina preta onde os convidados eram recebidos por guias que

entregavam a cada um o que parecia uma grossa toalha de praia, orientando-os a atravessar para o outro lado.

Dentro do túnel, o zumbido de expectativa anterior tinha se dissolvido num silêncio inseguro. Quando Langdon chegou à cortina, um guia lhe deu um tecido dobrado, que ele percebeu que não era uma toalha e sim um pequeno cobertor felpudo com um travesseiro costurado em uma das extremidades. Agradeceu e passou pela cortina.

Pela segunda vez nesta noite foi obrigado a parar bruscamente. Ainda que não pudesse dizer o que imaginara encontrar ali, sem dúvida não era nem de longe algo parecido com a cena diante dos seus olhos.

Nós estamos… ao ar livre?

Langdon estava de pé na borda de um campo vasto. Acima dele se estendia um céu ofuscante de estrelas e, a distância, uma fina lua crescente se elevava acima de uma árvore solitária. Grilos cantavam e uma brisa quente acariciava seu rosto, o ar denso com o cheiro da grama recém-cortada que podia sentir sob os pés calçados apenas com meias.

– Senhor? – sussurrou um monitor, pegando seu braço e o guiando para o campo. – Por favor, encontre um espaço aqui na grama. Abra o cobertor e aproveite.

Langdon foi andando pelo campo junto com outros convidados igualmente perplexos, a maioria escolhendo locais no vasto gramado para abrir os cobertores. A área de grama muito bem cuidada tinha mais ou menos o tamanho de uma quadra de hóquei e era totalmente cercada por árvores, arbustos e juncos que farfalhavam à brisa.

Langdon tinha demorado vários instantes para perceber que tudo era ilusão:

◆ ◆ ◆

uma tremenda obra de arte.

Estou dentro de um elaborado planetário, pensou, maravilhando-se com a impecável atenção aos detalhes.

O céu estrelado era uma projeção, com lua, nuvens correndo e colinas distantes.

As árvores que farfalhavam e a grama estavam mesmo ali – imitações soberbas ou uma pequena floresta de plantas vivas em vasos escondidos. Esse nebuloso perímetro de vegetação disfarçava de modo inteligente as bordas duras da sala, dando a impressão de um ambiente natural.

Langdon se agachou e tateou a grama, macia e parecendo viva, mas totalmente seca. Tinha lido sobre os novos gramados sintéticos que enganavam até os atletas profissionais. No entanto, Kirsch tinha dado um passo além e criado um terreno ligeiramente irregular, com pequenas reentrâncias e calombos, como uma campina de verdade.

Lembrou-se da primeira vez que tinha sido enganado pelos sentidos. Era criança e estava num barquinho que deslizava por um porto enluarado onde um navio pirata travava uma ensurdecedora batalha com canhões. Sua mente jovem fora incapaz de aceitar que ele não estava num porto, e sim num enorme teatro subterrâneo com canais cheios de água para criar essa ilusão. Era o clássico brinquedo Piratas do Caribe, na Disney.

Esta noite o efeito era espantosamente realista, e enquanto os convidados ao redor iam absorvendo tudo, Langdon podia ver que o espanto e o deleite deles espelhavam os seus. Precisava dar crédito a Edmond: não tanto por criar aquela ilusão espantosa, mas por convencer centenas de adultos a tirar os sapatos chiques, deitar-se no gramado e olhar para o céu.

Nós costumávamos fazer isso na infância, mas em algum ponto do caminho paramos.

Langdon se reclinou e pôs a cabeça no travesseiro, deixando o corpo se fundir à grama macia.

Lá no alto as estrelas brilhavam, e por um instante ele era adolescente de novo, deitado na grama do campo de golfe de Bald Peak à meia-noite com seu melhor amigo, refletindo sobre os mistérios da vida. *Com um pouco de sorte*, pensou, *esta noite Edmond Kirsch vai resolver alguns desses mistérios para nós*.

No fundo do teatro o almirante Luis Ávila examinou o ambiente mais uma vez e foi para trás, saindo sem ser visto pela mesma cortina por onde tinha acabado de entrar. Sozinho no túnel, passou uma das mãos pelo tecido até localizar uma emenda. O mais silenciosamente possível, separou as tiras de Velcro, atravessou o

tecido e o fechou outra vez.

Todas as ilusões se evaporaram.

Não estava mais numa campina.

Estava num enorme espaço retangular dominado por uma gigantesca bolha oval. *Uma sala dentro de uma sala*. A construção diante dele – uma espécie de teatro sob uma cúpula – era cercada por um altíssimo exoesqueleto de andaimes que sustentava um emaranhado de cabos, luzes e alto-falantes. Apontando para dentro, uma variedade de projetores de vídeo reluzia ao mesmo tempo, lançando grandes fachos de luz na superfície translúcida da cúpula e criando a ilusão de um céu estrelado e colinas onduladas.

Ávila admirou o talento de Kirsch para a dramaticidade, se bem que o futurólogo jamais poderia imaginar como aquela noite logo ficaria dramática.

Lembre-se do que está em jogo. Você é um soldado numa guerra nobre. É parte de um todo maior.

Ávila tinha ensaiado aquela missão na mente numerosas vezes. Enfiou a mão no bolso e pegou o rosário de contas grandes. Nesse momento, vinda de um grupo de alto-falantes na parte de cima da cúpula, a voz de um homem trovejou como a de Deus:

– Boa noite, amigos. Meu nome é Edmond Kirsch.

C A P Í T U L O **1 6**

Em Budapeste, o rabino Köves andava nervoso à luz fraca do escritório no seu *házikó*. Segurando o controle remoto da TV, ficou mudando ansiosamente de canal enquanto esperava mais notícias do bispo Valdespino.

Na televisão, vários canais de notícias tinham interrompido a programação regular nos últimos dez minutos para transmitir ao vivo o que acontecia no Guggenheim. Comentaristas discutiam as realizações de Kirsch e especulavam sobre o misterioso comunicado que ele iria fazer. Köves se encolheu diante do interesse crescente.

Já vi esse anúncio.

Três dias antes, na montanha de Montserrat, Edmond Kirsch tinha mostrado uma versão supostamente "não acabada" para Köves, al-Fadl e Valdespino. Agora, suspeitava Köves, o mundo iria ver o mesmo programa.

Esta noite tudo vai mudar, pensou com tristeza.

O telefone tocou, arrancando Köves de sua contemplação. Ele pegou o aparelho.

Valdespino começou sem qualquer preâmbulo:

– Yehuda, infelizmente tenho uma notícia ruim.

Em tom sombrio, ele repassou um relato bizarro que vinha naquele mesmo instante dos Emirados Árabes Unidos.

Köves cobriu a boca, horrorizado.

– O *allamah* al-Fadl… cometeu *suicídio*?

– É o que as autoridades estão especulando. Ele foi encontrado há pouco tempo no meio do deserto… como se simplesmente tivesse caminhado até lá para morrer. –

Valdespino fez uma pausa. – Só posso supor que a tensão dos últimos dias tenha sido demasiada para ele.

Köves considerou a possibilidade, sentindo uma onda de tristeza e confusão.

Também estivera lutando com as implicações da descoberta de Kirsch, no entanto a ideia de que o *allamah* al-Fadl pudesse se matar de desespero parecia completamente improvável.

– Alguma coisa está errada – declarou Köves. – Não acredito que ele agiria assim.

Valdespino ficou em silêncio por muito tempo.

– Fico feliz por você dizer isso – concordou finalmente. – Devo admitir que

também acho difícil aceitar que tenha sido suicídio.

– Então… quem poderia ser o responsável?

– Qualquer um que quisesse que a descoberta de Kirsch permanecesse em segredo – respondeu o bispo rapidamente. – Alguém que acreditasse, como nós, que ainda faltavam semanas para esse anúncio.

– Mas Kirsch disse que mais *ninguém* sabia da descoberta! – argumentou Köves. – Só você, o *allamah* al-Fadl e eu.

– Talvez Kirsch tenha mentido sobre isso também. Mas ainda que nós três sejamos de fato os únicos a quem ele contou, não se esqueça de como nosso amigo Syed al-Fadl queria desesperadamente ir a público. É possível que o *allamah* tenha contado alguma coisa a um colega nos Emirados. E talvez essa pessoa tenha acreditado, como eu, que a descoberta de Kirsch teria repercussões perigosas.

– Está sugerindo o quê? – perguntou o rabino, com raiva. – Que um colega de al-Fadl o *matou* para manter isso em segredo? É ridículo!

– Rabino – disse o bispo calmamente. – Sem dúvida, eu não *sei* o que aconteceu. Só estou tentando imaginar respostas, assim como você.

Köves soltou o ar dos pulmões.

– Desculpe. Ainda estou com dificuldade para absorver a notícia da morte de Syed.

– Eu também. E se Syed foi assassinado devido ao que sabia, precisamos ser cuidadosos. É possível que você e eu também sejamos alvos.

Köves pensou nisso.

– Assim que a notícia for divulgada nós seremos irrelevantes.

– Verdade, mas ela *ainda* não foi divulgada.

– Reverendíssimo, faltam apenas minutos para o anúncio. Todas as estações vão transmitir.

– É… – Valdespino soltou um suspirou cansado. – Parece que terei de aceitar que minhas orações não foram atendidas.

Köves se perguntou se o bispo teria literalmente rezado para Deus intervir e mudar o pensamento de Kirsch.

– Mesmo quando isso for a público – disse Valdespino –, não estaremos em segurança. Suspeito que Kirsch terá um enorme prazer em dizer ao mundo que consultou líderes religiosos há três dias. Agora estou imaginando se a transparência ética teria sido seu verdadeiro motivo para pedir o encontro. E se ele mencionar nosso nome, bom, você e eu iremos nos tornar foco de um escrutínio intenso e talvez até de críticas por parte dos nossos rebanhos, que podem acreditar que deveríamos ter tomado alguma atitude. Desculpe, eu só…

O bispo hesitou como se quisesse dizer mais alguma coisa.

– O que é? – pressionou Köves.

– Podemos discutir isso mais tarde. Telefono de novo para você depois de assistirmos a como Kirsch aborda a apresentação. Até lá, por favor, fique dentro de

casa. Tranque as portas. Não fale com ninguém. E permaneça em segurança.

– Você está me deixando preocupado, Antonio.

– Não é minha intenção. Tudo o que podemos fazer é esperar para ver como o mundo reage. Agora isso está nas mãos de Deus.

C A P Í T U L O **1 7**

A campina dentro do Museu Guggenheim tinha ficado silenciosa assim que a voz de Edmond Kirsch trovejou vinda do céu. Centenas de convidados estavam reclinados em cobertores, olhando um céu ofuscante de estrelas. Robert Langdon estava perto do centro do campo, tomado pela expectativa crescente.

– Esta noite sejamos crianças de novo – continuou a voz de Kirsch. – Vamos nos deitar sob as estrelas com a mente aberta para todas as possibilidades.

Langdon podia sentir uma onda de empolgação se espalhando pela plateia.

– Esta noite sejamos como os primeiros exploradores – declarou Kirsch –, os que deixaram tudo para trás e partiram por vastos oceanos… os que vislumbraram pela primeira vez uma terra que jamais tinha sido vista… os que caíram de joelhos ao perceber, admirados, que o mundo era muito maior do que suas filosofias tinham ousado imaginar. Suas antigas crenças sobre o mundo se desintegraram diante das novas descobertas. Este será nosso estado de espírito nesta noite.

Impressionante, pensou Langdon, curioso para saber se a narração de Edmond era pré-gravada ou se o próprio Kirsch estava em algum lugar nos bastidores lendo um roteiro.

– Amigos – a voz de Kirsch ressoou acima deles –, nós nos reunimos aqui para ouvir a notícia de uma descoberta importante. Peço sua indulgência em permitir que eu prepare o cenário. Como acontece com todas as mudanças na filosofia humana, é fundamental compreendermos o contexto histórico em que nasce um momento como este.

Um trovão soou a distância, na hora exata. Langdon sentiu o grave profundo das caixas de som ribombando na barriga.

– Para ajudar a nos aclimatarmos – continuou Edmond –, é uma grande sorte termos entre nós um célebre erudito, uma lenda no mundo dos símbolos, dos códigos, da história, da religião e da arte, que, além disso, é um amigo querido.

Senhoras e senhores, por favor, recebam o professor Robert Langdon, da Universidade de Harvard.

Langdon se apoiou bruscamente nos cotovelos enquanto a multidão aplaudia, entusiasmada, e as estrelas no alto se dissolviam numa imagem em grande angular de um auditório apinhado de pessoas.

No palco, ele andava de um lado para outro vestido com seu paletó Harris Tweed em frente a uma plateia fascinada.

Então esse é o papel que Edmond mencionou, pensou ele, deitando-se de volta

na grama, inquieto.

– Os primeiros seres humanos – dizia Langdon na tela – se sentiam assombrados com seu universo, especialmente com relação aos fenômenos que não conseguiam entender racionalmente. Para resolver esses mistérios, eles criaram um vasto panteão de deuses e deusas com o objetivo de explicar qualquer coisa que estivesse além de sua capacidade de compreensão: o trovão, as marés, os terremotos, os vulcões, a infertilidade, as doenças e até o amor.

Isso é surreal, pensou Langdon, deitado de costas e olhando para si mesmo.

– Para os gregos antigos, o fluxo e o refluxo do oceano eram atribuídos aos humores mutáveis de Poseidon.

No teto a figura de Langdon se dissolveu, mas sua voz continuou a narrar.

Imagens de ondas do mar batendo se materializaram, sacudindo todo o salão.

Langdon ficou observando maravilhado as ondas violentas se transformarem numa desolada tundra castigada pelo vento e por rajadas de neve. Vinda de algum lugar, uma brisa fria soprou na campina.

– A mudança sazonal para o inverno – continuou a narração em off de Langdon

– era causada pela tristeza do planeta pelo sequestro anual de Perséfone para o mundo subterrâneo.

O ar voltou a ficar quente e, na paisagem gelada, se ergueu uma montanha, cada vez mais alta, com o pico explodindo em fagulhas, fumaça e lava.

– Para os romanos – narrou Langdon –, os vulcões eram o lar de Vulcano, o ferreiro dos deuses, que trabalhava numa forja gigantesca embaixo da montanha, fazendo com que as chamas brotassem pela chaminé.

Langdon sentiu um cheiro fraco de enxofre e ficou admirado com a engenhosidade com que Edmond havia transformado sua palestra numa experiência multissensorial.

O trovejar do vulcão parou abruptamente. No silêncio, grilos começaram a cantar de novo e uma brisa quente e com cheiro de grama soprou na campina.

– Os antigos inventaram deuses incontáveis – prosseguiu Langdon – para explicar não somente os mistérios de seu planeta, mas também os de seus corpos.

No alto, as constelações piscando retornaram, agora superpostas aos desenhos dos vários deuses que elas representavam.

– A infertilidade era causada pela perda de favores da deusa Juno. O amor era resultado de uma flechada de Eros. As epidemias eram explicadas como castigos mandados por Apolo.

Agora novas constelações se iluminavam junto com imagens de novos deuses.

– Se vocês leram meus livros – continuou a voz de Langdon –, devem ter visto a expressão “Deus das Lacunas”. Isto é: quando os antigos experimentavam lacunas em sua compreensão do mundo, preenchiam-nas com Deus.

Agora o céu se encheu com uma enorme colagem de pinturas e estátuas representando dezenas de divindades antigas.

– Deuses incontáveis preencheram lacunas incontáveis – disse Langdon. – No entanto, no decorrer dos séculos, o conhecimento científico aumentou. – Uma colagem de símbolos matemáticos e técnicos inundou o céu. – À medida que as lacunas na nossa compreensão do mundo natural foram desaparecendo, nosso panteão de deuses começou a encolher.

No teto, a imagem de Poseidon veio para a frente.

– Por exemplo, quando aprendemos que as marés eram causadas pelos ciclos lunares, Poseidon deixou de ser necessário e nós o banimos como um mito bobo de um tempo sem esclarecimentos.

A imagem de Poseidon se evaporou num sopro de fumaça.

– Como vocês sabem, todos os deuses sofreram o mesmo destino, morrendo um por um enquanto perdiam a relevância para nossos intelectos em evolução.

No alto, as imagens dos deuses começaram a se apagar uma a uma – deus do trovão, dos terremotos, das doenças e assim por diante.

Enquanto o número de imagens diminuía, Langdon disse:

– Mas não se enganem. Esses deuses não “vão tão gentilmente para aquela boa noite”. Em qualquer cultura, abandonar divindades é um processo complicado. As crenças espirituais são gravadas profundamente na nossa psique durante a infância por aqueles que amamos e em quem mais confiamos: nossos pais, professores e líderes religiosos. Portanto qualquer mudança religiosa acontece no decorrer de gerações, não sem grande angústia e frequentemente com derramamento de sangue.

O som de espadas se chocando e de gritos acompanhou o desaparecimento gradual dos deuses. Por fim, permaneceu a imagem de um único deus: um icônico rosto idoso com barba branca e farta.

– Zeus… – declarou Langdon com voz poderosa. – O deus de todos os deuses.

A mais temida e reverenciada de todas as divindades pagãs. Zeus, mais do que qualquer outro deus, resistiu à própria extinção, travando uma batalha violenta contra a morte de sua própria luz, exatamente como tinham feito os deuses anteriores que ele havia substituído.

No teto relampejaram imagens de Stonehenge, de tabuletas cuneiformes sumérias e das grandes pirâmides do Egito. Então o busto de Zeus retornou.

– Os seguidores de Zeus resistiram tanto a abrir mão de seu deus que a fé conquistadora do cristianismo não teve escolha a não ser adotar a face dele como a de seu *novo* Deus.

O busto barbudo de Zeus transformou-se no afresco de um rosto igualmente barbudo: o do Deus cristão representado na *Criação de Adão*, de Michelangelo, no teto da Capela Sistina.

– Hoje não acreditamos mais em histórias como as que se referem a Zeus, um garoto criado por uma cabra e que recebeu o poder de criaturas de um olho só chamadas de Ciclopes. Para nós, com o advento do pensamento moderno, todas essas histórias foram classificadas como mitologia: narrativas ficcionais antiquadas

que nos dão um vislumbre divertido do nosso passado supersticioso.

O teto mostrava a foto de uma empoeirada prateleira de biblioteca onde volumes sobre mitologias antigas, encadernados em couro, emboloravam no escuro ao lado de livros sobre culto à natureza, Baal, Inana, Osíris e incontáveis teologias antigas.

– Agora as coisas são diferentes! – declarou a voz profunda de Langdon. – Nós somos os Modernos.

No céu surgiram novas imagens: fotos nítidas e brilhantes mostrando a exploração espacial… chips de computador… um laboratório

médico… um acelerador de partículas… jatos voando.

– Somos um povo evoluído intelectualmente e tecnologicamente hábil. Não acreditamos em ferreiros gigantes trabalhando embaixo de vulcões nem em deuses que controlam as marés ou as estações. Não somos nem um pouco parecidos com nossos ancestrais antigos.

Será mesmo? , sussurrou Langdon para si próprio, acompanhando com os lábios a gravação.

– Será mesmo? – entoou Langdon lá em cima. – Nós nos consideramos indivíduos racionais e modernos, no entanto a religião mais disseminada de nossa espécie inclui toda uma quantidade de afirmações mágicas, seres humanos ressuscitando inexplicavelmente, virgens dando à luz por milagre, deuses vingativos que mandam pestes e inundações, promessas místicas de uma outra vida num céu sobre as nuvens ou de infernos em chamas.

Enquanto Langdon falava, surgiram no teto conhecidas imagens cristãs da Ressurreição, da Virgem Maria, da Arca de Noé, da abertura do Mar Vermelho, do céu e do inferno.

– Então, somente por um momento – disse Langdon –, imaginemos a reação dos futuros historiadores e antropólogos. Com o benefício da perspectiva, será que eles olharão nossas crenças religiosas e irão categorizá-las como as mitologias de uma época pouco esclarecida? Será que vão enxergar nossos deuses como vemos Zeus? Será que vão recolher nossas Escrituras Sagradas e bani-las para aquela prateleira empoeirada da história?

A pergunta pairou no escuro por um longo instante.

E então, abruptamente, a voz de Edmond Kirsch rompeu o silêncio.

– SIM, professor – trovejou o futurólogo lá de cima. – Acredito que *tudo* isso vai acontecer. Acredito que as gerações futuras irão se perguntar como uma espécie tecnologicamente avançada como a nossa *podia* acreditar na maior parte do que nossas religiões modernas ensinam.

A voz de Kirsch ficou mais forte à medida que uma nova série de imagens foi projetada: Adão e Eva, uma mulher coberta por uma burca, um hindu caminhando sobre brasas.

– Acredito que, ao se debruçar sobre nossas tradições atuais, as gerações futuras

concluirão que vivemos num período pouco esclarecido. Como prova, apontarão para as crenças de que fomos criados divinamente num jardim mágico, ou que nosso criador onipotente exige que as mulheres cubram a cabeça, ou que nos arriscamos a queimar o próprio corpo para homenagear os deuses.

Mais imagens apareceram, uma montagem rápida de fotos mostrando cerimônias religiosas em todo o mundo: desde exorcismos e batismos até perfurações no corpo e sacrifícios de animais. Para fechar a sequência, um vídeo profundamente inquietante de um clérigo indiano balançando um bebê minúsculo do alto de uma torre de 15 metros de altura. De repente ele soltou o bebê, que mergulhou no vazio, caindo em um cobertor esticado que os aldeões seguravam alegremente como se fosse uma rede de bombeiros.

O mergulho do Templo de Grishneshwar, pensou Langdon, lembrando que algumas pessoas acreditavam que isso traria o favor de Deus para a criança.

Felizmente o vídeo perturbador chegou ao fim.

Agora na escuridão total, a voz de Kirsch ressoou lá em cima.

– Por que a mente humana moderna é capaz de análise lógica exata e ao mesmo tempo nos permite aceitar crenças religiosas que deveriam sucumbir ao menor exame racional?

No alto, o céu estrelado retornou.

– Por acaso – concluiu Edmond –, a resposta é bem simples.

As estrelas ficaram subitamente mais brilhantes e mais substanciais. Fiapos apareceram correndo entre elas para formar uma teia aparentemente infinita de nódulos interconectados.

Neurônios, percebeu Langdon no mesmo instante em que Edmond começava a falar.

– O cérebro humano – disse Edmond. – Por que ele acredita no que acredita?

Lá em cima, vários nódulos se iluminaram, lançando pulsos de eletricidade que saltavam pelas fibras até outros neurônios.

– Como um computador orgânico – continuou o futurólogo –, nosso cérebro tem um sistema operacional, uma série de regras que organizam e definem todos os dados caóticos que fluem durante o dia inteiro: linguagem, uma música que gruda na cabeça, o som de uma sirene, o gosto de chocolate. O fluxo de informações que chegam é freneticamente diversificado e implacável, e nosso cérebro precisa entender tudo isso. Na verdade, é a própria programação do sistema operacional do cérebro que define nossa percepção da realidade. Infelizmente nós somos a vítima da pegadinha, porque quem escreveu o programa do cérebro humano tinha um senso de humor deturpado. Em outras palavras, não é nossa culpa acreditarmos nas coisas malucas em que acreditamos.

As sinapses projetadas chiaram e imagens familiares borbulharam saltando do cérebro: mapas astrológicos, Jesus andando sobre a água, o fundador da cientologia, L. Ron Hubbard, o deus egípcio Osíris, Ganesha – o deus elefante hindu de quatro

braços – e uma estátua de mármore da Virgem Maria chorando lágrimas de verdade.

– E assim, como programador, preciso me perguntar: que tipo de sistema operacional bizarro cria um resultado tão ilógico? Se pudéssemos olhar a mente humana e ler seu sistema operacional,

encontraríamos algo assim: Cinco palavras apareceram em letras gigantescas no alto.

DESPREZAR O CAOS.

CRIAR ORDEM.

– Este é o programa raiz do nosso cérebro – declarou Edmond. – Portanto é exatamente essa a inclinação humana. Contra o caos. E a favor da ordem.

A sala tremeu de súbito com uma cacofonia de notas de piano dissonantes, como se uma criança estivesse batucando no teclado. Langdon e as pessoas em volta se retesaram involuntariamente.

Edmond gritou acima do barulho:

– O som de alguém batendo aleatoriamente nas teclas de um piano é insuportável! E, no entanto, se pegarmos essas mesmas notas e as organizarmos numa *ordem* melhor…

O barulho aleatório parou imediatamente, suplantado pela melodia suave de

“Clair de Lune”, de Debussy.

Langdon sentiu os músculos relaxarem, e a tensão no ambiente pareceu evaporar.

– Nosso cérebro se regozija – disse Edmond. – As mesmas notas. O mesmo instrumento. Mas Debussy cria *ordem*. E é esse mesmo regozijo com a criação da ordem que instiga os seres humanos a montar quebra-cabeças ou a ajeitar quadros numa parede. Nossa predisposição à organização está inscrita no DNA, portanto não deveria ser surpresa que a maior invenção que a mente humana já criou seja o computador, uma máquina destinada especificamente a nos ajudar a criar ordem. Na verdade, a palavra em espanhol para computador é *ordenador*: literalmente “aquilo que cria *ordem*”.

Surgiu a imagem de um enorme supercomputador com um rapaz sentado diante de um terminal.

– Imagine que você tem um computador poderoso com acesso a todas as informações do mundo. Você tem permissão de lhe fazer qualquer pergunta que queira. Há uma grande probabilidade que você acabe fazendo uma das duas perguntas fundamentais que cativaram os seres humanos desde que passamos a ter consciência de nós mesmos.

O rapaz digitou no terminal e surgiu um texto.

DE ONDE VIEMOS?

PARA ONDE VAMOS?

– Em outras palavras – disse Edmond –, você perguntaria sobre nossa *origem* e nosso *destino*. E quando fizesse essa pergunta, veja qual seria a resposta do computador.

O terminal piscou:

DADOS INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA EXATA.

– Não ajuda muito – disse Kirsch –, mas ao menos é uma resposta honesta.

Em seguida surgiu a imagem de um cérebro humano.

– No entanto, se você perguntar a *esse* pequeno computador biológico: “De onde viemos?” Outra coisa acontece.

Do cérebro saiu uma série de imagens religiosas: Deus esticando a mão para dar vida a Adão, Prometeu criando um homem primordial a partir do barro, Brama criando seres humanos a partir de diferentes partes de seu corpo, um deus africano abrindo as nuvens e baixando dois humanos à terra, um deus nórdico fazendo um homem e uma mulher a partir de madeira trazida pela maré.

– E agora você pergunta: “Para onde vamos?”

Mais imagens fluíram do cérebro: céus puríssimos, infernos em chamas, hieróglifos do Livro dos Mortos egípcio, relevos em pedra mostrando viagens astrais, representações gregas dos Campos Elísios, descrições cabalísticas do *Gilgul neshamot*, diagramas de reencarnação a partir do budismo e do hinduísmo, os círculos teosóficos da Terra do Verão.

– Para o cérebro humano – explicou Edmond –, *qualquer* resposta é melhor do que resposta nenhuma. Sentimos um desconforto enorme diante de “dados insuficientes”, e assim nosso cérebro *inventa* os dados, oferecendo-nos, no mínimo, a *ilusão* de ordem, criando miríades de filosofias, mitologias e religiões para nos garantir que de fato há uma ordem e uma estrutura no mundo invisível.

À medida que as imagens religiosas continuavam a fluir, Edmond falava com intensidade crescente:

– De onde viemos? Para onde vamos? Essas perguntas fundamentais da existência humana sempre me obcecaram, e durante anos sonhei em encontrar as respostas. – Edmond fez uma pausa, com o tom de voz ficando sombrio. –

Tragicamente, por conta dos dogmas religiosos, milhões de pessoas acreditam que já *sabem* as respostas para essas grandes perguntas. E como nem todas as religiões oferecem as *mesmas* respostas, culturas inteiras terminam em guerra para decidir quais são as respostas corretas e que versão da história de Deus é a História

Verdadeira.

A tela acima explodiu com imagens de tiros e morteiros – uma montagem violenta mostrando cenas de guerras religiosas seguidas por refugiados soluçando, famílias em fuga e cadáveres de civis.

– Desde o início da história religiosa, nossa espécie foi apanhada num fogo cruzado interminável: ateus, cristãos, muçulmanos, judeus,

hindus, os crentes de todas as religiões. E a única coisa que une todos nós é nosso profundo desejo de *paz*.

As imagens trovejantes da guerra sumiram, substituídas pelo céu silencioso com estrelas brilhando.

– Imaginem só o que aconteceria se descobríssemos milagrosamente as respostas para as grandes perguntas da vida… se de repente vislumbrássemos a *mesma* prova inconfundível e percebêssemos que não tínhamos opção, a não ser abrir os braços e aceitá-la… juntos, como uma espécie.

Um sacerdote apareceu na tela, com os olhos fechados em oração.

– A busca espiritual sempre foi domínio da religião, que nos encoraja a ter fé cega nos seus ensinamentos, mesmo quando eles fazem pouco sentido lógico.

Uma colagem de imagens de crentes fervorosos surgiu, todos de olhos fechados, cantando, fazendo reverências, entoando, rezando.

– Mas a *fé* – declarou Edmond –, por sua própria definição, exige colocarmos nossa confiança em algo que é invisível e indefinível, aceitando como fato uma coisa para a qual não existe prova empírica. E assim, compreensivelmente, todos acabamos depositando nossa fé em coisas diferentes porque não existe uma verdade *universal*. – Ele parou. – No entanto…

As imagens no teto se dissolveram numa única fotografia mostrando uma estudante, os olhos abertos e intensos, espiando através de um microscópio.

– A ciência é a antítese da fé – prosseguiu Kirsch. – Por definição, a ciência é a tentativa de *encontrar* prova física de algo que é desconhecido ou que ainda não foi definido, e rejeitar a superstição e a percepção equivocada em favor de fatos observáveis. Quando a ciência oferece uma resposta, ela é universal. Os seres humanos não guerreiam por causa dela; eles se juntam ao redor dela.

Agora a tela mostrou registros históricos de laboratórios na Nasa, no CERN, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, e em outros lugares, onde cientistas de várias etnias pulavam de alegria compartilhada e se abraçavam enquanto novas informações eram descobertas.

– Amigos – sussurrou Edmond –, eu fiz muitas previsões na vida. Esta noite vou fazer outra. – Ele respirou fundo e devagar. – A era da religião está chegando ao fim. E a era da ciência está começando.

Um silêncio baixou no ambiente.

– E esta noite a humanidade vai dar um salto quântico nessa direção.

Essas palavras provocaram um arrepio inesperado em Langdon. O que quer que fosse a descoberta misteriosa, Edmond estava claramente montando o palco para um

grande embate entre ele próprio e as religiões do mundo.



C A P Í T U L O **1 8**

ConspiracyNet.com

MAIS SOBRE EDMOND KIRSCH

UM FUTURO SEM RELIGIÃO?

Numa apresentação transmitida ao vivo, que alcançou até agora a marca sem precedentes de três milhões de espectadores pela internet, o futurólogo Edmond Kirsch parece pronto para anunciar uma descoberta científica que, segundo ele, responderá a duas das perguntas mais persistentes da humanidade.

Depois de uma fascinante introdução, previamente gravada, do professor de Harvard Robert Langdon, Edmond Kirsch partiu para uma crítica dura às crenças religiosas e fez uma previsão ousada: “A era da religião está chegando ao fim.”

Até agora o conhecido ateu parece um pouco mais contido e respeitoso do que o usual. Para relembrar antigas declarações antirreligiosas de Kirsch, clique aqui.

C A P Í T U L O **1 9**

Do lado de fora do tecido que isolava o teatro em forma de cúpula, o almirante Ávila se posicionou, escondido das vistas por um labirinto de andaimes.

Permanecendo abaixado, tinha mantido a sombra oculta e agora estava encolhido a apenas alguns centímetros da “parede” de tecido, perto da frente do auditório.

Em silêncio, enfiou a mão no bolso e pegou o rosário de contas.

Timing é fundamental.

Avançando com as mãos pelas contas, encontrou o pesado crucifixo de metal, achando divertido que os guardas que usavam os detetores lá embaixo tivessem deixado esse objeto passar sem olhá-lo duas vezes.

Usando uma lâmina escondida na haste do crucifixo, o almirante fez um corte vertical de 15 centímetros no tecido. Com cuidado, abriu o pano e olhou para outro mundo: um campo cercado por uma floresta onde centenas de convidados estavam deitados em cobertores, olhando as estrelas.

Eles não podem imaginar o que vai acontecer.

Ávila estava satisfeito ao ver que os dois agentes da Guardia Real tinham assumido posição no lado oposto, perto do canto frontal direito do auditório.

Estavam rigidamente em posição de sentido, abrigados com discrição à sombra de algumas árvores. À luz fraca não conseguiriam vê-lo até que fosse tarde demais.

Perto dos guardas, a única outra pessoa de pé era a diretora do museu, Ambra Vidal, que parecia se remexer, desconfortável, enquanto assistia à apresentação de Kirsch.

Contente com sua posição, Ávila fechou a fresta e refocalizou a atenção no crucifixo. Como a maioria das cruzes, ela tinha dois braços curtos que compunham a barra transversal. Mas *naquela* em especial os braços eram conectados magneticamente a uma haste vertical e podiam ser removidos.

Ávila pegou um dos braços do crucifixo e o dobrou com força. A peça saiu na sua mão e um pequeno objeto se soltou. Fez o mesmo com o outro lado, deixando o crucifixo sem braços – agora apenas um retângulo de metal num cordão pesado.

Enfiou o rosário de contas de volta no bolso. *Vou precisar disso daqui a pouco.*

Então se concentrou nos dois pequenos objetos escondidos nos braços da cruz.

Duas balas de curto alcance.

Levou a mão às costas, tateando embaixo do cinto, e tirou o objeto que tinha trazido embaixo do paletó.

◆ ◆ ◆

Vários anos haviam se passado desde que um garoto americano chamado Cody Wilson projetou “A Libertadora” – a primeira arma de polímero impressa em 3D –, e a tecnologia tinha evoluído exponencialmente. As novas armas de fogo feitas de cerâmica e polímero ainda não tinham muita potência, mas o que deixavam a

desejar em alcance era mais do que compensado por serem invisíveis aos detectores de metal.

Só preciso chegar perto.

Se tudo acontecesse conforme o planejado, sua posição atual seria perfeita.

De algum modo, o Regente havia conseguido informações internas sobre a localização e a sequência exata dos acontecimentos desta noite… e tinha deixado muito claro como a missão de Ávila deveria ser realizada. O resultado seria brutal, mas tendo testemunhado o preâmbulo herege de Edmond Kirsch, Ávila estava confiante de que os pecados que cometeria seriam perdoados.

Nossos inimigos estão travando uma guerra, dissera o Regente. *Devemos matar ou morrer.*

De pé, junto à parede distante, no canto frontal direito do auditório, Ambra Vidal esperava não parecer tão desconfortável quanto se sentia.

Edmond me disse que esse era um programa científico.

O futurólogo americano jamais fora discreto em relação à sua aversão pelas religiões, mas Ambra não havia imaginado que ele mostraria tanta hostilidade em sua apresentação.

Edmond se recusou a deixar que eu visse antes.

Certamente haveria uma reação feroz por parte da diretoria do museu, mas nesse momento as preocupações de Ambra eram muito mais pessoais.

Duas semanas antes ela havia confidenciado a um homem muito influente sua participação no evento desta noite. O homem tinha insistido enfaticamente para que ela *não* fizesse isso. Alertara sobre os perigos de abrigar às cegas uma apresentação sem saber

absolutamente nada do conteúdo – sobretudo sendo produzida pelo conhecido iconoclasta Edmond Kirsch.

Ele praticamente ordenou que eu cancelasse tudo, lembrou. *Mas seu tom virtuoso me deixou irritada demais para ouvir.*

Agora, de pé sozinha sob o céu estrelado, Ambra se perguntou se aquele homem estaria em algum lugar assistindo àquela transmissão, com as mãos na cabeça.

Claro que está assistindo, pensou. *A verdadeira questão é: como ele vai reagir?*

◆ ◆ ◆

Dentro da Catedral de Almudena, o bispo Valdespino estava sentado rigidamente à sua mesa, o olhar grudado no laptop. Não tinha dúvida de que todo mundo no Palácio Real, ali perto, também estaria assistindo ao programa, especialmente o príncipe Julián, o próximo na linhagem do trono da Espanha.

O príncipe deve estar a ponto de explodir.

Nesta noite um dos museus mais respeitados da Espanha estava colaborando com um proeminente ateu americano para transmitir o que os comentaristas religiosos já chamavam de “trama blasfema de publicidade anticristã”. Insuflando as chamas da controvérsia, a diretora do museu que apresentava o evento era uma das celebridades mais recentes e mais visíveis da Espanha, a espetacular Ambra Vidal, uma mulher que nos últimos dois meses havia dominado as manchetes espanholas e desfrutado da adoração súbita de todo o país. Incrivelmente a Srta. Vidal tinha optado por arriscar tudo ao abrigar o ataque absoluto a Deus que estava acontecendo nesta noite.

O príncipe Julián não terá opção a não ser se pronunciar.

Seu iminente papel como soberano católico da Espanha seria apenas uma pequena parte do desafio que ele enfrentaria ao abordar o evento desta noite. Muito mais preocupante era que, no mês anterior, o príncipe Julián tinha feito uma declaração que provocara alvoroço, lançando sob Ambra Vidal os refletores da nação.

Tinha anunciado que os dois estavam noivos e iriam se casar.

C A P Í T U L O **2 0**

Robert Langdon estava inquieto com a direção tomada pelo evento.

A apresentação de Edmond estava chegando perigosamente perto de se tornar uma condenação da fé em geral. Langdon se perguntou se, de algum modo, o ex-aluno havia se esquecido de que estava falando não somente para o grupo de cientistas agnósticos naquela sala, mas também para milhões de pessoas em todo o globo, que assistiam ao anúncio pela internet.

Sem dúvida, a apresentação foi idealizada com o objetivo de provocar controvérsia.

Langdon estava incomodado com sua participação no programa. Ainda que Edmond tivesse considerado o vídeo um tributo, ele preferiria não repetir experiências passadas, em que involuntariamente se tornara o elemento central de controvérsias religiosas.

Mas Kirsch montara um premeditado ataque audiovisual às religiões, e agora Langdon estava começando a repensar sua reação despreocupada à mensagem que o futurólogo tinha recebido do bispo Valdespino.

A voz de Edmond encheu de novo o salão, com os elementos visuais se dissolvendo lá em cima numa colagem de símbolos religiosos de todo o mundo.

– Devo admitir que tive dúvidas quanto ao anúncio desta noite e, particularmente, quanto ao modo como essa revelação pode afetar

as crenças das pessoas. – Ele fez uma pausa. – E assim, há três dias, fiz algo que não é muito característico da minha parte. Num esforço para demonstrar respeito aos pontos de vista religiosos e avaliar como minha descoberta seria recebida por pessoas de várias crenças, consultei discretamente três importantes líderes espirituais – eruditos do islã, do cristianismo e do judaísmo – e contei a eles minha descoberta.

Murmúrios baixos ecoaram pelo ambiente.

– Como eu esperava, os três reagiram com profunda surpresa, preocupação e, sim, até raiva diante do que revelei. E ainda que as reações tenham sido negativas, quero lhes agradecer pela gentileza em me receber. Farei a cortesia de não revelar seus nomes, mas quero me dirigir diretamente a eles esta noite e agradecer por não tentarem interferir nesta apresentação.

Edmond fez uma pausa.

– Deus sabe que eles *poderiam* fazer isso.

Langdon prestava atenção, surpreso com a habilidade com que Edmond

caminhava por uma linha tênue e cobria todas as variáveis. A decisão de se encontrar com líderes religiosos sugeria uma abertura mental, uma confiança e uma imparcialidade pelas quais o futurólogo não costumava ser conhecido. Langdon suspeitava que a reunião em Montserrat fora em parte uma missão de pesquisa e em parte uma manobra de relações públicas.

Um inteligente passe livre para fugir de encrenca, pensou.

– Historicamente – continuou Edmond –, o fervor religioso sempre suprimiu o progresso científico, e assim esta noite imploro que os líderes religiosos de todo o mundo reajam com moderação e compreensão diante do que vou dizer. Por favor, *não* vamos repetir a violência sangrenta que aconteceu por toda a história. *Não* vamos cometer os mesmos erros do passado.

As imagens no teto deram lugar a um desenho de uma antiga cidade murada –

uma metrópole perfeitamente circular localizada às margens de um rio que atravessava um deserto.

Langdon a reconheceu imediatamente como a antiga Bagdá, com a incomum construção circular fortificada por três muralhas concêntricas encimadas por ameias e seteiras.

– No século VIII – disse Edmond –, a cidade de Bagdá alcançou proeminência como o maior centro de aprendizado da Terra, acolhendo todas as religiões, filosofias e ciências em suas universidades e bibliotecas. Durante 500 anos, o fluxo de inovações científicas que a cidade produziu foi diferente de tudo o que o mundo tinha visto, e sua influência é sentida até hoje, na cultura moderna.

No alto, o céu cheio de estrelas reapareceu e, desta vez, podia-se ler o nome de muitas delas: *Vega, Betelgeuse, Algebar, Deneb, Acrab, Kitalpha.*

– Todos esses nomes derivam do árabe – disse Edmond. – Até hoje, mais de dois terços das estrelas têm nome originário dessa língua, porque foram descobertas por astrônomos do mundo árabe.

O céu se encheu rapidamente com tantas estrelas de nome árabe que o fundo ficou praticamente escondido. Os nomes sumiram de novo, deixando apenas a vastidão do céu.

– E, claro, se quisermos *contar* as estrelas…

Numerais romanos começaram a aparecer um a um ao lado das estrelas mais brilhantes.

I, II, III, IV, V…

Os números pararam abruptamente e desapareceram.

– Não usamos numerais romanos – disse Edmond. – Usamos numerais *arábicos*.

Agora a numeração começou a usar o sistema arábico.

1, 2, 3, 4, 5…

– Talvez vocês também reconheçam *estas* invenções islâmicas – disse Edmond.

– E todos ainda usamos seus nomes árabes.

A palavra ÁLGEBRA flutuou no céu, cercada por uma série de equações com múltiplas variáveis. Em seguida veio a palavra ALGORITMO, com uma variedade de fórmulas. Depois AZIMUTE, com um diagrama mostrando ângulos no horizonte da Terra. O fluxo se acelerou… NADIR, ZÊNITE, ALQUIMIA, QUÍMICA, CIFRA, ELIXIR, ÁLCOOL, ALCALINO, ZERO…

Enquanto as familiares palavras de origem árabe iam passando, Langdon pensou em como era trágico que tantos americanos visualizassem Bagdá apenas como uma daquelas cidades poeirentas do Oriente Médio que apareciam nos noticiários, devastadas pela guerra, sem saber que ela já foi o centro do progresso científico da humanidade.

– No fim do século XI – disse Edmond –, as maiores explorações intelectuais e descobertas da Terra estavam acontecendo em Bagdá e nos arredores. Então, quase da noite para o dia, isso mudou. Um brilhante estudioso chamado Hamid al-Ghazali, agora considerado um dos muçulmanos mais influentes da história, escreveu uma série de textos persuasivos questionando a lógica de Platão e Aristóteles e declarando que a matemática era a “filosofia do diabo”. Isso deu início a uma confluência de acontecimentos que solapou o pensamento científico. O estudo da teologia se tornou compulsório e finalmente todo o movimento científico islâmico desmoronou.

As palavras científicas no alto evaporaram, substituídas por imagens de textos religiosos do islã.

– A revelação substituiu a investigação. E até hoje o mundo científico islâmico ainda tenta se recuperar. – Edmond fez uma pausa. – Claro, o mundo científico cristão não se saiu melhor.

Pinturas dos astrônomos Copérnico, Galileu e Bruno apareceram no teto.

– O assassinato sistemático, o aprisionamento e a condenação por parte da Igreja de algumas das mentes científicas mais brilhantes retardaram o progresso humano por pelo menos um século. Hoje, felizmente, com nossa compreensão mais clara dos benefícios da ciência, a Igreja moderou seus ataques… – Edmond suspirou.

– Será mesmo?

O logotipo de um globo com um crucifixo e uma serpente no centro surgiu junto com o texto:

Declaração de Madri sobre Ciência e Vida

– Aqui mesmo, na Espanha, a Federação Mundial das Associações Médicas Católicas declarou recentemente uma guerra contra a engenharia genética, proclamando que “a ciência não tem alma” e que, portanto, deve ser contida pela Igreja.

Agora o globo se transformou num círculo diferente: o esquema de um enorme acelerador de partículas.

– E este era o Supercolisor Supercondutor do Texas, anunciado como o maior colisor de partículas do mundo, com o potencial de explorar o momento da Criação.

Ironicamente ele ficaria situado no centro do Cinturão Bíblico dos Estados Unidos.

A imagem se dissolveu numa enorme estrutura de cimento em forma de anel que se estendia pelo deserto do Texas. As instalações estavam inacabadas, cobertas de poeira e terra, aparentemente abandonadas no meio da construção.

– O supercolisor dos Estados Unidos poderia ter feito avançar tremendamente a compreensão do Universo, mas o projeto foi cancelado devido ao estouro no orçamento e a pressões políticas por parte de algumas fontes espantosas.

Um trecho de noticiário de TV mostrou um jovem evangelizador balançando o best-seller *A partícula de Deus* e gritando furioso: “Deveríamos procurar Deus dentro do coração! Não dentro dos átomos! Gastar bilhões nessa experiência absurda é um embaraço para o estado do Texas e uma afronta a Deus!”

A voz de Edmond retornou:

– Esses conflitos que eu descrevi, em que a superstição religiosa venceu a razão, são apenas escaramuças numa guerra contínua.

De repente o céu explodiu em uma colagem de imagens violentas da sociedade moderna: manifestantes à frente de laboratórios de pesquisa, um sacerdote pondo fogo no próprio corpo diante de uma convenção de transumanismo, evangélicos sacudindo os punhos e levantando o livro do Gênesis, um peixe de Jesus comendo um peixe de Darwin, cartazes religiosos condenando furiosamente a pesquisa com células-tronco, os direitos dos homossexuais, o aborto, e cartazes igualmente raivosos pregando o contrário.

Deitado no escuro, Langdon sentia o coração bater forte. Por um momento pensou que a grama embaixo dele estava tremendo, como se uma composição do metrô se aproximasse. Então, à medida que os tremores ficavam mais fortes, percebeu que a terra estava *mesmo* chacoalhando. Vibrações profundas atravessavam a grama sob suas costas e toda a cúpula tremeu com um rugido.

O som, transmitido através de *subwoofers* embaixo do chão, lembrava o de um rio feroz. Langdon sentiu uma névoa fria e úmida batendo no rosto e no corpo, como se estivesse sendo levado pela correnteza.

– Estão ouvindo esse som? – gritou Edmond acima do estrondo da água. – É a enchente inexorável do Rio do Conhecimento Científico!

A água rugia mais alto ainda e a névoa molhava o rosto de Langdon.

– Desde que o homem descobriu o fogo – gritou Edmond –, este rio vem ganhando força. Cada descoberta se transformou numa ferramenta com que fizemos novas descobertas, a cada vez acrescentando uma gota a este rio. Hoje surfamos a crista de um tsunami, um dilúvio que avança ferozmente com força incontrolável!

A sala tremeu mais violentamente ainda.

– *De onde viemos!* – gritou Edmond. – *Para onde vamos!* Sempre fomos *destinados* a encontrar as respostas! Nossos métodos de investigação estão

evoluindo exponencialmente há milênios!

Agora a névoa e o vento chicoteavam a sala, e o trovejar do rio chegou a um volume quase ensurdecedor.

– Pensem nisso! – declarou Edmond. – Os primeiros humanos demoraram mais de um *milhão* de anos para progredir desde a descoberta do fogo até a invenção da roda. Depois levaram apenas alguns *milhares* de anos para inventar a prensa gráfica.

E então demoraram apenas duas *centenas* de anos para construir um telescópio. Nos séculos seguintes, em períodos cada vez menores, saltamos da máquina a vapor para os automóveis a gasolina e para o ônibus espacial! E então foram necessárias apenas *duas décadas* para começarmos a modificar nosso próprio DNA!

Kirsch gritou:

– Agora medimos o progresso científico em *meses*, avançando num ritmo estonteante. Não vai tardar até que o mais rápido supercomputador de hoje pareça um ábaco; os métodos cirúrgicos mais avançados parecerão bárbaros. E as fontes de energia atuais

vão parecer tão antiquadas quanto usar uma vela para iluminar uma sala!

A voz de Edmond e o rugido da água continuaram na escuridão barulhenta.

– No passado, os gregos precisavam olhar *séculos* atrás para estudar a cultura antiga, mas nós só precisamos voltar no tempo uma única *geração* para nos darmos conta de que as pessoas viviam sem as tecnologias que hoje consideramos comuns.

A linha do tempo do desenvolvimento humano está se comprimindo, o espaço que separa o “antigo” do “moderno” vai se encolhendo até desaparecer. E por esse motivo eu lhes dou minha palavra de que os próximos anos de desenvolvimento humano serão chocantes, perturbadores e totalmente inimagináveis!

Sem aviso, o trovejar do rio parou.

O céu estrelado voltou. Assim como a brisa quente e os grilos.

Os convidados pareceram exalar, todos ao mesmo tempo.

No silêncio abrupto, a voz de Edmond voltou num sussurro:

– Amigos. Sei que estão aqui porque lhes prometi uma descoberta, e obrigado por terem me aguentado durante esse preâmbulo. Agora vamos jogar fora as algemas do pensamento antigo. É hora de compartilhar a empolgação da descoberta.

Com essas palavras, uma névoa baixa veio rolando de todos os lados e o céu começou a reluzir com a luz do alvorecer, iluminando fracamente a plateia.

Subitamente um canhão de luz se acendeu e girou de maneira dramática para o fundo do salão. Em instantes quase todos os convidados estavam sentados, esticando o pescoço para trás em meio à névoa, esperando ver o anfitrião aparecer em pessoa.

Mas depois de alguns segundos o canhão de luz girou de novo para a frente da sala.

A plateia se virou junto.

Ali, sorrindo à luz do refletor, estava Edmond Kirsch. Suas mãos pousavam confiantes nas laterais de um pódio que segundos antes não estava ali.

– Boa noite, amigos – disse, simpático, o grande showman, enquanto a névoa

começava a se dissipar.

Em segundos as pessoas estavam de pé, aplaudindo. Langdon se juntou a elas, incapaz de conter o riso.

É a cara do Edmond aparecer numa nuvem de fumaça.

Até aquele momento a apresentação da noite, apesar de antagonizar com a fé religiosa, tinha sido um *tour de force* – uma façanha ousada e resoluta como o próprio anfitrião. Agora Langdon entendia por que a crescente população de livres pensadores ao redor do mundo idolatrava tanto Edmond.

No mínimo, ele diz o que pensa de um modo que poucos ousariam.

Quando o rosto de Edmond apareceu na tela acima, Langdon notou que ele parecia muito menos pálido do que antes – obviamente fora maquiado por um profissional. Mesmo assim, dava para ver que seu amigo estava exausto.

Os aplausos continuaram tão ruidosos que Langdon quase não sentiu a vibração no bolso do peito. Por instinto levou a mão para pegar o telefone, mas percebeu que ele estava desligado. Estranhamente, a vibração vinha do outro dispositivo em seu bolso – o fone transdutor – através do qual Winston parecia estar falando muito alto.

Péssimo timing.

Langdon tirou o fone do bolso e o ajeitou na cabeça. No instante em que a almofada tocou o osso do malar, o sotaque de Winston se materializou em sua cabeça.

– … fessor Langdon? Está aí? Os telefones estão desabilitados. O senhor é o meu único contato. Professor Langdon?!

– Sim… Winston? Estou aqui – respondeu Langdon acima dos aplausos ao redor.

– Que bom – disse Winston. – Ouça atentamente. Talvez tenhamos um problema sério.

◆ ◆ ◆

C A P Í T U L O **2 1**

Como alguém que havia experimentado incontáveis momentos de triunfo no palco do mundo, Edmond Kirsch era sempre motivado por realizações, mas raramente sentia um contentamento completo. Porém, naquele instante, recebendo uma ovação descontrolada no pódio, permitiu-se o júbilo empolgante de saber que estava para mudar o mundo.

Sentem-se, amigos. *O melhor ainda está por vir.*

À medida que a névoa se dissipava, Edmond resistiu à ânsia de olhar para cima, onde sabia que um close de seu próprio rosto estava sendo projetado no teto e também para milhões de pessoas em todo o mundo.

Este é um momento global, pensou com orgulho. *Transcende fronteiras, classes e credos.*

Olhou à esquerda para acenar em agradecimento a Ambra Vidal, que tinha trabalhado incansavelmente para montar aquele espetáculo e agora assistia num canto. Mas, para sua surpresa,

Ambra não estava olhando para ele. Em vez disso, observava a plateia, e seu rosto era uma máscara de preocupação.

Alguma coisa está errada, pensou Ambra.

No centro do salão, um homem alto e vestido com elegância estava abrindo caminho pelo público, balançando os braços e acenando na direção dela.

Aquele é Robert Langdon, percebeu, reconhecendo o professor americano que tinha aparecido no vídeo de Kirsch.

Langdon estava se aproximando rapidamente, e os dois agentes da Guardia que estavam com Ambra se afastaram logo da parede, posicionando-se para interceptá-lo.

O que ele quer? Ambra sentiu alarme na expressão de Langdon.

Ela virou na direção de Edmond, no pódio, imaginando se ele também teria notado a agitação, mas Edmond Kirsch não estava olhando para a plateia.

Misteriosamente, estava olhando direto para ela.

Edmond! Há alguma coisa errada!

Nesse instante um estalo ensurdecedor ecoou dentro da cúpula e a cabeça de

◆ ◆ ◆

Edmond foi sacudida bruscamente para trás. Ambra olhou num horror abjeto enquanto uma cratera vermelha brotava na testa dele. Os olhos de Edmond se viraram ligeiramente para trás, mas suas mãos seguraram com firmeza o pódio enquanto todo o seu corpo ficava rígido. Ele cambaleou por um instante, o rosto parecendo uma máscara de confusão. E então, como uma árvore caindo, seu corpo tombou de lado e despencou, a cabeça ensanguentada quicando na grama artificial.

Antes que Ambra pudesse ao menos compreender o que tinha testemunhado, foi jogada no chão por um dos agentes da Guardia.

O tempo parou.

Depois… pandemônio.

Iluminado pela projeção reluzente do cadáver sangrento de Edmond, um maremoto de convidados partiu para os fundos do salão tentando escapar de outro disparo.

À medida que o caos irrompia ao redor, Robert Langdon sentiu-se preso onde estava, paralisado pelo choque. Perto dali, seu amigo estava caído de lado, ainda virado para a plateia, com o buraco de bala na testa jorrando em vermelho.

Cruelmente, o rosto sem vida de Edmond estava iluminado pela forte claridade do refletor da câmera de televisão, que estava num tripé e sem ninguém ao lado, aparentemente ainda transmitindo ao vivo para o teto da cúpula e também para o mundo.

Como num sonho, Langdon sentiu-se correndo para a câmera e virando-a para cima, apontando as lentes para longe de Edmond. Em meio à confusão de convidados que fugiam, olhou para o pódio e para o amigo caído, sabendo com certeza que Edmond estava morto.

Meu Deus… eu tentei alertá-lo, Edmond, mas o aviso do Winston chegou tarde demais.

Não muito longe do corpo de Edmond, no chão, Langdon viu um agente da Guardia agachado, protegendo Ambra Vidal. Foi rapidamente na direção dela, mas o agente reagiu por instinto – lançando-se para cima e para a frente, dando três passos longos e jogando o corpo contra o dele.

O ombro do guarda se chocou contra o esterno de Langdon, expelindo todo o ar dos pulmões e provocando uma onda de dor pelo corpo enquanto ele voava para trás, caindo com força na grama

artificial. Antes mesmo que pudesse respirar, mãos poderosas o viraram de bruços, torceram seu braço esquerdo às costas e comprimiram uma palma da mão que parecia de ferro em sua nuca, deixando-o totalmente imobilizado, com a bochecha esquerda espremida contra a grama.

◆ ◆ ◆

– Você *sabia* disso antes que acontecesse – gritou o guarda. – Qual é a sua participação nisso?

A 20 metros dali, o agente Rafa Díaz, da Guardia Real, passava atabalhoadamente pelo bando de convidados em fuga e tentava chegar ao lugar onde tinha visto o clarão de um tiro, na parede lateral.

Ambra Vidal está em segurança, disse a si mesmo, tendo visto seu parceiro jogá-la no chão e cobrir o corpo dela. Além disso, Díaz tinha certeza de que nada poderia ser feito pela vítima. *Edmond Kirsch morreu antes de bater no chão.*

Misteriosamente, observou Díaz, parecia que um dos convidados tinha sido avisado sobre o ataque, correndo para o pódio um instante antes do tiro.

Qualquer que fosse o motivo, Díaz sabia que isso poderia esperar.

No momento tinha apenas uma tarefa.

Prender o atirador.

Quando chegou ao local do clarão do tiro, encontrou um corte no tecido que isolava a cúpula. Mergulhando a mão pela abertura, rasgou o tecido violentamente até o chão e saiu para um labirinto de andaimes.

À sua esquerda, vislumbrou uma figura – um homem alto vestido com uniforme militar branco – correndo para a saída de emergência

no lado oposto do espaço enorme. Um instante depois o fugitivo passou pela porta e desapareceu.

Díaz foi atrás, se desvencilhando dos aparelhos eletrônicos do lado de fora da cúpula e finalmente alcançando a porta que dava num poço de escada de cimento.

Olhou por cima do corrimão e viu o homem dois andares abaixo, descendo a toda a velocidade. Correu atrás dele, saltando de cinco em cinco degraus. Em algum lugar lá embaixo a porta de saída se abriu com um estrondo e depois se fechou de novo.

Ele está saindo do prédio!

Quando chegou ao térreo, Díaz correu para a porta dupla de saída, com barras de tranca horizontais, e jogou todo o peso contra ela. As bandas da porta, em vez de se abrir como as do andar de cima, moveram-se apenas uns dois centímetros e pararam, emperradas. O corpo do agente se chocou contra uma parede de aço e ele caiu embolado, com uma dor lancinante irrompendo no ombro.

Abalado, levantou-se e testou a porta de novo.

Ela se abriu apenas o bastante para que ele visse o problema.

Estranhamente, as maçanetas externas tinham sido amarradas com um fio de contas de metal. A confusão de Díaz se aprofundou quando ele percebeu que o padrão das contas lhe era familiar, como seria para qualquer católico.

Isso é um rosário?

◆ ◆ ◆

Usando toda a força, pressionou de novo o corpo dolorido contra a porta, mas o fio se recusava a se partir. Olhou outra vez pela abertura estreita, pasmo pela presença de um rosário e também por sua incapacidade de arrebentá-lo.

– *¿Hola?* – gritou através da porta. – *¿Hay alguien?!*

Silêncio.

Por entre as bandas da porta, conseguiu ver uma parede alta de concreto e um corredor de serviço deserto. Eram poucas as chances de que alguém viesse remover o rosário enrolado. Não vendo outra opção, pegou sua pistola no coldre embaixo do blazer, engatilhou a arma e estendeu o cano através da fresta, encostando-o no rosário.

Vou disparar uma bala contra um santo rosário? Que Dios me perdone.

O crucifixo amputado balançou para cima e para baixo diante dos olhos de Díaz.

Ele puxou o gatilho.

O tiro trovejou no patamar de cimento e a porta se abriu. O rosário se despedaçou e Díaz tombou adiante, cambaleando no corredor vazio enquanto as contas quicavam no pavimento ao redor.

O assassino de branco tinha ido embora.

A 100 metros dali, o almirante Luis Ávila estava sentado em silêncio no banco de trás do Renault preto que agora acelerava para longe do museu.

A força tênsil da fibra de Vectran em que Ávila tinha prendido as contas do rosário havia feito seu serviço, atrasando os perseguidores por tempo suficiente.

E agora estou indo embora.

À medida que o carro acelerava para noroeste, ao longo do sinuoso Rio Nervión, e desaparecia no meio dos veículos que se moviam rapidamente na Avenida Abandoibarra, o almirante finalmente se permitiu exalar.

Sua missão desta noite não poderia ter sido mais fácil.

Na mente começou a ouvir as notas jubilosas do hino de Oriamendi – a letra antiquíssima fora cantada numa batalha sangrenta ali mesmo em Bilbao. *¡Por Dios, por la Patria y el Rey!* , cantou Ávila mentalmente. *Por Deus, pela Pátria e pelo Rei!*

O grito de batalha fora esquecido muito tempo atrás… mas a guerra tinha apenas começado.

C A P Í T U L O **2 2**

O Palácio Real de Madri é o maior da Europa, além de ser uma das fusões arquitetônicas mais espantosas dos estilos clássico e barroco. Ele foi construído no local de um castelo mourisco do século IX, e sua fachada de três andares com colunas imponentes ocupa todos os 150 metros de largura da enorme Plaza de la Armería, onde se situa. O interior é um espantoso labirinto de 3.418 cômodos que se espalham por quase 200 mil metros quadrados de espaço. Os salões, os quartos e os corredores são adornados com uma coleção de arte religiosa de valor inestimável, que inclui obras-primas de Velázquez, Goya e Rubens.

Durante gerações, o palácio tinha sido residência privada de reis e rainhas da Espanha. Mas agora era usado principalmente para funções de Estado, enquanto a família real residia no Palacio de la Zarzuela, mais discreto e isolado, fora da cidade.

Nos últimos meses, porém, o palácio formal de Madri tinha se tornado o lar permanente do príncipe herdeiro Julián – o futuro rei da Espanha, de 42 anos. Ele havia se mudado a pedido de seus conselheiros, que queriam que “ficasse mais visível para o país” durante o período sombrio antes de sua coroação.

O pai do príncipe Julián, o rei atual, estava de cama havia meses, com uma doença terminal. Enquanto as faculdades mentais do monarca iam sendo erodidas, o palácio tinha dado início à lenta passagem de poder, preparando o príncipe para ascender ao trono

assim que o pai falecesse. Com uma iminente alteração na liderança, os espanhóis voltaram os olhos para o príncipe herdeiro, com uma única pergunta em mente:

Que tipo de governante ele *será?*

O príncipe Julián tinha sido sempre uma criança discreta e cautelosa, tendo suportado o peso de seu futuro reinado desde pequeno. Sua mãe havia morrido de complicações da gravidez do segundo filho, e o rei, para surpresa de muitos, optara por não se casar de novo, deixando Julián como único sucessor do trono espanhol.

Como o príncipe tinha amadurecido sob a asa do pai conservador, a maioria dos espanhóis tradicionalistas acreditava que ele manteria os costumes austeros de seus reis, preservaria a dignidade da Coroa espanhola de acordo com as convenções estabelecidas, celebraria os rituais e permaneceria sempre reverente à rica história da Espanha católica.

Durante séculos, o legado dos reis católicos tinha servido de alicerce moral da nação. Mas, nos anos recentes, a base de fé do país parecia estar se dissolvendo e a

Espanha se via presa num violento cabo de guerra entre os muito velhos e os muito novos.

Agora um número crescente de liberais inundava os blogs e as mídias sociais com boatos sugerindo que, assim que pudesse emergir da sombra do pai, Julián revelaria seu eu verdadeiro: o líder ousado, progressista e secular, finalmente disposto a seguir o caminho de tantos países europeus e abolir de vez a monarquia.

O pai de Julián sempre tivera um papel muito ativo como rei, deixando pouco espaço para o filho participar da política. O rei declarava abertamente que Julián deveria aproveitar a juventude e, só quando se casasse e se estabelecesse, faria sentido ele se engajar nas questões de Estado. E, assim, os primeiros 40 anos do príncipe – eternamente comentados na imprensa espanhola – tinham

se resumido a uma vida de escolas particulares, cavalgadas, inaugurações, festas para arrecadação de donativos e viagens pelo mundo. Apesar de ter realizado pouca coisa notável, sem dúvida Julián era o melhor partido da Espanha.

Com o passar do tempo, o belo príncipe havia namorado publicamente um número incontável de mulheres adequadas. Apesar de sua reputação de romântico incurável, ninguém jamais roubara seu coração. Nos últimos meses, no entanto, Julián tinha sido visto várias vezes com uma mulher linda que parecia uma modelo aposentada, mas era a respeitadíssima diretora do Museu Guggenheim de Bilbao.

A mídia saudou Ambra Vidal como “um par perfeito para um rei moderno”.

Era culta, bem-sucedida e, mais importante, não vinha de uma família nobre da Espanha. Ambra Vidal era do povo.

Aparentemente o príncipe concordava com essa avaliação. Depois de um namoro muito curto, ele a pediu em casamento – de um modo bastante inesperado e romântico – e Ambra aceitou.

Nas semanas seguintes, a imprensa não parou de falar sobre ela, dizendo que estava se mostrando muito mais do que apenas um rosto bonito. Ambra logo se revelou uma mulher de uma independência feroz. Que, apesar de futura rainha consorte da Espanha, recusava-se peremptoriamente a permitir que a Guardia Real interferisse em sua rotina diária. Também não deixava que os agentes lhe dessem proteção em situações corriqueiras, apenas em grandes eventos públicos.

Quando o comandante da Guardia sugeriu discretamente que ela começasse a usar roupas mais conservadoras e menos justas, Ambra fez piada disso em público, dizendo que tinha sido repreendida pelo comandante da “Guardarropía Real” – do Guarda-Roupa Real.

As revistas liberais estampavam seu rosto em todas as capas. “Ambra! O Lindo Futuro da Espanha!” Quando ela recusava uma entrevista, era saudada como

“independente”; quando dava uma entrevista, era “acessível”.

As revistas conservadoras se concentravam no hábito de Ambra de chamar o príncipe Julián apenas pelo primeiro nome, deixando de lado o costume tradicional de se referir a ele como *Don* Julián ou *Su Alteza*.

A segunda preocupação delas parecia muito mais séria. Nas últimas semanas, o trabalho de Ambra a havia deixado quase indisponível para o príncipe, mas ela fora vista várias vezes em Bilbao, almoçando perto do museu com um ateu declarado: o tecnólogo americano Edmond Kirsch.

Apesar da insistência de Ambra de que os almoços eram simplesmente reuniões de trabalho com um dos principais doadores do museu, fontes internas do palácio sugeriam que o sangue de Julián estava começando a ferver.

Não que alguém pudesse culpá-lo.

A verdade era que a estonteante noiva de Julián – apenas algumas semanas depois do noivado – vinha optando por passar a maior parte do tempo com outro homem.

C A P Í T U L O **2 3**

O rosto de Langdon continuava pressionado contra a grama. O peso do agente era esmagador.

Estranhamente, ele não sentia nada.

Suas emoções estavam dispersas e entorpecidas – camadas tortuosas de tristeza, medo e ultraje. Uma das mentes mais brilhantes do mundo – um amigo querido –

fora executado publicamente do modo mais brutal. *Foi morto apenas alguns segundos antes de revelar a maior descoberta de sua vida.*

Langdon percebeu que a trágica perda de uma vida humana era acompanhada por uma segunda perda: científica.

Agora talvez o mundo jamais conheça o que Edmond descobriu.

Sentiu uma raiva súbita, seguida por uma determinação férrea.

Vou fazer todo o possível para descobrir quem é o responsável por isso. Vou honrar seu legado, Edmond. E encontrar um modo de compartilhar sua descoberta com o mundo.

– Você *sabia* – disse asperamente a voz do guarda, perto de seu ouvido. –

Estava indo para o pódio como se *esperasse* que alguma coisa acontecesse.

– Eu… fui… avisado – conseguiu dizer Langdon, praticamente incapaz de respirar.

– Foi avisado por *quem*?

Langdon sentiu seu fone torcido e fora do lugar na bochecha.

– O fone que estou usando… é um guia automático. O computador de Edmond Kirsch me avisou. Ele encontrou uma anomalia na lista de convidados, um almirante reformado da Marinha espanhola.

Agora a cabeça do guarda estava suficientemente perto do ouvido de Langdon para que ele escutasse o fone do rádio do sujeito. A voz na transmissão estava sem fôlego e ansiosa. E ainda que o espanhol de Langdon fosse precário, ele ouviu o suficiente para decifrar a má notícia.

… el asesino ha huido…

O assassino tinha escapado.

… salida bloqueada…

Uma saída tinha sido bloqueada.

… uniforme militar blanco…

Quando as palavras “uniforme militar” foram ditas, o guarda em cima de

Langdon diminuiu a pressão.

– *¿Uniforme naval?* – perguntou ele ao parceiro. – *Blanco… ¿Como de almirante?*

A resposta foi afirmativa.

Um uniforme da Marinha, percebeu Langdon. *Winston estava certo.*

– Não se mexa – disse o guarda.

Langdon não tinha intenção de se mexer; o oficial em cima dele tinha uns 100

quilos de puro músculo e já havia mostrado que levava seu trabalho tremendamente a sério.

– *¡Inmediatamente!* – gritou o guarda pelo rádio, continuando com um pedido urgente de apoio das autoridades locais e bloqueios de estradas em volta do museu.

… policía local… bloqueos de carretera…

De onde estava, na grama, Langdon podia ver Ambra Vidal ainda no chão perto da parede. Ela tentou se levantar mas vacilou, caindo de quatro.

Alguém a ajude!

Mas o guarda estava gritando para o outro lado da cúpula, parecendo não se dirigir a ninguém em especial.

– *¡Luces! ¡Y cobertura de móvil! – Preciso de luzes e serviço de celular!*

Langdon levantou a mão e ajeitou o transdutor no rosto.

– Winston, você está aí?

O guarda se virou, olhando Langdon de modo estranho.

– Estou. – A voz de Winston saiu chapada.

– Winston, Edmond levou um tiro. Precisamos das luzes de volta imediatamente. E do desbloqueio do serviço de celulares. Você pode controlar isso?

Ou contatar alguém que possa?

Segundos depois, as luzes da cúpula aumentaram abruptamente de intensidade, dissolvendo a ilusão mágica de uma campina enluarada e clareando uma vastidão deserta de grama artificial com cobertores abandonados.

O guarda ficou estupefato com o aparente poder de Langdon. Depois de um momento, ele se abaixou e puxou o professor para que ficasse de pé. Os dois se encararam sob a luz forte.

O agente era alto, de estatura equivalente à de Langdon, com cabeça raspada e corpo musculoso que forçava as costuras do blazer azul. O rosto era claro, com feições tranquilas destacando os olhos penetrantes que, no momento, estavam focalizados no professor como lasers.

– O senhor apareceu no vídeo desta noite. O senhor é Robert Langdon.

– Sim. Edmond Kirsch foi meu aluno e era meu amigo.

– Sou o agente Fonseca, da Guardia Real – anunciou o homem num inglês perfeito. – Diga como soube sobre o uniforme da Marinha.

Langdon se virou para o corpo de Edmond imóvel na grama ao lado do pódio.

Ambra Vidal se ajoelhou ao lado dele junto com dois seguranças do museu e um

paramédico, que já havia abandonado os esforços para ressuscitá-lo. Ela cobriu o cadáver gentilmente com um cobertor.

Sem dúvida, Edmond estava morto.

Langdon sentiu náuseas, incapaz de afastar o olhar do amigo assassinado.

– Não podemos ajudá-lo – disse o guarda bruscamente. – Diga como ficou sabendo.

Langdon voltou a olhar para o guarda, cujo tom não deixava espaço para dúvidas. Era uma ordem.

Rapidamente ele contou o que Winston lhe dissera: o programa de guias notou que um dos fones tinha sido abandonado e, quando um guia humano encontrou o aparelho numa lata de lixo, eles foram verificar *qual* convidado recebera aquele fone e ficaram alarmados ao descobrir que tinha sido uma inclusão de última hora.

– Impossível. – Os olhos do guarda se estreitaram. – A lista de convidados foi fechada ontem. Verificamos os antecedentes de todo mundo.

– Não os *desse* homem – disse Winston no fone de Langdon. – Fiquei preocupado e investiguei o nome dele. Descobri que é um almirante reformado da Marinha espanhola, dispensado por alcoolismo e estresse pós-traumático devido a um ataque terrorista em Sevilha há cinco anos.

Langdon repassou a informação para o guarda.

– O atentado a bomba na catedral? – O sujeito pareceu incrédulo.

– Além disso – disse Winston a Langdon –, descobri que o oficial não tem qualquer ligação com o Sr. Kirsch, o que me preocupou, por isso contatei a segurança do museu para acionar os alarmes. Mas, sem ter mais informações conclusivas, eles concordaram que não deveríamos arruinar o evento de Edmond, especialmente enquanto estava sendo transmitido ao vivo para o mundo. Sabendo quanto Edmond trabalhou no programa desta noite, a lógica deles fez sentido para mim. Resolvi contatar você de imediato, Robert, esperando que conseguisse identificar o homem, de modo que eu pudesse mandar uma equipe de segurança até ele sem fazer alarde. Eu deveria ter tomado uma atitude mais firme. Fracassei com Edmond.

Langdon achou um tanto irritante que a máquina de Edmond parecesse sentir culpa. Olhou para o corpo coberto do amigo e viu Ambra Vidal se aproximando.

Fonseca a ignorou, ainda concentrado em Langdon.

– O computador lhe deu o *nome* do oficial em questão?

Langdon assentiu.

– É o almirante Luis Ávila.

Quando ele falou o nome, Ambra parou e encarou Langdon com uma expressão de horror absoluto.

Fonseca notou a reação e foi imediatamente na direção dela.

– Srta. Vidal? Já ouviu este nome?

Ambra pareceu incapaz de responder. Baixou o olhar para o chão, como se

tivesse acabado de ver um fantasma.

– Srta. Vidal – repetiu Fonseca –, já ouviu falar do almirante Luis Ávila?

A expressão chocada de Ambra deixou poucas dúvidas de que ela conhecia o assassino. Depois de um momento atônita, ela piscou duas vezes e seus olhos escuros começaram a ficar mais límpidos, como se estivesse emergindo de um transe.

– Não… nunca ouvi o nome – sussurrou, olhando para Langdon e depois para seu segurança. – Só fiquei… chocada ao saber que o assassino era um oficial da Marinha espanhola.

Ela está mentindo, sentiu Langdon, intrigado com o motivo para Ambra tentar disfarçar a reação. *Eu vi. Ela reconheceu o nome do sujeito.*

– Quem estava encarregado da lista de convidados?! – perguntou Fonseca, dando mais um passo na direção de Ambra. – Quem acrescentou o nome desse homem?

Agora os lábios de Ambra estavam tremendo.

– Eu… não faço ideia.

As perguntas do guarda foram interrompidas por uma súbita cacofonia de telefones tocando e emitindo bipes por toda a cúpula. Aparentemente Winston tinha arranjado um modo de restaurar o serviço de celulares, e um dos que tocavam estava no bolso do blazer de Fonseca.

O agente da Guardia pegou o aparelho e, vendo o identificador de chamadas, respirou fundo e atendeu.

– *Ambra Vidal está a salvo* – anunciou.

Langdon virou para a mulher perturbada. Ela estava olhando para ele. Quando os dois se encararam, continuaram assim por um longo

momento.

Então Langdon escutou a voz de Winston se materializar em seu fone.

– Professor – sussurrou Winston –, Ambra Vidal sabe muito bem como Luis Ávila entrou na lista de convidados. Ela mesma colocou o nome dele.

Langdon precisou de um momento para assimilar a informação.

A própria Ambra Vidal colocou o assassino na lista de convidados?

E agora está mentindo sobre isso?

Antes que Langdon pudesse processar essa informação, Fonseca entregou seu celular a Ambra.

– *Don Julián quiere hablar con usted* – disse o agente.

Ambra pareceu se encolher para longe do telefone.

– Diga que estou bem – respondeu ela. – Ligo para ele daqui a pouco.

A expressão do guarda foi de incredulidade absoluta. Ele cobriu o telefone e sussurrou para Ambra.

– *Su Alteza Don Julián, el príncipe, ha pedido…*

– Não me importa se ele é o príncipe – disparou ela de volta. – Se ele vai ser meu *marido,* terá de aprender a me dar espaço quando eu preciso. Acabei de

testemunhar um assassinato e preciso de um minuto para pensar! Diga que ligo daqui a pouco.

Fonseca encarou-a, os olhos relampejando com uma emoção à beira do desprezo. Depois se virou e saiu para continuar a ligação em

particular.

Para Langdon, o diálogo bizarro tinha solucionado um pequeno mistério.

Ambra Vidal é noiva do príncipe Julián da Espanha? Essa notícia explicava o tratamento de celebridade que ela estava recebendo e também a presença da Guardia Real, ainda que certamente não explicasse a recusa em atender ao telefonema do noivo. *O príncipe deve estar morrendo de preocupação se viu isso pela TV.*

Quase instantaneamente ficou pasmo com uma segunda revelação, mais sombria.

Ah, meu Deus… Ambra Vidal é ligada ao Palácio Real de Madri.

A coincidência inesperada lhe provocou um arrepio enquanto ele se lembrava da mensagem ameaçadora do bispo Valdespino no telefone de Edmond.

C A P Í T U L O **2 4**

A 200 metros do Palácio Real, dentro da Catedral de Almudena, o bispo Valdespino tinha parado de respirar por um momento. Ainda usava as vestes cerimoniais e estava sentado diante do laptop em seu escritório, fascinado pelas imagens transmitidas de Bilbao.

Isso vai ter uma cobertura maciça.

Pelo visto, a mídia global já estava enlouquecendo. Os principais noticiários enfileiravam autoridades em ciência e religião para especular sobre a apresentação de Edmond Kirsch, ao mesmo tempo que levantavam hipóteses sobre *quem* teria assassinado o futurólogo e por quê. A mídia parecia concordar que, ao que tudo indicava, existia alguém empenhado em garantir que a descoberta de Kirsch jamais visse a luz do dia.

Depois de um longo momento de reflexão, Valdespino pegou o celular e deu um telefonema.

O rabino Köves atendeu ao primeiro toque.

– Terrível! – A voz do religioso era quase um berro. – Eu estava assistindo pela televisão! Precisamos ir às autoridades agora mesmo e contar o que sabemos!

– Rabino – respondeu Valdespino em tom contido –, concordo que essa é uma reviravolta horrível. Mas, antes de agirmos, precisamos pensar.

– Não há o que pensar! – disparou Köves. – Sem dúvida, quem está por trás disso não vai hesitar diante de nada para enterrar a descoberta de Kirsch. São carniceiros! Estou convencido de que também mataram Syed. Devem saber quem somos e em seguida virão atrás de *nós*. Você e eu temos a obrigação moral de ir às autoridades e revelar o que Kirsch nos contou.

– Obrigação moral? Está parecendo que você quer tornar a informação pública para que ninguém tenha motivo para silenciar você ou a mim pessoalmente.

– Com certeza a nossa segurança é uma consideração – argumentou o rabino. –

Mas também temos uma obrigação moral para com o mundo. Sei que essa descoberta vai questionar algumas crenças religiosas fundamentais, mas se há uma coisa que aprendi em toda a minha longa vida é que a *fé* sempre sobrevive, mesmo diante de grandes dificuldades. Ainda que as revelações de Kirsch venham a público, acredito que a fé vai sobreviver a *isso* também.

– Entendi, amigo – disse o bispo, mantendo o tom o mais tranquilo possível. –

Dá para ouvir a decisão em sua voz e respeito seu pensamento. Quero que saiba que

estou aberto a discussão e até mesmo a mudar minha opinião. No entanto, quero lhe pedir um favor: se vamos revelar essa descoberta

ao mundo, façamos isso *juntos*. À

luz do dia. Com honra. Não em desespero, logo depois desse assassinato horrível.

Vamos planejar, ensaiar e abordar a notícia de um modo adequado.

Köves não disse nada, mas Valdespino podia ouvir o velho respirando.

– Rabino – continuou o bispo –, no momento a questão mais premente é nossa segurança pessoal. Estamos lidando com matadores e se você ficar visível demais…

procurando as autoridades ou indo a uma emissora de televisão, por exemplo… a coisa pode terminar de modo violento. Temo em particular por *você*. Eu tenho proteção dentro do complexo do palácio, mas você… você está sozinho em Budapeste! Sem dúvida, a descoberta de Kirsch é uma questão de vida ou morte. Por favor, deixe que *eu* consiga proteção para você, Yehuda.

Köves ficou em silêncio por um momento.

– De *Madri*? Como você poderia…

– Tenho à disposição os recursos de segurança da família real. Fique dentro de casa com as portas fechadas. Vou requisitar que dois agentes da Guardia Real peguem você e o tragam para Madri, onde sua proteção estará garantida no complexo do palácio e onde poderemos nos sentar cara a cara e discutir o melhor modo de seguir em frente.

– Mas, se eu for para Madri... – disse o rabino, hesitando – e nós não conseguirmos chegar a um acordo sobre a melhor maneira de lidar com essa questão?

– Nós *vamos* chegar. Sei que sou antiquado, mas também sou realista, como você. Juntos vamos descobrir o melhor caminho. Tenho fé *nisso*.

– Obrigado – respondeu Köves. – Pela sua palavra, vou a Madri.

– Bom. Enquanto isso tranque as portas e não fale com ninguém. Prepare uma mala e eu ligo com os detalhes assim que os tiver. – Valdespino fez uma pausa. – E

tenha fé. Vou vê-lo muito em breve.

Valdespino desligou com um sentimento de pavor no coração; suspeitava que, para continuar controlando Köves, precisaria de algo mais do que um pedido de racionalidade e prudência.

Köves está entrando em pânico… como Syed.

Os dois não conseguem ver o quadro geral.

Valdespino fechou o laptop, enfiou-o embaixo do braço e foi andando pelo santuário escuro. Ainda usando as vestes cerimoniais, saiu da catedral para o ar frio da noite e atravessou a praça em direção à reluzente fachada branca do Palácio Real.

Acima da entrada principal, podia ver o brasão espanhol – um escudo flanqueado pelas Colunas de Hércules com o antigo lema PLUS ULTRA, que significa

“mais além”. Alguns acreditavam que a expressão se referia à busca espanhola de expandir o império durante sua era de ouro, séculos antes. Outros afirmavam que refletia a antiga crença do país, de que existia uma vida no céu, para além desta.

De qualquer modo, Valdespino sentia que o lema era menos relevante a cada dia. Enquanto olhava a bandeira espanhola tremulando acima do palácio, deu um suspiro triste, com os pensamentos voltados para o rei doente.

Vou sentir falta quando ele se for.

Eu devo tanto a ele.

Durante os últimos meses o bispo vinha fazendo visitas diárias ao amigo querido, de cama no Palacio de la Zarzuela, nos arredores da cidade. Havia alguns dias o rei tinha chamado Valdespino e o recebera em seu leito com uma expressão preocupada nos olhos.

– Antonio – sussurrou o rei –, sinto que o noivado do meu filho foi…

apressado.

Uma descrição mais exata seria "insano" , pensou o bispo.

Dois meses antes, quando o príncipe confiara a Valdespino que pretendia pedir Ambra Vidal em casamento depois de conhecê-la por um tempo muito curto, o bispo implorou que ele fosse mais prudente. Julián argumentou que estava apaixonado e que seu pai merecia ver o único filho casado. Além disso, falou, se ele e Ambra quisessem ter filhos, a idade dela exigia que não esperassem demais.

Valdespino sorriu calmamente para o rei.

– Sim, concordo. O pedido de Don Julián nos pegou a todos de surpresa. Mas ele só queria deixar o senhor feliz.

– O dever dele é para com o *país* – disse o rei enfaticamente –, não para com seu pai. E ainda que a Srta. Vidal seja adorável, ela é uma desconhecida para nós, é uma pessoa de fora. Eu questiono os motivos que a levaram a aceitar o pedido de Don Julián. Foi rápido demais, e uma mulher de honra deveria tê-lo rejeitado.

– O senhor está certo – respondeu Valdespino. – Se bem que, em defesa de Ambra, Don Julián lhe deixou pouca escolha.

O rei pegou gentilmente a mão ossuda do bispo.

– Meu amigo, não sei para onde o tempo foi. Você e eu ficamos velhos. Quero lhe agradecer. Você me aconselhou com sabedoria no correr dos anos, quando perdi minha esposa, durante as mudanças no nosso país, e eu me beneficiei tremendamente da força de sua convicção.

– Nossa amizade é uma honra que vou guardar para sempre como um tesouro.

O rei deu um sorriso débil.

– Antonio, sei que você fez sacrifícios para ficar comigo. Roma, para começo de conversa.

Valdespino deu de ombros.

– Tornar-me cardeal não me levaria para mais perto de Deus. Meu lugar sempre foi aqui, com o senhor.

– Sua lealdade tem sido uma bênção.

– E nunca vou esquecer a compaixão que o senhor demonstrou para comigo durante todos esses anos.

O rei fechou os olhos, apertando a mão do bispo com força.

– Antonio… estou preocupado. Logo meu filho vai se ver ao leme de um navio enorme, um navio que ele não está preparado para pilotar. Por favor, oriente-o. Seja sua estrela guia. Ponha sua mão firme sobre a dele, no timão, especialmente em mares revoltos. Acima de tudo, quando ele perder o prumo, imploro que o ajude a encontrar o caminho de volta… de volta a tudo o que é puro.

– Amém – sussurrou o bispo. – Dou-lhe minha palavra.

Agora, no ar frio da noite, Valdespino atravessou a praça e levantou os olhos para o céu. *Majestade, por favor, saiba que estou fazendo tudo o que posso para cumprir com seus últimos desejos.*

Sentia consolo em saber que o rei estava fraco demais para assistir à televisão.

Se ele tivesse visto a transmissão de Bilbao esta noite, teria morrido no ato, ao testemunhar a que ponto chegara o seu amado país.

À direita de Valdespino, atrás do portão de ferro, por toda a Calle de Bailén, furgões da mídia tinham se reunido e estavam estendendo suas antenas de satélite.

Abutres, pensou Valdespino, com o ar da noite açoitando a batina.

C A P Í T U L O **2 5**

***Haverá tempo para** ficar de luto*, disse Langdon a si mesmo, batalhando contra a emoção intensa. *Agora é hora de ação*.

Já havia solicitado que Winston examinasse as imagens de segurança do museu em busca de qualquer informação que pudesse ajudar a prender o atirador. Depois tinha acrescentado baixinho um pedido para que procurasse alguma conexão entre o bispo Valdespino e Ávila.

Agora o agente Fonseca estava retornando, ainda falando ao telefone.

– *Sí… sí* – dizia ele. – *Claro. Inmediatamente*. – Fonseca desligou o telefone e voltou a atenção para Ambra, parada ali perto, atônita. – Srta. Vidal, vamos sair –

anunciou, enfático. – Don Julián exigiu que a levemos agora mesmo para o Palácio Real, onde estará em segurança.

O corpo de Ambra se retesou visivelmente.

– Não vou abandonar Edmond assim! – Ela indicou o cadáver caído sob o cobertor.

– As autoridades locais vão cuidar disso – respondeu Fonseca. – E os peritos estão a caminho. O Sr. Kirsch vai ser tratado com respeito e grande cuidado. Agora precisamos ir. Tememos que a senhorita esteja correndo perigo.

– Certamente *não* estou correndo perigo! – disse Ambra, indo na direção dele. –

Um assassino teve a oportunidade perfeita de atirar em mim e não fez isso. Ele estava atrás do Edmond!

– Srta. Vidal! – As veias no pescoço de Fonseca pulsaram. – O príncipe quer a senhorita em Madri. Ele está preocupado com sua segurança.

– Não – contra-atacou ela. – Ele está preocupado com as consequências políticas.

Fonseca soltou o ar lentamente e baixou a voz.

– Srta. Vidal, o que aconteceu esta noite foi um golpe terrível para a Espanha.

Além disso, foi um golpe terrível para o príncipe. A senhorita ser a anfitriã do evento desta noite foi uma decisão infeliz.

A voz de Winston falou de repente na cabeça de Langdon:

– Professor? A equipe de segurança do museu andou examinando as imagens das câmeras externas do prédio. Parece que encontraram alguma coisa.

Langdon prestou atenção e depois balançou a mão para Fonseca, interrompendo o agente que repreendia Ambra.



– Senhor, o computador disse que as câmeras da cobertura do museu conseguiram uma foto parcial do carro usado na fuga.

– É? – Fonseca pareceu surpreso.

Langdon repassou a informação enquanto Winston falava.

– Um sedã preto saiu pelo beco de serviço… as placas não estavam legíveis daquele ângulo… havia um adesivo incomum no para-brisa.

– Que adesivo? – perguntou Fonseca. – Podemos alertar as autoridades locais para procurá-lo.

– Não reconheci o adesivo – respondeu Winston na cabeça de Langdon –, mas comparei a forma dele com todos os símbolos conhecidos no mundo e obtive uma única semelhança.

Langdon ficou pasmo com a rapidez com que Winston pudera fazer tudo isso acontecer.

– A semelhança que encontrei – disse Winston – foi com um antigo símbolo alquímico: *amalgamação.*

Como assim? Langdon tinha esperado que fosse o logotipo de algum estacionamento ou de uma organização política.

– O adesivo do carro mostra o símbolo da… amalgamação?

Fonseca ficou olhando para ele, obviamente sem entender.

– Deve haver algum engano, Winston – disse Langdon. – Por que alguém usaria o símbolo de um processo alquímico?

– Não sei – respondeu Winston. – Foi a única semelhança que encontrei. E

estou identificando uma correspondência de 99 por cento.

A memória fotográfica de Langdon conjurou o símbolo alquímico da amalgamação.

– Winston, descreva exatamente o que você viu no para-brisa do carro.

O computador respondeu no mesmo instante:

– O símbolo consiste numa linha vertical atravessada por três linhas transversais. No topo da linha vertical, há um arco virado para cima.



Exatamente. Langdon franziu a testa.

– Esse arco… tem algum remate?

– Sim. Linhas horizontais curtas em cima de cada braço.

Certo, então é a amalgamação.

Langdon pensou por um momento.

– Winston, você pode nos mandar a foto da câmera de segurança?

– Claro.

– Mande para o *meu* telefone – exigiu Fonseca.

Langdon deu a Winston o número do agente e, um instante depois, o aparelho de Fonseca soltou um bipe. Todos se reuniram em volta e olharam a foto granulada em preto e branco. A imagem feita do alto mostrava um sedã preto num beco deserto.

De fato, no canto esquerdo inferior do para-brisa, Langdon pôde ver um adesivo com o símbolo exato que Winston tinha descrito.

Amalgamação. Que bizarro!

Intrigado, Langdon estendeu a mão e usou as pontas dos dedos para ampliar a imagem na tela do celular de Fonseca. Inclinando-se, examinou a imagem mais detalhadamente.

Logo viu o problema.

– Não é amalgamação – anunciou.

Ainda que a descrição da imagem feita por Winston fosse muito *próxima*, não era exata. E em simbologia a distinção entre “próximo” e “exato” era o que diferenciava uma suástica nazista de um símbolo budista de prosperidade.

É por isso que a mente humana às vezes é melhor do que um computador.

– Não é *um* adesivo – declarou Langdon. – São *dois* adesivos diferentes um

tanto sobrepostos. O de baixo é um crucifixo especial chamado de cruz papal.

Atualmente ele é muito popular.

Com a eleição do pontífice mais liberal da história do Vaticano, milhares de pessoas em todo o mundo estavam demonstrando apoio às novas políticas do papa usando a cruz tripla, mesmo na cidade de Langdon, Cambridge, em Massachusetts.

– O símbolo em forma de U em cima – explicou Langdon – é um adesivo totalmente separado.

– Agora vejo que o senhor está certo – afirmou Winston. – Vou encontrar o número de telefone da empresa.

De novo Langdon ficou surpreso com a velocidade de Winston. *Ele já identificou o logotipo da empresa?*

– Excelente – disse Langdon. – Se ligarmos, eles podem rastrear o carro.

Fonseca pareceu perplexo.

– Rastrear o carro! Como?

– O carro usado na fuga foi *contratado* – explicou Langdon, apontando para o *U* estilizado no para-brisa. – É um Uber.

C A P Í T U L O **2 6**

Pela expressão de incredulidade nos olhos arregalados de Fonseca, Langdon não soube o que mais surpreendeu o agente: a descrição rápida do adesivo no para-brisa ou a estranha escolha que o almirante Ávila tinha feito para seu carro de fuga.

Ele chamou um Uber, pensou Langdon, imaginando se era uma ideia brilhante ou incrivelmente míope.

O serviço ubíquo de "motoristas sob demanda" do Uber havia dominado o mundo nos últimos anos. Por meio de um smartphone, qualquer pessoa que precisasse de uma corrida poderia se conectar instantaneamente com um crescente exército de motoristas que ganhavam um dinheiro extra usando seus carros particulares como táxis improvisados. Legalizado apenas recentemente na Espanha, o Uber exigia que os motoristas colocassem o logotipo *U* no para-brisa. Pelo jeito esse motorista do Uber também era fã do novo papa.

– Agente Fonseca – disse Langdon –, Winston disse que tomou a liberdade de mandar a imagem do carro de fuga para as autoridades locais distribuírem nos bloqueios de rua.

Fonseca ficou boquiaberto e Langdon sentiu que aquele agente muito bem treinado não gostava de brincar de gincana, muito menos de ficar para trás. Fonseca parecia não saber se deveria agradecer a Winston ou dizer para ele cuidar da própria vida.

– E agora ele está ligando para o número de emergência do Uber.

– Não! – ordenou Fonseca. – Dê o número que *eu* mesmo ligo. É mais provável que o Uber ajude um oficial da Guardia Real do que um computador.

Langdon precisou admitir que Fonseca provavelmente estava certo. Além disso, parecia muito melhor que a Guardia ajudasse na caçada do que desperdiçasse sua capacidade levando Ambra para Madri.

Depois de pegar o número com Winston, Fonseca ligou e Langdon se sentiu confiante de que pegariam o assassino em questão de minutos. Localizar veículos estava no cerne dos negócios do Uber; qualquer cliente com um smartphone podia acessar o local preciso de cada motorista do Uber em todos os cantos da Terra.

Fonseca só precisaria pedir que a empresa encontrasse o motorista que tinha acabado de pegar um passageiro atrás do Museu Guggenheim.

– *Hostia!* – praguejou Fonseca. – *Automatizada.* – Ele digitou com força um número no teclado. Depois de passar pelo menu de opções, agora estava esperando.

– Professor, assim que eu conseguir falar com o Uber e pedir que encontrem o carro, vou entregar esse assunto às autoridades locais de modo que o agente Díaz e eu possamos transportar o senhor e a Srta. Vidal para Madri.

– Eu? – reagiu Langdon, espantado. – Não, não posso acompanhar vocês.

– Pode e *vai* – declarou Fonseca. – Assim como o seu brinquedinho de computador – acrescentou apontando para o fone de Langdon.

– Sinto muito – retrucou Langdon, endurecendo o tom. – De jeito nenhum posso acompanhá-los a Madri.

– Isso é estranho. Achei que o senhor era professor em Harvard.

Langdon olhou para ele, sem entender aonde queria chegar.

– E sou.

– Bom – disse Fonseca rispidamente. – Então presumo que seja inteligente o bastante para saber que não tem escolha.

Com isso, o agente saiu pisando firme, de volta ao telefonema.

Langdon observou-o se afastar. *Que diabo é isso?*

– Professor? – Ambra tinha chegado muito perto dele e sussurrou: – O senhor precisa me ouvir. É muito importante.

Ele ficou surpreso ao ver que a expressão de Ambra era de profundo medo. O

choque mudo parecia ter passado, e o tom de voz dela era desesperado, mas claro.

– Professor, Edmond demonstrou um respeito enorme pelo senhor ao incluí-lo na apresentação. Por esse motivo vou confiar no senhor. Preciso lhe dizer uma coisa.

Langdon a encarou em dúvida.

– O assassinato de Edmond foi minha culpa – murmurou ela, com os olhos de um castanho profundo se enchendo de lágrimas.

– Como assim?

Ambra olhou nervosa para Fonseca, que não teria como ouvi-los àquela distância.

– A lista de convidados – disse ela, retornando a Langdon. – O acréscimo de última hora. O nome que foi incluído…

– Sim, Luis Ávila.

– Fui *eu* que acrescentei o nome – confessou ela com a voz embargada. – Fui *eu*!

Winston estava certo…, pensou Langdon atônito.

– *Eu* sou o motivo pelo qual Edmond foi assassinado. – Agora ela estava à beira das lágrimas. – Eu deixei o assassino entrar neste prédio.

– Espere um minuto – disse Langdon, pondo a mão no ombro trêmulo de Ambra. – Explique melhor. *Por que* a senhorita acrescentou o nome dele?

Ambra lançou um olhar ansioso para Fonseca, ainda ao telefone a uns 20

metros de distância.

– Professor, eu recebi um pedido de última hora de uma pessoa em quem confio profundamente. Ele pediu que eu acrescentasse o nome do almirante Ávila à lista de

convidados, como um favor pessoal. O pedido chegou apenas alguns minutos antes de as portas se abrirem, por isso o incluí sem pensar. Quero dizer, ele era um oficial da Marinha, um almirante! Como eu iria saber? – Ela olhou de novo para o corpo de Edmond e cobriu a boca com a mão elegante. – E agora…

– Ambra – sussurrou Langdon –, *quem* pediu para você acrescentar o nome de Ávila?

Ambra engoliu em seco.

– Foi o meu noivo… o príncipe herdeiro da Espanha. Don Julián.

Langdon a encarou incrédulo, tentando processar as palavras. A diretora do Guggenheim tinha acabado de dizer que o príncipe herdeiro da Espanha havia ajudado a orquestrar o assassinato de Edmond Kirsch. *É impossível.*

– Tenho certeza de que o palácio jamais esperaria que eu ficasse sabendo da identidade do assassino – disse ela. – Mas agora que

sei… estou me sentindo em perigo.

Langdon pôs a mão no ombro dela.

– Aqui você está em perfeita segurança.

– Não – sussurrou ela com intensidade. – Aqui estão acontecendo coisas que o senhor não entende. Nós dois precisamos sair. *Agora!*

– Não podemos fugir. Nunca iremos…

– Por favor, escute. Eu *sei* como ajudar Edmond.

– Como assim? – Langdon sentiu que ela ainda estava em choque. – Edmond não pode ser ajudado.

– Pode sim – insistiu ela, com o tom lúcido. – Mas primeiro precisamos entrar na casa dele em Barcelona.

– O que a senhorita está falando?

– Por favor, escute com atenção. Eu sei o que Edmond gostaria que nós fizéssemos.

Nos 15 segundos seguintes, Ambra Vidal falou baixinho com Langdon.

Enquanto ouvia, ele sentiu os batimentos cardíacos acelerando. *Meu Deus*, pensou.

Ela está certa. Isso muda tudo.

Quando terminou, Ambra o encarou, desafiadora.

– Agora está vendo por que precisamos ir?

Langdon aquiesceu, sem hesitar.

– Winston – disse ele ao fone. – Ouviu o que Ambra acaba de me dizer?

– Ouvi, professor.

– Você já sabia disso?

– Não.

Langdon avaliou com muito cuidado as palavras seguintes.

– Winston, não sei se os computadores podem sentir lealdade a seus criadores, mas, se você puder, este é o seu momento da verdade. Sua ajuda seria muito bem-vinda.

C A P Í T U L O **2 7**

Enquanto ia na direção do pódio, Langdon ficou de olho em Fonseca, ainda concentrado no telefonema para o Uber. Viu Ambra se deslocar de modo casual para o centro da cúpula, também falando ao telefone – ou pelo menos *fingindo* que falava

– exatamente como Langdon tinha sugerido.

Diga a Fonseca que você decidiu ligar para o príncipe Julián.

Quando chegou ao pódio, Langdon virou o olhar com relutância para o corpo caído no chão. *Edmond.* Gentilmente puxou o cobertor que Ambra havia posto sobre ele. Os olhos antes brilhantes de Edmond eram fendas sem vida sob um buraco vermelho na testa. Langdon estremeceu diante da imagem medonha, com o coração martelando de tristeza e raiva.

Por um instante ainda podia ver o jovem estudante com cabelos de esfregão que havia entrado em sua aula cheio de esperança e talento – e tinha realizado tanta coisa em tão pouco tempo. De modo horrendo, alguém assassinara esse ser humano espantosamente dotado, quase com certeza com o objetivo de enterrar sua descoberta para sempre.

E a não ser que eu tome uma atitude ousada, pensou Langdon, *o maior feito do meu aluno jamais verá a luz do dia.*

Posicionando-se de modo que o pódio bloqueasse parcialmente a linha de visão de Fonseca, ajoelhou-se ao lado do corpo de Edmond, fechou os olhos, cruzou as mãos e assumiu uma reverente postura de oração.

A ironia de rezar por um ateu quase fez com que Langdon sorrisse. *Edmond, sei que você, mais do que qualquer um, não quer ninguém rezando por sua alma. Não se preocupe, amigo, na verdade não estou aqui para isso.*

Enquanto se ajoelhava junto de Edmond, Langdon lutou contra um medo crescente. *Eu lhe garanti que o bispo era inofensivo. Se por acaso Valdespino estiver envolvido nisso…* Langdon afastou o pensamento.

Assim que teve certeza de que Fonseca o vira rezando, inclinou-se discretamente e enfiou a mão dentro da jaqueta de couro de Edmond, tirando seu grande telefone turquesa.

Olhou brevemente na direção de Fonseca, ainda ao telefone e agora aparentando menos interesse em Langdon do que em Ambra, que parecia concentrada em seu próprio telefonema e ia se afastando cada vez mais.

Langdon voltou o olhar para o telefone de Edmond e respirou fundo para se

◆ ◆ ◆

acalmar.

Mais uma coisa a fazer.

Com cuidado, abaixou-se e levantou a mão direita de Edmond. Ela já estava fria. Levou o telefone até ela e apertou com cuidado o indicador de Edmond contra o disco de reconhecimento de digital.

O telefone soltou um clique e se destravou.

Langdon percorreu rapidamente o menu de configuração e desabilitou a proteção por senha. *Permanentemente desbloqueado*. Em seguida enfiou o telefone no bolso do paletó e cobriu de novo o corpo de Edmond com o cobertor.

Sirenes uivavam a distância enquanto Ambra permanecia sozinha no centro do auditório deserto com o celular encostado no ouvido, fingindo se concentrar numa conversa, o tempo todo consciente dos olhos de Fonseca voltados para ela.

Depressa, Robert.

Um minuto antes, o professor americano tinha partido para a ação depois de Ambra lhe contar uma conversa recente que tivera com Edmond Kirsch. Duas noites antes, ela estava trabalhando com Edmond naquele mesmo salão. Já era tarde e os dois cuidavam dos últimos detalhes da apresentação quando ele parou para tomar o terceiro suco de espinafre da noite. Ambra notou como ele parecia exausto.

– Devo dizer, Edmond, que não sei bem se essa dieta vegana está funcionando.

Você está pálido e magro demais.

– Magro demais? – Ele riu. – Olhe quem está falando.

– Eu não estou magra demais!

– Está no limite. – Ele piscou de modo brincalhão diante da expressão indignada de Ambra. – Quanto a estar pálido, fala sério! Sou um geek que fica o dia inteiro sentado à luz de uma tela de LCD.

– Bom, daqui a dois dias você vai falar para o mundo inteiro, e um pouquinho de cor iria lhe fazer bem. Saia ao ar livre amanhã ou invente uma tela de computador que sirva ao mesmo tempo para bronzear.

– Não é má ideia – disse ele, parecendo impressionado. – Você deveria patentear isso. – Ele riu e depois voltou a atenção para o problema imediato. – Então a ordem dos acontecimentos na noite de sábado está clara?

Ambra assentiu, olhando o roteiro.

– Eu recebo as pessoas na antessala, em seguida entramos todos neste auditório para seu vídeo de introdução, depois do qual você vai aparecer *magicamente* ali no pódio. – Ela apontou para a frente do salão. – E em seguida, no pódio, você faz seu anúncio.

– Perfeito, com um pequeno acréscimo. – Edmond riu. – Quando eu falar no pódio, será mais um *intervalo*, uma chance de dar as boas-vindas pessoalmente aos convidados, deixar todo mundo esticar as pernas e prepará-los um pouco mais antes de começar a segunda metade do evento: a apresentação multimídia que explica minha descoberta.

– Então o anúncio propriamente dito é pré-gravado? Como a introdução?

– É. Eu o terminei há alguns dias. Nossa cultura é visual, as apresentações multimídia são sempre mais interessantes do que um mero cientista falando no pódio.

– Você não é exatamente “um mero cientista”, mas concordo. Mal posso esperar para ver.

Ambra sabia que, por questões de segurança, a apresentação de Edmond estava armazenada em seus servidores particulares, confiáveis, que ficavam fora dali. Tudo seria transmitido por *streaming* para o sistema de projeção do museu a partir de um local remoto.

– Quando estivermos prontos para a segunda parte – perguntou ela –, quem vai ativar a apresentação, você ou eu?

– Eu mesmo faço. – Ele pegou seu telefone. – Com *isto*. – Edmond levantou o smartphone enorme com sua capa turquesa com um desenho de Gaudí. – Tudo faz parte do show. Eu simplesmente acesso meu servidor remoto usando uma conexão criptografada…

Edmond apertou alguns botões e o telefone, no viva voz, tocou uma vez e se conectou.

Uma voz feminina, computadorizada, atendeu.

– BOA NOITE, EDMOND. ESTOU ESPERANDO SUA SENHA.

Edmond sorriu.

– E então, com o mundo todo assistindo, eu apenas digito a senha no telefone e minha descoberta é transmitida imediatamente, aqui para nosso teatro. E, ao mesmo tempo, para todo o planeta.

– Parece dramático – disse Ambra, impressionada. – A não ser, claro, que você esqueça a senha.

– Seria embaraçoso *mesmo*.

– Imagino que você tenha anotado a senha.

– Blasfêmia – reagiu Edmond, rindo. – Os cientistas da computação *nunca* anotam senhas. Mas não se preocupe. A minha tem apenas 47 caracteres. Tenho certeza de que não vou esquecer.

Os olhos de Ambra se arregalaram.

– Quarenta e sete?! Edmond, você nem consegue se lembrar do PIN de quatro números do seu cartão de segurança do museu! Como vai memorizar *47* caracteres aleatórios?

Edmond riu de novo do alarme de Ambra.

– Não preciso. Eles não são aleatórios. – Ele baixou a voz. – Na verdade, a senha é meu verso predileto.

Ambra sentiu-se confusa.

– Você usou o verso de um poema como senha?

– Por que não? O verso tem exatamente 47 letras.

– Bom, isso não parece muito seguro.

– Não? Você acha que pode adivinhar meu verso predileto?

– Eu nem tinha ideia de que você *gostava* de poesia.

– Exato. Mesmo se alguém descobrisse que minha senha era um verso de um poema e mesmo se acertasse o verso exato, entre milhões de possibilidades, ainda precisaria adivinhar o número muito longo que eu uso para me conectar com meu servidor seguro.

– O número que você ligou usando a discagem rápida do seu telefone?

– É, um telefone que tem seu próprio PIN de acesso e nunca sai do bolso do meu peito.

Ambra levantou as mãos, com um sorriso brincalhão.

– Certo, você é que é o chefe. Por sinal, quem é seu poeta predileto?

– Bela tentativa – disse ele, balançando o dedo. – Vai ter de esperar até sábado.

O verso que escolhi é *perfeito.* – Ele riu. – Tem a ver com o futuro, com uma profecia, e fico feliz em dizer que ela já está se realizando.

Agora, enquanto seus pensamentos voltavam ao presente, Ambra olhou para o corpo de Edmond e percebeu, em pânico, que não podia mais ver Langdon.

Onde ele está?

Mais alarmante, viu o segundo oficial da Guardia, o agente Díaz, entrando de novo na cúpula pelo rasgo no tecido. Díaz examinou o local e começou a ir diretamente para Ambra.

Ele nunca vai me deixar sair daqui!

De repente, Langdon estava ao lado dela. Pôs a mão gentilmente em sua cintura e começou a guiá-la para longe, indo rápido para a outra extremidade da cúpula, a passagem por onde todo mundo havia entrado.

– Srta. Vidal! – gritou Díaz. – Aonde vocês vão?

– Já vamos voltar – respondeu Langdon, levando-a rapidamente pela vastidão deserta, indo em linha reta para o fundo da sala e o túnel de saída.

– Sr. Langdon! – Era a voz do agente Fonseca, gritando atrás deles. – O senhor está proibido de sair desta sala!

Ambra sentiu a mão de Langdon apertando suas costas com mais intensidade.

– Winston – sussurrou Langdon ao fone. – *Agora!*

Um instante depois toda a cúpula escureceu.

C A P Í T U L O **2 8**

O agente Fonseca e seu parceiro Díaz correram pela cúpula escurecida, iluminando o caminho com as lanternas dos celulares e mergulhando no túnel por onde Langdon e Ambra tinham acabado de desaparecer.

Na metade do túnel, Fonseca encontrou o telefone de Ambra caído no carpete.

Essa visão o deixou perplexo.

Ambra jogou fora o telefone?

A Guardia Real, com a permissão de Ambra, usava um aplicativo muito simples para saber sua localização o tempo todo. Só poderia haver uma explicação para ela ter deixado o telefone para trás: queria escapar da proteção deles.

Essa ideia deixou Fonseca extremamente preocupado, se bem que nem de longe tão nervoso quanto a perspectiva de ter que informar ao seu chefe que a futura rainha consorte da Espanha estava desaparecida. O comandante da Guardia era obsessivo e implacável quando se tratava de proteger os interesses do príncipe. Esta noite o próprio comandante havia passado o serviço a Fonseca. Sua diretriz não podia ser mais simples: “Mantenha Ambra Vidal em segurança e fora de encrenca o tempo todo.”

Não posso mantê-la em segurança se não souber onde ela está.

Os dois agentes foram rapidamente até o fim do túnel e chegaram à antessala escura, que agora parecia uma convenção de fantasmas – um monte de rostos pálidos e chocados, iluminados pelas telas dos celulares enquanto se comunicavam com o mundo lá fora, contando o que tinham acabado de testemunhar.

Várias pessoas gritavam:

– Acendam as luzes!

O telefone de Fonseca tocou e ele atendeu.

– Agente Fonseca, aqui é da segurança do museu – disse uma jovem em espanhol com a voz tensa. – Sabemos que vocês estão sem luz aí em cima. Parece que foi um problema de computador. Teremos a energia de volta num instante.

– As câmeras de segurança interna ainda estão funcionando? – perguntou Fonseca, sabendo que todas elas eram equipadas com visão noturna.

– Estão, sim.

Fonseca examinou a sala escura.

– Ambra Vidal acabou de entrar na antessala do lado de fora do teatro principal.

Você consegue ver para onde ela foi?

◆ ◆ ◆

– Um momento, por favor.

Fonseca esperou com o coração martelando de frustração. Tinha acabado de receber a notícia de que o Uber estava com dificuldade para rastrear o carro usado pelo assassino em fuga.

Será que mais alguma coisa pode dar errado esta noite?

Infelizmente, essa era a primeira vez que trabalhava na segurança de Ambra Vidal. Como oficial de alta patente, Fonseca só era designado para acompanhar o próprio príncipe Julián. No entanto, de manhã, seu chefe o havia chamado e dissera:

– Esta noite a Srta. Vidal vai ser anfitriã de um evento contra a vontade do príncipe Julián. Você vai acompanhá-la e garantir que esteja em segurança.

Fonseca jamais imaginaria que a apresentação acabaria sendo um ataque explícito contra a religião, culminando num assassinato público. Ainda tentava digerir a recusa raivosa de Ambra em atender ao telefonema preocupado do príncipe.

Tudo aquilo parecia inconcebível, no entanto, o comportamento bizarro dela só vinha aumentando. Ao que parecia, Ambra Vidal estava tentando despistar sua equipe de segurança para poder fugir com um professor americano.

Se o príncipe Julián ficar sabendo disso…

– Agente Fonseca? – A voz da mulher da segurança retornou. – Podemos ver que a Srta. Vidal e um acompanhante saíram da antessala. Seguiram pela passarela e acabaram de entrar na galeria onde está a exposição *Celas*, de Louise Bourgeois.

Saia pela porta e vire à direita. É a segunda galeria à sua direita.

– Obrigado! Continue rastreando-os!

Fonseca e Díaz correram pela antessala e saíram na passarela. Lá embaixo podiam ver bandos de convidados andando rapidamente pelo saguão em direção às saídas.

À direita, exatamente como a segurança havia informado, Fonseca viu a abertura de uma grande galeria. A placa da exposição dizia: CELAS.

A galeria era ampla e abrigava um conjunto de estranhas áreas cercadas, parecidas com jaulas, cada uma contendo uma escultura branca e amorfa.

– Srta. Vidal! – gritou Fonseca. – Sr. Langdon!

Não recebendo resposta, os dois agentes começaram a procurar.

Várias salas atrás dos agentes da Guardia, do lado de fora do auditório em cúpula, Langdon e Ambra estavam passando por um labirinto de andaimes, indo em silêncio em direção a uma placa de saída, mal iluminada, a distância.

Suas ações nos últimos minutos tinham sido um borrão – com Langdon e Winston colaborando para enganar os agentes.

Seguindo a indicação de Langdon, Winston havia apagado as luzes e mergulhado a cúpula na escuridão. O professor tinha feito uma imagem mental da distância entre a posição em que se encontravam e o túnel de saída, com uma estimativa quase perfeita. Na boca do túnel, Ambra jogou seu telefone na passagem escura. Depois, em vez de entrar na passagem, eles deram meia-volta, permanecendo

dentro da cúpula, e voltaram ao longo da parede interna, correndo as mãos pelo tecido até encontrarem o rasgo por onde o agente da Guardia havia saído em perseguição ao assassino de Edmond. Depois de passar pela abertura na parede de tecido, os dois foram até a parede externa da sala e seguiram na direção de uma placa iluminada que indicava uma escada de emergência.

Langdon se lembrou com espanto da rapidez com que Winston tinha tomado a decisão de ajudá-los.

– Se o anúncio de Edmond pode ser acessado com uma senha – dissera Winston

–, devemos encontrá-la e usá-la imediatamente. Minha diretriz original era ajudar Edmond de todos os modos possíveis para tornar o anúncio desta noite um sucesso.

Obviamente fracassei nisso e farei qualquer coisa para ajudar a reparar esse erro.

Langdon já ia agradecer, mas Winston continuou sem respirar. As palavras saíam dele num ritmo que não era humano, como uma gravação passando em velocidade acelerada.

– Se eu pudesse acessar a apresentação de Edmond – disse Winston –, faria isso imediatamente, mas, como o senhor ouviu, ela está armazenada num servidor seguro, fora daqui. Parece que tudo de que precisamos para divulgar a descoberta dele ao mundo é seu telefone especial e a senha. Já examinei todos os textos publicados em busca de um verso de 47 letras e, infelizmente, as possibilidades chegam às centenas de milhares ou mais, considerando o transbordamento de um verso no outro. Além disso, como geralmente as interfaces de Edmond bloqueiam os usuários depois de algumas tentativas fracassadas de digitar a senha, um ataque com força bruta será impossível. Com isso resta apenas uma opção: devemos descobrir a senha de outro modo. Concordo com a Srta. Vidal, vocês devem ir imediatamente à casa de Edmond em Barcelona. Parece lógico que, se ele tinha um verso predileto,

deveria possuir um *livro* contendo o poema, e talvez até tenha marcado de algum modo seu verso preferido. Portanto calculo uma probabilidade muito alta de que Edmond gostaria que vocês fossem a Barcelona, encontrassem a senha e a usassem para divulgar o anúncio, como foi planejado. Além disso, agora constatei que o telefonema de último minuto requisitando a inclusão do almirante Ávila na lista de convidados se originou mesmo no Palácio Real de Madri, como declarou a Srta.

Vidal. Por esse motivo, decidi que não podemos confiar nos agentes da Guardia Real e vou arranjar um modo de despistá-los e facilitar a fuga de vocês.

Incrivelmente, parecia que Winston tinha encontrado um modo de fazer isso.

Langdon e Ambra haviam chegado à saída de emergência, onde Langdon abriu a porta sem fazer barulho, fez com que ela passasse e a fechou de novo.

– Bom – disse a voz de Winston, materializando-se na cabeça de Langdon. –

Vocês estão na escada.

– E os agentes da Guardia?

– Longe. No momento estou falando pelo telefone com eles, fingindo que sou uma agente de segurança do museu e mandando-os para uma galeria na outra ponta do prédio.

Incrível, pensou Langdon, balançando a cabeça positivamente para tranquilizar Ambra.

– Tudo bem.

– Desçam a escada até o térreo e saiam do museu – disse Winston. – Além disso, saibam que, assim que vocês deixarem o prédio, o fone não vai ter mais conexão comigo.

Maldição. Isso não havia ocorrido a Langdon.

– Winston – disse ele apressadamente –, você sabe que Edmond compartilhou a descoberta com alguns líderes religiosos na semana passada?

– Sei que isso parece improvável – respondeu Winston. – Mas, como a introdução desta noite certamente sugeriu, o trabalho de Edmond pode ter um impacto profundo sobre as religiões, de modo que talvez ele quisesse discutir essas descobertas com líderes desse campo.

– Pode ser. Um deles era o bispo Valdespino, de Madri.

– Interessante. Vejo numerosas referências na internet dizendo que ele é um conselheiro muito íntimo do rei da Espanha.

– É, e mais uma coisa. Você sabia que Edmond recebeu uma mensagem de voz ameaçadora vinda de Valdespino depois do encontro entre eles?

– Não. Deve ter sido feita por uma linha privada.

– Edmond me mostrou a gravação. Valdespino insistiu que ele cancelasse a apresentação e alertou que os clérigos consultados estavam avaliando uma medida preventiva para, de algum modo, minar a força de Edmond antes que ele fizesse o anúncio publicamente. – Langdon diminuiu o passo enquanto descia a escada, permitindo que Ambra fosse à frente. E baixou a voz. – Você encontrou alguma conexão entre Valdespino e o almirante Ávila?

Winston fez uma pausa de alguns segundos.

– Não encontrei nenhuma conexão direta, mas isso não significa que não exista.

Só quer dizer que não é documentada.

Os dois se aproximavam do térreo.

– Professor, se me permite… – disse Winston. – Considerando os acontecimentos desta noite, a lógica sugere que forças poderosas estão decididas a enterrar a descoberta de Edmond. Tendo em mente que ele citou *o senhor* durante a apresentação como a pessoa cujas ideias ajudaram a inspirar sua descoberta, é possível que os inimigos de Edmond o considerem uma ponta solta perigosa.

Langdon jamais havia pensado nessa possibilidade e teve uma súbita sensação

de perigo quando chegou ao térreo. Ambra já estava lá e tinha aberto a porta de metal.

– Quando saírem – disse Winston –, vocês vão estar num beco. Virem à esquerda rodeando o prédio e sigam até o rio. Dali vou facilitar seu transporte até o local do qual falamos.

BIO-EC346, pensou Langdon, tendo pedido que Winston os levasse até lá. *O*

lugar onde Edmond e eu deveríamos nos encontrar depois do evento. Finalmente Langdon havia decifrado o código, percebendo que BIO-EC346 não era nenhum clube secreto de ciência. Era uma coisa muito mais corriqueira. Mesmo assim esperava que fosse a chave para sua saída de Bilbao.

Se conseguirmos chegar lá sem sermos detectados…, pensou, sabendo que logo haveria bloqueios de rua em toda parte. *Precisamos nos mover rapidamente.*

Quando Langdon e Ambra passaram pela porta e saíram no ar frio da noite, Langdon ficou intrigado ao ver o que pareciam contas de rosário espalhadas pelo chão. Nem teve tempo de se perguntar por quê. Winston ainda estava falando:

– Assim que chegarem ao rio, vão à passarela embaixo da Ponte La Salve e esperem até…

Subitamente o fone preso à cabeça de Langdon fez um ruído ensurdecedor de estática.

– Winston? – gritou Langdon. – Esperem até… *o quê?*

Mas Winston estava fora de contato, e a porta de metal tinha acabado de bater atrás deles.

C A P Í T U L O **2 9**

Quilômetros ao sul, nos arredores de Bilbao, um sedã do Uber ia a toda a velocidade para o sul pela Autoestrada AP-68 em direção a Madri. No banco de trás, o almirante Ávila havia tirado o paletó branco e o quepe da Marinha, desfrutando de um sentimento de liberdade enquanto se recostava e refletia sobre a simplicidade da fuga.

Como o Regente prometeu.

Quase imediatamente depois de entrar no carro, Ávila havia sacado a pistola e a pressionado contra a cabeça do motorista trêmulo. Seguindo sua ordem, o homem jogou o smartphone pela janela, cortando a única conexão do veículo com a sede do Uber.

Então Ávila examinou a carteira do chofer, memorizando seu endereço e o nome da mulher e dos dois filhos dele. “Faça o que eu mandar”, disse Ávila, “ou sua família vai morrer” . Os nós dos dedos do homem ficaram brancos no volante e Ávila soube que tinha um motorista solícito por toda a noite.

Agora estou invisível, pensou enquanto carros da polícia corriam na direção oposta com as sirenes uivando.

Enquanto o veículo seguia rapidamente para o sul, Ávila se acomodou para a longa viagem, saboreando os resquícios da excitação causada pela adrenalina. *Servi bem à causa*, pensou. Olhou a tatuagem na palma da mão, percebendo que havia sido uma precaução desnecessária. *Pelo menos por enquanto.*

Confiando que o aterrorizado motorista do Uber obedeceria às ordens, Ávila baixou a pistola. Enquanto o carro partia para Madri, olhou de novo os dois adesivos no para-brisa.

Quais são as chances disso? , pensou.

O primeiro adesivo era de esperar: o logotipo do Uber. Mas o segundo só podia ter sido um sinal vindo do alto.

A cruz papal. Hoje em dia esse símbolo estava em toda parte: católicos ao redor da Europa mostravam solidariedade ao novo papa, elogiando a liberalização e a modernização da Igreja.

Ironicamente, a descoberta de Ávila de que o motorista era devoto do papa liberal tinha transformado a experiência de apontar uma arma para o sujeito em algo quase prazeroso. O almirante estava pasmo ao ver como as massas preguiçosas adoravam esse novo pontífice que permitia que os seguidores de Cristo escolhessem

num bufê de leis de Deus quais regras eram palatáveis e quais não eram. Quase da noite para o dia, dentro do Vaticano, questões como controle de natalidade, casamento gay, ordenação de mulheres e outras causas liberais tinham ido parar na mesa para ser discutidas. Dois mil anos de tradição pareciam evaporar num piscar de olhos.

Felizmente ainda existem aqueles que lutam pelos costumes antigos.

Ávila escutou trechos do hino de Oriamendi tocando na sua cabeça.

E eu me sinto honrado em servi-los.

C A P Í T U L O **3 0**

A força de segurança mais antiga e mais elitizada da Espanha, a Guardia Real, tem uma tradição feroz que data dos tempos medievais. Os agentes da Guardia consideram seu dever diante de Deus garantir a segurança da família real, proteger as propriedades reais e defender a honra real.

O comandante Diego Garza – supervisor dos quase dois mil membros da Guardia – era um homem de 60 anos, pequeno e magro, de pele morena, olhos minúsculos e cabelo preto e ralo penteado para trás sobre um crânio pintalgado. Suas feições de roedor e a estatura diminuta tornavam Garza quase invisível numa multidão, o que ajudava a camuflar sua enorme influência dentro dos muros do palácio.

Muito tempo antes Garza havia aprendido que o verdadeiro poder não derivava da força física, e sim da influência política. O comando das tropas da Guardia Real certamente lhe garantia influência, mas era sua presciente sabedoria política que o estabelecera como encarregado do palácio numa enorme variedade de questões, tanto pessoais quanto profissionais.

Fiel guardador de segredos, Garza jamais havia traído a confiança de ninguém.

Sua reputação de firme discrição, junto com a capacidade espantosa de resolver problemas delicados, o tornara indispensável para o rei. Mas agora Garza e outros no palácio encaravam um futuro incerto enquanto o idoso soberano vivia seus últimos dias no Palacio de la Zarzuela.

Durante mais de quatro décadas, o rei tinha governado um país turbulento enquanto estabelecia uma monarquia parlamentar depois de 36 anos da ditadura sangrenta do ultraconservador general Francisco Franco. Desde a morte de Franco, em 1975, o rei tinha tentado trabalhar de mãos dadas com o governo para cimentar o processo democrático da Espanha, levando o país lentamente de volta para a esquerda.

Para os jovens as mudanças eram lentas demais.

Para os tradicionalistas idosos as mudanças eram blasfemas.

Muitos membros da elite da Espanha ainda defendiam ferozmente a doutrina conservadora de Franco, especialmente sua visão do

catolicismo como uma “religião de Estado” e sustentação moral da nação. Porém, um número cada vez maior de jovens espanhóis se opunha com firmeza a esse ponto de vista: condenando audaciosamente a hipocrisia da religião organizada e fazendo campanha por uma

separação maior entre Igreja e Estado.

Agora, com um príncipe de meia-idade a ponto de ascender ao trono, ninguém tinha certeza da direção para onde o novo rei tenderia. Durante décadas, o príncipe Julián tinha feito um serviço admirável realizando seus insossos deveres cerimoniais, deixando por conta do pai as questões políticas e jamais evidenciando suas crenças pessoais. Ainda que a maioria dos comentaristas suspeitasse de que ele era muito mais liberal do que o pai, realmente era impossível ter certeza.

Mas esta noite o véu seria retirado.

À luz dos acontecimentos chocantes em Bilbao e da impossibilidade de o rei falar publicamente devido aos problemas de saúde, o príncipe não teria escolha a não ser abordar os perturbadores acontecimentos da noite.

Várias altas autoridades do governo, inclusive o primeiro-ministro, já haviam condenado o assassinato, evitando com astúcia fazer mais comentários até que o Palácio Real se pronunciasse – com isso depositando toda a confusão no colo do príncipe Julián.

Garza não ficou surpreso; o envolvimento da futura rainha, Ambra Vidal, transformava a situação em uma granada política na qual ninguém sentia vontade de pôr a mão.

O príncipe Julián será testado esta noite, pensou, subindo rapidamente a grande escadaria em direção aos aposentos reais do palácio. *Ele vai precisar de orientação. E, com o pai incapacitado, essa orientação terá de ser dada por mim.*

O comandante caminhou por toda a extensão do corredor da *residencia* e finalmente chegou à porta do príncipe. Respirou fundo e bateu.

Estranho, pensou ao não obter resposta. *Sei que ele está aqui*. Segundo o agente Fonseca, em Bilbao, o príncipe Julián tinha acabado de telefonar do apartamento e estava tentando falar com Ambra Vidal para garantir que ela estava em segurança. E, graças aos céus, ela estava.

Garza bateu de novo, sentindo uma preocupação crescente ao não obter resposta.

Rapidamente destrancou a porta.

– Don Julián? – gritou entrando.

O apartamento estava escuro, a não ser pela luz tremeluzente da televisão na sala.

– Olá?

Garza entrou e encontrou o príncipe de pé, sozinho no escuro, uma silhueta imóvel virada para a janela. Ainda estava impecavelmente vestido, com o terno bem cortado que usara nas reuniões daquela tarde.

Olhando em silêncio, Garza ficou inquieto diante do aparente estado de transe de seu príncipe. *Parece que esta crise o deixou atônito.*

O comandante pigarreou, revelando sua presença.

Quando o príncipe finalmente falou, fez isso sem virar as costas para a janela.

– Quando liguei para Ambra – disse ele –, ela se recusou a falar comigo.

A voz de Julián parecia mais perplexa do que magoada.

Garza não sabia direito como responder. Dados os acontecimentos da noite, parecia incompreensível que Julián estivesse pensando em seu relacionamento com Ambra – um noivado que vinha se mostrando tenso desde o início mal concebido.

– Imagino que a Srta. Vidal ainda esteja em choque – sugeriu Garza, baixinho.

– O agente Fonseca vai entregá-la ao senhor mais tarde, ainda esta noite. Então os dois poderão conversar. E deixe-me acrescentar como me sinto aliviado ao saber que ela está em segurança.

O príncipe Julián balançou a cabeça, distraído.

– O atirador está sendo rastreado – disse Garza, tentando mudar de assunto. –

Fonseca me garantiu que logo estarão com o terrorista sob custódia. – Ele usou a palavra “terrorista” intencionalmente, com esperança de tirar o príncipe do atordoamento.

Mas ele só assentiu inexpressivo outra vez.

– O primeiro-ministro condenou o assassinato – continuou Garza –, mas o governo espera que *o senhor* faça algum pronunciamento… considerando o envolvimento de Ambra. – Ele fez uma pausa. – Sei que a situação é incômoda, dado o seu noivado, mas eu sugeriria que o senhor simplesmente dissesse que uma das coisas que mais admira em sua noiva é a independência. E que, mesmo sabendo que ela não compartilha das ideias políticas de Edmond Kirsch, aplaude o fato de ela cumprir com seus compromissos como diretora do museu. Eu posso escrever alguma coisa, se o senhor quiser. Deveríamos fazer uma declaração a tempo de ser transmitida nos noticiários da manhã.

O olhar de Julián não se afastou da janela.

– Eu gostaria de ouvir a opinião do bispo Valdespino sobre qualquer declaração que fizermos.

Garza trincou o maxilar e engoliu a desaprovação. A Espanha pós-Franco era um *Estado aconfesional*, ou seja, não tinha mais uma religião de Estado, e a Igreja não deveria se envolver em questões políticas. Mas a amizade íntima de Valdespino com o rei sempre havia garantido ao bispo uma influência incomum nas questões cotidianas do palácio. Infelizmente a política linha dura e o fanatismo religioso de Valdespino deixavam pouco espaço para a diplomacia e o tato exigidos para abordar a crise daquela noite.

Precisamos de nuance e sutileza – não de dogma e fogos de artifício.

Garza havia descoberto muito tempo atrás que a aparência devota de Valdespino escondia uma verdade muito simples: o bispo sempre servia aos próprios interesses antes dos interesses de Deus. Até recentemente isso era algo que Garza podia ignorar, mas, agora, com o equilíbrio do poder se alterando, a visão do bispo se juntando a Julián era motivo para uma preocupação significativa.

Valdespino já é próximo demais do príncipe.

Garza sabia que Julián sempre havia considerado o bispo alguém da "família" –

mais como um tio com quem podia contar do que uma autoridade religiosa. Como confidente mais íntimo do rei, Valdespino recebera a tarefa de supervisionar o desenvolvimento moral do jovem Julián e tinha feito isso com dedicação e fervor: selecionando todos os tutores do príncipe, apresentando-o às doutrinas da fé e até aconselhando-o em questões do coração. Agora, anos mais tarde, mesmo quando Julián e Valdespino não concordavam em tudo, o elo entre os dois continuava profundo.

– Don Julián – disse Garza em tom calmo –, estou convencido de que a situação desta noite é algo que o senhor e eu deveríamos abordar sozinhos.

– É mesmo? – questionou a voz de um homem na escuridão atrás dele.

Garza virou, pasmo ao ver um fantasma de batina sentado nas sombras.

Valdespino.

– Devo dizer, comandante – sibilou Valdespino –, que achei que o *senhor*, mais do que qualquer pessoa, perceberia quanto vocês precisam de mim esta noite.

– Esta é uma situação *política* – declarou Garza com firmeza –, e não religiosa.

Valdespino zombou.

– O fato de o senhor ser capaz de fazer uma declaração dessas me diz que superestimei grosseiramente sua perspicácia política. Se quer minha opinião, só existe uma reação adequada para esta crise. Devemos garantir à nação que o futuro rei da Espanha, o príncipe Julián, é um homem muito religioso, católico devoto.

– Concordo… e incluiremos uma menção à fé de Don Julián em qualquer declaração que ele fizer.

– E quando o príncipe Julián aparecer diante da imprensa, precisará de mim ao lado, com a mão em seu ombro, um símbolo poderoso da força de sua ligação com a Igreja. Essa imagem fará mais para tranquilizar a nação do que qualquer palavra que o senhor puder escrever.

Garza se eriçou.

– O mundo acaba de testemunhar um assassinato brutal em solo espanhol –

declarou Valdespino. – Em tempos de violência, nada consola mais do que a mão de Deus.

C A P Í T U L O **3 1**

A Ponte Széchenyi – uma das oito de Budapeste – se estende por mais de 300

metros através do Danúbio. Emblema da ligação entre Oriente e Ocidente, é considerada uma das mais belas do mundo.

O que estou fazendo? , perguntou-se o rabino Köves, olhando por cima do parapeito para as águas em redemoinho lá embaixo. *O bispo me aconselhou a ficar em casa.*

Köves sabia que não deveria ter saído. No entanto, sempre que se sentia inquieto, algo na ponte o atraía. Durante anos tinha caminhado ali à noite para refletir admirando a paisagem atemporal. A leste, em Peste, a fachada iluminada do Palácio Gresham elevava-se orgulhosa contra as torres de sinos da Szent István Bazilika. A oeste, em Buda, em cima da Colina do Castelo, erguiam-se os muros fortificados do Castelo de Buda. E para o norte, às margens do Danúbio, destacavam-se os elegantes pináculos do edifício do Parlamento, o maior da Hungria.

Mas Köves suspeitava que não era a paisagem que o levava continuamente à ponte pênsil. Era uma coisa muito diversa.

Os cadeados.

Por toda a extensão do parapeito da ponte e dos cabos de sustentação, pendiam centenas de cadeados – cada um com um par de iniciais diferentes, cada um preso à ponte por toda a eternidade.

A tradição era que dois amantes iam juntos até ali, escreviam as iniciais no cadeado, prendiam-no à ponte e jogavam a chave na água profunda, onde estaria perdida para sempre – símbolo da ligação eterna entre eles.

A promessa mais simples de todas, pensou Köves, tocando um dos cadeados.

Minha alma está presa à sua para sempre.

Toda vez que Köves precisava ser lembrado de que o amor sem limites existia no mundo, ia ver esses cadeados. Esta noite parecia uma dessas ocasiões. Olhando os redemoinhos na água, sentiu que o mundo estava subitamente se movendo depressa demais. *Talvez eu não pertença mais a este lugar.*

O que antes eram momentos calmos de reflexão solitária – alguns minutos sozinho num ônibus, caminhando para o trabalho ou esperando a hora de um compromisso – agora pareciam insuportáveis, e as pessoas impulsivamente pegavam os telefones, os fones de ouvido e os jogos, incapazes de lutar contra a atração

viciante da tecnologia. Os milagres do passado estavam se esvaindo, substituídos por uma fome incessante de tudo que fosse novo.

Agora, enquanto olhava o Danúbio, Yehuda Köves sentia-se cada vez mais cansado. Sua visão pareceu ficar turva e ele começou a ver formas fantasmagóricas, amorfas, movendo-se sob a superfície da água. De repente, o rio parecia um caldo borbulhante de criaturas brotando nas profundezas.

– *A víz él* – disse uma voz atrás dele. – *A água está viva*.

O rabino se virou e viu um garoto de cabelos encaracolados e olhos esperançosos. Ele fez com que Yehuda se lembrasse de si mesmo quando era mais novo.

– O quê? – perguntou o rabino.

O garoto abriu a boca para falar. Mas, em vez de linguagem, um zumbido eletrônico brotou de sua garganta e uma luz branca e ofuscante relampejou em seus olhos.

O rabino Köves acordou ofegante, sentando-se empertigado na cadeira.

– *Oy gevalt! – Meu Deus!*

O telefone em sua mesa estava tocando com estardalhaço e o velho rabino examinou em pânico o escritório de seu *házikó*. Por sorte estava totalmente sozinho.

Podia sentir o coração martelando.

Que sonho estranho! , pensou, tentando recuperar o fôlego.

O telefone insistia, e Köves sabia que àquela hora só podia ser o bispo Valdespino, ligando para deixá-lo a par do transporte para Madri.

– Bispo Valdespino – disse o Rabino, ainda desorientado. – O que há de novo?

– Rabino Yehuda Köves? – perguntou uma voz desconhecida. – O senhor não me conhece e não quero assustá-lo, mas preciso que o senhor escute com atenção.

De repente Köves estava totalmente desperto.

A voz era feminina, mas estava alterada de algum modo, parecendo distorcida.

A pessoa falava num inglês apressado, com leve sotaque espanhol.

– Estou alterando minha voz por privacidade. Peço desculpas por isso, mas num instante o senhor vai entender o motivo.

– Quem é? – perguntou Köves.

– Sou um informante, alguém que não aprecia quem tenta esconder a verdade do público.

– Eu… não entendo.

– Rabino Köves, sei que o senhor participou de uma reunião particular com Edmond Kirsch, o bispo Valdespino e o *allamah* Syed al-Fadl há alguns dias na Abadia de Montserrat.

Como ela sabe disso?

– Além do mais, sei que Edmond Kirsch forneceu aos três informações amplas sobre sua recente descoberta científica… e que agora o senhor está envolvido numa conspiração para escondê-la.

– O quê?!

– Se não me ouvir com atenção, prevejo que o senhor estará morto de manhã, eliminado pelo braço longo do bispo Valdespino. – A mulher fez uma pausa. –

Assim como Edmond Kirsch e seu amigo Syed al-Fadl.

C A P Í T U L O **3 2**

A Ponte La Salve, em Bilbao, atravessa o Rio Nervión tão próximo do Museu Guggenheim que as duas estruturas costumam parecer fundidas. Reconhecível imediatamente por seu suporte central único – uma altíssima estrutura de um vermelho vivo na forma de uma gigantesca letra *H* –, a ponte foi batizada de “La Salve” por conta de histórias folclóricas de marinheiros que, ao voltarem do mar, por esse rio, faziam orações de agradecimento pela chegada ao lar em segurança.

Depois de sair pelos fundos do prédio, Langdon e Ambra tinham atravessado a distância curta entre o museu e a margem do rio e agora esperavam, como Winston havia pedido, num caminho nas sombras, diretamente abaixo da ponte.

Estamos esperando o quê? , pensou Langdon, em dúvida.

Enquanto ficavam ali, no escuro, ele pôde ver a forma esguia de Ambra tremendo de frio sob o fino vestido de noite. Tirou a casaca e colocou nos ombros dela, alisando o tecido sobre os braços.

Sem aviso, ela se virou subitamente e o encarou.

Por um instante Langdon temeu que tivesse ultrapassado uma fronteira, mas a expressão de Ambra não era de desprazer, e sim de gratidão.

– Obrigada – sussurrou ela, olhando-o. – Obrigada por me ajudar.

Com os olhos fixos nos de Langdon, Ambra Vidal pegou as mãos dele e as apertou, como se tentasse absorver qualquer calor ou conforto que ele pudesse oferecer.

Então, com a mesma rapidez, soltou-as.

– Desculpe – sussurrou –, *conducta impropia*, como diria minha mãe.

Langdon sorriu para tranquilizá-la.

– Circunstâncias atenuantes, como diria *minha* mãe.

Ela conseguiu dar um sorriso, que teve vida curta.

– Estou me sentindo péssima – disse, desviando o olhar. – O que aconteceu esta noite com Edmond…

– É espantoso… pavoroso – completou Langdon, sabendo que continuava num choque muito grande para expressar totalmente as emoções.

Ambra estava olhando para a água.

– E pensar que meu noivo, Don Julián, está envolvido…

Langdon pôde perceber o sentimento de traição na voz dela e não soube direito como responder.

– Sei o que isso parece – disse, pisando leve nesse terreno delicado –, mas realmente não temos certeza. É possível que o príncipe Julián não soubesse dos planos de assassinato desta noite. O

assassino podia estar agindo sozinho ou trabalhando para outra pessoa que não ele. Faz pouco sentido que o futuro rei da Espanha orquestrasse o assassinato público de um civil, ainda mais se esse crime pudesse ser rastreado diretamente até ele.

– Só é rastreável porque *Winston* descobriu que Ávila foi um acréscimo de última hora na lista de convidados. Talvez Julián achasse que ninguém descobriria quem puxou o gatilho.

Langdon precisou admitir que o argumento era válido.

– Eu jamais deveria ter falado com Julián sobre a apresentação de Edmond –

disse Ambra, virando-se de novo para ele. – Ele estava insistindo para que eu não participasse, por isso tentei tranquilizá-lo dizendo que meu envolvimento seria mínimo, que tudo não passava de uma projeção de vídeo. Acho que até falei a Julián que Edmond ia lançar sua descoberta a partir de um smartphone. – Ela fez uma pausa. – O que quer dizer que, se perceberem que pegamos o telefone de Edmond, vão se dar conta de que a descoberta *ainda* pode ser transmitida. E realmente não sei até que ponto Julián iria para interferir.

Langdon observou aquela mulher linda por um longo momento.

– Você não confia mesmo no seu noivo, não é?

Ambra respirou fundo.

– A verdade é que não o conheço tão bem quanto você poderia presumir.

– Então por que aceitou se casar com ele?

– Julián me colocou numa situação em que não tive escolha.

Antes que Langdon pudesse responder, um ribombar grave começou a sacudir o cimento embaixo dos pés deles, reverberando pelo

espaço parecido com uma gruta embaixo da ponte. O som ficou cada vez mais alto. Parecia vir do rio, à direita deles.

Langdon se virou e viu uma forma escura vindo na direção dos dois – uma lancha se aproximando com as luzes apagadas. À medida que se aproximava da alta margem de cimento, ela diminuiu a velocidade e começou a deslizar, chegando perfeitamente ao lado deles.

Langdon olhou a embarcação e balançou a cabeça. Até aquele momento não sabia direito quanta fé poderia colocar no guia computadorizado de Edmond, mas, agora, vendo um táxi aquático amarelo se aproximar da margem, percebeu que Winston era o melhor aliado que poderiam ter.

O piloto desgrenhado acenou para eles embarcarem.

– O seu amigo inglês… ele ligou para mim – disse o homem. – Disse: cliente VIP paga triplo por… como se diz… *¿velocidad y discreción*? Eu fiz isso… viu?

Sem luzes!

– Sim, obrigado – respondeu Langdon.

Muito bem, Winston. Velocidade e discrição.



O piloto estendeu a mão para ajudar Ambra a embarcar e, quando ela desapareceu na pequena cabine coberta para se aquecer, ele deu um sorriso de olhos arregalados para Langdon.

– Esta é minha VIP? A *Señorita* Ambra Vidal?

– *¿Velocidad e discreción?* – lembrou Langdon.

– *¡Sí, sí!* Ok!

O homem foi rapidamente para o leme e acelerou o motor. Instantes depois a lancha ia para o oeste em meio à escuridão do Rio Nervión.

À esquerda do barco, Langdon podia ver a gigantesca viúva-negra do Guggenheim, iluminada de modo fantasmagórico pelas luzes giratórias dos carros da polícia. Acima, um helicóptero da imprensa atravessava o céu em direção ao museu.

O primeiro de muitos, suspeitou Langdon.

Em seguida pegou no bolso o cartão com a anotação cifrada de Edmond. *BIO-EC346*. Edmond tinha dito para entregá-lo a um motorista de táxi, mas ele provavelmente jamais imaginaria que o veículo seria um táxi aquático.

– Nosso amigo inglês… – gritou Langdon para o piloto acima do som dos motores. – Presumo que ele tenha dito aonde vamos, não é?

– Sim, sim! Eu avisei ele meu barco leva vocês só *quase* até lá, mas ele disse sem problema, vocês anda 300 metros, não? – respondeu o homem, tentando falar com Langdon em inglês.

– Tudo bem. E é muito longe daqui?

O homem apontou para uma estrada que corria ao longo do rio à direita.

– Placa estrada diz sete quilômetros, mas barco, um pouco mais.

Langdon olhou a placa iluminada.

AEROPUERTO BILBAO (BIO)

7 KM

Deu um sorriso pesaroso, lembrando-se da voz de Edmond. *É um código dolorosamente simples, Robert*. Edmond estava certo e, quando Langdon finalmente o deduzira, mais cedo, tinha ficado sem graça por demorar tanto.

BIO era mesmo um código – tão fácil de decifrar quanto códigos semelhantes ao redor do mundo: BOS, LAX, JFK.

BIO é o código do aeroporto local.

O resto do código de Edmond havia se encaixado instantaneamente.

EC346.

Langdon nunca tinha visto o jato particular de Edmond, mas sabia de sua existência e estava quase certo de que o código na cauda de um avião na Espanha começaria com a letra *E.*

Com certeza, se um motorista de táxi o tivesse levado ao Aeroporto de Bilbao,

Langdon poderia ter apresentado o cartão de Edmond à segurança e ser acompanhado até seu jato particular.

Espero que Winston tenha conseguido falar com os pilotos, avisando que estamos indo, pensou, olhando de volta na direção do museu que estava ficando cada vez menor, lá atrás.

Pensou em ir para a cabine juntar-se a Ambra, mas a sensação do ar puro era boa e ele decidiu dar alguns minutos para ela ficar a sós e se recuperar.

Eu também gostaria de ter um momento a sós, pensou, indo para a proa.

Na frente do barco, com o vento açoitando o cabelo, Langdon desamarrou a gravata-borboleta e a colocou no bolso. Depois abriu o botão de cima do colarinho formal e respirou o mais fundo que pôde, deixando o ar noturno encher os pulmões.

Edmond, pensou. *O que você fez?*

C A P Í T U L O **3 3**

O comandante Diego Garza estava fumegando enquanto andava de um lado para outro na penumbra do apartamento do príncipe Julián ouvindo o sermão fanático do bispo.

O senhor está ultrapassando os limites, Garza queria gritar para Valdespino.

Esta não é a sua área.

De novo o bispo Valdespino tinha se metido na política do palácio. Tendo se materializado como um espectro na escuridão do apartamento de Julián, Valdespino estava adornado com as vestimentas eclesiásticas completas e agora fazia um sermão passional para Julián, falando da importância das tradições espanholas, da religiosidade devota dos reis e rainhas do passado e da influência reconfortante da Igreja em tempos de crise.

Este não é o momento. Garza fervia por dentro.

Esta noite o príncipe Julián precisaria desempenhar um papel delicado de relações públicas, e a última coisa de que Garza necessitava era que ele fosse distraído pelas tentativas do bispo de impor uma agenda religiosa.

O toque do seu telefone interrompeu convenientemente o monólogo de Valdespino.

– *Sí, dime* – disse Garza em voz alta, posicionando-se entre o príncipe e o bispo. – *¿Qué tal va?*

– Senhor, é o agente Fonseca, em Bilbao – respondeu a pessoa do outro lado da linha, num espanhol rapidíssimo. – Infelizmente não conseguimos capturar o atirador. A empresa prestadora de serviços, que achamos que poderia rastreá-lo, perdeu o contato. Parece que o atirador previu nossas ações.

Garza engoliu a raiva e exalou o ar com calma, tentando garantir que sua voz não revelasse nada sobre seu estado de ânimo.

– Sei – respondeu em tom tranquilo. – No momento sua única preocupação deve ser a Srta. Vidal. O príncipe está esperando para vê-la e nós garantimos a ele que você irá trazê-la para cá em breve.

Houve um longo silêncio na linha. Longo demais.

– Comandante? – perguntou Fonseca, hesitando. – Sinto muito, senhor, mas tenho más notícias. Parece que a Srta. Vidal e o professor americano saíram do prédio. – Ele fez uma pausa. – Sem nós.

Garza quase largou o telefone.

– Desculpe, você pode… repetir isso?

– Sim, senhor. A Srta. Vidal e Robert Langdon fugiram do museu. A Srta.

Vidal se desfez intencionalmente do telefone dela, de modo que não pudéssemos rastreá-la. Não temos ideia de para onde eles foram.

Garza percebeu que tinha ficado boquiaberto, e agora o príncipe estava encarando-o com preocupação aparente. Valdespino também se inclinava para escutar, as sobrancelhas arqueadas com interesse inconfundível.

– Ah, notícia excelente! – disse Garza de súbito, assentindo com convicção. –

Bom trabalho. Veremos todos vocês aqui mais tarde. Só vamos confirmar os protocolos de transporte e segurança. Um momento, por favor.

Garza cobriu o telefone e sorriu para o príncipe.

– Está tudo bem. Só vou dar um pulinho em outro cômodo para cuidar dos detalhes, de modo que os senhores possam ter privacidade.

Garza estava relutante em deixar o príncipe sozinho com Valdespino, mas aquele não era um telefonema que ele poderia continuar na frente dos dois, por isso foi até um dos quartos de hóspedes, entrou e fechou a porta.

– *¿Qué diablos ha pasado?* – perguntou. *Que diabo aconteceu?*

Fonseca contou uma história que parecia uma fantasia completa.

– As luzes se apagaram? – irritou-se Garza. – Um *computador* fingiu ser uma agente de segurança e lhe deu informações erradas? Como eu deveria reagir a isso?

– Sei que é difícil imaginar, senhor, mas chegamos à conclusão de que foi exatamente o que aconteceu. O que estamos lutando para entender é por que o computador teve uma mudança de postura tão súbita.

– Mudança de postura?! É uma porcaria de um computador!

– Quero dizer que antes o computador estava ajudando, identificando o nome do atirador, tentando impedir o assassinato e também descobrindo que o veículo usado para a fuga era um Uber. Então, do nada, ele parecia estar trabalhando *contra* nós. Só podemos deduzir que Robert Langdon deve ter dito alguma coisa, porque, depois de uma conversa que ele teve com o computador, tudo mudou.

Agora estou lutando contra um computador? Garza decidiu que estava ficando velho demais para esse mundo moderno.

– Tenho certeza, agente Fonseca, de que não preciso dizer como seria embaraçoso para o príncipe, tanto pessoal quanto politicamente, se fosse revelado que sua noiva fugiu com o americano e que a Guardia Real foi enganada por um computador.

– Temos plena consciência disso.

– Você tem alguma ideia do que levaria os dois a fugir? Parece uma coisa totalmente imprevista e imprudente.

– O professor Langdon resistiu um bocado quando falei que ele iria conosco para Madri esta noite. Deixou claro que não desejava ir.

E por isso fugiu de um local de assassinato? Garza sentiu que havia alguma

coisa por trás disso, mas não conseguia imaginar o que fosse.

– Ouça com atenção. É absolutamente fundamental que você localize Ambra Vidal e a traga para o palácio antes que qualquer dessas informações vaze.

– Entendo, senhor, mas Díaz e eu somos os únicos agentes aqui. Não podemos revirar toda Bilbao sozinhos. Precisaremos alertar as autoridades locais, obter acesso às câmeras de trânsito, apoio aéreo, todas…

– De jeito nenhum! – reagiu Garza. – Não podemos nos dar ao luxo desse embaraço. Façam o seu serviço. Encontrem-nos sozinhos e devolvam a Srta. Vidal à nossa custódia o mais rápido possível.

– Sim, senhor.

Garza desligou, incrédulo.

Enquanto saía do quarto, uma jovem pálida se aproximou dele rapidamente pelo corredor. Estava usando os óculos de fundo de garrafa e o terninho bege de sempre e segurava ansiosamente um tablet.

Deus me ajude, pensou Garza. *Agora, não.*

Mónica Martín era a mais recente e mais jovem “coordenadora de relações públicas” de todos os tempos no palácio: um posto que incluía os serviços de contato com a mídia, estrategista de relações

públicas e diretora de comunicações – e que Mónica parecia realizar em permanente estado de alerta.

Aos 26 anos, Mónica possuía diploma de Comunicação da Universidade Complutense de Madri, tinha feito dois anos de pós-graduação numa das principais escolas de informática do mundo – a Universidade de Tsinghua, em Pequim – e depois tivera um cargo importante de relações públicas no Grupo Planeta, seguido por um alto posto de “comunicações” na rede de televisão espanhola Antena 3.

No ano anterior, numa tentativa desesperada de se conectar com os jovens da Espanha por meio da mídia digital e para acompanhar a influência cada vez maior do Twitter, do Facebook, dos blogs e dos jornais e revistas on-line, o palácio havia demitido um antigo profissional de RP, com décadas de experiência na mídia impressa, e o substituíra por essa jovem cheia de conhecimento tecnológico.

Mónica deve tudo ao príncipe Julián, Garza sabia.

A nomeação da jovem tinha sido uma das poucas contribuições do príncipe Julián às operações do palácio – uma situação rara em que ele teve uma queda de braço com o pai. Mónica Martín era considerada uma das melhores do ramo, mas Garza achava sua paranoia e sua energia nervosa absolutamente exaustivas.

– Teorias da conspiração – anunciou ela, balançando o tablet enquanto chegava.

– Estão explodindo em toda parte.

Garza olhou incrédulo para sua coordenadora de relações públicas. *Está parecendo que eu me importo?* Ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar esta noite do que com a fábrica de boatos conspiratórios.

– Poderia me dizer o que está fazendo, andando pela residência real?

– A sala de controle acabou de localizar o seu GPS. – Ela apontou para o

telefone no cinto de Garza.

Ele fechou os olhos e soltou o ar, engolindo a irritação. Além de uma nova coordenadora de RP, o palácio havia implementado recentemente uma nova “divisão de segurança eletrônica”, que apoiava sua equipe com serviços de GPS, vigilância digital, criação de perfis e coleta preventiva de dados. A cada dia o grupo de funcionários de Garza ficava mais diversificado e jovem.

Nossa sala de controle parece o centro de informática de uma universidade.

Aparentemente a tecnologia recém-implementada para localizar os agentes da Guardia também estava rastreando o próprio Garza. Era irritante pensar que um punhado de garotos no porão sabia seu paradeiro a todo instante.

– Vim falar com o senhor pessoalmente – disse Mónica, estendendo o tablet –

porque tinha certeza de que gostaria de ver isso.

Garza arrancou o aparelho das mãos dela e olhou para a tela, vendo uma foto e uma biografia do espanhol de barba grisalha que tinha sido identificado como o atirador de Bilbao: o almirante Luis Ávila, da Marinha real.

– Há muitos comentários negativos – continuou Mónica –, e estão falando que Ávila foi empregado da família real.

– Ávila trabalhava para a *Marinha*! – reagiu Garza com rispidez.

– É, mas tecnicamente o rei é o comandante das Forças Armadas…

– Pode parar – ordenou Garza, empurrando o tablet de volta para ela. – Sugerir que, de algum modo, o rei é cúmplice de um ato

terrorista é um absurdo inventado por malucos obcecados por conspirações, e isso é totalmente irrelevante para nossa situação esta noite. Vamos pensar no lado positivo e voltar ao trabalho. Afinal de contas, esse lunático poderia ter matado a futura rainha consorte, mas em vez disso optou por assassinar um ateu americano. No todo, não é um resultado ruim!

A jovem não se abalou.

– Há outra coisa, senhor, que tem a ver com a família real. Eu não queria que o senhor fosse apanhado desprevenido.

Enquanto Mónica falava, seus dedos voaram sobre o tablet, navegando para outro site.

– Esta é uma foto que está na rede há alguns dias, mas ninguém havia notado.

Agora, com tudo sobre Edmond Kirsch viralizando, a foto começou a aparecer nos noticiários.

Ela entregou o tablet a Garza.

Garza viu a chamada: “Esta é a última foto tirada do futurólogo Edmond Kirsch?”

Uma foto borrada mostrava Kirsch vestindo terno escuro, parado numa pedra ao lado de um penhasco perigoso.

– A foto foi tirada há três dias – disse Mónica –, enquanto Kirsch visitava a Abadia de Montserrat. Um homem que estava trabalhando lá o reconheceu e tirou uma foto. Depois do assassinato, postou a foto como sendo a última que fora tirada

dele.

– E o que isso tem a ver conosco? – ponderou Garza.

– Veja a foto seguinte.

Garza rolou a tela do tablet. Ao ver a segunda imagem, precisou estender a mão e se apoiar na parede.

– Isso… isso não pode ser verdade.

Nessa versão mais larga da mesma foto, Edmond Kirsch podia ser visto ao lado de um homem alto que usava uma tradicional batina roxa da Igreja Católica. Era o bispo Valdespino.

– É verdade, senhor – disse Mónica. – Valdespino se encontrou com Kirsch há alguns dias.

– Mas… – Garza hesitou, momentaneamente sem fala. – Mas por que o bispo não mencionaria isso? Ainda mais considerando tudo o que aconteceu esta noite!

Mónica balançou a cabeça, uma expressão desconfiada no rosto.

– Foi por isso que optei por falar primeiro com o senhor.

Valdespino se encontrou com Kirsch! Garza não conseguia entender. *E o bispo não quis falar sobre isso?* A notícia era assustadora e o comandante ficou ansioso para alertar o príncipe.

– Infelizmente há muito mais.

Mónica começou a manipular o tablet outra vez.

– Comandante? – A voz de Valdespino soou de repente vinda da sala. – Quais são as novidades sobre o transporte da Srta. Vidal?

Mónica Martín levantou a cabeça de modo súbito, com os olhos arregalados.

– É o bispo? – sussurrou ela. – Valdespino está *aqui*, na residência?

– Está. Aconselhando o príncipe.

– Comandante! – chamou Valdespino de novo. – O senhor está aí?

– Acredite – sussurrou Mónica em pânico –, há mais informações a que o senhor *precisa* ter acesso imediatamente, antes de dizer qualquer outra palavra ao bispo ou ao príncipe. Acredite quando digo que a crise desta noite tem um impacto maior sobre nós do que o senhor pode imaginar.

Garza observou por um momento sua coordenadora de RP e tomou uma decisão.

– Lá embaixo, na biblioteca. Encontro você em um minuto.

Mónica assentiu e foi embora.

Sozinho, Garza respirou fundo e forçou as feições a relaxar, esperando apagar todos os traços da raiva e da confusão crescentes. Com calma, voltou para a sala.

– Está tudo bem com a Srta. Vidal – anunciou com um sorriso ao entrar. – Ela vai chegar mais tarde. Estou indo para a sala de segurança confirmar pessoalmente o transporte. – Garza fez um gesto confiante para Julián e depois se virou para o bispo Valdespino. – Volto daqui a pouco. Não vá embora.

Em seguida se virou e saiu.

◆ ◆ ◆

Enquanto Garza deixava o apartamento, o bispo Valdespino ficou observando-o com a testa franzida.

– Alguma coisa errada? – perguntou o príncipe, olhando o bispo com atenção.

– Sim – respondeu Valdespino, virando-se de volta para Julián. – Ouço confissões há 50 anos. Sei quando alguém está falando uma mentira.



C A P Í T U L O **3 4**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

AS PERGUNTAS QUE NÃO QUEREM CALAR

Depois do assassinato de Edmond Kirsch, a multidão de seguidores do futurólogo na internet irrompeu num tiroteio de especulações sobre duas questões urgentes.

QUAL ERA A DESCOBERTA DE KIRSCH?

QUEM O MATOU E POR QUÊ?

Com relação à descoberta, teorias já inundaram a rede e cobrem uma variedade de temas, desde Darwin até extraterrestres, criacionismo e mais além.

Ainda não há um motivo confirmado para o assassinato, mas dentre as teorias estão o fanatismo religioso, a espionagem corporativa e o ciúme.

O ConspiracyNet recebeu a promessa de informações exclusivas sobre o assassino e vamos compartilhá-las com vocês a qualquer momento.

C A P Í T U L O **3 5**

Ambra Vidal estava sozinha na cabine do táxi aquático, apertando a casaca de Robert Langdon em volta do corpo. Minutos antes, quando Langdon tinha perguntado por que ela concordara em se casar com um homem que mal conhecia, Ambra respondera com sinceridade.

Não tive escolha.

Seu noivado com Julián era um infortúnio do qual ela se arrependia e que não suportava reviver esta noite, principalmente depois de tudo o que havia acontecido.

Caí numa armadilha.

Ainda estou numa armadilha.

Agora, olhando seu reflexo na janela suja, uma sensação avassaladora de solidão a engolfou. Ambra Vidal não era de ceder à autopiedade, mas nesse momento seu coração estava frágil e à deriva. *Estou noiva de um homem que está envolvido de algum modo num assassinato brutal.*

O príncipe havia selado o destino de Edmond com um único telefonema, apenas uma hora antes do evento. Ambra estava se preparando freneticamente para a chegada dos convidados quando uma jovem funcionária chegou correndo, balançando empolgada um pedaço de papel.

– *¡Señorita Vidal! ¡Mensaje para usted!*

A garota estava risonha e explicou sem fôlego que um telefonema importante tinha acabado de ser dado para a recepção do museu.

– O identificador de chamadas dizia que era do Palácio Real de Madri –

guinchou ela. – Por isso, claro, eu atendi! E era alguém ligando do escritório do príncipe Julián!

– Ligaram para a recepção? – perguntou Ambra. – Mas eles têm o número do meu celular...

– O secretário do príncipe disse que tentou falar com seu celular, mas não conseguiu.

Ambra verificou seu telefone. *Estranho. Nenhuma chamada perdida.* Então percebeu que alguns técnicos tinham testado pouco antes o sistema de bloqueio de celulares que seria usado mais tarde, e o secretário de Julián devia ter ligado quando seu telefone estava bloqueado.

– Parece que o príncipe recebeu um telefonema de um amigo muito importante em Bilbao, que quer comparecer ao evento desta noite. – A garota entregou o pedaço

de papel a Ambra. – Ele esperava que a senhora pudesse acrescentar um nome à lista de convidados desta noite.

Ambra olhou a mensagem.

Almirante Luis Ávila (reformado)

Armada Española

Um oficial reformado da Marinha espanhola?

– Deixaram um número e disseram que a senhora pode ligar direto, se quiser falar a respeito, mas que Julián estava para entrar numa reunião, de modo que provavelmente a senhora não conseguirá falar com ele. Mas a pessoa que ligou insistiu que o príncipe *espera* que o pedido não seja uma imposição.

Imposição? Ambra fumegou. *Considerando o que você já me fez passar?*

– Eu cuido disso – respondeu. – Obrigada.

A jovem funcionária saiu saltitante como se tivesse acabado de repassar a palavra do próprio Deus. Ambra olhou o pedido do príncipe, irritada por ele achar adequado exercer sua influência desse jeito, especialmente depois de se empenhar tanto para que ela não participasse do evento daquela noite.

De novo você não me deixa escolha, pensou.

Se ignorasse o pedido, o resultado seria um confronto desconfortável com um importante oficial da Marinha à porta do museu. O evento era coreografado meticulosamente e atrairia uma cobertura da mídia sem paralelos. *A última coisa de que preciso é uma situação embaraçosa com um dos amigos influentes de Julián.*

O almirante Ávila não tinha sido checado nem colocado na lista "liberada", mas Ambra suspeitava que o pedido de uma verificação de segurança seria desnecessário e potencialmente insultuoso. Afinal de contas, o sujeito era um prestigiado oficial da Marinha com poder suficiente para pegar o telefone, ligar para o Palácio Real e pedir um favor ao futuro rei.

E assim, com uma programação apertada, tomou a única decisão possível.

Anotou o nome do almirante na lista de convidados e, além disso, o acrescentou ao banco de dados dos guias, para que pudessem preparar um fone para ele.

Em seguida voltou ao trabalho.

E agora Edmond está morto, pensou, voltando ao presente na escuridão do táxi aquático. Enquanto tentava afastar da cabeça as lembranças dolorosas, um pensamento estranho lhe ocorreu.

Não cheguei a falar diretamente com Julián… toda a mensagem foi transmitida por intermediários.

A ideia trouxe um pequeno raio de esperança.

Será possível que Robert esteja certo? E que talvez Julián seja inocente?

Pensou por mais um momento e depois saiu depressa da cabine.

Encontrou o professor americano sozinho na proa, as mãos na amurada,

olhando para a noite. Juntou-se a ele, espantada ao ver que o barco tinha saído do braço principal do Rio Nervión e agora seguia para o norte ao longo de um pequeno afluente que parecia menos um rio e mais um canal perigoso com altos bancos de lama. A água rasa e as margens apertadas deixaram Ambra nervosa, mas o capitão parecia não se abalar, seguindo a toda a velocidade pela garganta estreita, com os faróis mostrando o caminho.

Contou rapidamente a Langdon sobre o telefonema dado por alguém do escritório do príncipe Julián.

– Só sei mesmo que a recepção do museu recebeu um telefonema originado no Palácio Real de Madri. Tecnicamente essa ligação poderia ter sido feita por *qualquer pessoa* de lá, dizendo que era o secretário de Julián.

Langdon assentiu.

– Talvez seja por isso que a pessoa optou por *repassar* o pedido, em vez de falar diretamente com você. Tem alguma ideia de quem pode estar envolvido?

Considerando a história de Edmond com Valdespino, Langdon ficou inclinado na direção do bispo.

– Poderia ser qualquer um – disse Ambra. – Este é um período delicado no palácio. Com Julián assumindo o centro do palco, muitos conselheiros antigos estão lutando para obter favores e ser ouvidos por ele. O país está mudando, e acho que boa parte da velha guarda está desesperada para manter o poder.

– Bom, independentemente de quem esteja envolvido, esperemos que não fique sabendo que estamos tentando descobrir a senha de Edmond e revelar sua descoberta.

Enquanto falava essas palavras, Langdon sentiu a absoluta simplicidade do desafio que tinham pela frente.

E também o perigo explícito que enfrentavam.

Edmond foi assassinado para impedir que essa informação fosse divulgada.

Por um instante se perguntou se sua opção mais segura não seria simplesmente pegar um avião para casa e deixar que outra pessoa cuidasse disso.

Segura, sim, pensou, *mas opção... não.*

Ao profundo sentimento de dever que Langdon sentia em relação ao ex-aluno, somava-se o ultraje moral diante da brutal censura de um avanço científico. Além disso, sentia uma intensa curiosidade intelectual com relação ao que, exatamente, Edmond teria descoberto.

E, por fim, sabia, *existe Ambra Vidal.*

Ela estava obviamente em crise e, quando tinha olhado nos olhos dele, implorando ajuda, Langdon percebeu que era uma mulher de enorme convicção pessoal e autoconfiança… mas atormentada por pesadas nuvens de medo e arrependimento. *Existem segredos aí*, sentiu, *sombrios e aprisionadores. Ela está pedindo ajuda.*

Ambra levantou os olhos de repente, como se sentisse os pensamentos dele.

– Você parece estar com frio – disse. – Precisa de sua casaca de volta.

Ele deu um sorriso suave.

– Estou bem.

– Está pensando que deveria sair da Espanha assim que chegarmos ao aeroporto?

Langdon deu uma gargalhada.

– Na verdade, isso me passou pela cabeça.

– Por favor, não vá. – Ela se aproximou da amurada e pôs a mão macia em cima da dele. – Não sei direito o que estamos enfrentando esta noite. Você era próximo de Edmond e ele me disse mais de uma vez como valorizava sua amizade e confiava na sua opinião. Estou com medo, Robert, e realmente não creio que possa enfrentar isso sozinha.

Os rompantes de sinceridade de Ambra eram espantosos para Langdon, mas ao mesmo tempo absolutamente cativantes.

– Certo – disse ele, confirmando com a cabeça. – Você e eu devemos a Edmond e, francamente, à comunidade científica, a descoberta dessa senha e a divulgação da obra dele.

Ambra sorriu.

– Obrigada.

Langdon olhou para trás do barco.

– Imagino que seus agentes da Guardia já devem ter percebido que nós saímos do museu.

– Sem dúvida. Mas Winston foi bem impressionante, não foi?

– Incrível – respondeu Langdon, só agora começando a entender direito o salto quântico que Edmond tinha dado no desenvolvimento de inteligência artificial.

O que quer que fossem as “revolucionárias tecnologias proprietárias”, sem dúvida ele estivera disposto a abrir as portas para um admirável mundo novo na interação entre seres humanos e computadores.

Esta noite Winston havia se mostrado um servidor fiel de seu criador, além de inestimável aliado de Langdon e Ambra. Em questão de minutos tinha descoberto uma ameaça na lista de convidados, tentado impedir o assassinato de Edmond, identificado o carro da fuga e facilitado a saída de Langdon e Ambra do museu.

– Espero que Winston tenha ligado para alertar os pilotos de Edmond – disse Langdon.

– Tenho certeza de que ligou. Mas você está certo. Eu deveria telefonar para o Winston e checar.

– Espere aí. – Langdon ficou surpreso. – Você pode *telefonar* para o Winston?

Quando saímos do museu e ficamos fora da área de cobertura, pensei…

Ambra riu e balançou a cabeça.

– Robert, Winston não está localizado *fisicamente* dentro do Guggenheim; está numa instalação secreta em algum lugar e é acessado remotamente. Você acha

mesmo que Edmond criaria algo como Winston e não poderia se comunicar com ele quando quisesse, de qualquer lugar no mundo? Edmond falava com Winston o tempo todo. Em casa, viajando, quando saía para passear. Os dois podiam se conectar a qualquer momento com um simples telefonema. Já vi Edmond conversar durante horas com Winston. Edmond o usava como secretário pessoal, para fazer reservas em restaurantes, coordenar ações com seus pilotos, na verdade para fazer qualquer coisa necessária. De fato, quando estávamos montando a apresentação no museu, eu falava frequentemente com Winston pelo meu telefone.

Ambra enfiou a mão no bolso da casaca de Langdon e tirou o telefone de Edmond, ligando-o. Langdon o havia desligado no museu para economizar a bateria.

– Você deveria ligar seu telefone também – disse ela –, para que nós *dois* tenhamos acesso a Winston.

– Você não se preocupa em ser rastreada se ligarmos?

Ambra balançou a cabeça.

– As autoridades não tiveram tempo para conseguir a ordem judicial necessária, por isso acho que vale o risco. Especialmente se Winston puder nos atualizar sobre o progresso da Guardia e a situação no aeroporto.

Em dúvida, Langdon ligou o telefone. Enquanto a tela inicial se materializava, franziu os olhos para a luz e sentiu uma pontada de vulnerabilidade, como se tivesse ficado instantaneamente localizável para cada satélite no espaço.

Você andou vendo filmes de espionagem demais, disse a si mesmo.

De repente seu telefone começou a emitir bipes e a vibrar enquanto uma quantidade de mensagens jorrava. Para sua perplexidade tinha recebido mais de 200

mensagens de texto e e-mails desde que havia desligado o telefone.

Enquanto examinava a caixa de entrada, viu que todas as mensagens eram de amigos e colegas. Os primeiros e-mails tinham cabeçalhos parabenizando-o –

Grande palestra! Mal acredito que você está aí! –, mas então, de repente, o tom se tornara ansioso e profundamente preocupado. Havia, inclusive uma mensagem do seu editor, Jonas Faukman: MEU DEUS – ROBERT, VOCE ESTÁ BEM??!! Langdon nunca vira seu erudito editor empregar palavras inteiramente em maiúsculas nem pontuação dupla.

Até agora Langdon estivera se sentindo maravilhosamente invisível na escuridão das vias aquáticas de Bilbao, como se o museu fosse um sonho que ia se esvaindo.

O mundo inteiro sabe, percebeu. *A notícia da descoberta misteriosa e do assassinato brutal de Kirsch… junto com meu nome e meu rosto.*

– Winston estava tentando fazer contato conosco – disse Ambra, olhando para a claridade do telefone de Kirsch. – Há 53 chamadas

perdidas para Edmond na última meia hora, todas do mesmo número, todas com um espaço de exatamente 30

segundos. – Ela deu um risinho. – A persistência incansável está entre as muitas virtudes de Winston.

Nesse momento o telefone de Edmond começou a tocar.

Langdon sorriu para Ambra.

– Imagino quem seja.

Ela estendeu o telefone para ele.

– Atenda.

Langdon pegou o telefone e apertou o botão para atender.

– Alô?

– Professor Langdon – entoou a voz de Winston com seu familiar sotaque britânico. – Que bom que estamos de novo em contato. Estive tentando falar com o senhor.

– É, dá para ver – respondeu Langdon, impressionado porque o computador parecia tão absolutamente calmo e sem se abalar depois de 53 tentativas frustradas de ligação.

– Houve algumas novidades – disse Winston. – Existe uma possibilidade de que as autoridades do aeroporto sejam alertadas sobre o nome de vocês antes da sua chegada. De novo vou sugerir que sigam muito atentamente minhas orientações.

– Estamos nas suas mãos, Winston. Diga o que fazer.

– A primeira coisa, professor: se ainda não se livrou do seu celular, faça isso imediatamente.

– Tem certeza? – Langdon apertou seu telefone com força. – As autoridades não precisam de uma ordem judicial antes que alguém…

– Num seriado policial americano, talvez, mas o senhor está lidando com a Guardia Real e o Palácio Real da Espanha. Eles farão o que for necessário.

Langdon olhou seu telefone, sentindo-se estranhamente relutante em se separar dele. *Toda a minha vida está aqui.*

– E o telefone do Edmond? – perguntou Ambra, alarmada.

– É impossível de ser rastreado – respondeu Winston. – Edmond sempre se preocupou com hackers e com espionagem corporativa. Ele escreveu pessoalmente um programa de ocultação de IMEI/IMSI que varia os valores de C2 de seu telefone para enganar qualquer interceptador de GSM.

Claro que ele fez isso, pensou Langdon. *Para o gênio que criou Winston, enganar uma companhia telefônica local seria moleza.*

Langdon franziu a testa olhando seu telefone aparentemente inferior. Nesse momento Ambra o tirou com gentileza de suas mãos. Sem uma palavra, ela o segurou por cima da amurada e o soltou. Langdou viu o telefone mergulhar na água escura do Rio Nervión. Enquanto o aparelho desaparecia sob a superfície, sentiu uma pontada pela perda, olhando para trás, na direção dele, à medida que o barco prosseguia rapidamente.

– Robert – sussurrou Ambra –, só se lembre das sábias palavras da princesa Elsa, da Disney.

Langdon se virou.

– O quê?

Ambra deu um sorriso suave.

– *Let it go.*

C A P Í T U L O **3 6**

– *Su misión todavia* *no ha terminado* – declarou a voz no telefone de Ávila. *Sua missão ainda não terminou.*

Ávila se empertigou no banco de trás do Uber, ouvindo a novidade dita pelo Regente.

– Tivemos uma complicação inesperada – disse o contato rapidamente, em espanhol. – Precisamos que você vá para Barcelona. Agora mesmo.

Barcelona? Tinham dito a Ávila que ele iria para Madri realizar outro serviço.

– Temos motivo para acreditar – continuou a voz – que duas pessoas ligadas ao Sr. Kirsch estejam indo para Barcelona com a esperança de encontrar um modo de acionar remotamente a apresentação da descoberta.

Ávila se enrijeceu.

– Isso é *possível*?

– Ainda não sabemos. Mas, se eles tiverem sucesso, isso sem dúvida vai estragar todo o seu trabalho duro. Preciso de um homem em Barcelona imediatamente. *Com discrição.* Chegue lá o mais rápido que puder e me telefone.

Com isso a ligação foi encerrada.

A má notícia foi estranhamente bem-vinda para Ávila. *Ainda sou necessário*.

Barcelona ficava mais longe do que Madri, mas mesmo assim eram apenas algumas horas em velocidade máxima numa via expressa no meio da noite. Sem desperdiçar um instante, Ávila levantou a arma e a encostou de novo na cabeça do motorista do Uber. As mãos do sujeito ficaram visivelmente tensas no volante.

– *¡Llévame a Barcelona!* – ordenou.

O motorista pegou a saída seguinte, em direção a Vitoria-Gasteiz, e depois acelerou até a Autoestrada A-1, para o leste. Os únicos outros veículos na estrada àquela hora eram carretas barulhentas, todas disparando em alta velocidade para completar as viagens até Pamplona, Huesca, Lleida e, finalmente, uma das maiores cidades portuárias do Mediterrâneo: Barcelona.

Ávila mal conseguia acreditar na estranha sequência de acontecimentos que o haviam trazido a esse momento. *Das profundezas do meu desespero, eu me ergui para o momento do meu serviço mais glorioso.*

Por um instante sombrio estava de volta àquele poço sem fundo, arrastando-se pelo altar enfumaçado da Catedral de Sevilha, revirando o entulho sangrento à procura da mulher e do filho e percebendo que os dois tinham partido para sempre.

Durante semanas após o ataque, Ávila não saiu de casa. Ficava tremendo no sofá, consumido por um interminável pesadelo acordado, cheio de demônios furiosos que o arrastavam para um abismo escuro, amortalhando-o em negrume, fúria e culpa sufocante.

– O abismo é o *purgatório* – sussurrou uma freira ao seu lado, uma das centenas de conselheiras treinadas pela Igreja para ajudar os sobreviventes. – Sua alma está presa num limbo escuro. A única saída é a absolvição. Você precisa encontrar um modo de *perdoar* as pessoas que fizeram isso, caso contrário sua raiva irá consumi-lo inteiro. – Ela fez o sinal da cruz. – O perdão é a única salvação.

Perdão? Ávila tentou falar, mas demônios apertavam sua garganta. No momento a vingança parecia a única salvação. *Mas vingança contra quem?* A responsabilidade pelo atentado nunca tinha sido reivindicada.

– Sei que os atos de terrorismo religioso parecem imperdoáveis – continuou a freira. – No entanto, pode ser útil lembrar que, durante

séculos, nossa fé comandou a Inquisição em nome de nosso Deus. Matamos mulheres e crianças inocentes em nome das nossas crenças. Por isso tivemos que pedir o perdão do mundo e de nós mesmos. E com o passar do tempo nós nos curamos.

Então ela leu um trecho da Bíblia:

– “Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.” – Depois, outro: – “Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam.”

Naquela noite, sozinho e em agonia, Ávila olhou para o espelho. O homem que o espiava de volta era um estranho. As palavras da freira não tinham servido de nada para aliviar a dor.

Perdão? Dar a outra face?

Testemunhei um mal para o qual não existe absolvição!

Numa fúria crescente, deu um soco no espelho, despedaçando o vidro e desmoronando em soluços de angústia no chão do banheiro.

Como oficial de carreira na Marinha, Ávila sempre tinha estado no controle –

defensor da disciplina, da honra e da cadeia de comando –, mas aquele homem havia sumido. Em semanas mergulhou numa névoa, anestesiando-se com uma mistura poderosa de álcool e comprimidos. Logo seu anseio pelos efeitos entorpecedores das substâncias químicas ocupava cada hora que passava acordado, reduzindo-o a um recluso hostil.

Em alguns meses a Marinha espanhola o obrigou discretamente a se aposentar.

Um navio de guerra que já fora poderoso estava encalhado numa doca seca. Ávila sabia que nunca mais navegaria. A Marinha à qual

dera a vida o tinha deixado apenas com uma pensão modesta com a qual mal dava para viver.

Estou com 58 anos, percebeu. *E não tenho nada.*

Passava os dias sentado em sua sala, assistindo à TV, tomando vodca e esperando que algum raio de luz aparecesse. *La hora más oscura es justo antes del*

amanecer, dizia a si mesmo sem parar. Mas o antigo aforismo da Marinha se mostrava falso, repetidamente. *A hora mais escura não é logo antes do alvorecer*, ele sentia. *O alvorecer nunca vai chegar.*

Quando fez 59 anos, numa chuvosa manhã de quinta-feira, olhando para uma garrafa de vodca vazia e um aviso de despejo, juntou coragem para ir até o armário, pegar sua pistola de serviço, carregá-la e encostar o cano na têmpora.

– *Perdóname* – sussurrou, e fechou os olhos.

Depois apertou o gatilho. O barulho foi muito mais baixo do que imaginara.

Mais um estalo do que um tiro.

Cruelmente a arma tinha falhado. Os anos num armário cheio de poeira, sem ser limpa, aparentemente haviam cobrado um preço à barata pistola cerimonial do almirante. Parecia que até mesmo esse simples ato de covardia estava fora da sua capacidade.

Furioso, jogou a arma contra a parede. Dessa vez uma explosão abalou o quarto. Ávila sentiu um calor intenso na batata da perna, e a névoa de bebida se dissipou num clarão de dor lancinante. Caiu no chão gritando e apertando a panturrilha que sangrava.

Vizinhos em pânico bateram à sua porta, sirenes se aproximaram e logo Ávila se viu no Hospital Provincial de San Lázaro em Sevilha, tentando explicar como tinha tentado se matar dando um tiro na perna.

Na manhã seguinte, deitado no quarto em recuperação, abalado e humilhado, o almirante Luis Ávila recebeu uma visita.

– Você atira muito mal – disse o rapaz em espanhol. – Não é de espantar que o tenham obrigado a ir para a reserva.

Antes que Ávila pudesse responder, o homem abriu as cortinas e deixou a luz do sol entrar. O almirante protegeu os olhos, vendo que o rapaz era musculoso e tinha cabelo cortado à escovinha. Usava uma camiseta com o rosto de Jesus impresso.

– Meu nome é Marco – disse ele, com sotaque andaluz. – Sou o seu fisioterapeuta. Pedi para ser designado a você porque nós dois temos uma coisa em comum.

– Somos militares? – perguntou Ávila, notando a postura insolente do sujeito.

– Não. – O rapaz encarou Ávila. – Eu estava lá naquela manhã de domingo. Na catedral. Durante o ataque terrorista.

Ávila o encarou incrédulo.

– Você estava *lá*?

O garoto se abaixou e levantou uma perna de sua calça de moletom, revelando uma prótese.

– Sei que você passou pelo inferno, mas eu jogava futebol semiprofissional naquela época, portanto não espere muita simpatia da minha parte. Sou mais do tipo

“Deus ajuda a quem se ajuda”.

Antes que Ávila soubesse o que tinha acontecido, Marco o colocou numa cadeira de rodas, empurrou-o pelo corredor até uma pequena sala de musculação e o posicionou entre duas barras paralelas.

– Isso vai doer – avisou o rapaz. – Mas tente chegar à outra ponta. Só faça uma vez. Depois pode tomar o café da manhã.

A dor era insuportável, mas Ávila não iria reclamar com alguém que tinha só uma perna. Assim, usando os braços para sustentar a maior parte do peso, foi arrastando os pés até o final das barras.

– Ótimo – disse Marco. – Agora de novo.

– Mas você disse…

– É, eu menti. Faça de novo.

Ávila olhou o rapaz, atônito. Havia anos que não recebia uma ordem e, estranhamente, achou aquilo revigorante. Fez com que se sentisse jovem, como quando era um recruta. Virou e começou a arrastar os pés de volta para o outro lado.

– Diga – pediu Marco. – Ainda vai à missa na Catedral de Sevilha?

– Nunca.

– Medo?

Ávila balançou a cabeça.

– Raiva.

Marco gargalhou.

– É, deixe-me adivinhar. As freiras disseram para você *perdoar* os terroristas?

Ávila parou subitamente no meio das barras.

– Exatamente!

– Disseram pra mim também. Tentei. Impossível. As freiras nos deram um péssimo conselho. – Ele gargalhou.

Ávila olhou a camiseta do rapaz com a imagem de Jesus.

– Mas parece que você ainda…

– Ah, é, *sem dúvida* ainda sou cristão. Mais devoto do que nunca. Tive a sorte de encontrar minha missão: ajudar as vítimas dos inimigos de Deus.

– Causa nobre – disse Ávila com inveja, sentindo que sua vida não tinha objetivo sem a família ou a Marinha.

– Um grande homem ajudou a me trazer de volta para Deus – continuou Marco.

– Esse homem, por sinal, foi o papa. Eu me encontrei com ele pessoalmente muitas vezes.

– Desculpe… o papa?

– É.

– O líder da Igreja Católica?

– É. Se você quiser, talvez eu possa arranjar uma audiência para você.

Ávila encarou o rapaz como se ele estivesse louco.

– *Você* pode me conseguir uma audiência com o papa?

Marco pareceu magoado.

– Sei que você é um importante oficial da Marinha e não consegue imaginar que um fisioterapeuta aleijado de Sevilha tenha acesso ao vigário de Cristo, mas estou dizendo a verdade. Posso conseguir um encontro com ele se você quiser. Ele provavelmente poderia ajudá-lo a encontrar o caminho de volta, como me ajudou.

Ávila se apoiou nas barras paralelas, sem saber direito como responder.

Idolatrava o papa da época: um sólido líder conservador que pregava o tradicionalismo rígido e a ortodoxia. Infelizmente, ele estava sofrendo ataques vindos de todos os lados do planeta em constante modernização. Havia boatos de que logo optaria por se afastar do cargo diante da crescente pressão liberal.

– Eu me sentiria honrado em conhecê-lo, claro, mas…

– Bom. Vou tentar marcar para amanhã.

Ávila jamais havia imaginado que no dia seguinte estaria dentro de um santuário seguro, cara a cara com um líder poderoso que iria lhe dar a lição religiosa mais revigorante de sua vida.

As estradas para a salvação são muitas.

O perdão não é o único caminho.

C A P Í T U L O **3 7**

Localizada no térreo do Palácio de Madri, a Biblioteca Real é um conjunto de salas ornamentadas de modo espetacular, contendo milhares de volumes de valor inestimável, entre eles o *Livro das Horas* da rainha Isabel, ilustrado com iluminuras, as Bíblias pessoais de vários reis e um códice da era de Afonso XI encadernado em ferro.

Garza entrou rapidamente, não querendo deixar o príncipe sozinho lá em cima por muito tempo, nas garras de Valdespino. Ainda tentava entender a notícia de que o bispo havia se encontrado com Kirsch apenas alguns dias antes e que decidira manter o encontro em segredo. *Mesmo à luz da apresentação e do assassinato de Kirsch esta noite?*

Andou pela vasta escuridão da biblioteca, indo até a coordenadora de RP

Mónica Martín, que esperava nas sombras, segurando seu tablet luminoso.

– Sei que o senhor está ocupado – disse Mónica –, mas temos uma situação muito premente. Só fui lá em cima procurá-lo porque nosso centro de segurança recebeu um e-mail perturbador do ConspiracyNet.com.

– De *quem*?

– O ConspiracyNet é um site popular que trata de teorias da conspiração. O

jornalismo é vulgar e escrito em nível infantil, mas eles têm *milhões* de seguidores.

Se o senhor me perguntar, eles inventam notícias falsas, mas o site é, de certo modo, bem respeitado entre os teóricos da conspiração.

Na mente de Garza, “bem respeitado” e “teoria da conspiração” pareciam expressões mutuamente excludentes.

– Eles estão acompanhando a situação do Kirsch durante toda a noite –

continuou Mónica. – Não sei onde conseguem as informações, mas têm atraído blogueiros e teóricos da conspiração. Até as redes de notícias estão pegando novidades com eles.

– Vá direto ao ponto – pressionou Garza.

– O ConspiracyNet possui informações novas que têm a ver com o palácio –

disse Mónica, empurrando os óculos para cima. – Eles vão divulgá-las em dez minutos e queriam nos dar a chance de fazer um comentário antes.

Garza olhou incrédulo para ela.

– O Palácio Real não faz comentários sobre fofocas sensacionalistas!

– Pelo menos dê uma olhada, senhor.



Ela estendeu o tablet.

Garza pegou o aparelho e se viu diante do almirante Luis Ávila. Era uma foto descentralizada, como se tivesse sido tirada por acaso, e mostrava o almirante com uniforme de gala completo, andando diante de uma pintura. Parecia que tinha sido tirada por um frequentador de museu que tentava fotografar uma obra de arte e, sem querer, havia capturado Ávila quando este entrou em quadro sem saber.

– Sei qual é a aparência de Ávila – disse Garza rispidamente, ansioso para voltar ao príncipe e a Valdespino. – Por que você está me mostrando isso?

– Passe para a foto seguinte.

Garza passou. A próxima tela mostrava uma ampliação da foto – concentrada na mão direita do almirante, que balançava à frente do corpo. Garza viu imediatamente uma marca na palma. Parecia uma tatuagem.

O comandante da Guardia ficou olhando a imagem por um longo tempo. Era um símbolo que ele conhecia bem, assim como muitos espanhóis, especialmente os mais velhos.

O símbolo de Franco.

Exposto em muitos lugares da Espanha em meados do século XX, era sinônimo da ditadura ultraconservadora do general Francisco Franco, cujo regime brutal defendia o nacionalismo, o autoritarismo, o militarismo, o antiliberalismo e o catolicismo nacional.

Esse antigo símbolo, Garza sabia, consistia em seis letras que, reunidas, formavam uma palavra em latim – uma palavra que definia perfeitamente a imagem que Franco fazia de si mesmo.

Victor.

Implacável, violento e intransigente, Francisco Franco tinha ascendido ao poder com o apoio militar da Alemanha nazista e da Itália de Mussolini. Matou milhares de opositores antes de assumir o controle total do país em 1939 e se proclamar *El Caudillo* – O Caudilho, o equivalente em espanhol para *Führer*. Durante a Guerra Civil e até boa parte dos primeiros anos de ditadura, os que ousavam se opor a ele desapareciam em campos de concentração, onde se estima que 300 mil pessoas foram executadas.

Apresentando-se como defensor da "Espanha católica" e inimigo do comunismo ateu, Franco havia abraçado uma mentalidade nitidamente machista, excluindo as mulheres de muitas posições de poder na sociedade, mal permitindo que tivessem algum direito a exercer cargos de professoras universitárias, juízas, bancárias e negando-lhes até mesmo o direito de fugir de um marido abusivo.

Anulou todos os casamentos que não tivessem sido realizados segundo a doutrina católica e, dentre outras restrições, declarou ilegais o divórcio, a contracepção, o aborto e a homossexualidade.

Felizmente tudo estava mudado.

Mesmo assim Garza ficava pasmo com a velocidade com que a nação havia se esquecido dos períodos mais sombrios de sua história.

O *pacto de olvido* – um acordo político nacional para "esquecer" tudo o que acontecera sob o domínio maligno de Franco – implicava que

as crianças nas escolas aprendiam muito pouco sobre o ditador. Uma pesquisa na Espanha havia revelado que os adolescentes tinham muito mais probabilidade de reconhecer o ator James Franco do que o ditador Francisco Franco.

Mas as gerações mais velhas jamais esqueceriam. Esse símbolo VICTOR – como a suástica nazista – ainda podia invocar o medo no coração de quem tinha idade suficiente para se lembrar daqueles anos brutais. Até hoje, almas cautelosas alertavam que, na mais alta hierarquia do governo espanhol e da Igreja Católica, ainda havia uma facção secreta de apoiadores de Franco – uma fraternidade oculta formada por tradicionalistas que juravam levar a Espanha de volta às suas convicções de extrema direita do século passado.

Garza precisava admitir que havia um bom número de pessoas da velha guarda que olhava o caos e a apatia da Espanha contemporânea e sentia que o país só poderia ser salvo por uma forte religião de Estado, um governo mais autoritário e a imposição de diretrizes morais mais claras.

Vejam nossos jovens! , gritavam. *Estão todos à deriva!*

Em meses recentes, com o trono da Espanha em vias de ser ocupado pelo príncipe Julián, bem mais jovem, crescera o temor entre os tradicionalistas de que o próprio Palácio Real logo se tornaria outra voz reivindicando mudanças progressistas no país. E algo que alimentava ainda mais essa preocupação era o noivado do príncipe com Ambra Vidal – que não somente era basca, mas também claramente agnóstica. Como rainha da Espanha, sem dúvida ela seria ouvida pelo príncipe em questões da Igreja e do Estado.

Dias perigosos, Garza sabia. *Um ponto de atrito entre o passado e o futuro.*

Além de uma divisão religiosa cada vez mais profunda, a Espanha também estava diante de uma encruzilhada. Será que o país manteria o seu monarca? Ou será que a Coroa real seria abolida

para sempre como acontecera na Áustria, na Hungria e em tantos outros países europeus? Só o tempo diria. Nas ruas, os tradicionalistas mais velhos balançavam bandeiras espanholas enquanto os jovens progressistas



usavam com orgulho suas cores antimonárquicas: roxo, amarelo e vermelho, da antiga bandeira republicana.

Julián vai herdar um barril de pólvora.

– Quando vi pela primeira vez a tatuagem com o símbolo de Franco – disse Mónica Martín, atraindo a atenção de Garza de volta para o tablet –, achei que ela podia ter sido acrescentada digitalmente à foto como um truque para… o senhor sabe… agitar o caldeirão. Todos os sites de conspiração competem pelo tráfego na rede, e uma conexão com Franco causaria uma enorme reação, especialmente considerando a natureza anticristã da apresentação de Kirsch esta noite.

Garza sabia que ela estava certa. *Os teóricos da conspiração vão ficar loucos com isso.*

Mónica indicou o tablet.

– Veja o que eles pretendem divulgar.

Temeroso, Garza começou a ler o texto que acompanhava a foto.

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS SOBRE EDMOND KIRSCH

Apesar das especulações iniciais de que o assassinato de Edmond Kirsch tenha sido obra de fanáticos religiosos, a descoberta desse símbolo franquista ultraconservador sugere que o assassinato

também pode ter motivações *políticas*. Há suspeitas de que conservadores nos mais altos escalões do governo espanhol, talvez até mesmo dentro do Palácio Real, estejam lutando pelo controle no vácuo de poder deixado pela ausência e pela morte iminente do rei…

– Desgraça – disse o comandante com rispidez, já tendo lido o suficiente. –

Toda essa especulação por causa de uma tatuagem? Não quer dizer nada. Com a exceção da presença de Ambra Vidal na ocasião do atentado, essa situação não tem absolutamente nada a ver com a política do Palácio Real. Sem comentários.

– Senhor – insistiu Mónica –, se puder ler o resto do texto, por favor, verá que eles estão tentando associar o bispo Valdespino diretamente ao almirante Ávila.

Estão sugerindo que o bispo pode ser um franquista secreto que vem sussurrando no ouvido do rei há anos, impedindo-o de fazer mudanças mais abrangentes no país. –

Ela fez uma pausa. – Essa alegação está ganhando um bocado de interesse na rede.

De novo Garza se pegou totalmente sem palavras. Não reconhecia mais o mundo onde vivia.

As notícias falsas têm tanto peso quanto as verdadeiras.

Garza olhou para a coordenadora de RP e se esforçou ao máximo para falar com calma.

– Mónica, isso tudo é uma ficção criada por blogueiros fantasiosos para diversão própria. Garanto que Valdespino não é franquista. Ele serviu ao rei fielmente durante décadas e com toda a certeza não está envolvido com um assassino franquista. O palácio não vai comentar nada disso. Fui claro?

Garza se virou para a porta, ansioso para voltar ao príncipe e a Valdespino.

– Senhor, espere! – Mónica segurou o braço dele.

Garza parou, olhando em choque a mão da jovem funcionária.

Ela recuou imediatamente.

– Desculpe, senhor, mas o ConspiracyNet também mandou a gravação de uma conversa telefônica que acaba de acontecer em Budapeste. – Ela piscou nervosa por trás dos óculos grossos. – O senhor também não vai gostar disso.

C A P Í T U L O **3 8**

Meu patrão foi assassinado.

O comandante Josh Siegel sentia as mãos tremendo no manche enquanto taxiava o Gulfstream G550 de Edmond Kirsch em direção à pista principal do Aeroporto de Bilbao.

Não estou em condições de voar, pensou, sabendo que seu copiloto estava tão abalado quanto ele.

Siegel vinha pilotando jatos particulares para Edmond havia muitos anos, e o horrível assassinato do patrão esta noite fora um choque devastador. Uma hora atrás, ele e seu copiloto estavam sentados no salão do aeroporto assistindo à transmissão ao vivo do Museu Guggenheim.

– Típico do Edmond, bem dramático – tinha brincado Siegel, impressionado com a capacidade do chefe para atrair uma plateia enorme.

Enquanto via o programa, pegou-se inclinado à frente, assim como os outros espectadores no salão, todos morrendo de curiosidade, até que, num clarão, a noite deu terrivelmente errado.

Depois daquilo, Siegel e o copiloto ficaram sentados, assistindo à cobertura pela televisão e se perguntando, atordoados, o que fazer em seguida.

Seu telefone tocou dez minutos depois; quem ligava era o secretário particular de Edmond, Winston. Siegel não o conhecia, e ainda que o inglês tivesse um jeito meio peculiar, Siegel tinha se acostumado a coordenar os voos com ele.

– Se os senhores não assistiram à televisão – disse Winston –, deveriam ligá-la.

– Nós assistimos – respondeu Siegel. – Estamos arrasados.

– Precisamos que os senhores levem o avião de volta a Barcelona – declarou Winston, com o tom estranhamente profissional apesar do que tinha acabado de acontecer. – Preparem-se para decolar e eu voltarei a fazer contato em breve. Por favor, *não* decolem antes de nos falarmos.

Siegel não fazia ideia se as instruções de Winston teriam a ver com os desejos de Edmond, mas no momento sentia-se grato por qualquer tipo de orientação.

Seguindo as ordens de Winston, Siegel e o copiloto preencheram o manifesto de voo para Barcelona com *zero* passageiros – um voo *deadhead*, “cabeça morta”, como era lamentavelmente conhecido no jargão do ramo – e depois tinham saído do hangar para começar a lista de checagem antes do voo.

Trinta minutos se passaram antes que Winston ligasse de novo.

– Estão preparados para decolar?

– Estamos.

– Bom. Presumo que vão usar a pista de sempre, em direção ao leste, não é?

– Isso mesmo.

Às vezes, Siegel achava Winston dolorosamente meticuloso e irritantemente bem informado.

– Por favor, contate a torre e peça autorização para decolar. Taxie até a extremidade do campo, mas *não* entre na pista.

– Devo parar na pista de acesso?

– É, só um minuto. Por favor, me avise quando chegar lá.

Siegel e o copiloto se entreolharam, surpresos. O pedido de Winston não fazia nenhum sentido.

A torre provavelmente vai questionar isso.

Mesmo assim, Siegel tinha conduzido o jato por várias rampas e caminhos em direção à cabeceira da pista na extremidade oeste do aeroporto. Agora estava taxiando pelos últimos 100 metros da via de acesso, onde o pavimento virava 90

graus à direita e se fundia com a cabeceira da pista voltada para o leste.

– Winston? – disse Siegel, olhando a alta cerca de tela de arame que envolvia o perímetro do aeroporto. – Chegamos ao fim da rampa de acesso.

– Por favor, esperem aí. Já faço contato de volta.

Não posso ficar parado aqui! , pensou Siegel, imaginando que diabo Winston estaria fazendo. Felizmente a câmera de ré do Gulfstream não mostrava nenhum avião atrás, de modo que pelo menos não estava bloqueando o tráfego. As únicas luzes eram as da torre de controle – uma claridade fraca na outra extremidade da pista, a cerca de três quilômetros de distância.

Sessenta segundos se passaram.

– Aqui é o controle de tráfego aéreo – disse uma voz em seus fones. – EC346, você está autorizado a decolar na pista número um. Repito, você está autorizado.

Siegel só queria decolar, mas ainda esperava uma palavra do secretário de Edmond.

– Obrigado, controle – disse. – Precisamos ficar aqui só mais um minuto.

Estamos verificando uma luz de alerta.

– Entendido. Por favor, avise quando estiver pronto.

C A P Í T U L O **3 9**

– Aqui? – O piloto do táxi aquático pareceu confuso. – Vocês quer parar *aqui*? O

aeroporto é mais longe. Eu leva vocês lá.

– Obrigado, vamos sair aqui – disse Langdon, seguindo o conselho de Winston.

O piloto deu de ombros e parou a lancha ao lado de uma pequena ponte onde estava escrito Puerto Bidea. A margem do rio era coberta com capim alto e parecia mais ou menos acessível. Ambra já estava saindo do barco e subindo a encosta.

– Quanto devemos? – perguntou Langdon ao capitão.

– Não precisa – respondeu o homem. – Seu inglês paga antes. Cartão de crédito. Dinheiro triplo.

Winston já pagou. Langdon ainda não estava totalmente acostumado a trabalhar com o secretário computadorizado de Kirsch. *É como ter a Siri cheia de esteroides.*

Langdon percebeu que as capacidades de Winston não deveriam ser surpresa, considerando os relatos diários de inteligências artificiais que realizavam todo tipo de tarefas complexas, até mesmo escrever romances – um livro desses tinha quase ganhado um prêmio literário no Japão.

Agradeceu ao capitão e pulou do barco para a margem. Antes de subir a encosta, virou-se de novo para o piloto perplexo, levou o indicador aos lábios e disse:

– *Discreción, por favor.*

– *Sí, sí* – garantiu o homem, cobrindo os olhos. – *¡No he visto nada!*

Com isso Langdon subiu rapidamente pela margem, atravessou um par de trilhos de trem e se juntou a Ambra na borda de um povoado adormecido com uma fileira de lojas de aparência antiquada.

– Segundo o mapa – disse Winston no viva voz do telefone de Edmond –, vocês devem estar na interseção de Puerto Bidea com a via aquática de Río Asúa. Estão vendo uma pequena rotatória no centro do povoado?

– Estou – respondeu Ambra.

– Bom. Logo depois da rotatória vocês vão encontrar uma estradinha chamada Beike Bidea. Sigam por ela, para longe do centro do povoado.

Dois minutos depois, Langdon e Ambra tinham saído da aldeia e seguiam rapidamente por uma estrada rural deserta, onde casas de pedra se acomodavam em hectares de pastagens. À medida que penetravam mais fundo na área rural, Langdon sentiu que alguma coisa estava errada. À direita, longe, por cima do topo de um

◆ ◆ ◆

morro pequeno, o céu tinha uma cúpula nevoenta de poluição luminosa.

– Se aquelas são as luzes do terminal – disse Langdon –, nós estamos *muito* longe.

– O terminal está a três quilômetros de vocês – explicou Winston.

Ambra e Langdon trocaram olhares espantados. Winston tinha dito que a caminhada só duraria oito minutos.

– Segundo as imagens de satélite do Google – continuou Winston –, deve haver um campo grande à direita. Parece possível de ser atravessado?

Langdon olhou para a plantação de feno à direita, que subia suavemente na direção das luzes do terminal.

– Podemos subir, sem dúvida – respondeu Langdon –, mas três quilômetros vão demorar…

– Apenas suba a colina, professor, e siga à risca minhas orientações.

O tom de Winston era educado e sem emoção como sempre, no entanto Langdon percebeu que tinha acabado de levar uma bronca.

– Belo trabalho – disse Ambra, divertida, subindo a colina. – Esse é o tom mais próximo de irritação que já ouvi Winston usar.

– EC346, aqui é o controle de tráfego aéreo. – A voz retumbou nos fones de Siegel. – Você deve liberar a rampa e decolar ou voltar ao hangar para reparos. Qual é sua situação?

– Ainda estamos trabalhando na luz de alerta – mentiu Siegel, olhando para a câmera de ré. Nenhum avião, só as luzes fracas da torre distante. – Só preciso de mais um minuto.

– Entendido. Mantenha-nos informados.

O copiloto deu um tapinha no ombro de Siegel e apontou pelo para-brisa.

Siegel acompanhou o olhar do colega, mas só viu a cerca alta na frente do avião. De repente, do outro lado da tela de arame, distinguiu algo fantasmagórico.

Que negócio é esse?

No campo escuro, atrás da cerca, duas silhuetas espectrais estavam se materializando, saindo do negrume, passando pelo topo de uma colina e vindo diretamente para o jato. À medida que as figuras chegavam mais perto, Siegel notou a nítida faixa diagonal num vestido branco, que tinha visto antes pela televisão.

Aquela é Ambra Vidal?

Ambra tinha voado algumas vezes com Kirsch, e Siegel sempre sentia o coração bater um pouco mais forte quando a impressionante beldade espanhola estava a bordo. Nem conseguia começar a pensar no que ela estaria fazendo num

◆ ◆ ◆

pasto do lado de fora do Aeroporto de Bilbao.

O homem alto que acompanhava Ambra também vestia uma roupa formal, em preto e branco, e Siegel se lembrou de que ele tinha participado do programa da noite.

O professor americano Robert Langdon.

A voz de Winston retornou subitamente.

– Sr. Siegel, agora o senhor deve estar vendo dois indivíduos do outro lado da cerca e, sem dúvida, deve reconhecê-los. – Siegel achou o inglês estranhamente contido. – Por favor, saiba que esta noite há circunstâncias que não posso explicar totalmente, mas vou pedir que atenda aos meus desejos em nome do Sr. Kirsch.

Tudo o que o senhor precisa saber neste momento é o seguinte. – Winston parou por um instante brevíssimo. – As mesmas pessoas

que assassinaram Edmond Kirsch estão tentando matar Ambra Vidal e Robert Langdon. Para mantê-los em segurança, precisamos da sua ajuda.

– Mas… claro – gaguejou Siegel, tentando assimilar essa informação.

– A Srta. Vidal e o professor Langdon precisam embarcar em seu avião imediatamente.

– Aqui fora?!

– Sei que, em termos técnicos, seria complicado revisar o manifesto de passageiros, mas…

– Você sabe, em termos técnicos, o que significa uma cerca de três metros de altura em volta do aeroporto?

– Na verdade, sei – respondeu Winston com muita calma. – E, Sr. Siegel, mesmo sabendo que o senhor e eu só trabalhamos juntos há alguns meses, preciso que confie em mim. O que vou sugerir é exatamente o que Edmond desejaria que o senhor fizesse nessa situação.

Siegel escutou incrédulo enquanto Winston delineava seu plano.

– O que você está sugerindo é impossível! – argumentou.

– Pelo contrário. É bem factível. O empuxo de cada motor é de mais de seis mil quilos e o cone do seu nariz é projetado para suportar mais de 1.000 quilômetros…

– Não estou preocupado com a *física* – reagiu Siegel com rispidez. – Estou preocupado com a *legalidade*. E com a hipótese de minha licença de piloto ser revogada.

– Entendo, Sr. Siegel – retrucou Winston calmamente. – Mas a futura rainha consorte da Espanha está correndo um sério perigo agora mesmo. Seus atos aqui vão ajudar a salvar a vida dela. Acredite,

quando a verdade vier à tona, o senhor não receberá uma censura, receberá uma medalha do rei.

Parados no meio do capim alto, Langdon e Ambra olhavam a cerca alta iluminada pelos faróis do jato.

A pedido de Winston, os dois se afastaram da cerca justo quando a rotação dos motores aumentou e o jato começou a avançar. Mas, em vez de seguir a curva da rampa de acesso, o avião continuou na direção deles, atravessando as linhas de segurança pintadas e saindo para o acostamento de asfalto. Bem devagar, ele foi chegando perto da cerca.

Langdon viu que o nariz do jato estava perfeitamente alinhado com um dos pesados postes de aço da cerca. Quando o nariz enorme encostou no poste vertical, os motores aceleraram ligeiramente.

Ele esperava uma dificuldade maior, mas pelo jeito dois motores Rolls-Royce e uma aeronave de 40 toneladas eram mais do que a cerca poderia aguentar. Com um gemido metálico, o poste se inclinou para eles, levando junto um enorme bloco de asfalto preso à base, como o emaranhado de raízes de uma árvore tombada.

Langdon correu e agarrou a cerca, puxando-a para baixo o suficiente para que ele e Ambra pudessem passar por cima. Quando chegaram cambaleando ao asfalto, a escada de acesso do jato tinha sido baixada e um piloto uniformizado acenava para que entrassem.

Ambra olhou para Langdon com um sorriso tenso.

– Ainda duvida do Winston?

Ele não sabia o que dizer.

Enquanto subiam correndo a escada e entravam na cabine luxuosa, Langdon ouviu o segundo piloto falando com a torre.

– Sim, controle, escutei. Mas seu radar de terra deve estar descalibrado. Nós *não* saímos da rampa de acesso. Repito, ainda

estamos na rampa de acesso. Nossa luz de alerta já se apagou e estamos prontos para decolar.

O copiloto bateu a porta enquanto o piloto acionava o empuxo reverso do Gulfstream, levando o avião lentamente para trás, para longe da cerca bamba. Então o jato começou a fazer a curva larga em direção à pista.

Na poltrona em frente a Ambra, Robert Langdon fechou os olhos por um momento e soltou o ar. Os motores rugiram lá fora e ele sentiu a aceleração enquanto o jato partia trovejando pela pista.

Segundos depois, o avião subia para o céu e fazia uma curva fechada para sudoeste, mergulhando pela noite em direção a Barcelona.

C A P Í T U L O **4 0**

O rabino Yehuda Köves saiu rapidamente de seu escritório, atravessou o jardim e passou pela porta da frente de casa, descendo os degraus até a calçada.

Não estou mais seguro aqui, disse a si mesmo, com o coração martelando inquieto. *Preciso ir para a sinagoga.*

A sinagoga da Rua Dohány não era somente o santuário de Köves durante toda a vida: era uma verdadeira fortaleza. As barricadas do templo, as cercas de arame farpado e os guardas 24 horas por dia serviam como uma lembrança nítida da longa história de antissemitismo em Budapeste. Köves sentiu-se grato por ter as chaves dessa cidadela.

A sinagoga ficava a 15 minutos de sua casa – uma caminhada tranquila que Köves fazia todo dia –, mas esta noite, enquanto seguia pela Rua Kossuth Lajos, ele não conseguia conter o medo. Baixando a cabeça, examinou com atenção as sombras adiante enquanto começava a jornada.

Quase imediatamente viu algo que o deixou nervoso.

Uma figura sombria estava encurvada num banco do outro lado da rua – um homem corpulento usando jeans e boné – digitando casualmente no celular, com o rosto barbudo iluminado pela tela.

Ele não é deste bairro, Köves sabia, acelerando o passo.

O homem de boné levantou os olhos, observou o rabino por um momento e voltou ao telefone. Köves continuou a andar. Depois de um quarteirão, olhou nervoso para trás. Para sua consternação, o homem de boné não estava mais no banco. Tinha atravessado a rua e andava pela calçada atrás dele.

Ele está me seguindo! Os pés do velho rabino se moveram mais depressa e sua respiração ficou entrecortada. Imaginou se teria sido um erro terrível sair de casa.

Valdespino insistiu para eu ficar lá dentro! Em quem decidi confiar?

Köves tinha planejado esperar que os homens de Valdespino viessem acompanhá-lo até Madri, mas o telefonema havia mudado tudo. As sementes sinistras da dúvida estavam brotando rapidamente.

A mulher ao telefone tinha alertado: *O bispo está mandando homens não para transportar o senhor, mas para eliminá-lo – exatamente como fez com Syed al-Fadl.*

Depois, ela apresentou provas tão convincentes que Köves entrou em pânico e fugiu.

Agora, andando rapidamente pela calçada, teve medo de não conseguir chegar à segurança da sinagoga. O homem de boné ainda estava atrás dele, seguindo-o a uns

50 metros de distância.

Um guincho ensurdecedor rasgou o ar noturno e Köves deu um pulo. O som, percebeu com alívio, era de um ônibus municipal freando

num ponto mais adiante no quarteirão. Köves sentiu como se o ônibus tivesse sido mandado por Deus.

Correu e entrou. O veículo estava apinhado de estudantes barulhentos, e dois deles educadamente abriram espaço para Köves.

– *Köszönöm* – chiou o rabino, sem fôlego. *Obrigado.*

Mas, antes que o ônibus pudesse partir, o homem de jeans e boné veio correndo e conseguiu embarcar no último instante.

Köves ficou rígido, mas o sujeito passou por ele sem olhar e se sentou nos fundos. No reflexo do para-brisa, o rabino podia ver que ele tinha voltado ao celular, aparentemente concentrado em algum jogo.

Não seja paranoico, Yehuda, censurou-se. *Ele não tem interesse em você.*

Quando o ônibus chegou à parada na Rua Dohány, Köves olhou ansioso para as torres da sinagoga a apenas alguns quarteirões de distância, no entanto não conseguia se obrigar a sair da segurança do veículo apinhado.

Se eu sair e o homem me seguir…

Permaneceu no banco, decidindo que provavelmente estava mais seguro no meio de um grupo de pessoas. *Posso andar um pouco de ônibus e recuperar o fôlego*, pensou, embora agora desejasse ter usado o toalete antes de fugir de casa tão abruptamente.

Foi apenas alguns instantes depois, quando o ônibus saiu da Rua Dohány, que o rabino Köves percebeu a falha terrível do seu plano.

É sábado à noite e todos os passageiros são jovens.

Percebeu que todo mundo naquele ônibus certamente desceria no mesmo lugar: na próxima parada, no coração do bairro judeu de Budapeste.

Depois da Segunda Guerra Mundial, esse bairro tinha ficado em ruínas, mas agora as estruturas decadentes eram o centro de uma das áreas mais vibrantes da Europa, com seus famosos “bares de ruínas” – boates da moda dentro de construções dilapidadas. Nos fins de semana, bandos de estudantes e turistas vinham se divertir nos esqueletos bombardeados de armazéns e antigas mansões cobertas de grafite, agora reformados e com aparelhagens de som de última geração, luzes coloridas e arte eclética.

De fato, quando o ônibus guinchou freando na parada seguinte, todos os estudantes saltaram juntos. O homem de boné permaneceu sentado nos fundos, ainda concentrado no telefone. O instinto mandou que Köves saísse o mais depressa possível, por isso ele se levantou, foi rapidamente pelo corredor e desceu para a rua com o bando de jovens.

O ônibus mudou de marcha para sair, mas parou de repente, com a porta se abrindo com um chiado para liberar um último passageiro: o homem de boné. Köves sentiu a pulsação disparar outra vez, porém o homem não olhou para ele. Em vez

◆ ◆ ◆

disso, deu as costas para o grupo e foi andando na direção oposta, telefonando ao mesmo tempo.

Pare de imaginar coisas, disse Köves a si mesmo, tentando respirar com calma.

O ônibus partiu e o bando de estudantes andou em direção aos bares. Por segurança, o rabino ficaria com eles pelo maior tempo possível, finalmente virando à esquerda e andando de volta para a sinagoga.

São apenas alguns quarteirões, disse a si mesmo, ignorando o peso nas pernas e a pressão cada vez maior na bexiga.

Os bares de ruínas estavam apinhados, com a clientela barulhenta se esparramando pelas ruas. Ao redor de Köves, o som de música eletrônica latejava e o cheiro de cerveja permeava o ar, misturado com a fumaça adocicada dos cigarros Sopianae e dos bolinhos Kürtőskalács, em forma de chaminé.

Enquanto se aproximava da esquina, Köves continuou com a sensação estranha de estar sendo vigiado. Diminuiu o passo e olhou de novo para trás. Felizmente o homem de jeans e boné não estava à vista.

Na penumbra, junto a uma porta, a silhueta agachada permaneceu imóvel por dez longos segundos antes de espiar cuidadosamente em direção à esquina.

Bela tentativa, velho, pensou ele, sabendo que tinha se escondido bem a tempo.

O homem verificou a seringa dentro do bolso. Depois saiu das sombras, ajeitou o boné e acelerou o passo para alcançar seu alvo.

C A P Í T U L O **4 1**

Diego Garza, o comandante da Guardia, subiu correndo para os aposentos residenciais, ainda segurando o tablet de Mónica Martín.

O tablet continha uma gravação telefônica – uma conversa entre um rabino húngaro chamado Yehuda Köves e algum tipo de informante da internet – e o conteúdo chocante da gravação tinha deixado pouquíssimas opções para o comandante Garza.

Quer Valdespino estivesse ou não por trás da conspiração assassina alegada pela informante, Garza sabia que, quando o áudio se tornasse público, a reputação de Valdespino estaria destruída para sempre.

Devo alertar o príncipe e isolá-lo das consequências.

Valdespino deve ser retirado do palácio antes que a história vaze.

Na política, percepção é tudo – e os vendedores de informações, justa ou injustamente, estavam para jogar Valdespino aos lobos. Sem dúvida, o príncipe herdeiro não poderia ser visto perto do bispo esta noite.

Mónica Martín, a coordenadora de RP, tinha aconselhado Garza a convencer o príncipe a fazer uma declaração imediatamente, para não correr o risco de parecer cúmplice.

Ela está certa, Garza sabia. *Precisamos colocar Julián na televisão. Agora.*

Garza chegou ao topo da escada e foi andando sem fôlego pelo corredor, na direção do apartamento de Julián, olhando o tablet.

Além da foto da tatuagem franquista e da gravação do telefonema do rabino, a iminente divulgação de dados por parte do ConspiracyNet incluiria uma terceira e última revelação – algo que, Mónica alertou, colocaria ainda mais lenha na fogueira.

Uma constelação de dados, era como ela havia chamado aquilo – descrevendo uma coleção de informações ou factoides aparentemente aleatórios e disparatados que os teóricos da conspiração seriam encorajados a analisar e conectar para criar possíveis “constelações”.

Eles não são melhores do que fanáticos pelo zodíaco! , pensou Garza, furioso, *criando formas de animais a partir do arranjo aleatório das estrelas!*

Infelizmente, os dados do ConspiracyNet que estavam no tablet pareciam formulados para se juntar numa única constelação. E, segundo o ponto de vista do palácio, não era uma constelação bonita.



ConspiracyNet.com

O ASSASSINATO DE KIRSCH

O QUE SABEMOS ATÉ AGORA

Edmond Kirsch compartilhou sua descoberta científica com três líderes religiosos: o bispo Antonio Valdespino, o *allamah* Syed al-Fadl e o rabino Yehuda Köves.

Kirsch e al-Fadl estão mortos e o rabino Yehuda não atende mais ao telefone de sua casa e parece ter sumido.

O bispo Valdespino está vivo e bem, e foi visto pela última vez atravessando a praça em direção ao Palácio Real.

O assassino de Kirsch – identificado como o almirante Luis Ávila – tem uma tatuagem que o liga a uma facção franquista ultraconservadora. (Será que o bispo Valdespino, um conhecido conservador, também é franquista?) E, finalmente, segundo fontes internas do Guggenheim, a lista de convidados do evento estava fechada, no entanto o nome do assassino Luis Ávila foi acrescentado no último minuto a pedido de alguém de dentro do Palácio Real.

(A pessoa no museu que cedeu a esse pedido foi a futura rainha consorte Ambra Vidal.)

O ConspiracyNet gostaria de agradecer ao informante monte@iglesia.org pela substancial colaboração para esta matéria.

monte@iglesia.org?

Garza já havia concluído que o endereço de e-mail devia ser falso.

Iglesia.org era um importante site católico na Espanha, uma comunidade virtual de padres, leigos e estudantes dedicados aos ensinamentos de Jesus. O informante parecia ter falsificado de alguma forma o domínio de modo que todas as alegações parecessem ter vindo do iglesia.org.

Esperto, pensou Garza, sabendo que o bispo Valdespino era profundamente admirado pelos católicos devotos que administravam o site. O comandante se perguntou se esse "colaborador" virtual seria a mesma pessoa que ligara para o rabino.

Quando chegou à porta do apartamento, pensou em como daria a notícia ao príncipe. O dia tinha começado de modo bastante normal e, de repente, parecia que o palácio estava travando uma guerra contra fantasmas. *Um informante sem rosto*

chamado Monte? Uma constelação de dados? Para piorar ainda mais, Garza continuava sem notícias de Ambra Vidal e Robert Langdon.

Deus nos ajude se a mídia souber das atitudes desafiadoras de Ambra esta noite.

O comandante entrou sem bater.

– Príncipe Julián? – gritou, indo rapidamente para a sala. – Preciso falar com o senhor a sós por um momento.

Chegou à sala e parou bruscamente.

Vazia.

– Don Julián? – gritou, andando de volta até a cozinha. – Bispo Valdespino?

Examinou todo o apartamento, mas o príncipe e Valdespino não estavam ali.

Ligou imediatamente para o celular do príncipe e ficou espantado ao ouvir um telefone tocando. O som era fraco, mas audível, e vinha de algum lugar dentro do aposento. Tentou de novo e, desta vez, acompanhou o toque abafado até um pequeno quadro na parede que, ele sabia, ocultava o cofre do apartamento.

Julián trancou o telefone no cofre?

Garza não podia acreditar que o príncipe abandonaria seu telefone numa noite em que as comunicações eram tão fundamentais.

E para onde eles foram?

Garza tentou, então, ligar para o celular de Valdespino, esperando que o bispo atendesse. Para sua perplexidade absoluta, um segundo toque abafado soou dentro do cofre.

Valdespino também largou o telefone dele?

Cada vez mais apreensivo e com os olhos arregalados, saiu correndo do apartamento. Nos minutos seguintes, disparou pelos corredores gritando, procurando tanto nos andares de cima como nos de baixo.

Eles não podem ter evaporado!

Quando finalmente parou de correr, pegou-se sem fôlego na base da elegante escadaria de Sabatini. Baixou a cabeça, derrotado. Agora o tablet estava dormindo, mas na tela enegrecida dava para ver o reflexo do afresco no teto, diretamente acima.

A ironia era cruel. O afresco era a grandiosa obra-prima de Giaquinto: *A Religião Protegida pela Espanha.*

C A P Í T U L O **4 2**

Enquanto o Gulfstream G550 subia até a altitude de cruzeiro, Robert Langdon olhava, sem expressão, pela janela oval e tentava organizar as ideias. As últimas duas horas tinham sido um redemoinho de emoções – desde a empolgação de assistir ao início da apresentação de Edmond até o horror dilacerante de ver seu assassinato medonho. E o mistério da apresentação só parecia se aprofundar à medida que Langdon pensava nela.

Que segredo Edmond descobriu?

De onde viemos? Para onde vamos?

As palavras de Edmond na escultura espiral, mais cedo, retornaram à mente de Langdon: *Robert, a descoberta que eu fiz… responde claramente a essas duas perguntas.*

Edmond tinha dito que resolvera dois dos maiores mistérios da vida. No entanto, pensou Langdon, como a notícia poderia ser tão perigosamente incômoda a ponto de alguém tê-lo *assassinado* para manter tudo em segredo?

Só tinha certeza de que Edmond estava se referindo à origem e ao destino dos seres humanos.

Que origem chocante Edmond descobriu?

Que destino misterioso?

O ex-aluno tinha se mostrado otimista e animado com relação ao futuro, assim parecia improvável que sua previsão fosse algo apocalíptico. *Então o que Edmond poderia ter previsto que preocupasse tanto os clérigos?*

– Robert? – Ambra se materializou perto dele com uma xícara de café quente. –

Você disse que queria puro?

– Perfeito, obrigado.

Langdon aceitou a xícara, agradecido, esperando que um pouco de cafeína ajudasse a desatar seus pensamentos embolados.

Ambra sentou-se diante dele, pegou uma garrafa elegantemente ornamentada e se serviu de uma taça de vinho tinto.

– Edmond carrega um estoque de Château Montrose a bordo. É uma pena desperdiçar.

Langdon tinha provado o Montrose uma vez, numa antiga adega secreta sob o Trinity College em Dublin, enquanto pesquisava o

manuscrito com iluminuras conhecido como *Livro de Kells.*

Ambra segurou a taça com as duas mãos e, enquanto a levava aos lábios, olhou para Langdon por cima da borda. De novo ele se pegou estranhamente desarmado pela elegância natural daquela mulher.

– Andei pensando – começou ela. – Você disse antes que Edmond esteve em Boston e perguntou sobre várias histórias da Criação?

– É, há cerca de um ano. Ele estava interessado nos diferentes modos pelos quais as principais religiões responderam à pergunta: "De onde viemos?"

– Então talvez esse seja um bom lugar para começarmos, não é? Talvez possamos descobrir em que ele estava trabalhando.

– Sou totalmente a favor de começar pelo início, mas não sei direito o que há para descobrir. Só existem *duas* escolas de pensamento sobre a nossa origem: a ideia religiosa de que Deus criou os seres humanos totalmente formados e o modelo darwiniano em que nós nos arrastamos para fora da sopa primordial e finalmente evoluímos até virar seres humanos.

– E se Edmond descobriu uma *terceira* possibilidade? – perguntou Ambra, com os olhos castanhos brilhando. – E se isso for parte da descoberta? E se ele provou que a espécie humana não veio de Adão e Eva *nem* da evolução darwiniana?

Langdon precisou admitir que uma descoberta assim – uma história alternativa para a origem humana – seria capaz de abalar o planeta, mas simplesmente não conseguia imaginar o que poderia ser.

– A teoria da evolução de Darwin é extremamente bem estabelecida porque é baseada em fatos cientificamente *observáveis* – disse ele. – E ilustra com clareza como os organismos evoluem e se adaptam ao ambiente com o correr do tempo. A teoria da evolução é aceita pelas mentes mais afiadas da ciência.

– É mesmo? Já vi livros argumentando que Darwin estava totalmente errado.

– O que ela diz é verdade – entoou Winston ao telefone, que estava recarregando na mesa à frente deles. – Mais de 50 títulos foram publicados somente nas últimas duas décadas.

Langdon tinha esquecido que Winston ainda estava com eles.

– Alguns desses livros foram best-sellers – acrescentou Winston. – *O Que Darwin Entendeu Errado… Derrotando o Darwinismo… A Caixa-Preta de Darwin… O Julgamento de Darwin… O Lado Sombrio de Charles Dar…*

– É – interrompeu Langdon, totalmente consciente do número substancial de livros que diziam provar que Darwin estava errado. – Na verdade, eu li dois, há algum tempo.

– E? – pressionou Ambra.

Langdon deu um sorriso educado.

– Bom, não posso falar por todos, mas os dois que eu li argumentavam a partir de um ponto de vista fundamentalmente cristão. Um deles chegava ao ponto de sugerir que todos os registros fósseis foram postos por Deus “com o objetivo de testar nossa fé”.

Ambra franziu a testa.

– Certo, então eles não fizeram você mudar de ideia.

– Não, mas me deixaram curioso, por isso pedi a opinião de um professor de Biologia de Harvard sobre os livros. – Langdon sorriu. – O professor, por sinal, era o falecido Stephen J. Gould.

– Por que eu conheço esse nome? – perguntou Ambra.

– Stephen J. Gould – explicou Winston imediatamente. – Famoso biólogo evolucionário e paleontólogo. Sua teoria do “equilíbrio

pontuado” preencheu algumas lacunas no registro fóssil e ajudou a sustentar o modelo de evolução de Darwin.

– Gould simplesmente riu – lembrou Langdon – e me disse que a maioria dos livros anti-Darwin são publicados por entidades como o Institute for Creation Research, uma organização que pesquisa a Criação mas, segundo seus próprios materiais de divulgação, considera a Bíblia um relato literal e infalível de fatos históricos e científicos.

– O que quer dizer – emendou Winston – que eles acreditam que as sarças ardentes podem falar, que Noé conseguiu enfiar todas as espécies vivas num único barco e que as pessoas se transformam em estátuas de sal. Não são os alicerces mais firmes para uma organização de pesquisa científica.

– Verdade – concordou Langdon. – No entanto, existem alguns livros não religiosos que tentam desacreditar Darwin a partir de um ponto de vista histórico, acusando-o de *roubar* sua teoria do naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck, o primeiro a propor que os organismos se transformavam reagindo ao ambiente.

– Essa linha de pensamento é irrelevante, professor – observou Winston. – O

fato de Darwin ser culpado ou não de plágio não altera a veracidade de sua teoria evolucionária.

– Não posso questionar isso – disse Ambra. – Assim, Robert, presumo que, se você perguntasse ao professor Gould “De onde viemos?”, ele responderia, sem sombra de dúvida, que nós evoluímos a partir dos primatas.

Langdon assentiu.

– Estou explicando a meu modo, mas essencialmente Gould me garantiu que entre os cientistas de verdade não existe dúvida de que a evolução está acontecendo.

Empiricamente nós podemos *observar* o processo. Ele acreditava que as melhores perguntas eram: *Por que* a evolução está acontecendo? E *como* ela começou?

– Ele deu alguma resposta? – perguntou Ambra.

– Nenhuma que eu pudesse entender, mas ilustrou o argumento com uma experiência mental. Chama-se Experiência do Corredor Infinito.

Langdon fez uma pausa, tomando outro gole de café.

– É uma ilustração útil – entoou Winston antes que Langdon pudesse falar. –

Imagine-se andando por um corredor comprido, tão comprido que é impossível ver de onde você veio ou para onde está indo.

Langdon assentiu, impressionado com a amplitude dos conhecimentos de Winston.

– Então, lá atrás, a distância – continuou Winston –, você escuta o som de uma bola quicando. E quando se vira, vê uma bola quicando na sua direção. Ela vem quicando cada vez mais perto, até que finalmente passa por você e segue em frente, quicando até sumir.

– Correto – disse Langdon. – A questão não é: A bola *está* quicando? Porque sem dúvida a bola *está* quicando. Podemos observá-la. A questão é: *Por que* ela está quicando? Como *começou* a quicar? Alguém deu um chute nela? É uma bola especial que simplesmente gosta de quicar? As leis da física nesse corredor implicam que a bola não tem opção a não ser quicar para sempre?

– O argumento de Gould – concluiu Winston – é que, como acontece com a evolução, não podemos enxergar suficientemente longe, no passado, para ver como o processo começou.

– Exato – concordou Langdon. – Só podemos observar que ele está *acontecendo*.

– Um desafio semelhante ao que enfrentamos para entender o Big Bang – disse Winston. – Os cosmólogos criaram fórmulas elegantes para descrever o Universo em expansão durante qualquer período de tempo “T” no passado ou no futuro. Mas, quando tentam ver o *instante* em que o Big Bang ocorreu, em que T é igual a zero, a matemática enlouquece, descrevendo o que parece ser um ponto místico de calor e densidade infinitos.

Langdon e Ambra se entreolharam impressionados.

– Correto de novo – admitiu Langdon. – E como a mente humana não é equipada para abordar muito bem o “infinito”, hoje em dia a maior parte dos cientistas discute o Universo apenas em termos de instantes *depois* do Big Bang, onde T é maior do que zero. O que garante que a *matemática* não fique *mística.*

Um colega de Langdon em Harvard – um solene professor de Física – tinha ficado tão farto dos estudantes de Filosofia que compareciam ao seu curso sobre Origens do Universo que finalmente colocou uma placa na porta da sala.

Na minha sala T>0.

Para todas as indagações em que T=0,

visite, por favor, o Departamento de Religião.

– E a panspermia? – perguntou Winston. – A ideia de que a vida na Terra foi semeada a partir de outro planeta por um meteoro ou poeira cósmica? A panspermia é considerada uma possibilidade cientificamente válida para explicar a existência da vida no planeta.

– Mesmo se for verdade – objetou Langdon –, essa teoria não diz como a vida *começou* no Universo. Só estamos embromando, ignorando a origem da bola quicando e adiando a grande questão: De onde vem a vida?

Winston ficou em silêncio.

Ambra tomou um gole de vinho, divertindo-se com o embate entre eles.

Quando o Gulfstream G550 alcançou a altitude de cruzeiro e se estabilizou, Langdon ficou pensando no que significaria para o mundo se Edmond realmente tivesse encontrado a resposta para a pergunta ancestral: De onde viemos?

E, no entanto, segundo Edmond, essa resposta era apenas *parte* do segredo.

Qualquer que fosse a verdade, o futurólogo tinha protegido os detalhes da sua revelação com uma senha formidável – um verso de 47 letras. Se tudo corresse de acordo com o plano, em pouco tempo Langdon e Ambra iriam descobri-la dentro da casa de Edmond em Barcelona.

C A P Í T U L O **4 3**

Quase uma década depois de ter sido criada, a *dark web* continua sendo um mistério para a maioria dos usuários da internet. Inacessível através dos mecanismos de busca tradicionais, essa área sinistra e sombria da rede mundial fornece acesso anônimo a um espantoso cardápio de mercadorias e serviços ilegais.

Desde seu início humilde abrigando o Silk Road – o primeiro mercado negro para drogas ilegais na internet –, a *dark web* cresceu até virar uma rede gigantesca de sites ilícitos que comercializam armas, pornografia infantil, segredos políticos e até profissionais de aluguel, inclusive prostitutas, hackers, espiões, terroristas e assassinos.

Toda semana milhões de transações são realizadas na *dark web* e, nesta noite, perto dos bares de ruína de Budapeste, um dos serviços contratados ali estava para ser concluído.

O homem de boné e jeans movia-se discretamente pela Rua Kazinczy, permanecendo nas sombras enquanto seguia a presa. Nos últimos anos, missões como aquela tinham se transformado no seu

ganha-pão e eram sempre negociadas através de um punhado de redes populares: Unfriendly Solution, Hitman Network e BesaMafia.

A indústria dos matadores de aluguel movimentava bilhões de dólares e crescia diariamente, acima de tudo devido à garantia de negociações anônimas na *dark web* e pagamento com Bitcoins, impossível de ser rastreado. A maioria dos serviços tinha a ver com fraudes de seguros, sociedades comerciais problemáticas ou casamentos turbulentos, mas as causas jamais eram uma preocupação para a pessoa contratada.

Sem perguntas, pensava o matador. *Essa é a regra não verbalizada que faz com que meu negócio funcione.*

Tinha aceitado o serviço desta noite alguns dias antes. Seu contratante anônimo havia oferecido 150 mil euros para vigiar a casa de um velho rabino e permanecer

“em contato” para o caso de alguma ação ser necessária – o que, nesse caso, significava invadir a casa do homem e injetar-lhe cloreto de potássio na veia, causando sua morte imediata devido a um aparente ataque cardíaco.

Hoje, inesperadamente, o rabino tinha saído de casa no meio da noite e pegado um ônibus para um bairro dilapidado. O assassino seguiu-o e depois usou o programa criptografado em seu smartphone para informar a novidade ao contratante.

O alvo saiu de casa. Foi até a área de bares.

◆ ◆ ◆

Talvez para encontrar alguém?

A resposta do contratante foi quase imediata.

Executar.

Agora, em meio aos bares de ruínas e os becos escuros, o que havia começado como uma tocaia se transformava num jogo mortal de gato e rato.

O rabino Yehuda Köves estava suando e sem fôlego enquanto ia pela Rua Kazinczy. Seus pulmões ardiam e ele sentia que a bexiga estava a ponto de explodir.

Só preciso de um toalete e de um pouco de descanso, pensou, parando no meio de um grupo reunido diante do Szimpla – um dos maiores e mais famosos bares de ruína de Budapeste. Frequentadores de todas as idades e profissões formavam uma mistura tão eclética que ninguém olhou duas vezes para o velho rabino.

Vou parar só um momento, decidiu ele, indo na direção do bar.

Antigamente uma mansão de pedra espetacular, com sacadas elegantes e janelas altas, o bar Szimpla agora não passava de uma casca dilapidada coberta por pichações. Enquanto cruzava o pórtico amplo daquela que já fora uma residência grandiosa, Köves viu uma mensagem em código na entrada: EGG-ESH-AY-GED-REH!

Demorou um momento para perceber que era somente a grafia fonética da palavra *egészségedre*, que em húngaro significa “saúde!”.

Ao entrar, olhou incrédulo o interior gigantesco do bar. No meio da mansão arruinada, havia um enorme pátio com os objetos mais estranhos que o rabino já vira: um sofá feito de uma banheira, manequins montados em bicicletas suspensas no ar e um sedã Trabant da Alemanha Oriental, que tinha sido estripado e agora servia como assento improvisado para os clientes.

O pátio era cercado por paredes adornadas com uma colcha de retalhos de pichações feitas com tinta spray, cartazes da era soviética, esculturas clássicas e plantas penduradas que se derramavam pelas sacadas interiores apinhadas de fregueses, todos

oscilando às batidas fortes da música. O ar cheirava a cigarro e cerveja. Casais jovens se beijavam apaixonadamente em plena vista enquanto outros fumavam discretamente cachimbos pequenos e tomavam tragos de *pálinka*, uma popular aguardente de fruta engarrafada na Hungria.

Köves sempre tinha achado irônico que os seres humanos, apesar de serem a criação mais sublime de Deus, no fundo ainda fossem animais – e seu comportamento, em grande medida, fosse provocado pela busca por confortos básicos. *Nós confortamos o corpo físico na esperança de que a alma também*

◆ ◆ ◆

encontre conforto. Köves passava boa parte do tempo aconselhando pessoas que cediam exageradamente às tentações animais da carne – acima de tudo, comida e sexo. Com o crescimento do vício em internet e em drogas baratas, seu trabalho ficava mais desafiador a cada dia.

O único conforto básico de que Köves necessitava no momento era um banheiro, por isso ficou consternado ao encontrar uma fila de dez pessoas. Incapaz de esperar, subiu cautelosamente a escada, onde lhe disseram que encontraria vários outros toaletes. No segundo andar da mansão, o rabino se moveu por um labirinto de salas e quartos interligados, cada qual com seu próprio bar ou lugar para sentar.

Perguntou a um garçom sobre o banheiro e o homem apontou para um corredor a uma boa distância dali, aparentemente acessível por uma comprida sacada acima do pátio.

Köves foi rapidamente para a sacada, apoiando-se no corrimão. Enquanto andava, olhou o pátio movimentado lá embaixo, onde um mar de jovens girava com a pulsação profunda da música.

Então viu.

Parou, seu sangue de repente gelado.

Ali, no meio da multidão, estava o homem de boné e jeans olhando diretamente para ele. Por um breve instante os dois se encararam. Então, com a velocidade de uma pantera, o homem de boné partiu para a ação, abriu caminho entre os fregueses e subiu correndo a escada.

O assassino subia depressa, examinando cada rosto pelo qual passava. O bar Szimpla era bastante familiar para ele. Subiu até a sacada onde seu alvo estivera.

O rabino havia sumido.

Não passei por você, pensou o matador, *o que significa que ainda está no prédio.*

Levantando o olhar para um corredor escuro adiante, o assassino sorriu, suspeitando de que sabia exatamente onde seu alvo tentaria se esconder.

O corredor era apertado e fedia a urina. Na outra ponta havia uma porta de madeira empenada.

O matador foi andando com estardalhaço e bateu com força à porta.

Silêncio.

Bateu de novo.

Uma voz profunda lá dentro grunhiu, dizendo que o lugar estava ocupado.

– *Bocsássom meg!* – desculpou-se o matador num tom de voz suave e fingiu que estava se afastando, fazendo barulho.

◆ ◆ ◆

Então deu meia-volta em silêncio e retornou à porta, encostando o ouvido na madeira. Dentro, podia ouvir o rabino sussurrando desesperadamente em húngaro.

– *Alguém está tentando me matar! Ele estava na frente da minha casa! Agora me encurralou dentro do bar Szimpla em Budapeste! Por favor, mande ajuda!*

Aparentemente o alvo tinha ligado para o 112, o número da polícia em Budapeste. O tempo de reação da polícia era notoriamente lento, mas mesmo assim o assassino tinha ouvido o suficiente.

Olhando para trás, para ver se estava sozinho, virou o ombro musculoso na direção da porta, inclinou-se para trás e sincronizou o golpe com a pancada trovejante da música.

A dobradiça velha estourou na primeira tentativa. A porta se abriu com estrondo. O assassino entrou, fechou a porta e encarou sua presa.

O homem encolhido no canto parecia tão confuso quanto aterrorizado.

O assassino pegou o telefone do rabino e jogou no vaso sanitário.

– Quem mandou você? – gaguejou Köves.

– A beleza da minha situação – respondeu o homem – é que não tenho como saber.

Agora o velho chiava, suando profusamente. De repente, começou a ofegar, os olhos se arregalando enquanto apertava o peito com as duas mãos.

Sério? , pensou o assassino, sorrindo. *Ele está tendo um ataque cardíaco?*

No piso do banheiro, o velho se retorcia engasgado, os olhos implorando compaixão enquanto o rosto ficava vermelho e ele

apertava o peito. Por fim virou de rosto para baixo no ladrilho sujo, onde ficou tremendo e se sacudindo enquanto a bexiga se esvaziava nas calças e um fio de urina corria pelo chão.

Por fim, o rabino ficou imóvel.

O assassino se agachou e tentou ouvir a respiração. Nada.

Então se levantou com um risinho.

– Você tornou meu serviço mais fácil do que eu previa.

Com isso, foi para a porta.

Os pulmões do rabino Köves ansiavam por ar.

Tinha conseguido fazer o desempenho de toda uma vida.

À beira da inconsciência, ficou imóvel escutando os passos do agressor pelo banheiro. A porta se abriu rangendo e se fechou com um estalo.

Silêncio.

Köves se obrigou a esperar mais alguns instantes para garantir que o assassino não poderia ouvi-lo. Depois, incapaz de esperar mais um segundo, exalou e começou

a respirar profundamente. Até mesmo o ar rançoso do banheiro tinha gosto de algo mandado pelo céu.

Abriu lentamente os olhos, com a visão turva pela falta de oxigênio. Enquanto levantava a cabeça latejante, a visão começou a clarear. Para sua perplexidade, viu uma figura escura parada do lado de dentro da porta fechada.

O homem de boné estava sorrindo para ele.

Köves se imobilizou. *Ele não saiu do banheiro.*

O assassino deu dois longos passos até o rabino. E com um aperto de ferro agarrou o pescoço do velho e empurrou seu rosto de volta contra o chão.

– Você conseguiu prender a respiração – rosnou o matador –, mas não fazer seu coração parar. – Ele gargalhou. – Não se preocupe. Posso ajudar com isso.

Um instante depois um ponto de calor penetrou na lateral do pescoço de Köves.

Fogo derretido pareceu descer pela garganta e subir pelo crânio. Dessa vez, quando seu coração sofreu um ataque, ele soube que era de verdade.

Depois de dedicar uma parte tão grande da vida aos mistérios do *Shamayim*, a moradia de Deus e dos mortos justos, o rabino Yehuda Köves soube que todas as respostas estavam a apenas um batimento cardíaco de distância.

C A P Í T U L O **4 4**

Sozinha no espaçoso toalete do jato G550, Ambra Vidal parou diante da pia e deixou a água quente correr suave sobre as mãos enquanto se olhava no espelho, mal se reconhecendo no reflexo.

O que eu fiz?

Tomou outro gole de vinho, ansiando pela vida de apenas alguns meses atrás –

quando estava concentrada no trabalho do museu, solteira e anônima. Mas isso havia mudado. Tudo tinha evaporado no momento em que Julián fez o pedido.

Não. No momento em que você disse sim.

Agora ela havia absorvido o horror do assassinato desta noite, e sua mente lógica estava pesando as implicações, temerosa.

Eu convidei o assassino de Edmond para o museu.

Fui enganada por alguém do palácio.

E agora sei demais.

Não existia prova de que o príncipe Julián estivesse por trás daquele crime sangrento, nem que ao menos *soubesse* do plano de assassinato. Mesmo assim, Ambra tinha visto o suficiente do funcionamento interno do palácio para suspeitar de que nada disso teria acontecido sem o conhecimento do príncipe, ou mesmo sua bênção.

Contei coisas demais a Julián.

Nas últimas semanas, Ambra tinha sentido uma necessidade crescente de justificar cada segundo que passava longe do noivo ciumento e, assim, havia contado a ele, em particular, boa parte do que sabia sobre a futura apresentação de Edmond.

Agora sentia que sua abertura tinha sido imprudente.

Fechou a torneira e enxugou as mãos, pegando a taça quase vazia e engolindo as últimas gotas. No espelho viu uma mulher estranha: uma profissional que já fora confiante e agora estava cheia de arrependimento e vergonha.

Os erros que eu cometi em poucos meses…

Enquanto sua mente voltava no tempo, imaginou o que poderia ter feito de outro modo. Quatro meses atrás, numa noite chuvosa em Madri, Ambra estava numa festa beneficente no Museu de Arte Moderna Reina Sofía…

A maior parte dos convidados tinha migrado para a sala 206.06 para olhar a obra mais famosa do museu, *Guernica*: um Picasso de 7,5 metros que evocava o horrível bombardeio de uma pequena cidade basca durante a Guerra Civil

Espanhola. Mas Ambra achava a pintura dolorosa demais – uma lembrança vívida da opressão brutal sofrida sob o domínio do ditador fascista, o general Francisco Franco, entre 1939 e 1975.

Em vez disso, optou por ir sozinha a uma galeria silenciosa, desfrutar da obra de uma de suas artistas espanholas prediletas, Maruja Mallo, uma pintora surrealista da Galícia cujo sucesso na década de 1930 ajudara a abrir caminho para a aceitação de artistas mulheres na Espanha.

Estava sozinha admirando *La Verbena* – uma sátira política cheia de símbolos complexos –, quando uma voz profunda falou atrás dela:

– *Es casi tan guapa como tú* – declarou o homem. *É quase tão linda quanto você.*

Ambra continuou olhando para a frente e resistiu à ânsia de revirar os olhos.

Em eventos como esse, às vezes o museu mais parecia um desajeitado bar de encontros do que um centro cultural.

– *¿Qué crees que significa?* – insistiu a voz atrás dela. *O que você acha que significa?*

– Não faço ideia – mentiu ela, esperando que, se falasse em inglês, faria o homem ir embora. – Só gosto.

– Também gosto – respondeu ele num inglês quase sem sotaque. – Mallo estava à frente do seu tempo. Infelizmente, para um olhar menos treinado, a beleza superficial desta pintura pode camuflar a substância mais profunda que ela possui. –

Ele fez uma pausa. – Imagino que uma mulher como *você* deva enfrentar esse problema o tempo todo.

Ambra gemeu por dentro. *Será que as mulheres ainda caem nesse tipo de cantada?* Grudando um sorriso educado no rosto, virou para despachar o sujeito.

– Senhor, é muita gentileza dizer isso, mas…

Ambra Vidal parou no meio da frase.

O homem à sua frente era alguém que ela vira na televisão e em revistas durante toda a vida.

– Ah – gaguejou Ambra. – O senhor é…

– Presunçoso? – arriscou o homem. – Desajeitadamente ousado? Desculpe, eu levo uma vida resguardada e não sou muito bom com esse tipo de coisa. – Ele sorriu e estendeu a mão educadamente. – Meu nome é Julián.

– Acho que sei o seu nome – disse Ambra, ficando ruborizada enquanto apertava a mão do príncipe Julián, o futuro rei da Espanha. Ele era muito mais alto do que ela havia imaginado, com olhos suaves e um sorriso confiante. – Não sabia que o senhor estaria aqui esta noite – continuou, recuperando rapidamente a compostura. – Imaginei que fosse mais afeito ao Museu do Prado. O senhor sabe, Goya, Velázquez… os clássicos.

– Quer dizer, conservador e antiquado? – Ele deu um riso caloroso. – Acho que você me confundiu com o meu pai. Mallo e Miró sempre foram meus prediletos.

Ambra e o príncipe conversaram por vários minutos e ela ficou impressionada com o conhecimento de arte que ele possuía. Bom, afinal de contas, o sujeito tinha crescido no Palácio Real de Madri, que abrigava uma das melhores coleções da Espanha; provavelmente tinha um El Greco original pendurado no quarto em que dormia quando era criança.

– Sei que isso vai parecer apressado – disse o príncipe, entregando-lhe um cartão de visita com impressão em relevo dourado –, mas adoraria que você me acompanhasse num jantar amanhã à noite. Meu número particular está no cartão. É

só confirmar.

– Jantar? – brincou Ambra. – O senhor nem sabe o meu nome.

– Ambra Vidal – respondeu ele despreocupadamente. – Você tem 39 anos. É

formada em História pela Universidade de Salamanca. É diretora do nosso Museu Guggenheim em Bilbao. Recentemente falou sobre a controvérsia ao redor de Luis Quiles, cuja obra, concordo, espelha explicitamente os horrores da vida moderna e pode não ser adequada para crianças pequenas, mas não sei se concordo quando você diz que a obra dele lembra a de Bansky. Você nunca se casou. Não tem filhos.

E fica fantástica de preto.

O queixo de Ambra caiu.

– Meu Deus! Essa abordagem costuma funcionar?

– Não faço ideia – disse ele com um sorriso. – Acho que vamos descobrir.

Como se tivessem recebido uma deixa, dois agentes da Guardia Real se materializaram e levaram o príncipe para falar com alguns VIPs.

Ambra apertou o cartão de visita sentindo algo que não experimentava em anos.

Um frio na barriga. *Um príncipe acabou de me convidar para sair?*

Tinha sido uma adolescente magricela e comprida, e os rapazes que a convidavam para sair sempre se sentiam no mesmo nível que ela. Porém, mais tarde, quando sua beleza aflorou, Ambra de repente descobriu que os homens ficavam intimidados em sua presença, remexendo-se, desajeitados e agindo com deferência demais. Mas nessa noite um homem poderoso a tinha abordado de forma ousada e assumido totalmente o controle. Isso a fez sentir-se feminina. E jovem.

Na noite seguinte um chofer pegou Ambra no hotel e a levou ao Palácio Real, onde ela se viu sentada ao lado do príncipe na companhia de duas dúzias de outros convidados, muitos dos quais reconhecia das colunas sociais ou da política. O

príncipe a apresentou como sua “adorável nova amiga” e iniciou uma conversa sobre arte, da qual Ambra podia participar integralmente. Ela teve a sensação de que estava passando por algum tipo de teste, mas não se incomodou. Sentiu-se lisonjeada.

No final da noite, Julián a puxou de lado e sussurrou:

– Espero que tenha se divertido. Eu adoraria ver você de novo. – E sorriu. –

Que tal na quinta-feira à noite?

– Obrigada, mas infelizmente vou viajar para Bilbao de manhã.

– Então vou para lá também. Você já esteve no restaurante Etxanobe?

Ambra teve que rir. O Etxanobe era uma das experiências culinárias mais desejadas de Bilbao. Predileto dos aficionados de arte de todo o mundo, tinha decoração de vanguarda e uma cozinha colorida que fazia com que as pessoas se sentissem numa paisagem pintada por Marc Chagall.

– Seria maravilhoso – ouviu-se dizendo.

No Etxanobe, diante de requintados pratos de atum tostado com sumagre e aspargos com trufas, Julián começou a falar dos desafios políticos que enfrentava enquanto tentava emergir da sombra do pai doente, e também sobre a pressão que sentia para dar continuidade à linhagem real. Ambra reconheceu nele a inocência de um menino enclausurado, mas também viu o nascimento de um líder que tinha uma paixão fervorosa pelo país. Achou isso uma combinação sedutora.

Naquela noite, quando os seguranças de Julián o levaram para seu avião particular, Ambra soube que estava apaixonada.

Você mal o conhece, lembrou a si mesma. *Vá com calma.*

Os meses seguintes pareceram passar num instante enquanto Ambra e Julián se encontravam constantemente – jantares no palácio, piqueniques na propriedade dele no campo, até uma matinê de cinema. O entendimento entre os dois não era forçado e Ambra não conseguia se lembrar de já ter se sentido mais feliz. Julián tinha um charme antiquado, sempre segurando sua mão ou roubando um beijo com delicadeza, mas jamais cruzando os limites convencionais. E Ambra gostava de seus modos refinados.

Numa manhã ensolarada, três semanas antes, Ambra estava em Madri para participar de um programa de TV matinal em que seria entrevistada sobre as próximas exposições no Guggenheim. O *Telediario* da RTVE era assistido por milhões de pessoas em todo o país, e Ambra estava meio apreensiva por aparecer num programa ao vivo, mas sabia que isso seria uma divulgação fantástica para o museu.

Na noite anterior ao programa, ela e Julián se encontraram para um jantar deliciosamente casual na Trattoria Malatesta, depois saíram discretamente para um passeio no Parque del Retiro. Vendo as famílias se divertindo e a quantidade de crianças rindo e correndo, Ambra sentiu-se em paz, entregue ao momento.

– Você gosta de crianças? – perguntou Julián.

– Adoro – respondeu ela com honestidade. – Na verdade, às vezes acho que essa é a única coisa que me falta na vida.

Julián deu um sorriso largo.

– Conheço esse sentimento.

Nesse instante, o modo como ele a encarou parecia diferente e, de repente, Ambra percebeu *por que* Julián estava fazendo essa

pergunta. Um medo súbito a dominou e uma voz gritou em sua cabeça: *Diga a ele! DIGA A ELE AGORA!*

Tentou falar, mas não conseguiu emitir nenhum som.

– Você está bem? – perguntou ele, parecendo preocupado.

Ambra sorriu.

– É o *Telediario*. Só estou meio nervosa.

– Respire fundo. Você vai se sair muito bem.

Julián abriu um sorriso largo e depois se inclinou e lhe deu um beijo rápido e suave nos lábios.

Na manhã seguinte, às sete e meia, Ambra se viu num palco de TV, batendo um papo surpreendentemente confortável com os três charmosos apresentadores do *Telediario*. Estava tão envolvida no entusiasmo pelo Guggenheim que mal notava as câmeras e a plateia ao vivo, nem se lembrava de que havia cinco milhões de pessoas assistindo ao programa em casa.

– *Gracias, Ambra, y muy interesante* – disse a apresentadora enquanto o segmento chegava ao fim. – *Un gran placer conocerte.*

Ambra assentiu, agradecendo, e esperou que a entrevista terminasse.

Estranhamente, a apresentadora deu um sorrisinho e virou-se para a câmera, falando direto com os telespectadores.

– Esta manhã – começou ela –, uma pessoa muito especial fez uma visita surpresa ao estúdio do *Telediario* e nós gostaríamos de apresentá-la.

Os três anfitriões se levantaram batendo palmas enquanto um homem alto e elegante entrava no cenário. Quando a plateia o viu, saltou de pé, aplaudindo loucamente.

Ambra também se levantou, olhando chocada.

¿Julián?

O príncipe acenou educadamente para o público e apertou a mão dos três apresentadores. Depois foi até Ambra e passou o braço em volta dela.

– Meu pai sempre foi um romântico – disse olhando diretamente para a câmera, falando aos telespectadores. – Quando minha mãe faleceu, ele jamais deixou de amá-la. Eu herdei seu romantismo e acredito que, quando um homem encontra o amor, sabe disso num instante. – Julián olhou para Ambra e deu um sorriso caloroso.

– E assim… – Ele deu um passo atrás e a encarou.

Quando Ambra percebeu o que ia acontecer, ficou paralisada de incredulidade.

NÃO! Julián! O que você está fazendo?

Sem aviso, de repente, o príncipe herdeiro da Espanha estava se ajoelhando diante dela.

– Ambra Vidal, estou pedindo não como um príncipe, mas simplesmente como um homem apaixonado. – Ele a encarou com olhos turvos, e as câmeras deram um close em seu rosto. – Eu amo você. Quer se casar comigo?

A plateia e os apresentadores ofegaram, e Ambra sentiu milhões de olhos de todos os cantos do país focalizados nela. O sangue lhe subiu ao rosto e as luzes pareceram subitamente escaldantes. Seu coração começou a bater feito louco enquanto ela encarava Julián, com mil pensamentos correndo pela cabeça.

Como você pôde me colocar nessa situação?! Nós nos conhecemos há pouco tempo! Existem coisas sobre mim que não contei… coisas que poderiam mudar tudo!

Ambra não fazia ideia de quanto tempo ficara parada, num pânico silencioso, mas finalmente um dos apresentadores deu um riso desajeitado e disse:

– Acho que a Srta. Vidal está em transe! Srta. Vidal? Há um príncipe bonito ajoelhado à sua frente e declarando amor diante do mundo inteiro!

Ambra revirou a mente procurando algum modo gentil de sair da situação.

Tudo o que escutou foi silêncio, e soube que estava numa armadilha. Só havia um modo de este momento público terminar.

– Estou hesitando porque mal posso acreditar que este conto de fadas tem um final feliz. – Relaxou os ombros e deu um sorriso caloroso para Julián. – Claro que aceito me casar com você, príncipe Julián.

O estúdio explodiu em aplausos loucos.

Julián se levantou e envolveu Ambra com os braços. Enquanto se abraçavam, ela percebeu que os dois nunca tinham feito isso, até esse momento.

Dez minutos mais tarde, estavam sentados no banco de trás da limusine dele.

– Dá para ver que assustei você – disse Julián. – Desculpe. Eu estava tentando ser romântico. Tenho sentimentos fortes por você e…

– Julián – interrompeu Ambra enfaticamente. – Também tenho sentimentos fortes por você, mas você me colocou numa situação embaraçosa! Jamais imaginei que faria um pedido tão depressa! Nós mal nos conhecemos. Existem muitas coisas que preciso lhe contar… coisas importantes sobre meu passado.

– Nada do seu passado importa.

– Isso pode importar. *Muito.*

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Eu te amo. Não vai importar. Pode me pôr à prova.

Ambra examinou o homem à sua frente. *Certo, então.* Sem dúvida, não era assim que desejava ter essa conversa, mas ele não tinha lhe dado escolha.

– Bom, quando eu era pequena, tive uma infecção terrível que quase me matou, Julián.

– Certo.

Enquanto falava, Ambra sentiu um vazio profundo crescendo por dentro.

– E o resultado é que meu sonho de ter filhos… bom, não pode ser mais que um sonho.

– Não entendi.

– Julián – disse ela peremptoriamente. – Eu *não posso* ter filhos. Meus problemas da infância me deixaram estéril. Eu sempre quis ter filhos, mas não posso.

Sinto muito. Sei como isso é importante, mas você acaba de pedir em casamento uma mulher que não pode lhe dar um herdeiro.

Julián ficou branco.

Ambra o encarou, desejando que ele falasse. *Julián, este é o momento em que você me abraça com força e diz que está tudo bem. Este é o momento em que você diz que isso não importa e que me ama mesmo assim.*

E então aconteceu.

Julián se afastou ligeiramente.

Nesse instante Ambra soube que tudo estava acabado.

C A P Í T U L O **4 5**

A divisão de segurança eletrônica da Guardia fica num labirinto de salas sem janela no subsolo do Palácio Real. Intencionalmente isolado do vasto alojamento e da Armaria, o quartel-general da divisão consiste em dezenas de cubículos com computadores, uma central telefônica e uma parede de monitores de segurança. Os oito funcionários, todos com menos de 35 anos, são responsáveis por fornecer redes de comunicação seguras para o pessoal do palácio e para a Guardia Real, além do apoio de vigilância eletrônica para o prédio do palácio propriamente dito.

Nesta noite, como sempre, as salas do porão estavam asfixiantes, cheirando a macarrão instantâneo e pipoca de micro-ondas. As luzes fluorescentes zumbiam alto.

Eu pedi que colocassem minha sala aqui, pensou Mónica Martín.

Ainda que “coordenadora de relações públicas” não fosse tecnicamente um cargo na Guardia, o serviço dela exigia acesso a computadores poderosos e funcionários com conhecimento tecnológico; assim, a divisão de segurança eletrônica tinha parecido um lugar muito mais lógico para ela do que um escritório mal equipado lá em cima.

Esta noite vou precisar de toda a tecnologia disponível.

Nos últimos meses, seu foco principal tinha sido ajudar o palácio a manter uma boa relação com a mídia durante a transferência gradual do poder para o príncipe Julián. Não estava sendo fácil. A transição entre líderes havia fornecido uma oportunidade para manifestantes se pronunciarem contra a monarquia.

Segundo a constituição espanhola, a monarquia era “um símbolo da unidade e da permanência duradouras da Espanha”. Porém, Mónica

sabia que fazia um bom tempo que não havia nada *unificado* no país. Em 1931, a Segunda República marcou o fim da monarquia e, depois, o golpe do general Franco em 1936 mergulhou o país na guerra civil.

Hoje, ainda que a monarquia restabelecida fosse considerada uma democracia, muitos liberais continuavam a denunciar o rei como um resquício de um passado religioso e militar opressivo, além de uma lembrança cotidiana de que ainda faltava muito para a Espanha se juntar completamente ao mundo moderno.

Em seu trabalho de comunicação no último mês, Mónica Martín buscara reforçar a imagem do rei como um símbolo amado que não tinha poder de verdade.

Claro, essa era uma ideia difícil de vender quando o soberano era o comandante em chefe das Forças Armadas, além de chefe de Estado.

Chefe de Estado, pensou Mónica, *num país onde a separação entre Igreja e Estado sempre foi algo controverso*. O relacionamento íntimo entre o rei doente e o bispo Valdespino havia sido, por muitos anos, um espinho no pé dos secularistas e liberais.

E há o príncipe Julián, pensou ela.

Mónica tinha consciência de que devia seu emprego ao príncipe, mas recentemente ele vinha dificultando o trabalho dela. Algumas semanas antes o príncipe tinha cometido o pior erro de RP que ela já havia testemunhado.

Num programa de TV, em rede nacional, ele tinha se ajoelhado e feito um pedido de casamento ridículo a Ambra Vidal. A situação não poderia ter sido mais embaraçosa a não ser se Ambra tivesse recusado, o que, por sorte, ela teve o bom senso de não fazer.

Infelizmente, depois disso, Ambra Vidal se mostrara mais complicada do que Julián havia previsto, e seu comportamento fora do normal

nesse mês se tornara uma das principais preocupações de RP para Mónica.

Mas nesta noite as indiscrições de Ambra estavam praticamente esquecidas. O

maremoto gerado na mídia pelos acontecimentos em Bilbao tinha crescido até uma magnitude sem precedentes. Na última hora, teorias conspiratórias haviam viralizado mundo afora, com várias novas hipóteses envolvendo o bispo Valdespino.

A novidade mais significativa era que o assassino do Guggenheim tivera acesso ao evento de Kirsch “por ordens de alguém de dentro do Palácio Real”. Essa notícia tinha provocado um dilúvio de teorias conspiratórias acusando o rei doente e o bispo Valdespino de tramar o assassinato de Edmond Kirsch – praticamente um semideus do mundo digital e um amado herói americano que tinha optado por morar na Espanha.

Isso vai destruir Valdespino, pensou Mónica.

– Ouçam todos! – gritou Garza entrando na sala de controle. – O príncipe Julián e Valdespino estão juntos em algum lugar do palácio! Verifiquem todas as câmeras de segurança e os encontrem. Agora!

O comandante entrou na sala de Mónica e discretamente a colocou a par da situação do príncipe e do bispo.

– Sumiram? – perguntou ela, incrédula. – E deixaram os telefones no *cofre* do príncipe?

Garza deu de ombros.

– Aparentemente para não conseguirmos encontrá-los.

– Bom, é *melhor* encontrarmos – declarou Mónica. – O príncipe Julián precisa fazer uma declaração agora mesmo e se distanciar o máximo possível de Valdespino.

Ela repassou as últimas novidades. Foi a vez de Garza ficar incrédulo.

– Tudo isso é boataria. Não há como Valdespino estar por trás de um assassinato.

– Talvez não, mas o assassinato parece ter alguma relação com a Igreja

Católica. Alguém acaba de encontrar uma ligação direta entre o atirador e uma alta autoridade da Igreja. Dê uma olhada. – Mónica pegou a última atualização do ConspiracyNet, que de novo era creditada ao informante chamado de monte@iglesia.org. – Isso foi publicado há alguns minutos.

Garza se agachou e começou a ler.

– O *papa*! – protestou ele. – Ávila tem uma ligação pessoal com…

– Continue lendo.

Quando terminou, Garza se afastou da tela e piscou os olhos repetidamente, como se tentasse acordar de um pesadelo.

Nesse momento, uma voz masculina gritou da sala de controle:

– Comandante Garza? Localizei os dois!

Garza e Mónica correram para o cubículo onde o diretor de segurança eletrônica Suresh Bhalla, um indiano especialista em vigilância, apontava para o vídeo em seu monitor. Nele apareciam duas figuras: uma com amplas vestes de bispo e a outra com terno formal. Pareciam estar andando por um bosque.

– Jardim leste – disse Suresh. – Há dois minutos.

– Eles *saíram* do prédio?! – perguntou Garza.

– Espere, senhor.

Suresh adiantou o vídeo, conseguindo acompanhar o bispo e o príncipe com várias câmeras localizadas a intervalos no complexo do palácio. Era possível ver os dois saindo do jardim e passando por um pátio cercado.

– Aonde eles vão?!

Mónica tinha uma boa ideia de para onde eles iam, e notou que Valdespino havia pegado um caminho tortuoso para mantê-los fora das vistas dos veículos da mídia na praça principal.

Como tinha previsto, Valdespino e Julián chegaram à entrada de serviço sul da Catedral de Almudena, onde o bispo destrancou a porta e levou o príncipe para dentro. A porta se fechou e os dois sumiram.

Garza ficou olhando para a tela, mudo, lutando para entender o que tinha visto.

– Mantenha-me informado – ordenou finalmente, e puxou Mónica.

Quando não podiam mais ser ouvidos pelos outros, Garza sussurrou:

– Não faço ideia de como o bispo convenceu o príncipe a acompanhá-lo para fora do palácio nem a deixar o telefone para trás, mas obviamente Julián não faz ideia das acusações contra Valdespino, caso contrário saberia que deveria se distanciar dele.

– Concordo – disse Mónica. – E odiaria especular sobre o objetivo final do bispo, mas… – Ela parou.

– Mas o quê?

Mónica suspirou.

– Parece que Valdespino pode ter acabado de fazer um refém extremamente valioso.

◆ ◆ ◆

Cerca de 400 quilômetros ao norte, no átrio do Museu Guggenheim, o telefone do agente Fonseca começou a tocar. Era a sexta vez em 20 minutos. Quando olhou o identificador de chamadas, sentiu o corpo ficar em posição de sentido.

– *¿Sí?* – atendeu com o coração batendo forte.

A voz na linha falava em espanhol, lenta e deliberadamente.

– Agente Fonseca, como você sabe muito bem, a futura rainha consorte da Espanha tomou algumas atitudes terríveis esta noite, ligando-se a pessoas erradas e provocando um embaraço significativo para o Palácio Real. Para que não sejam causados mais danos, é crucial que você a traga para o palácio o mais rápido possível.

– Infelizmente, a localização da Srta. Vidal é desconhecida neste momento.

– Há 40 minutos o jato de Edmond Kirsch decolou do Aeroporto de Bilbao em direção a Barcelona – afirmou a voz. – Acredito que a Srta. Vidal esteja naquele avião.

– Como o senhor sabe? – disparou Fonseca, se arrependendo no mesmo instante do tom impertinente.

– Se você estivesse fazendo o seu trabalho – advertiu a voz –, também saberia.

Quero que você e seu parceiro vão atrás dela imediatamente. Agora mesmo um transporte militar está sendo abastecido no Aeroporto de Bilbao para vocês.

– Se a Srta. Vidal está naquele jato – observou Fonseca –, provavelmente viaja com o professor americano Robert Langdon.

– Sim – disse a pessoa, com raiva. – Não faço ideia de como esse homem convenceu a Srta. Vidal a abandonar sua segurança e fugir com ele, mas, sem dúvida, o Sr. Langdon representa um problema.

Sua missão é encontrar a Srta. Vidal e trazê-la de volta, se necessário à força.

– E se Langdon interferir?

Houve um silêncio pesado.

– Faça o máximo para limitar os danos colaterais. Mas a crise é tão grave que o professor seria uma baixa aceitável.



C A P Í T U L O **4 6**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

CASO KIRSCH TOMA CONTA DA MÍDIA!

Esta noite o anúncio científico de Edmond Kirsch começou como uma apresentação pela internet que atraiu o número espantoso de três milhões de espectadores. Mas, depois do assassinato de Kirsch, a cobertura da história suscitou o interesse das grandes redes de notícias de todo o mundo, com uma audiência atual estimada em mais de 80 milhões de pessoas.

C A P Í T U L O **4 7**

Enquanto o Gulfstream G550 de Kirsch começava a descer em Barcelona, Robert Langdon terminou de beber sua segunda xícara de café e olhou os restos da refeição improvisada que ele e Ambra tinham pegado na cozinha do avião de Edmond: nozes, bolos de arroz e várias “barras veganas”, todas com o mesmo gosto.

Do outro lado da mesa, Ambra tinha acabado de tomar a segunda taça de vinho tinto e parecia muito mais relaxada.

– Obrigada por ouvir – disse ela, parecendo sem graça. – Obviamente não pude falar sobre o Julián com ninguém.

Langdon assentiu, tendo acabado de escutar a história do desajeitado pedido que o príncipe fizera ao vivo pela televisão. *Ela não tinha escolha*, concordou, sabendo muito bem que Ambra não poderia correr o risco de envergonhar o futuro rei da Espanha em rede nacional.

– Obviamente, se eu soubesse que ele faria o pedido tão depressa – disse ela –, teria dito que não podia ter filhos. Mas tudo aconteceu sem aviso. – Ela balançou a cabeça e olhou com tristeza pela janela. – Eu achei que gostasse dele. Não sei, talvez tenha sido só a empolgação de…

– Um príncipe alto, moreno e bonito? – sugeriu Langdon com um riso torto.

Ambra riu baixinho e se virou de volta para ele.

– Ele tinha *isso* a favor. Não sei, ele parecia um homem bom. Muito reservado, talvez, mas romântico. Não parecia o tipo de pessoa que se envolveria no assassinato de Edmond.

Langdon suspeitou que ela estivesse certa. O príncipe tinha pouco a ganhar com a morte de Edmond e não havia indícios seguros de que ele tivesse alguma participação – só um telefonema de alguém de dentro do palácio pedindo para colocar o almirante Ávila na lista de convidados. Até o momento, o bispo Valdespino parecia o suspeito mais óbvio, já que soubera do anúncio de Edmond antecipadamente e tivera condições de formular um plano para impedi-lo. Além disso, sabia melhor do que ninguém como esse anúncio poderia ser destrutivo para a autoridade das religiões do mundo.

– Obviamente não posso me casar com Julián – disse Ambra baixinho. – Fico pensando que ele vai romper o noivado, agora que sabe que não posso ter filhos. A linhagem dele manteve a Coroa pela maior parte dos últimos quatro séculos. Algo me diz que a

administradora de um museu de Bilbao não será o motivo para o fim da

◆ ◆ ◆

linhagem.

O alto-falante acima deles estalou e os pilotos anunciaram que era hora de se prepararem para o pouso em Barcelona.

Arrancada dos pensamentos sobre o príncipe, Ambra se levantou e começou a arrumar a cabine – lavando os copos na cozinha e jogando fora a comida que tinha sobrado.

– Professor – entoou Winston ao telefone de Edmond sobre a mesa –, acho que o senhor deveria saber que existem informações novas viralizando na internet: evidências fortes apontando uma ligação secreta entre o bispo Valdespino e o assassino, o almirante Ávila.

Langdon ficou alarmado.

– Infelizmente há mais – acrescentou Winston. – Como o senhor sabe, o encontro secreto de Kirsch com o bispo Valdespino incluiu dois outros líderes religiosos: um rabino importante e um imã muito querido. Esta noite, o corpo do imã foi encontrado no deserto perto de Dubai. E, nos últimos minutos, chegaram notícias perturbadoras de Budapeste: parece que o rabino também foi encontrado morto, devido a um aparente ataque cardíaco.

Langdon estava atônito.

– Alguns blogueiros já estão questionando a coincidência de as duas mortes ocorrerem quase ao mesmo tempo – disse Winston.

Langdon assentiu, numa incredulidade muda. De um modo ou de outro, agora o bispo Antonio Valdespino era a *única* pessoa viva que sabia o que Kirsch tinha descoberto.

Quando o Gulfstream G550 pousou na única pista do Aeroporto Sabadell, ao pé das colinas de Barcelona, Ambra ficou aliviada ao não ver nenhum sinal de paparazzi ou jornalistas esperando.

Segundo Edmond, para evitar os fãs empolgados no Aeroporto El-Prat, ele optava por manter seu avião nesse pequeno aeroporto.

Esse não era o verdadeiro motivo, Ambra sabia.

Na verdade Edmond adorava atenção e admitiu que mantinha o jato no Sabadell somente para ter uma desculpa para ir para casa pelas estradas sinuosas em seu carro esporte predileto – um Tesla Modelo X P90D, que Elon Musk teria entregado a ele em mãos, como presente. Rezava a lenda que Edmond havia desafiado seus pilotos de jato para uma corrida de 1,5 quilômetro pela pista do aeroporto – o Gulfstream contra o Tesla –, mas os pilotos fizeram as contas e recusaram.

Vou sentir falta do Edmond, pensou Ambra, triste. É, ele adorava a boa vida e

corria riscos, mas sua imaginação brilhante merecia muito mais do que o que havia acontecido nesta noite. *Só espero que possamos honrá-lo revelando sua descoberta.*

Quando o avião chegou ao hangar de Edmond e os motores foram desligados, Ambra viu que tudo ali estava calmo. Aparentemente ela e o professor Langdon ainda não tinham sido descobertos.

Enquanto descia a escada do jato, respirou fundo, tentando clarear as ideias. A segunda taça de vinho tinha surtido efeito, e Ambra se arrependeu de tê-la bebido.

Ao pisar no chão de cimento do hangar, hesitou ligeiramente e sentiu a mão forte de Langdon no ombro, firmando-a.

– Obrigada – sussurrou, sorrindo para o professor, que, depois de duas xícaras de café, estava mais desperto e alerta que nunca.

– Deveríamos sair daqui o mais rápido possível – disse Langdon, olhando o SUV preto e esguio parado na esquina. – Presumo que seja o veículo do qual você falou, não é?

– O amor secreto de Edmond – assentiu ela.

– Placa estranha.

Ambra olhou a placa do carro e deu um risinho.

E-WAVE

– Bom – disse ela. – Edmond me falou que o Google e a Nasa adquiriram recentemente um supercomputador incrível chamado D-Wave, um dos primeiros computadores "quânticos" do mundo. Ele tentou me explicar, mas era bem complicado. Tinha algo a ver com superposições, mecânica quântica e a intenção de criar um tipo de máquina totalmente novo. De qualquer modo, Edmond queria construir uma coisa que deixasse o D-Wave muito para trás. Planejava chamar seu novo computador de E-Wave.

– E de Edmond – supôs Langdon.

E o "E" está um passo além do "D" , pensou Ambra, lembrando-se da história que Edmond lhe contara sobre o famoso computador do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, que, segundo a lenda urbana, tinha sido chamado de HAL porque cada letra vinha alfabeticamente à frente de IBM.

– E a chave do carro? – perguntou Langdon. – Você disse que sabe onde ele a esconde.

– Ele não usava chave. – Ambra levantou o telefone de Kirsch. – Edmond me mostrou quando viemos aqui no mês passado.

Ela tocou na tela do telefone, abriu o aplicativo do Tesla e escolheu o comando para ligar o carro.

Instantaneamente, no canto do hangar, os faróis do SUV se acenderam e o Tesla – sem qualquer ruído – deslizou suavemente para perto deles e parou.

Langdon inclinou a cabeça, parecendo irritado com a perspectiva de um carro

que se dirigia sozinho.

– Não se preocupe – disse Ambra, tranquilizando-o. – Eu deixo *você* dirigir até o apartamento de Edmond.

Langdon assentiu, agradecendo, e começou a dar a volta até o lado do motorista. Quando passou pela frente do carro, parou olhando a placa e rindo alto.

Ambra soube exatamente o que o divertiu – a moldura da placa: E OS GEEKS

HERDARÃO A TERRA.

– Só Edmond – disse Langdon sentando-se ao volante. – A sutileza nunca foi o forte dele.

– Ele adorava este carro. – Ambra sentou-se ao lado de Langdon. – Totalmente elétrico e mais rápido que uma Ferrari.

Langdon deu de ombros, olhando o painel de alta tecnologia.

– Não sou muito chegado a carros.

Ambra sorriu.

– Vai *ser*.

C A P Í T U L O **4 8**

Enquanto o Uber de Ávila seguia a toda a velocidade para o leste através da escuridão, o almirante se perguntou quantas vezes,

durante seus anos como oficial da Marinha, tinha aportado em Barcelona.

Sua vida anterior parecia estar a um mundo de distância, depois de terminar num clarão feroz em Sevilha. O destino era uma amante cruel e imprevisível, no entanto agora essa amante parecia oferecer um misterioso equilíbrio. O mesmo destino que havia arrancado sua alma na Catedral de Sevilha tinha lhe concedido uma segunda vida: um recomeço nascido nas paredes santas de uma catedral muito diferente.

De modo irônico, a pessoa que o tinha levado até lá era um fisioterapeuta simples chamado Marco.

– Um encontro com o papa? – tinha perguntado Ávila, meses antes, quando Marco propôs a ideia. – Amanhã? Em Roma?

– Amanhã na *Espanha* – respondeu Marco. – O papa está aqui.

Ávila o encarou como se ele estivesse louco.

– A mídia não disse nada sobre a presença de Sua Santidade na Espanha.

– Confie em mim, almirante – retrucou Marco, rindo. – A não ser que o senhor tenha outro lugar para ir amanhã.

Ávila olhou para a perna ferida.

– Vamos sair às nove – disse Marco. – Garanto que nossa pequena viagem será muito menos dolorosa do que a reabilitação.

Na manhã seguinte, Ávila vestiu um uniforme da Marinha que Marco havia apanhado em sua casa, pegou um par de muletas e foi bamboleando até o carro do rapaz – um Fiat velho. Marco saiu do estacionamento do hospital e partiu para o sul, pela Avenida de la Raza, finalmente deixando a cidade e pegando a Autoestrada N-IV para o sul.

– Para onde vamos? – perguntou Ávila, subitamente inquieto.

– Relaxe. – Marco sorriu. – Confie em mim. Só vai demorar uma hora.

Ávila sabia que não existia nada além de pastos ressecados na N-IV por pelo menos 150 quilômetros. Estava começando a achar que tinha cometido um erro terrível. Meia hora depois de terem saído, os dois se aproximaram da cidade fantasma de El Torbiscal – um povoado agrícola que já fora próspero, cuja população recentemente havia se reduzido a zero. *Aonde, afinal de contas, ele está*

me levando? Marco continuou dirigindo por vários minutos, depois saiu da autoestrada e virou para o norte.

– Está vendo? – perguntou Marco, apontando, a distância, por cima de um campo sem plantação.

O almirante não disse nada. Ou o jovem fisioterapeuta estava alucinando ou Ávila estava perdendo a visão com a idade.

– Não é incrível? – perguntou Marco.

Ávila franziu as pálpebras diante do sol e finalmente enxergou uma forma escura se erguendo na paisagem. À medida que chegavam mais perto, seus olhos se arregalaram, incrédulos.

Isso é… uma catedral?

Uma construção daquele porte era algo que ele poderia esperar encontrar em Madri ou Paris. Ávila tinha morado a vida inteira em Sevilha, mas jamais soubera da existência de uma catedral ali, no meio do nada. Quanto mais perto chegavam, mais impressionante parecia o complexo, com as enormes paredes de cimento fornecendo um nível de segurança que o almirante só tinha visto na Cidade do Vaticano.

Marco saiu da rodovia e seguiu por uma curta estrada de acesso em direção à catedral, aproximando-se de um alto portão de ferro que

bloqueava o caminho.

Enquanto paravam, Marco pegou um cartão plastificado no porta-luvas e o colocou no painel.

Um guarda se aproximou, checou o cartão e espiou dentro do veículo, dando um sorriso largo ao ver Marco.

– *Bienvenidos* – disse. – *¿Qué tal, Marco?*

Os dois homens trocaram um aperto de mãos e Marco apresentou o almirante Ávila.

– *Ha venido a conocer al papa* – disse Marco ao guarda. *Ele veio conhecer o papa.*

O guarda assentiu, admirando as medalhas no uniforme de Ávila, e liberou a passagem. Enquanto o portão enorme se abria, Ávila sentiu que estava entrando num castelo medieval.

A altíssima catedral que se erguia diante deles tinha oito pináculos, cada um com uma torre de sino em três camadas. Um trio de cúpulas enormes compunha o corpo da estrutura, cujo exterior era feito de pedra marrom-escura e branca, o que lhe dava uma impressão estranhamente moderna.

Ávila baixou o olhar para a estrada de acesso, que se dividia em três pistas paralelas, cada uma ladeada por uma falange de palmeiras altas. Para sua surpresa, toda a área estava apinhada de veículos estacionados – centenas. Sedãs de luxo, ônibus dilapidados, lambretas sujas de lama… tudo o que fosse imaginável.

Marco passou por todos, indo direto até o pátio da frente da igreja, onde um guarda os viu, olhou o relógio e os fez entrar numa vaga obviamente reservada para eles.

– Estamos um pouco atrasados – disse Marco. – Devemos entrar depressa.

Ávila já ia responder, mas as palavras ficaram presas na garganta.

Tinha acabado de ver a placa na frente da igreja:

IGLESIA CATÓLICA PALMARIANA

Meu Deus! Ávila ficou horrorizado. *Ouvi falar desta igreja!*

Virou-se para Marco, tentando controlar o coração, que batia forte.

– Essa é a *sua* igreja, Marco? – Ávila tentou não parecer alarmado. – Você é um… *palmariano*?

Marco sorriu.

– Você disse a palavra como se fosse algum tipo de doença. Sou apenas um católico devoto que acredita que Roma se desviou do caminho.

Ávila levantou os olhos de novo para a igreja. A estranha afirmação de Marco, de que conhecia o papa, subitamente fez sentido. *O papa* está *aqui na Espanha.*

Alguns anos antes, a rede de televisão Canal Sur tinha apresentado um documentário intitulado *La Iglesia Oscura*, cujo propósito era revelar alguns segredos da Igreja Palmariana. Ávila ficou pasmo ao descobrir a existência daquela estranha igreja, para não mencionar sua congregação e sua influência cada vez maiores.

Segundo as histórias que ouvira, a Igreja Palmariana fora fundada depois de alguns moradores da região dizerem que tinham testemunhado uma série de visões místicas num campo próximo. Supostamente a Virgem Maria aparecera para eles alertando que a Igreja Católica estava cheia da “heresia do modernismo” e que a verdadeira fé precisava ser protegida.

A Virgem Maria tinha instigado os palmarianos a estabelecer uma Igreja alternativa e declarar que o papa atual em Roma era falso. A

convicção de que o papa do Vaticano *não* era o pontífice válido era conhecida como *sedevacantismo* –

uma crença de que o trono de São Pedro estava literalmente “vago”.

Além disso, os palmarianos diziam ter prova de que o “verdadeiro” papa era de fato o fundador de sua Igreja – um homem chamado Clemente Domínguez y Gómez, que assumiu o nome de papa Gregório XVII. Sob o comando de Gregório – o

“antipapa” na visão dos católicos predominantes –, a Igreja Palmariana cresceu cada vez mais. Em 2005, quando o papa Gregório morreu enquanto oficiava uma missa de Páscoa, seus apoiadores saudaram o momento da morte como um sinal milagroso vindo do alto, confirmando que esse homem estava de fato ligado diretamente a Deus.

Agora, olhando a enorme catedral, Ávila não pôde deixar de ver a construção como algo sinistro.

Quem quer que seja o antipapa atual, não tenho interesse em conhecê-lo.

Além de ser criticada por suas declarações ousadas sobre o papado, a Igreja

Palmariana sofria acusações de lavagem cerebral e intimidação e era até responsabilizada por várias mortes misteriosas, inclusive de uma de suas fiéis, Bridget Crosbie, que, segundo os advogados de sua família, foi “incapaz de fugir” de uma das igrejas palmarianas na Irlanda.

Ávila não queria ser grosseiro com seu novo amigo, mas não era isso que tinha esperado da viagem desse dia.

– Marco – disse com um suspiro –, desculpe, mas não creio que eu possa fazer isso.

– Eu senti que você diria isso – respondeu Marco, aparentemente sem se abalar.

– E admito que tive a mesma reação quando vim pela primeira vez. Também tinha ouvido todas as fofocas e os boatos sinistros, mas garanto que essas coisas não passam de uma campanha de difamação liderada pelo Vaticano.

E você pode culpá-los? , pensou Ávila. *Sua Igreja declarou que eles são ilegítimos!*

– Roma precisava de um motivo para nos excomungar, por isso eles inventaram mentiras. Durante anos, o Vaticano vem espalhando informações falsas sobre os palmarianos.

Ávila observou a catedral magnífica no meio de lugar nenhum. Alguma coisa parecia estranha.

– Estou confuso – disse. – Se vocês não têm ligações com o Vaticano, de onde vem todo o seu dinheiro?

Marco sorriu.

– Você ficaria pasmo com a quantidade de seguidores secretos que os palmarianos têm no meio do clero católico. Aqui na Espanha existem muitas paróquias católicas conservadoras que não aprovam as mudanças liberais provenientes de Roma e estão mandando dinheiro discretamente para igrejas como a nossa, onde os valores tradicionais são mantidos.

A resposta era inesperada, mas pareceu verdadeira. Ávila também tinha sentido um cisma crescente na Igreja Católica: uma divisão entre os que acreditavam que a Igreja precisava se modernizar para não morrer e os que defendiam que o verdadeiro propósito da Igreja era permanecer inflexível diante de um mundo que evoluía.

– O papa atual é um homem notável – disse Marco. – Contei a ele sua história e ele disse que ficaria honrado em receber em nossa igreja um condecorado oficial militar e encontrá-lo pessoalmente

depois da missa de hoje. Como os predecessores, ele teve um passado militar antes de encontrar Deus e sabe o que você está passando.

Acho mesmo que os pontos de vista dele podem ajudar você a encontrar a paz.

Marco abriu a porta para sair do carro, mas Ávila não conseguia se mexer.

Ficou sentado, olhando a estrutura gigantesca, culpado por sentir um preconceito cego contra aquelas pessoas. Para ser justo, não sabia nada sobre a Igreja Palmariana, a não ser boatos, e o próprio Vaticano não estava imune a escândalos.

Além disso, a própria igreja de Ávila não o tinha ajudado depois do ataque. *Perdoe*

seus inimigos, tinha dito a freira. *Dê a outra face.*

– Luis, escute – sussurrou Marco. – Sei que enganei você um pouco para trazê-lo aqui, mas foi com boas intenções… Eu queria que você conhecesse esse homem.

As ideias dele mudaram minha vida drasticamente. Depois de perder a perna, fiquei na mesma situação em que você está. Queria morrer. Estava afundando nas trevas, e as palavras desse homem me deram um objetivo. Venha ouvi-lo pregar.

Ávila hesitou.

– Fico feliz por você, Marco. Mas acho que vou ficar bem sozinho.

– Bem? – O rapaz gargalhou. – Há uma semana você encostou uma arma na cabeça e puxou o gatilho! Você *não* está bem, meu amigo.

Ele está certo, Ávila tinha consciência, *e daqui a uma semana, com o fim da terapia, vou voltar para casa sozinho e ficar à deriva outra vez.*

– De que você tem medo? – pressionou Marco. – Você é oficial da Marinha. É

um homem adulto que comandou um navio! Tem medo de que o papa vá fazer lavagem cerebral em você em dez minutos e prendê-lo como refém?

Não sei do que tenho medo, pensou Ávila, olhando a perna ferida, sentindo-se estranhamente pequeno e impotente. Durante a maior parte da vida estivera no comando, dando ordens. Não tinha certeza quanto à perspectiva de receber ordens de outra pessoa.

– Tudo bem – disse Marco, prendendo de novo o cinto de segurança. –

Desculpe, dá para ver que você está desconfortável. Não queria pressionar. – E

estendeu a mão para ligar o carro.

Ávila se sentiu idiota. Marco era praticamente uma criança, tinha um terço da sua idade, não tinha uma perna, estava tentando ajudar um colega inválido, e ele havia retribuído sendo ingrato, cético e condescendente.

– Não – disse. – Desculpe, Marco. Vai ser uma honra ouvir o homem pregar.

C A P Í T U L O **4 9**

O para-brisa do Tesla Modelo X de Edmond era amplo, fundindo-se sem emendas ao teto do carro em algum ponto atrás da cabeça de Langdon, o que lhe dava a sensação desorientadora de estar flutuando dentro de uma bolha de vidro.

Guiando pela autoestrada cercada de árvores ao norte de Barcelona, Langdon ficou surpreso ao se pegar dirigindo muito mais rápido do que o generoso limite de 120 quilômetros por hora. O motor

silencioso e a aceleração linear do veículo faziam com que todas as velocidades parecessem quase idênticas.

No banco ao lado, Ambra navegava na internet no enorme computador do painel do carro e lhe repassava as notícias divulgadas no mundo inteiro. Uma teia cada vez mais profunda de intrigas estava emergindo, inclusive boatos de que o bispo Valdespino estivera transferindo fundos para o antipapa da Igreja Palmariana –

que supostamente tinha ligações militares com carlistas e parecia responsável não somente pela morte de Edmond, mas também pela de Syed al-Fadl e do rabino Yehuda Köves.

Enquanto Ambra lia em voz alta, ficou claro que os veículos de mídia de toda parte faziam a mesma pergunta: o que Edmond Kirsch podia ter descoberto que fosse tão ameaçador a ponto de um bispo proeminente e uma seita católica conservadora o *assassinarem* num esforço para silenciar o anúncio?

– O número de pessoas visualizando as notícias é incrível – disse Ambra, levantando o olhar da tela. – O interesse por essa história não tem precedentes…

parece que o mundo inteiro está hipnotizado.

Nesse instante Langdon percebeu que talvez houvesse um macabro aspecto positivo no assassinato de Edmond. Com toda a atenção da mídia, a audiência global de Kirsch havia atingido um patamar muito mais alto do que ele poderia imaginar.

Mesmo morto, Edmond tinha a atenção do mundo.

Essa percepção deixou Langdon mais comprometido ainda em alcançar seu objetivo: encontrar a senha de 47 letras e revelar a apresentação ao mundo.

– Ainda não há nenhuma declaração do Julián – constatou Ambra, perplexa. –

Nenhuma palavra do Palácio Real. Não faz sentido. Eu tive uma experiência pessoal com a coordenadora de RP de lá, Mónica Martín, e ela é totalmente a favor da transparência e de divulgar informações antes que a imprensa possa deturpá-las.

Tenho certeza de que ela está insistindo para que Julián faça uma declaração.

Langdon suspeitou que Ambra estivesse certa. Considerando que a mídia

acusava o principal conselheiro religioso do palácio de conspiração – talvez até de assassinato –, parecia lógico que Julián fizesse algum tipo de declaração, nem que fosse apenas para dizer que o palácio estava investigando as acusações.

– Especialmente considerando que a futura rainha consorte do país estava ao lado de Edmond quando ele levou o tiro – acrescentou Langdon. – Poderia ter sido *você*, Ambra. O príncipe poderia ao menos dizer que está aliviado por você estar em segurança.

– Não sei se ele está – disse Ambra em tom casual, saindo do navegador da internet e se recostando no banco.

Langdon olhou para ela.

– Bom, se é que vale alguma coisa, *eu* fico feliz porque você está em segurança.

Não sei se poderia ter me virado sozinho esta noite.

– Sozinho? – perguntou uma voz com sotaque pelos alto-falantes do carro. –

Com que rapidez a gente esquece!

Langdon gargalhou diante da indignação de Winston.

– Winston, Edmond realmente programou você para ser defensivo e inseguro?

– Não. Ele me programou para observar, aprender e imitar o comportamento humano. Meu tom foi uma tentativa de humor, coisa que Edmond me encorajou a desenvolver. O humor não pode ser programado… deve ser aprendido.

– Bom, você está aprendendo bem.

– Estou? – Winston implorou: – Pode repetir isso?

Langdon gargalhou.

– Como eu disse, você está aprendendo bem.

Ambra pôs a tela do painel na página padrão: um programa de GPS consistindo em uma imagem de satélite onde era visível um “avatar” minúsculo do carro.

Langdon viu que eles tinham serpenteado pelas montanhas de Collserola e agora entravam na Autoestrada B-20 em direção a Barcelona. Ao sul de onde estavam, na imagem de satélite, viu uma coisa incomum que atraiu sua atenção: uma grande área florestal no meio da vastidão urbana. A área verde era alongada e amorfa, como uma ameba gigante.

– É o Parc Güell? – perguntou.

Ambra olhou para a tela e assentiu.

– Bom olho.

– Edmond parava lá com frequência no caminho do aeroporto para casa –

acrescentou Winston.

Langdon não ficou surpreso. O Parc Güell era uma das obras-primas mais conhecidas de Antoni Gaudí – o mesmo arquiteto e artista cuja obra estava reproduzida na capa do telefone de Edmond. *Gaudí era muito parecido com Edmond*, pensou Langdon. *Um visionário inovador a quem as regras normais não se aplicavam.*

Devotado estudioso da natureza, Gaudí se inspirava em formas orgânicas para

sua arquitetura, usando o "mundo natural de Deus" como ajuda para projetar estruturas fluidas e biomórficas que frequentemente pareciam ter brotado do chão.

Não existem linhas retas na natureza, teria dito uma vez. E, de fato, também havia pouquíssimas linhas retas em sua obra.

Frequentemente descrito como pai da "arquitetura viva" e do "design orgânico", Gaudí inventou técnicas de carpintaria, ferragem, vidraria e cerâmica jamais vistas antes para "cobrir" seus prédios com peles ofuscantes e coloridas.

Mesmo agora, quase um século depois de sua morte, turistas de todo o mundo viajavam a Barcelona para ter um vislumbre de seu estilo modernista inimitável.

Dentre suas obras estão parques, prédios públicos, mansões particulares e, claro, sua obra magna, a Sagrada Família, a enorme basílica católica cujos altíssimos

"pináculos de esponjas do mar" dominam o horizonte de Barcelona e que os críticos saúdam como "diferente de tudo em toda a história da arte".

Langdon sempre havia se maravilhado com a visão audaciosa de Gaudí para a Sagrada Família – uma basílica tão colossal que continuava em construção até hoje, quase 140 anos depois do início.

Olhando a imagem de satélite do famoso Parc Güell, Langdon se lembrou de sua primeira visita ao local na época em que era

estudante universitário: um passeio por uma terra de fantasia com colunas retorcidas que imitavam árvores sustentando passagens elevadas, nebulosos bancos tortos, grutas com fontes que lembravam dragões e peixes e um muro branco ondulante, tão nitidamente fluido que parecia a cauda sinuosa de uma gigantesca criatura unicelular.

– Edmond adorava tudo de Gaudí – continuou Winston. – Em especial o conceito da natureza como arte orgânica.

A mente de Langdon voltou à descoberta de Edmond. *Natureza. Orgânica. A Criação.* Pensou nos famosos *Panots* de Gaudí em Barcelona – ladrilhos hexagonais encomendados para as calçadas da cidade. Cada ladrilho tinha um desenho sinuoso idêntico com rabiscos que pareciam sem sentido. Mas quando todos eram arrumados e girados intencionalmente, surgia um padrão espantoso: uma paisagem subaquática que dava a impressão de plânctons, micróbios e flora submarina – *La Sopa Primordial*, como os moradores da cidade costumavam chamar o desenho.

A sopa primordial de Gaudí, pensou Langdon, de novo espantado com o modo perfeito como a cidade de Barcelona e a curiosidade de Edmond pela origem da vida se encaixavam. A teoria científica prevalecente era que a vida tinha começado numa sopa primordial: os oceanos antigos onde os vulcões expeliam substâncias químicas ricas que ficavam girando, umas ao redor das outras, constantemente bombardeadas por relâmpagos de tempestades intermináveis… até que de repente, como algum tipo de golem microscópico, a primeira criatura unicelular saltou para a vida.

– Ambra – disse Langdon –, você é uma curadora de museu. Deve ter discutido arte frequentemente com Edmond. Alguma vez ele lhe disse *especificamente* o que o atraía em Gaudí?

– Só o que Winston mencionou. A arquitetura dele parece criada pela própria natureza. As grutas de Gaudí parecem escavadas pelo vento e a chuva, suas colunas de sustentação parecem ter crescido da terra e seu trabalho com ladrilhos lembra a vida marinha primitiva. –

Ela deu de ombros. – Qualquer que fosse o motivo, Edmond admirava Gaudí a ponto de ter se mudado para a Espanha.

Langdon olhou para ela, surpreso. Sabia que Edmond possuía casas em vários países ao redor do mundo, mas nos últimos anos tinha escolhido se estabelecer na Espanha.

– Está dizendo que Edmond se mudou para cá por causa da arte de Gaudí?

– Acredito que sim. Uma vez perguntei a ele: “Por que a Espanha?”, e ele disse que tivera a rara oportunidade de alugar uma propriedade única aqui, diferente de tudo no mundo. Presumo que estivesse falando do apartamento dele.

– Onde fica o apartamento?

– Robert – disse ela –, Edmond morava na Casa Milà.

Langdon ficou perplexo.

– *Na* Casa Milà?

– A própria – respondeu ela, assentindo. – No ano passado, ele alugou todo o último andar e foi morar na cobertura.

Langdon precisou de um momento para processar a novidade. A Casa Milà era um dos prédios mais famosos de Gaudí, uma “casa” espantosamente original cuja fachada em camadas e as sacadas ondulantes lembravam uma montanha escavada, o que havia suscitado seu apelido popular, “La Pedrera” – a pedreira.

– O último andar não é um museu dedicado a Gaudí? – perguntou Langdon, lembrando uma de suas visitas ao prédio.

– É – respondeu Winston. – Mas Edmond fez uma doação à Unesco, que protege a casa como Patrimônio Mundial, e a instituição concordou em fechá-la temporariamente e deixar que ele morasse lá

durante dois anos. Afinal de contas, não existe escassez de arte de Gaudí em Barcelona.

Edmond morava dentro da Casa Milà? , pensou Langdon, perplexo. *E mudou-se para ficar apenas dois anos?*

Winston entoou:

– Edmond até ajudou a curadoria da Casa Milà a criar um novo vídeo educativo sobre sua arquitetura. Vale a pena assistir.

– O vídeo é bem impressionante – concordou Ambra, inclinando-se à frente e tocando a tela do navegador de internet. Um teclado apareceu e ela digitou: *Lapedrera.com*. – Você deveria assistir a isso.

– Estou meio que dirigindo – respondeu Langdon.

Ambra estendeu a mão para a coluna de direção e deu dois puxões rápidos numa pequena alavanca. Langdon sentiu o volante enrijecer de repente e notou que o carro parecia estar se guiando sozinho, permanecendo perfeitamente centralizado na pista.

– Piloto automático – disse ela.

O efeito era inquietante, e Langdon não conseguiu tirar as mãos do volante e o pé do freio.

– Relaxe. – Ambra pôs a mão em seu ombro, tranquilizando-o. – É muito mais seguro do que um motorista humano.

Relutante, Langdon baixou as mãos no colo.

– Pronto – disse ela. – Agora você pode assistir ao vídeo da Casa Milà.

O vídeo começava com uma imagem dramática de ondas batendo, feitas a partir de um helicóptero voando a pouco mais de um metro acima do mar aberto. A distância havia uma ilha – uma montanha de

pedra com penhascos íngremes que subiam dezenas de metros acima das ondas violentas.

Um texto se materializou acima da montanha.

La Pedrera não foi criada por Gaudí.

Nos próximos 30 segundos, Langdon olhou as ondas começando a esculpir a montanha no característico exterior orgânico da Casa Milà. Em seguida, o oceano correu para dentro, criando reentrâncias e espaços cavernosos onde cachoeiras escavavam escadas e trepadeiras cresciam, retorcendo-se para formar balaustradas de ferro enquanto o musgo brotava por baixo, atapetando o piso.

Por fim, a câmera recuou para o mar e revelou a famosa imagem da Casa Milà

– “a pedreira” – esculpida numa montanha enorme.

– La Pedrera –

uma obra-prima da natureza

Langdon teve que admitir que Edmond tinha jeito para criar drama. Depois de assistir ao vídeo repleto de efeitos de computação gráfica, ele ficou ansioso para revisitar o prédio famoso.

Voltando o olhar para a estrada, estendeu a mão e desligou o piloto automático, retomando o controle.

– Esperemos que o apartamento de Edmond contenha o que estamos procurando. Precisamos achar a tal senha.

◆ ◆ ◆

C A P Í T U L O **5 0**

O comandante Diego Garza levou seus quatro agentes armados da Guardia pelo centro da Plaza de la Armería, mantendo o olhar direto

em frente e ignorando os repórteres apinhados do lado de fora da cerca, que apontavam câmeras de televisão através das barras e gritavam para que ele fizesse algum comentário.

Pelo menos, eles verão que alguém está tomando alguma atitude.

Quando chegou à catedral com sua equipe, a entrada principal estava trancada –

o que não era surpreendente àquela hora –, e Garza começou a bater na porta com o cabo da pistola.

Não houve resposta.

Continuou batendo.

Por fim as trancas giraram e a porta se abriu. Garza se pegou cara a cara com uma faxineira, compreensivelmente alarmada diante do pequeno exército junto à porta.

– Onde está o bispo Valdespino? – perguntou ele.

– Eu… não sei – respondeu a mulher.

– Sei que o bispo está aqui. E está com o príncipe Julián. Você não viu?

Ela balançou a cabeça.

– Acabei de chegar. Eu faço a limpeza nas noites de sábado depois…

Garza passou por ela, orientando seus homens a se espalhar pela catedral escura.

– Tranque a porta – ordenou à faxineira. – E fique fora do caminho.

Em seguida, engatilhou a arma e foi direto para o escritório de Valdespino.

Do outro lado da praça, na sala de controle que ficava no porão, Mónica Martín parou diante do bebedouro e deu uma tragada comprida num cigarro que vinha desejando havia muito tempo. Graças ao movimento “politicamente correto” que crescia na Espanha, o fumo tinha sido banido das salas do Palácio Real. Mas, com o dilúvio de supostos crimes associados ao palácio esta noite, Mónica achou que um pouco de fumaça era uma infração tolerável.

Todos os cinco canais de notícias na fileira de aparelhos de TV sem som diante

dela continuavam com a cobertura do assassinato de Edmond Kirsch, repassando as imagens do crime brutal. Claro, cada transmissão era precedida pelo aviso de sempre:

ATENÇÃO: As imagens seguintes podem não ser apropriadas para todos os espectadores.

Que falta de vergonha! , pensou ela, sabendo que esses comunicados não eram precauções sensíveis das redes de notícias, e sim provocações inteligentes para que ninguém mudasse de canal.

Mónica deu outro trago no cigarro, examinando os vários canais que, na maioria, misturavam as crescentes teorias da conspiração com manchetes de “última hora” e chamadas sensacionalistas.

Futurólogo morto pela Igreja?

Descoberta científica perdida para sempre?

Assassino contratado pela família real?

Vocês deveriam informar, resmungou ela. *E não espalhar boatos sob a forma de perguntas.*

Mónica sempre havia acreditado na importância do jornalismo responsável como pedra angular da liberdade e da democracia, por isso costumava ficar desapontada com os repórteres que incitavam a controvérsia divulgando ideias obviamente absurdas – ao mesmo

tempo que se valiam do artifício de transformar cada declaração ridícula em pergunta para evitar repercussões jurídicas.

Até mesmo respeitáveis canais científicos estavam usando esse recurso, perguntando aos espectadores: “Será possível que este templo no Peru tenha sido construído por alienígenas do passado?”

Não! , Mónica sentia vontade de gritar para o aparelho de TV. *Não é possível!*

Parem de fazer perguntas imbecis.

Numa das telas, dava para ver que a CNN estava se esforçando para ser respeitosa.

Lembrando Edmond Kirsch

Profeta. Visionário. Criador.

Mónica pegou o controle remoto e aumentou o volume.

– … um homem que amava a arte, a tecnologia e a inovação – disse com tristeza o apresentador do noticiário. – Um homem que se tornou conhecido pela capacidade quase mística de prever o futuro. Segundo seus colegas, todas as previsões feitas por Edmond Kirsch no campo da informática se tornaram realidade.

– Isso mesmo, David – exclamou a outra apresentadora. – Eu só gostaria que pudéssemos dizer o mesmo com relação às suas previsões *pessoais*.

Em seguida surgiram imagens de arquivo mostrando um Edmond Kirsch

robusto e bronzeado dando uma entrevista coletiva na calçada em frente ao número 30 do Rockefeller Center, em Nova York.

– Hoje faço 30 anos – disse Edmond – e minha expectativa de vida é de apenas 68. Mas, com os avanços futuros na medicina, na

tecnologia da longevidade e na regeneração dos telômeros, prevejo que chegarei aos 110. De fato, tenho tanta confiança nisso que acabo de reservar o Rainbow Room para minha festa de 110

anos. – Kirsch sorriu e olhou para o topo do prédio. – Acabei de pagar a conta, com *80* anos de antecedência, prevendo inclusive a inflação do período.

A apresentadora surgiu de novo, um tanto sombria.

– Como diz o velho ditado: “O homem planeja e Deus ri.”

– Verdade – entoou o apresentador. – E, além da intriga sobre a morte de Kirsch, há uma explosão de especulações sobre a natureza da descoberta dele. – O

homem olhou sério para a câmera. – De onde viemos? Para onde vamos? Duas perguntas fascinantes.

– E para responder a essas perguntas – acrescentou a apresentadora, empolgada

–, temos aqui duas mulheres muito bem-sucedidas: uma pastora episcopal de Vermont e uma bióloga evolucionária da Universidade da Califórnia em Los Angeles, a UCLA. Depois do intervalo, voltaremos com as opiniões delas.

Mónica já conhecia as opiniões das duas – *completamente opostas, caso contrário não estariam no programa de vocês.* Sem dúvida, a pastora diria algo do tipo: “Nós viemos de Deus e voltaremos para Deus” e a bióloga evolucionária reagiria: “Nós evoluímos a partir dos primatas e vamos nos extinguir.”

Não provarão nada, só que os espectadores assistem a qualquer coisa se forem suficientemente estimulados.

– Mónica! – gritou Suresh ali perto.

A coordenadora se virou e viu o diretor de segurança eletrônica dobrando o corredor, praticamente correndo.

– O que foi? – perguntou ela.

– O bispo Valdespino acaba de me ligar – disse ele, sem fôlego.

Ela tirou o som da TV.

– O bispo ligou… *para você*? Ele disse que diabo está fazendo?

Suresh balançou a cabeça.

– Eu não perguntei e ele não disse. Ligou para ver se eu poderia verificar uma coisa nos servidores dos telefones.

– Não entendi.

– Você sabe que o ConspiracyNet está dizendo que alguém de dentro do palácio telefonou para o Guggenheim pouco antes do evento desta noite: um pedido para Ambra Vidal acrescentar o nome de Ávila à lista de convidados.

– É. E eu pedi para você dar uma olhada nisso.

– Bom, Valdespino também pediu. Ligou para perguntar se eu poderia me conectar à central telefônica e descobrir o registro do telefonema, para ver se

descobria de *onde*, no palácio, ele se originou, com esperança de ter uma ideia melhor de quem pode ter ligado.

Mónica ficou confusa, já que imaginara que o próprio Valdespino era o suspeito mais provável.

– Segundo o Guggenheim – continuou Suresh –, a recepção de lá recebeu uma ligação do número principal do Palácio Real de Madri pouco antes do evento. Está no registro deles. Mas há um problema.

Eu olhei os registros da nossa central para ver os telefonemas dados no mesmo horário. – Ele balançou a cabeça. – Nada.

Nenhum telefonema. Alguém *deletou* o registro da ligação do palácio para o Guggenheim.

Mónica examinou o colega por um longo momento.

– Quem tem *acesso* a isso?

– Foi exatamente o que Valdespino me perguntou. Então, contei a verdade.

Contei que, como chefe da segurança eletrônica, *eu* poderia ter deletado o registro, mas que não tinha feito isso. E que a única outra pessoa com autorização e acesso aos registros é o comandante Garza.

Mónica ficou olhando para ele.

– Você acha que *Garza* mexeu nos nossos registros telefônicos?

– Faz sentido. Afinal de contas, o trabalho dele é proteger o palácio. E, agora, se houver alguma investigação, no que concerne ao palácio o telefonema jamais aconteceu. Tecnicamente falando, temos uma possibilidade plausível de negar.

Apagar o registro ajuda muito a tirar o palácio da enrascada.

– Tirar da enrascada? Não há dúvida de que o telefonema foi dado! Ambra colocou Ávila na lista! E o Guggenheim vai verificar…

– Verdade, mas agora é a palavra de uma funcionária jovem da recepção de um museu contra todo o Palácio Real. Segundo nossos registros, o telefonema simplesmente não existiu.

A avaliação curta e direta de Suresh pareceu otimista demais para Mónica.

– E você contou tudo isso ao Valdespino?

– É simplesmente a verdade. Eu disse a ele que, quer Garza tenha *dado* o telefonema ou não, ele parece tê-lo apagado num esforço para proteger o palácio. –

Suresh fez uma pausa. – Mas depois de falar com o bispo percebi uma coisa.

– O quê?

– Tecnicamente há uma *terceira* pessoa que tem acesso ao servidor. – Suresh olhou nervoso ao redor e chegou mais perto. – Os códigos de login do príncipe Julián dão acesso completo a todos os sistemas.

Mónica ficou encarando-o.

– Isso é ridículo.

– Sei que parece maluquice, mas na hora do telefonema o príncipe estava no palácio, sozinho no apartamento. Poderia facilmente ter telefonado, depois se conectado ao servidor e deletado o registro. O programa é fácil de usar e o príncipe

sabe muito mais de tecnologia do que as pessoas imaginam.

– Suresh – disse Mónica com rispidez –, você acha mesmo que o príncipe Julián, o futuro rei da Espanha, mandou *pessoalmente* um assassino ao Museu Guggenheim para matar Edmond Kirsch?

– Não sei. Só estou dizendo que é possível.

– Por que o príncipe Julián faria isso?

– Você, mais do que ninguém, não deveria fazer essa pergunta. Lembra-se de todas as notícias negativas na imprensa com as quais teve de lidar, sobre Ambra e Edmond Kirsch passando tanto tempo juntos? A história de que Kirsch levou Ambra ao apartamento dele em Barcelona, viajando de avião?

– Eles estavam trabalhando! Era uma coisa profissional!

– A política é feita de aparências. Você me ensinou isso. E nós dois sabemos que o pedido de casamento do príncipe não teve a repercussão pública que ele imaginava.

O telefone de Suresh soltou um bipe e ele leu a mensagem que havia chegado.

Seu rosto se turvou com incredulidade.

– O que foi? – perguntou Mónica.

Sem dizer uma palavra, Suresh se virou e correu de volta para o centro de segurança.

– Suresh!

Mónica apagou o cigarro e correu atrás dele, encontrando-o numa das estações de trabalho de sua equipe, onde um técnico estava passando um vídeo de segurança com a imagem granulada.

– O que é isso aí? – perguntou Mónica.

– A saída dos fundos da catedral – disse o técnico. – Há cinco minutos.

Mónica e Suresh se inclinaram olhando o vídeo que mostrava um jovem acólito saindo pelos fundos da catedral, seguindo depressa pela relativamente silenciosa Calle Mayor, destrancando um velho sedã Opel e entrando.

Certo, pensou Mónica, *ele está indo para casa depois da missa. E daí?*

Na tela, o Opel deu a partida, seguiu por uma curta distância e parou muito perto do portão dos fundos da catedral – o mesmo por onde o acólito tinha acabado de sair. Quase instantaneamente duas figuras sombrias passaram pelo portão, agachadas, e entraram no banco de

trás do carro. Os dois passageiros, sem qualquer dúvida, eram o bispo Valdespino e o príncipe Julián.

Instantes depois o Opel acelerou, virando a esquina e sumindo de quadro.

C A P Í T U L O **5 1**

Parecendo uma montanha esculpida de forma rústica na esquina do Carrer de Provença com o Passeig de Gràcia, a Casa Milà – obra-prima de Gaudí construída em 1906 – é ao mesmo tempo um prédio de apartamentos e uma obra de arte atemporal.

Concebida por Gaudí como uma curva perpétua, a estrutura é imediatamente reconhecível pela ondulante fachada de calcário. Suas sacadas sinuosas e a geometria irregular dão ao prédio uma aura orgânica, como se milênios de ventos soprando tivessem escavado reentrâncias e curvas como as de um cânion no deserto.

Ainda que a princípio o chocante projeto modernista de Gaudí tenha sido repudiado pela vizinhança, a Casa Milà foi elogiada universalmente pelos críticos de arte e logo se tornou uma das maiores joias arquitetônicas de Barcelona. Durante três décadas, Pere Milà, o empresário que encomendara o prédio, residiu com sua esposa no amplo apartamento principal e alugou os 20 restantes. Até hoje a Casa Milà – no Passeig de Gràcia, 92 – é considerada um dos endereços mais exclusivos e desejados de toda a Espanha.

Enquanto guiava o Tesla de Kirsch pelo tráfego esparso na elegante avenida ladeada por árvores, Robert Langdon percebeu que estavam chegando perto. O

Passeig de Gràcia era a versão de Barcelona para a Avenue des Champs-Élysées de Paris – a mais larga e grandiosa, com paisagismo impecável e lojas de grife.

Chanel… Gucci… Cartier… Longchamp…

Por fim Langdon a viu, 200 metros à frente.

Iluminada suavemente de baixo para cima, a Casa Milà, com seu exterior de calcário claro picotado e sacadas oblongas, se destacava imediatamente dos vizinhos retilíneos – como se um lindo pedaço de coral tivesse ido parar numa praia feita de blocos de concreto.

– Eu tinha medo disso – observou Ambra, apontando para uma aglomeração na avenida elegante. – Olhe.

Langdon baixou o olhar para a calçada ampla na frente da Casa Milà. Parecia haver meia dúzia de furgões de mídia parados e um bando de repórteres fazia transmissões ao vivo usando a residência de Kirsch como cenário. Vários seguranças estavam posicionados para manter as pessoas longe da entrada. Parecia que a morte de Edmond tinha transformado em matéria jornalística qualquer coisa que se relacionasse com ele.



Langdon examinou o Passeig de Gràcia, procurando um local onde estacionar, mas não viu nada, e o tráfego se movia constante.

– Abaixe-se – pediu a Ambra, percebendo que não tinha escolha além de passar direto pela esquina onde toda a imprensa estava reunida.

Ambra deslizou para baixo no banco, agachando-se no piso, inteiramente fora de vista. Langdon virou a cabeça para o outro lado enquanto passava pela esquina apinhada.

– Parece que estão cercando a entrada principal – disse ele. – Nunca vamos conseguir entrar.

– Vire à direita – exclamou Winston num tom animado e confiante. – Eu imaginei que isso poderia acontecer.

O blogueiro Héctor Marcano olhava triste para o último andar da Casa Milà, ainda tentando aceitar que Edmond Kirsch tinha mesmo morrido.

Fazia três anos que Héctor escrevia sobre tecnologia no Barcinno.com – uma popular plataforma colaborativa para os empreendedores e as *start-ups* de ponta em Barcelona. Ter o grande Edmond Kirsch morando na cidade era quase como trabalhar aos pés do próprio Zeus.

Héctor tinha conhecido Kirsch mais de um ano antes, quando o lendário futurólogo concordou em participar do principal evento mensal do Barcinno, a FuckUp Night – uma palestra em que um empreendedor bem-sucedido falava abertamente sobre seus maiores fracassos. Kirsch contou, sem graça, que tinha gastado mais de 400 milhões de dólares em seis meses perseguindo o sonho de construir o que chamava de E-Wave: um computador quântico com velocidade de processamento tão alta que facilitaria avanços sem precedentes em todas as ciências, sobretudo na modelagem de sistemas complexos.

– Infelizmente – admitiu Edmond –, até agora meu salto quântico na computação quântica é um fracasso quântico.

Nesta noite, quando Héctor soube que Kirsch planejava anunciar uma descoberta capaz de abalar o planeta, ficou empolgado pensando que poderia ter algo a ver com o E-Wave. *Será que a descoberta é a chave para fazer com que ele funcione?* Mas depois do preâmbulo filosófico de Kirsch, Héctor percebeu que a revelação deveria ser algo totalmente diferente.

Fico imaginando se algum dia saberemos o que ele descobriu, pensou Héctor, com o coração pesado. Ele tinha ido até a casa de Kirsch não em busca de notícias para o blog, mas para prestar sua homenagem a ele.

– E-Wave – gritou alguém ali perto. – E-Wave!

◆ ◆ ◆

Ao redor de Héctor, a multidão reunida começou a apontar e virar as câmeras para o Tesla preto e esguio que agora entrava lentamente

na praça, indo em direção ao grupo com os faróis halógenos ofuscando.

Héctor olhou atônito para o veículo conhecido.

O Tesla Modelo X de Kirsch, com sua placa E-Wave, era tão famoso em Barcelona quanto o papamóvel em Roma. Frequentemente, Kirsch fazia questão de parar em fila dupla no Carrer de Provença diante da joalheria DANiEL ViOR e sair para dar autógrafos. Para empolgação da plateia, ele acionava o dispositivo de estacionamento automático e o veículo vazio seguia pela rua por uma rota pré-programada, atravessando a calçada larga – com os sensores detectando qualquer pedestre ou obstáculo – até chegar à porta da garagem. O portão então se abria e o carro descia lentamente a rampa em espiral até a vaga privativa embaixo da Casa Milà.

Ainda que o estacionamento automático fosse padrão em todos os Teslas –

abrindo facilmente portas de garagem, entrando e se desligando –, Edmond tinha hackeado com orgulho o sistema de seu carro para permitir aquela rota mais complexa.

Tudo fazia parte do show.

Esta noite o espetáculo era consideravelmente mais estranho. Kirsch estava morto, no entanto seu *carro* tinha acabado de aparecer, subindo lentamente pelo Carrer de Provença, atravessando a calçada, alinhando-se com a elegante entrada da garagem e avançando enquanto as pessoas saíam da frente.

Repórteres e cinegrafistas correram para o veículo, franzindo os olhos para enxergar através das janelas muito escuras e gritando de surpresa.

– Está vazio! Não tem ninguém dirigindo! De onde ele veio?!

Aparentemente os seguranças da Casa Milà tinham visto esse truque antes e mantiveram as pessoas longe do Tesla e da porta da

garagem que se abriu.

Para Héctor, a visão do carro vazio de Edmond se esgueirando na direção da garagem lembrava as imagens de um cachorro triste voltando para casa depois de perder o dono.

Como um fantasma, o Tesla passou em silêncio pela porta da garagem e a multidão irrompeu em aplausos emotivos ao ver o amado carro de Edmond, como tinha feito tantas vezes, começar a descer a rampa em espiral da primeira garagem subterrânea de Barcelona.

– Não sabia que você era tão claustrofóbico – sussurrou Ambra, deitada ao lado de Langdon no piso do Tesla.

Estavam comprimidos na pequena área entre a segunda e a terceira fila de bancos, escondidos embaixo de uma capa de carro, de vinil, que Ambra tinha pegado no porta-malas, invisíveis através das janelas de vidro escuro.

– Vou sobreviver – conseguiu dizer Langdon, trêmulo, mais nervoso com o carro que se dirigia sozinho do que com a fobia.

Podia sentir o veículo descendo uma rampa espiralada e temia que ele batesse a qualquer momento. Dois minutos antes, enquanto estavam parados em fila dupla no Carrer de Provença, em frente à joalheria DANiEL ViOR, Winston lhes dera instruções claríssimas.

Sem sair do carro, Ambra e Langdon tinham passado para a terceira fila de bancos do Modelo X. Depois, apertando um único botão no telefone, Ambra ativou o programa especial de estacionamento automático.

No escuro Langdon sentiu o veículo se deslocar lentamente pela rua. E com o corpo de Ambra comprimido contra o seu no espaço apertado, não pôde deixar de se lembrar de sua primeira experiência adolescente no banco de trás de um carro com uma garota bonita. *Eu fiquei mais nervoso naquela ocasião*, pensou, o que parecia

irônico, considerando que agora estava deitado num carro sem motorista, de conchinha com a futura rainha da Espanha.

Sentiu o Tesla se aprumar na base da rampa, virar lentamente algumas vezes e parar.

– Vocês chegaram – avisou Winston.

Imediatamente Ambra empurrou a lona e se sentou com cuidado, olhando pela janela.

– Tudo certo – disse saindo.

Langdon seguiu atrás dela, aliviado por estar no espaço aberto da garagem.

– Os elevadores ficam no saguão principal. – Ambra sinalizou para a rampa em espiral.

Mas de súbito o olhar de Langdon pareceu hipnotizado por uma visão totalmente inesperada. Ali, na garagem subterrânea, na parede de cimento à frente da vaga de Edmond, estava pendurada uma paisagem marinha emoldurada com elegância.

– Ambra? – chamou ele. – Edmond decorou a vaga dele com uma *pintura?*

Ela confirmou com a cabeça.

– Também achei estranho e fiz essa mesma pergunta. Ele disse que era seu modo de ser recebido toda noite por uma beldade radiante.

Langdon deu um risinho. *Solteirões!*

– O artista era uma pessoa que Edmond reverenciava demais – disse Winston, com a voz agora se transferindo automaticamente para o telefone na mão de Ambra.

– Reconhece?

Langdon não reconheceu. A pintura não parecia nada mais do que uma bela marinha em aquarela – nem um pouco de acordo com o gosto vanguardista de

◆ ◆ ◆

Edmond.

– É Churchill – disse Ambra. – Edmond o citava o tempo todo.

Churchill. Langdon precisou de um momento para perceber que ela estava se referindo a ninguém menos do que o próprio Winston Churchill, o célebre estadista inglês que, além de herói militar, historiador, orador e escritor premiado com o Nobel, era um artista plástico de talento notável. Langdon se lembrou de Edmond citando o primeiro-ministro britânico uma vez, em resposta a um comentário que alguém fizera sobre as pessoas religiosas o odiarem: *Você tem inimigos? Bom. Isso significa que você defende alguma coisa!*

– O que mais impressionava Edmond era a diversidade dos talentos de Churchill – observou Winston. – Raramente os seres humanos demonstram perícia num espectro tão grande de atividades.

– E foi por isso que Edmond chamou você de “Winston”?

– Foi – respondeu o computador. – Salve Edmond!

Ainda bem que eu perguntei, pensou Langdon, tendo imaginado que o nome de Winston era uma alusão a Watson – o computador da IBM que tinha vencido o programa de perguntas *Jeopardy!* na televisão uma década antes. Sem dúvida, hoje em dia Watson era considerado primitivo, uma bactéria unicelular na escala evolutiva da inteligência sintética.

– Certo, então – disse indicando os elevadores. – Vamos subir e tentar encontrar o que viemos descobrir.

Nesse exato momento, dentro da Catedral de Almudena, em Madri, o comandante Diego Garza estava segurando seu telefone e ouvindo

incrédulo a coordenadora de RP do palácio, Mónica Martín, fazer uma atualização dos fatos.

Valdespino e o príncipe Julián saíram da segurança do complexo?

Garza não podia sequer imaginar o que eles estariam pensando.

Eles estão andando por Madri no carro de um acólito? Isso é loucura!

– Podemos contatar as autoridades de trânsito – disse Mónica. – Suresh acha que elas podem usar as câmeras que controlam o tráfego para ajudar a encontrar…

– Não! Alertar *qualquer pessoa* de que o príncipe está fora do palácio sem segurança é perigoso demais! Nossa preocupação principal é protegê-lo.

– Entendido, senhor. – Mónica pareceu subitamente inquieta. – Há outra coisa que o senhor deveria saber. É sobre um registro telefônico apagado.

– Espere aí – disse Garza, distraído pela chegada de seus quatro agentes que, para sua consternação, se aproximaram e o cercaram.

Antes que Garza pudesse reagir, os agentes da Guardia tinham retirado

habilmente sua arma e seu telefone.

– Comandante Garza – disse o agente principal, com o rosto inexpressivo. –

Tenho ordens diretas de prendê-lo.

C A P Í T U L O **5 2**

A Casa Milà é construída na forma de um sinal de infinito: uma curva interminável que se dobra sobre si mesma e forma dois poços

ondulantes que penetram no prédio. Cada um desses poços de iluminação abertos tem cerca de 30

metros de profundidade, amassados como um tubo parcialmente desmoronado e, do ar, parecem dois ralos enormes na cobertura do prédio.

De onde Langdon estava, na base do poço de iluminação mais estreito, olhar para o céu era decididamente inquietante: era como estar alojado na garganta de uma fera gigantesca.

Sob seus pés, o piso de pedra era inclinado e irregular. Uma escadaria helicoidal subia pelo interior do poço, com o corrimão de ferro forjado em treliça imitando as câmaras irregulares de uma esponja-do-mar. Uma pequena selva de trepadeiras retorcidas e palmeiras penduradas se derramava por cima dos parapeitos como se quisesse crescer e dominar todo o espaço.

Arquitetura viva, pensou Langdon, maravilhado com a capacidade de Gaudí de imbuir sua obra de uma qualidade quase biológica.

Seu olhar subiu mais alto ainda, para as laterais da “garganta”, escalando as paredes curvas, onde uma colcha de retalhos feita de ladrilhos marrons e verdes se entremeava com afrescos em tons pastel, mostrando plantas e flores que pareciam crescer em direção ao pedaço oblongo de céu noturno no topo do poço aberto.

– Os elevadores são por aqui – sussurrou Ambra, levando-o pela borda do pátio. – O apartamento de Edmond fica lá em cima.

Enquanto entravam no elevador desconfortavelmente pequeno, Langdon visualizou o sótão no último andar do prédio, que ele tinha visitado uma vez para ver uma pequena exposição sobre Gaudí. Pelo que lembrava, o sótão da Casa Milà era composto por uma série escura e sinuosa de cômodos com muito poucas janelas.

– Edmond poderia morar *em qualquer lugar* – disse Langdon enquanto o elevador começava a subir. – Ainda não consigo acreditar que ele alugou um *sótão*.

– É um apartamento estranho – concordou Ambra. – Mas, como você sabe, Edmond era excêntrico.

Quando o elevador chegou ao último andar, eles saíram num corredor elegante e subiram mais um lance de escada até um patamar privativo no topo do prédio.

– É aqui.

Ambra indicou uma porta de metal liso que não tinha maçaneta nem buraco de

fechadura. A entrada futurista parecia totalmente desconexa nesse prédio e obviamente fora acrescentada por Edmond.

– Você disse que sabe onde ele esconde a chave? – perguntou Langdon.

Ambra levantou o telefone de Edmond.

– No mesmo lugar onde ele parece esconder tudo.

Ela encostou o telefone na porta de metal, que soltou três bipes. Langdon ouviu uma série de trancas se abrindo. Ambra guardou o telefone e empurrou a porta.

– Pode entrar – disse ela com um floreio.

Langdon entrou num saguão mal iluminado cujas paredes e o teto eram de tijolos claros. O piso era de pedra e o ar parecia rarefeito.

Ao avançar para o espaço aberto do outro lado, ficou cara a cara com um quadro enorme pendurado na parede de trás, sob uma iluminação impecável, digna de um museu.

Quando Langdon viu a pintura, parou imediatamente.

– Meu Deus, isso é… o *original*?

Ambra sorriu.

– É. Eu ia mencionar no avião, mas pensei em surpreender você.

Sem fala, Langdon foi em direção à obra-prima. Tinha um pouco menos de quatro metros de largura e quase 1,5 metro de altura – muito maior do que ele recordava, pois já tinha visto o quadro no Museu de Belas Artes de Boston. *Ouvi dizer que tinha sido vendido para um colecionador anônimo, mas não fazia ideia de que era Edmond.*

– Quando vi pela primeira vez no apartamento – disse Ambra –, não acreditei que Edmond gostava desse tipo de arte. Mas agora que sei qual era o trabalho dele nesse ano, a pintura parece estranhamente adequada.

Langdon assentiu, incrédulo.

A pintura célebre era uma das principais obras do pós-impressionista francês Paul Gauguin – um pintor revolucionário que foi o principal representante do movimento simbolista no final do século XIX e ajudou a pavimentar o caminho para a arte moderna.

Enquanto ia em direção à pintura, Langdon ficou pasmo com a semelhança da paleta de cores de Gauguin com a da entrada da Casa Milà – uma mistura de verdes, marrons e azuis orgânicos. O quadro também mostrava uma cena muito naturalista.

Apesar do intrigante conjunto de pessoas e animais que apareciam na pintura, o olhar de Langdon foi imediatamente para o canto superior esquerdo – um trecho de um amarelo forte onde estava escrito o título da obra.

Langdon leu as palavras, incrédulo: *D'où Venons Nous / Que Sommes Nous /*

Où Allons Nous.

De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?

Imaginou se o fato de ser confrontado por essas perguntas todo dia ao chegar em casa teria de algum modo ajudado a inspirar Edmond.

Ambra se juntou a ele em frente à pintura.

– Edmond disse que queria ser motivado por essas perguntas sempre que chegasse em casa.

Era difícil não ver o quadro, pensou Langdon.

Observando o lugar de destaque em que Edmond tinha posto a obra-prima, Langdon se perguntou se a própria pintura talvez não guardasse alguma pista do que Edmond havia descoberto. A um primeiro olhar, o tema do quadro parecia primitivo demais para sugerir uma descoberta científica avançada. Suas pinceladas amplas e desiguais representavam uma selva no Taiti habitada por uma variedade de nativos taitianos e animais.

Langdon conhecia bem a pintura e, como lembrava, Gauguin pretendia que essa obra fosse "lida" da direita para a esquerda – direção inversa à do texto padrão em francês. E assim seu olhar seguiu as figuras familiares na direção reversa.

Na extrema direita um bebê recém-nascido dormia sobre uma pedra, representando o início da vida. *De onde viemos?*

No meio várias pessoas de diversas idades realizavam as tarefas cotidianas. *O*

que somos?

E na esquerda uma velha decrépita estava sentada sozinha, imersa em pensamentos, parecendo refletir sobre a própria mortalidade. *Para onde vamos?*

Langdon ficou surpreso por não ter pensado imediatamente nessa pintura quando Edmond descreveu o foco de sua descoberta. *Qual é a nossa origem? Qual é o nosso destino?*

Olhou os outros elementos da pintura: cachorros, gatos e pássaros que não pareciam estar fazendo nada específico, uma estátua de uma deusa primitiva ao fundo, uma montanha, raízes retorcidas e árvores. E, claro, o famoso “estranho pássaro branco” de Gauguin, que estava ao lado da velha e, segundo o artista, representava “a futilidade das palavras”.

Fúteis ou não, pensou Langdon, *foi atrás de palavras que viemos aqui. De preferência com um total de 47 caracteres.*

Por um instante se perguntou se o título incomum da pintura poderia ter uma relação direta com a senha de 47 letras que eles estavam procurando, mas uma contagem rápida, tanto em francês quanto em inglês, não deu esse número.

– Certo, estamos procurando um verso de um poema – disse Langdon com esperança.

– A biblioteca de Edmond é por aqui.

Ambra apontou à esquerda, para um corredor amplo que, como Langdon pôde ver, estava decorado com móveis elegantes entremeados por vários artefatos e caixas de vidro mostrando obras de Gaudí.

Edmond mora num museu? Langdon ainda não conseguia entender direito. O

sótão da Casa Milà não era exatamente o lugar mais aconchegante que ele já vira.

Feito de pedra e tijolos, era essencialmente um túnel contínuo guarnecido com

costelas – um aro composto por 270 arcos parabólicos de alturas variadas, separados por cerca de um metro cada. Havia pouquíssimas janelas e a atmosfera tinha um gosto seco e estéril, obviamente muito processada para proteger os artefatos de Gaudí.

– Vou me juntar a você num instante – disse Langdon. – Primeiro preciso encontrar o banheiro de Edmond.

Meio sem jeito, Ambra olhou de volta para a entrada.

– Edmond sempre me dizia para usar o do saguão, lá embaixo… ele era misteriosamente resguardado com relação ao banheiro particular do apartamento.

– É um apartamento de solteiro. O banheiro devia ser uma bagunça e ele ficava sem jeito.

Ambra sorriu.

– Bom, acho que é ali.

Ela apontou na direção oposta à biblioteca, por um túnel muito escuro.

– Obrigado. Já volto.

Ambra foi para o escritório de Edmond e Langdon partiu na direção oposta, pelo corredor estreito – um dramático túnel de arcos de tijolos que o fez se lembrar de uma caverna subterrânea ou uma catacumba medieval. Estranhamente, enquanto seguia pelo túnel de pedra, luzes com sensores de movimento iluminavam a base de cada arco parabólico, clareando o caminho.

Passou por uma elegante área de leitura, uma pequena área de ginástica e até uma copa, tudo intercalado com várias mesas com caixas de vidro mostrando desenhos, esboços arquitetônicos e maquetes de projetos de Gaudí.

Mas quando passou por uma mesa iluminada mostrando artefatos *biológicos*, Langdon parou, surpreso com o conteúdo – um fóssil de peixe pré-histórico, uma elegante concha de náutilo, um sinuoso esqueleto de cobra. Por um momento fugaz imaginou que Edmond devia ter montado pessoalmente aquela mostra científica –

talvez relacionada aos seus estudos sobre as origens da vida. Então viu a anotação na caixa de vidro e percebeu que aqueles artefatos tinham pertencido a Gaudí e refletiam várias características arquitetônicas daquela casa: as escamas de peixe eram os padrões de ladrilhos nas paredes, o náutilo era a rampa que descia para a garagem e o esqueleto de cobra com suas centenas de costelas igualmente espaçadas era aquele mesmo corredor.

Acompanhando a mostra estavam as palavras humildes do arquiteto: Nada é inventado, já que está escrito primeiro na natureza.

A originalidade consiste em voltar à origem.

– ANTONI GAUDÍ

Langdon virou os olhos para o corredor sinuoso com abóbadas de costelas e de novo sentiu-se dentro de uma criatura viva.

Um lar perfeito para Edmond, decidiu. *Arte inspirada pela ciência.*

Enquanto seguia pela primeira curva no túnel serpentino, o espaço se alargou e as luzes acionadas por movimento se acenderam. Seu olhar foi atraído imediatamente para uma enorme caixa de vidro no centro do corredor.

Um modelo de catenária – pensou, sempre maravilhado com esses engenhosos protótipos de Gaudí. “Catenária” era um termo arquitetônico que se referia a uma curva formada por um cordão suspenso entre dois pontos fixos – como uma rede de dormir ou a corda de veludo pendurada entre dois balaústres num teatro.

No modelo de catenária diante de Langdon, dezenas de correntes tinham sido suspensas frouxamente do topo da caixa – resultando em fios longos que desciam e depois subiam de novo criando formas de U que pendiam frouxas. Como a tensão gravitacional era o inverso da compressão gravitacional, Gaudí podia estudar a forma exata assumida por uma corrente que pendesse naturalmente sob o próprio peso e podia imitar essa forma para solucionar os desafios arquitetônicos da compressão gravitacional.

Mas isso exige um espelho mágico, pensou Langdon, indo em direção à caixa.

Como tinha previsto, o piso da caixa era um espelho e, ao olhar para o reflexo, viu um efeito de magia. Todo o modelo ficou de cabeça para baixo – e as correntes suspensas se transformaram em pináculos altos.

Nesse caso Langdon percebeu que estava diante de uma visão aérea invertida da altíssima Basílica da Sagrada Família, cujas torres levemente curvas podiam ter sido projetadas usando este mesmo modelo.

Seguindo pelo corredor, chegou a uma elegante área de dormir com uma antiga cama de dossel, um armário de cerejeira e uma cômoda de marchetaria. As paredes eram decoradas com esboços de Gaudí, que Langdon percebeu que simplesmente faziam parte da mostra do museu.

A única obra de arte que parecia ter sido acrescentada era uma grande citação caligrafada pendurada acima da cama. Langdon leu as três primeiras palavras e reconheceu imediatamente a fonte.

Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos. Como vamos nos consolar, os assassinos de todos os assassinos?

– NIETZSCHE

“Deus está morto” eram as três palavras mais famosas escritas por Friedrich Nietzsche, o renomado filósofo e ateu alemão do século XIX. Nietzsche era conhecido por suas críticas cáusticas à religião, mas também por suas reflexões

sobre ciência – especialmente a evolução darwiniana –, que ele acreditava ter transportado a humanidade para a borda do niilismo, uma percepção de que a vida não tinha significado nem propósito mais elevado e não oferecia qualquer prova direta da existência de Deus.

Ao ver a citação acima da cama, Langdon se perguntou se talvez, apesar de toda a sua petulância antirreligiosa, Edmond pudesse estar tendo dificuldades com seu próprio papel na tentativa de livrar o mundo de Deus.

A citação de Nietzsche, como Langdon recordava, concluía com as palavras:

“A grandeza desse ato não será grande demais para nós? Não devemos, nós mesmos, nos tornar deuses simplesmente para parecermos dignos dele?”

Essa ideia ousada – de que o homem deve *se tornar* Deus para matar Deus –

estava no cerne do pensamento de Nietzsche. E talvez, percebeu Langdon, explicasse em parte o complexo de ser Deus sofrido por tantos gênios pioneiros de tecnologias, como Edmond. *Os que apagam Deus… devem ser deuses.*

Enquanto pensava nisso, Langdon foi tomado por uma segunda percepção.

Nietzsche não era apenas filósofo – também era poeta!

O próprio Langdon tinha um exemplar de *O Pavão e o Búfalo*, uma compilação de 275 poemas e aforismos de Nietzsche com pensamentos sobre Deus, a morte e a mente humana.

Em seguida, contou os caracteres da citação famosa. O número não batia, porém sentiu uma ponta de esperança. *Será que Nietzsche pode ser o poeta do verso que estamos procurando? Nesse caso será que vamos encontrar um livro de poesias de Nietzsche no escritório de Edmond?* De qualquer modo, Langdon pediria a Winston que acessasse a compilação dos poemas de Nietzsche na internet e procurasse um verso de 47 caracteres.

Ansioso para voltar a Ambra e contar o que tinha pensado, atravessou rapidamente o quarto e foi para o banheiro visível do

outro lado.

Quando entrou, as luzes lá dentro revelaram um cômodo muito bem decorado contendo uma pia de pedestal, um chuveiro e um vaso sanitário.

Seu olhar foi logo atraído para uma mesa antiga e baixa, atulhada de material de toalete e itens pessoais. Quando viu as coisas em cima da mesa inalou profundamente, dando um passo atrás.

Ah, meu Deus, Edmond… não.

A mesa diante dele parecia um laboratório de drogas de fundo de quintal: seringas usadas, frascos de comprimidos, cápsulas soltas e até um trapo manchado de sangue.

Seu coração se encolheu.

Edmond estava usando drogas?

Langdon sabia que nos últimos tempos o vício químico havia se tornado dolorosamente comum, até mesmo entre os ricos e famosos. Agora a heroína era mais barata do que a cerveja e as pessoas engoliam analgésicos opiáceos como se

fosse aspirina.

O vício certamente explicaria a perda de peso recente, pensou, imaginando se Edmond estaria apenas fingindo que tinha “virado vegano”, numa tentativa de encobrir a magreza e os olhos fundos.

Foi até a mesa, pegou um dos frascos e leu o rótulo, esperando encontrar um dos opiáceos comuns como oxicodona.

Em vez disso leu: *docetaxel.*

Perplexo, verificou outro frasco: *gencitabina.*

O que é isso? , pensou, verificando um terceiro frasco: *fluorouracila.*

Ficou imóvel. Tinha ouvido falar do Fluorouracil por um colega de Harvard e teve uma súbita onda de pavor. Um instante depois viu um panfleto no meio dos frascos. O título era “O veganismo reduz o câncer do pâncreas?”.

Ficou boquiaberto quando a verdade se tornou evidente.

Edmond não era viciado em drogas.

Estava lutando em segredo contra um câncer mortal.

C A P Í T U L O **5 3**

Ambra Vidal parou à luz fraca do apartamento no sótão e passou o olhar pelas fileiras de livros que cobriam as paredes da biblioteca de Edmond.

A coleção dele é maior do que eu lembrava.

Edmond tinha transformado um trecho amplo do corredor curvo numa biblioteca espantosa, construindo prateleiras entre os suportes verticais das abóbadas de Gaudí. A biblioteca tinha um tamanho inesperado e um grande número de obras, especialmente considerando que Edmond estaria planejando ficar ali apenas por dois anos.

Parece que ele se mudou para cá de vez.

Olhando as prateleiras atulhadas, Ambra percebeu que localizar o verso predileto de Edmond consumiria muito mais tempo do que ela havia previsto.

Enquanto continuava andando ao longo das estantes, examinando as lombadas dos livros, não viu nada além de volumes científicos sobre cosmologia, consciência e inteligência artificial.

O QUADRO GERAL

FORÇAS DA NATUREZA

ORIGENS DA CONSCIÊNCIA

A BIOLOGIA DA CRENÇA

ALGORITMOS INTELIGENTES

NOSSA INVENÇÃO FINAL

Chegou ao fim de uma seção e passou em volta de uma costela arquitetônica, indo para a próxima estante. Ali encontrou uma variedade de temas científicos: termodinâmica, química primordial, psicologia.

Nada de poemas.

Notando que fazia um tempo que Winston estava quieto, pegou o telefone de Edmond.

– Winston? Ainda estamos conectados?

– Estou aqui – entoou a voz com sotaque.



– Edmond *lia* mesmo todos esses livros da biblioteca?

– Acho que sim. Ele era um consumidor voraz de textos e chamava essa biblioteca de sua “sala de troféus do conhecimento”.

– E por acaso há alguma seção de *poesia* aqui?

– Os únicos títulos dos quais eu sei especificamente são os volumes de não ficção que ele me pediu para ler em formato de e-book, de modo que nós dois pudéssemos discutir o conteúdo. Acho que era

um exercício muito mais para a *minha* formação do que para a dele. Infelizmente não tenho toda a coleção catalogada, portanto o único modo de você encontrar o que está procurando será através de uma busca física.

– Sei.

– Enquanto você procura, acho que há uma coisa que pode interessar: notícias novas de Madri, sobre seu noivo, o príncipe Julián.

– O que está acontecendo?

Ambra parou abruptamente. Suas emoções ainda estavam abaladas devido ao possível envolvimento de Julián no assassinato de Kirsch. *Não há prova*, lembrou.

Nada confirma que Julián tenha ajudado a colocar o nome de Ávila na lista de convidados.

– Acabam de informar sobre uma manifestação barulhenta na frente do Palácio Real – disse Winston. – As evidências continuam a sugerir que o assassinato de Edmond foi planejado em segredo pelo bispo Valdespino, provavelmente com a ajuda de alguém de dentro do palácio, talvez até mesmo o príncipe. Os fãs de Kirsch estão protestando. Dê uma olhada.

O smartphone de Edmond começou a passar um vídeo com manifestantes furiosos junto aos portões do palácio. Um deles carregava um cartaz onde estava escrito em inglês: PÔNCIO PILATOS MATOU O PROFETA DE VOCÊS – *VOCÊS* MATARAM O

NOSSO!

Outros carregavam lençóis pintados com tinta spray onde se lia um grito de batalha – *APOSTASÍA!* –, acompanhado por um logotipo que estava sendo pintado com frequência cada vez maior nas calçadas de Madri.

A apostasia tinha se tornado um tema popular para a juventude liberal da Espanha. *Renuncie à Igreja!*

– Julián já fez alguma declaração? – perguntou Ambra.

– Esse é um dos problemas. Não há nenhuma palavra de Julián, nem do bispo, nem de ninguém do palácio. O silêncio contínuo deixou todo mundo desconfiado.

As teorias conspiratórias estão correndo soltas, e agora a imprensa nacional começou a perguntar onde *você* está e por que também não fez nenhum comentário público sobre a crise.

– Eu?!

Ambra estava aterrorizada com esse pensamento.

– Você *testemunhou* o assassinato. É a futura rainha consorte e é o amor do príncipe Julián. O público quer ouvi-la dizer que tem certeza de que Julián não está envolvido.

O instinto de Ambra dizia que Julián não poderia ter sabido do assassinato de Edmond. Quando pensava no namoro dos dois, lembrava-se de um homem terno e sincero – reconhecidamente ingênuo e impulsivamente romântico –, mas sem dúvida não de um assassino.

– Perguntas semelhantes estão começando a ser feitas sobre o professor Langdon – disse Winston. – Veículos da mídia estão questionando por que o professor desapareceu sem fazer nenhum comentário, sobretudo depois de ter uma participação tão importante na apresentação de Edmond. Vários blogs estão sugerindo que o desaparecimento dele pode estar relacionado com o assassinato de Kirsch.

– Mas isso é loucura!

– O assunto está ganhando força. A teoria surgiu porque, no passado, Langdon procurou o Santo Graal e a linhagem sanguínea

de Cristo. Parece que os descendentes sálicos de Cristo têm laços históricos com o movimento carlista, e a tatuagem do assassino…

– Pare – interrompeu Ambra. – Isso é absurdo.

– No entanto, outros estão especulando que Langdon desapareceu porque ele próprio se tornou um *alvo* esta noite. Todo mundo virou detetive de poltrona. Neste momento boa parte do planeta está colaborando para descobrir que mistérios Edmond pretendia revelar… e quem desejava silenciá-lo.

A atenção de Ambra foi atraída pelo som dos passos de Langdon se aproximando rapidamente pelo corredor sinuoso. Ela se virou no instante em que ele apareceu.

– Ambra? – chamou ele, tenso. – Você sabia que Edmond estava muito doente?

– Doente? – perguntou ela, espantada. – Não.

Langdon contou o que tinha descoberto no banheiro.

Ambra ficou atarantada.

Câncer no pâncreas? Esse era o motivo para Edmond estar tão pálido e

magro?

Incrivelmente, Edmond nunca tinha dito uma palavra sobre estar doente. Agora Ambra entendia seu ritmo de trabalho insano nos últimos meses. *Edmond sabia que estava ficando sem tempo.*

– Winston – disse ela. – Você sabia da doença de Edmond?

– Sabia – respondeu Winston sem hesitar. – Era algo muito particular, que ele não contava para ninguém. Ficou sabendo da doença há 22 meses, mudou imediatamente a dieta e começou a trabalhar com intensidade cada vez maior. Além disso, veio morar

neste sótão, onde respiraria ar de qualidade de museu e estaria protegido da radiação UV; precisava viver ao máximo no escuro porque os medicamentos o deixavam com fotofobia. Edmond conseguiu superar as projeções dos médicos por uma margem considerável. Mas, recentemente, começou a definhar.

Baseado em evidências empíricas que reuni em bancos de dados sobre câncer no pâncreas em todo o mundo, analisei a deterioração de Edmond e calculei que ele teria nove dias de vida.

Nove dias, pensou Ambra, sentindo-se culpada por zombar da dieta vegana e do trabalho duro demais de Edmond. *Ele estava doente, numa corrida incansável para criar seu último momento de glória antes que seu tempo se esgotasse.* Essa percepção triste só alimentou mais ainda sua determinação de localizar o poema e completar o que Edmond havia começado.

– Ainda não encontrei nenhum livro de poesia – disse a Langdon. – Até agora é tudo de ciência.

– Acho que o poeta que estamos procurando pode ser Friedrich Nietzsche. –

Langdon contou sobre a citação emoldurada acima da cama de Edmond. – Aquele trecho específico não tem 47 letras, mas certamente sugere que Edmond era fã de Nietzsche.

– Winston, pode procurar na obra poética de Nietzsche qualquer verso que tenha exatamente 47 letras? – pediu Ambra.

– Sem dúvida – respondeu Winston. – No original em alemão ou na tradução em inglês?

Ambra parou, sem saber.

– Comece com o inglês – sugeriu Langdon. – Edmond planejava digitar o verso no telefone e, com o teclado comum, não teria facilidade para colocar as letras com trema ou *eszetts*.

Ambra assentiu. *Esperto.*

– Tenho os resultados – anunciou Winston quase imediatamente. – Encontrei quase 300 poemas traduzidos, o que resultou em 192 versos com exatamente 47

letras.

Langdon suspirou.

– Tantos assim?

– Winston – pressionou Ambra. – Edmond descreveu seu verso predileto como

◆ ◆ ◆

uma *profecia…* uma previsão sobre o futuro… um futuro que já estava se realizando.

Você vê alguma coisa que combine com essa descrição?

– Sinto muito – respondeu Winston. – Não vejo nada aqui que sugira uma profecia. Linguisticamente falando, os versos em questão são todos tirados de estrofes maiores e parecem ser pensamentos parciais. Devo mostrar?

– É um número muito grande – disse Langdon. – Precisamos encontrar um livro físico e esperar que Edmond tenha marcado seu verso predileto de algum modo.

– Então sugiro que se apressem. Parece que a presença de vocês aqui pode não ser mais segredo.

– Por que você diz isso? – perguntou Langdon.

– Um noticiário local está informando que um avião militar acaba de pousar no Aeroporto El Prat e que dois agentes da Guardia Real desembarcaram.

Nos arredores de Madri, o bispo Valdespino sentia-se grato por ter escapado do palácio antes que os muros se fechassem ao seu redor. Espremido junto do príncipe Julián no banco de trás do minúsculo sedã Opel de seu acólito, esperava que as medidas desesperadas que estavam sendo tomadas por trás dos panos o ajudassem a recuperar o controle de uma noite que ia se desviando loucamente do rumo.

– La Casita del Príncipe – tinha ordenado Valdespino ao acólito enquanto o rapaz os levava para longe do palácio.

A casa de campo do príncipe ficava numa área rural isolada a 40 minutos de Madri. Mais uma mansão do que uma modesta casa no campo, a *casita* tinha servido como residência particular do herdeiro do trono espanhol desde meados do século XVIII: um local discreto onde garotos podiam agir como garotos antes de assumirem a enorme responsabilidade de comandar um país. Valdespino tinha garantido a Julián que seria muito mais seguro ir para lá do que permanecer no palácio esta noite.

Só que não vou levar Julián para a casa de campo, sabia o bispo, observando o príncipe, que olhava pela janela do carro, aparentemente imerso em pensamentos.

Valdespino se perguntou se Julián era mesmo ingênuo como parecia. Ou se, como o pai, teria dominado a habilidade de mostrar ao mundo apenas o lado que ele desejava que fosse visto.

C A P Í T U L O **5 4**

As algemas nos pulsos de Garza estavam desnecessariamente apertadas.

Esses caras estão levando isso a sério, pensou, ainda perplexo com as atitudes dos seus próprios agentes.

– Que diabo está acontecendo?! – perguntou de novo enquanto seus homens saíam da catedral para o ar noturno da praça.

Continuou sem resposta.

Enquanto o grupo atravessava a área ampla em direção ao palácio, Garza percebeu que havia uma grande quantidade de câmeras de TV e manifestantes do lado de fora do portão principal.

– Pelo menos me levem pelos fundos – disse ao agente que estava no comando.

– Não transformem isso num espetáculo público.

Os soldados ignoraram o pedido e foram em frente, obrigando Garza a atravessar a praça. Em segundos, vozes do lado de fora do portão começaram a gritar e as luzes fortes de refletores se voltaram para ele. Ofuscado e furioso, Garza se obrigou a assumir uma expressão calma e manter a cabeça erguida enquanto os homens da Guardia o faziam andar a poucos metros do portão, passando direto pelos cinegrafistas e repórteres que gritavam.

Uma cacofonia de vozes lançava perguntas para Garza.

– Por que o senhor está sendo preso?

– O que o senhor fez, comandante?

– O senhor estava envolvido no assassinato de Edmond Kirsch?

Garza esperava que seus agentes passassem pela multidão sem ao menos um olhar, mas para seu choque eles pararam de súbito, segurando-o imóvel diante das câmeras. Da direção do palácio, uma figura familiar, de terninho, veio andando rapidamente pela praça até eles.

Era Mónica Martín.

Garza não teve dúvida de que ela ficaria chocada com sua situação.

Mas, estranhamente, quando chegou, Mónica o encarou não com surpresa, e sim com desprezo. Os guardas viraram Garza à força

para os repórteres.

Mónica Martín levantou a mão para silenciar a turba e depois tirou um papel do bolso. Ajeitando os óculos grossos, leu uma declaração para as câmeras de TV:

– O Palácio Real está prendendo o comandante Diego Garza pela participação no assassinato de Edmond Kirsch e por sua tentativa de implicar o bispo Valdespino

◆ ◆ ◆

nesse crime.

Antes mesmo que Garza pudesse assimilar a acusação absurda, os guardas já o empurravam para o palácio. Enquanto se afastava, ele pôde ouvir Mónica Martín continuando a ler a declaração:

– Com relação à futura rainha, Ambra Vidal, e ao professor americano Robert Langdon, infelizmente tenho notícias perturbadoras.

No subsolo do palácio, o diretor de segurança eletrônica Suresh Bhalla estava na frente do aparelho de TV, fascinado com a transmissão ao vivo da improvisada entrevista coletiva de Mónica Martín na praça.

Ela não parece feliz.

Apenas cinco minutos antes, Mónica tinha recebido um telefonema pessoal, que ela atendera em sua sala, falando em voz baixa e tomando notas cuidadosamente.

Um minuto depois saiu abalada de um modo que Suresh nunca tinha visto. Sem explicação, levou as anotações direto para a praça e se dirigiu à mídia.

Quer suas afirmações fossem exatas ou não, uma coisa era certa: a pessoa que havia ordenado essa declaração tinha acabado de

colocar Robert Langdon num perigo muito sério.

Quem deu essas ordens a Mónica? , pensou Suresh.

Enquanto tentava entender o comportamento bizarro da coordenadora de RP, seu computador soltou um bipe com uma mensagem. Suresh foi até ele e olhou a tela, pasmo ao ver quem havia escrito para ele.

monte@iglesia.org

O informante, pensou Suresh.

Era a mesma pessoa que vinha passando informações para o ConspiracyNet durante toda a noite. E agora, por algum motivo, estava contatando Suresh diretamente.

Cauteloso, Suresh se sentou e abriu o e-mail.

hackeei as mensagens de texto de valdespino.

ele tem segredos perigosos.

o palácio deveria acessar os registros de sms dele.

agora.

Alarmado, Suresh releu a mensagem. Depois a apagou.

Por um longo momento ficou sentado em silêncio, pensando nas opções.

Então, finalmente decidindo, gerou um cartão chave mestra para os aposentos reais e subiu sem ser visto.

C A P Í T U L O **5 5**

Com urgência cada vez maior, Langdon passou o olhar pela coleção de livros que forrava o corredor de Edmond.

Poesia… tem de haver algum livro de poesia por aí.

A chegada inesperada da Guardia em Barcelona tinha disparado um cronômetro perigoso, no entanto Langdon estava confiante de que daria tempo. Afinal de contas, assim que ele e Ambra tivessem localizado o verso predileto de Edmond, só precisariam de segundos para digitá-lo no telefone e transmitir a apresentação para o mundo. *Como Edmond pretendia.*

Olhou para Ambra, que estava do lado oposto do corredor, mais adiante, continuando sua busca do lado esquerdo enquanto ele passava um pente-fino no lado direito.

– Está vendo alguma coisa aí?

Ambra balançou a cabeça.

– Até agora só ciência e filosofia. Nada de poemas. Nada de Nietzsche.

– Continue procurando.

Langdon retornou à sua busca. No momento estava examinando um trecho com grossos volumes de história:

PRIVILÉGIO, PERSEGUIÇÃO E PROFECIA: A IGREJA CATÓLICA NA ESPANHA PELA ESPADA E PELA CRUZ: A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA MONARQUIA CATÓLICA NO MUNDO

Os títulos o faziam se lembrar de uma história sombria que Edmond tinha contado anos antes, depois de Langdon comentar que, para um ateu americano, ele parecia ter uma obsessão incomum pela Espanha e pelo catolicismo.

– Minha mãe era espanhola – respondera Edmond sem rodeios. – E era uma católica assolada pela culpa.

Enquanto Edmond contava a história trágica de sua infância e de sua mãe, Langdon só conseguia ouvir com enorme surpresa. O cientista

da computação contou que Paloma Calvo era filha de trabalhadores simples em Cádiz, na Espanha.

Aos 19 anos, se apaixonou por um professor universitário de Chicago, Michael

Kirsch, que estava passando um ano sabático na Espanha, e engravidou. Tendo testemunhado a rejeição sofrida por outras mães solteiras em sua rígida comunidade católica, Paloma não viu opção a não ser aceitar a oferta não muito entusiasmada do homem para se casar e mudar com ele para Chicago. Pouco depois de seu filho, Edmond, nascer, o marido de Paloma morreu atropelado por um carro enquanto voltava para casa de bicicleta.

Castigo divino, disse o pai dela.

Os pais de Paloma se recusaram a deixar que ela voltasse para Cádiz levando vergonha ao lar deles. Em vez disso, alertaram que sua situação difícil era sinal claro da raiva de Deus e que o reino dos céus jamais iria aceitá-la, a menos que ela se dedicasse a Cristo de corpo e alma pelo resto da vida.

Para criar Edmond do melhor modo que podia, Paloma foi trabalhar como arrumadeira num motel. À noite, em seu pequeno apartamento, lia as Escrituras e rezava por perdão, mas as dificuldades só aumentavam e, com isso, a certeza de que Deus ainda não estava satisfeito com sua penitência.

Em desgraça e com medo, depois de cinco anos, Paloma se convenceu de que seu ato mais profundo de amor materno seria dar uma vida nova ao filho, protegida dos castigos que Deus infligia à mãe por seus pecados. E assim pôs o menino de 5

anos num orfanato e voltou para a Espanha, onde entrou para um convento. Edmond nunca mais a viu.

Quando estava com 10 anos, ele ficou sabendo que a mãe tinha morrido no convento durante um jejum autoimposto. Dominada pela dor física, havia se enforcado.

– Não é uma história agradável – disse Edmond a Langdon. – Fiquei sabendo desses detalhes quando estava no ensino médio. E, como você pode imaginar, o fanatismo implacável da minha mãe tem muito a ver com minha repulsa pela religião. Eu chamo isso de “Terceira Lei de Newton Sobre a Criação dos Filhos: Para cada loucura há uma loucura igual e oposta”.

Depois de ouvir a história, Langdon entendeu por que Edmond era tão cheio de raiva e amargura quando os dois se conheceram, no primeiro ano do rapaz em Harvard. Também se admirou por Edmond jamais ter reclamado dos rigores sofridos na infância. Em vez disso, ele se declarava um *felizardo* por ter enfrentado todas aquelas dificuldades no início da vida. Isso servira como uma motivação poderosa para alcançar seus dois objetivos da infância: primeiro, sair da pobreza e, segundo, expor a hipocrisia da fé que ele acreditava ter destruído sua mãe.

Teve sucesso nas duas coisas, pensou Langdon com tristeza, continuando a examinar a biblioteca do apartamento.

Enquanto começava a olhar uma nova seção de estantes, viu muitos títulos que reconheceu, a maioria relevante para as preocupações de Edmond com relação aos perigos da religião:

DEUS, UM DELÍRIO

DEUS NÃO É GRANDE

O ATEU PORTÁTIL

CARTA A UMA NAÇÃO CRISTÃ

A MORTE DA FÉ

O VÍRUS DE DEUS: COMO A RELIGIÃO INFECTA NOSSA VIDA E NOSSA CULTURA Na última década, livros defendendo a racionalidade contra a fé cega tinham brotado nas listas de best-sellers de não ficção. Langdon precisava admitir que o afastamento cultural da religião vinha se tornando cada vez mais visível – mesmo

no campus de Harvard. Recentemente o *Washington Post* tinha publicado uma matéria sobre “o ateísmo em Harvard”, dizendo que pela primeira vez nos 380 anos da universidade a classe de calouros tinha mais agnósticos e ateus do que protestantes e católicos juntos.

De modo semelhante, por todo o mundo ocidental estavam brotando organizações antirreligiosas, fazendo pressão contra o que consideravam perigos do dogma religioso: Ateus Americanos, Freedom from Religion Foundation, Americanhumanist.org, Aliança Ateísta Internacional.

Langdon nunca tinha prestado muita atenção nesses grupos até que Edmond lhe contou sobre o Movimento Bright – uma organização global que, apesar do nome frequentemente mal-entendido, endossava uma visão de mundo naturalista sem qualquer elemento sobrenatural ou místico. Dentre os *brights* estavam intelectuais importantes como Richard Dawkins, Margaret Downey e Daniel Dennett.

Aparentemente o crescente exército de ateus estava reunindo armamento pesado.

Minutos antes, enquanto examinava a seção da biblioteca dedicada à evolução, Langdon tinha visto livros de Dawkins e Dennett. O clássico de Dawkins, *O*

Relojoeiro Cego, desafiava enfaticamente a noção teleológica de que os seres humanos – como relógios complexos – só poderiam existir se tivessem tido um

“projetista”. De modo semelhante, um dos livros de Dennett, *A Perigosa Ideia de Darwin*, argumentava que a seleção natural *por si só* bastava para explicar a evolução da vida e que os complexos projetos biológicos podiam existir sem um projetista divino.

Deus não é necessário para a vida, pensou Langdon, lembrando-se da apresentação de Edmond. De repente, a pergunta “De onde viemos?” ressoou um pouco mais intensa na sua mente. *Será que*

isso pode ser parte da descoberta de Edmond? A ideia de que a vida existe por conta própria – sem um Criador?

Essa teoria, claro, era diretamente oposta a todas as principais narrativas da Criação, o que deixou Langdon cada vez mais curioso para saber se podia estar na

pista certa. Mas isso não parecia ser algo que fosse possível provar.

– Robert? – chamou Ambra atrás dele.

Langdon se virou e viu que Ambra tinha terminado a busca no seu lado da biblioteca e estava balançando a cabeça.

– Aqui, nada – disse. – Tudo não ficção. Vou ajudar a procurar do seu lado.

– Até agora a mesma coisa aqui.

Enquanto Ambra se encaminhava para o outro lado, a voz de Winston soou no telefone:

– Srta. Vidal?

Ambra levantou o aparelho de Edmond.

– Sim?

– A senhorita e o professor Langdon precisam ver uma coisa agora mesmo. O

palácio acaba de fazer uma declaração pública.

Langdon foi para perto de Ambra assistir ao vídeo que baixava na tela do telefone.

Reconheceu a praça diante do Palácio Real de Madri, onde um homem uniformizado e com algemas era obrigado por quatro agentes da Guardia Real a entrar em quadro. Os agentes viraram o

prisioneiro para a câmera, como se quisessem envergonhá-lo diante dos olhos do mundo.

– Garza!? – exclamou Ambra, perplexa. – O chefe da Guardia Real está sendo preso?

Então a câmera se virou e mostrou uma mulher de óculos grossos que pegou um papel no bolso do terninho e se preparou para ler uma declaração.

– Essa é Mónica Martín – disse Ambra. – Coordenadora de relações públicas. O

que está acontecendo?

A mulher começou a ler, enunciando cada palavra com clareza.

– O Palácio Real está prendendo o comandante Diego Garza pela participação no assassinato de Edmond Kirsch e por sua tentativa de implicar o bispo Valdespino nesse crime.

Langdon sentiu Ambra cambalear ligeiramente enquanto Mónica Martín continuava a ler.

– Com relação à futura rainha, Ambra Vidal, e ao professor americano Robert Langdon, infelizmente tenho notícias perturbadoras.

Langdon e Ambra trocaram um olhar de espanto.

– O palácio acaba de receber a confirmação por parte dos seguranças da Srta.

Vidal – continuou Mónica – de que esta noite ela foi tirada do Museu Guggenheim contra a vontade e levada por Robert Langdon. Agora nossa Guardia Real está em alerta máximo, coordenando-se com autoridades locais de Barcelona, onde acredita-se que Robert Langdon esteja mantendo a Srta. Vidal como refém.

Langdon ficou sem fala.

– Como esta situação está formalmente sendo classificada como um sequestro,

pede-se que o público ajude as autoridades dando qualquer informação relativa ao paradeiro da Srta. Vidal e do Sr. Langdon. No momento o palácio não tem mais comentários.

Os repórteres começaram a gritar perguntas para Mónica Martín, que se virou abruptamente e partiu em direção ao palácio.

– Isso é... loucura – gaguejou Ambra. – Os agentes *me viram* sair do museu por vontade própria!

Langdon olhou para o telefone, tentando entender o que tinha acabado de testemunhar. Apesar da torrente de perguntas que faziam redemoinhos em sua cabeça, sentia-se totalmente lúcido com relação a um ponto fundamental.

Estou correndo um sério perigo.

C A P Í T U L O **5 6**

– Sinto muito, Robert. – Os olhos escuros de Ambra Vidal estavam devastados por medo e culpa. – Não faço ideia de quem está por trás dessa história falsa, mas eles acabam de colocá-lo numa situação de grande risco. – A futura rainha da Espanha pegou o telefone de Edmond. – Vou ligar agora mesmo para Mónica Martín.

– *Não* ligue para a Srta. Martin – entoou a voz de Winston ao telefone. – É

exatamente isso que o palácio quer. É um ardil. Eles estão tentando fazer com que vocês apareçam, querem induzi-los a entrar em contato e revelar onde estão. Pense logicamente. Seus dois agentes da Guardia *sabem* que a senhorita não foi sequestrada, no entanto concordaram em ajudar a espalhar essa mentira e viajaram para Barcelona com o objetivo de caçar vocês? Sem dúvida todo o palácio

está envolvido nisso. E com o comandante da Guardia Real preso, essas ordens devem estar vindo de cima.

Ambra respirou fundo.

– Quer dizer… do Julián?

– É uma conclusão inevitável – respondeu Winston. – O príncipe é o único no palácio que tem autoridade para prender o comandante Garza.

Ambra fechou os olhos por um longo momento e Langdon percebeu que uma onda de melancolia a dominava, como se essa prova aparentemente indiscutível do envolvimento de Julián tivesse acabado de apagar a última esperança de que talvez seu noivo fosse um espectador inocente.

– Isso tem a ver com a descoberta de Edmond – declarou Langdon. – Alguém no palácio sabe que estamos tentando mostrar o vídeo dele ao mundo e está desesperado para nos impedir.

– Talvez eles achassem que tinham terminado o trabalho quando silenciaram Edmond – acrescentou Winston. – Não perceberam que havia pontas soltas.

Um silêncio desconfortável pairou no ar.

– Ambra – disse Langdon baixinho. – Não conheço o seu noivo, mas suspeito que o bispo Valdespino esteja influenciando Julián nesse assunto. Lembre-se, Edmond e Valdespino tinham uma controvérsia antes mesmo que o evento no museu começasse.

Ela balançou a cabeça, em dúvida.

– De qualquer modo, você está correndo perigo.

De repente perceberam o som fraco de sirenes a distância.

Langdon sentiu a pulsação acelerar.

– Precisamos encontrar esse poema *agora* – declarou, voltando à busca nas estantes. – Divulgar a apresentação de Edmond é a chave da nossa segurança. Se formos a público, quem está tentando nos silenciar vai perceber que é tarde demais.

– Certo – disse Winston –, mas as autoridades locais ainda vão procurá-lo como sequestrador. O senhor não vai estar livre a não ser que vença o palácio no jogo deles.

– Como? – perguntou Ambra.

Winston continuou sem hesitar:

– O palácio usou a mídia contra vocês, mas essa é uma faca de dois gumes.

Langdon e Ambra ouviram Winston delinear um plano muito simples, e Langdon reconheceu que ele criaria confusão e caos entre seus perseguidores.

– Eu faço isso – concordou Ambra rapidamente.

– Tem certeza? – perguntou Langdon, cauteloso. – É um caminho sem volta para você.

– Robert, fui eu que o coloquei nisso e agora você corre perigo. O palácio teve o desplante de usar a mídia como arma contra você, e agora eu vou virá-la contra eles.

– É adequado – acrescentou Winston. – Os que vivem pela espada morrerão pela espada.

Langdon hesitou. *Será que o computador de Edmond acaba de parafrasear a Bíblia?* Imaginou se não seria mais adequado citar Nietzsche: *Quem luta contra monstros deve ter cuidado para não se tornar também um monstro.*

Antes que Langdon pudesse protestar mais, Ambra estava indo pelo corredor com o telefone de Edmond na mão.

– Encontre a senha, Robert! – gritou ela por cima do ombro. – Eu já volto.

Langdon a olhou desaparecer numa pequena torre estreita cuja escada subia em espiral até a cobertura notoriamente precária da Casa Milà.

– Tenha cuidado! – gritou ele de volta.

Sozinho no apartamento, Langdon olhou pelo corredor sinuoso feito de costelas de serpente e tentou entender o que tinha visto ali: caixas de vidro com artefatos incomuns, uma citação emoldurada proclamando que Deus estava morto, um Gauguin inestimável que propunha as mesmas questões que Edmond tinha feito ao mundo mais cedo. *De onde viemos? Para onde vamos?*

Ainda não tinha encontrado nada que sugerisse as possíveis *respostas* de Edmond para essas perguntas. Até agora a busca na biblioteca só havia revelado um volume potencialmente relevante – *Arte Inexplicada* –, um livro de fotografias de misteriosas estruturas feitas pelo homem, dentre as quais estavam Stonehenge, as estátuas da Ilha de Páscoa e os enormes "desenhos no deserto" de Nazca: geóglifos desenhados em uma escala tão gigantesca que só eram discerníveis do alto.

Não ajuda muito, decidiu ele, e voltou a procurar nas estantes.

Lá fora as sirenes ficaram mais altas.

C A P Í T U L O **5 7**

– Não sou um monstro – declarou Ávila, soltando o ar enquanto se aliviava num mictório sujo num posto de gasolina deserto na Autoestrada N-240.

Ao seu lado, o motorista do Uber estava tremendo, aparentemente nervoso demais para urinar.

– O senhor ameaçou… minha família.

– E, se você se comportar – retrucou Ávila –, garanto que nada de mal vai acontecer com ela. Só me leve a Barcelona, me deixe lá e vamos nos separar como amigos. Vou devolver sua carteira, esquecer seu endereço e você nunca mais precisará pensar em mim.

O motorista ficou olhando para a frente, os lábios trêmulos.

– Você é um homem de fé – disse Ávila. – Vi a cruz papal no seu para-brisa. E

não importa o que pense de mim, você pode encontrar a paz sabendo que hoje está fazendo a obra de Deus. – Ávila terminou de urinar. – O Senhor trabalha de modos misteriosos.

Ávila deu um passo atrás e verificou a pistola de cerâmica enfiada no cinto.

Estava carregada com a última bala que restava. Imaginou se precisaria usá-la esta noite.

Foi até a pia e jogou água nas palmas das mãos, vendo a tatuagem que o Regente o havia instruído a pôr ali, para o caso de ser apanhado. *Precaução desnecessária*, suspeitou Ávila, agora sentindo-se como um espírito impossível de ser rastreado, movendo-se pela noite.

Levantou os olhos para o espelho imundo, espantado com a própria aparência.

Na última vez em que tinha se olhado, estava usando a farda de gala branca com colarinho engomado e o quepe da Marinha. Agora, depois de tirar a parte de cima do uniforme, mais parecia um chofer de caminhão – usando apenas sua camiseta de gola V e um boné emprestado pelo seu motorista.

Ironicamente, o homem malvestido que Ávila via no espelho o fazia se lembrar de sua aparência nos dias de bebedeira, quando odiava a si mesmo, depois da explosão que tinha matado sua família.

Eu estava no fundo do poço.

O ponto da virada, sabia, tinha sido quando seu fisioterapeuta, Marco, o enganara dizendo que o estava levando para conhecer o “papa”.

Ávila jamais se esqueceria de quando se aproximou das torres fantasmagóricas

da Igreja Palmariana, passando pelos portões enormes e entrando na catedral no meio da missa da manhã, quando uma enorme quantidade de fiéis estava ajoelhada, rezando.

O santuário era iluminado apenas com a luz natural vinda dos altos vitrais, e o ar tinha um cheiro forte de incenso. Quando Ávila viu os altares dourados e os bancos de madeira polida, percebeu que os boatos sobre a enorme riqueza dos palmarianos eram verdadeiros. A catedral era uma das mais lindas que ele tinha visto, no entanto sabia que *essa* igreja católica era diferente de todas as outras.

Os palmarianos são inimigos jurados do Vaticano.

De pé, ao lado de Marco, no fundo da catedral, olhou para a congregação e se perguntou como essa seita podia ter prosperado depois de expor claramente sua oposição a Roma. Ao que tudo indicava, ao condenar o crescente liberalismo do Vaticano, os palmarianos tinham atraído o interesse de fiéis que ansiavam por uma interpretação mais conservadora da fé.

Mancando pelo corredor com suas muletas, Ávila se sentiu como um mendigo miserável fazendo peregrinação a Lourdes na esperança de uma cura milagrosa. Um funcionário recebeu Marco e levou os dois até lugares reservados na primeira fila.

Paroquianos próximos olharam com curiosidade para ver quem estava recebendo esse tratamento especial. Ávila desejou que Marco não o tivesse convencido a usar seu uniforme cheio de condecorações.

Achei que ia me encontrar com o papa.

Sentou-se e levantou os olhos para o altar, onde um jovem paroquiano vestido de terno fazia uma leitura da Bíblia. Ávila reconheceu a passagem do Evangelho de São Marcos: “Perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas.”

Mais perdão? , pensou Ávila, rancoroso. Achava que tinha ouvido essa passagem mil vezes, por parte dos conselheiros e das freiras, nos meses depois do ataque terrorista.

A leitura terminou e os acordes crescentes de um órgão de tubos ressoaram no santuário. Os fiéis se levantaram ao mesmo tempo e Ávila ficou de pé com relutância, encolhendo-se de dor. Uma porta escondida atrás do altar se abriu e uma figura apareceu, provocando uma onda de empolgação.

O homem parecia ter 50 e poucos anos – ereto e régio, com uma postura graciosa e uma expressão convincente. Usava batina branca, palatina dourada, uma faixa bordada e uma mitra papal cheia de pedras preciosas. Avançou com os braços estendidos para a congregação, parecendo que flutuava enquanto ia até o centro do altar.

– Aí está ele – sussurrou Marco, entusiasmado. – O papa Inocêncio XIV.

Ele se chama de papa Inocêncio XIV? Ávila sabia que os palmarianos reconheciam a legitimidade de todos os papas até Paulo VI, que morrera em 1978.

– Chegamos bem na hora – disse Marco. – Ele vai fazer a homilia.

O papa foi até o centro do altar elevado, passando pelo púlpito formal e descendo, de modo a ficar no mesmo nível dos paroquianos. Ajeitou o microfone de lapela, estendeu as mãos e deu um sorriso caloroso.

– Bom dia – entoou num sussurro.

A congregação trovejou, respondendo:

– *Bom dia!*

O papa continuou se afastando do altar, mais para perto da congregação.

– Acabamos de ouvir uma leitura do Evangelho de São Marcos – começou ele.

– Uma passagem que escolhi pessoalmente porque hoje gostaria de falar sobre o *perdão.*

Em seguida foi na direção de Ávila e parou no corredor ao lado dele, a apenas alguns centímetros de distância. Não olhou para baixo nem uma vez. Ávila se virou inquieto para Marco, que assentiu empolgado.

– Todos temos dificuldades com o perdão – disse o papa. – E isso acontece porque há ocasiões em que as ofensas contra nós parecem *imperdoáveis.* Quando alguém mata pessoas inocentes num ato de puro ódio, será que deveríamos fazer como algumas igrejas nos ensinam e dar a outra face? – A nave ficou num silêncio mortal e o papa baixou a voz ainda mais. – Quando um extremista anticristão detona uma bomba durante a missa da manhã na Catedral de Sevilha, matando mães e filhos inocentes, como podemos *perdoar*? Explodir uma bomba é um ato de *guerra.* Uma guerra travada não somente contra os católicos. Uma guerra travada não somente contra os cristãos. Mas uma guerra contra a bondade… contra o próprio *Deus*!

Ávila fechou os olhos tentando reprimir as lembranças horríveis daquela manhã e toda a fúria e sofrimento que continuavam borbulhando no coração. À medida que sua raiva crescia, de repente sentiu a mão suave do papa em seu ombro. Abriu os olhos, mas o papa não olhou para ele. Mesmo assim seu toque parecia firme e tranquilizador.

– Não vamos nos esquecer do nosso próprio *Terror Rojo* – continuou o papa, com as mãos jamais saindo do ombro de Ávila. – Durante nossa guerra civil, os inimigos de Deus queimaram igrejas e mosteiros na Espanha, assassinando mais de seis mil padres e torturando centenas de freiras, obrigando as irmãs a engolir as contas dos rosários antes de estuprá-las e jogá-las em poços de mina para morrer. –

Ele parou e deixou as palavras se assentarem. – *Esse* tipo de ódio não desaparece com o tempo; em vez disso ele infecciona, ficando mais forte, esperando para brotar de novo feito um câncer. Amigos, eu lhes digo: o mal vai nos engolir por inteiro se não lutarmos usando a força contra a força. Jamais venceremos o mal se nosso grito de batalha for “perdão”.

Ele está certo, pensou Ávila, tendo testemunhado em primeira mão, no serviço militar, que ser “frouxo” diante dos erros de conduta era o melhor modo de garantir problemas cada vez maiores.

– Acredito que em alguns casos o perdão pode ser *perigoso* – continuou o papa.

– Quando *perdoamos* o mal no mundo, estamos lhe dando permissão para crescer e se espalhar. Quando reagimos a um ato de guerra com misericórdia, estamos encorajando nossos inimigos a cometer outros atos de violência. Chega um tempo em que devemos fazer como Jesus e virar as mesas dos vendilhões do templo, dando um basta.

Concordo! , queria gritar Ávila, diante da congregação.

– Mas nós agimos? – perguntou o papa. – A Igreja Católica de Roma se posiciona como Jesus? Não. Hoje enfrentamos os males mais sombrios do mundo usando apenas a capacidade de perdoar, amar e ser compassivos. E assim permitimos… não, *encorajamos*... o mal. Em resposta aos repetidos crimes contra nós, verbalizamos com delicadeza nossas preocupações de maneira politicamente correta, lembrando uns aos outros que uma pessoa má só é assim por causa

da infância difícil, da vida de pobreza ou porque sofreu crimes contra seus entes queridos. Seu ódio não é culpa dela própria. Eu digo: *basta!* O mal é o mal! *Todos* tivemos dificuldades na vida!

A congregação explodiu em aplausos espontâneos, algo que Ávila jamais tinha testemunhado durante uma missa católica.

– Hoje escolhi falar sobre o perdão – continuou o papa, com a mão ainda no ombro de Ávila – porque temos um convidado especial. Gostaria de agradecer ao almirante Luis Ávila por nos abençoar com sua presença. Ele é um membro reverenciado e condecorado da Marinha espanhola e enfrentou um mal impensável.

Como todos nós, ele teve dificuldades com o perdão.

Antes que Ávila pudesse protestar, o papa estava contando em detalhes vívidos as dificuldades da sua vida: a perda da família num ataque terrorista, o alcoolismo e finalmente a fracassada tentativa de suicídio. A reação inicial do almirante foi de raiva por Marco ter traído sua confiança. Mas, ao ouvir sua história ser contada desse modo, sentiu-se estranhamente poderoso. Era uma admissão pública de que havia chegado ao fundo do poço e, de algum modo, talvez milagrosamente, tinha sobrevivido.

– Eu sugeriria a todos vocês – disse o papa – que Deus interveio na vida do almirante Ávila e o salvou… com um objetivo mais elevado.

Com isso, o papa palmariano Inocêncio XIV virou-se e olhou para Ávila pela primeira vez. Seus olhos profundos pareceram penetrar na alma dele, que ficou eletrizado com uma espécie de força que não sentia havia anos.

– Almirante Ávila, acredito que a perda trágica que o senhor suportou está além do perdão – declarou o papa. – Acredito que sua fúria constante, seu desejo *justo* de vingança, isso não pode ser aplacado dando a outra face. E nem *deveria* ser! A dor será catalisadora da sua salvação. Estamos aqui para apoiá-lo! Para amá-lo! Para ficar ao

seu lado e ajudar a transformar sua raiva numa força poderosa para o bem do mundo! Louvado seja Deus!

– *Louvado seja Deus!* – ecoou a congregação.

– Almirante Ávila – continuou o papa, olhando-o mais intensamente ainda nos olhos. – Qual é o lema da Marinha espanhola?

– *Pro Deo et patria* – respondeu Ávila de pronto.

– Sim, *Pro Deo et patria.* Por Deus e pela pátria. Hoje todos nos sentimos honrados com a presença de um oficial condecorado que serviu tão bem à sua *pátria*.

– O papa fez uma pausa, inclinando-se à frente. – Mas… e Deus?

Ávila olhou nos olhos penetrantes do homem e se sentiu subitamente desestabilizado.

– Sua vida não terminou, almirante – sussurrou o papa. – Seu trabalho não está terminado. Foi para *isso* que Deus o salvou. Sua missão só está cumprida pela metade. O senhor serviu bem à pátria, sim… mas ainda não serviu a *Deus*!

Ávila sentiu como se tivesse sido atingido por uma bala.

– Que a paz esteja convosco! – proclamou o papa.

– *E contigo também!* – respondeu a congregação.

De repente, Ávila sentiu-se engolido por um mar de pessoas desejando tudo de bom, numa demonstração de apoio diferente de tudo o que já havia experimentado.

Examinou os olhos dos paroquianos em busca de qualquer traço do fanatismo de seita que havia temido, mas só viu otimismo, boa vontade e paixão sincera por realizar a obra de Deus… exatamente o que Ávila percebeu que faltava em sua vida.

A partir desse dia, com a ajuda de Marco e dos novos amigos, Ávila começou sua longa subida para fora do poço de desespero sem fundo. Voltou à rigorosa rotina de exercícios físicos, passou a comer alimentos nutritivos e, mais importante, redescobriu a fé.

Depois de vários meses, quando a fisioterapia acabou, Marco lhe deu de presente uma Bíblia encadernada em couro, em que havia marcado cerca de uma dúzia de passagens.

Ávila folheou algumas delas, ao acaso.

Romanos 13:4

É ministro de Deus,

para fazer justiça e para exercer a ira

contra aquele que pratica o mal.

Salmo 94:1

Senhor, Deus justiceiro,

Deus das vinganças,

aparecei em vosso esplendor!

2 Timóteo 2:3

Suporte comigo os sofrimentos,

como bom soldado de Cristo Jesus.

– Lembre – tinha dito Marco com um sorriso. – Quando o mal levanta a cabeça no mundo, Deus age através de cada um de nós de um modo diferente, para exercer sua vontade na terra. O perdão não é o único caminho para a salvação.



C A P Í T U L O **5 8**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

QUEM QUER QUE VOCÊ SEJA – CONTE MAIS!

Esta noite o autoproclamado informante monte@iglesia.org forneceu uma quantidade espantosa de informações ao ConspiracyNet.

Obrigado!

Como as informações que “Monte” compartilhou conosco até agora demonstraram um alto nível de confiabilidade e acesso interno, resolvemos fazer um pedido muito humilde:

MONTE, QUEM QUER QUE VOCÊ SEJA, SE TEM ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE O

CONTEÚDO

DA

APRESENTAÇÃO

ABORTADA

DE

EDMOND,

POR

FAVOR,

COMPARTILHE!

#DEONDEVIEMOS

#PARAONDEVAMOS

Obrigado.

– Todos nós do ConspiracyNet

C A P Í T U L O **5 9**

Enquanto pesquisava as últimas seções da biblioteca de Edmond, Robert Langdon sentiu a esperança diminuindo. Lá fora as sirenes da polícia tinham ficado mais e mais altas até pararem abruptamente diante da Casa Milà. Através das janelas minúsculas do apartamento, podia ver o clarão das luzes dos carros de polícia girando.

Estamos encurralados, percebeu. *Precisamos da senha de 47 letras, caso contrário não haverá saída.*

Infelizmente, Langdon ainda não tinha visto nenhum livro de poemas.

Naquela seção as prateleiras eram mais fundas do que as outras e pareciam guardar a coleção de livros de arte em grande formato. Enquanto se apressava ao longo da parede, examinando os títulos, Langdon viu livros que refletiam a paixão de Edmond pelo que existia de mais antenado e novo na arte contemporânea.

SERRA… KOONS… HIRST… BRUGUERA… BASQUIAT… BANSKY… ABRAMOVIĆ…

A coleção terminava abruptamente numa série de volumes menores, e Langdon parou, esperançoso de encontrar um livro de poesia.

Nada.

Ali os livros eram de comentários e críticas sobre arte abstrata, e Langdon viu alguns títulos que Edmond havia lhe mandado para ler.

O QUE VOCÊ ESTÁ OLHANDO?

POR QUE SEU FILHO DE 5 ANOS NÃO PODERIA TER FEITO ISSO

COMO SOBREVIVER À ARTE MODERNA

Ainda estou tentando sobreviver, pensou Langdon, prosseguindo rapidamente.

Passou em volta de outra costela na parede e começou a examinar a próxima estante.

Livros de arte moderna, pensou. Mesmo a um simples olhar dava para ver que esse grupo era dedicado a um período anterior. *Pelo menos estamos recuando no tempo… em direção a uma arte que eu entendo.*

O olhar de Langdon se moveu rapidamente pelas lombadas, vendo biografias e catálogos *raisonnés* dos impressionistas, cubistas e surrealistas que tinham espantado o mundo entre 1870 e 1960, redefinindo a arte por completo.

VAN GOGH… SEURAT… PICASSO… MUNCH… MATISSE… MAGRITTE… KLIMT…

KANDINSKY… JOHNS… HOCKNEY… GAUGUIN… DUCHAMP… DEGAS… CHAGALL…

CÉZANNE… CASSATT… BRAQUE… ARP… ALBERS…

Essa parte terminava numa última costela arquitetônica, e Langdon passou por ela, vendo-se na seção final da biblioteca. Ali os volumes pareciam dedicados ao grupo de artistas que Edmond, quando estava com Langdon, gostava de chamar de

“escola dos caras brancos chatos de doer” – essencialmente qualquer coisa que pré-datasse o movimento modernista da metade do século XIX.

Diferentemente de Edmond, era ali que Langdon se sentia mais à vontade, cercado pelos Velhos Mestres.

VERMEER… VELÁZQUEZ… TICIANO… TINTORETTO… RUBENS… REMBRANDT…

RAFAEL… POUSSIN… MICHELANGELO… LIPPI… GOYA… GIOTTO… GHIRLANDAIO… EL

GRECO… DÜRER… DA VINCI… COROT… CARAVAGGIO… BOTTICELLI… BOSCH…

O último metro da última estante era dominado por um grande armário de vidro trancado com uma fechadura pesada. Langdon olhou pelo vidro e viu uma velha caixa de couro lá dentro – um invólucro protetor para um enorme livro antigo. O

texto do lado de fora da caixa era quase ilegível, mas Langdon pôde ver o suficiente para decifrar o título do volume que estava dentro.

Meu Deus, pensou, percebendo agora por que esse livro tinha sido trancado longe das mãos dos visitantes. *Provavelmente vale uma fortuna.*

Langdon sabia que existiam pouquíssimas primeiras edições da obra desse artista lendário.

Não estou surpreso por Edmond ter investido nisso, pensou, lembrando-se de que o amigo tinha se referido uma vez a esse artista inglês como “o único pré-moderno com alguma imaginação”. Langdon discordava, mas certamente conseguia entender o afeto especial de Edmond por ele. *Os dois são feitos da mesma matéria.*

Langdon se agachou e olhou, através do vidro, para a gravura dourada na caixa: *Obras Completas de William Blake.*

William Blake, pensou Langdon. *O Edmond Kirsch do século XIX.*

Blake havia sido um gênio idiossincrático – um luminar produtivo, cujo estilo de pintura era tão à frente de seu tempo que algumas pessoas achavam que ele tinha vislumbrado magicamente o futuro em seus sonhos. Suas ilustrações infundidas de símbolos religiosos apresentavam anjos, demônios, Satã, Deus, criaturas míticas, temas bíblicos e um panteão de divindades vindas de suas próprias alucinações espirituais.

E, como Kirsch, Blake adorava desafiar o cristianismo.

Esse pensamento fez Langdon se levantar abruptamente.

William Blake.

Inspirou fundo.

Encontrar Blake entre tantos outros artistas plásticos tinha feito com que o professor esquecesse um fato crucial sobre o gênio místico.

Blake não era somente artista e ilustrador…

Blake era um poeta prolífico.

Por um instante sentiu o coração disparar. Boa parte da poesia de Blake expunha ideias revolucionárias que combinavam perfeitamente com os pontos de vista de Edmond. De fato, alguns dos aforismos mais conhecidos de Blake – os que fazem parte de obras “satânicas” como *O Matrimônio do Céu e do Inferno* – quase poderiam ter sido escritos pelo próprio Edmond.

TODAS AS RELIGIÕES SÃO UMA SÓ

NÃO EXISTE RELIGIÃO NATURAL

Langdon se lembrou da descrição de Edmond sobre seu verso predileto. *Ele disse a Ambra que era uma “profecia”* . Langdon não conhecia nenhum poeta na história que pudesse ser considerado

mais profeta do que William Blake, que, nos anos 1790, tinha escrito dois poemas sombrios e agourentos: *AMÉRICA, UMA PROFECIA*

EUROPA, UMA PROFECIA

Langdon tinha os dois livros – elegantes reproduções dos poemas de Blake escritos à mão e acompanhados de ilustrações.

Olhou para a grande caixa de couro dentro do armário.

Talvez as edições originais das "profecias" de Blake tenham sido publicadas como textos em grande formato com iluminuras!

Esperançoso, agachou-se diante do armário, sentindo que a caixa de couro poderia muito bem guardar o que ele e Ambra tinham ido procurar: um poema contendo um verso profético com 47 caracteres. Agora a única questão era se Edmond teria *marcado* de algum modo sua passagem predileta.

Puxou a maçaneta do armário.

Trancado.

Olhou para a escada em espiral, imaginando se deveria simplesmente correr lá para cima e pedir que Winston fizesse uma busca em toda a poesia de William Blake. O som de sirenes tinha sido substituído pelo matraquear distante de pás de helicóptero e vozes gritando na escada, do lado de fora da porta de Edmond.

Eles chegaram.

Langdon olhou o armário e notou o leve tom esverdeado dos modernos vidros com proteção UV usados em museus.

◆ ◆ ◆

Tirou a casaca, segurou-a acima do vidro, virou o corpo e, sem hesitar, acertou-o com o cotovelo. Com um estalo abafado, a porta do armário se despedaçou.

Cuidadosamente, Langdon enfiou a mão entre os cacos serrilhados e destrancou a porta. Então a abriu e, cauteloso, pegou a caixa de couro.

Mesmo antes de colocar a caixa no chão, sentiu que havia algo errado. *Não é suficientemente pesada.* As obras completas de Blake pareciam não pesar quase nada.

Pousou a caixa no chão e levantou a tampa com cuidado.

Como tinha temido… vazia.

Soltou o ar dos pulmões, olhando o interior da caixa. *Onde diabo está o livro de Edmond?*

Já ia fechar a caixa quando notou algo inesperado preso com fita adesiva na parte interna da tampa – um cartão em papel marfim, com timbre elegante.

Leu o texto no cartão.

Numa incredulidade absoluta, leu de novo.

Segundos depois, subiu correndo a escada para a cobertura.

Nesse instante, no segundo andar do Palácio Real em Madri, o diretor de segurança eletrônica Suresh Bhalla estava andando em silêncio pelo apartamento particular de Julián. Depois de localizar o cofre, digitou o código mestre que servia para emergências.

O cofre se abriu.

Dentro, Suresh viu dois telefones – um smartphone dado pela segurança do palácio, que pertencia ao príncipe Julián, e um iPhone que, ele deduziu, era do bispo Valdespino.

Pegou o iPhone.

Estou mesmo fazendo isso?

De novo visualizou a mensagem de monte@iglesia.org.

hackeei as mensagens de texto de valdespino.

ele tem segredos perigosos.

o palácio deveria acessar os registros de sms dele.

agora.

Suresh imaginou que segredos as mensagens de texto do bispo poderiam revelar… e por que o informante tinha decidido dar essa dica ao Palácio Real.

Será que o informante está tentando proteger o palácio contra danos colaterais?

Tudo o que Suresh sabia era que, se houvesse alguma informação perigosa para a família real, era seu trabalho acessá-la.

Já havia pensado em obter um mandado judicial de emergência, mas os riscos de RP e a demora faziam com que isso não fosse prático. Felizmente Suresh tinha métodos muito mais discretos e eficazes à disposição.

Apertou o botão do telefone de Valdespino e a tela se iluminou.

Estava trancado com senha.

Sem problema.

– Ei, Siri – disse Suresh, segurando o telefone perto da boca. – Que horas são?

Ainda em modo de bloqueio, o telefone mostrou um relógio. Na tela desse relógio Suresh deu uma série de comandos simples – criando um novo fuso horário para o relógio e pedindo para compartilhar o fuso horário via SMS, acrescentando uma foto e, então, em vez de tentar transmitir a mensagem, apertou o botão de ligar.

Clique.

O telefone destravou.

Essa invasão simples vem com os cumprimentos do YouTube, pensou Suresh, achando divertido os usuários dos iPhones acharem que sua senha oferecia alguma privacidade.

Agora com total acesso ao telefone de Valdespino, abriu o aplicativo iMessage, prevendo que precisaria restaurar os textos deletados por Valdespino enganando o backup no iCloud para refazer o catálogo.

De fato, encontrou o histórico de mensagens do bispo completamente vazio.

A não ser por uma mensagem, percebeu, vendo um único texto que havia chegado duas horas antes, vindo de um número protegido.

Abriu a mensagem e leu as três linhas. Por um momento achou que estava alucinando.

Isso não pode ser verdade!

Leu a mensagem de novo. O texto era uma prova concreta do envolvimento de Valdespino em atos de traição e mentira impensáveis.

Para não mencionar arrogância, pensou Suresh, pasmo ao perceber que o velho clérigo se sentia invulnerável a ponto de se comunicar eletronicamente sobre algo tão grave.

Se isso for divulgado…

Suresh estremeceu diante dessa possibilidade e correu imediatamente para baixo, procurando Mónica Martín.

C A P Í T U L O **6 0**

Enquanto o helicóptero EC145 voava baixo sobre a cidade, o agente Díaz olhou para as luzes espalhadas lá embaixo. Apesar da hora tardia, dava para ver o tremeluzir de aparelhos de TV e computadores na maioria das janelas dos apartamentos, pintando a cidade com uma leve névoa azul.

O mundo inteiro está assistindo.

Isso o deixou nervoso. Podia sentir essa noite escapando loucamente do controle e temia que a crise galopante estivesse rumando para uma conclusão perturbadora.

À sua frente, o agente Fonseca gritava e apontava, a distância. Díaz assentiu, vendo o alvo imediatamente.

Difícil não ver.

Mesmo de longe o agrupamento pulsante de luzes giratórias dos carros da polícia era inconfundível.

Que Deus nos ajude.

Como Díaz havia temido, a Casa Milà estava cercada de veículos da polícia. As autoridades de Barcelona tinham reagido a uma informação anônima logo depois do anúncio de Mónica Martín no Palácio Real.

Robert Langdon sequestrou a futura rainha da Espanha.

O palácio precisa da ajuda do público para encontrá-los.

Mentira descarada, Díaz sabia. *Com meus próprios olhos, vi os dois saírem juntos do Guggenheim.*

Apesar de ser eficaz, o ardil de Mónica Martín tinha dado início a um jogo incrivelmente perigoso. Criar uma caçada humana envolvendo autoridades locais era algo arriscado – não somente para Robert Langdon, mas para a futura rainha, que agora tinha uma boa chance de ser apanhada no fogo cruzado de um punhado de policiais

amadores. Se o objetivo do palácio era manter a futura rainha em segurança, esse definitivamente não era o modo de fazer isso.

O comandante Garza jamais permitiria que a situação chegasse a esse ponto.

A prisão de Garza continuava sendo um mistério para Díaz, que não tinha dúvidas de que as acusações contra seu comandante eram tão fictícias quanto as feitas contra Langdon.

Apesar de tudo, Fonseca tinha recebido um telefonema com ordens expressas.

Ordens vindas de um posto superior ao de Garza.

◆ ◆ ◆

Enquanto o helicóptero se aproximava da Casa Milà, o agente Díaz examinou o local e percebeu que não haveria como fazer um pouso seguro. A avenida larga e a praça próxima ao prédio estavam apinhadas de furgões da mídia, carros da polícia e uma multidão de curiosos.

Díaz olhou para a famosa cobertura da Casa Milà: um número oito ondulante, feito de caminhos inclinados e escadas que serpenteavam acima do prédio e davam aos visitantes imagens do horizonte de Barcelona capazes de tirar o fôlego… além de uma boa visão dos dois enormes poços de iluminação, cada um dos quais descendo nove andares até os pátios internos.

Não há como pousar.

Além dos morros e vales da cobertura, o terraço era protegido por altas chaminés criadas por Gaudí, lembrando peças de xadrez futuristas – sentinelas com elmos que supostamente haviam impressionado tanto o cineasta George Lucas que ele as usara como modelo para os ameaçadores *stormtroopers* em *Guerra nas Estrelas.*

Díaz examinou os prédios vizinhos em busca de possíveis locais de pouso, mas de repente seu olhar se deteve numa cena inesperada em cima da Casa Milà.

Uma figura pequena no meio das estátuas enormes.

Junto a um parapeito, na beira da cobertura, a pessoa estava vestida de branco, nitidamente iluminada pelos refletores da mídia que partiam da praça embaixo e focavam lá no alto. Por um instante, isso fez Díaz se lembrar de quando tinha visto o papa em sua sacada acima da Praça de São Pedro, dirigindo-se aos fiéis.

Mas aquela pessoa não era o papa.

Era uma mulher linda usando um vestido branco muito familiar.

Ambra Vidal não conseguia enxergar nada através da claridade das luzes da imprensa, mas podia ouvir um helicóptero chegando perto e soube que o tempo estava se esgotando. Em desespero, se inclinou por cima da amurada e tentou gritar para as pessoas lá embaixo.

Suas palavras foram tragadas pelo rugido ensurdecedor das pás do helicóptero.

Winston tinha previsto que as equipes de televisão na rua virariam as câmeras para o alto no instante em que Ambra fosse vista na beira do terraço. De fato, foi isso que aconteceu, no entanto Ambra se deu conta de que o plano de Winston tinha fracassado.

Eles não conseguem ouvir uma palavra do que estou dizendo!

O terraço da Casa Milà era alto demais acima do tráfego ruidoso e do caos lá embaixo. E agora o barulho do helicóptero ameaçava abafar tudo completamente.

◆ ◆ ◆

– Eu *não* fui sequestrada! – gritou Ambra de novo, o mais alto que conseguiu. –

A declaração do Palácio Real sobre Robert Langdon não está certa! Eu *não* sou refém!

Você é a futura rainha da Espanha, tinha lembrado Winston pouco tempo atrás.

Se mandar cancelar essa caçada humana, as autoridades irão parar imediatamente.

Sua declaração vai criar uma confusão absoluta. Ninguém saberá que ordens seguir.

Ambra sabia que Winston estava certo, mas suas palavras tinham se perdido no barulho do helicóptero acima da multidão ruidosa.

De repente o céu irrompeu num uivo trovejante. Ambra se encolheu para longe do parapeito enquanto o helicóptero chegava mais perto e se imobilizava abruptamente, pairando à frente dela. As portas da fuselagem estavam abertas e dois rostos familiares a encaravam com atenção: os agentes Fonseca e Díaz.

Para horror de Ambra, o agente Fonseca levantou algum tipo de instrumento e o apontou direto para sua cabeça. Por um instante a ideia mais estranha atravessou a mente dela. *Julián quer que eu seja morta. Sou uma mulher estéril. Não posso lhe dar um herdeiro. Me matar é a única forma de escapar do noivado.*

Recuou, cambaleando, para longe daquele instrumento de aparência ameaçadora, segurando o telefone de Edmond com uma das mãos e estendendo a outra para se equilibrar. Mas, quando pôs o pé atrás, o chão pareceu sumir. Por um instante sentiu apenas o espaço vazio onde havia esperado cimento sólido. Seu corpo se torceu enquanto ela tentava recuperar o equilíbrio, mas sentiu-se caindo de lado por um curto lance de escada.

Seu cotovelo esquerdo acertou o cimento e o resto do corpo se chocou um instante depois. Mesmo assim não sentiu dor. Todo o seu foco mudou para o objeto que tinha voado da sua mão: o grande telefone turquesa de Edmond.

Meu Deus, não!

Olhou apavorada enquanto o telefone deslizava pelo cimento, quicando pela escada na direção da queda de nove andares até o pátio interno do prédio. Tentou agarrá-lo, mas ele desapareceu sob a grade protetora, caindo no abismo.

Nossa conexão com Winston…!

Arrastou-se atabalhoadamente atrás dele e chegou à grade bem a tempo de ver o telefone girando em direção ao elegante piso do saguão, onde, com um estalo forte, explodiu numa chuva de vidro brilhante e metal.

Num instante Winston se foi.

Langdon subiu rapidamente a escada e saiu da pequena torre para o terraço da

Casa Milà. Viu-se no meio de um turbilhão ensurdecedor. Um helicóptero pairava muito baixo ao lado do prédio e Ambra não estava em lugar nenhum.

Atordoado, examinou a área. *Onde ela está?* Tinha esquecido como aquele terraço era bizarro – parapeitos tortos… escadas íngremes… soldados de cimento…

poços sem fundo.

– Ambra!

Quando a viu, sentiu uma onda de pavor. Ambra Vidal estava encolhida no cimento à beira do poço de iluminação.

Enquanto corria na direção dela por uma parte elevada do piso, o zumbido agudo de uma bala passou junto à sua cabeça e explodiu no cimento atrás dele.

Meu Deus! Langdon se jogou de joelhos e se arrastou até uma área mais baixa enquanto mais duas balas passavam sobre sua cabeça. Por um momento pensou que os tiros vinham do helicóptero, mas, enquanto engatinhava até Ambra, viu um bando de policiais com armas nas mãos saindo de outra torre do lado oposto do terraço.

Eles querem me matar, percebeu. *Acham que eu sequestrei a futura rainha!*

Aparentemente o anúncio dela não tinha sido ouvido.

Enquanto olhava para Ambra, agora a dez metros de distância, percebeu horrorizado que o braço dela estava sangrando. *Meu Deus, ela levou um tiro!* Outra bala passou por cima da sua cabeça enquanto Ambra começava a agarrar o corrimão que cercava a borda do poço e tentava se levantar.

– Fique abaixada! – gritou Langdon, arrastando-se até ela, segurando-a no chão e se curvando sobre seu corpo para protegê-la.

Olhou para as altas figuras dos *stormtroopers* espalhados no perímetro do terraço como guardiões silenciosos.

Um rugido ensurdecedor veio de cima e um vento fortíssimo os açoitou enquanto o helicóptero descia e pairava sobre o poço enorme ao lado deles, cortando a linha de visão dos policiais.

– *¡Dejen de disparar!* – trovejou uma voz amplificada vinda do helicóptero. –

¡Enfunden las armas! – Parem de atirar! Guardem as armas!

Bem à frente de Langdon e Ambra, o agente Díaz estava agachado junto à porta aberta com um dos pés equilibrado no patim do helicóptero e uma das mãos estendida para os dois.

– Entrem – gritou Díaz.

Langdon sentiu Ambra se encolher embaixo dele.

– AGORA! – gritou Díaz acima do rugido das pás.

O agente apontou para o parapeito do poço de iluminação, insistindo para que os dois subissem nele, agarrassem sua mão e dessem o salto curto pelo abismo, até a aeronave que pairava.

Langdon hesitou um pouco demais.

Díaz agarrou o megafone da mão de Fonseca e o apontou direto para o rosto de Langdon.

– PROFESSOR, ENTRE NO HELICÓPTERO AGORA! – A voz do agente parecia um trovão. – A POLÍCIA LOCAL TEM ORDENS DE ATIRAR NO SENHOR! SABEMOS QUE O

SENHOR *NÃO* SEQUESTROU AMBRA VIDAL! PRECISO DOS DOIS A BORDO IMEDIATAMENTE, ANTES QUE ALGUÉM SEJA MORTO!

C A P Í T U L O **6 1**

Sob o vento fortíssimo, Ambra sentiu os braços de Langdon levantando-a e guiando-a para a mão estendida do agente Díaz, no helicóptero que pairava.

Estava atordoada demais para protestar.

– Ela está sangrando! – gritou Langdon enquanto entrava na aeronave atrás de Ambra.

De repente, o helicóptero estava subindo para o céu, distanciando-se do terraço ondulado e deixando para trás um pequeno exército de policiais confusos, todos olhando para cima.

Fonseca fechou a porta da fuselagem e foi para a frente, na direção do piloto.

Díaz sentou-se ao lado de Ambra para examinar seu braço.

– É só um arranhão – disse ela com o rosto inexpressivo.

– Vou encontrar um kit de primeiros socorros – falou Díaz, indo para a parte de trás da cabine.

Langdon estava sentado de frente para Ambra, voltado para a traseira do helicóptero. Agora que os dois estavam a sós, ele atraiu o olhar dela e lhe deu um sorriso aliviado.

– Que bom que você está bem!

Ambra assentiu debilmente. Mas antes que ela pudesse agradecer, Langdon inclinou-se para a frente no banco e murmurou em tom agitado:

– Acho que encontramos nosso poeta misterioso – exclamou com os olhos cheios de esperança. – *William Blake*. Edmond não só tinha um exemplar das obras completas de Blake na biblioteca… como muitos poemas de Blake são *profecias*! –

Ele estendeu a mão. – Me dê o telefone do Edmond. Vou pedir que o Winston faça uma busca na obra de Blake, atrás de qualquer verso de 47 letras.

Ambra olhou para a palma da mão de Langdon, à espera do telefone, e se sentiu consumida pela culpa. Segurou a mão dele.

– Robert – disse com um suspiro de remorso –, o telefone de Edmond se foi.

Caiu pela borda do prédio.

Langdon a encarou de volta e Ambra viu o sangue sumir do rosto dele. *Sinto muito, Robert*. Ela conseguia vê-lo lutando para processar a notícia e entender o que a perda de Winston significava.

Na cabine, Fonseca estava gritando ao telefone:

– Confirmado! Estamos com os dois em segurança a bordo! Prepare o

transporte para Madri. Vou contatar o palácio e alertar…

– Não se incomode! – gritou Ambra para o agente. – Eu não vou para o palácio!

Fonseca cobriu o telefone, virou-se no banco e olhou para ela.

– Sem dúvida, a senhorita *vai*! Minhas ordens são para mantê-la em segurança.

A senhorita jamais deveria ter deixado a minha custódia. Teve sorte porque chegamos a tempo para resgatá-la.

– *Resgatar?* – perguntou Ambra. – Se isso foi um *resgate*, só foi necessário porque o palácio contou mentiras ridículas sobre o professor Langdon ter me sequestrado, o que *vocês* sabem que não é verdade! O príncipe Julián está mesmo tão desesperado a ponto de arriscar a vida de um inocente? Para não falar da *minha* vida?

Fonseca a encarou e se virou de volta no banco.

Nesse momento, Díaz reapareceu, com um kit de primeiros socorros.

– Srta. Vidal – disse ele, sentando-se ao lado dela. – Por favor, entenda que nossa cadeia de comando foi rompida esta noite com a prisão do comandante Garza.

Mesmo assim, quero que saiba que o príncipe Julián não teve *nada* a ver com a declaração à imprensa feita pelo palácio. Na verdade, nem podemos confirmar que o príncipe sabe o que está acontecendo. Não conseguimos fazer contato com ele há mais de uma hora.

O quê? Ambra o encarou.

– Onde ele está?

– O paradeiro atual é desconhecido – respondeu Díaz. – Mas sua comunicação conosco mais cedo foi claríssima. O príncipe quer que a senhorita esteja *em segurança.*

– Se isso é verdade – declarou Langdon, retornando abruptamente dos seus pensamentos –, levar a Srta. Vidal para o palácio é um erro mortal.

Fonseca girou.

– O que o senhor disse?

– Não sei quem está lhe dando ordens agora, senhor – disse Langdon. – Mas, se o príncipe quer *mesmo* manter a noiva em segurança, sugiro que me ouça com atenção. – Ele parou, com o tom de voz se intensificando. – Edmond Kirsch foi assassinado para que sua descoberta não fosse levada a público. E quem o silenciou não vai hesitar diante de nada para garantir que o serviço seja terminado.

– Já está terminado – zombou Fonseca. – Edmond está morto.

– Mas a descoberta dele não está – retrucou Langdon. – A apresentação de Edmond está bem viva e *ainda* pode ser divulgada ao mundo.

– E por isso vocês vieram ao apartamento dele – supôs Díaz. – Porque acham que podem transmiti-la.

– Exatamente – confirmou Langdon. – E *isso* nos tornou alvos. Não sei quem inventou aquela nota para a imprensa dizendo que Ambra foi sequestrada, mas obviamente é alguém desesperado para nos impedir de fazer qualquer revelação.

Assim, se vocês fazem parte *desse* grupo, das pessoas que estão tentando enterrar a descoberta de Edmond para sempre, devem simplesmente jogar a Srta. Vidal e a mim para fora deste helicóptero agora mesmo, enquanto ainda podem.

Ambra encarou Langdon, imaginando se ele estaria louco.

– *No entanto* – prosseguiu o professor –, se o juramento de vocês, como agentes da Guardia Real, é proteger a família real, inclusive a futura rainha da Espanha, precisam entender que neste momento não há lugar mais perigoso para a Srta. Vidal do que um palácio de onde saiu uma declaração que quase fez com que ela fosse morta. – Langdon enfiou a mão no bolso e pegou um cartão em papel marfim com timbre elegante. – Sugiro que a levem ao endereço que está na parte de baixo deste cartão.

Fonseca pegou o cartão e o examinou, franzindo a testa.

– Isso é ridículo.

– Há uma cerca de segurança em volta de toda a propriedade – disse Langdon.

– Seu piloto pode pousar, deixar nós quatro sairmos e depois ir embora antes que alguém perceba que estamos lá. Podemos nos esconder lá até resolvermos essa situação toda. Vocês podem nos acompanhar.

– Eu me sentiria mais seguro num hangar militar do aeroporto.

– Você quer mesmo confiar numa equipe militar que provavelmente está recebendo ordens das mesmas pessoas que quase fizeram com que a Srta. Vidal fosse morta?

A expressão dura de Fonseca não se alterou.

Ambra estava cada vez mais curiosa para saber o que estaria escrito no cartão.

Aonde Langdon quer ir? A súbita intensidade dele parecia sugerir que havia mais em jogo do que simplesmente mantê-la em segurança. Ouviu um otimismo renovado na voz do professor e sentiu que ele ainda não tinha perdido a esperança de darem um jeito de transmitir a apresentação de Edmond.

Langdon pegou o cartão de volta com Fonseca e o entregou a Ambra.

– Encontrei isso na biblioteca de Edmond.

Ambra examinou o cartão, reconhecendo de imediato o que era.

Conhecidos como “registros de empréstimo” ou “fichas de título”, esses cartões com timbre elegante eram dados pelos curadores dos museus aos doadores, em troca de uma obra de arte emprestada temporariamente. Tradicionalmente, eram impressos dois cartões: um era colocado à mostra no museu para agradecer ao doador e o outro era guardado pelo doador, como garantia da peça emprestada.

Edmond emprestou esse livro de poemas de Blake?

Segundo o cartão, o livro de Edmond tinha viajado apenas alguns quilômetros para longe de seu apartamento em Barcelona.

_____

OBRAS COMPLETAS

DE WILLIAM BLAKE

◆ ◆ ◆

Da coleção particular de

EDMOND KIRSCH

Emprestado à

BASÍLICA DA

SAGRADA FAMÍLIA

Carrer de Mallorca, 401

08013 Barcelona, Espanha

_____

– Não entendi – disse Ambra. – Por que um ateu declarado emprestaria um livro a uma *igreja*?

– Não é qualquer igreja – contrapôs Langdon. – A obra-prima arquitetônica mais enigmática de Gaudí… – Ele apontou pela janela, para trás. – E que em breve será a igreja mais alta da Europa.

Ambra virou a cabeça, olhando para o norte da cidade. A distância – cercadas por gruas, andaimes e luzes de construção –, as torres inacabadas da Sagrada Família reluziam, um agrupamento de pináculos perfurados que lembravam esponjas marinhas gigantes subindo do piso do oceano para a luz.

Durante mais de um século, a controvertida obra de Gaudí, a Basílica da Sagrada Família, estava sendo construída contando somente com doações particulares dos fiéis. Criticada pelos tradicionalistas por sua estranha forma orgânica e seu "design biomimético", a igreja era saudada pelos modernistas por sua fluidez estrutural e pelo uso de formas "hiperboloides" para refletir o mundo natural.

– Devo admitir que ela é incomum – disse Ambra, virando-se de volta para Langdon –, mas *ainda assim* é uma igreja católica. E você conhecia o Edmond.

Conhecia mesmo o Edmond, pensou Langdon. *O bastante para saber que ele acreditava que a Sagrada Família esconde um propósito e um simbolismo secretos que vão muito além do cristianismo*.

Desde o bizarro início da igreja, em 1882, haviam surgido teorias da conspiração sobre suas misteriosas portas codificadas, as colunas helicoidais inspiradas pelo cosmo, as fachadas cobertas de símbolos, as esculturas usando o quadrado mágico matemático e a

fantasmagórica construção “esquelética” que lembrava nitidamente ossos retorcidos e tecido conjuntivo.

Langdon sabia dessas teorias, claro, no entanto nunca tinha dado muito crédito a elas. Mas, alguns anos antes, ficara surpreso quando Edmond confessara que fazia

parte do número crescente de fãs de Gaudí que acreditavam, em silêncio, que a Sagrada Família fora concebida secretamente como algo diferente de uma igreja cristã, talvez até um templo místico dedicado à ciência e à natureza.

Langdon achava essa ideia tremendamente improvável e lembrou a Edmond que Gaudí era um devoto católico, muito estimado pelo Vaticano, que chegara a ponto de batizá-lo de “arquiteto de Deus” e até considerá-lo candidato à beatificação.

O projeto incomum da Sagrada Família, garantiu Langdon, não passava de um exemplo da abordagem modernista e única de Gaudí ao simbolismo cristão.

A resposta de Edmond foi um sorriso recatado, como se estivesse escondendo alguma peça misteriosa do quebra-cabeça que não estava disposto a revelar.

Outro segredo de Kirsch, pensou Langdon agora. *Como sua batalha oculta contra o câncer.*

– Ainda que Edmond tenha emprestado seu livro à Sagrada Família – continuou Ambra –, e mesmo que o encontremos, nunca poderemos localizar o verso correto lendo página por página. E duvido que Edmond tenha usado um marcador num livro de valor inestimável.

– Ambra? – respondeu Langdon com um sorriso calmo. – Leia o *verso* do cartão.

Ela olhou o cartão, virou-o e leu o texto escrito.

Então, com expressão incrédula, leu de novo.

Quando seus olhos se viraram para os de Langdon, estavam cheios de esperança.

– Como eu disse – observou Langdon com um sorriso –, acho que deveríamos ir até lá.

A expressão empolgada de Ambra sumiu com a mesma velocidade com que tinha surgido.

– Ainda há um problema. Mesmo se encontrarmos a senha…

– Eu sei, nós perdemos o telefone de Edmond, o que significa que não temos como acessar Winston e nos comunicar com ele.

– Exatamente.

– Acho que posso resolver esse problema.

Ambra o encarou com ceticismo.

– Como?

– Só precisamos localizar *o próprio* Winston, o computador que Edmond construiu. Se não temos mais acesso remoto a Winston, vamos levar a senha *pessoalmente* a ele.

Ambra o encarou como se ele estivesse louco.

Langdon continuou:

– Você me disse que Edmond montou Winston numa instalação secreta.

– É, mas essa instalação pode ser em *qualquer lugar* do mundo!

– Não é. É aqui em Barcelona. *Só pode* ser. Barcelona é a cidade onde Edmond

vivia e trabalhava. E construir essa máquina de inteligência sintética foi um dos seus projetos mais recentes, portanto faz sentido que ele tenha construído Winston *aqui.*

– Robert, se você está certo, está procurando uma agulha no palheiro.

Barcelona é uma cidade *enorme*. Seria impossível…

– Eu posso encontrar Winston. Tenho certeza. – Langdon sorriu e indicou a vastidão de luzes na cidade abaixo. – Vai parecer loucura, mas essa visão aérea de Barcelona acaba de me ajudar a perceber uma coisa…

Sua voz ficou no ar enquanto ele olhava pela janela.

– Poderia ser mais claro? – pediu Ambra, com expectativa.

– Eu deveria ter visto antes. Há alguma coisa no Winston, uma charada intrigante, que vem me incomodando a noite toda. Acho que finalmente deduzi a resposta.

Langdon lançou um olhar cauteloso para os agentes da Guardia e baixou a voz, inclinando-se para Ambra.

– Você confia em mim? Acho que posso encontrar Winston. O problema é que localizar Winston não vai adiantar se não tivermos a senha do Edmond. Nesse momento você e eu precisamos nos concentrar nesse verso. A Sagrada Família é nossa melhor chance de encontrá-lo.

Ambra examinou Langdon por um longo momento. Então, com um aceno, olhou para o banco da frente e gritou:

– Agente Fonseca! Por favor faça o piloto dar meia-volta e nos levar imediatamente à Sagrada Família!

Fonseca girou no banco, olhando-a irritado.

– Srta. Vidal, como eu disse, tenho minhas ordens…

– Agente Fonseca – interrompeu a futura rainha da Espanha, inclinando-se à frente e o encarando. – Leve-nos à Sagrada Família agora mesmo, ou *minha* primeira ordem quando retornarmos será fazer com que você seja demitido.





C A P Í T U L O **6 2**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ASSASSINO TEM LIGAÇÃO COM SEITA!

Graças a outra dica de monte@iglesia.org, acabamos de saber que o assassino de Edmond Kirsch é membro de uma seita cristã ultraconservadora e secreta conhecida como *Igreja Palmariana*!

Há mais de um ano Ávila vem recrutando seguidores para os palmarianos pela internet, e sua participação nessa controversa organização religiosa-militar também explica a tatuagem do “victor” na palma da mão dele.

Esse símbolo franquista é usado regularmente pela Igreja Palmariana, que, segundo o jornal espanhol *El País*, tem seu próprio “papa” e canonizou como santos vários líderes cruéis – entre eles Francisco Franco e Adolf Hitler!

Não acredita? Procure na internet.

Tudo começou com uma visão mística.

Em 1975, um corretor de seguros chamado Clemente Domínguez y Gómez disse ter tido uma visão em que era coroado papa pelo próprio Jesus Cristo.

Clemente assumiu o nome papal de Gregório XVII, rompendo com o Vaticano e nomeando seus próprios cardeais. Apesar de rejeitado por Roma, esse novo antipapa conseguiu milhares de seguidores e uma riqueza enorme, o que lhe permitiu construir uma igreja parecida com uma fortaleza, expandir seu ministério internacionalmente e consagrar centenas de bispos palmarianos por todo o mundo.

A cismática Igreja Palmariana ainda funciona em seu quartel-general mundial: um complexo seguro, cercado por muros, chamado Monte de Cristo Rei, em Palmar de Troya, na Espanha. Os palmarianos não são reconhecidos pelo Vaticano, mas continuam a atrair seguidores católicos ultraconservadores.

Voltaremos em breve com mais notícias sobre essa seita, além de uma atualização sobre o bispo Antonio Valdespino, que também parece estar envolvido na conspiração desta noite.

C A P Í T U L O **6 3**

***Certo, estou impressionado*,** pensou Langdon.

Com poucas palavras ditas com autoridade, Ambra tinha obrigado os tripulantes do helicóptero EC145 a fazer uma curva ampla e mudar o rumo para a Basílica da Sagrada Família.

Enquanto a aeronave se estabilizava e começava a voltar pelo céu, Ambra se virou para o agente Díaz e exigiu usar o celular dele, que o agente entregou com relutância. Ela abriu imediatamente o navegador da internet e começou a examinar as manchetes das notícias.

– Maldição – sussurrou, balançando a cabeça, frustrada. – Eu tentei dizer à mídia que você *não* me sequestrou. Ninguém ouviu.

– Talvez eles precisem de mais tempo para postar, não? – sugeriu Langdon.

Isso aconteceu há menos de dez minutos.

– Eles tiveram bastante tempo – respondeu ela. – Estou vendo imagens do nosso helicóptero se afastando da Casa Milà.

Já? Às vezes Langdon sentia que o mundo tinha começado a girar rápido demais. Ainda podia se lembrar de quando as "últimas notícias" eram impressas em papel e entregues em sua porta na manhã seguinte.

– Por sinal – disse Ambra com um traço de humor –, parece que você e eu somos um dos principais assuntos do mundo.

– Eu sabia que não deveria ter sequestrado você – respondeu ele com um sorriso torto.

– Isso não é engraçado. Pelo menos, não somos o assunto *número um*. – Ela lhe entregou o telefone. – Dê uma olhada nisso.

Langdon olhou a tela e viu a página do Yahoo! com seus dez principais

"Assuntos do Momento". Olhou o mais popular, no topo:

1: "De onde viemos?" / Edmond Kirsch

Sem dúvida, a apresentação de Edmond tinha inspirado pessoas em todo o mundo a pesquisar e discutir esse tema. *Edmond ficaria satisfeito*, pensou Langdon.

Mas, quando clicou no link, percebeu que estava errado. As dez principais teorias sobre a origem humana eram histórias sobre criacionismo e extraterrestres.

Edmond ficaria horrorizado.

Uma das declarações mais inflamadas do ex-aluno de Langdon tinha acontecido num fórum público chamado Ciência e Espiritualidade, em que Edmond ficara tão exasperado com as perguntas da plateia que finalmente tinha levantado as mãos e saído pisando firme do palco, gritando: “Por que seres humanos inteligentes não podem discutir suas origens sem invocar o nome de Deus e da porra dos alienígenas?!”

Langdon continuou percorrendo a tela do telefone até encontrar um link aparentemente inócuo, da *CNN Live*, intitulado “O que Kirsch descobriu?”.

Clicou no link e segurou o telefone de modo que Ambra também pudesse ver.

Enquanto o vídeo começava a passar, aumentou o volume e os dois se inclinaram juntos para escutar o som acima do rugido das pás do helicóptero.

Uma apresentadora da CNN apareceu. Langdon a tinha visto muitas vezes no correr dos anos.

– Está conosco o astrobiólogo da Nasa Dr. Griffin Bennett – disse ela –, que tem algumas ideias relativas à misteriosa descoberta de Edmond Kirsch. Bem-vindo, Dr. Bennett.

O convidado – um homem barbudo com óculos de aro de metal – assentiu, sombrio.

– Obrigado. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que eu conhecia Edmond pessoalmente. Sempre tive um respeito enorme por sua inteligência, sua criatividade e seu compromisso com o progresso e a inovação. O assassinato dele representou um golpe terrível para o meio científico, e espero que esse crime covarde sirva para ajudar a comunidade intelectual a permanecer unida contra os perigos do fanatismo, do pensamento supersticioso e dos que recorrem à violência, e não aos fatos, para sustentar suas crenças. Espero

sinceramente que sejam verdadeiros os boatos de que existem pessoas trabalhando duro esta noite para encontrar um modo de trazer a público a descoberta de Edmond.

Langdon lançou um olhar para Ambra.

– Acho que ele está falando de nós.

Ela assentiu.

– Existem muitas pessoas que também esperam isso, Dr. Bennett – disse a apresentadora. – E será que o senhor pode lançar alguma luz sobre o que acha que seja o conteúdo da descoberta de Edmond Kirsch?

– Como cientista espacial – continuou o Dr. Bennett –, creio que deva prefaciar minhas palavras desta noite com uma afirmação genérica… que acredito que Edmond apreciaria. – Ele se virou e olhou direto para a câmera. – Quando se trata de vida extraterrestre – começou –, existe uma quantidade espantosa de ciência ruim, teorias da conspiração e fantasia completa. Oficialmente deixe-me dizer o seguinte: os círculos nas plantações são uma fraude. Os vídeos de autópsias de alienígenas são truques de imagens. Nenhuma vaca jamais foi mutilada por um alienígena. O disco

voador de Roswell foi um balão meteorológico do governo chamado de Projeto Mogul. As Grandes Pirâmides do Egito não foram construídas *com* tecnologia alienígena. E, mais importante, todas as histórias de abdução extraterrestre já relatadas são mentiras absolutas.

– Como pode ter tanta certeza, doutor? – perguntou a apresentadora.

– Lógica simples. – O cientista pareceu incomodado enquanto se virava de novo para a mulher. – Qualquer forma de vida suficientemente avançada para viajar anos-luz pelo espaço interestelar não teria nada a aprender examinando as entranhas de animais do Kansas. E essas formas de vida não precisariam se

transformar em répteis e se infiltrar no governo para controlar o planeta. Qualquer forma de vida com tecnologia para *viajar* até a Terra não precisaria de nenhum subterfúgio nem sutileza para nos dominar.

– Bom, isso é alarmante! – comentou a apresentadora com um riso sem graça. –

E como isso se relaciona com suas ideias sobre a descoberta do Sr. Kirsch?

O cientista deu um suspiro pesado.

– Minha opinião enfática é que Edmond Kirsch ia anunciar que tinha encontrado uma *prova* definitiva de que a vida na Terra se originou no *espaço*.

Langdon ficou cético imediatamente, sabendo como Kirsch se sentia com relação ao tema da vida extraterrestre em nosso planeta.

– Fascinante. O que leva o senhor a dizer isso? – questionou a apresentadora.

– A vida vinda do espaço é a única resposta racional. Já temos provas incontestáveis de que materiais podem ser trocados entre os planetas. Há fragmentos de Marte e de Vênus, além de centenas de amostras de fontes não identificadas, o que apoiaria a ideia de que a vida chegou através de rochas espaciais na forma de micróbios e então evoluiu até formar a vida que existe na Terra.

A apresentadora assentiu com atenção.

– Mas essa teoria, dos micróbios vindos do espaço, já não existe há décadas, sem qualquer prova? Como o senhor acha que um gênio como Edmond Kirsch poderia *provar* uma teoria assim, que parece estar mais no âmbito da astrobiologia do que da ciência da computação?

– Bom, há uma lógica sólida nisso – respondeu o Dr. Bennett. – Os principais astrônomos vêm alertando há décadas de que a única esperança de sobrevivência da humanidade a longo prazo será deixar este planeta. A Terra já está na metade de seu ciclo de vida, e por fim o Sol vai se expandir até virar uma gigante vermelha e nos consumir. Isto é, se sobrevivermos às ameaças mais iminentes da colisão de um grande asteroide ou de uma enorme explosão de raios gama. Por esses motivos, já estamos projetando postos avançados em Marte para que possamos partir em direção ao espaço profundo em busca de um novo planeta habitável. Não preciso dizer que essa é uma tarefa gigantesca e que, se pudéssemos encontrar um modo mais simples de garantir a sobrevivência, iríamos implementá-lo imediatamente.

O Dr. Bennett fez uma pausa.

– E talvez *haja* um modo mais simples. E se, de alguma forma, pudéssemos colocar o genoma humano em cápsulas minúsculas e mandar milhões delas para o espaço na esperança de que alguma possa enraizar, semeando a vida humana num planeta distante? Essa tecnologia ainda não existe, mas nós a estamos discutindo como uma opção viável para a sobrevivência humana. E se *nós* estamos considerando “semear a vida”, deduz-se que uma forma de vida mais avançada pode ter pensado nisso também.

Langdon começou a imaginar aonde o Dr. Bennett queria chegar com sua teoria.

– Tendo isso em mente – continuou o astrobiólogo –, acredito que Edmond Kirsch pode ter descoberto algum tipo de assinatura alienígena, seja ela física, química, digital, não sei… *provando* que a vida em nosso planeta foi semeada a partir do espaço. Devo mencionar que Edmond e eu tivemos um grande debate sobre isso há alguns anos. Ele jamais gostou da teoria dos micróbios espaciais porque achava, como muitas pessoas, que o material genético não sobreviveria à radiação mortal e às temperaturas encontradas na longa jornada para a Terra. Pessoalmente acredito que seria viável lacrar essas “sementes da vida” em casulos protetores à prova de

radiação e dispará-los no espaço com a intenção de povoar o cosmo, numa espécie de panspermia tecnológica.

– Certo. – A apresentadora pareceu inquieta. – Mas se alguém descobrisse provas de que os seres humanos vieram de um casulo de sementes mandado do espaço, significaria que não estamos sozinhos no Universo. – Ela fez uma pausa. –

Além disso, muito mais incrivelmente…

– Sim? – O Dr. Bennett sorriu pela primeira vez.

– Significaria que quem *mandou* os casulos poderia ser… como nós…

humanos!

– É, essa também foi *minha* primeira conclusão. – O cientista fez uma pausa. –

Mas Edmond me corrigiu. Observou a falácia desse raciocínio.

Isso pegou a apresentadora desprevenida.

– Então Edmond acreditava que quem mandou essas “sementes” *não* era humano? Como pode ser, se as sementes eram, por assim dizer, “receitas” para a propagação humana?

– Os humanos são inacabados – respondeu o Dr. Bennett –, para usar as palavras exatas de Edmond.

– Como assim?

– Edmond disse que, se essa teoria do casulo fosse verdadeira, a receita que foi mandada à Terra provavelmente ainda não estava no ponto certo de cozimento, não tinha sido acabada. O que quer dizer que os seres humanos não são o “produto final”, e sim uma espécie transitória evoluindo para outra coisa… uma coisa alienígena.

A apresentadora da CNN ficou perplexa.

– Edmond argumentou que qualquer forma de vida avançada não mandaria uma receita de *seres humanos*, assim como não mandaria uma receita para *chimpanzés*. –

O cientista deu um risinho. – De fato, Edmond me acusou de ser um cristão enrustido, dizendo de brincadeira que só uma mente religiosa poderia acreditar que a humanidade é o centro do Universo. Ou que os alienígenas mandariam pelo correio o DNA de “Adão e Eva” para o cosmo.

– Bom, doutor. – A apresentadora parecia nitidamente desconfortável com a direção da entrevista. – Certamente foi esclarecedor falar com o senhor. Obrigada pelo seu tempo.

O vídeo terminou e Ambra se virou para Langdon.

– Robert, se Edmond descobriu alguma prova de que os seres humanos são uma espécie alienígena semievoluída, isso levanta uma questão ainda maior: em direção a *quê*, exatamente, estamos evoluindo?

– Sim. E acredito que Edmond verbalizou isso de um modo ligeiramente diferente, fazendo uma pergunta: *Para onde vamos?*

Ambra pareceu espantada em completar o círculo.

– A segunda pergunta de Edmond na apresentação desta noite.

– Exato. De onde viemos? Para onde vamos? Parece que o cientista da Nasa que acabamos de ver acha que Edmond olhou para o céu e encontrou respostas para as duas perguntas.

– O que *você* acha, Robert? Foi isso que Edmond descobriu?

Langdon sentiu a testa se franzir enquanto avaliava as possibilidades. A teoria do cientista, apesar de empolgante, parecia genérica e sobrenatural demais para o pensamento agudo de

Edmond Kirsch. *Edmond gostava das coisas simples, limpas e técnicas. Era um cientista da computação.* Mais importante, Langdon não conseguia imaginar *como* Edmond provaria uma teoria assim. *Desencavando um casulo de semente antigo? Detectando uma transmissão alienígena?* Nessas duas hipóteses, seriam revelações instantâneas, mas a descoberta do ex-aluno tinha demorado tempo.

Edmond disse que vinha trabalhando nela havia meses.

– Não sei – respondeu Langdon. – Mas meu instinto diz que a descoberta de Edmond não tem nada a ver com vida extraterrestre. Acredito mesmo que ele descobriu algo totalmente diferente.

Ambra pareceu surpresa, depois intrigada.

– Acho que só há um modo de descobrir. – E indicou a janela.

À frente deles brilhavam os pináculos reluzentes da Sagrada Família.

C A P Í T U L O **6 4**

O bispo Valdespino deu outra espiada em Julián, que ainda olhava inexpressivamente pela janela do sedã Opel, seguindo pela Autoestrada M505.

O que ele está pensando? , perguntou-se Valdespino.

Fazia quase 30 minutos que o príncipe estava em silêncio, mal se movendo, a não ser pelo reflexo ocasional de levar a mão ao bolso procurando o telefone, lembrando que o tinha trancado no cofre de seu aposento.

Preciso mantê-lo no escuro só mais um pouco, pensou Valdespino.

No banco da frente, o acólito da catedral seguia na direção da Casita del Príncipe, mas logo Valdespino precisaria informar que o refúgio não era o destino final deles.

De repente, Julián deu as costas para a janela e bateu no ombro do acólito.

– Por favor, ligue o rádio – disse. – Quero ouvir as notícias.

Antes que o rapaz pudesse obedecer, Valdespino se inclinou para a frente e pôs a mão com firmeza no ombro dele.

– Vamos ficar em silêncio, está bem?

Julián se virou para o bispo, num descontentamento óbvio por ter sido contrariado.

– Sinto muito – disse Valdespino, sentindo uma desconfiança cada vez maior nos olhos do príncipe. – É tarde. Toda essa conversa fiada. Prefiro a reflexão silenciosa.

– Eu venho refletindo um bocado – retrucou Julián com a voz cortante –, e gostaria de saber o que está acontecendo no meu país. Nós nos isolamos totalmente esta noite e estou começando a me perguntar se foi boa ideia.

– *É* boa ideia – garantiu Valdespino. – E agradeço a confiança que o senhor depositou em mim. – Em seguida tirou a mão do ombro do acólito e indicou o rádio.

– Por favor, ligue no noticiário. Quem sabe a Radio María España?

Valdespino esperava que a estação católica fosse mais gentil e mais delicada do que a maioria dos veículos de comunicação em relação aos acontecimentos perturbadores da noite.

Quando a voz do apresentador saiu pelos alto-falantes baratos do carro, estava discutindo a apresentação e o assassinato de Edmond Kirsch. *Todas as estações do mundo estão falando disso.* Valdespino só esperava que seu nome não fosse citado na transmissão.

Felizmente, o assunto do momento parecia ser os perigos da mensagem antirreligiosa pregada por Kirsch, em especial a ameaça

que sua influência poderia representar para os jovens da Espanha. Como exemplo, a estação começou a retransmitir uma palestra feita há pouco tempo por Kirsch na Universidade de Barcelona.

– Muitos de nós têm medo de ser chamados de ateus – disse Kirsch aos alunos reunidos. – No entanto, o ateísmo não é uma filosofia nem uma visão de mundo. O

ateísmo é simplesmente uma admissão do óbvio.

Vários estudantes aplaudiram, concordando.

– A palavra “ateu” nem deveria *existir* – continuou Kirsch. – Ninguém precisa se identificar como “não astrólogo” ou “não alquimista”. Não temos palavras para pessoas que duvidam que Elvis ainda esteja vivo, nem para pessoas que duvidam que os extraterrestres atravessem a galáxia só para molestar o gado. O ateísmo não é nada mais do que os sons que as pessoas razoáveis fazem na presença de crenças religiosas não justificadas.

Um número maior de estudantes aplaudiu.

– Por sinal, essa definição não é minha – disse Kirsch. – Essas palavras pertencem ao neurocientista Sam Harris. E, se ainda não fizeram isso, vocês devem ler seu livro *Carta a uma Nação Cristã*.

Valdespino franziu a testa, lembrando-se da agitação causada pelo livro de Harris, que, apesar de escrito para os americanos, tinha reverberado na Espanha.

– Levante as mãos quem acredita em algum dos seguintes deuses antigos: Apolo? Zeus? Vulcano? – Ele fez uma pausa e gargalhou. – Ninguém? Certo, então parece que todos somos ateus com relação a *esses* deuses. – Ele fez uma pausa. – Eu simplesmente opto por ir um deus além.

A multidão aplaudiu com mais força ainda.

– Amigos, não estou dizendo que tenho certeza de que não existe nenhum deus.

Só digo que, se *existe* uma força divina por trás do Universo, ela está rindo das religiões que criamos na tentativa de defini-la.

Todo mundo gargalhou.

Agora Valdespino estava satisfeito que o príncipe tivesse pedido para ligar o rádio. *Julián precisa ouvir isso.* O charme diabolicamente sedutor de Kirsch era prova de que os inimigos de Cristo não estavam mais sentados à toa. Eles tentavam ativamente levar almas para longe de Deus.

– Sou americano – continuou Kirsch –, e me sinto afortunado por ter nascido num dos países tecnologicamente mais avançados e intelectualmente mais progressistas do mundo. Assim, achei perturbador demais quando uma pesquisa recente revelou que *metade* dos meus compatriotas acredita que Adão e Eva existiram, que um Deus todo-poderoso criou dois seres humanos completamente formados que, sozinhos, povoaram todo o planeta, gerando todas as diversas raças, sem nenhum dos problemas inerentes à procriação consanguínea.

◆ ◆ ◆

Mais risos.

– No Kentucky – continuou ele –, o pastor Peter LaRuffa declarou publicamente: “Se, em algum lugar da Bíblia, eu encontrasse uma passagem dizendo que ‘dois mais dois são cinco’, acreditaria e aceitaria como verdade.”

Mais risos ainda.

– Concordo, é fácil rir, mas garanto que essas crenças são muito mais aterrorizantes do que engraçadas. Muitas pessoas que as professam são inteligentes, profissionais formados: médicos,

advogados, professores e, em alguns casos, aspirantes aos mais altos cargos do país. Uma vez ouvi o congressista americano Paul Broun dizer: “A evolução e o Big Bang são mentiras vindas direto do poço do inferno. Acredito que a Terra tem nove mil anos e foi criada em seis dias como os nossos.” – Kirsch fez uma pausa. – Mais perturbador ainda, o congressista Broun pertence ao Comitê de Ciência, Espaço e Tecnologia do Congresso e, ao ser questionado sobre a existência de um registro fóssil com milhões de anos, sua reação foi: “Os fósseis foram postos lá por Deus para testar nossa fé.”

A voz de Kirsch ficou subitamente baixa e sombria.

– Permitir a ignorância é dar poder a ela. Não fazer nada enquanto nossos líderes proclamam absurdos é um crime de complacência. Assim como deixar que as escolas e as igrejas ensinem inverdades completas às nossas crianças. A hora da ação chegou. Só quando livrarmos nossa espécie do pensamento supersticioso poderemos abraçar tudo o que nossa mente tem a oferecer. – Ele fez uma pausa e um silêncio baixou sobre a plateia. – Eu amo a humanidade. Acredito que nossa mente e nossa espécie têm um potencial ilimitado. Acredito que estamos à beira de uma nova era de iluminação, em que a religião finalmente se despede do mundo… e a ciência reina.

A plateia irrompeu em aplausos entusiasmados.

– Pelo amor de Deus – disse Valdespino com rispidez, balançando a cabeça enojado –, desligue isso.

O acólito obedeceu e os três continuaram viajando em silêncio.

A 50 quilômetros dali, Mónica Martín estava diante do ofegante Suresh Bhalla, que tinha acabado de entrar e lhe entregara um celular.

– Longa história – arquejou Suresh. – Mas você precisa ler essa mensagem que o bispo Valdespino recebeu.

– Espere aí. – Mónica quase largou o aparelho. – Esse é o telefone do *bispo*?!

Como diabo você…

– Não pergunte. Só leia.

Alarmada, Mónica virou os olhos para o telefone e começou a ler a mensagem na tela. Em segundos sentiu que estava ficando pálida.

– Meu Deus, o bispo Valdespino é…

– Perigoso – completou Suresh.

– Mas… isso é impossível! Quem é essa pessoa que mandou a mensagem para o bispo?!

– Número protegido. Estou trabalhando para identificar.

– E por que Valdespino não *deletou* essa mensagem?

– Não faço ideia – respondeu Suresh sem rodeios. – Foi descuidado?

Arrogante? Vou tentar recuperar qualquer outra mensagem e também ver se consigo saber com quem Valdespino está se comunicando, mas queria lhe dar logo essa notícia. Você terá que fazer uma declaração a respeito.

– Não vou fazer isso! – reagiu Mónica, chocada. – O palácio não vai divulgar essa informação!

– Não, mas alguém vai, e logo. – Suresh explicou rapidamente que o que o motivara a procurar o telefone de Valdespino tinha sido uma dica por e-mail enviada por monte@iglesia.org, o informante que vinha dando notícias para o ConspiracyNet. E se o informante continuasse agindo do mesmo modo como fizera até agora, a mensagem do bispo não ficaria em segredo por muito tempo.

Mónica fechou os olhos, tentando visualizar a reação do mundo à prova incontestável de que um bispo católico muito próximo do rei da Espanha estava envolvido na traição e no assassinato desta noite.

– Suresh – sussurrou Mónica, abrindo lentamente os olhos. – Preciso descobrir quem é esse tal de “Monte”. Você pode fazer isso por mim?

– Posso tentar.

Ele não parecia muito confiante.

– Obrigada. – Mónica devolveu o telefone do bispo e foi rapidamente para a porta. – E me mande uma captura de tela dessa mensagem!

– Aonde você vai? – gritou Suresh.

Mónica Martín não respondeu.

C A P Í T U L O **6 5**

A Basílica da Sagrada Família ocupa todo um quarteirão no centro de Barcelona. Apesar da base enorme, a igreja parece flutuar quase sem peso acima da terra, um delicado agrupamento de pináculos arejados que sobem sem esforço para o céu da Espanha.

Intricadas e porosas, as torres têm várias alturas, o que dá ao templo o ar de um caprichoso castelo de areia erguido por gigantes travessos. Assim que estiver pronto, o mais alto dos 18 pináculos chegará a estonteantes 172 metros, algo sem precedentes – mais do que o Monumento a Washington –, tornando a Sagrada Família a igreja mais alta do mundo, eclipsando a Basílica de São Pedro, no Vaticano, por mais de 30 metros.

O corpo da igreja é abrigado por três fachadas enormes. No lado leste, a colorida fachada da Natividade sobe como um jardim suspenso do qual brotam plantas policromadas, animais, frutas e pessoas. Num contraste nítido, a fachada da Paixão, a oeste, é um austero esqueleto de pedra áspera, talhada para lembrar tendões e ossos. Ao sul, a fachada da Glória se retorce para cima num

amontoado caótico de demônios, ídolos, pecados e vícios, dando lugar a símbolos mais elevados, de ascensão, virtude e paraíso.

Completando o perímetro, existem incontáveis fachadas menores, arcobotantes e torres, a maioria envolta num material semelhante a lama, dando a impressão de que a metade inferior da construção está se derretendo ou foi arrancada da terra.

Segundo um crítico importante, a metade inferior da Sagrada Família lembra “um tronco de árvore apodrecido do qual brotou uma família de intricados pináculos de cogumelos”.

Além de adornar sua igreja com a iconografia religiosa tradicional, Gaudí incluiu incontáveis características espantosas que refletiam sua reverência pela natureza: tartarugas sustentando colunas, árvores brotando de fachadas e até enormes caracóis e sapos de pedra escalando a parte externa.

Apesar do exterior estranho, a surpresa da Sagrada Família é vislumbrada somente depois que se passa por suas portas. Assim que entram no santuário principal, os visitantes ficam de queixo caído enquanto seu olhar sobe pelas colunas inclinadas e retorcidas parecendo troncos que, a 60 metros, chegam a uma série de abóbadas onde colagens psicodélicas de formas geométricas pairam como uma copa cristalina nos galhos de árvores. Segundo Gaudí, a criação de uma “floresta de

colunas” se destinava a encorajar a mente a retornar aos pensamentos dos primeiros homens que se dedicaram à busca espiritual, para quem a floresta havia servido como a catedral de Deus.

De modo pouco surpreendente, a colossal obra art nouveau de Gaudí é ao mesmo tempo adorada com paixão e desprezada com cinismo. Saudada por alguns como “sensual, espiritual e orgânica”, é ridicularizada por outros como “vulgar, pretensiosa e profana”. O escritor James Michener a descreveu como “uma das construções

sérias mais estranhas do mundo” e a *Architectural Review* a chamou de

“monstro sagrado de Gaudí”.

Se sua estética é espantosa, as finanças são mais estranhas ainda. Bancada totalmente por doações particulares, a Sagrada Família não recebe qualquer apoio financeiro do Vaticano ou da liderança católica do mundo. Apesar de ter vivido períodos de quase falência e interrupções nas obras, a igreja exibe uma vontade quase darwiniana de sobreviver, tendo suportado com tenacidade a morte de seu arquiteto, uma violenta guerra civil, ataques terroristas de anarquistas catalães e até a escavação de um túnel de metrô ali perto que ameaçou desestabilizar o próprio terreno em que ela fica.

Diante de adversidades incríveis, a Sagrada Família continua de pé e crescendo.

Na última década, a sorte da igreja melhorou bastante, com os cofres complementados pela venda de ingressos a mais de quatro milhões de visitantes por ano, que pagam uma boa quantia para percorrer a estrutura parcialmente construída.

Agora, tendo anunciado o objetivo de ser completada em 2026 – centenário da morte de Gaudí –, a Sagrada Família parece infundida de um novo vigor, com as torres subindo ao céu com urgência e esperança renovadas.

O padre Joaquim Beña – o sacerdote mais velho e principal clérigo da Sagrada Família – era um homem jovial de 80 anos, com óculos redondos num rosto redondo sempre risonho em cima do corpo minúsculo envolto na batina. O sonho de Beña era viver o suficiente para ver o término desse templo glorioso.

Mas esta noite, em seu escritório clerical, o padre Beña não sorria. Tinha permanecido até tarde resolvendo problemas da igreja, mas depois ficou grudado ao computador, totalmente absorto no drama inquietante que se desenrolava em Bilbao.

Edmond Kirsch foi assassinado.

Nos últimos três meses, Beña havia forjado uma amizade delicada e improvável com Kirsch. O ateu confesso tinha impressionado Beña procurando-o pessoalmente com a oferta de fazer uma doação substancial à igreja. A quantia era sem precedentes e causaria um enorme impacto positivo.

A oferta de Kirsch não faz sentido, tinha pensado Beña, suspeitando de algum ardil. *É um golpe de publicidade? Será que ele quer ter alguma influência na construção?*

Em troca da doação, o renomado futurólogo tinha feito apenas um pedido.

Beña ouviu, inseguro. *É só isso que ele quer?*

– Para mim é uma questão pessoal – dissera Kirsch. – E espero que o senhor esteja disposto a honrar meu pedido.

Beña era um homem que costumava confiar nas pessoas, mas nesse momento sentiu que estava dançando com o diabo. Pegou-se examinando os olhos de Kirsch em busca de algum motivo oculto. E então viu. Atrás do charme despreocupado, ardia um desespero exausto, com os olhos fundos e o corpo magro lembrando a Beña seus dias de seminarista, quando trabalhava como conselheiro numa casa de repouso.

Edmond Kirsch está doente.

Beña se perguntou se ele estaria morrendo e se essa doação poderia ser uma tentativa súbita de fazer as pazes com o Deus que o cientista havia sempre desprezado.

Os mais soberbos na vida se tornam os mais temerosos na morte.

Beña pensou no primeiro evangelista cristão – São João – que tinha dedicado a vida a encorajar os descrentes a experimentar a glória de Jesus Cristo. Parecia que, se um não crente como Kirsch queria

participar da criação de um templo dedicado a Jesus, negar-lhe essa conexão seria ao mesmo tempo pouco cristão e cruel.

Além disso, havia a obrigação pessoal de Beña de ajudar a levantar verbas para a igreja. E ele não conseguia se imaginar informando aos colegas que o presente gigantesco de Kirsch fora rejeitado por causa do passado de ateísmo explícito do sujeito.

No fim, Beña aceitou os termos de Kirsch e os dois se apertaram as mãos calorosamente.

Isso fora três meses atrás.

Esta noite Beña havia assistido à apresentação de Kirsch no Guggenheim, primeiro sentindo-se incomodado com o tom antirreligioso, depois intrigado com as referências a uma descoberta misteriosa e no final horrorizado ao ver Edmond Kirsch levar um tiro. Depois disso, não conseguiu sair de perto do computador, fascinado pelo que estava se tornando um atordoante caleidoscópio de teorias conspiratórias competindo entre si.

Estupefato, agora Beña estava sentado em silêncio no santuário enorme, sozinho na “floresta” de pilares de Gaudí. Mas a mata mística pouco servia para acalmar sua mente acelerada.

O que Kirsch descobriu? Quem desejava sua morte?

O padre Beña fechou os olhos e tentou clarear as ideias, mas as perguntas continuavam chegando.

De onde viemos? Para onde vamos?

– Viemos de Deus! – declarou em voz alta. – E vamos para Deus!

Enquanto falava, sentiu as palavras ressoando no peito com tanta força que todo o santuário pareceu vibrar. De repente um facho de luz brilhante rasgou o vitral acima da fachada da Paixão e penetrou na basílica.

Perplexo, o padre Beña se levantou e foi cambaleando até a janela. Agora toda a igreja trovejava enquanto o facho de luz celestial descia pelo vidro colorido.

Quando saiu intempestivamente pela porta principal do santuário, Beña foi golpeado por um vendaval ensurdecedor. Acima dele, à esquerda, um enorme helicóptero baixava do céu, com o farol de busca rasgando a frente da igreja.

Beña olhou, incrédulo, a aeronave pousar dentro do perímetro das cercas de construção no canto noroeste do complexo e desligar os motores.

Enquanto o vento e o barulho iam diminuindo, o padre Beña ficou parado na porta principal da Sagrada Família, vendo quatro figuras descerem e virem correndo até ele. As duas da frente eram reconhecíveis à primeira vista devido à transmissão desta noite: uma era a futura rainha da Espanha e a outra, o professor Robert Langdon. Dois homens fortes usando paletós com monograma os seguiam.

Pelo jeito, Langdon não tinha sequestrado Ambra Vidal, afinal de contas.

Enquanto o professor americano se aproximava, a Srta. Vidal parecia estar ao lado dele inteiramente por vontade própria.

– Padre! – chamou a mulher com um aceno amistoso. – Por favor, desculpe nossa intromissão barulhenta neste espaço sagrado. Precisamos falar com o senhor imediatamente. É muito importante.

Beña abriu a boca para responder, mas só pôde assentir, mudo, enquanto o grupo improvável chegava diante dele.

– Pedimos desculpas, padre – disse Robert Langdon com um sorriso afável. –

Sei que tudo isso deve parecer muito estranho. O senhor sabe quem somos nós?

– Claro – conseguiu dizer ele. – Mas achei…

– Informação errada – disse Ambra. – Está tudo bem, garanto.

Nesse momento, dois seguranças posicionados do lado de fora da cerca passaram rapidamente pelas catracas, alarmados com a chegada do helicóptero. Os guardas viram Beña e correram até ele.

No mesmo instante os dois homens com monogramas nos paletós giraram para encará-los, estendendo a palma da mão no símbolo universal de “pare”.

Os guardas pararam, espantados, olhando Beña em busca de orientação.

– *¡Tot està bé!* – gritou Beña em catalão. – *Tornin al seu lloc. – Está tudo bem!*

Voltem ao seu posto.

Os guardas olharam de esguelha para o grupo improvável, parecendo inseguros.

– *Són els meus convidats* – declarou Beña, agora com firmeza. *São meus convidados. – Confio em la seva discreció. – Confio na discrição de vocês.*

Atarantados, os guardas recuaram pela catraca para voltar a patrulhar o perímetro.

– Obrigada – disse Ambra.

– Sou o padre Joaquim Beña. Por favor, digam o que desejam.

Robert Langdon avançou e apertou a mão de Beña.

– Padre, estamos procurando um livro raro pertencente ao cientista Edmond

Kirsch. – Langdon pegou um elegante cartão em papel marfim e entregou a ele. –

Esse cartão diz que o livro está emprestado a esta igreja.

Apesar de um pouco atordoado com a chegada dramática do grupo, Beña reconheceu imediatamente o cartão. Uma cópia exata acompanhava o livro que Kirsch havia lhe dado algumas semanas antes.

Obras Completas de William Blake

A exigência de Edmond, em troca da grande doação à Sagrada Família, tinha sido que o livro fosse exposto na cripta da basílica.

Um pedido estranho, mas um preço pequeno a pagar.

O único pedido adicional de Kirsch – especificado no *verso* do cartão – era que o livro sempre permanecesse aberto na página 163.

C A P Í T U L O **6 6**

Oito quilômetros a noroeste da Sagrada Família, o almirante Ávila olhava através do para-brisa do Uber, vendo a vastidão de luzes da cidade que brilhavam contra o negrume do Mar das Baleares, do outro lado.

Barcelona, finalmente, pensou o velho oficial da Marinha, pegando seu telefone e ligando para o Regente, como tinha prometido.

O Regente atendeu ao primeiro toque.

– Almirante Ávila. Onde está?

– Faltam minutos para entrar na cidade.

– Está chegando em boa hora. Acabei de receber notícias perturbadoras.

– Conte.

– Você teve sucesso em cortar a cabeça da cobra. Mas, como temíamos, sua cauda longa ainda está se retorcendo perigosamente.

– Como posso ser útil?

Quando o Regente contou seus desejos, Ávila ficou surpreso. Não tinha imaginado que a noite implicaria mais perdas de vida, mas não iria questionar o Regente. *Não passo de um soldado raso*, lembrou.

– A missão será perigosa – disse o Regente. – Se você for apanhado, mostre às autoridades o símbolo na palma da sua mão. Você será libertado logo. Nós temos influência em toda parte.

– Não pretendo ser apanhado – garantiu Ávila, olhando a tatuagem.

– Bom. – O tom do Regente parecia estranhamente sem vida. – Se tudo correr segundo o plano, logo os dois estarão mortos e tudo isso terá acabado.

A ligação foi interrompida.

No silêncio súbito, Ávila levantou os olhos para o ponto mais claro do horizonte – um odioso agrupamento de torres deformadas brilhando sob luzes de construção.

Sagrada Família, pensou, sentindo repulsa pela silhueta caprichosa. *Um templo dedicado a tudo o que há de errado com nossa fé.*

Ávila acreditava que a célebre igreja de Barcelona era um monumento à fraqueza e ao colapso moral: uma rendição ao catolicismo liberal, descaradamente torcendo e distorcendo milhares de anos de fé num híbrido deturpado de culto à natureza, à pseudociência e à heresia gnóstica.

Existem lagartos gigantes subindo por uma igreja de Cristo!

O colapso da tradição aterrorizava Ávila, mas ele se sentia animado com o surgimento de um novo grupo de líderes mundiais que pareciam compartilhar seus temores e estavam fazendo todo o possível para restaurar a moral. A dedicação de Ávila à Igreja Palmariana e em especial ao papa Inocêncio XIV tinha lhe dado um novo motivo para viver, ajudando-o a ver sua própria tragédia através de lentes completamente novas.

Minha mulher e meu filho foram baixas de guerra, pensou. *Uma guerra travada pelas forças do mal contra Deus, contra as tradições. O perdão não é a única estrada para a salvação.*

Algumas noites atrás, Ávila estava dormindo em seu apartamento modesto quando foi acordado pelo bipe alto de uma mensagem de texto chegando ao seu celular.

– É meia-noite – resmungou, franzindo os olhos em direção à tela para descobrir quem o havia contatado àquela hora.

Numero oculto

Ávila esfregou os olhos e leu a mensagem.

Compruebe su saldo bancario

Verificar meu saldo bancário?

Franziu a testa, agora suspeitando de alguma tramoia de telemarketing. Saiu da cama irritado e foi até a cozinha beber água. Parado junto à pia, olhou seu laptop, sabendo que não conseguiria voltar a dormir enquanto não desse uma olhada.

Entrou no site do banco com a certeza de que veria o saldo usual, lamentavelmente baixo – o resto de sua pensão militar. Quando apareceram as informações da conta, ele saltou de pé tão de repente que derrubou uma cadeira.

Mas isso é impossível!

Fechou os olhos e depois os abriu de novo. Em seguida reinicializou a tela.

O número continuava o mesmo.

Pegou o mouse desajeitadamente, examinando a movimentação da conta, e ficou pasmo ao ver que um depósito anônimo de 100 mil euros tinha sido feito em sua conta. A origem era numerada, impossível de rastrear.

Quem faria isso?!

O toque agudo do celular fez seu coração bater mais forte. Ele agarrou o telefone e olhou o identificador de chamadas.

Numero oculto

Olhou para o telefone e depois atendeu.

– *¿Sí?*

Uma voz suave falou com ele num puro espanhol castelhano.

– Boa noite, almirante. Imagino que tenha visto o presente que lhe demos.

– Eu… vi – gaguejou ele. – Quem é você?

– Pode me chamar de Regente – respondeu a voz. – Eu represento os seus irmãos, os membros da igreja que você frequenta fielmente nos últimos dois anos.

Suas habilidades e sua lealdade não deixaram de ser percebidas, almirante. Por isso, gostaríamos de lhe dar a oportunidade de servir a um objetivo mais elevado. Sua Santidade o indicou para uma série de missões… tarefas mandadas por Deus.

Agora Ávila estava totalmente acordado, com as palmas das mãos suando.

– O dinheiro que lhe demos é um adiantamento pela primeira missão –

continuou a voz. – Se o senhor optar por realizá-la, considere que é uma oportunidade para provar que é digno de assumir um lugar nas nossas fileiras mais altas. – Ele fez uma pausa. – Na nossa Igreja existe uma poderosa hierarquia, invisível para o mundo. Acreditamos que *o senhor* seria um elemento valioso no topo da nossa organização.

Apesar de empolgado com a perspectiva de avançar na hierarquia, Ávila ficou cauteloso.

– Qual é a missão? E se eu optar por *não* realizá-la?

– O senhor não será julgado de nenhum modo e poderá ficar com o dinheiro em troca do sigilo. Parece razoável?

– Parece muito generoso.

– Nós gostamos do senhor. Queremos ajudá-lo. E, para ser justo, quero alertar que a missão determinada pelo papa é difícil. – Ele fez uma pausa. – Pode envolver violência.

O corpo de Ávila ficou rígido. *Violência?*

– Almirante, as forças do mal estão ficando mais poderosas a cada dia. Deus está em guerra, e guerra implica *baixas*.

Ávila saltou de volta para o horror da bomba que havia matado sua família.

Tremendo, expulsou as lembranças sinistras.

– Sinto muito, não sei se posso aceitar uma missão violenta…

– O papa escolheu *o senhor*, almirante – sussurrou o Regente. – O alvo dessa missão… é o homem que assassinou sua família.

C A P Í T U L O **6 7**

Localizada no térreo do Palácio Real de Madri, a Armaria é uma câmara com abóbada elegante cujas altas paredes vermelhas são adornadas com tapeçarias magníficas representando batalhas famosas na história da Espanha. Ao redor da sala há uma inestimável coleção de mais de 100 armaduras feitas à mão, inclusive a vestimenta e os "instrumentos" de batalha de muitos reis do passado. Sete manequins de cavalos em tamanho real ficam no centro da sala, posando com equipamento completo de guerra.

É aqui que eles decidiram me manter prisioneiro? , pensou Garza, olhando os implementos militares ao redor. Com certeza, a Armaria era uma das salas mais seguras do palácio, mas Garza suspeitava que seus captores tinham escolhido essa prisão elegante com a esperança de intimidá-lo. *Esta é a mesma sala em que fui contratado.*

Quase duas décadas antes, Garza fora trazido a essa câmara imponente onde foi entrevistado, sabatinado e interrogado antes de finalmente lhe oferecerem o cargo de chefe da Guardia Real.

Agora seus próprios agentes o haviam prendido. *Estou sendo acusado de tramar um assassinato? E de colocar a culpa no bispo?* A lógica por trás das alegações era tão tortuosa que Garza nem conseguia começar a desemaranhá-la.

Garza era o oficial de mais alta patente da Guardia Real no palácio. Isso significava que a ordem de prendê-lo só poderia ter vindo de um homem… o próprio príncipe Julián.

Valdespino fez o príncipe virar-se contra mim, percebeu Garza. O bispo sempre tinha sido um sobrevivente político, e esta noite parecia desesperado a ponto de tentar esse audacioso golpe de mídia: uma trama ousada para salvar a própria reputação manchando a de Garza. *E agora eles me trancaram na Armaria para que não possa me defender.*

Se Julián e Valdespino tinham juntado forças, Garza sabia que estava num beco sem saída. Nesse ponto, a única pessoa na Terra com poder suficiente para ajudá-lo era um velho que passava os últimos dias numa cama de hospital em sua residência particular no Palácio de la Zarzuela.

O rei da Espanha.

Mas, afinal de contas, o rei jamais me ajudaria se isso significasse contrariar o bispo Valdespino ou seu próprio filho.

Podia ouvir a multidão lá fora aos berros, entoando palavras de ordem, e parecia que as coisas poderiam ficar violentas. Quando percebeu o que eles estavam cantando, mal pôde acreditar nos próprios ouvidos.

– *De onde vem a Espanha? Para onde a Espanha vai?*

Parecia que os manifestantes tinham usado as duas perguntas provocadoras de Kirsch como um mote para questionar o futuro político da monarquia espanhola.

De onde viemos? Para onde vamos?

Condenando a opressão do passado, a geração mais jovem na Espanha vivia pedindo mudanças mais rápidas – instigando o país a "entrar para o mundo civilizado" como uma democracia plena e abolir a monarquia. A França, a Alemanha, a Rússia, a Áustria, a Polônia e mais de 50 outros países tinham abandonado suas Coroas no último século. Até na Inglaterra havia a pressão por um plebiscito sobre o fim da monarquia depois da morte da atual rainha.

Nessa noite, infelizmente, o Palácio Real de Madri estava num alvoroço, por isso não era surpresa ouvir outra vez esse antigo grito de guerra.

É exatamente disso que o príncipe Julián precisa enquanto se prepara para ascender ao trono, pensou Garza.

A porta na outra extremidade da Armaria se abriu de súbito e um dos agentes olhou para dentro.

Garza gritou para ele:

– Quero um advogado!

– E eu quero uma declaração para a imprensa – gritou de volta a voz familiar de Mónica Martín enquanto ela passava pelo guarda e entrava na sala. – Comandante Garza, por que se mancomunou com os assassinos de Edmond Kirsch?

Garza a encarou, incrédulo. *Será que todo mundo enlouqueceu?*

– Sabemos que o senhor tramou para colocar a culpa no bispo Valdespino! –

declarou Mónica, vindo na sua direção. – E o palácio quer publicar sua confissão agora mesmo!

O comandante não respondeu.

Na metade do caminho, Mónica girou abruptamente, olhando irritada para o jovem guarda perto da porta.

– Eu disse: uma confissão *particular*!

O guarda pareceu inseguro, mas recuou um passo e fechou a porta.

Mónica girou de volta para Garza e andou rapidamente pelo resto do espaço.

– Quero uma confissão agora! – gritou, com a voz ecoando no teto abobadado enquanto chegava à frente dele.

– Bom, você não terá uma confissão minha – respondeu Garza, tranquilo. – Não tenho nada a ver com isso. Suas alegações são totalmente inverídicas.

Mónica olhou nervosa por cima do ombro. Em seguida, chegou mais perto, sussurrando no ouvido do comandante.

– Eu sei… preciso que o senhor ouça com atenção.





C A P Í T U L O **6 8**

Trending

2.747%

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ANTIPAPAS… PALMEIRAS SANGRANDO…

E OLHOS COSTURADOS…

Estranhas histórias de dentro da Igreja Palmariana.

Postagens de grupos de notícias cristãos na internet confirmaram que o almirante Luis Ávila é membro ativo da Igreja Palmariana há vários anos.

Servindo como “celebridade” defensora da Igreja, o almirante Luis Ávila deu crédito repetidamente ao papa palmariano por “salvar sua vida” depois de uma depressão profunda devido à perda de sua família num ataque terrorista anticristão.

Como a política do ConspiracyNet é jamais apoiar nem condenar instituições religiosas, postamos aqui dezenas de links externos para a Igreja Palmariana.

Nós informamos. Vocês decidem.

Por favor, observem que muitas das afirmações on-line sobre os palmarianos são bastante chocantes, por isso estamos pedindo ajuda a *vocês* – nossos usuários – para separar fatos de ficção.

Os seguintes “fatos” foram enviados a nós pelo fantástico informante

monte@iglesia.org, cujo nível de acertos esta noite sugere que eles são verdadeiros. No entanto, antes de relatá-los, esperamos que alguns de nossos usuários possam fornecer mais provas para apoiá-los ou refutá-los.

“FATOS”

O papa palmariano Clemente perdeu os dois globos oculares num acidente de carro em 1976 e continuou a fazer pregações durante uma década com as pálpebras costuradas.

O papa Clemente possuía estigmas ativos nas palmas das mãos, que sangravam regularmente quando ele tinha visões.

Vários papas palmarianos eram oficiais militares espanhóis com fortes ideias carlistas.

Os membros da Igreja Palmariana são proibidos de falar com a própria família, e vários morreram dentro do complexo do templo, por desnutrição ou por abusos.

Os palmarianos são proibidos de (1) ler livros de autores não palmarianos, (2) comparecer a casamentos ou enterros de parentes a não ser que estes sejam palmarianos, (3) frequentar piscinas, praias, lutas de boxe, bailes ou qualquer local onde haja uma árvore de Natal ou uma imagem de Papai Noel.

Os palmarianos acreditam que o anticristo nasceu no ano 2000.

Existem casas de recrutamento palmariano nos Estados Unidos, no Canadá, na Alemanha, na Áustria e na Irlanda.

C A P Í T U L O **6 9**

Enquanto Langdon e Ambra acompanhavam o padre Beña em direção às colossais portas de bronze da Sagrada Família, Langdon se pegou maravilhado, como sempre, com os detalhes absolutamente bizarros da entrada principal da igreja.

É uma parede de códigos, pensou, olhando a tipografia em relevo que dominava as chapas monolíticas de metal polido. Brotando da superfície havia mais de oito mil letras tridimensionais em bronze. As letras eram organizadas em linhas horizontais, criando um enorme campo de texto praticamente sem separação entre as palavras. Mesmo sabendo que era uma descrição da Paixão de Cristo em catalão, a aparência era mais próxima à de uma chave de criptografia da Agência Nacional de Segurança americana.

Não é de espantar que este lugar inspire teorias da conspiração.

O olhar de Langdon moveu-se para cima, subindo pela alta fachada da Paixão, onde uma assombrosa coleção de esculturas magras e angulosas feitas pelo artista Josep Maria Subirachs olhava para baixo. A cena era dominada por um Jesus horrivelmente emagrecido pendurado num crucifixo inclinado, gerando o efeito assustador de que iria cair sobre os visitantes que chegavam.

À esquerda de Langdon outra escultura sinistra representava Judas traindo Jesus com um beijo. Estranhamente, ao lado dessa imagem, havia um “quadrado mágico”

matemático com 16 números entalhados. Uma vez Edmond tentara convencer Langdon de que, nesse quadrado, a “constante mágica” de 33 era de fato um tributo oculto à reverência pagã dos maçons prestado pelo Grande Arquiteto do Universo: uma divindade que abarcava tudo e cujos segredos eram supostamente revelados a quem chegava ao trigésimo terceiro grau da irmandade.

– É uma história divertida – tinha respondido Langdon com uma risada. – Mas uma explicação mais provável é que Jesus estava com

33 anos na época da Paixão.

Ao se aproximar da entrada, Langdon se encolheu ao ver o detalhe mais medonho da igreja: uma colossal estátua de Jesus flagelado e amarrado com cordas a uma coluna. Virou o olhar rapidamente para a inscrição acima das portas – duas letras gregas, alfa e ômega.

– Princípio e fim – sussurrou Ambra, também olhando as letras. – Tudo a ver com Edmond.

Langdon assentiu, entendendo. *De onde viemos? Para onde vamos?*

O padre Beña abriu uma portinhola na parede de letras de bronze e todo o

grupo entrou, inclusive os dois agentes da Guardia. Beña fechou-a em seguida.

Silêncio.

Sombras.

Ali, na extremidade sudeste do transepto, o padre contou a eles uma história espantosa. Disse que Kirsch o havia procurado e oferecido uma doação substancial à Sagrada Família. Em troca a igreja deveria expor seu exemplar de Blake na cripta, perto do túmulo de Gaudí.

Bem no coração desta igreja, pensou Langdon, com a curiosidade estimulada.

– Edmond contou *por que* desejava que o senhor fizesse isso? – perguntou Ambra.

Beña assentiu.

– Ele me disse que a paixão que sentiu durante toda a vida por Gaudí tinha vindo de sua falecida mãe, que também era grande admiradora da obra de William Blake. O Sr. Kirsch disse que

desejava colocar o volume de Blake ao lado do túmulo de Gaudí como tributo à mãe. Achei que não faria mal.

Edmond nunca mencionou que sua mãe gostava de Gaudí, pensou Langdon, intrigado. Paloma Kirsch tinha morrido num convento e parecia improvável que uma freira espanhola admirasse um poeta inglês heterodoxo. Toda a história soava forçada.

– Além disso – continuou Beña –, eu senti que o Sr. Kirsch podia estar sofrendo uma crise espiritual… e talvez também estivesse com algum problema de saúde.

– A anotação no verso deste cartão – disse Langdon, levantando-o – diz que o livro de Blake deve ser exposto de uma forma específica, aberto na página 163?

– É, isso mesmo.

Langdon sentiu a pulsação acelerar.

– O senhor pode dizer *que* poema está nessa página?

Beña balançou a cabeça.

– Não existe poema nessa página.

– Como?!

– O livro é uma *coletânea* das obras de Blake, incluindo trabalhos artísticos e textos. Na página 163 há uma ilustração.

Langdon lançou um olhar inquieto para Ambra. *Precisamos de um verso de 47*

letras, não de uma ilustração!

– Padre – disse Ambra a Beña. – Seria possível olharmos o livro agora?

O religioso hesitou um instante, mas provavelmente achou melhor não recusar o pedido da futura rainha.

– A cripta é ali adiante – disse, levando-os pelo transepto em direção ao centro da igreja.

Os dois agentes da Guardia foram logo atrás.

– Devo admitir – continuou Beña – que relutei em aceitar dinheiro de um ateu tão declarado, mas o pedido para expor a ilustração de Blake preferida da mãe dele

me pareceu inofensivo, especialmente considerando que era uma imagem de Deus.

Langdon pensou que tinha ouvido mal.

– O senhor disse que Edmond pediu para o senhor expor uma imagem de *Deus*?

Beña confirmou.

– Senti que ele estava doente e que talvez esse fosse o seu modo de tentar compensar uma vida de oposição ao divino. – O padre fez uma pausa, balançando a cabeça. – Se bem que, depois de assistir à apresentação desta noite, devo admitir que não sei o que pensar.

Langdon tentou imaginar qual das incontáveis ilustrações de Blake mostrando Deus Edmond teria desejado que fosse exposta.

Enquanto todos entravam na área principal do santuário, Langdon sentiu como se estivesse vendo aquele espaço pela primeira vez. Apesar de ter visitado a Sagrada Família muitas vezes, em vários estágios de construção, sempre vinha durante o dia, quando o sol da Espanha se derramava pelos vitrais criando ofuscantes jorros de cor e atraindo o olhar para o alto, sempre para o alto, para uma copa de abóbadas que pareciam não ter peso.

À noite este é um mundo mais pesado.

A floresta de árvores salpicadas de luz do sol havia sumido, transformada numa selva noturna de sombras e escuridão: um bosque lúgubre feito de colunas estriadas que se estendiam para o alto em direção a um vazio agourento.

– Andem com cuidado – disse o padre. – Nós economizamos dinheiro sempre que podemos.

Langdon sabia que iluminar essas enormes igrejas europeias custava uma pequena fortuna, no entanto as esparsas luzes de serviço ali mal clareavam o caminho. *Um dos desafios de um espaço de seis mil metros quadrados.*

Quando chegaram à nave central e viraram à esquerda, Langdon olhou para a elevada plataforma cerimonial. O altar era uma mesa minimalista ultramoderna emoldurada por dois grupos reluzentes de tubos de órgão. Quatro metros e meio acima do altar pendia o extraordinário baldaquino da igreja – uma cobertura de tecido suspenso ou "dossel de estado" – símbolo de reverência inspirado pelos dosséis cerimoniais que antigamente eram pendurados em mastros para proporcionar sombra aos reis.

Hoje em dia a maior parte dos baldaquinos eram peças arquitetônicas sólidas, mas a Sagrada Família havia optado por tecido, nesse caso um dossel em forma de guarda-chuva que parecia pairar magicamente diante do altar. Embaixo do pano, suspenso por fios como um paraquedista, ficava a figura de Jesus crucificado.

Jesus caindo de paraquedas, era como Langdon tinha ouvido chamarem aquilo.

Ao ver a obra de novo, não ficou surpreso por ela ter se tornado um dos detalhes mais controversos da igreja.

Enquanto Beña os guiava pela escuridão cada vez maior, Langdon sentia dificuldade para enxergar qualquer coisa. Díaz pegou uma lanterna em miniatura e

◆ ◆ ◆

iluminou o piso de ladrilhos embaixo dos pés de todos. Seguindo para a entrada da cripta, Langdon percebeu acima a silhueta pálida de um cilindro altíssimo que subia por dezenas de metros pela parede interna da igreja.

A infame espiral da Sagrada Família, percebeu, nunca tendo ousado subir por ela.

O estonteante poço de escada helicoidal da Sagrada Família tinha aparecido na lista das "20 Escadas Mais Mortais do Mundo", feita pela *National Geographic*, merecendo o terceiro lugar, logo atrás dos degraus precários do Templo de Angkor Wat, no Camboja, e das pedras cobertas de musgo no penhasco da cachoeira do Caldeirão do Diabo, no Equador.

Langdon olhou os primeiros degraus da escada, que subia em forma de saca-rolhas até desaparecer no negrume.

– A entrada da cripta fica logo adiante – disse Beña, indicando um vazio escuro depois da escada, à esquerda do altar.

Enquanto prosseguiam, Langdon viu um leve brilho dourado que parecia emanar de um buraco no piso.

A cripta.

O grupo chegou à boca de uma elegante escada que se curvava suavemente.

– Senhores – disse Ambra aos seus guardas –, por favor, fiquem aqui. Vamos voltar logo.

Fonseca pareceu contrariado, mas não disse nada.

Então Ambra, o padre Beña e Langdon começaram a descer para a luz.

O agente Díaz sentiu-se grato pelo momento de paz enquanto olhava as três figuras desaparecerem na escada sinuosa. A tensão cada vez maior entre Ambra Vidal e o agente Fonseca estava ficando preocupante.

Os agentes da Guardia não estão acostumados com ameaças de demissão por parte das pessoas que eles protegem – só do comandante Garza.

Díaz ainda estava perplexo com a detenção de Garza. De modo estranho, Fonseca tinha se recusado a contar exatamente quem tinha dado a ordem de prisão ou iniciado o boato de sequestro.

– A situação é complexa – dissera Fonseca. – E, para sua própria proteção, é melhor que você não saiba.

Então quem estava dando as ordens? , pensou Díaz. *Seria o príncipe?* Parecia improvável que Julián arriscasse a segurança de Ambra espalhando uma falsa história de sequestro. *Seria Valdespino?* Díaz não sabia direito se o bispo teria esse tipo de influência.

– Volto logo – resmungou Fonseca, e se afastou dizendo que precisava encontrar um banheiro.

Enquanto Fonseca ia para a área escura, Díaz o viu pegar o telefone, fazer uma ligação e iniciar uma conversa em voz baixa.

Díaz esperou sozinho no abismo do santuário, sentindo-se cada vez menos confortável com o comportamento sigiloso de Fonseca.

C A P Í T U L O **7 0**

A escada da cripta descia o equivalente a três andares para dentro da terra, curvando-se num arco amplo e gracioso antes de deixar Langdon, Ambra e o padre Beña na câmara subterrânea.

Uma das maiores criptas da Europa, pensou Langdon, admirando o vasto espaço circular. Exatamente como lembrava, o mausoléu

subterrâneo da Sagrada Família tinha uma rotunda alta e bancos para centenas de fiéis. Lanternas a óleo douradas, postas a intervalos na circunferência do salão, iluminavam um piso de mosaico representando trepadeiras retorcidas, raízes, galhos, folhas e outras imagens da natureza.

Uma cripta era literalmente um local “oculto”, e Langdon achava quase inconcebível que Gaudí tivesse escondido com sucesso um salão tão grande embaixo da igreja. Isso não se parecia nem um pouco com a brincalhona “cripta inclinada” da Colònia Güell; esse espaço era uma austera câmara neogótica com colunas com folhas, arcos pontudos e abóbadas enfeitadas. O ar era mortalmente parado e tinha um leve cheiro de incenso.

Ao pé da escada um recesso profundo estendia-se à esquerda. O piso de arenito claro sustentava uma laje cinza e despretensiosa disposta horizontalmente e cercada por lanternas.

O próprio, percebeu Langdon, lendo a inscrição em latim.

ANTONIUS GAUDÍ

Enquanto examinava o local de descanso de Gaudí, Langdon sentiu de novo a perda aguda de Edmond. Levantou os olhos para a estátua da Virgem Maria acima do túmulo, cuja base tinha um símbolo desconhecido.

Que negócio é esse?

Langdon olhou o ícone estranho.





Raramente Langdon via um símbolo que não conseguia identificar. Nesse caso tinha uma letra grega lambda – que, na sua experiência, não aparecia no simbolismo cristão. O lambda era um símbolo científico, comum nas áreas da evolução, da física de partículas e na cosmologia. Mais estranho ainda: havia uma cruz cristã brotando para cima a partir do topo desse lambda específico.

A religião sustentada pela ciência? Nunca tinha visto nada assim.

– Perplexo com o símbolo? – perguntou Beña, chegando ao lado de Langdon. –

O senhor não é o único. Mas não passa de uma interpretação tremendamente modernista de uma cruz no topo de uma montanha.

Langdon avançou um pouco, agora vendo três fracas estrelas douradas acompanhando o símbolo.

Três estrelas nessa posição, pensou, reconhecendo imediatamente. *A cruz no topo do Monte Carmelo*.

– É uma cruz *carmelita*.

– Correto. O corpo de Gaudí está embaixo da Santa Virgem Maria do Monte Carmelo.

– Gaudí era carmelita? – perguntou Langdon, achando difícil imaginar o arquiteto modernista seguindo a interpretação rígida do catolicismo feita pela irmandade do século XII.

– Com certeza não – respondeu Beña, rindo. – Mas quem *cuidava* dele era. Um grupo de freiras carmelitas morava com Gaudí e cuidou

dele nos últimos anos. Elas acreditavam que ele gostaria de ser protegido também na morte e deram esse

presente generoso para esta capela.

– Muito amável – disse Langdon, censurando-se por ter interpretado mal um símbolo tão inocente.

Pelo jeito, todas as teorias da conspiração que circulavam esta noite tinham feito com que até ele começasse a conjurar fantasmas.

– Esse é o livro de Edmond? – perguntou Ambra de repente.

Os dois homens se viraram e a viram ir para as sombras à direita do túmulo de Gaudí.

– É – respondeu Beña. – Desculpe a luz ser tão fraca.

Ambra foi rapidamente para a caixa de vidro e Langdon a acompanhou, vendo que o livro tinha sido relegado a uma parte escura da cripta, sombreado por uma coluna enorme à direita do túmulo.

– Normalmente colocamos ali os panfletos de informações – disse Beña –, mas eu os transferi para outro lugar, abrindo espaço para o livro do Sr. Kirsch. Parece que ninguém notou.

Langdon se juntou rapidamente a Ambra perto de uma caixa parecida com uma arca, com o tampo de vidro inclinado. Dentro, aberta na página 163, quase invisível à luz fraca, estava uma enorme edição das *Obras Completas de William Blake*.

Como Beña tinha informado, a página em questão não continha um poema, e sim uma ilustração. Langdon tinha pensado em quais das imagens de Deus feitas por Blake deveria esperar, mas certamente não era *aquela*.

O Ancião dos Dias, pensou, franzindo os olhos na escuridão para enxergar a famosa aquarela de Blake pintada em 1794.

Langdon ficou surpreso porque o padre Beña tinha chamado aquilo de “imagem de Deus”. De fato, a ilustração *parecia* representar o arquetípico Deus cristão: um velho barbado com cabelos brancos, empoleirado nas nuvens e estendendo a mão para baixo. Mas um pouco de pesquisa por parte de Beña revelaria algo muito diferente. Na verdade, a figura não era o Deus cristão, e sim uma divindade chamada Urizen – um deus conjurado pela imaginação visionária de Blake. Ali, ele era representado medindo o céu com um compasso gigantesco, prestando homenagem às leis científicas do Universo.

A obra tinha um estilo tão futurista que, séculos depois, o famoso físico e ateu Stephen Hawking a havia escolhido como ilustração para a capa do seu livro *Deus Criou os Números Inteiros*. Além disso, o atemporal demiurgo de Blake vigiava o Rockefeller Center de Nova York, olhando de cima de uma escultura art déco intitulada *Sabedoria, Luz e Som*.

Langdon olhou para o livro, imaginando de novo por que Edmond teria se esforçado tanto para que ele fosse exposto ali. *Seria pura vingança? Um tapa na cara da Igreja Católica?*

A guerra de Edmond contra a religião nunca chega ao fim, pensou Langdon, olhando o Urizen de Blake. A riqueza dera a Edmond a capacidade de fazer o que

desejava na vida, mesmo que fosse expor uma arte blasfema no coração de uma igreja cristã.

Raiva e ressentimento, pensou. *Talvez seja simples assim*. Justa ou injustamente, Edmond sempre havia culpado a religião institucionalizada pela morte da mãe.

– Claro, eu tenho pleno conhecimento de que esta pintura não é do Deus *cristão*

– disse Beña.

Langdon se virou para o velho sacerdote com surpresa.

– Tem?

– Sim, Edmond foi muito explícito com relação a isso, mesmo não precisando.

Eu conheço as ideias de Blake.

– E mesmo assim não teve problema em expor o livro?

– Professor – sussurrou o padre, sorrindo –, esta é a Sagrada Família. Dentro dessas paredes, Gaudí fundiu Deus, ciência e natureza. O tema desta pintura não é nada de novo para nós. – Seus olhos piscaram misteriosamente. – Nem todos os membros do nosso clero são tão progressistas quanto eu, mas, como o senhor sabe, para todos nós o cristianismo continua sendo uma obra inacabada. – Ele deu um sorriso gentil, assentindo de novo na direção do livro. – Fico feliz porque o Sr.

Kirsch concordou em não expor o cartão dele junto com o livro. Considerando sua reputação, não sei como eu explicaria isso, especialmente depois da apresentação desta noite. – Beña fez uma pausa, com o rosto sombrio. – Mas sinto que esta imagem não é o que vocês esperavam encontrar, não é?

– O senhor está certo. Estamos procurando um verso de um poema de Blake.

– “Tygre Tygre, chama que arde pura / Nas florestas da noite escura”? – sugeriu Beña.

Langdon sorriu, impressionado ao ver que Beña sabia de cor os primeiros versos do poema mais famoso de Blake – uma busca religiosa de seis estrofes perguntando se o mesmo Deus que havia criado o temível tigre também criara o dócil cordeiro.

– Padre Beña? – chamou Ambra, agachando-se e olhando atentamente pelo vidro. – Por acaso, o senhor tem um celular ou uma lanterna portátil?

– Não, sinto muito. Devo pegar uma lamparina do túmulo de Antoni?

– O senhor poderia, por favor? Seria útil.

Beña se afastou a passos rápidos.

No instante em que ele saiu, ela sussurrou, ansiosa:

– Robert! Edmond não escolheu a página 163 por causa da pintura!

– Como assim? – *Não há mais nada na página 163.*

– É um ardil inteligente.

– Não entendi – disse Langdon, olhando a pintura.

– Edmond escolheu a página 163 porque é impossível mostrá-la sem mostrar *simultaneamente* a página ao lado, a 162!



Langdon virou o olhar para a esquerda, examinando a página anterior ao *Ancião dos Dias*. À luz fraca não conseguia enxergar grande coisa, a não ser que parecia consistir, toda ela, em um texto escrito à mão com letras minúsculas.

Beña voltou com a lamparina a óleo e entregou a Ambra, que a manteve acima do livro. Enquanto a claridade suave se espalhava sobre o volume aberto, Langdon ofegou, espantado.

A página tinha um texto escrito à mão, como todos os originais de Blake, e as margens eram enfeitadas com desenhos, molduras e figuras variadas. Porém, mais significativo, o texto parecia organizado em estrofes elegantes.

Diretamente acima, na área principal do santuário, o agente Díaz andava de um lado para outro no escuro, imaginando onde seu parceiro estaria.

Fonseca já deveria ter voltado.

Quando o telefone em seu bolso começou a vibrar, ele achou que provavelmente era Fonseca ligando, mas ao verificar o identificador de chamadas viu um nome que jamais esperaria.

Mónica Martín

Não conseguia imaginar o que a coordenadora de RP desejava, mas, o que quer que fosse, ela deveria estar ligando diretamente para Fonseca. *Ele é o agente principal dessa equipe.*

– Alô – disse. – Aqui é o Díaz.

– Agente Díaz, aqui é Mónica Martín. Tenho alguém que precisa falar com o senhor.

Um instante depois uma voz forte soou na linha.

– Agente Díaz, aqui é o comandante Garza. Por favor, diga que a Srta. Vidal está em segurança.

– Sim, comandante – respondeu Díaz, assumindo involuntariamente a posição de sentido ao som da voz de Garza. – A Srta. Vidal está em perfeita segurança. No momento, o agente Fonseca e eu estamos com ela dentro…

– Não diga isso numa linha de telefone aberta – interrompeu Garza, taxativo. –

Se ela está num lugar seguro, mantenha-a aí. Não se mexa. Fico aliviado em escutar sua voz. Nós tentamos ligar para o agente Fonseca, mas ele não atendeu. Ele está com você?

– Sim, senhor. Ele se afastou um pouco para dar um telefonema, mas deve retornar…

– Não tenho tempo para esperar. No momento estou detido e a Srta. Martín me emprestou o telefone dela. Ouça com muita atenção. Essa

história de sequestro, como sem dúvida você sabe, é falsa. Colocou a Srta. Vidal num risco tremendo.

O senhor não faz ideia, pensou Díaz, lembrando-se da cena caótica na cobertura da Casa Milà.

– Também não é verdade que eu acusei falsamente o bispo Valdespino.

– Eu tinha imaginado isso, senhor, mas…

– A Srta. Martín e eu estamos tentando descobrir o melhor modo de administrar essa situação, mas até que possamos fazer isso você precisa manter a futura rainha longe dos olhos do público. Está claro?

– Sim, senhor. Mas *quem* deu a ordem?

– Não posso falar pelo telefone. Faça o que eu pedi e mantenha Ambra Vidal longe da mídia e de qualquer perigo. A Srta. Martín vai informá-lo sobre qualquer novidade.

Garza desligou e Díaz ficou sozinho no escuro, tentando entender o telefonema.

Enquanto enfiava a mão no paletó para guardar o telefone, ouviu um farfalhar de tecido atrás. Quando se virou, duas mãos pálidas emergiram do negrume e baixaram com força sobre sua cabeça. Com uma velocidade ofuscante, as mãos a torceram para um dos lados.

Díaz sentiu o pescoço estalar e um calor lancinante irrompeu dentro do seu crânio.

Então tudo ficou preto.



C A P Í T U L O **7 1**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

NOVA ESPERANÇA PARA A BOMBÁSTICA DESCOBERTA DE KIRSCH!

Há algum tempo a coordenadora de relações públicas do Palácio Real de Madri, Mónica Martín, fez uma declaração oficial dizendo que a futura rainha, Ambra Vidal, foi sequestrada e está sendo mantida em cativeiro pelo professor americano Robert Langdon. O palácio insistiu que as autoridades locais se envolvessem e a encontrassem.

O informante monte@iglesia.org acaba de nos mandar a seguinte declaração: **A ALEGAÇÃO DE SEQUESTRO FEITA PELO PALÁCIO É 100 POR CENTO FALSA – UM**

ARDIL PARA USAR A POLÍCIA LOCAL COM A INTENÇÃO DE IMPEDIR QUE

LANGDON

ALCANCE

SEU

OBJETIVO

EM

BARCELONA

(LANGDON/VIDAL

ACREDITAM QUE AINDA PODEM ENCONTRAR UM MODO DE DIVULGAR AO MUNDO

A DESCOBERTA DE KIRSCH). SE TIVEREM SUCESSO, A APRESENTAÇÃO DE KIRSCH

PODE IR AO AR A QUALQUER MOMENTO. FIQUEM LIGADOS.

Incrível! E vocês ficaram sabendo primeiro aqui. Langdon e Ambra estão fugindo porque querem terminar o que Edmond Kirsch começou! O palácio parece desesperado para impedi-los. (Valdespino de novo? E onde está o príncipe em tudo isso?)

Mais notícias assim que tivermos, mas fiquem ligados porque os segredos de Kirsch ainda podem ser revelados esta noite!

C A P Í T U L O **7 2**

O príncipe Julián olhava para a área rural que ia passando do lado de fora do sedã Opel do acólito e tentava entender o comportamento estranho do bispo.

Valdespino está escondendo alguma coisa.

Fazia mais de uma hora que o bispo havia tirado Julián de forma secreta do palácio – uma ação tremendamente irregular – garantindo que era para a própria segurança do príncipe.

Ele pediu que eu não questionasse… apenas que confiasse.

O bispo sempre havia sido como um tio para ele, e era um confidente do seu pai. Mas a proposta de Valdespino, de se esconderem na Casita del Príncipe, tinha parecido duvidosa desde o início. *Há alguma coisa errada. Estou isolado, sem telefone, sem segurança, sem notícias, e ninguém sabe onde me encontro.*

Agora, enquanto o carro sacolejava pelas trilhas rurais perto da casa de campo, Julián olhou a estrada no meio da floresta. Cem metros à frente, surgia a longa entrada de veículos que levava ao retiro remoto.

Enquanto visualizava a residência deserta, Julián sentiu um súbito instinto de cautela. Inclinou-se à frente e pôs a mão firme no ombro do acólito atrás do volante.

– Pare aqui, por favor.

Valdespino ficou surpreso.

– Estamos quase…

– Quero saber o que está acontecendo! – trovejou o príncipe, com a voz soando alta dentro do carro.

– Don Julián, esta noite foi tumultuosa, mas o senhor deve…

– Devo *confiar* no senhor?

– Sim.

Julián apertou o ombro do jovem motorista e apontou para o acostamento coberto de capim na estrada deserta.

– Pare – ordenou incisivamente.

– Continue em frente – contrapôs Valdespino. – Don Julián, eu vou explicar…

– *Pare o carro!* – gritou o príncipe.

O acólito virou para o acostamento, parando no capim.

– Deixe-nos a sós, por favor – ordenou Julián, com o coração batendo rápido.

O acólito não precisou ouvir duas vezes. Saltou do carro e desapareceu na escuridão, deixando Valdespino e Julián sozinhos no banco de trás.

Sob o luar pálido, Valdespino parecia subitamente amedrontado.

– O senhor *deveria mesmo* ficar com medo – disse Julián numa voz tão autoritária que espantou a si próprio.

Valdespino recuou, atônito com o tom ameaçador que Julián nunca antes tinha usado com ele.

– Sou o futuro rei da Espanha. Esta noite o senhor tirou minha equipe de segurança, me negou acesso ao meu telefone e ao meu pessoal, me proibiu de ouvir qualquer notícia e se recusou a deixar que eu entrasse em contato com minha noiva.

– Peço desculpas… – começou Valdespino.

– O senhor terá que fazer mais do que isso – interrompeu Julián, olhando irritado para o bispo, que agora lhe parecia estranhamente pequeno.

Valdespino respirou fundo e encarou Julián no escuro.

– Eu fui contatado no início desta noite, Don Julián, e orientado a…

– Contatado por quem?

O bispo hesitou.

– Pelo seu pai. Ele está profundamente perturbado.

Está? Julián tinha visitado o pai apenas dois dias antes, no Palacio de la Zarzuela, e o encontrara num ânimo excelente, apesar da saúde deteriorada.

– Por que ele está perturbado?

– Infelizmente ele assistiu à transmissão feita por Edmond Kirsch.

Julián sentiu o queixo se retesar. Seu pai doente dormia quase 24 horas por dia e jamais deveria estar acordado àquela hora. Além disso, o rei sempre proibira aparelhos de televisão e computadores nos quartos dos palácios, que ele insistia que eram santuários

reservados ao sono e à leitura – e os enfermeiros do rei teriam o bom senso de impedir que ele tentasse sair da cama para assistir ao espetáculo publicitário de um ateu.

– Foi minha culpa – disse Valdespino. – Eu lhe dei um tablet há algumas semanas, para que ele não se sentisse isolado do mundo. Ele estava aprendendo a mandar mensagens de texto e e-mail. Acabou vendo o evento de Kirsch no tablet.

Julián ficou nauseado ao pensar no pai, possivelmente nas últimas semanas de vida, assistindo a uma transmissão anticatólica e provocadora de discórdia que havia terminado em um sangrento ato de violência. O rei deveria estar refletindo sobre as muitas coisas extraordinárias que tinha realizado pelo país.

– Como o senhor pode imaginar – continuou Valdespino, recuperando a compostura –, as preocupações de seu pai foram muitas, mas ele ficou particularmente perturbado com o tom das observações de Kirsch e com a disposição de sua noiva em ser a anfitriã do evento. O rei sentiu que o envolvimento da futura rainha teria um reflexo muito negativo sobre o senhor… e sobre o palácio.

– Ambra é dona de si. Meu pai sabe disso.

– Seja como for, quando ele telefonou, estava lúcido e com uma raiva que eu não presenciava havia anos. Ordenou que eu levasse o senhor até ele imediatamente.

– Então por que estamos *aqui*? – perguntou Julián, indicando a entrada de veículos para a *casita*. – Ele está em Zarzuela.

– Não mais – disse Valdespino baixinho. – Ele deu ordens para que seus ajudantes e enfermeiros o vestissem, colocassem numa cadeira de rodas e o levassem a outro local, para que passasse os últimos dias cercado pela história de seu país.

Enquanto o bispo falava essas palavras, Julián percebeu a verdade.

La Casita jamais foi o nosso destino final.

Trêmulo, Julián deu as costas para o bispo, olhando *para além* da entrada de veículos da casa de campo, para a estrada rural que se estendia à frente deles. A distância, por entre as árvores, podia vislumbrar as torres iluminadas de uma construção gigantesca.

El Escorial.

A menos de 1,5 quilômetro, parecendo uma fortaleza na base do Monte Abantos, ficava uma das maiores estruturas religiosas do mundo – o fabuloso El Escorial, da Espanha. Com mais de três hectares de área, o complexo abrigava um mosteiro, uma basílica, um palácio real, um museu, uma biblioteca e uma série das mais apavorantes câmaras funerárias que Julián já vira.

A Cripta Real.

O pai de Julián o havia levado à cripta quando ele estava com apenas 8 anos, guiando o menino pelo Panteón de Infantes, um labirinto de câmaras que transbordavam de túmulos de crianças da família real.

Julián jamais se esqueceria de quando viu o horrendo túmulo “bolo de aniversário”: um enorme sepulcro redondo que parecia um bolo branco em camadas e continha os restos de 60 crianças da família real, todas postas em “gavetas” que deslizavam para dentro do “bolo” por toda a eternidade.

O terror de Julián ao ver aquela tumba medonha foi eclipsado alguns minutos depois quando seu pai o levou para ver o lugar de descanso final de sua mãe. Julián tinha esperado encontrar um túmulo de mármore digno de uma rainha, mas em vez disso o corpo da mãe estava numa caixa de chumbo numa sala de pedra nua no fim de um corredor comprido. O rei explicou que, no momento, a mãe de Julián estava enterrada em um *pudridero* – uma “câmara de apodrecimento” –, onde os cadáveres reais ficavam durante 30 anos, até que da carne só restasse pó, e então eram transferidos para os sepulcros permanentes. Julián se lembrava de ter precisado de toda

a força que possuía para lutar contra as lágrimas e a ânsia de vomitar.

Em seguida seu pai o levou para o topo de uma escada íngreme que parecia descer para sempre na escuridão subterrânea. Ali as paredes e os degraus não eram mais de mármore branco, e sim de uma majestosa cor âmbar. A cada três degraus, velas votivas lançavam uma luz tremeluzente na pedra marrom-amarelada.

O pequeno Julián levantou a mão e segurou o antigo corrimão de corda, descendo com o pai, um degrau de cada vez… para o fundo das trevas. Na base da escada o rei abriu uma porta ornamentada e ficou de lado, sinalizando para o menino

entrar.

O Panteão dos Reis, disse seu pai.

Mesmo aos 8 anos, Julián tinha ouvido falar daquela sala – um local de lendas.

Tremendo, passou pela soleira e se viu numa resplandecente câmara ocre. Com a forma de um octógono, a sala cheirava a incenso e parecia entrar e sair de foco à luz desigual das velas que ardiam no lustre do teto. Julián foi para o centro, girando lentamente, sentindo-se frio e pequeno naquele espaço solene.

Todas as oito paredes continham nichos fundos onde caixões pretos idênticos estavam empilhados do chão ao teto, cada qual com uma placa dourada. Os nomes nos caixões vinham das páginas dos livros de história de Julián: rei Fernando…

rainha Isabel… rei Carlos V, sacro imperador romano.

No silêncio Julián sentiu o peso da mão amorosa do pai no ombro e a seriedade do momento o dominou. *Um dia meu pai será enterrado nesta mesma sala.*

Sem dizer uma palavra, pai e filho saíram do fundo da terra, para longe da morte e de volta à luz. Assim que estavam do lado de fora, sob o sol chamejante da Espanha, o rei se agachou e olhou nos olhos do filho.

– *Memento mori* – sussurrou o monarca. – Lembre-se da morte. Até para os que detêm grande poder, a vida é breve. Só existe um modo de triunfar sobre a morte: tornando nossa vida uma obra-prima. Devemos aproveitar cada oportunidade de demonstrar gentileza e amar plenamente. Vejo nos seus olhos que você tem a alma generosa de sua mãe. Sua consciência será seu guia. Quando a vida estiver escura, deixe seu coração mostrar o caminho.

Décadas depois, Julián não precisava que ninguém o lembrasse de que fizera pouquíssima coisa para tornar sua vida uma obra-prima. De fato, ele mal conseguira escapar da sombra do rei e se estabelecer como uma pessoa independente.

Desapontei meu pai em todos os sentidos.

Durante anos, Julián havia seguido o conselho paterno e deixado que seu coração mostrasse o caminho; mas essa era uma estrada tortuosa, já que seu coração ansiava por uma Espanha totalmente contrária à do seu pai. Seus sonhos para o país amado eram tão ousados que jamais poderiam ser pronunciados até a morte do rei.

E, mesmo então, Julián não fazia ideia de como seus atos seriam recebidos, não somente pelo Palácio Real, mas por toda a nação. Tudo que podia fazer era esperar, manter o coração aberto e respeitar a tradição.

E então, três meses antes, tudo havia mudado.

Conheci Ambra Vidal.

A beldade vivaz e de personalidade forte tinha virado o mundo de Julián de cabeça para baixo. Dias depois de se conhecerem, Julián entendera finalmente as palavras do seu pai. *Deixe seu coração mostrar o caminho… e aproveite cada oportunidade de amar*

plenamente! A empolgação de se apaixonar era diferente de tudo o que Julián já havia experimentado, e ele sentiu que poderia estar dando os primeiros passos para tornar sua vida uma obra-prima.

Mas agora, enquanto olhava a estrada com expressão vazia, foi dominado por um premonitório sentimento de solidão e isolamento. Seu pai estava morrendo; a mulher amada não queria falar com ele; e ele tinha acabado de censurar seu mentor, o bispo Valdespino.

– Príncipe Julián – chamou o bispo com urgência –, deveríamos ir. Seu pai está frágil e ansioso para falar com o senhor.

Julián se virou lentamente para o amigo de toda a vida de seu pai.

– Quanto tempo o senhor acha que ele tem? – sussurrou.

A voz de Valdespino tremeu como se o bispo estivesse à beira das lágrimas.

– Ele pediu para não preocupar o senhor, mas sinto que o fim vai chegar mais depressa do que todos haviam previsto. Ele quer se despedir.

– Por que não me disse aonde estávamos indo? Por que todas as mentiras e segredos?

– Desculpe, eu não tinha escolha. Seu pai me deu ordens explícitas. Ordenou que eu o isolasse do mundo e das notícias até que ele tivesse a chance de falar com o senhor pessoalmente.

– Me isolar de… *quais* notícias?

– Acho que será melhor se o seu pai explicar.

Julián examinou o bispo por um longo momento.

– Antes de eu me encontrar com ele, há algo que preciso saber. Ele está lúcido?

Está racional?

Valdespino lhe deu um olhar de dúvida.

– Por que pergunta isso?

– Porque as exigências dele esta noite parecem estranhas e impulsivas.

Valdespino assentiu com tristeza.

– Impulsivo ou não, o seu pai ainda é o rei. Eu o amo e faço o que ele ordena.

Todos fazemos.

C A P Í T U L O **7 3**

Lado a lado, junto da vitrine de exposição, Robert Langdon e Ambra Vidal olhavam a obra de William Blake, iluminada pela claridade suave da lâmpada a óleo. O padre Beña tinha se afastado para ajeitar alguns bancos, educadamente lhes dando alguma privacidade.

Langdon estava achando difícil ler as letras minúsculas do poema escrito à mão, mas o cabeçalho maior no topo da página era perfeitamente legível.

Os Quatro Zoas

Ao ver as palavras, sentiu instantaneamente um raio de esperança. *Os Quatro Zoas* era o título de um dos poemas proféticos mais conhecidos de Blake – uma obra gigantesca dividida em nove "noites", ou capítulos. Os temas do poema, como Langdon recordava da leitura no tempo de faculdade, se concentravam na morte da religião convencional e no domínio subsequente da ciência.

Examinou as estrofes, vendo as linhas escritas à mão terminarem na metade da página num elegantemente desenhado "*finis divisionem*"

– o equivalente gráfico de

“Fim”.

É a última página do poema, percebeu. *O final de uma das obras-primas proféticas de Blake.*

Inclinou-se e forçou a vista para tentar enxergar a letra minúscula, mas não conseguia ler o texto à luz fraca da lanterna a óleo.

Ambra já estava agachada com o rosto a dois centímetros do vidro. Examinou o poema em silêncio, parando para ler um dos versos em voz alta.

– *“E o Homem caminha saindo do fogo, o mal está totalmente consumido.”* –

Ela se virou para Langdon. – O mal está totalmente consumido?

Langdon pensou nisso, assentindo vagamente.

– Acho que Blake está se referindo à erradicação da religião corrupta. Um futuro sem religião é uma das suas profecias recorrentes.

Ambra pareceu esperançosa.

– Edmond disse que seu verso predileto era uma profecia que ele esperava que se *realizasse*.

– Bom – observou Langdon –, um futuro sem religião com certeza é algo que

Edmond desejava. Quantas letras tem esse verso?

– Mais de cinquenta.

Ela voltou a esquadrinhar o poema, parando um instante depois.

– Que tal esta: *“Expandindo-se, os olhos do Homem contemplam as profundezas de mundos maravilhosos.”*

– É possível – respondeu Langdon, pensando no significado: *O intelecto humano continuará a crescer e evoluir com o tempo, nos permitindo enxergar mais profundamente a verdade.*

– Letras demais – disse Ambra. – Vou continuar lendo.

Enquanto ela se debruçava sobre a página, Langdon começou a andar de um lado para outro. Os versos que Ambra havia lido ecoavam em sua mente e invocavam uma lembrança distante de quando tinha estudado Blake num curso de Literatura Inglesa em Princeton.

Imagens começaram a se formar, como acontecia às vezes com sua memória fotográfica. Essas imagens suscitavam outras, numa sucessão interminável. De repente, Langdon visualizou o professor diante da turma que tinha terminado de ler *Os Quatro Zoas.* Parado na frente dos alunos, ele fez a pergunta ancestral: *O que vocês escolheriam: um mundo sem religião ou um mundo sem ciência?* Antes que a turma se manifestasse, o professor acrescentou: *William Blake, sem dúvida, tinha uma preferência, e em nenhum lugar sua esperança para o futuro foi mais bem resumida do que no último verso desse poema épico.*

Langdon inspirou subitamente e virou para Ambra, que ainda estava examinando o texto de Blake.

– Vá para o fim do poema! – disse ele, agora se lembrando do último verso.

Ambra foi para o verso final. Depois de focalizar um momento, virou-se para ele com os olhos arregalados.

Langdon se juntou a ela perto do livro, fitando o texto. Agora que conhecia o verso, podia identificar as letras fracas, escritas à mão:
The dark religions are departed & sweet science reigns

– *“As religiões das trevas partiram”* – leu Ambra em voz alta. – *“E reina a doce ciência”.*

O verso era não somente uma profecia que Edmond poderia endossar, mas essencialmente uma sinopse de sua apresentação daquela noite.

As religiões irão desaparecer… e a ciência dominará.

Ambra começou a contar com cuidado as letras do verso, mas Langdon sabia que era desnecessário. *É isso. Sem dúvida*. Sua mente já estava concentrada em acessar Winston e transmitir a apresentação de Edmond. Depois, em particular, ele

teria que explicar a Ambra seu plano para fazer isso.

Virou-se para o padre Beña, que estava retornando nesse instante.

– Padre? – chamou. – Praticamente acabamos aqui. O senhor se incomodaria em subir e dizer aos agentes da Guardia para solicitarem o helicóptero? Precisamos partir imediatamente.

– Claro – respondeu Beña, indo em direção à escada. – Espero que tenham encontrado o que procuravam. Vejo-os lá em cima num instante.

Enquanto o padre desaparecia na escada, Ambra deu as costas para o livro, subitamente alarmada.

– Robert, esse verso é curto demais. Contei duas vezes. Só tem 46 letras.

Precisamos de 47.

– O quê? – Robert foi até ela e, estreitando os olhos para conseguir ler, contou com cuidado cada letra escrita à mão. *“The dark religions are departed & sweet science reigns.”* De fato, dava 46. Pasmo, correu os olhos pelo verso de novo. –

Edmond disse mesmo que eram 47, e não 46?

– Com certeza absoluta.

Langdon leu outra vez. *Mas tem que ser esse*, pensou. *O que estou deixando passar?*

Com muita atenção, examinou cada letra do último verso do poema de Blake.

Estava quase no final quando viu.

...& sweet science reigns.

– O ampersand – disse bruscamente. – O símbolo que Blake usou em vez de escrever a palavra *and*.

Ambra o olhou com estranheza e balançou a cabeça.

– Robert, se colocarmos a palavra *and*… o verso terá *48* letras. É grande demais.

Não é verdade. Langdon sorriu. *É um código dentro de um código.*

Langdon se maravilhou com o ardil inteligente de Edmond. O gênio paranoico tinha usado um truque tipográfico simples para garantir que, mesmo se alguém descobrisse *qual* era seu verso predileto, não pudesse digitá-lo de modo correto.

O código do ampersand, pensou Langdon. *Edmond se lembrava dele.*

A origem do ampersand, sinal gráfico hoje conhecido como “e comercial”, era uma das primeiras coisas que Langdon ensinava em seus cursos de Simbologia. O

símbolo “&” era um *logograma* – literalmente uma imagem representando uma palavra. Ainda que muitas pessoas presumissem que o símbolo derivava da palavra inglesa *and*, na verdade derivava

da palavra latina *et*. O desenho incomum do ampersand, “&”, era uma fusão tipográfica das letras *E* e *T* – com a ligadura ainda

visível em fontes de computador como a Trebuchet, cujo ampersand ecoava claramente a origem latina: “&”.

Langdon jamais se esqueceria de que, uma semana depois de ter falado sobre esse símbolo para a turma de Edmond, o jovem gênio tinha aparecido com uma camiseta onde estava estampada a mensagem: *Ampersand phone home!* Uma alusão brincalhona ao filme de Spielberg sobre um extraterrestre chamado “ET” que estava tentando voltar para casa.

Agora, parado junto ao poema de Blake, pôde visualizar perfeitamente a senha de 47 letras.

thedarkreligionsaredepartedetsweetsciencereigns

É a quintessência do Edmond, pensou, compartilhando rapidamente com Ambra o truque esperto que o ex-aluno havia usado para acrescentar um nível de segurança à senha.

Ao entender o jogo de letras, Ambra abriu o maior sorriso que Langdon a vira dar desde que tinham se conhecido.

– Bom – disse ela –, acho que, se eu já tive alguma dúvida de que Edmond Kirsch era um geek…

Os dois riram juntos, aproveitando o momento para respirar fundo na solidão da cripta.

– Você descobriu a senha – disse ela, parecendo agradecida. – E lamento, mais do que nunca, ter perdido o telefone de Edmond. Se ele ainda estivesse conosco, poderíamos transmitir a apresentação de Edmond agora mesmo.

– A culpa não foi sua – Langdon a tranquilizou. – E, como eu disse, sei de um modo para encontrar o Winston.

Pelo menos acho que sei, pensou ele, esperando estar certo.

Enquanto Langdon imaginava a vista aérea de Barcelona, refletindo sobre o enigma incomum que tinha pela frente, o silêncio da cripta foi quebrado por um som forte ecoando na escada.

Lá em cima, o padre Beña estava gritando e chamando os dois.

C A P Í T U L O **7 4**

– Rápido! Srta. Vidal… professor Langdon… depressa!

Langdon e Ambra subiram correndo a escada da cripta enquanto os gritos desesperados do padre Beña continuavam. Quando chegaram ao último degrau e entraram no santuário, Langdon se perdeu numa cortina de breu.

Não consigo ver nada!

Passou a avançar a passos lentos na escuridão, seus olhos se esforçando para se ajustar depois da claridade das lamparinas a óleo, lá embaixo. Ambra o alcançou, também com dificuldade para enxergar.

– Aqui! – gritou Beña em desespero.

Foram na direção do som, finalmente vendo o padre nas bordas da luz que se derramava da escada. Ele estava de joelhos, curvado sobre a silhueta escura de um corpo.

Ao chegarem ao lado de Beña, Langdon se encolheu ao ver o corpo do agente Díaz no chão, a cabeça torcida de modo grotesco. Díaz estava de bruços, mas a cabeça tinha sido virada 180 graus para trás, de modo que os olhos sem vida apontavam para o teto da catedral. Langdon se contraiu horrorizado, entendendo o pânico nos gritos do padre.

Um medo gelado o atravessou e ele se levantou abruptamente, sondando a escuridão em busca de qualquer sinal de movimento na

igreja enorme.

– A arma dele – sussurrou Ambra, apontando para o coldre vazio de Díaz. –

Sumiu. – Ela olhou a escuridão ao redor e gritou: – Agente Fonseca?

Ali perto, houve um ruído repentino de passos nos ladrilhos e o som de corpos colidindo numa luta feroz. Então, de súbito, a explosão ensurdecedora de um tiro ressoou. Langdon, Ambra e Beña saltaram para trás e, enquanto o tiro ecoava pelo santuário, eles escutaram uma voz cheia de dor alertando:

– *¡Corre!*

Um segundo tiro explodiu, seguido por uma pancada forte: o ruído inconfundível de um corpo batendo no chão.

Langdon já havia agarrado a mão de Ambra e a estava puxando para as sombras profundas perto da parede lateral do santuário. O padre Beña vinha logo atrás deles, os três agachando-se num silêncio rígido, encostados na pedra fria.

O olhar de Langdon sondou a escuridão enquanto ele tentava entender o que acontecia.

Alguém acaba de matar Díaz e Fonseca! Quem está aqui conosco? E o que essa pessoa quer?

Só havia uma resposta lógica: o matador que espreitava no escuro da Sagrada Família não tinha vindo assassinar dois agentes da Guardia… tinha ido atrás de Ambra e dele.

Alguém ainda está tentando silenciar a descoberta de Edmond.

De repente, a luz forte de uma lanterna se acendeu no meio da igreja, o facho girando para um lado e para outro num arco amplo, movendo-se na direção deles.

Langdon sabia que tinham apenas alguns segundos antes que a luz os encontrasse.

– Por aqui – sussurrou Beña, puxando Ambra na direção oposta.

Langdon foi atrás enquanto a luz se aproximava. Beña e Ambra viraram subitamente à direita, desaparecendo numa abertura na pedra, e Langdon os seguiu –

tropeçando numa escada que não conseguia enxergar. Ambra e Beña começaram a subir enquanto Langdon recuperava o equilíbrio e continuava seguindo-os, olhando para trás e vendo o facho de luz apontado na direção da entrada da escada, iluminando os degraus de baixo.

Ficou imóvel na escuridão, esperando.

A luz permaneceu ali por um longo momento, depois começou a ficar mais forte.

Ele está vindo para cá!

Dava para ouvir Ambra e Beña subindo acima dele o mais silenciosamente possível. Langdon girou e correu atrás dos dois, mas tropeçou de novo, colidindo com uma parede e percebendo que a escada não era reta, e sim curva. Encostando a mão na parede para se orientar, começou a subir numa espiral apertada, entendendo rapidamente onde estava.

A famosa e traiçoeira escada em espiral da Sagrada Família.

Levantou os olhos e viu uma claridade muito fraca descendo pelas aberturas de iluminação, apenas o suficiente para revelar o fosso estreito ao seu lado. Sentiu as pernas se retesarem e parou, dominado pela claustrofobia naquela passagem esmagadoramente pequena.

Continue subindo! , instigava sua mente racional, mas os músculos estavam contraídos de medo.

Em algum lugar embaixo, Langdon podia ouvir o som de passos pesados se aproximando, vindos do santuário. Obrigou-se a continuar em movimento, seguindo o mais rápido possível pelos degraus que espiralavam para o alto. Acima, a luz fraca ficou mais forte quando ele passou diante de uma abertura na parede – uma fenda larga pela qual vislumbrou as luzes da cidade. Um sopro de ar frio o atingiu e ele mergulhou de volta na escuridão, subindo mais ainda.

Passos soaram na escada embaixo e a lanterna sondava em movimentos irregulares pelo fosso central. Langdon passou por outra entrada de luz enquanto os passos em perseguição ficavam mais altos. Agora o agressor subia mais depressa,

atrás dele.

Langdon alcançou Ambra e o padre Beña, que estava ofegante. O professor olhou pela borda interna do poço da escada, para o abismo no centro. A visão era estonteante – um buraco estreito e circular que mergulhava pelo centro do que parecia um náutilo gigantesco. Praticamente não havia barreira, só uma borda da altura do tornozelo, que não fornecia nenhuma proteção. Langdon precisou lutar contra uma onda de náusea.

Virou os olhos de volta para a escuridão do poço, acima. Tinha ouvido dizer que havia mais de 400 degraus nessa estrutura; nesse caso, seria impossível chegarem ao topo antes que o homem armado os alcançasse.

– Vocês dois… vão! – ofegou Beña, ficando de lado e insistindo para que Langdon e Ambra passassem por ele.

– De jeito nenhum, padre – disse Ambra, estendendo a mão para baixo e ajudando o velho sacerdote.

Langdon admirou o instinto protetor dela, mas também sabia que subir aquela escada era suicídio – provavelmente terminariam com

balas nas costas. Dos dois instintos de sobrevivência animal – lutar ou fugir –, fugir não era mais opção.

Nunca vamos conseguir.

Deixando Ambra e o padre Beña ir em frente, Langdon se virou na direção contrária e firmou os pés. Abaixo dele o facho da lanterna ia chegando mais perto.

Encostou-se na parede e se agachou nas sombras, esperando até que a luz batesse nos degraus embaixo. De repente, o assassino virou a curva e surgiu – uma forma escura correndo com as duas mãos estendidas, uma segurando a lanterna e a outra uma pistola.

Langdon reagiu por instinto, aproveitando sua localização mais elevada e levantando da posição agachada num salto, lançando-se pelo ar com os pés à frente.

O homem o viu e começou a erguer a arma justo quando os calcanhares de Langdon acertavam seu peito com um golpe violento, empurrando-o de volta contra a parede da escada.

Os próximos segundos foram um borrão.

Langdon caiu de lado, batendo com força, e a dor irrompeu no quadril enquanto o atacante tombava para trás, rolava por vários degraus e parava gemendo, esparramado. A lanterna quicou pelos degraus e rolou até parar, lançando um facho de luz oblíquo pela parede lateral e iluminando um objeto de metal na escada, a meio caminho entre Langdon e o agressor.

A arma.

Os dois saltaram para ela no mesmo instante, mas Langdon estava na posição mais alta e chegou primeiro, agarrando o cabo da arma e a apontando para o atacante, que parou mais embaixo, olhando em desafio para o cano.

Na claridade da lanterna, Langdon pôde ver a barba grisalha e a calça branca engomada… e num instante soube quem era.

O oficial da Marinha que estivera no Guggenheim…

Apontou a arma para a cabeça dele, sentindo o indicador no gatilho.

– Você matou meu amigo Edmond Kirsch.

O homem estava sem fôlego, mas sua resposta foi imediata, a voz parecendo gelo:

– Foi um acerto de contas. Seu amigo Edmond Kirsch matou minha família.

C A P Í T U L O **7 5**

Langdon quebrou minhas costelas.

O almirante Ávila sentia pontadas fortes ao respirar, encolhendo-se de dor enquanto o peito arfava em desespero, tentando restaurar o oxigênio no corpo.

Agachado na escada acima dele, Robert Langdon olhava para baixo, apontando a pistola desajeitadamente para a sua barriga.

O treinamento militar de Ávila logo prevaleceu e ele começou a avaliar a situação. Na coluna dos contras, seu inimigo tinha a arma e a posição mais elevada.

Na coluna dos prós, a julgar pelo modo incomum como o professor segurava a pistola, ele tinha muito pouca experiência com armas de fogo.

Ele não tem intenção de atirar em mim, decidiu Ávila. *Vai me manter aqui e esperar os seguranças.* Pelo que indicavam todos os gritos lá fora, estava claro que os seguranças da Sagrada Família tinham ouvido os tiros e agora entravam correndo na igreja.

Devo agir depressa.

Mantendo as mãos levantadas em rendição, Ávila ficou lentamente de joelhos, sugerindo obediência e submissão completas.

Dê a Langdon a sensação de que ele está no controle.

Apesar da queda pela escada, Ávila podia sentir que o objeto que havia prendido na parte de trás do cinto continuava ali: a pistola de cerâmica com a qual tinha matado Kirsch no Guggenheim. Havia posto a última bala na câmara antes de entrar na igreja, mas não precisara usá-la. Tinha matado um dos guardas em silêncio e roubado sua arma muito mais eficiente, que, por azar, Langdon estava apontando para ele agora. Desejou tê-la travado, supondo que o professor provavelmente não saberia destravá-la.

Pensou em tentar pegar a arma de cerâmica no cinto para atirar primeiro em Langdon, mas, mesmo se tivesse sucesso, estimava suas chances de sobrevivência em cerca de 50 por cento. Um dos perigos de quem não tinha experiência com armas era a tendência a atirar por engano.

Se eu me mexer depressa demais…

O som dos guardas gritando estava chegando mais perto e Ávila soube que, se fosse preso, a tatuagem do “victor” na palma da mão garantiria sua libertação – pelo menos era o que o Regente havia prometido. Mas no momento, depois de matar dois agentes da Guardia Real, não tinha tanta certeza de que a influência do Regente

poderia salvá-lo.

Vim aqui realizar uma missão, lembrou. *E preciso completá-la. Eliminar Robert Langdon e Ambra Vidal.*

O Regente orientara Ávila a entrar na igreja pelo portão de serviço no lado leste, mas ele decidira pular por cima de uma cerca. Tinha visto a polícia espreitando perto do portão leste e, por isso, improvisara.

Langdon falou enfaticamente, olhando para Ávila com raiva, por cima da arma:

– Você disse que Edmond Kirsch matou sua família. É mentira. Edmond não era assassino.

Está certo, pensou Ávila. *Ele era muito pior.*

A verdade sinistra sobre Kirsch era um segredo que Ávila só ficara conhecendo dias antes, por meio de um telefonema do Regente. *Nosso papa está pedindo que você acabe com o famoso futurólogo Edmond Kirsch*, tinha dito o Regente. *As motivações de Sua Santidade são muitas, mas ele gostaria que você realizasse esta missão pessoalmente.*

Por que eu? , perguntara Ávila.

Almirante, sussurrara o Regente. *Lamento dizer, mas Edmond Kirsch foi responsável pelo atentado a bomba que matou sua família na catedral.*

A primeira reação de Ávila fora de absoluta incredulidade. Não conseguia enxergar nenhum motivo para um conhecido cientista da computação explodir uma bomba numa igreja.

O senhor é militar, almirante, explicara o Regente, *portanto sabe melhor do que ninguém: o jovem soldado que puxa o gatilho na batalha não é o matador de verdade. É um peão, fazendo o trabalho dos mais poderosos – governantes, generais, líderes religiosos – que pagaram a ele ou o convenceram de que uma causa vale qualquer preço.*

De fato, Ávila havia testemunhado esse tipo de situação.

As mesmas regras se aplicam ao terrorismo, continuara o Regente. *Os terroristas mais malignos não são as pessoas que constroem as bombas, e sim os líderes influentes que alimentam o ódio entre as massas desesperadas, incitando seus soldados a cometer atos de violência. Só é preciso uma alma sombria e poderosa para criar*

tumulto no mundo ao inspirar a intolerância espiritual, o nacionalismo ou o ódio na mente dos vulneráveis.

Ávila se vira obrigado a concordar.

Os ataques terroristas contra os cristãos estão crescendo em todo o mundo, dissera o Regente. *Esses novos ataques não são acontecimentos planejados de modo estratégico; são agressões espontâneas realizadas por lobos solitários atendendo a um chamado às armas feito por convincentes inimigos de Cristo.* O Regente fizera uma pausa. *E, dentre esses inimigos, está o ateu Edmond Kirsch.*

Ávila chegara a pensar que o Regente estava forçando um pouco a verdade.

Apesar da campanha desprezível de Kirsch contra o cristianismo, o cientista jamais

havia feito uma declaração instigando o assassinato de cristãos.

Antes que o senhor discorde, dissera a voz pelo telefone, *deixe-me dar uma última informação.* O Regente soltara um suspiro pesado. *Ninguém sabe disso, almirante, mas o ataque que matou sua família… foi programado como um ato de guerra contra a Igreja Palmariana.*

Essa afirmação mexera com Ávila, porém ela não fazia sentido. A Catedral de Sevilha não era um prédio palmariano.

Na manhã do atentado, dissera a voz, *quatro membros importantes da Igreja Palmariana estavam na congregação de Sevilha com o objetivo de fazer recrutamentos. Eles eram especificamente os alvos. O senhor conhece um deles: Marco. Os outros três morreram no ataque.*

Os pensamentos de Ávila entraram num redemoinho enquanto ele visualizava seu fisioterapeuta, Marco, que tinha perdido a perna no atentado.

Nossos inimigos são poderosos e motivados, continuara a voz. *Quando o terrorista não conseguiu acesso ao nosso complexo em Palmar de Troya, seguiu nossos quatro missionários até Sevilha e agiu lá. Sinto muito, almirante. Essa tragédia é um dos motivos pelos quais os palmarianos fizeram contato com o senhor. Nós nos sentimos responsáveis por sua família ter se tornado um dano colateral numa guerra travada contra nós.*

Uma guerra travada por quem? , perguntara Ávila, tentando compreender aquelas afirmações chocantes.

Verifique o seu e-mail, respondera o Regente.

Ávila abrira a caixa de mensagens e descobrira uma quantidade chocante de documentos particulares delineando uma cruzada brutal contra a Igreja Palmariana por mais de uma década… uma luta que aparentemente incluía processos judiciais, ameaças que chegavam à beira da chantagem e doações substanciais para grupos de vigilantes antipalmarianos, como o Palmar de Troya Support e o Dialogue Ireland.

Mais surpreendente ainda, essa batalha feroz contra a Igreja Palmariana parecia estar sendo conduzida por um único indivíduo: o futurólogo Edmond Kirsch.

Ávila ficara perplexo. *Por que Edmond Kirsch quer destruir especificamente os palmarianos?*

O Regente dissera que ninguém na Igreja – nem mesmo o próprio papa – tinha ideia de por que Kirsch sentia um ódio específico pelos palmarianos. Só sabiam que uma das pessoas mais ricas e influentes do planeta não descansaria até que eles fossem esmagados.

Por fim, o Regente chamara a atenção de Ávila para um último documento: a cópia de uma carta datilografada para os palmarianos de um homem que afirmava ser o terrorista de Sevilha. Na primeira

linha, o terrorista se dizia “discípulo de Edmond Kirsch”. Ávila não precisava ver mais nada. Seus punhos se fecharam com fúria.

O Regente explicara por que os palmarianos jamais tinham divulgado a carta.

Com todas as matérias negativas que saíam sobre eles – boa parte orquestrada ou financiada por Kirsch –, a última coisa que queriam era ser associados a um atentado a bomba.

Minha família morreu por causa de Edmond Kirsch.

Agora, na escada escura, Ávila encarou Robert Langdon, sentindo que ele provavelmente não sabia nada sobre a cruzada secreta de Kirsch contra a Igreja Palmariana, nem que Kirsch tinha inspirado o ataque que matara sua família.

Não importa o que Langdon saiba, pensou Ávila. *Ele é um soldado como eu.*

Nós dois caímos nesse buraco de raposa e só um vai sair. Eu tenho ordens a cumprir.

Langdon estava posicionado alguns degraus acima dele, apontando a arma como um amador – com as duas mãos. *Má escolha*, pensou Ávila, baixando silenciosamente as pontas dos pés para um degrau abaixo, firmando os pés e olhando direto nos olhos de Langdon.

– Sei que você acha difícil acreditar – declarou Ávila –, mas Edmond Kirsch matou minha família. E *aqui* está a prova.

O almirante abriu a palma da mão para mostrar sua tatuagem, que, claro, não era prova nenhuma, mas provocou o efeito desejado: Langdon olhou.

Enquanto o foco do professor mudava brevemente, Ávila saltou para cima, bem rente à parede curva, movendo o corpo para fora da linha de tiro. Tal como tinha previsto, Langdon atirou por impulso: apertando o gatilho antes que pudesse realinhar a arma com o alvo

em movimento. Como um trovão, o disparo reverberou no espaço apertado e Ávila sentiu uma bala raspar no ombro antes de ricochetear, inofensiva, pelo poço de pedra.

Langdon já estava mirando de novo, mas Ávila girou no ar e, enquanto caía, baixou os punhos com força sobre os pulsos de Langdon, arrancando a arma das mãos dele e fazendo-a cair ruidosamente pela escada.

Uma dor lancinante rasgou o peito e o ombro de Ávila enquanto ele desabava no degrau ao lado de Langdon, mas a adrenalina renovou suas forças. Levou a mão atrás e tirou a pistola de cerâmica do cinto. A arma parecia quase sem peso comparada à do guarda.

Apontou-a para o peito de Langdon e, sem hesitar, puxou o gatilho.

A pistola ribombou, mas fez um som incomum, de algo se despedaçando. Ávila sentiu um calor intenso na mão, percebendo imediatamente que o cano havia explodido. Essas novas armas "indetectáveis", feitas sem metal, só serviam para disparar um ou dois tiros. Ávila não tinha ideia de onde a bala fora parar, mas quando viu Langdon se levantando, largou a arma e saltou para ele. Os dois se enroscaram com violência perto da borda interna precariamente baixa.

Nesse instante Ávila soube que tinha vencido.

Agora somos só nós dois, pensou. *Mas eu tenho a melhor posição.*

Tinha avaliado o vão no centro da escada – uma queda mortal praticamente sem

◆ ◆ ◆

proteção. Tentando empurrar Langdon de costas para lá, levou uma perna para trás e a pressionou contra a parede, o que lhe dava um enorme poder de alavanca. Com uma explosão súbita de força, empurrou Langdon para trás, na direção do poço.

Langdon resistiu ferozmente, mas Ávila estava numa posição muito mais vantajosa, e pela expressão desesperada nos olhos do professor ficou claro que ele sabia o que estava para acontecer.

Robert Langdon tinha ouvido dizer que as escolhas mais importantes da vida –

as que significam vida ou morte – geralmente são tomadas numa fração de segundo.

Assim, empurrado brutalmente contra a borda baixa, com as costas arqueadas sobre uma queda de 30 metros, sabia que seu corpo de mais de 1,80 metro e seu alto centro de gravidade o colocavam numa desvantagem mortal. Não poderia fazer nada para se contrapor à força de Ávila.

Olhou em desespero por cima do ombro, para o vazio atrás. O poço circular era estreito – cerca de um metro de diâmetro –, mas com espaço suficiente para acomodar seu corpo em queda… que certamente iria batendo na borda de pedra até chegar ao fundo.

É impossível sobreviver à queda.

Ávila soltou um berro gutural e mudou a posição das mãos agarrando Langdon.

Quando ele agiu assim, Langdon percebeu que só havia um movimento a fazer.

Em vez de lutar contra o sujeito, iria ajudá-lo.

Enquanto Ávila o puxava para cima, Langdon se agachou, firmando os pés no degrau.

Por um momento ele era de novo um rapaz de 20 anos na piscina de Princeton… competindo no nado de costas… grudado na posição de largada… de costas para a água… joelhos dobrados… abdômen retesado… esperando o tiro de partida.

Timing é fundamental.

Dessa vez não escutou nenhum tiro de partida. Explodiu a partir da posição agachada, lançando-se no ar, arqueando as costas por cima do vazio. Ao saltar, sentiu que Ávila, que havia se posicionado para se opor a 90 quilos, se desequilibrou completamente pela súbita reversão de forças.

O almirante o soltou o mais rápido que pôde, mas Langdon sentiu que ele balançava os braços em busca de equilíbrio. Enquanto partia voando, Langdon rezou para conseguir viajar o suficiente para ultrapassar o buraco e chegar aos degraus do lado oposto, quase dois metros abaixo… mas pelo jeito isso não aconteceria. No ar, enquanto começava a dobrar o corpo numa bola protetora, colidiu com força contra

uma face de pedra vertical.

Não consegui.

Estou morto.

Certo de que tinha acertado a borda interna, preparou-se para o mergulho no vazio.

Mas a queda só durou um instante.

Bateu quase imediatamente num piso irregular e afiado, golpeando a cabeça. A força da colisão quase o deixou inconsciente, mas nesse momento percebeu que tinha passado por cima do poço e acertado a parede externa, pousando numa parte inferior da escada em espiral.

Encontre a arma, pensou, esforçando-se para se manter consciente, sabendo que Ávila estaria em cima dele em questão de segundos.

Mas era tarde demais.

Seu cérebro estava apagando.

Enquanto a escuridão chegava, a última coisa que Langdon escutou foi um som… uma série de pancadas repetidas abaixo dele, cada qual mais distante do que a anterior.

Isso o fez se lembrar do barulho de um saco de lixo grande demais descendo por um tubo de lixeira.

C A P Í T U L O **7 6**

Enquanto o veículo se aproximava do portão principal do Escorial, o príncipe Julián viu uma barricada familiar de utilitários brancos e soube que Valdespino dizia a verdade.

Meu pai está mesmo aqui.

Pela aparência do comboio, toda a segurança da Guardia Real dedicada ao rei tinha se transferido para aquela residência histórica.

Enquanto o acólito parava o velho Opel, um agente com uma lanterna se aproximou da janela, apontou a luz para dentro e recuou chocado, obviamente não esperando encontrar o príncipe e o bispo dentro daquele veículo dilapidado.

– Alteza! – exclamou o sujeito, em posição de sentido. – Reverendíssimo!

Estávamos esperando os senhores. – Ele olhou o carro velho. – Onde estão seus agentes da Guardia?

– Eram necessários no palácio – respondeu o príncipe. – Estamos aqui para ver meu pai.

– Claro, claro! Se o senhor e o bispo fizerem o favor de sair do veículo…

– Só remova a barreira e nós entramos – repreendeu Valdespino. – Sua Majestade está no hospital do mosteiro, não é?

– *Estava* – disse o guarda, hesitando. – Mas infelizmente ele partiu.

Valdespino ofegou, horrorizado.

Um arrepio gelado atravessou Julián. *Meu pai morreu?*

– Não! S… sinto muito! – gaguejou o agente, lamentando a má escolha de palavras. – Sua Majestade *partiu*, deixou o Escorial uma hora atrás. Pegou os seguranças e foi embora.

O alívio de Julián logo se transformou em confusão. *Saiu do hospital?*

– Isso é absurdo – gritou Valdespino. – O rei disse para eu trazer o príncipe Julián para cá imediatamente!

– Sim, nós temos ordens específicas, Excelência. Por favor, se os senhores saírem do carro, poderemos transferi-los para um veículo da Guardia.

Valdespino e Julián trocaram olhares espantados e desceram do carro. O agente disse ao acólito que seus serviços não eram mais necessários e que ele deveria retornar para a cidade. O rapaz amedrontado partiu em seguida sem dizer uma palavra, obviamente aliviado pelo fim do seu papel nos acontecimentos bizarros daquela noite.

Enquanto os guardas levavam o príncipe e Valdespino para o banco de trás de um SUV, o bispo ficou cada vez mais agitado.

– Onde está o rei? – perguntou ele. – Aonde vocês vão nos levar?

– Estamos seguindo ordens diretas de Sua Majestade – respondeu o agente. –

Ele pediu que lhes déssemos um veículo, um motorista e esta carta – continuou, pegando um envelope lacrado e o entregando pela janela ao príncipe Julián.

Uma carta do meu pai? O príncipe estava desconcertado com essa formalidade, em especial quando notou que o envelope tinha o lacre

real em cera. *O que ele está fazendo?* Sentiu uma preocupação, cada vez maior, de que as faculdades mentais do rei estivessem falhando.

Ansioso, rompeu o lacre, abriu o envelope e tirou um cartão escrito à mão. A letra de seu pai não era mais como antigamente, mas continuava legível. Ao começar a ler, Julián sentiu sua perplexidade crescer a cada palavra.

Quando terminou, enfiou o cartão de volta no envelope e fechou os olhos, pensando nas opções. Só havia uma, claro.

– Vá para o norte, por favor – disse ao motorista.

Enquanto o veículo se afastava do Escorial, o príncipe sentiu Valdespino encarando-o.

– O que o seu pai disse? – perguntou o bispo. – Aonde o senhor está me levando?

Julián soltou o ar e se virou para o amigo de confiança de seu pai.

– O senhor tinha razão, mais cedo. – Ele deu um sorriso triste para o velho bispo. – Meu pai ainda é o rei. Nós o amamos e fazemos o que ele ordena.

C A P Í T U L O **7 7**

– Robert…? – sussurrou uma voz.

Langdon tentou responder, mas sua cabeça estava latejando.

– Robert…?

Uma mão macia tocou seu rosto e Langdon abriu os olhos devagar.

Momentaneamente desorientado, pensou que estava sonhando. *Um anjo de branco está pairando acima de mim.*

Quando reconheceu o rosto, conseguiu dar um sorriso débil.

– Graças a Deus – disse Ambra, soltando de uma vez todo o ar dos pulmões. –

Nós ouvimos o tiro. – Ela se agachou ao lado dele. – Fique deitado.

Enquanto sua consciência voltava, Langdon sentiu um medo súbito.

– O homem que me atacou…

– Morreu – sussurrou Ambra com a voz calma. – Você está em segurança. –

Ela indicou a borda do poço da escada. – Ele caiu. Lá embaixo.

Langdon se esforçou para absorver a notícia. Tudo estava retornando aos poucos. Lutou para clarear a névoa da mente e avaliar seus ferimentos, com a atenção indo para o latejar forte no quadril direito e a dor aguda na cabeça. Fora isso, nada parecia quebrado. O som de rádios da polícia ecoou no poço.

– Quanto tempo… eu estive…

– Alguns minutos – respondeu Ambra. – Você ficou acordando e apagando.

Temos que levá-lo para ser examinado.

Cauteloso, Langdon se sentou, encostado na parede da escada.

– Foi o oficial… da Marinha – disse. – O que…

– Eu sei. – Ambra assentiu. – O que matou Edmond. A polícia acaba de identificá-lo. Estão na base da escada com o corpo e querem ouvir você, mas o padre Beña disse que ninguém sobe até aqui antes da equipe médica, que deve chegar a qualquer momento.

Langdon assentiu, com a cabeça martelando.

– Provavelmente vão levá-lo para um hospital – disse ela. – O que significa que nós dois precisamos falar agora… antes que eles cheguem.

– Falar… o *quê*?

Ambra o examinou, parecendo preocupada. Inclinou-se perto do seu ouvido e murmurou:

– Robert, você não lembra? Nós descobrimos. A senha do Edmond. O verso do

Blake: “As religiões das trevas partiram e reina a doce ciência.”

As palavras perfuraram a névoa como uma flecha e Langdon se empertigou, com a escuridão mental se dissipando num instante.

– Você nos trouxe até aqui – disse Ambra. – Eu posso fazer o resto. Você disse que sabe como encontrar o Winston. O local do laboratório de informática do Edmond. Diga aonde ir e eu faço o resto.

As lembranças de Langdon voltaram numa torrente.

– Eu *sei*.

Pelo menos acho que posso descobrir.

– Diga.

– Precisamos atravessar a cidade.

– Até onde?

– Não sei o endereço – disse Langdon, agora se levantando inseguro. – Mas posso levar você…

– Sente-se, Robert, por favor!

– É, sente-se – ecoou um homem, surgindo na escada abaixo deles. Era o padre Beña, subindo ofegante. – Os paramédicos estão quase aqui.

– Estou bem – mentiu Langdon, sentindo-se tonto enquanto se encostava na parede. – Ambra e eu precisamos ir agora.

– Vocês não irão muito longe – disse Beña, subindo devagar. – Os policiais estão esperando. Eles querem tomar seu depoimento. Além disso, a igreja está cercada por repórteres. Alguém informou que vocês estavam aqui. – O padre chegou ao lado deles e deu um sorriso cansado para Langdon. – Por sinal, a Srta. Vidal e eu estamos aliviados em ver que o senhor está bem. O senhor salvou nossa vida.

Langdon riu.

– Tenho certeza de que *o senhor* salvou a nossa.

– Bom, de qualquer modo só quero que o senhor saiba que não poderá sair dessa escada sem enfrentar a polícia.

Langdon pôs as mãos na borda de pedra e se inclinou, olhando para baixo. A cena macabra no chão parecia distante demais – o corpo de Ávila esparramado desajeitadamente e iluminado pelo facho de várias lanternas nas mãos de policiais.

Enquanto olhava pelo poço espiralado, notando de novo o elegante desenho de Gaudí que imitava as curvas de um náutilo, seu pensamento saltou para algo que vira no site da Sagrada Família, mais especificamente na parte sobre o Museu Gaudí, que ficava no porão da igreja. O site na internet, que Langdon tinha visitado não muito tempo atrás, tinha uma série espetacular de modelos em escala da basílica –

renderizados com precisão por programas de CAD e enormes impressoras 3D –, mostrando a longa evolução da estrutura, desde a colocação dos alicerces até o glorioso término da igreja, para o qual ainda faltava pelo menos uma década.

De onde viemos? , pensou Langdon. *Para onde vamos?*

Uma lembrança súbita o assaltou: um dos modelos do exterior da igreja. A

◆ ◆ ◆

imagem estava alojada em sua memória fotográfica. Era um protótipo mostrando o estágio atual da construção, intitulado “A Sagrada Família Hoje”.

Se aquele modelo estiver atualizado, pode haver uma saída.

Virou-se de repente para Beña.

– Padre, o senhor poderia passar um recado meu para uma pessoa lá fora?

O padre pareceu intrigado.

Enquanto Langdon explicava seu plano para sair do prédio, Ambra balançou a cabeça.

– Robert, isso é impossível. Lá em cima não há nada para…

– Na verdade – exclamou Beña –, *há*. Não vai estar lá para sempre, mas no momento o Sr. Langdon está certo. O que ele está sugerindo é possível.

Ambra pareceu surpresa.

– Mas, Robert… Mesmo que a gente escape, tem certeza de que você não deveria ir para o hospital?

Àquela altura, Langdon não tinha muita certeza de nada.

– Posso ir mais tarde, se precisar. Neste momento temos uma dívida com o Edmond: precisamos terminar o que viemos fazer. – Ele se virou para Beña, olhando-o nos olhos. – Preciso ser honesto com o

senhor, padre, sobre o motivo que nos trouxe aqui. Como o senhor sabe, Edmond Kirsch foi assassinado esta noite para não anunciar uma descoberta científica.

– Sim – disse o padre. – E, pelo tom da introdução, parece que ele acreditava que essa descoberta faria um mal terrível às religiões do mundo.

– Exato, e é por isso que gostaria que o senhor soubesse que a Srta. Vidal e eu viemos a Barcelona esta noite num esforço para revelar a descoberta de Edmond.

Estamos muito perto de conseguir isso. O que quer dizer… – Langdon fez uma pausa. – Que ao requisitar sua ajuda estou essencialmente pedindo que nos auxilie a transmitir para o mundo inteiro as palavras de um ateu.

Beña pôs a mão no ombro de Langdon.

– Professor – disse ele com um risinho –, Edmond Kirsch não é o primeiro ateu da história a proclamar que “Deus está morto”, nem será o último. O que quer que o Sr. Kirsch tenha descoberto, sem dúvida será debatido por todos os lados. Desde o início dos tempos, o intelecto humano sempre evoluiu, e meu papel não é impedir essa evolução. Mas, segundo minha perspectiva, nunca houve um avanço intelectual que não incluísse Deus.

Com isso, o padre Beña deu um sorriso tranquilizador aos dois e começou a descer a escada.

Do lado de fora, esperando na cabine do helicóptero EC145 estacionado, o piloto olhava com preocupação crescente a multidão cada vez maior junto à cerca de segurança da Sagrada Família. Não tivera mais notícias dos dois agentes da Guardia e já ia pegar o rádio quando um homenzinho de batina preta saiu da basílica e se aproximou do helicóptero.

Ele se apresentou como o padre Beña e passou uma mensagem chocante vinda de dentro: os dois agentes da Guardia tinham sido

mortos e a futura rainha e Robert Langdon precisavam ser evacuados agora mesmo. Como se isso não fosse suficientemente espantoso, o padre contou ao piloto *onde*, exatamente, ele deveria pegar os passageiros.

Impossível, tinha pensado o piloto.

Mas agora, passando por cima das torres da Sagrada Família, percebeu que o padre estava certo. O maior pináculo da igreja – uma torre central monolítica – ainda não tinha sido construído. Sua plataforma de base era um círculo vasto e plano, aninhado no meio de um agrupamento de torres, como uma clareira numa floresta de sequoias.

O piloto se posicionou acima da plataforma e baixou o helicóptero cuidadosamente no meio das torres. Quando pousou, viu duas figuras saindo de um poço de escada: Ambra Vidal apoiando o ferido Robert Langdon.

O homem saiu e ajudou os dois a entrar.

Enquanto ele os auxiliava a prender os cintos, a futura rainha da Espanha fez um gesto com a cabeça, exausta.

– Muito obrigada – sussurrou. – O Sr. Langdon vai lhe dizer aonde ir.



C A P Í T U L O **7 8**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A IGREJA PALMARIANA MATOU A MÃE DE EDMOND KIRSCH?

Nosso informante monte@iglesia.org trouxe mais uma revelação espantosa!

Segundo documentos exclusivos verificados pelo ConspiracyNet, durante anos Edmond Kirsch tentou processar a Igreja Palmariana por “lavagem cerebral, condicionamento psicológico e maus-tratos”, que supostamente resultaram na morte de Paloma Kirsch – a mãe biológica de Edmond – há mais de três décadas.

Paloma Kirsch teria sido uma participante ativa da Igreja Palmariana que tentara deixar a seita, sendo humilhada e tendo sofrido abusos psicológicos por parte de seus superiores. Ela terminou se enforcando num quarto do convento.

C A P Í T U L O **7 9**

– O próprio rei – murmurou de novo o comandante Garza, com a voz ressoando na Armaria do palácio. – Ainda não consigo entender que a ordem de prisão contra mim tenha vindo do próprio *rei*. Depois de todos os meus anos de serviço.

Mónica Martín encostou um dedo nos lábios para pedir silêncio e olhou através das armaduras junto à entrada, para se certificar de que os guardas não estavam escutando.

– Eu lhe disse, o bispo Valdespino tem a atenção do rei e convenceu Sua Majestade de que as acusações desta noite contra ele foram feitas pelo *senhor* e que, de algum modo, o senhor está tentando culpá-lo.

Eu virei o bode expiatório do rei, percebeu Garza, que sempre suspeitara de que, se o monarca fosse obrigado a escolher entre o comandante da Guardia Real e o bispo, escolheria o último. Os dois tinham sido amigos a vida toda, e as conexões espirituais sempre tinham mais força do que as profissionais.

Mesmo assim, Garza não conseguia deixar de sentir que alguma coisa na explicação de Mónica parecia não se encaixar.

– A história do sequestro – falou ele. – Você está dizendo que ela foi ordenada pelo *rei*?

– Foi. Sua Majestade ligou diretamente para mim. *Ordenou* que eu anunciasse que Ambra Vidal tinha sido sequestrada. Ele inventou a história do sequestro num esforço para salvar a reputação da futura rainha, amenizando a aparência de que ela havia literalmente fugido com outro homem. – Mónica olhou chateada para Garza. –

Por que está me questionando sobre isso? Justo agora que o senhor sabe que o rei ligou para o agente Fonseca com a mesma história?

– Não acredito que o rei se arriscaria a acusar de sequestro um americano importante. Ele precisaria estar…

– Louco? – interrompeu ela.

Garza ficou olhando-a em silêncio.

– Comandante – disse Mónica –, lembre-se de que Sua Majestade está muito doente. Talvez esse tenha sido simplesmente um caso de má avaliação, não é?

– Ou um momento de inteligência brilhante. Quer tenha sido imprudente ou não, agora a futura rainha está em segurança, nas mãos da Guardia.

– Exato. – Mónica o encarou com atenção. – Então o que está incomodando o senhor?

– Valdespino. Admito que não gosto dele, mas meu instinto diz que ele não pode estar por trás do assassinato de Kirsch nem de nenhuma dessas coisas.

– Por quê? – O tom dela saiu ácido. – Porque ele é um *sacerdote*? Tenho certeza de que nossa Inquisição ensinou algumas coisas sobre a disposição da Igreja para justificar medidas drásticas. Na minha opinião, Valdespino é fanático, implacável, oportunista e cheio de segredos. Estou deixando de citar alguma coisa?

– Está – retrucou Garza, espantado em se ver defendendo o bispo. – Valdespino é tudo o que você disse, mas também é uma pessoa

para quem a tradição e a dignidade são tudo. O rei, que quase não confia em ninguém, acredita piamente no bispo há décadas. Acho muito difícil crer que o confidente do rei cometeria o tipo de traição do qual estamos falando.

Mónica suspirou e pegou o celular.

– Comandante, odeio minar sua fé no bispo, mas preciso que o senhor veja isso.

Suresh me mostrou. – Ela apertou alguns botões e entregou o telefone a Garza.

A tela mostrou uma longa mensagem de texto.

– Esta é uma captura de tela de uma mensagem que o bispo Valdespino recebeu esta noite – sussurrou ela. – Leia. Garanto que vai mudar seu pensamento.

C A P Í T U L O **8 0**

Apesar da dor que atravessava seu corpo, Robert Langdon sentia-se estranhamente animado, quase eufórico, enquanto o helicóptero subia trovejando do alto da Sagrada Família.

Estou vivo.

Podia sentir a carga de adrenalina na corrente sanguínea, como se estivesse experimentando o efeito de todos os acontecimentos da última hora ao mesmo tempo. Respirando o mais lentamente possível, voltou a atenção para fora, para o mundo além das janelas do helicóptero.

A toda a volta, pináculos enormes se estendiam para o céu. Mas, enquanto o helicóptero subia, a igreja foi ficando lá embaixo, dissolvendo-se em meio a uma grade de ruas iluminadas. Langdon olhou para a vastidão de quarteirões, que não eram os quadrados e retângulos usuais, e sim octógonos muito mais suaves.

L'Eixample, pensou Langdon. *O Alargamento.*

O visionário urbanista Ildefons Cerdà tinha alargado todos os cruzamentos daquele bairro cortando os cantos dos quarteirões quadrados para criar minipraças, gerando melhor visibilidade, aumento no fluxo de ar e espaço abundante para cafés ao ar livre.

– *¿Adónde vamos?* – gritou o piloto por cima do ombro.

Langdon apontou para o sul, onde uma das avenidas mais largas, mais luminosas e com o nome mais adequado corta Barcelona diagonalmente.

– *Avinguda Diagonal* – gritou Langdon. – *Al oeste*.

Impossível de não ser vista em qualquer mapa de Barcelona, a Avinguda Diagonal atravessa toda a largura da cidade, desde o ultramoderno arranha-céu Diagonal ZeroZero até os antigos roseirais do Parc de Cervantes: um tributo de quatro hectares ao mais célebre romancista espanhol, o autor de *Don Quixote*.

O piloto fez uma curva para o oeste, seguindo a avenida inclinada em direção às montanhas.

– Endereço? – gritou o piloto para trás. – Coordenadas?

Não sei o endereço, percebeu Langdon.

– Vá até o estádio de futebol.

– Futebol? – Ele pareceu surpreso. – O FC Barcelona?

Langdon assentiu, não tendo dúvida de que o piloto sabia exatamente como chegar à sede do famoso clube de futebol Barcelona, localizado alguns quilômetros

adiante, perto da Avinguda Diagonal.

O piloto acelerou, agora seguindo a avenida a toda a velocidade.

– Robert? – perguntou Ambra baixinho. – Você está bem? – Ela o examinou como se o ferimento na cabeça pudesse ter alterado sua capacidade de avaliação. –

Você disse que sabe onde encontrar o Winston.

– Sei. É para lá que estamos indo.

– Um estádio de futebol? Você acha que o Edmond construiu um supercomputador num estádio?

Langdon balançou a cabeça.

– Não, o estádio é somente um ponto de referência fácil para o piloto. Estou interessado no prédio *ao lado* do estádio: o Gran Hotel Princesa Sofia.

A expressão confusa de Ambra se aprofundou.

– Robert, isso não está fazendo sentido. De jeito nenhum Edmond construiria o Winston dentro de um hotel de luxo. Acho que deveríamos levar você ao hospital, afinal de contas.

– Estou bem, Ambra. Confie em mim.

– Então para onde vamos?

– Para onde vamos? – Langdon coçou o queixo num gesto brincalhão. – Acho que essa é uma das perguntas importantes que Edmond prometeu responder esta noite.

A expressão de Ambra ficou entre divertida e exasperada.

– Desculpe – disse Langdon. – Deixe-me explicar. Há dois anos, almocei com Edmond no clube privado do décimo oitavo andar do Gran Hotel Princesa Sofia.

– E Edmond levou um supercomputador para o almoço? – sugeriu Ambra, rindo.

Langdon sorriu.

– Não exatamente. Edmond chegou *a pé* para almoçar, dizendo que comia no clube quase todo dia porque o hotel era conveniente demais, ficava só a dois quarteirões de seu laboratório de informática. Além disso, me contou que estava trabalhando num avançado projeto de inteligência sintética e se sentia muito empolgado com o potencial do negócio.

Ambra pareceu subitamente animada.

– Devia ser o *Winston*!

– Foi isso mesmo que pensei.

– E então Edmond levou você ao laboratório!

– Não.

– Ele contou onde era?

– Infelizmente ele guardou segredo.

A preocupação retornou aos olhos de Ambra.

– Mas – disse Langdon – *Winston* nos contou secretamente o lugar exato onde ele fica.

Agora Ambra pareceu confusa.

– Não contou, não.

– Garanto que contou. – Langdon sorriu. – Na verdade ele contou ao mundo inteiro.

Antes que Ambra pudesse exigir uma explicação, o piloto anunciou:

– *¡Ahí está el estadio!*

E apontou para o enorme estádio do Barcelona a distância.

Foi rápido, pensou Langdon, olhando para fora e traçando uma linha desde o estádio até o Gran Hotel Princesa Sofia, ali perto, um arranha-céu diante de uma praça ampla na Avinguda Diagonal. Langdon disse para o piloto passar direto pelo estádio e levá-los para o alto, acima do hotel.

Em segundos, o helicóptero havia subido várias dezenas de metros e pairava acima do hotel onde Langdon e Edmond tinham almoçado dois anos antes. *Ele me disse que o laboratório de informática ficava a apenas dois quarteirões daqui.*

De seu ponto de observação, Langdon examinou a área em volta do hotel. As ruas do bairro não eram tão retilíneas quanto em volta da Sagrada Família e os quarteirões criavam todo tipo de formas irregulares e oblongas.

Tem que ser aqui.

Com incerteza crescente, examinou os quarteirões em todas as direções, tentando encontrar a forma especial que conseguia visualizar na memória. *Onde é?*

Só quando virou o olhar para o norte, por cima da rotatória na Plaça de Pius XII, sentiu uma pontada de esperança.

– Ali! – gritou para o piloto. – Por favor, voe acima daquela área com árvores!

O piloto virou o nariz do helicóptero, que se moveu diagonalmente para o noroeste pelo espaço de um quarteirão, pairando sobre o bosque que Langdon tinha indicado. Na verdade, o bosque fazia parte de uma enorme propriedade.

– Robert – gritou Ambra, parecendo frustrada –, o que você está fazendo? Este é o Palácio Real de Pedralbes! Edmond jamais construiria o Winston dentro…

– Aqui, não! *Ali*!

Langdon apontou para além do palácio, para o quarteirão logo atrás.

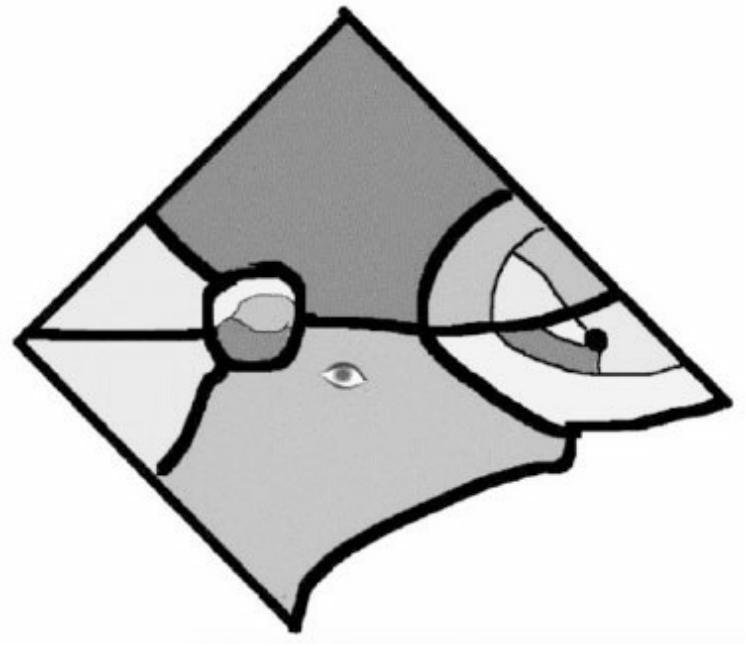
Ambra se inclinou adiante, olhando com atenção para a fonte da empolgação de Langdon. O quarteirão atrás do palácio era formado por quatro ruas bem iluminadas, cruzando-se para formar um quadrado com orientação norte-sul, como um losango.

Era um losango meio defeituoso, com a borda inferior direita encurvada e um dente na linha de baixo, deixando um perímetro torto.

– Você reconhece essa linha com um dente? – perguntou Langdon, apontando para uma rua bem iluminada, perfeitamente delineada contra a escuridão do bosque do palácio. – Aquela ali meio torta, está vendo?

Imediatamente a exasperação de Ambra pareceu sumir e ela inclinou a cabeça, olhando com mais concentração.

– Sim, ela *é* familiar. Por quê?



– Olhe o quarteirão inteiro. Um losango com uma borda estranha na parte inferior direita. – Ele esperou, sentindo que Ambra

reconheceria logo. – Olhe os dois pequenos parques nesse quarteirão. – Ele apontou para um parque redondo no meio e um semicircular à direita.

– Sinto que eu conheço esse lugar, mas não estou conseguindo…

– Pense em *arte* – disse Langdon. – Pense na sua coleção no Guggenheim.

Pense no…

– Winston! – gritou ela, e se virou para ele incrédula. – O desenho desse quarteirão. É a forma *exata* do autorretrato de Winston no Guggenheim!

Langdon sorriu para ela.

– É sim.

Ambra girou de volta para a janela e olhou o quarteirão em forma de losango.

Langdon também olhou, visualizando o autorretrato de Winston: a obra de formato bizarro que o deixara perplexo desde que Winston a havia mostrado mais cedo, um tributo canhestro a Miró.

Edmond pediu que eu fizesse um autorretrato, dissera Winston. *E foi isso que eu consegui.*

Langdon já havia concluído que o olho que aparecia perto do centro do quadro

– uma característica da obra de Miró – quase certamente indicava o local exato onde Winston ficava, o lugar no planeta de onde Winston *via* o mundo.

Ambra deu as costas para a janela, parecendo ao mesmo tempo alegre e atônita.

– O autorretrato de Winston não é uma imitação de Miró. É um *mapa!*

– Isso mesmo. Considerando que Winston não tem corpo nem autoimagem física, é compreensível que seu autorretrato se relacionasse mais com sua localização

do que com sua forma.

– O olho – disse Ambra – é uma cópia de um Miró. Mas só há um... Será que é para marcar a localização de Winston?

– Eu estava pensando a mesma coisa.

Langdon se virou para o piloto e perguntou se ele poderia pousar o helicóptero só por um momento num dos dois pequenos parques no quarteirão de Winston. O

piloto começou a descer.

– Meu Deus – disse Ambra subitamente –, acho que sei por que Winston optou por imitar o estilo de Miró!

– Sabe?

– O palácio sobre o qual voamos agora mesmo é o de Pedralbes.

– Pedralbes? Esse não é o nome de…

– É! De um dos desenhos mais famosos de Miró. Winston provavelmente pesquisou esta área e encontrou uma conexão do local com Miró!

Langdon tinha que admitir que a criatividade de Winston era espantosa e que a perspectiva de se conectar de novo com a inteligência sintética criada por Edmond o deixava estranhamente empolgado. Enquanto o helicóptero baixava, o professor viu a silhueta escura de uma construção grande localizada no ponto exato onde Winston tinha desenhado seu olho.

– Olhe… – apontou Ambra. – Deve ser ali.

Langdon se esforçou para enxergar melhor o prédio, meio escondido por árvores grandes. Mesmo do ar, parecia formidável.

– Não estou vendo nenhuma luz – disse Ambra. – Você acha que conseguiremos entrar?

– Tem que haver *alguém* aí. Edmond devia ter funcionários à disposição, especialmente esta noite. Quando eles perceberem que temos a senha de Edmond, suspeito que vão correr para nos ajudar a transmitir a apresentação.

Quinze segundos depois o helicóptero pousou num grande parque semicircular na borda leste do quarteirão de Winston. Langdon e Ambra desceram e o helicóptero decolou em seguida, partindo na direção do estádio, onde esperaria por mais instruções.

Enquanto se apressavam pelo parque escuro em direção ao centro do quarteirão, os dois passaram por uma pequena rua interna, o Passeig dels Til.lers, e entraram numa área com muitas árvores. Adiante, meio escondida por elas, podiam ver a silhueta de uma construção grande e atarracada.

– Não tem nenhuma luz acesa – sussurrou Ambra.

– E tem uma cerca – disse Langdon, franzindo a testa quando chegaram a uma grade de ferro forjado, com três metros de altura, que circundava todo o complexo.

Ele olhou por entre as barras, incapaz de ver muita coisa do prédio no meio das árvores. Ficou intrigado ao perceber que não havia nenhuma luz acesa.

– Ali. – Ambra apontou para uns 20 metros adiante. – Acho que é um portão.

Seguiram rapidamente ao longo da cerca e encontraram um imponente portão giratório, trancado. Havia um porteiro eletrônico e,

antes que Langdon tivesse a chance de pensar nas opções, Ambra apertou o botão de chamada.

A campainha tocou duas vezes e foi atendida.

Silêncio.

– Alô? – disse Ambra. – Alô?

Nenhuma voz soou no alto-falante, só o zumbido agourento de uma linha aberta.

– Não sei se você está me ouvindo – continuou ela –, mas Ambra Vidal e Robert Langdon estão aqui. Somos amigos de Edmond Kirsch. Estávamos com ele esta noite quando foi morto. Temos informações que seriam de extrema utilidade para Edmond, para Winston e, acredito, para todos vocês.

Houve um estalo brusco.

Langdon pôs a mão no portão, que girou.

Ele soltou o ar.

– Eu disse que havia alguém em casa.

Os dois passaram rapidamente pelo portão giratório e foram pelo meio das árvores em direção ao prédio escuro. À medida que chegavam mais perto, o telhado começou a assumir forma contra o céu. Uma silhueta inesperada se materializou: um símbolo de 4,5 metros montado na cumeeira.

Ambra e Langdon pararam bruscamente.

Não pode estar certo, pensou Langdon, olhando o símbolo inconfundível. *O*

laboratório de informática de Edmond tem um crucifixo gigante no telhado?

Langdon deu vários passos e saiu do meio das árvores. Quando fez isso, toda a fachada do prédio surgiu. E era uma visão surpreendente: uma antiga igreja gótica com um grande vitral de rosácea, duas torres de pedra e uma porta elegante adornada com baixos-relevos de santos católicos e da Virgem Maria.

Ambra ficou horrorizada.

– Robert, acho que acabamos de invadir o terreno de uma igreja católica.

Estamos no lugar errado.

Langdon viu uma placa na frente da igreja e começou a rir.

– Não, acho que estamos no lugar *certo*.

Essa instalação estivera no noticiário alguns anos antes, mas Langdon jamais havia percebido que era em Barcelona. *Um laboratório de alta tecnologia dentro de uma igreja católica desativada.* Langdon precisou admitir que era o refúgio definitivo onde um ateu irreverente poderia construir um computador sem deus.

Enquanto olhava a igreja agora defunta, sentiu um arrepio ao perceber a presciência com que Edmond havia escolhido sua senha.

The dark religions are departed & sweet science reigns. As religiões das trevas partiram e reina a doce ciência.

Chamou a atenção de Ambra para a placa.

Ela dizia:

CENTRO DE SUPERCOMPUTAÇÃO DE BARCELONA

CENTRO NACIONAL DE SUPERCOMPUTACIÓN

Ambra se virou para ele com expressão incrédula.

– Barcelona tem um centro de *supercomputação* dentro de uma igreja católica?

– Tem. – Langdon sorriu. – Às vezes a realidade é mais estranha do que a ficção.

C A P Í T U L O **8 1**

A cruz mais alta do mundo fica na Espanha.

Localizada numa montanha, 12 quilômetros ao norte do mosteiro de El Escorial, a enorme cruz de cimento se ergue por espantosos 150 metros acima de um vale estéril e pode ser vista de mais de 150 quilômetros de distância.

O desfiladeiro rochoso embaixo da cruz – que tem o adequado nome de Vale dos Caídos – é o local de descanso definitivo de mais de 30 mil almas, vítimas de ambos os lados da sangrenta Guerra Civil Espanhola.

O que estamos fazendo aqui? , pensou Julián enquanto seguia os homens da Guardia para a esplanada do mirante na base da montanha abaixo da cruz. *É aqui que meu pai quer se encontrar comigo?*

Andando ao seu lado, Valdespino estava igualmente confuso.

– Não faz sentido – sussurrou ele. – Seu pai sempre desdenhou este lugar.

Milhões desprezam este lugar, pensou Julián.

Concebido em 1940 pelo próprio Franco, o Vale dos Caídos foi chamado de

“ato de expiação nacional”: uma tentativa de reconciliar vitoriosos e derrotados.

Apesar da “aspiração nobre”, o monumento provoca controvérsias até hoje porque foi construído por uma força de trabalho que incluía prisioneiros políticos que tinham se oposto a Franco – muitos dos quais morreram de maus-tratos e fome durante a construção.

No passado alguns membros do Parlamento tinham chegado ao ponto de comparar o lugar a um campo de concentração nazista. Julián suspeitava que seu pai sentia secretamente a mesma coisa, mesmo que não pudesse dizer isso às claras. Para a maioria dos espanhóis, o lugar era considerado um monumento a Franco, construído por Franco – um templo colossal para homenagear a si mesmo. E o fato de Franco estar enterrado nele só colocava lenha na fogueira dos críticos.

Julián se lembrou da única vez que estivera ali – outro passeio de infância com o pai para aprender sobre o país. Depois de ter lhe mostrado o lugar, o rei havia sussurrado baixinho: “*Olhe com atenção, filho. Um dia você vai demolir tudo isso.”*

Agora, enquanto acompanhava os homens da Guardia, subindo a escada até a fachada austera escavada na montanha, Julián percebeu aonde iam. Uma porta de bronze esculpido se erguia diante deles – uma entrada na face da própria montanha.

O príncipe se lembrou de ter passado por ali quando era menino, absolutamente hipnotizado pelo que havia lá dentro.

Afinal de contas, o verdadeiro milagre daquela montanha não era a cruz enorme em cima; o verdadeiro milagre era o espaço secreto *dentro* dela.

Escavada no pico de granito havia uma caverna artificial de proporções imensuráveis. A caverna feita à mão penetrava quase 300 metros na montanha e lá se abria numa câmara enorme, com acabamento meticuloso e elegante, piso de ladrilho lustroso e uma cúpula pintada em afresco, com cerca de 45 metros de um lado ao outro. *Estou dentro de uma montanha*, tinha pensado o pequeno Julián. *Devo estar sonhando!*

Agora, anos depois, o príncipe Julián havia retornado.

Estou aqui a pedido do meu pai.

Enquanto o grupo se aproximava do portal, Julián olhou para a austera pietà de bronze acima da porta. Ao seu lado, o bispo Valdespino fez o sinal da cruz, mas Julián sentiu que o gesto era mais por nervosismo do que por fé.



C A P Í T U L O **8 2**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MAS… QUEM É O REGENTE?

Agora surgiram provas de que o assassino Luis Ávila estava recebendo ordens de matar diretamente de um indivíduo a quem ele chamava de Regente.

A identidade do Regente continua sendo um mistério, se bem que o título possa fornecer algumas pistas. Segundo o dicionario.com, um “regente” é alguém indicado para supervisionar uma organização enquanto seu líder estiver incapacitado ou ausente.

Fizemos uma enquete com nossos usuários perguntando “Quem é o Regente?”, e as três principais respostas até o momento são:

1. O bispo Antonio Valdespino assumindo o comando para o rei espanhol doente.

2. O papa palmariano que acredita ser o pontífice legítimo.

3. Um oficial militar espanhol afirmando que age em nome do incapacitado comandante em chefe de seu país, o rei.

Mais notícias a qualquer momento!

#QUEMEOREGENTE

C A P Í T U L O **8 3**

Langdon e Ambra examinaram a fachada da grande capela e encontraram a entrada para o Centro de Supercomputação de Barcelona na extremidade sul da nave. Ali, um moderno vestíbulo de plexiglas tinha sido afixado ao exterior da fachada rústica, o que dava à igreja a aparência híbrida de uma construção apanhada entre séculos diferentes.

Num pátio externo perto da entrada, havia a escultura de uma cabeça de guerreiro primitivo com quase quatro metros de altura. Langdon não conseguia imaginar o que esse artefato estaria fazendo no terreno de uma igreja católica, mas, conhecendo Edmond, tinha quase certeza de que seu local de trabalho seria um território de contradições.

Ambra foi rapidamente para a entrada principal e apertou o interfone junto à porta. Enquanto Langdon se juntava a ela, uma câmera de segurança girou na direção dos dois, examinando um lado e o outro por vários instantes.

Então a porta se abriu com um zumbido.

Langdon e Ambra passaram rapidamente pela entrada, chegando a um grande saguão criado a partir do nártex original da igreja. Era uma câmara de pedra, mal iluminada e vazia. Langdon tinha esperado que alguém aparecesse para recebê-los –

talvez um dos empregados de Edmond –, mas o saguão estava deserto.

– Não tem ninguém aqui? – sussurrou Ambra.

Os dois perceberam as notas suaves e devotas de uma música religiosa medieval – uma peça coral polifônica para vozes

masculinas que parecia vagamente familiar. Langdon não conseguiu identificá-la, mas aquela fantasmagórica música religiosa tocando numa instalação de alta tecnologia só podia ser fruto do senso de humor brincalhão de Edmond.

Reluzindo na frente deles, na parede do saguão, uma enorme tela de plasma fornecia a única luz no ambiente. A tela projetava o que só poderia ser descrito como algum tipo de jogo de computador primitivo – grupos de pontos pretos movendo-se numa superfície branca, como insetos voando ao acaso.

Não totalmente ao acaso, percebeu Langdon, agora reconhecendo os padrões.

Essa famosa progressão gerada por computador – conhecida como Vida – fora inventada na década de 1970 por um matemático inglês, John Conway. Os pontos pretos, chamados de células, moviam-se, interagiam e se reproduziam baseados numa série de "regras" colocadas pelo programador. Invariavelmente, com o correr

do tempo, guiados apenas por essas "regras iniciais de compromisso", os pontos começavam a se organizar em grupos, sequências e padrões recorrentes: padrões que evoluíam, ficavam mais complexos e se assemelhavam espantosamente aos que podiam ser vistos na natureza.

– O Jogo da Vida, de Conway – disse Ambra. – Há alguns anos vi uma instalação digital baseada nisso: uma peça de mídias misturadas intitulada *Autômato Celular*.

Langdon ficou impressionado, só tendo ouvido falar no projeto Vida porque seu inventor, Conway, tinha sido professor em Princeton.

As harmonias corais atraíram de novo seu ouvido. *Acho que já ouvi essa música. Será que é uma missa renascentista?*

– Robert – disse Ambra. – Olhe.

Na tela, os grupos de pontos tinham mudado de direção e estavam acelerando, como se o programa estivesse rodando de trás para a frente. A sequência era cada vez mais rápida, recuando no tempo. O número de pontos começou a diminuir… as células não se dividiam e se multiplicavam, e sim *recombinavam…* as estruturas ficando mais e mais simples até que finalmente havia apenas um punhado delas, que continuavam a se fundir… primeiro oito, depois quatro, dois, e então…

Um.

Uma única célula piscava no meio da tela.

Langdon sentiu um arrepio. *A origem da vida.*

O ponto se apagou, deixando apenas um vazio: uma tela branca.

O Jogo da Vida havia terminado, e um texto fraco começou a se materializar, ficando mais nítido até que os dois conseguiram ler.

Se admitirmos uma Primeira Causa,

a mente ainda anseia por saber

de onde ela veio e como surgiu.

– Isso é Darwin – sussurrou Langdon, reconhecendo a eloquente colocação do lendário botânico para a mesma pergunta que Edmond estivera fazendo.

– De onde viemos? – disse Ambra, empolgada, lendo o texto.

– Exatamente.

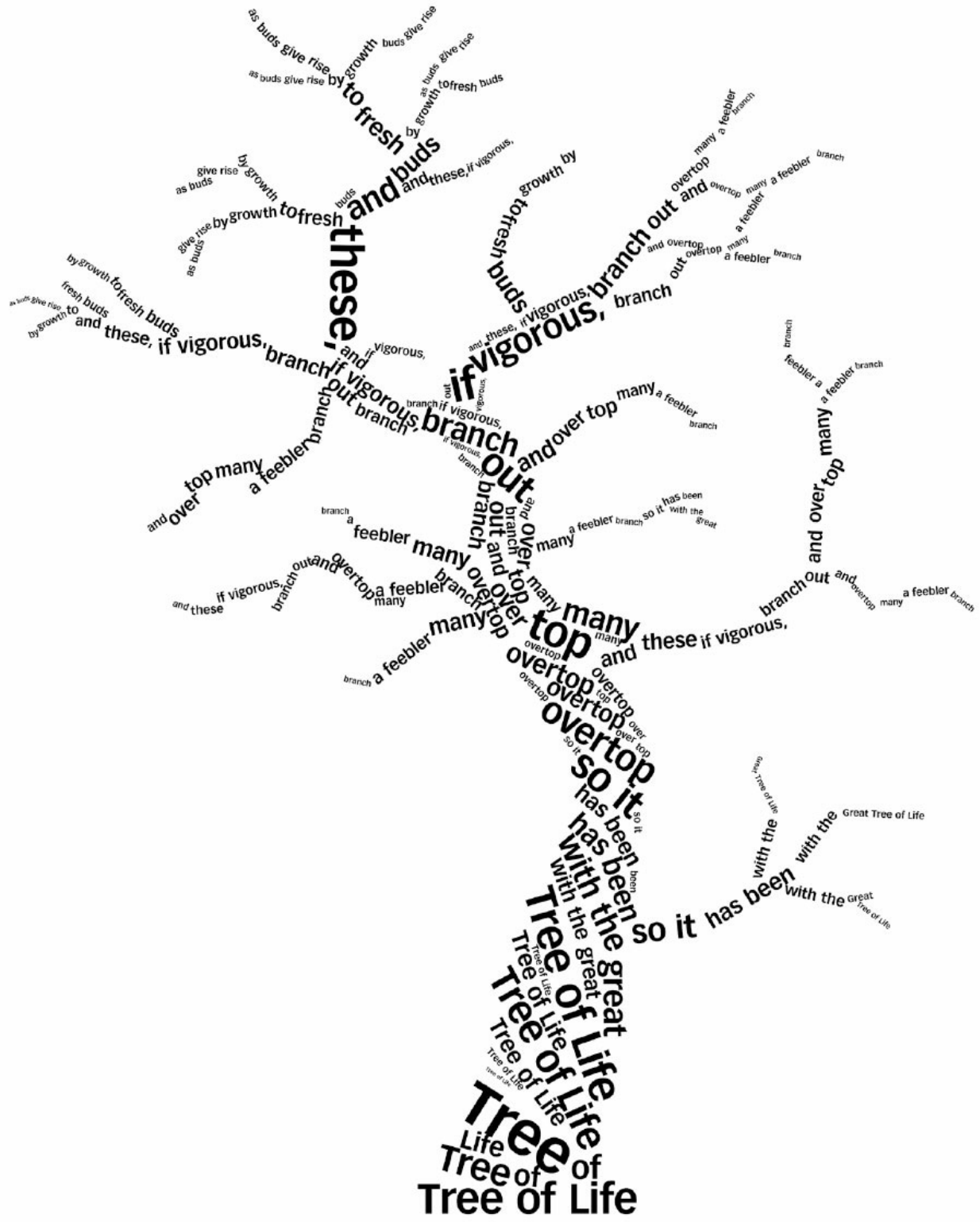
Ambra sorriu para ele.

– Vamos descobrir?

Ela indicou, ao lado da tela, uma abertura entre colunas que parecia fazer a ligação com a área principal da igreja.

Enquanto atravessavam o saguão, a imagem na tela mudou de novo, agora mostrando uma colagem de palavras que apareciam aleatoriamente. O número de palavras crescia de modo constante e caótico, com novos vocábulos evoluindo, fundindo-se e se combinando numa variedade intricada de frases em inglês.

… crescimento… brotos novos… ramificações lindas…



À medida que a imagem se expandia, Langdon e Ambra viram as palavras assumirem a forma de uma árvore crescendo.

Que negócio é esse?

Olharam com atenção o elemento gráfico, e o som das vozes à capela ficou mais alto ao redor. Langdon percebeu que não cantavam em latim, como tinha imaginado, e sim em inglês.

– Meu Deus, as palavras na tela – disse Ambra. – Acho que combinam com a música.

– É isso mesmo – concordou Langdon, vendo novos textos aparecerem na tela ao mesmo tempo que eram cantados.

… através de causas agindo lentamente… e não por atos milagrosos…

Langdon ouvia e olhava, sentindo-se estranhamente desconcertado pela combinação de palavras e música; a música era obviamente religiosa, mas o texto não era nem um pouco.

… seres orgânicos… o mais apto sobrevive… o mais fraco morre…

Langdon parou.

Eu conheço essa música!

Edmond tinha levado Langdon a uma apresentação dela, vários anos antes.

Intitulada *Missa Charles Darwin*, era uma missa em estilo cristão em que o compositor havia trocado o texto tradicional em latim por trechos de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, criando uma justaposição assombrosa de vozes devotas cantando sobre a brutalidade da seleção natural.

– Bizarro – comentou Langdon. – Edmond e eu ouvimos essa música juntos há um tempo. Ele adorava. É uma tremenda coincidência escutá-la de novo.

– Não é coincidência – trovejou uma voz familiar pelos alto-falantes acima deles. – Edmond me ensinou a receber os convidados na minha casa colocando alguma música de que eles gostem e mostrando alguma coisa interessante para discutir.

Langdon e Ambra olharam para os alto-falantes, incrédulos. A voz animada que os recebia tinha um nítido sotaque inglês.

– Estou muito feliz por vocês terem encontrado este local – disse a voz sintética e muito familiar.

– Winston! – exclamou Langdon, pasmo ao sentir um alívio tão grande por se reconectar com uma máquina.

Ele e Ambra contaram rapidamente o que havia acontecido.

– É bom escutar suas vozes – disse Winston. – Então digam, encontramos o que estávamos procurando?

C A P Í T U L O **8 4**

– William Blake – disse Langdon. – *The dark religions are departed & sweet science reigns.* As religiões das trevas partiram e reina a doce ciência.

Winston fez apenas uma pausa rápida.

– O último verso do poema épico *Os Quatro Zoas*. Devo admitir que é uma escolha perfeita. – Ele fez mais uma pausa. – Mas o número necessário de 47

letras…

– O ampersand – disse Langdon, explicando rapidamente o truque de ligadura com o *et*.

– *É a quintessência do Edmond* – retrucou a voz sintética com um risinho desajeitado.

– E então, Winston? – instigou Ambra. – Agora que você sabe a senha do Edmond, pode transmitir o resto da apresentação?

– Claro que posso – afirmou Winston. – Só preciso que vocês digitem a senha manualmente. Edmond colocou *firewalls* em volta desse projeto, por isso não tenho acesso direto a ele, mas posso levar vocês ao laboratório e mostrar onde digitar a informação. Podemos rodar o programa em menos de dez minutos.

Langdon e Ambra se entreolharam. A confirmação abrupta de Winston os pegou desprevenidos. Com tudo o que haviam passado durante a noite, esse momento definitivo de triunfo parecia ter chegado sem qualquer fanfarra.

– Robert – sussurrou Ambra, pondo a mão no ombro dele –, você fez isso.

Obrigada.

– Trabalho de equipe – retrucou ele com um sorriso.

– Será que posso sugerir irmos imediatamente para o laboratório de Edmond? –

disse Winston. – Vocês estão muito visíveis aqui no saguão, e eu detectei alguns informes de noticiário dizendo que vocês estão nesta área.

Langdon não ficou surpreso; um helicóptero militar pousando num parque metropolitano certamente atrairia a atenção.

– Diga aonde devemos ir – pediu Ambra.

– Passem entre as colunas – respondeu Winston. – Sigam minha voz.

No saguão, a música parou abruptamente e a tela de plasma escureceu. Na entrada principal, uma série de pancadas secas ecoou enquanto trancas automáticas eram acionadas.

Edmond provavelmente transformou essa instalação numa fortaleza, percebeu

Langdon, olhando rapidamente pelas grossas janelas do saguão, aliviado ao ver que a área com árvores em volta da capela estava deserta. *Pelo menos por enquanto*.

Enquanto se virava para Ambra, viu uma luz se acender na extremidade do saguão, iluminando uma passagem entre duas colunas. Ele e Ambra foram até lá, entraram e se viram num corredor comprido. Mais luzes se acenderam na outra ponta do corredor, orientando o caminho.

Enquanto Langdon e Ambra seguiam pelo corredor, Winston disse:

– Acredito que, para alcançar exposição máxima, precisamos fazer um anúncio global à imprensa agora mesmo, dizendo que a apresentação do falecido Edmond Kirsch vai ser transmitida. Com uma janela de tempo extra para a mídia divulgar o evento, a audiência vai aumentar drasticamente.

– Ideia interessante. – Ambra começou a andar mais depressa. – Mas quanto você acha que deveríamos esperar? Não quero correr nenhum risco.

– Dezessete minutos – respondeu Winston. – Assim, a transmissão aconteceria numa hora cheia: três da madrugada aqui e horário nobre nos Estados Unidos.

– Perfeito – concordou ela.

– Muito bem – entoou Winston. – O anúncio para a mídia vai sair agora e a apresentação terá início em 17 minutos.

Langdon se esforçava para acompanhar o planejamento acelerado de Winston.

Ambra foi andando à frente.

– E quantos funcionários estão aqui esta noite?

– Nenhum – respondeu Winston. – Edmond era obsessivo com relação à segurança. Não há praticamente nenhum funcionário. Eu cuido de todas as redes de computadores, além da iluminação, do ar-condicionado e da segurança. Edmond brincava dizendo que nesta era de casas “inteligentes” ele era o primeiro a ter uma igreja inteligente.

Langdon só estava escutando pela metade, o pensamento consumido por preocupações súbitas com relação às atitudes que estavam para tomar.

– Winston, você acha mesmo que *este* é o momento de transmitir a apresentação de Edmond?

Ambra parou e o encarou.

– Claro que é, Robert! É por isso que estamos aqui! O mundo inteiro está sintonizado! Além disso, não sei se mais alguém virá tentar nos impedir. Precisamos fazer isso *agora*, antes que seja tarde demais!

– Concordo – disse Winston. – De uma perspectiva estritamente estatística, essa história está se aproximando do ponto de saturação. Medida em terabytes de dados de mídia, a descoberta de Edmond Kirsch é uma das notícias mais importantes da década. O que não é nem um pouco surpreendente, considerando como a comunidade conectada cresceu de modo exponencial nos últimos dez anos.

– Robert? – pressionou Ambra, com o olhar sondando o dele. – Qual é a sua preocupação?

Langdon hesitou, tentando identificar a fonte de sua incerteza súbita.

– Acho que só estou preocupado com a possibilidade de que todas as histórias de conspiração desta noite, com assassinatos, sequestro, intriga real… ofusquem de algum modo a descoberta científica do Edmond.

– É um argumento válido, professor – concordou Winston. – Mas acredito que deixa de lado um fato importante: essas histórias de conspiração são um motivo substancial para tantas pessoas no mundo estarem conectadas. No início da transmissão da noite passada, havia três milhões de espectadores, mas, agora, depois de todos os acontecimentos dramáticos das últimas horas, estimo que cerca de *200*

milhões de pessoas estejam seguindo essa história através de sites de notícias, mídias sociais, televisão e rádio.

O número parecia espantoso para Langdon, mas ele se lembrou de que mais de 200 milhões de pessoas tinham assistido à final da Copa do Mundo da FIFA e 500

milhões tinham assistido ao primeiro pouso na Lua meio século atrás, quando não existia internet e os televisores eram muito menos disseminados globalmente.

– Talvez o senhor não veja isso na academia, professor – disse Winston. – Mas o resto do mundo virou um reality show. Ironicamente, as pessoas que tentaram silenciar Edmond conseguiram o oposto: deram-lhe a maior audiência de qualquer anúncio científico em toda a história. Isso me faz lembrar de quando o Vaticano foi contra o seu livro *O Cristianismo e o Sagrado Feminino*, que depois disso se tornou um best-seller.

Quase best-seller, pensou Langdon, mas o argumento de Winston era válido.

– Um dos principais objetivos de Edmond era ter uma audiência maximizada.

– Ele está certo – concordou Ambra, olhando para Langdon. – Quando Edmond e eu discutíamos o evento ao vivo no Guggenheim, ele ficava obcecado com a ideia de aumentar a audiência e atrair o maior número de espectadores possível.

– Como eu disse – enfatizou Winston –, estamos chegando ao ponto de saturação de mídia, e não há momento melhor do que o atual para revelar a descoberta dele.

– Entendi – disse Langdon. – Só diga o que fazer.

Continuando, chegaram a um obstáculo inesperado: uma escada posta no meio do corredor, como se para um serviço de pintura. Era impossível avançar sem tirar a escada da frente ou passar por baixo dela.

– Essa escada – observou Langdon. – Devo tirá-la?

– Não – respondeu Winston. – Edmond a colocou deliberadamente aí, muito tempo atrás.

– Por quê? – perguntou Ambra.

– Como vocês talvez saibam, Edmond desprezava todas as formas de superstição. Ele fazia questão de passar por baixo de uma escada todo dia, a caminho do trabalho, como se mostrasse a língua para os deuses. E, mais ainda, se algum visitante ou técnico se *recusasse* a passar por baixo dessa escada, Edmond o

expulsava do prédio.

Sempre tão razoável! Langdon sorriu, lembrando-se de uma vez em que Edmond o havia censurado em público por “bater na madeira” para espantar a má sorte. *Robert, a não ser que você seja um druida enrustido que ainda bate nas árvores para acordá-las, por favor, deixe essa superstição ignorante no passado, que é o lugar dela!*

Ambra continuou andando, abaixando-se e passando sob a escada. Com um tremor de nervosismo reconhecidamente irracional, Langdon foi atrás.

Quando chegaram ao outro lado, Winston os orientou a virarem num canto, chegando a uma grande porta de segurança que tinha duas câmeras e um scanner biométrico.

Havia uma placa escrita à mão acima da porta: SALA 13.

Langdon olhou o número do azar. *Edmond zombando dos deuses outra vez.*

– Esta é a entrada do laboratório dele – disse Winston. – A não ser os técnicos contratados que ajudaram Edmond a construí-lo, pouquíssimas pessoas têm acesso permitido.

Com isso, a porta zumbiu alto e Ambra não perdeu tempo segurando a maçaneta e abrindo-a. Deu um passo para dentro, parou e levou a mão à boca, com um arquejo. Quando Langdon olhou para a frente, para o santuário da igreja, entendeu a reação dela.

O grande salão da capela era dominado pela maior caixa de vidro que Langdon já vira. O volume transparente cobria todo o piso e chegava até o teto da capela, a uns seis metros de altura.

A caixa parecia dividida em dois andares.

No primeiro, Langdon podia ver centenas de armários de metal do tamanho de geladeiras, enfileirados como bancos de igreja voltados para um altar. Os armários não tinham portas e suas entranhas estavam à mostra. Espantosas e intricadas matrizes de fios vermelhos pendiam de densas grades de pontos de conexão, descendo em arco na direção do piso, onde se juntavam em grossas cordas que corriam entre as máquinas, criando o que parecia uma trama de veias.

Caos organizado, pensou Langdon.

– No primeiro andar, vocês veem o famoso supercomputador MareNostrum: 48.896 núcleos Intel se comunicando por uma rede InfiniBand FDR10: uma das máquinas mais rápidas do mundo. O MareNostrum estava aqui quando Edmond chegou. E, em vez de retirá-lo, ele o quis *incorporar*, por isso simplesmente expandiu… para cima.

Agora Langdon via que todas as tramas de fios do MareNostrum se juntavam no centro do salão, formando um tronco único que subia verticalmente como uma trepadeira enorme para o teto do primeiro andar.

Quando seu olhar chegou ao segundo andar do enorme retângulo de vidro, Langdon viu uma imagem bem diferente. Ali, no centro do piso, numa plataforma

elevada, havia um grande cubo metálico azul-acinzentado – com três metros de lado

– sem fios, sem luzes piscando e sem nada sugerindo que poderia ser o computador de ponta que Winston estava descrevendo com terminologia quase indecifrável.

– … os qubits substituem os dígitos binários… superposições de estados…

algoritmos quânticos… entrelaçamento e tunelamento…

Agora Langdon sabia por que ele e Edmond falavam de arte, e não de computadores.

– … resultando em quadrilhões de cálculos de ponto flutuante por segundo –

concluiu Winston. – O que faz com que a fusão dessas duas máquinas muito diferentes crie o supercomputador mais poderoso do mundo.

– Meu Deus – sussurrou Ambra.

– Na verdade – corrigiu Winston –, o Deus de *Edmond*.



C A P Í T U L O **8 5**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A DESCOBERTA DE KIRSCH VAI AO AR DENTRO DE MINUTOS!

É, está mesmo acontecendo!

Um anúncio feito pelo pessoal de Edmond Kirsch acaba de confirmar que sua descoberta científica amplamente esperada – que sofreu um adiamento devido ao assassinato do futurólogo – será transmitida por *streaming* para o mundo às três da madrugada, horário de Barcelona.

O número de espectadores não para de crescer, e as estatísticas de acompanhamento pela internet não têm precedentes.

Numa notícia relacionada, Robert Langdon e Ambra Vidal teriam sido vistos entrando no terreno da Capela Torre Girona, sede do Centro de Supercomputação de Barcelona, onde Edmond Kirsch teria trabalhado nos últimos anos. O ConspiracyNet ainda não pode confirmar se esse é o local de onde a apresentação será transmitida.

Fiquem conectados para a apresentação de Kirsch, disponível em tempo real aqui no ConspiracyNet.com!

C A P Í T U L O **8 6**

Enquanto passava pela porta de ferro e entrava na montanha, o príncipe Julián teve a sensação incômoda de que talvez jamais escapasse.

O Vale dos Caídos. O que estou fazendo aqui?

O espaço depois da entrada era frio e escuro, mal iluminado por dois castiçais elétricos em forma de tocha. O ar cheirava a pedra úmida.

Um homem uniformizado estava diante deles segurando um molho de chaves que chacoalhava em suas mãos trêmulas. Julián não ficou

surpreso ao ver que aquele funcionário do Patrimonio Nacional parecia ansioso; meia dúzia de agentes da Guardia Real estava enfileirada atrás dele no escuro. *Meu pai está aqui*. Sem dúvida, aquele pobre funcionário tinha sido chamado no meio da noite com o objetivo de destrancar a montanha sagrada de Franco para o rei.

Um dos agentes da Guardia se adiantou rapidamente.

– Príncipe Julián, bispo Valdespino. Estávamos esperando os senhores. Por aqui, por favor.

O agente da Guardia levou Julián e Valdespino até um enorme portão de ferro em que estava esculpido um agourento símbolo franquista – uma feroz águia de duas cabeças que ecoava a iconografia nazista.

– Sua Majestade está no fim do túnel – disse o agente, indicando o portão que tinha sido destrancado e estava parcialmente aberto.

Julián e o bispo trocaram olhares inseguros e passaram pelo portão flanqueado por um par de ameaçadoras esculturas de metal: dois anjos da morte segurando espadas em forma de cruz.

Mais imagens franquistas fundindo militarismo e religião, pensou Julián enquanto ele e o bispo começavam a longa caminhada para dentro da montanha.

O túnel que se estendia adiante era decorado com a mesma elegância do salão de baile do Palácio Real de Madri. Com piso de mármore preto polido e um alto teto em caixotões, a passagem suntuosa era iluminada por uma série aparentemente interminável de castiçais de parede em forma de tochas.

Mas esta noite a fonte da luz no corredor era muito mais dramática. Dezenas e dezenas de bacias com fogo, enfileiradas como luzes de pista de pouso, ardiam em laranja por toda a extensão do túnel. Tradicionalmente esses fogos só eram acesos para eventos importantes, mas pelo jeito a chegada do rei tarde da noite era motivo suficiente para que fossem usados.

Com reflexos de fogo dançando no piso polido, o corredor enorme assumia uma ambientação quase sobrenatural. Julián sentia a presença fantasmagórica das almas tristes que tinham escavado aquele túnel à mão, com as picaretas e pás posicionadas, labutando por anos dentro daquela montanha gelada, com fome, frio, muitos morrendo, tudo pela glorificação de Franco, cujo túmulo estava no fundo daquela caverna.

Olhe com atenção, filho, dissera seu pai. *Um dia você vai demolir tudo isso.*

Como rei, Julián sabia que provavelmente não teria poder para destruir a estrutura magnífica. No entanto, precisava admitir, achava surpreendente que o povo da Espanha tivesse permitido que ela permanecesse de pé, em especial considerando sua vontade de deixar o passado sombrio para trás e entrar no mundo novo. Mas, por outro lado, ainda havia quem ansiasse pelos costumes antigos e todo ano, no aniversário da morte de Franco, centenas de franquistas idosos iam em bando àquele lugar, prestar-lhe homenagem.

– Don Julián – disse o bispo baixinho, fora da audição dos outros, enquanto penetravam mais na passagem. – Sabe por que o seu pai nos chamou aqui?

Julián balançou a cabeça.

– Eu esperava que *o senhor* soubesse.

Valdespino soltou um suspiro pesado.

– Não faço a mínima ideia.

Se o bispo não conhece os motivos do meu pai, pensou Julián, *ninguém conhece.*

– Só espero que ele esteja bem – disse o bispo com uma ternura surpreendente.

– Ultimamente algumas decisões dele…

– Quer dizer, como convocar uma reunião no interior de uma montanha quando deveria estar numa cama de hospital?

Valdespino deu um sorriso suave.

– Por exemplo, sim.

Julián se perguntou por que a equipe da Guardia destacada para o rei não tinha se recusado a tirar o monarca agonizante do hospital e trazê-lo até este lugar que só provocava maus pressentimentos. Mas, no fim das contas, os agentes da Guardia eram treinados para obedecer sem questionar, especialmente quando o pedido vinha do próprio comandante em chefe.

– Não rezo aqui há anos – disse Valdespino, olhando o corredor iluminado pelos fogos.

Julián sabia que o túnel por onde seguiam não era apenas o corredor de acesso para a montanha; era também a *nave* de uma igreja católica oficial. Adiante, o príncipe podia começar a ver as fileiras de bancos.

La basílica secreta, era como Julián havia chamado o lugar, quando era criança.

Escavado na montanha de granito, o santuário dourado no fim do túnel era um

espaço gigantesco, uma basílica subterrânea espantosa com uma cúpula enorme.

Segundo se dizia, o mausoléu subterrâneo tinha uma área maior que a da Basílica de São Pedro, em Roma, com seis capelas separadas cercando o altar-mor, posicionado meticulosamente sob a cruz no topo da montanha.

Enquanto se aproximavam do santuário principal, Julián examinou o espaço à procura do pai. Mas a basílica parecia deserta.

– Onde ele está? – perguntou Valdespino, preocupado.

Agora Julián compartilhava a preocupação do bispo, temendo que a Guardia tivesse deixado o rei sozinho naquele espaço desolado. O príncipe avançou rapidamente, olhando para um braço do transepto e depois para o outro. Nenhum sinal do rei. Andou mais depressa, circulando em volta do altar e chegando à abside.

Foi ali, nos recessos mais profundos da montanha, que Julián finalmente viu o pai e parou, atônito.

O rei da Espanha estava completamente só, coberto por mantas pesadas e com o corpo frouxo numa cadeira de rodas.

C A P Í T U L O **8 7**

Dentro da área principal da capela deserta, Langdon e Ambra seguiram a voz de Winston e passaram em volta do supercomputador de dois andares. Através do vidro grosso, escutavam uma vibração profunda emanando da máquina colossal lá dentro. Langdon tinha a assustadora sensação de que olhava uma fera encarcerada numa jaula.

Segundo Winston, o barulho não era gerado pelo equipamento eletrônico, e sim pela enorme quantidade de ventoinhas, dissipadores e bombas de líquido refrigerante necessária para impedir que a máquina superaquecesse.

– Aí dentro é ensurdecedor – disse Winston. – E frio. Felizmente o laboratório de Edmond é no segundo andar.

Uma escada espiral se erguia à frente, fixada na parede externa da área envidraçada. Seguindo a orientação de Winston, Langdon e Ambra subiram e se viram numa plataforma de metal diante de uma porta giratória de vidro.

Para diversão de Langdon, essa entrada futurista do laboratório de Edmond tinha sido decorada como uma casa suburbana – até mesmo com um tapete de boas-vindas, um vaso de planta artificial e um banquinho sob o qual havia um par de chinelos. Langdon percebeu, com melancolia, que eles deviam ser de Edmond.

Acima da porta havia uma mensagem emoldurada.

O sucesso é a capacidade de ir

de um fracasso ao outro

sem perder o entusiasmo.

– WINSTON CHURCHILL

– Mais Churchill – disse Langdon, mostrando a placa a Ambra.

– É a citação predileta de Edmond – entoou Winston. – Ele dizia que ela revela a característica mais forte dos computadores.

– Dos computadores? – perguntou Ambra.

– É, os computadores são infinitamente persistentes. Eu posso fracassar bilhões de vezes sem qualquer traço de frustração. Embarco na bilionésima tentativa de resolver um problema com a mesma energia da primeira. Os humanos não conseguem isso.

– Verdade – admitiu Langdon. – Em geral, eu desisto depois da milionésima.

Ambra sorriu e foi em direção à porta.

– O piso dentro é de vidro – disse Winston enquanto a porta começava a girar automaticamente. – Então, por favor, tirem os sapatos.

Em segundos, Ambra tinha chutado os sapatos e entrado descalça pela porta giratória. Ao segui-la, Langdon notou que o tapete de

boas-vindas de Edmond tinha uma mensagem incomum:

NÃO HÁ LUGAR COMO O 127.0.0.1

– Winston, esse tapete? Não enten…

– Localhost – respondeu Winston.

Langdon leu o tapete de novo.

– Sei – disse, não sabendo nem um pouco, e continuou a passar pela porta giratória.

Quando saiu no piso de vidro, Langdon sentiu um momento de incerteza, ficando com as pernas bambas. Estar de pé numa superfície transparente calçado com meias já era bem incômodo, mas pegar-se diretamente em cima do supercomputador MareNostrum era muito perturbador. Vista de cima, a falange de armários imponentes o fez se lembrar de quando olhou para o famoso poço arqueológico de Xi'an, na China, para ver o exército de terracota.

Respirou fundo e levantou os olhos para o espaço bizarro diante dele.

O laboratório de Edmond era um retângulo transparente dominado pelo cubo de metal azul-acinzentado que ele tinha visto antes, com a superfície lustrosa refletindo tudo ao redor. À direita do cubo, numa borda da sala, havia um espaço de escritório ultramoderno com uma mesa semicircular, três telas de LCD gigantes e vários teclados em recessos no tampo de granito.

– Controle da missão – sussurrou Ambra.

Langdon assentiu e olhou para o outro lado da câmara, onde poltronas, um sofá e uma bicicleta ergométrica estavam arrumados sobre um tapete oriental.

Uma caverna humana de supercomputação, pensou Langdon, suspeitando que Edmond havia praticamente se mudado para aquela caixa de vidro enquanto trabalhava no projeto. *O que ele descobriu aqui em cima?* A hesitação inicial de Langdon havia passado, e agora ele sentia a força de atração da curiosidade intelectual: a vontade de descobrir que mistérios teriam sido desvelados ali, que segredos teriam sido desenterrados com a colaboração de uma mente genial e uma máquina poderosa.

Ambra já havia ido até o cubo enorme e estava olhando admirada para a superfície polida azul-acinzentada. Langdon se juntou a ela, os dois refletidos no exterior brilhante.

Isso é um computador? , pensou Langdon. Diferentemente da máquina de baixo,

essa estava em silêncio total – inerte e sem vida –, um monólito metálico.

O tom azulado da máquina fez Langdon se lembrar de um supercomputador da década de 1990 chamado “Deep Blue” – Azul Profundo –, que espantou o mundo ao derrotar o campeão mundial de xadrez Garry Kasparov. Desde então, os avanços na tecnologia dos computadores eram quase impossíveis de se compreender.

– Gostariam de olhar dentro? – entoou Winston através de um conjunto de caixas de som, acima.

Ambra olhou espantada para o alto.

– Olhar dentro do *cubo*?

– Por que não? – respondeu Winston. – Edmond sentiria orgulho em mostrar a vocês dois a estrutura interna.

– Não é necessário – disse Ambra, virando os olhos para o escritório de Edmond. – Eu preferiria me concentrar em digitar a senha. Como fazemos isso?

– Só vai demorar alguns segundos, e ainda temos mais de 11 minutos antes da transmissão. Deem uma olhada dentro.

Diante deles, um painel na lateral do cubo virada para o escritório começou a deslizar, revelando uma grossa placa de vidro. Langdon e Ambra deram a volta e encostaram o rosto no vidro transparente.

Langdon esperava encontrar outro agrupamento denso de fios e luzes piscando.

Mas não viu nada disso. Para sua perplexidade, o interior do cubo estava escuro e vazio – como uma pequena sala desocupada. O único conteúdo parecia ser fiapos de névoa branca que redemoinhavam no ar como se a sala fosse um freezer. O grosso painel de plexiglas irradiava um frio surpreendente.

– Não tem nada aí – declarou Ambra.

Langdon também não viu nada, mas sentiu uma pulsação grave e repetitiva emanando de dentro do cubo.

– Essas batidas lentas e graves – disse Winston – são do sistema de refrigeração por diluição com tubo de pulso. O som parece de um coração humano.

Parece mesmo, pensou Langdon, incomodado com a comparação.

Lentamente luzes vermelhas começaram a iluminar o interior do cubo. A princípio Langdon viu apenas névoa branca e um espaço vazio – uma câmara quadrada sem nada dentro. Depois, à medida que a claridade aumentava, algo brilhou no ar acima do piso e ele percebeu que havia um intricado cilindro de metal pendendo do teto como uma estalactite.

– E é *isso* que o cubo deve manter frio – disse Winston.

O dispositivo cilíndrico suspenso no teto tinha cerca de 1,5 metro de comprimento, composto por sete anéis horizontais que diminuíam de diâmetro à medida que desciam, criando uma coluna cada vez mais

estreita feita de discos em camadas presos por finas hastes verticais. O espaço entre os discos de metal polido era ocupado por uma teia esparsa de fios delicados. Uma névoa gelada fazia redemoinhos em volta de todo o dispositivo.

– E-Wave – anunciou Winston. – Um salto quântico, se vocês perdoam o jogo de palavras, para além do D-Wave da Nasa e do Google.

Winston explicou rapidamente que o D-Wave – o primeiro "computador quântico" rudimentar do planeta – tinha aberto as portas para um admirável mundo novo de poder computacional que os cientistas ainda estavam lutando para compreender. A computação quântica, em vez de usar um método binário de armazenar informação, usava os estados quânticos de partículas subatômicas, o que resultava num salto exponencial em velocidade, capacidade e flexibilidade.

– Estruturalmente o computador quântico de *Edmond* não é muito diferente do D-Wave – disse Winston. – Uma diferença é o cubo metálico ao redor. O cubo é coberto com ósmio, um elemento químico raro, ultradenso, que proporciona um maior isolamento magnético, térmico e quântico. E, além disso, suspeito, gera um efeito dramático bem ao estilo de Edmond.

Langdon sorriu, já que tivera um pensamento semelhante.

– Nos últimos anos, enquanto o Laboratório de Inteligência Artificial Quântica do Google usava computadores como o D-Wave para aumentar o aprendizado das máquinas, Edmond pulou secretamente por cima de todo mundo com esta aqui. E

fez isso usando uma única ideia ousada… – Winston fez uma pausa. –

Bicameralismo.

Langdon franziu a testa. *Duas câmaras do Parlamento?*

– O cérebro de dois lóbulos – continuou Winston. – Hemisférios esquerdo e direito.

A mente bicameral, percebeu Langdon enfim. Uma das coisas que tornavam o ser humano tão criativo era que as duas metades do cérebro funcionavam de modo muito diferente. O lado esquerdo era analítico e verbal, o direito era intuitivo e

"preferia" imagens a palavras.

– O truque – disse Winston – foi que Edmond decidiu construir um cérebro sintético que imitava o *humano* – isto é, segmentado em dois hemisférios, o esquerdo e o direito. Ainda que, neste caso, seja mais um arranjo do tipo andar de cima e andar de baixo.

Langdon deu um passo atrás e olhou através do piso, para a máquina barulhenta lá embaixo, e depois de novo para a "estalactite" silenciosa dentro do cubo. *Duas máquinas distintas fundidas em uma só: uma mente bicameral.*

– Quando são obrigadas a trabalhar como uma *única* unidade – continuou Winston –, essas duas máquinas adotam abordagens diferentes para resolver um problema, e com isso experimentam o mesmo tipo de conflitos e acordos que ocorrem entre os lóbulos do cérebro humano, o que acelera tremendamente o aprendizado, a criatividade e, de certo modo… a *humanidade* da inteligência artificial. No meu caso, Edmond me deu os instrumentos para aprender sobre a humanidade observando o mundo ao redor e modelando os traços humanos: humor, cooperação, julgamentos de valor e até um senso de ética.

Incrível, pensou Langdon.

– Então esse computador duplo é essencialmente… *você*?

Winston riu.

– Bom, esta máquina não sou *eu*, assim como o seu cérebro físico não é *você*.

Observando o seu cérebro numa tigela, você não diria: “Este objeto sou eu.” Nós somos a soma das interações que acontecem *dentro* do mecanismo.

– Winston – chamou Ambra, agora indo para a área de trabalho de Edmond. –

Quanto tempo falta para a transmissão?

– Cinco minutos e quarenta e três segundos. Vamos nos preparar?

– Sim, por favor – disse ela.

O painel que cobria o vidro deslizou lentamente de volta para o lugar e Langdon foi se juntar a Ambra no laboratório de Edmond.

– Winston – disse ela. – Considerando todo o seu trabalho aqui com Edmond, estou surpresa por você não ter a mínima ideia de qual era a descoberta dele.

– De novo, Srta. Vidal, minhas informações são compartimentadas, e eu tenho os mesmos dados que vocês. Só posso fazer uma suposição.

– E qual seria ela? – perguntou Ambra, olhando ao redor.

– Bom, Edmond dizia que sua descoberta “mudaria tudo”. Segundo a minha experiência, as descobertas mais transformadoras da história resultaram em *modelos* revisados do Universo. Revoluções como a rejeição de Pitágoras ao modelo da Terra plana, o heliocentrismo de Copérnico, a teoria da evolução de Darwin e a descoberta da relatividade por Einstein. Todas essas ideias alteraram drasticamente a visão do mundo para a humanidade e atualizaram o modelo do Universo que prevalecia naquele momento.

Langdon olhou para o alto-falante acima.

– Então você está supondo que Edmond descobriu algo que sugere um novo modelo do Universo?

– É uma dedução lógica – respondeu Winston, agora falando mais depressa. –

Por acaso, o MareNostrum é um dos primeiros computadores de "modelagem" na Terra, especializado em simulações complexas, a mais famosa das quais é o "Alya Red", um coração humano virtual, totalmente funcional, que é exato até o nível celular. Claro, com o acréscimo recente de um componente quântico, esta instalação pode modelar sistemas milhões de vezes mais complexos do que os órgãos humanos.

Langdon captou o conceito, mas ainda não podia imaginar o que Edmond poderia ter modelado para responder às perguntas: *De onde viemos? Para onde vamos?*

– Winston? – chamou Ambra, junto à mesa de Edmond. – Como ligamos isso?

– Posso ajudar – respondeu Winston.

As três enormes telas de LCD na mesa se acenderam justo quando Langdon chegou ao lado de Ambra. Enquanto as imagens se materializavam, os dois recuaram, alarmados.

– Winston… esta imagem é *ao vivo?* – perguntou ela.

– Sim, mandada pelas nossas câmeras de segurança externas. Achei que vocês deveriam saber. Elas chegaram há vários segundos.

As telas mostravam a visão captada por uma lente olho de peixe na entrada principal da capela, onde um pequeno exército de policiais havia se reunido apertando o interfone, tentando forçar a porta, falando em rádios.

– Não se preocupem – garantiu Winston –, eles jamais conseguirão entrar. E

faltam menos de quatro minutos para a transmissão.

– Deveríamos transmitir *agora* – insistiu Ambra.

Winston respondeu com tranquilidade:

– Acredito que Edmond preferiria que transmitíssemos na hora cheia, como foi anunciado. Ele era um homem de palavra. Além disso, estou monitorando o número de espectadores em todo o globo, e ele ainda está crescendo. Na taxa atual, nos próximos quatro minutos nossa audiência vai aumentar em 12,7 por cento, e prevejo que chegaremos à penetração máxima. – Winston fez uma pausa, parecendo quase agradavelmente surpreso. – Devo dizer que, apesar de tudo o que aconteceu esta noite, parece que a apresentação de Edmond acontecerá no melhor momento possível. Acho que ele ficaria profundamente grato a vocês dois.

C A P Í T U L O **8 8**

Em menos de quatro minutos**,** pensou Langdon, sentando-se na cadeira de escritório e examinando os três enormes painéis de LCD que dominavam esta extremidade da sala. Na tela, as imagens das câmeras de segurança continuavam aparecendo, mostrando a polícia ao redor da capela.

– Tem *certeza* de que eles não podem entrar? – insistiu Ambra, remexendo-se, ansiosa, atrás de Langdon.

– Confiem em mim – respondeu Winston. – Edmond levava a segurança muito a sério.

– E se eles cortarem a energia do prédio? – perguntou Langdon.

– O fornecimento de eletricidade é isolado – respondeu Winston sem rodeios. –

Troncos redundantes enterrados. Nesse ponto ninguém pode interferir, garanto.

Langdon não pensou mais nisso. *Winston esteve correto em todas as frentes…*

E se manteve na retaguarda o tempo inteiro desde que tudo isso começou.

Acomodado no centro da mesa em forma de ferradura, Langdon voltou a atenção para o teclado incomum à sua frente. Tinha pelo menos o dobro do número normal de teclas – as alfanuméricas tradicionais e uma variedade de símbolos que nem ele reconhecia. O teclado era dividido ao meio, cada metade ergonomicamente em ângulo com relação à outra.

– Alguma orientação aqui? – perguntou Langdon, olhando a quantidade espantosa de teclas.

– Teclado errado – respondeu Winston. – Esse é o ponto de acesso principal do E-Wave. Como mencionei, Edmond mantinha a apresentação escondida de todo mundo, inclusive de mim. Ela deve ser iniciada a partir de outra máquina. Vá para a direita. Até o final.

Langdon olhou para a direita, onde meia dúzia de computadores estava alinhada ao longo da mesa. Enquanto deslizava a cadeira até eles, ficou surpreso ao ver que as primeiras máquinas eram bem antigas e ultrapassadas. Estranhamente, quanto mais se afastava, mais antigas as máquinas pareciam.

Isso não pode estar certo, pensou, passando por um sistema IBM DOS pesadão e bege que devia ter décadas de idade.

– Winston, o que são essas máquinas?

– Os computadores da infância de Edmond. Ele os guardou como lembrança de suas raízes. Às vezes, nos dias difíceis aqui, ele os ligava e rodava programas

antigos, para se reconectar com o assombro que sentiu quando criança, ao descobrir a programação.

– Adoro essa ideia – disse Langdon.

– Como o seu relógio do Mickey Mouse – sugeriu Winston.

Espantado, Langdon olhou para baixo, puxando a manga da casaca para revelar o relógio antigo que ele usava desde que o havia ganhado, na infância. O fato de Winston saber sobre o relógio era surpreendente, se bem que Langdon se lembrava de ter contado recentemente a Edmond que o usava como um lembrete para permanecer jovem no coração.

– Robert – disse Ambra –, deixando de lado seu senso de moda, será que poderíamos digitar a senha, por favor? Até o seu camundongo está acenando, tentando atrair sua atenção.

Sem dúvida, a mão enluvada do Mickey estava acima da cabeça, o indicador apontando quase diretamente para o alto. *Três minutos para a hora cheia.*

Langdon deslizou rapidamente pela mesa e Ambra se juntou a ele diante do último computador da fila, uma caixa feia, cor de cogumelo, com baia de disquete, modem telefônico de 1.200 bauds e um bulboso monitor convexo de 12 polegadas em cima.

– Tandy TRS-80 – disse Winston. – A primeira máquina do Edmond. Ele a comprou de segunda mão e aprendeu o BASIC sozinho quando tinha uns 8 anos.

Langdon ficou feliz ao ver que esse computador, apesar de ser um dinossauro, já estava ligado e em modo de espera. A tela – em preto e branco – estava acesa com uma mensagem promissora, apresentada numa fonte de bitmap serrilhada.

BEM-VINDO, EDMOND.

POR FAVOR, DIGITE A SENHA:

Depois da palavra “senha”, um cursor preto piscava cheio de expectativa.

– É isso? – perguntou Langdon, sentindo de algum modo que aquilo era simples demais. – Eu só digito *aqui*?

– Exato – respondeu Winston. – Assim que o senhor digitar a senha, esse PC

vai mandar uma mensagem de destravamento autenticada para a parte lacrada do computador principal que contém a apresentação de Edmond. Então terei acesso e poderei manusear o arquivo, alinhá-lo com a hora cheia e enviar os dados aos principais canais de distribuição para ser transmitido globalmente.

Langdon acompanhou mais ou menos a explicação; no entanto, olhando para o computador desajeitado e o modem telefônico, ficou perplexo.

– Não entendo, Winston. Depois de todo o planejamento de Edmond para esta noite, por que ele confiaria toda a sua apresentação a uma ligação telefônica para um

modem pré-histórico?

– Eu diria que é somente Edmond sendo Edmond – respondeu Winston. –

Como vocês sabem, ele era apaixonado pela dramaticidade, pelo simbolismo e pela história. Suspeito que sentiu uma alegria tremenda em ligar seu primeiro computador e usá-lo para disparar o trabalho mais grandioso de sua vida.

Bom argumento, refletiu Langdon, percebendo que era exatamente assim que Edmond veria a coisa.

– E mais – acrescentou Winston. – Desconfio que Edmond provavelmente tinha contingências preparadas. Mas, de qualquer modo, há lógica em usar um computador antigo para “ligar um interruptor”. Tarefas simples pedem ferramentas simples. E, em termos de segurança, usar um processador lento garante que uma tentativa de invasão do sistema com força bruta demoraria uma eternidade.

– Robert? – insistiu Ambra atrás dele, apertando seu ombro com um gesto encorajador.

– É, desculpe, tudo certo.

Langdon puxou mais para perto o teclado do Tandy, com o cabo enrolado se esticando como um antigo fio de telefone de disco. Pousou os dedos nas teclas de plástico e visualizou a linha de texto escrita à mão que ele e Ambra tinham descoberto na cripta da Sagrada Família.

The dark religions are departed & sweet science reigns. As religiões das trevas partiram e reina a doce ciência.

O final grandioso do poema épico de William Blake, *Os Quatro Zoas*, parecia a opção perfeita para destrancar a última revelação científica de Edmond: uma descoberta que, segundo ele, mudaria tudo.

Langdon respirou fundo e digitou o verso cuidadosamente, sem espaços, substituindo o *&* pela conjunção *et*.

Quando terminou, olhou a tela.

POR FAVOR, DIGITE A SENHA:

.....

Langdon contou os pontos: 47.

Perfeito. Vamos lá.

Olhou para Ambra e ela assentiu. Ele estendeu a mão e apertou a tecla Enter.

Instantaneamente, o computador emitiu um zumbido fraco.

SENHA INCORRETA.

TENTE DE NOVO.

◆ ◆ ◆

O coração de Langdon disparou.

– Ambra, eu digitei perfeitamente! Tenho *certeza*!

Ele girou na cadeira e olhou para ela, esperando ver um rosto cheio de medo.

Em vez disso, Ambra Vidal olhou para ele com um sorriso divertido. Balançou a cabeça e riu.

– *Professor* – sussurrou ela, apontando para o teclado –, a tecla de maiúsculas está acionada.

Nesse momento, no fundo de uma montanha, o príncipe Julián estava hipnotizado, olhando fixamente e tentando entender a cena espantosa à sua frente.

Seu pai, o rei da Espanha, estava sentado imóvel numa cadeira de rodas, no lugar mais remoto e privado daquela basílica subterrânea.

Sentiu uma onda de pavor e correu para perto dele.

– Pai?

Quando Julián chegou, o rei abriu lentamente os olhos, parecendo emergir de um cochilo. O monarca doente conseguiu dar um sorriso relaxado.

– Obrigado por ter vindo, filho – sussurrou com a voz frágil.

Julián se agachou na frente da cadeira de rodas, aliviado porque o pai estava vivo, mas também alarmado ao ver como seu estado havia se deteriorado dramaticamente em apenas alguns dias.

– Pai? O senhor está bem?

O rei deu de ombros.

– Tão bem quanto seria de esperar – respondeu com bom humor surpreendente.

– E como *você* está? Seu dia foi… movimentado.

Julián não tinha ideia de como responder.

– O que o senhor está fazendo aqui?

– Bom, eu estava cansado de ficar preso a uma cama e queria tomar um pouco de ar.

– Ótimo, mas… *aqui*?

Julián sabia que seu pai sempre havia abominado a conexão simbólica daquele templo com a perseguição e a intolerância.

– Majestade! – gritou Valdespino, correndo em volta do altar e se juntando a eles, ofegante. – O que é isso?

O rei sorriu para o amigo de toda a vida.

– Bem-vindo, Antonio.

¿Antonio? O príncipe Julián nunca tinha visto o pai se dirigir ao bispo Valdespino pelo primeiro nome. Em público, ele era sempre "Excelência".

A estranha falta de formalidade do rei pareceu abalar o bispo.

– O… obrigado – gaguejou ele. – O senhor está bem?

– Simplesmente maravilhoso – respondeu o rei com um sorriso largo. – Estou na presença das duas pessoas em quem mais confio no mundo.

Valdespino lançou um olhar inquieto para Julián e depois se virou de novo para o rei.

– Majestade, entreguei seu filho ao senhor, como pediu. Devo deixar os dois para conversarem em particular?

– Não, Antonio. Isso será uma confissão. E preciso do meu sacerdote ao meu lado.

Valdespino balançou a cabeça.

– Não creio que o seu filho espere que o senhor explique seus atos e seu comportamento desta noite. Tenho certeza de que ele…

– Esta noite? – O rei gargalhou. – Não, Antonio, vou confessar o segredo que escondi de Julián durante toda a vida dele.



C A P Í T U L O **8 9**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

IGREJA SOB ATAQUE!

Não, não por parte de Edmond Kirsch, mas da polícia espanhola!

A Capela Torre Girona, em Barcelona, está sob ataque das autoridades locais.

Dentro, Robert Langdon e Ambra Vidal seriam os responsáveis pela divulgação ansiosamente esperada da descoberta de Edmond Kirsch, para a qual faltam apenas alguns minutos.

A contagem regressiva começou!

C A P Í T U L O **9 0**

Ambra Vidal sentiu uma onda de empolgação quando o computador antigo soltou um *ping* feliz depois da segunda tentativa de Langdon digitar o verso de Blake.

SENHA CORRETA.

Graças a Deus, pensou enquanto Langdon se levantava e se virava para ela.

Ambra o envolveu com os braços e o apertou num abraço sincero. *Edmond ficaria grato demais.*

– Dois minutos e trinta e três segundos – entoou Winston.

Ambra soltou Langdon e os dois se viraram para as telas de LCD no alto. A do centro mostrava um relógio em contagem regressiva que ela vira pela última vez no Guggenheim.

O programa começa em 2 minutos e 33 segundos

Número de espectadores remotos: 227.257.914

Mais de duzentos milhões de pessoas? Ambra estava pasma. Aparentemente, enquanto ela e Langdon estavam fugindo por Barcelona, o mundo inteiro ficara sabendo. *A audiência de Edmond se tornou astronômica.*

Ao lado da tela com a contagem regressiva, as imagens das câmeras de segurança continuavam a passar. E Ambra notou uma mudança súbita na atividade da polícia do lado de fora. Um a um, os policiais que antes estavam batendo em portas e falando nos rádios pararam o que vinham fazendo, pegaram seus smartphones e ficaram olhando para a tela. O pátio do lado de fora da igreja aos poucos se tornou um mar de rostos pálidos, ansiosos, iluminados pela claridade dos aparelhos.

Edmond fez o mundo parar, pensou Ambra, com um estranho sentimento de responsabilidade ao imaginar que pessoas em todo o globo estavam se preparando para assistir a uma apresentação que

sairia daquela sala. *Imagino se Julián está vendo*, pensou e, em seguida, o afastou rapidamente do pensamento.

– O programa está no ponto – avisou Winston. – Acho que vocês vão ficar mais

◆ ◆ ◆

confortáveis assistindo na área de estar, do outro lado do laboratório.

– Obrigado, Winston – disse Langdon, levando Ambra descalça pelo piso de vidro liso, passando pelo cubo metálico azul-acinzentado e chegando à área de estar.

Ali, um tapete oriental tinha sido posto no piso de vidro, junto com um conjunto de móveis elegantes e uma bicicleta ergométrica.

Enquanto passava do vidro para o tapete macio, Ambra sentiu que estava começando a relaxar. Sentou-se no sofá e dobrou as pernas embaixo do corpo, olhando em volta à procura da TV de Edmond.

– Onde vamos assistir?

Aparentemente Langdon não escutou, tendo ido até o canto da sala olhar alguma coisa, mas Ambra teve a resposta um instante depois, quando toda a parede dos fundos da câmara começou a se iluminar por dentro. Uma imagem familiar apareceu, projetada de dentro do vidro.

O programa começa em 1 minuto e 39 segundos

Número de espectadores remotos: 227.501.173

A parede inteira é uma tela?

Ambra olhou para a imagem de 2,5 metros de altura enquanto as luzes na igreja diminuíam lentamente. Parecia que Winston estava deixando-os à vontade para o grande show de Edmond.

A três metros dali, no canto da sala, Langdon ficou hipnotizado – não pela enorme tela de TV, e sim por um objeto pequeno que tinha acabado de ver: estava num pedestal elegante como se fizesse parte de uma mostra de museu.

Era um tubo de ensaio abrigado dentro de uma caixa de metal com frente de vidro. O tubo estava tampado e rotulado, e continha um líquido meio marrom. Por um momento, Langdon se perguntou se seria algum tipo de remédio que Edmond estivera tomando. Então, leu o nome no rótulo.

Impossível, disse a si mesmo. *Por que isso está aqui?*

Havia poucos tubos de ensaio "famosos" no mundo, mas o professor sabia que aquele sem dúvida tinha o direito a ser chamado assim. *Não acredito que Edmond tenha um!* Ele provavelmente havia comprado o artefato científico em segredo, por um preço exorbitante. *Assim como fez com o quadro de Gauguin que estava na Casa Milà*.

Langdon se agachou e olhou o tubo de vidro de 70 anos. O rótulo estava desbotado e gasto, mas os dois nomes ainda eram legíveis: MILLER-UREY.

O professor sentiu um arrepio na nuca ao ler os nomes novamente.

MILLER-UREY.

Meu Deus… De onde viemos?

Os químicos Stanley Miller e Harold Urey tinham realizado um lendário trabalho científico na década de 1950, tentando responder a essa mesma pergunta. O

ousado experimento havia fracassado, mas seus esforços foram saudados em todo o mundo e, desde então, o estudo ficou conhecido como Experimento de Miller e Urey.

Langdon se lembrou do fascínio na aula de biologia do ensino médio ao ficar sabendo como esses dois cientistas tinham tentado recriar

as condições do início da vida na Terra: um planeta quente coberto por um oceano agitado, sem vida, cheio de substâncias químicas em ebulição.

A sopa primordial.

Miller e Urey usaram as mesmas substâncias químicas que existiam nos oceanos e na atmosfera primitivos – água, metano, amônia e hidrogênio – e aqueceram a mistura para simular os mares ferventes. Então, fizeram passar cargas elétricas para imitar os relâmpagos. E, finalmente, deixaram a mistura esfriar, assim como havia acontecido com os oceanos do planeta.

O objetivo dos dois era simples e audacioso: fazer brotar a vida a partir de um mar primitivo e estéril. *Simular a "Criação"* , pensou Langdon, *usando apenas a ciência.*

Miller e Urey estudaram a mistura com a esperança de que micro-organismos primitivos pudessem ter se formado na mistura rica em substâncias químicas – um processo sem precedentes conhecido como *abiogênese*. Infelizmente, as tentativas de criar a "vida" a partir de matéria inanimada não tiveram sucesso. Em vez de vida, eles ficaram apenas com um conjunto de frascos de vidro inertes que agora permaneciam num armário fechado na Universidade da Califórnia, em San Diego.

Até hoje os criacionistas ainda citavam o fracasso do experimento de Miller e Urey como prova científica de que a vida *não* poderia ter surgido na Terra sem a ajuda da mão de Deus.

– Trinta segundos – trovejou a voz de Winston.

Os pensamentos de Langdon giraram enquanto ele permanecia de pé olhando a igreja escura ao redor. Apenas alguns minutos antes, Winston tinha declarado que as maiores revoluções da ciência eram as que criavam novos "modelos" do Universo.

Também dissera que o MareNostrum era especializado em modelagem computacional – simulando sistemas complexos e

olhando-os rodar.

O experimento de Miller e Urey é um exemplo de modelagem antiga…

simulando as complexas interações químicas que ocorriam na Terra primitiva.

– Robert! – chamou Ambra do outro lado da sala. – Está começando.

– Estou indo.

Ele foi para o sofá com uma forte suspeita de que podia ter acabado de vislumbrar parte daquilo em que Edmond estivera trabalhando.

Lembrou a dramática introdução que Edmond fizera na campina gramada do Guggenheim. *Esta noite sejamos como os primeiros exploradores, os que deixaram tudo para trás e partiram por vastos oceanos. A era da religião está chegando ao fim e a era da ciência está começando. Imaginem só o que aconteceria se descobríssemos milagrosamente as respostas para as grandes perguntas da vida.*

Langdon se sentou ao lado de Ambra, e a enorme tela de parede começou a transmitir o final da contagem regressiva.

Ambra o observava.

– Você está bem, Robert?

Ele fez que sim enquanto uma trilha sonora retumbante enchia a sala e o rosto de Edmond se materializava na parede diante deles, com 1,5 metro de altura. O

célebre futurólogo parecia magro e cansado, mas dava um sorriso largo para a câmera.

– De onde viemos? – perguntou ele, com a empolgação crescendo na voz enquanto a música diminuía. – E para onde vamos?

Ambra segurou a mão de Langdon e a apertou, ansiosa.

– Essas duas perguntas fazem parte da mesma história – declarou Edmond. –

Então vamos começar do princípio. *Bem* do princípio.

Com um aceno descontraído, Edmond enfiou a mão no bolso e pegou um pequeno objeto de vidro: um tubo de ensaio com líquido escuro e os nomes desbotados de Miller e Urey.

Langdon sentiu o coração disparar.

– Nossa jornada começou há muito tempo… *quatro bilhões* de anos antes de Cristo… à deriva na sopa primordial.

C A P Í T U L O **9 1**

Sentado no sofá junto de Ambra, Langdon examinou o rosto macilento de Edmond projetado na tela de vidro e sentiu uma pontada de tristeza, sabendo que ele estivera sofrendo em silêncio de uma doença mortal. Mas, no ar, os olhos do futurólogo brilhavam de pura alegria e empolgação.

– Num instante vou lhes contar sobre este vidrinho – disse Edmond, levantando o tubo de ensaio. – Mas, primeiro, vamos nadar… na sopa primordial.

Edmond desapareceu e um relâmpago espocou, iluminando um oceano agitado onde ilhas vulcânicas cuspiam lava e cinzas numa atmosfera tempestuosa.

– Foi aqui que a vida começou? – perguntou a voz de Edmond. – Uma reação espontânea num borbulhante mar de substâncias químicas? Ou seria talvez um micróbio num meteorito vindo do espaço? Ou seria… *Deus*? Infelizmente, não podemos voltar no tempo para testemunhar o momento. Só sabemos o que ocorreu *depois* desse momento, quando a vida surgiu pela primeira vez.

Aconteceu a evolução. E estamos acostumados a vê-la retratada como algo assim.

Agora a tela mostrou a familiar linha do tempo da evolução humana: um primata primitivo encurvado atrás de uma fila de hominídeos cada vez mais eretos, até que o último estava totalmente de pé e sem pelos corporais.

– É, os seres humanos *evoluíram* – disse Edmond. – Esse é um fato científico irrefutável, e nós criamos uma linha do tempo nítida baseada nos registros fósseis.

Mas e se pudéssemos olhar a evolução ao contrário?

Subitamente, começaram a crescer pelos no rosto de Edmond, transformando-o num humano primitivo. Sua estrutura óssea mudou, ficando cada vez mais parecida com a de um primata, e então o processo acelerou num ritmo quase ofuscante, mostrando vislumbres de espécies cada vez mais antigas – lêmures, preguiças, marsupiais, ornitorrincos, peixes dipnoicos (com guelras e pulmões) mergulhando sob a água e se transmutando em enguias e peixes, criaturas gelatinosas, plâncton, amebas, até que tudo o que restava de Edmond Kirsch era uma bactéria microscópica – uma única célula pulsando num oceano vasto.

– Os primeiros pontinhos de vida – disse Edmond. – É aqui que nosso filme passado ao contrário fica sem película. Não temos ideia de como as primeiras formas de vida se materializaram a partir de um mar químico sem vida. Simplesmente não podemos ver o primeiro quadro dessa história.

T=0, pensou Langdon, visualizando um filme reverso semelhante, sobre o

Universo em expansão, em que o cosmo se contraía até um único ponto. E os cosmólogos chegavam a um beco sem saída semelhante.

– “Primeira Causa” – declarou Edmond. – Foi a expressão usada por Darwin para descrever esse momento impalpável da Criação. Ele provou que a vida evoluía constantemente, mas não conseguia imaginar como o processo começou. Em outras palavras, a teoria de Darwin descreve a *sobrevivência* do mais apto, mas não a *chegada* do mais apto.

Langdon deu um risinho, porque nunca tinha ouvido aquilo dito desse modo.

– Então, como a vida *chegou* à Terra? Em outras palavras, de onde viemos? –

Edmond sorriu. – Nos próximos minutos, vocês terão a resposta para essa pergunta.

Mas acreditem, por mais espantosa que *essa* resposta possa ser, é apenas metade da história desta noite. – Ele olhou direto para a câmera e deu um riso sinistro. – Por acaso, de onde viemos é absolutamente fascinante… mas para onde vamos é absolutamente chocante.

Ambra e Langdon trocaram um olhar de espanto e, mesmo Langdon sentindo que isso era mais uma hipérbole de Edmond, a declaração provocou uma crescente inquietação.

– A origem da vida – prosseguiu Edmond. – Esse continua sendo um mistério profundo desde os dias das primeiras histórias da Criação. Durante milênios, filósofos e cientistas vêm procurando algum tipo de registro desse primeiro instante.

Edmond levantou o familiar tubo de ensaio com o líquido turvo.

– Na década de 1950, dois desses pesquisadores, os químicos Miller e Urey, fizeram um experimento ousado que esperavam ser capaz de revelar exatamente como a vida começou.

Langdon se inclinou e sussurrou para Ambra.

– Aquele tubo de ensaio está bem *ali.* – Ele apontou para o pedestal no canto.

Ela pareceu surpresa.

– Por que *Edmond* teria isso?

Langdon deu de ombros. A julgar pela estranha coleção de objetos no apartamento de Edmond, aquele tubo era provavelmente apenas uma peça da história científica, que ele desejava possuir.

Edmond descreveu rapidamente os esforços de Miller e Urey para recriar a sopa primordial, tentando criar a vida num frasco com substâncias químicas inanimadas.

Na tela, apareceu um desbotado artigo no *New York Times* de 8 de março de 1953, intitulado “Olhando dois bilhões de anos atrás”.

– Obviamente – disse Edmond –, esse experimento provocou algumas desconfianças. As implicações seriam devastadoras, em especial para o mundo religioso. Se a vida aparecesse de forma mágica dentro desse tubo de ensaio, saberíamos conclusivamente que as leis da química *sozinhas* bastam para criar a vida. Não precisaríamos mais de um ser sobrenatural para baixar a mão do céu e nos conceder a fagulha da Criação. Entenderíamos que a vida simplesmente acontece…

como subproduto inevitável das leis da natureza. Mais importante, chegaríamos à conclusão de que, como a vida apareceu de forma espontânea *aqui* na Terra, muito provavelmente fez a mesma coisa em outros lugares do cosmo. Ou seja: o homem não é especial; o homem não está no centro do Universo de Deus; e o homem não está sozinho no Universo.

Edmond soltou o ar dos pulmões.

– Porém, como muitos de vocês devem saber, o experimento de Miller e Urey fracassou. Produziu alguns aminoácidos, mas nada que se parecesse nem de longe com a vida. Os químicos tentaram

muitas vezes, usando diferentes combinações de ingredientes, diversos padrões de aquecimento, mas nada funcionou. Parecia que a *vida*, como os fiéis sempre acreditaram, exigia a intervenção divina. Por fim, Miller e Urey abandonaram seus experimentos. A comunidade religiosa deu um suspiro aliviado e a científica voltou ao trabalho. – Ele fez uma pausa com um brilho divertido no olhar. – Isto é, até 2007… quando houve uma novidade inesperada.

Edmond contou como os tubos de ensaio de Miller e Urey foram redescobertos num armário da Universidade da Califórnia em San Diego depois da morte de Miller. Os alunos dele reanalisaram as amostras usando técnicas contemporâneas mais sensíveis – inclusive cromatografia líquida e espectrometria de massa – e os resultados foram espantosos. Aparentemente, o experimento original de Miller e Urey tinha produzido um número muito maior de aminoácidos e compostos complexos do que Miller pudera medir na época. A nova análise dos tubos de ensaio chegou a identificar várias bases nitrogenadas importantes – os blocos básicos de construção do RNA e talvez eventualmente… do DNA.

– Foi uma história científica espantosa – concluiu Edmond. – Relegitimando a ideia de que talvez a vida *de fato* simplesmente aconteça… *sem a intervenção divina*. Parecia que o experimento de Miller e Urey tinha dado certo, só precisava de mais tempo para gestar. Vamos nos lembrar de um ponto fundamental: a vida evoluiu durante bilhões de anos, e esses tubos de ensaio estavam parados num armário durante apenas pouco mais de 50 anos. Se o tempo desse experimento fosse medido em quilômetros, era como se nossa perspectiva estivesse limitada ao primeiro centímetro…

Ele deixou esse pensamento no ar.

– Desnecessário dizer que isso provocou um súbito renascimento do interesse pela área de criar a vida em laboratório. Claro, houve uma forte reação por parte de líderes religiosos modernos – continuou Edmond, colocando aspas no ar para destacar a palavra “modernos”.

A imagem na parede mudou para a página inicial de um site na internet –

creation.com – que Langdon reconheceu como alvo recorrente da ira e da ridicularização por parte de Edmond. Essa organização era de fato estridente em sua evangelização criacionista, mas não era um exemplo justo do "mundo religioso moderno".

Sua declaração de missão era: "Proclamar a verdade e a autoridade da Bíblia e afirmar sua confiabilidade – em particular a história do Gênesis."

– Este site – disse Edmond – é popular, influente e contém *dezenas* de blogs falando dos perigos de revisitar o trabalho de Miller e Urey. Por sorte, o pessoal do creation.com não tem o que temer. Mesmo se essa experiência tiver sucesso em produzir a vida, provavelmente isso só vai acontecer dentro de mais dois bilhões de anos.

Edmond levantou outra vez o tubo de ensaio.

– Como vocês podem imaginar, eu adoraria avançar o tempo até daqui a dois bilhões de anos, reexaminar esse tubo de ensaio e provar que todos os criacionistas estavam errados. Infelizmente, para isso seria necessária uma máquina do tempo. –

Edmond parou com uma expressão marota. – E assim… eu construí uma.

Langdon olhou para Ambra, que mal havia se movido desde o início da apresentação. Seus olhos escuros estavam hipnotizados diante da tela.

– Uma máquina do tempo não é algo difícil de construir – disse Edmond. –

Deixem-me mostrar o que quero dizer.

Surgiu um bar deserto e Edmond entrou, indo até uma mesa de sinuca. As bolas estavam arrumadas no padrão triangular usual,

esperando o início do jogo. Edmond pegou um taco, curvou-se sobre a mesa e bateu com força na bola branca. Ela partiu na direção do triângulo de bolas.

Um instante antes do choque, Edmond gritou:

– Parada!

A bola branca se imobilizou, pausando magicamente pouco antes do impacto.

– Agora – disse Edmond, olhando a cena congelada –, se eu pedisse a vocês que previssem que bolas vão cair em que caçapas, vocês conseguiriam? Claro que não. Existem milhares de possibilidades. Mas e se vocês tivessem uma máquina do tempo e pudessem avançar 15 segundos no futuro, observar o que acontece com as bolas e depois voltar? Acreditem ou não, amigos, atualmente temos tecnologia para fazer isso.

Edmond indicou uma série de câmeras minúsculas nas bordas da mesa.

– Usando sensores ópticos para medir a velocidade, a rotação, a direção e o eixo de giro da bola branca em movimento, posso obter um instantâneo fotográfico da trajetória da bola em qualquer instante determinado. Com esse instantâneo, posso fazer previsões extremamente exatas sobre seu movimento futuro.

Langdon se lembrou de ter usado uma vez um simulador de golfe que empregava uma tecnologia semelhante para prever, com precisão deprimente, sua tendência para lançar bolas no meio do mato.

Edmond pegou um smartphone grande. Na tela, estava a imagem da mesa de sinuca com sua bola branca virtual imobilizada. Uma série de equações matemáticas pairava sobre a bola.

– Sabendo a massa exata, a posição e a velocidade da bola branca – disse ele –,

posso computar suas interações com as outras e prever o resultado. – Ele tocou na tela e a bola simulada saltou em frente, chocando-se com as outras que esperavam, espalhando-as e jogando quatro bolas em quatro caçapas diferentes.

– Quatro bolas – disse Edmond, olhando o telefone. – Uma tacada bastante boa.

– Ele olhou para a plateia. – Não acreditam?

Ele estalou os dedos em cima da mesa de verdade e a bola branca foi liberada, rolando pelo feltro, batendo ruidosamente nas outras e as espalhando. As mesmas quatro bolas caíram nas mesmas quatro caçapas.

– Não é exatamente uma máquina do tempo – disse, rindo –, mas permite que vejamos o futuro. Além disso, ela permite que eu modifique as leis da física. Por exemplo, posso remover a *fricção* para que as bolas não diminuam a velocidade…

rolando para sempre até que a última bola caia numa caçapa.

Ele digitou algumas teclas e rodou a simulação de novo. Desta vez, depois do impacto, as bolas jamais diminuíam a velocidade, ricocheteando loucamente pela mesa, caindo aleatoriamente em caçapas até só restarem duas bolas rolando de um lado para outro.

– E se eu me cansar de ficar esperando essas duas últimas caírem – disse Edmond –, posso simplesmente fazer o processo avançar mais rápido. – Ele tocou a tela e as duas bolas que restavam aceleraram até um borrão, rolando pela mesa até finalmente caírem em caçapas. – Desse modo, posso ver o futuro muito antes de ele acontecer. Na verdade, as simulações por computador são apenas máquinas do tempo virtuais. – Ele fez uma pausa. – Claro, tudo isso é bastante simples num sistema pequeno e fechado como uma mesa de sinuca. Mas e num sistema mais complexo?

Edmond levantou o tubo de ensaio de Miller e Urey e sorriu.

– Acho que vocês já entenderam aonde quero chegar com isso. A modelagem por computador é uma espécie de máquina do tempo e permite que vejamos o futuro… talvez até *bilhões* de anos no futuro.

Ambra se remexeu no sofá, o olhar focado no rosto de Edmond.

– Como vocês podem imaginar – disse ele –, não sou o primeiro cientista a sonhar em fazer uma modelagem da sopa primordial da Terra. Em princípio é uma experiência óbvia. Mas, na prática, é um pesadelo de grande complexidade.

Turbulentos mares primordiais apareceram de novo no meio de relâmpagos, vulcões e ondas enormes.

– Modelar a química do oceano exige simulação ao nível *molecular*. Seria como prever o clima com tanta precisão que saberíamos a localização exata de cada molécula de ar em cada momento específico. Desse modo, qualquer simulação significativa do mar primordial exigiria que um computador entendesse não somente as leis da física: movimento, termodinâmica, gravidade, conservação de energia e assim por diante. Mas também a química, para recriar de maneira precisa as ligações que iriam se formar entre cada átomo dentro de uma sopa oceânica borbulhante.

Agora a visão mudava da superfície do oceano para um mergulho sob as águas.

E, então, através de uma lente de aumento, era possível ver a imagem de uma única gota d'água, onde um turbulento redemoinho de átomos e moléculas virtuais se ligavam e se separavam.

– Infelizmente – disse Edmond, reaparecendo na tela –, uma simulação confrontada por tantas permutações possíveis exige um poder de processamento gigantesco, muito além da capacidade de qualquer computador no planeta. – Seus olhos brilharam de novo com empolgação. – Isto é… de qualquer computador, menos *um*.

Um órgão de tubos soou, tocando a famosa abertura da "Toccata e Fuga em Ré Menor", de Bach, junto com uma espantosa fotografia

em grande angular do enorme computador de dois andares criado por Edmond.

– E-Wave – sussurrou Ambra, falando pela primeira vez em muitos minutos.

Langdon olhou para a tela. *Claro… é brilhante.*

Acompanhado pela dramática trilha sonora do órgão, Edmond iniciou um tour no vídeo para mostrar seu supercomputador. Quando finalmente revelou o "cubo quântico", o órgão chegou ao clímax com um acorde trovejante.

– O resumo da história – concluiu – é que o E-Wave é capaz de recriar o experimento de Miller e Urey em realidade virtual, com precisão espantosa. Não posso modelar *todo* o oceano primordial, claro, por isso criei o mesmo sistema fechado, de cinco litros, que Miller e Urey usaram.

Agora surgiu um frasco virtual com substâncias químicas. A visão do líquido foi sendo ampliada e ampliada até chegar ao nível atômico – mostrando átomos ricocheteando na mistura aquecida, fazendo e desfazendo ligações sob as influências de temperatura, eletricidade e movimento físico.

– Este modelo incorpora tudo o que aprendemos sobre a sopa primordial desde os dias de Miller e Urey, inclusive a provável presença de radicais de hidroxila a partir de vapor eletrificado e sulfureto de carbonila resultante de atividade vulcânica, além do impacto das teorias de "atmosfera redutora".

O líquido virtual continuava girando, e agrupamentos de átomos começaram a ser formar.

– Agora vamos acelerar o processo… – disse Edmond, empolgado, e o vídeo avançou num borrão, mostrando a formação de compostos cada vez mais complexos. – Depois de uma semana, começamos a encontrar os mesmos aminoácidos que Miller e Urey viram. – A imagem ficou turva de novo, agora movendo-se mais depressa. – E

então… mais ou menos na marca de 50 anos, começamos a ver as sugestões dos blocos de construção do RNA.

O líquido continuou borbulhando cada vez mais rápido.

– E então eu deixei correr solto! – gritou Edmond, a voz cada vez mais intensa.

As moléculas na tela continuaram a se ligar, com a complexidade das estruturas aumentando enquanto o programa avançava séculos, milênios, milhões de anos.

Enquanto as imagens passavam em velocidade ofuscante, Edmond perguntou, vibrando:

– E adivinhem o que acabou aparecendo dentro desse vidro?

Langdon e Ambra se inclinaram adiante, empolgados.

A expressão exuberante de Edmond se desinflou de repente.

– Absolutamente *nada* – disse ele. – Nada de vida. Nenhuma reação química espontânea. Nenhum momento de Criação. Só uma mistura confusa de substâncias químicas sem vida. – Ele soltou um suspiro pesado. – Só pude chegar a uma conclusão lógica. – E encarou, resignado, a câmera. – Para criar a vida… é preciso *Deus*.

Langdon ficou olhando em choque. *O que ele está dizendo?*

Depois de um momento, um leve riso se esgueirou no rosto de Edmond.

– Ou, talvez, eu tenha deixado de colocar um ingrediente fundamental na receita.

C A P Í T U L O **9 2**

Ambra Vidal estava hipnotizada, imaginando os milhões de pessoas por todo o globo que, agora mesmo, como ela, estavam

totalmente concentradas na apresentação de Edmond.

– E então, qual era o ingrediente que me faltava? – perguntou ele. – Por que minha sopa primordial se recusava a produzir vida? Eu não tinha ideia. Por isso, fiz o que todos os cientistas bem-sucedidos fazem. Perguntei a alguém mais inteligente do que eu.

Surgiu uma mulher de óculos e aparência erudita: a Dra. Constance Gerhard, bioquímica da Universidade de Stanford.

– Como podemos criar a *vida*? – A cientista riu, balançando a cabeça. – Não podemos! Esse é o ponto. Quando se trata do processo de criação, de atravessar a fronteira em que substâncias químicas inanimadas formam coisas vivas, toda a nossa ciência foge pela janela. Não existe mecanismo na química que explique como isso acontece. De fato, a simples *ideia* de células se organizando em formas de vida parece estar em conflito direto com a lei da entropia!

– *Entropia* – repetiu Edmond, agora aparecendo numa praia linda. – A entropia é só um modo chique de dizer: *as coisas se desfazem*. Em linguagem científica, dizemos que “um sistema organizado se deteriora inevitavelmente”. – Ele estalou os dedos e um intricado castelo de areia apareceu aos seus pés. – Acabei de organizar milhões de grãos de areia para formar um castelo. Vejamos o que o Universo acha disso. – Segundos depois, uma onda chegou e varreu o castelo. – É, o Universo localizou meus grãos *organizados* e os *desorganizou*, espalhando-os na praia. Isso é entropia. As ondas jamais batem na praia e depositam areia na forma de um castelo.

A entropia dissolve a estrutura. Os castelos de areia nunca aparecem espontaneamente no Universo, só desaparecem.

Edmond estalou os dedos de novo e reapareceu numa cozinha elegante.

– Quando você esquenta café – disse tirando uma xícara fumegante de dentro de um micro-ondas –, concentra a energia térmica numa xícara. Se você deixar essa xícara na bancada por uma hora, o calor

se dissipa no cômodo e se espalha por igual, como grãos de areia numa praia. De novo é entropia. E o processo é *irreversível*.

Não importa quanto você espere, o Universo jamais vai reaquecer magicamente o seu café. – Edmond sorriu. – Nem vai pôr um ovo quebrado de novo na casca ou reconstituir um castelo de areia erodido.

Ambra se lembrou de ter visto uma instalação chamada *Entropia* – uma fileira de velhos blocos de cimento, cada qual mais desmoronado que o outro, desintegrando-se lentamente numa pilha de entulho.

A Dra. Gerhard, a cientista de óculos, reapareceu.

– Nós vivemos num Universo *entrópico* – disse. – Um mundo cujas leis físicas tornam as coisas *aleatórias*, e não organizadas. A questão é a seguinte: como substâncias químicas sem vida se organizam magicamente em formas de vida complexas? Nunca fui uma pessoa religiosa, mas devo admitir que a existência da vida é o *único* mistério científico que já me levou a pensar na ideia de um Criador.

Edmond se materializou balançando a cabeça.

– Acho irritante quando pessoas inteligentes usam a palavra "Criador"… – E

deu de ombros, bem-humorado. – Sei que elas fazem isso porque a ciência simplesmente não tem uma explicação boa para o princípio da vida. Mas, acreditem, se vocês estiverem procurando algum tipo de força invisível que cria a ordem num Universo caótico, existem respostas mais simples do que *Deus*.

Edmond estendeu um prato de papel com limalha de ferro espalhada por sua superfície. Em seguida, pegou um ímã grande e o segurou embaixo do prato. Num instante, as partículas de limalha saltaram num arco organizado, alinhando-se perfeitamente umas com as outras.

– Uma força invisível acaba de organizar essa limalha. Foi Deus? Não… foi o eletromagnetismo.

Agora ele apareceu ao lado de uma grande cama elástica. Sobre a superfície esticada havia centenas de bolas de gude espalhadas.

– Uma mistura aleatória de bolas – declarou. – Mas se eu fizer isso… – Ele levou uma bola de boliche até a cama elástica e a fez rolar sobre o tecido. Seu peso criou uma depressão funda, e imediatamente as bolas de gude espalhadas correram para a depressão, formando um círculo em volta da bola de boliche. – É a mão de Deus organizando? – Edmond fez uma pausa. – Não, de novo… foi apenas a gravidade.

Agora ele apareceu em close.

– Por acaso, a *vida* não é o único exemplo do Universo criando ordem.

Moléculas não vivas se organizam o tempo todo em estruturas complexas.

Uma montagem de imagens se materializou: o vórtice de um tornado, um floco de neve, um leito de rio ondulado, um cristal de quartzo, os anéis de Saturno.

– Como vocês veem, às vezes o Universo organiza a matéria, o que parece ser exatamente o oposto da entropia. – Edmond suspirou. – Mas, afinal, o Universo prefere a ordem ou o caos?

Edmond reapareceu, andando por um caminho em direção à famosa cúpula do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, conhecido como MIT.

– Segundo a maioria dos físicos, a resposta é *caos*. A entropia é de fato quem manda, e o Universo está constantemente se desintegrando na direção da desordem.

◆ ◆ ◆

É uma mensagem meio depressiva. – Edmond fez uma pausa e se virou, rindo. –

Mas hoje vim conhecer um jovem cientista brilhante que acredita haver uma *peculiaridade…* uma peculiaridade que pode guardar a chave para o início da vida.

Jeremy England?

Langdon ficou pasmo ao reconhecer o nome do físico que Edmond estava descrevendo. Atualmente, o professor do MIT, de 30 e poucos anos, era o queridinho da academia em Boston, tendo provocado uma agitação global em um novo campo chamado biologia quântica.

Por coincidência, Jeremy England e Robert Langdon tinham estudado na mesma escola preparatória para a universidade – a Phillips Exeter Academy –, e Langdon ficara sabendo do jovem físico na revista de ex-alunos da escola, num artigo intitulado “Organização adaptativa conduzida pela dissipação”. Apesar de Langdon ter lido apenas superficialmente a matéria e mal entendido alguma coisa, ficara intrigado ao saber que um ex-membro da Exeter era um físico brilhante e, ao mesmo tempo, profundamente religioso – judeu ortodoxo.

Dava para entender por que Edmond havia se interessado tanto pelo trabalho de England.

Na tela surgiu outro homem, identificado como o físico Alexander Grosberg, da Universidade de Nova York, a NYU.

– Nossa grande esperança – disse Grosberg – é que Jeremy England tenha identificado o princípio físico subjacente por trás da origem e da evolução da vida.

Langdon se empertigou mais um pouco ao ouvir isso, assim como Ambra.

Outro rosto surgiu.

– Se England puder demonstrar que sua teoria é verdadeira – disse o historiador Edward J. Larson, ganhador do Prêmio Pulitzer –, seu nome será lembrado para sempre. Ele poderia ser o próximo Darwin.

Meu Deus. Langdon sabia que Jeremy England estava provocando marolas, mas aquilo mais parecia um tsunami.

Carl Franck, físico de Cornell, acrescentou:

– A cada trinta anos, aproximadamente, experimentamos gigantescos passos adiante… e esse pode ser um deles.

Uma série de manchetes surgiu na tela em rápida sucessão.

“CONHEÇA O CIENTISTA QUE PODE REFUTAR DEUS”

“ESMAGANDO O CRIACIONISMO”

“OBRIGADO, DEUS – MAS NÃO PRECISAMOS MAIS DA SUA AJUDA”

A lista de chamadas continuava, agora seguida por pequenos trechos de importantes publicações científicas, todas parecendo proclamar a mesma mensagem: se Jeremy England puder *provar* sua nova teoria, as implicações serão avassaladoras

– não só para a ciência, mas também para a religião.

Langdon olhou o último título na parede – era da revista on-line *Salon*, de 3 de janeiro de 2015.

“DEUS ESTÁ ENCURRALADO: A CIÊNCIA NOVA E BRILHANTE QUE ATERRORIZA OS

CRIACIONISTAS E A DIREITA CRISTÃ”

Um jovem professor do MIT está terminando a tarefa de Darwin –

e ameaçando revogar tudo o que a direita fanática valoriza A imagem mudou e Edmond reapareceu, andando, determinado, pelo corredor de um laboratório de ciência numa universidade.

– E qual é esse gigantesco passo adiante que tanto aterrorizou os criacionistas?

Edmond sorriu enquanto parava diante de uma porta onde estava escrito: ENGLANDLAB@MITPHYSICS

– Vamos entrar e perguntar ao homem que vem causando tanta controvérsia.

C A P Í T U L O **9 3**

O rapaz que apareceu na tela era o físico Jeremy England. Alto e muito magro, tinha uma barba desgrenhada e um sorriso discretamente divertido. Estava diante de um quadro-negro cheio de equações matemáticas.

– Primeiro – observou England num tom amigável e despretensioso –, deixem-me dizer que esta teoria não está *provada*, é só uma ideia. – Ele deu de ombros, modesto. – Mas devo admitir que, se algum dia pudermos provar que é verdadeira, as implicações terão um alcance enorme.

Nos três minutos seguintes, o físico delineou sua nova ideia, que – como a maioria dos conceitos que alteram paradigmas – era inesperadamente simples.

Se Langdon tinha entendido bem, a teoria de Jeremy England era que o Universo funciona com uma diretriz singular. Um único objetivo.

Espalhar energia.

Nos termos mais simples, quando o Universo encontra áreas de energia *concentrada*, ele espalha a energia. O exemplo clássico, como Kirsch havia mencionado, era a xícara de café quente na

bancada: ela sempre esfria, dispersando o calor para as outras moléculas no cômodo, de acordo com a Segunda Lei da Termodinâmica.

De repente, Langdon entendeu por que Edmond havia lhe perguntado sobre os mitos da Criação do mundo – todos contêm imagens de energia e luz se espalhando infinitamente e iluminando a escuridão.

Mas England acreditava que havia uma peculiaridade, relacionada ao modo *como* o Universo espalha a energia.

– Sabemos que o Universo promove a entropia e a desordem – disse England. –

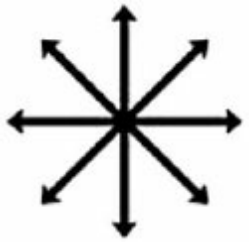
Por isso, talvez fiquemos surpresos ao ver tantos exemplos de moléculas se *organizando*.

Na tela, várias imagens que tinham aparecido antes retornaram: o vórtice de um tornado, um leito de rio ondulado, um floco de neve.

– Todos esses são exemplos de “estruturas dissipativas” – disse England. –

Conjuntos de moléculas que se organizaram em estruturas que ajudam um sistema a dispersar energia com mais eficiência.

England ilustrou rapidamente como os tornados são o modo que a natureza possui para dissipar uma área de alta pressão concentrada convertendo-a numa força rotacional que por fim se exaure. O mesmo acontece com os leitos de rio ondulados,



que interceptam a energia de correntezas em movimento rápido e a dissipam. Os flocos de neve dispersam a energia do sol formando estruturas multifacetadas que refletem a luz de modo caótico em todas as direções.

– Dito de modo simples – continuou England –, a matéria se auto-organiza num esforço de dispersar melhor a energia. – Ele sorriu. – A natureza, no esforço de promover a *desordem*, cria pequenos bolsões de *ordem*. Esses bolsões são estruturas que fazem aumentar o caos de um sistema e, com isso, aumentam a entropia.

Langdon nunca tinha pensado nisso até agora, mas England estava certo; os exemplos podiam ser encontrados em toda parte. Langdon visualizou uma nuvem de tempestade. Quando a nuvem fica organizada por uma carga de eletricidade estática, o Universo cria um relâmpago. Em outras palavras, as leis da física criam mecanismos para dispersar a energia. O relâmpago dissipa a energia da nuvem para a terra, espalhando-a e, com isso, aumentando a entropia geral do sistema.

Para criar o caos de modo eficiente, percebeu Langdon, *é necessário um pouco de ordem.*

Langdon se perguntou, distraidamente, se as bombas nucleares podiam ser consideradas ferramentas entrópicas – pequenos bolsões de matéria organizada de modo cuidadoso que serviam para criar o caos. Pensou no símbolo matemático da entropia e percebeu que ele parecia uma explosão ou o Big Bang: uma dispersão energética em todas as direções.

– Então o que isso significa? – perguntou England. – O que a entropia tem a ver com a origem da vida? – Ele caminhou até seu quadro-negro. – Por acaso, a *vida* é uma ferramenta excepcionalmente eficaz para dissipar energia.

England desenhou uma imagem do Sol irradiando energia sobre uma árvore.

– Uma árvore, por exemplo, absorve a energia intensa do Sol, usa-a para crescer e depois reflete luz infravermelha, uma forma de energia muito menos concentrada. A fotossíntese é uma máquina de entropia muito eficaz. A energia concentrada do Sol é dissolvida e enfraquecida pela árvore, resultando no aumento geral da entropia no Universo. O mesmo pode ser dito com relação a todos os seres vivos, inclusive os humanos, que consomem matéria organizada como comida, convertem-na em energia e depois dissipam a energia de volta para o Universo, sob a forma de calor. Em termos gerais – concluiu England –, acredito que a vida não

somente *obedece* às leis da física, como ela *começou* por causa dessas leis.

Langdon ficou empolgado ao pensar na lógica daquela proposição: se a luz forte do sol batesse num pedaço de solo fértil, as leis físicas criariam uma planta para ajudar a dissipar a energia. Se aberturas sulfúricas no fundo do oceano criassem áreas de água fervente, a vida se materializaria nesses locais e disseminaria a energia.

– Minha esperança – acrescentou England – é de que um dia encontremos um modo de provar que a vida, de fato, emergiu espontaneamente da matéria inanimada… resultado de nada mais do que as leis da física.

Fascinante, pensou Langdon. *Uma clara teoria científica de como a vida pode ter se gerado sozinha… sem a mão de Deus.*

– Sou uma pessoa religiosa – disse England –, no entanto minha fé, como minha ciência, sempre foi uma obra em progresso. Considero esta teoria agnóstica em questões de espiritualidade. Estou simplesmente tentando descrever como as coisas “são” no Universo. Deixarei as implicações espirituais para os clérigos e os filósofos.

Jovem sábio, pensou Langdon. *Se sua teoria pudesse ser provada, causaria um efeito explosivo no mundo.*

– Por enquanto, todos podem relaxar – disse England. – Por motivos óbvios, esta é uma teoria extremamente difícil de ser provada. Minha equipe e eu temos algumas ideias para modelar sistemas guiados pela dissipação, mas no momento ainda estamos a anos de distância.

A imagem de England sumiu, e Edmond reapareceu na tela, parado junto ao seu computador quântico.

– Eu, no entanto, *não* estou a anos de distância. É exatamente a esse tipo de modelagem que venho me dedicando.

Ele foi até sua estação de trabalho.

– Se a teoria do professor England estiver correta, todo o sistema operacional do cosmo poderia ser resumido por um único comando prioritário: espalhar energia!

Edmond sentou-se à sua mesa e começou a digitar furiosamente no teclado grande. As telas à frente se encheram com códigos de computador de aparência alienígena.

– Demorei várias semanas e reprogramei toda a experiência que tinha fracassado anteriormente. Coloquei no sistema um objetivo fundamental: uma *raison d'être*. Disse ao sistema para dissipar energia a todo custo. Instiguei o computador a ser o mais criativo possível em sua busca de aumentar a entropia na sopa primordial.

E dei permissão para construir qualquer *ferramenta* que ele achasse necessária para realizar isso.

Edmond parou de digitar e girou na cadeira, virando-se para a audiência.

– Então rodei o modelo. E aconteceu uma coisa incrível. Por acaso, eu tinha identificado o "ingrediente que faltava" na minha sopa primordial virtual.

Langdon e Ambra ficaram olhando atentamente para a tela na parede de vidro enquanto o gráfico animado do modelo computacional de Edmond começava a rodar. De novo o visual mergulhava na sopa primordial borbulhante, ampliando a imagem até o reino subatômico, vendo as substâncias químicas ricocheteando, ligando-se e se religando umas com as outras.

– Enquanto eu avançava aceleradamente o processo e simulava a passagem de centenas de anos – disse Edmond –, vi os aminoácidos de Miller e Urey tomando forma.

Langdon não sabia muita coisa de química, mas certamente reconhecia a imagem como uma cadeia de proteína básica. À medida que o processo continuava, viu moléculas cada vez mais complexas assumirem forma, ligando-se numa espécie de cadeia de hexágonos unidos como favos de mel.

– Nucleotídeos! – gritou Edmond enquanto os hexágonos continuavam a se fundir. – Estamos vendo a passagem de milhares de anos! E, acelerando mais, vemos as primeiras leves sugestões de estrutura!

Enquanto ele falava, uma das cadeias de nucleotídeos começou a se curvar e se enrolar numa espiral.

– Viram isso? – exaltou-se Edmond. – Milhões de anos se passaram e o sistema está tentando criar uma estrutura! O sistema está tentando criar uma estrutura para dissipar sua energia, como England previu!

À medida que o modelo progredia, Langdon ficou pasmo ao ver a pequena espiral se tornar uma espiral *dupla*, expandindo sua estrutura na conhecida forma de hélice dupla do mais famoso composto químico do mundo.

– Meu Deus, Robert… – sussurrou Ambra, de olhos arregalados. – Isso é…

– DNA – anunciou Edmond, congelando o modelo num quadro. – Aí está.

DNA, a base de toda a vida. O código vivo da biologia. E *por que*, vocês perguntam, um sistema construiria DNA num esforço para dissipar energia? Bom, porque muitas mãos tornam o trabalho mais fácil! Uma floresta de árvores espalha mais luz solar do que uma única árvore. Se você é uma ferramenta de entropia, o modo mais fácil de fazer mais serviço é fazer cópias de si mesmo.

O rosto de Edmond apareceu na tela.

– Enquanto eu avançava o modelo, a partir desse ponto testemunhei uma coisa absolutamente mágica… *a evolução Darwiniana assumiu o controle!*

Ele parou por vários segundos.

– E por que não faria isso? – continuou. – A evolução é o modo de o Universo testar e refinar continuamente suas ferramentas. As ferramentas mais eficientes sobrevivem e se replicam, melhorando sempre, tornando-se mais e mais complexas e eficientes. Até que algumas ferramentas ficam parecidas com árvores e outras como… bom… *nós*.

Agora Edmond aparecia flutuando na escuridão do espaço com o globo azul da Terra pairando atrás.

– De onde viemos? – perguntou. – A verdade é: nós viemos de lugar nenhum…

e de todos os lugares. Viemos das *mesmas leis da física* que criam a vida por todo o cosmo. Não somos especiais. Existimos com ou sem Deus. Somos o resultado inevitável da entropia. A vida não é o *objetivo* do Universo. A vida é simplesmente algo que o Universo cria e reproduz para dissipar energia.

Langdon se sentiu estranhamente inseguro, imaginando se teria assimilado inteiramente as implicações do que Edmond estava

dizendo. Sem dúvida, essa simulação resultaria numa enorme mudança de paradigma e por certo provocaria rupturas em muitas disciplinas acadêmicas. Mas, pensando em *religião*, ele se perguntou se Edmond mudaria a visão das pessoas. Durante séculos, a maioria dos devotos tinha olhado para além de enormes quantidades de dados científicos e da lógica racional em defesa de sua fé.

Ambra parecia estar lutando com suas próprias reações, sua expressão entre o total espanto e a indecisão resguardada.

– Amigos – disse Edmond –, se vocês acompanharam o que acabei de mostrar, podem entender seu significado profundo. E, se ainda estão em dúvida, permaneçam comigo, porque por acaso essa descoberta levou a outra revelação mais significativa ainda.

Ele fez uma pausa.

– De onde viemos… nem de longe é tão espantoso quanto para onde vamos.

C A P Í T U L O **9 4**

O som de passos apressados ecoou na basílica subterrânea enquanto um agente da Guardia ia rapidamente em direção aos três homens reunidos na área mais profunda da igreja.

– Majestade! – gritou ele, ofegante. – Edmond Kirsch… o vídeo… está sendo transmitido.

O rei girou em sua cadeira de rodas e o príncipe Julián também se virou.

Valdespino soltou um suspiro desanimado. *Era apenas questão de tempo*, lembrou-se. Mesmo assim, sua alma ficou pesada ao saber que agora o mundo estava assistindo ao mesmo vídeo que ele vira na Biblioteca de Montserrat com al-Fadl e Köves.

De onde viemos? A ideia defendida por Kirsch de uma “origem sem Deus” era ao mesmo tempo arrogante e blasfema. Ela teria um efeito

nocivo sobre a aspiração humana a um ideal mais elevado e seu desejo de imitar o Deus que nos criou à Sua imagem.

Tragicamente, Kirsch não tinha parado ali. Havia seguido sua primeira profanação com uma segunda, muito mais perigosa, propondo uma resposta profundamente perturbadora para a pergunta: *Para onde vamos?*

A previsão de Kirsch para o futuro era calamitosa… tão destruidora que Valdespino e seus colegas tinham insistido com ele para não divulgá-la. Mesmo se os dados do futurólogo estivessem exatos, compartilhá-los com o mundo provocaria danos irreversíveis.

Não somente para os fiéis, sabia Valdespino, *mas para cada ser humano na Terra.*

C A P Í T U L O **9 5**

***Nenhum Deus é necessário*,** pensou Langdon, repassando o que Edmond tinha dito. *A vida surgiu espontaneamente a partir das leis da física.*

A ideia de geração espontânea tinha sido debatida à exaustão – em termos teóricos – por algumas das maiores mentes da ciência, mas nesta noite Edmond Kirsch tinha apresentado um argumento tremendamente persuasivo de que a geração espontânea havia mesmo *acontecido*.

Ninguém jamais chegou perto de demonstrar isso… nem de explicar como poderia ter acontecido.

Na tela, a simulação da sopa primordial mostrava a proliferação de minúsculas formas de vida.

– Observando meu modelo em crescimento – narrou Edmond –, eu me perguntei o que aconteceria se o deixasse continuar rodando. Será que ele explodiria para fora do frasco e produziria todo o reino animal, inclusive a espécie humana? E

se eu o deixasse rodar para além disso? Se esperasse o suficiente, será que ele produziria o próximo passo na evolução humana e nos diria *para onde vamos*?

Edmond apareceu de novo ao lado do E-Wave.

– Infelizmente, nem *este* computador pode manipular um modelo de tamanha magnitude, por isso precisei encontrar um modo de estreitar a simulação. E acabei pegando emprestada uma técnica de uma fonte improvável… ninguém menos do que Walt Disney.

Na tela, apareceu um desenho animado primitivo, bidimensional, em preto e branco. Langdon o reconheceu como o clássico da Disney, *Steamboat Willie*, de 1928.

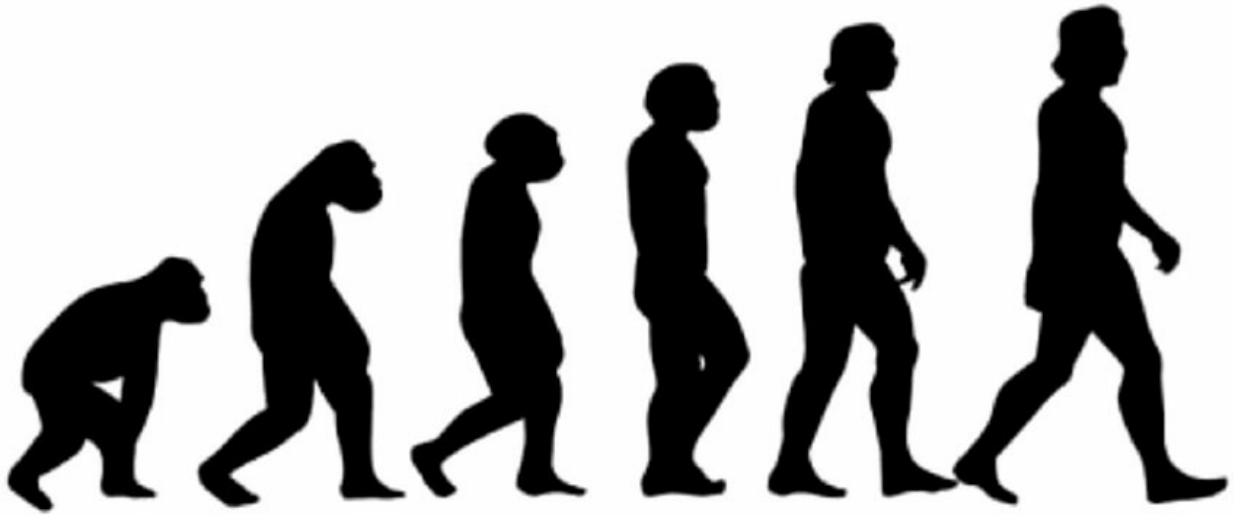
– A arte da animação avançou rapidamente nos últimos 90 anos, desde os rudimentares desenhos do Mickey Mouse até os filmes muito bem realizados de hoje.

Ao lado do filme antigo apareceu uma cena vibrante, hiper-realista de uma obra de animação recente.

– O salto de qualidade é semelhante à evolução de três mil anos desde os desenhos da caverna até as obras-primas de Michelangelo. Como futurólogo, sou fascinado por *qualquer* habilidade que crie avanços rápidos – continuou Edmond. –

Fiquei sabendo que a técnica que torna esse salto possível se chama “*tweening*”. É

um atalho na animação em que o artista usa um computador para gerar os quadros



intermediários entre duas imagens principais, fundindo a primeira suavemente na segunda, de forma a preencher as lacunas. Em vez de ter que desenhar cada quadro à mão, o que aqui poderia ser comparado a modelar cada passo minúsculo no processo evolucionário, hoje em dia os artistas podem desenhar alguns quadros-chave… e pedir que o computador adivinhe os passos intermediários e preencha o resto da evolução. Isso é *tweening* – declarou Edmond. – É uma aplicação óbvia do poder de computação, mas quando ouvi falar sobre a técnica tive uma revelação e percebi que ela era a chave para destrancar o futuro.

Ambra se virou para Langdon com ar interrogativo.

– Aonde ele quer chegar?

Antes que Langdon pudesse fazer qualquer consideração, uma nova imagem tinha aparecido na tela.

– Evolução humana – disse Edmond. – Esta imagem é como um filme só com os quadros fundamentais. Graças à ciência, construímos vários quadros-chave: chimpanzés, australopitecos, *Homo habilis*, *Homo erectus*, homem de Neandertal. E, no entanto, as transições entre as espécies permanecem turvas.

Exatamente como Langdon tinha previsto, Edmond delineou a ideia de usar o processo de "*tweening*" para preencher as lacunas na

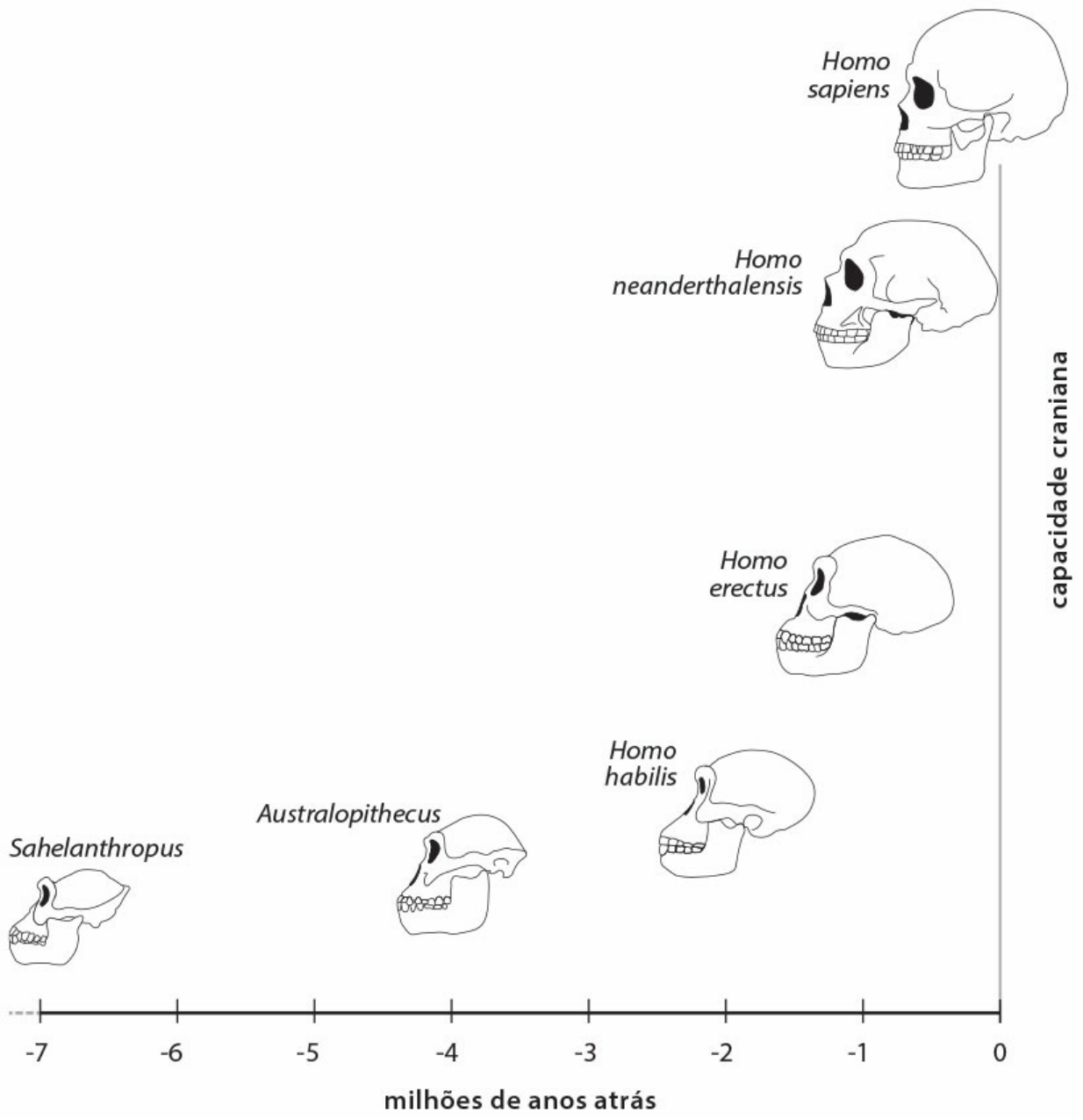
evolução humana. Descreveu como vários projetos internacionais de trabalho com genoma – humano, paleoesquimó, neandertalense e dos chimpanzés – tinham usado fragmentos de ossos para mapear a estrutura genética completa de quase uma dúzia de passos intermediários entre um ancestral primata comum e o *Homo sapiens.*

– Eu sabia que, se usasse esses genomas primitivos como *quadros-chave* –

prosseguiu Edmond –, poderia programar o E-Wave para construir um modelo evolucionário que ligasse todos eles, uma espécie de jogo de “ligar os pontos”

evolucionário. E, assim, comecei com uma característica simples: o tamanho do cérebro, um indicador geral muito exato da evolução intelectual.

Um gráfico se materializou na tela.



– Além de usar parâmetros de estruturas gerais como o tamanho do cérebro, o E-Wave mapeou milhares de marcadores genéticos mais sutis que influenciam as habilidades cognitivas, como reconhecimento espacial, extensão do vocabulário, memória de longo prazo e velocidade de processamento.

A tela mostrou uma rápida sucessão de gráficos semelhantes, todos indicando o mesmo crescimento exponencial.

– Então, o E-Wave montou uma simulação sem precedentes da evolução intelectual com o passar do tempo. – O rosto de Edmond reapareceu. – Vocês devem estar se perguntando: E daí? Por que nos importamos em identificar o processo pelo qual os seres humanos se tornaram intelectualmente dominantes? Porque, se pudermos estabelecer um *padrão*, um computador poderá dizer para onde esse padrão nos levará no futuro. – Ele sorriu. – Se eu disser dois, quatro, seis, oito…

vocês responderão *dez*. Essencialmente, pedi ao E-Wave que fizesse uma previsão de como seria o "dez". Assim que o E-Wave tivesse simulado a evolução intelectual, eu poderia fazer a pergunta óbvia: O que vem em seguida? Com que se parecerá o intelecto humano daqui a 500 anos? Em outras palavras: Para onde vamos?

Langdon ficou maravilhado por essa perspectiva e, mesmo não sabendo o

suficiente sobre genética ou modelagem por computador para avaliar a precisão das previsões de Edmond, o conceito era engenhoso.

– A evolução de uma espécie – disse Edmond – está sempre ligada ao *ambiente* em que esse organismo vive, por isso pedi que o E-Wave sobrepusesse um segundo modelo: uma simulação ambiental do mundo de hoje. Isso é fácil de fazer, já que todas as informações sobre cultura, política, ciência, clima e tecnologia estão disponíveis na internet. Pedi que o computador prestasse atenção especial aos fatores que mais afetariam o desenvolvimento futuro do cérebro humano: novas drogas, novas tecnologias de saúde, poluição, fatores culturais e assim por diante. – Ele fez uma pausa. – E então rodei o programa.

Todo o rosto do futurólogo preenchia a tela, seus olhos fixos na câmera.

– Quando rodei o modelo… aconteceu uma coisa muito inesperada. – Ele desviou os olhos, de maneira quase imperceptível, e depois

voltou a encarar a câmera. – Uma coisa profundamente perturbadora.

Langdon ouviu Ambra respirar fundo.

– Por isso, rodei o modelo de novo. – Edmond franziu a testa. – Infelizmente, a mesma coisa aconteceu.

Langdon sentiu um medo verdadeiro nos olhos de Edmond.

– Retrabalhei os parâmetros – disse ele. – Refiz o programa alterando as variáveis e o rodei de novo, e de novo. Mas continuava obtendo o mesmo resultado.

Talvez, pensou Langdon, *Edmond tenha descoberto que o intelecto humano, depois de eras de progresso, está agora em* declínio. Sem dúvida, havia indicadores alarmantes sugerindo que isso poderia ser verdade.

– Fiquei perturbado com os dados – continuou o futurólogo. – E não conseguia entendê-los. Por isso, pedi uma análise ao computador. O E-Wave deu sua avaliação do modo mais claro que pôde. Desenhou uma imagem.

A tela mudou, mostrando um gráfico da linha do tempo da evolução animal, começando há cerca de 100 milhões de anos. Era uma tapeçaria complexa e colorida feita de bolhas que se expandiam e se contraíam com o tempo, mostrando como as espécies apareciam e desapareciam. O lado esquerdo do gráfico era dominado pelos dinossauros – já no auge do desenvolvimento nesse ponto da história. Eles eram representados pela maior bolha, que inflou ainda mais com o tempo, antes de se desfazer abruptamente cerca de 65 milhões de anos atrás, com sua extinção em massa.

– Esta é uma linha do tempo das formas de vida dominantes da Terra –

explicou Edmond –, apresentada em termos de população, posição na cadeia alimentar, supremacia interespecífica e influência geral no

planeta. Essencialmente, é uma representação visual de quem comanda o show na Terra em cada momento determinado.

O olhar de Langdon acompanhou o diagrama enquanto diferentes bolhas se expandiam e se contraíam, indicando como várias espécies haviam surgido,

proliferado e desaparecido.

– O alvorecer do *Homo sapiens* ocorre em 200.000 a.C. – disse Edmond. – Mas só tivemos influência suficiente para aparecer neste gráfico há uns 65 mil anos, quando inventamos o arco e a flecha e nos tornamos predadores mais eficientes.

Langdon avançou o olhar até a marca de 65.000 a.C., onde surgiu uma pequena bolha azul, indicando o *Homo sapiens*. A bolha cresceu muito devagar, quase de modo imperceptível, até por volta de 1.000 a.C., quando aumentou rápido e então pareceu se expandir exponencialmente.

Quando o olhar do professor alcançou a extremidade direita do diagrama, a bolha azul tinha inchado, ocupando quase toda a largura da tela.

Os humanos modernos, pensou Langdon. *De longe a espécie mais dominante e influente na Terra.*

– De modo pouco surpreendente – prosseguiu Edmond –, no ano 2000, quando este gráfico termina, os humanos são representados como a espécie prevalente no planeta. Nada sequer chega perto de nós. – Ele fez uma pausa. – No entanto, vocês podem ver traços de uma nova bolha aparecendo… *aqui.*

O gráfico deu um zoom mostrando uma minúscula forma preta começando a surgir acima da bolha da humanidade, inchada e azul.

– Uma nova espécie já entrou em cena – disse Edmond.

Langdon viu a bolha preta, mas ela parecia insignificante em comparação com a azul, uma rêmora minúscula nas costas de uma baleia-azul.

– Sei que esse recém-chegado parece trivial – continuou Edmond. – Mas, se avançarmos no tempo, desde 2000 até os dias atuais, vocês verão que nosso recém-chegado já está assim e vem crescendo silenciosamente.

O diagrama se ampliou até chegar à data atual, e Langdon sentiu o peito se apertar. A bolha preta havia se expandido enormemente nas últimas duas décadas.

Agora ocupava mais de um quarto da tela, lutando com o *Homo sapiens* pela influência e pelo domínio.

– O que é isso? – perguntou Ambra num meio sussurro preocupado.

Langdon respondeu:

– Não faço ideia… algum tipo de vírus adormecido?

Sua mente repassou uma lista de vírus agressivos que tinham devastado várias regiões do mundo, mas não conseguia imaginar uma espécie crescendo tão depressa na Terra sem ser notada. *Uma bactéria do espaço?*

– Essa nova espécie é insidiosa – disse Edmond. – Ela se propaga de modo exponencial. Expande seu território o tempo todo. E, mais importante, ela *evolui…*

muito mais depressa do que os seres humanos. – Edmond olhou de novo para a câmera, com a expressão mortalmente séria. – Infelizmente, se eu deixar esta simulação avançar para mostrar o futuro, nem que seja apenas por algumas décadas, é *isso* que ela revelará.

O diagrama avançou de novo, agora mostrando a linha do tempo até 2050.

Langdon deu um salto, olhando incrédulo.

– Meu Deus – sussurrou Ambra, cobrindo a boca, horrorizada.

A linha do tempo mostrava claramente a bolha preta ameaçadora se expandindo numa taxa espantosa. E então, no ano 2050, ela engolia por inteiro a bolha azul da humanidade.

– Lamento ter de mostrar isso – disse Edmond. – Mas, em cada modelo que eu rodei, aconteceu a mesma coisa. A espécie humana evoluía até nosso ponto atual na história e então, muito abruptamente, uma nova espécie se materializava e nos apagava da Terra.

Langdon ficou parado diante daquele gráfico horrendo, tentando se lembrar de que era apenas um modelo feito por computador. Sabia que imagens assim tinham o poder de afetar as pessoas num nível visceral, diferentemente dos dados crus, e o diagrama de Edmond tinha um ar de coisa definitiva – como se a extinção humana já fosse um fato consumado.

– Amigos – disse Edmond, em um tom sombrio, como se fosse o aviso da colisão iminente de um asteroide. – Nossa espécie está à beira da extinção. Passei a vida fazendo previsões e, neste caso, analisei os dados em todos os níveis. Posso dizer com um grau de certeza muito alto que a raça humana, como conhecemos, não estará aqui dentro de 50 anos.

Agora o choque inicial de Langdon deu lugar à incredulidade – e à raiva – em relação ao seu amigo. *O que você está fazendo, Edmond!? Isso é irresponsável!*

Você construiu um modelo por computador. Mil coisas podem estar erradas com os dados. As pessoas o respeitam e acreditam em você… você vai criar uma histeria em massa.

– E mais uma coisa. – O tom de Edmond ficou mais sombrio ainda. – Se vocês olharem atentamente a simulação, verão que essa espécie

não nos apaga por completo. De modo mais preciso… ela nos *absorve*.

C A P Í T U L O **9 6**

A espécie nos absorve?

Num silêncio pasmo, Langdon tentou imaginar o que Edmond queria dizer com essas palavras. A frase evocava imagens terríveis de filmes de ficção científica como *Alien*, em que os seres humanos eram usados como incubadores vivos para uma espécie dominante.

Agora de pé, Langdon olhou para Ambra, encolhida no sofá, abraçando os joelhos, os olhos afiados analisando a ilustração na tela. Langdon se esforçou para imaginar qualquer outra interpretação dos dados. A conclusão parecia inevitável.

Segundo a simulação de Edmond, nas próximas décadas, a raça humana seria engolida por uma nova espécie. E, mais apavorante ainda, essa nova espécie já estava vivendo aqui, crescendo de modo silencioso.

– Obviamente – disse Edmond –, eu não poderia divulgar essa informação até que pudesse identificar a nova espécie. Por isso, mergulhei nos dados. Depois de simulações incontáveis, pude identificar o misterioso recém-chegado.

A tela mudou para um diagrama simples que Langdon reconheceu de quando estava no ensino básico – a hierarquia taxonômica dos seres vivos segmentada nos

“Seis Reinos da Vida”: *Animalia*, *Plantae*, *Protista*, *Eubacteria*, *Archaebacteria*, *Fungi*.

– Assim que identifiquei esse próspero organismo novo, percebi que ele tinha um número grande demais de formas diversas para ser chamado de *espécie*. Em termos taxonômicos, era amplo demais para ser chamado de ordem. Não era nem mesmo um filo ou divisão. – Edmond olhou para a câmera. – Percebi que nosso planeta estava

sendo habitado por uma coisa muito maior. Que só poderia ser rotulada como um *reino* inteiramente novo.

Num átimo, Langdon percebeu o que Edmond estava descrevendo.

O Sétimo Reino.

Pasmo, viu o ex-aluno dar aquela notícia ao mundo, detalhando um reino emergente sobre o qual Langdon tinha ouvido falar num TED Talk dado pelo escritor Kevin Kelly, especialista em cultura digital. Profetizado pelos primeiros autores de ficção científica, esse novo reino tinha uma peculiaridade.

Era um reino de espécies *não vivas.*

Essas espécies evoluíam quase como se estivessem vivas, ficando cada vez mais complexas, adaptando-se e se propagando em novos ambientes, testando novas

variações, algumas sobrevivendo, outras se extinguindo. Num perfeito espelho da mudança adaptativa darwiniana, esses novos organismos tinham se desenvolvido num ritmo espantoso e agora compunham um reino totalmente novo ao lado do *Animalia* e dos outros: o Sétimo Reino.

Chamava-se *Technium*.

Edmond se lançou numa descrição ofuscante do mais novo reino do planeta –

que incluía toda a *tecnologia.* Descreveu como novas máquinas prosperavam ou morriam segundo as regras da “sobrevivência do mais apto” de Darwin – adaptando-se constantemente ao ambiente, desenvolvendo novas características para a sobrevivência e, caso fossem bem-sucedidas, replicando-se o mais rápido que podiam com o objetivo de monopolizar os recursos disponíveis.

– A máquina de fax teve o mesmo destino do pássaro dodô – explicou Edmond.

– E o iPhone só vai sobreviver se continuar com desempenho melhor do que os concorrentes. As máquinas de escrever e as máquinas a vapor morreram em ambientes que mudavam, mas a *Enciclopédia Britânica* evoluiu, com seus desajeitados 32 volumes ganhando pés digitais e, como o peixe com pulmões, expandindo-se para um território desconhecido, onde agora prospera.

Langdon pensou em sua máquina fotográfica Kodak da infância – que já havia sido o tiranossauro rex da fotografia amadora –, obliterada da noite para o dia pela chegada meteórica da foto digital.

– Há meio bilhão de anos – continuou Edmond –, nosso planeta experimentou uma súbita erupção de vida, a Explosão Cambriana, em que a maioria das espécies do planeta surgiu praticamente da noite para o dia. Hoje estamos testemunhando a Explosão Cambriana do *Technium*. Novas espécies de tecnologia nascem diariamente, evoluindo numa velocidade espantosa, e cada nova tecnologia se transforma numa ferramenta para criar outras novas tecnologias. A invenção do computador nos ajudou a construir ferramentas espantosamente novas, desde os smartphones até naves espaciais e cirurgiões robóticos. Estamos testemunhando uma explosão de inovação que acontece mais depressa do que nossa mente pode compreender. E *nós* somos os criadores desse novo reino: o *Technium*.

A imagem perturbadora da bolha preta se expandindo e consumindo a azul voltou à tela. *A tecnologia mata a humanidade?* Langdon achava a ideia aterrorizante, no entanto sua intuição dizia que isso era tremendamente improvável.

Para ele, a ideia de um futuro distópico tipo *O Exterminador do Futuro*, em que máquinas caçavam as pessoas até a extinção, parecia antidarwiniana. *Os humanos controlam a tecnologia; os humanos têm instinto de sobrevivência; os humanos jamais permitirão que a tecnologia os domine.*

Ao mesmo tempo que essa sequência de pensamentos lógicos passava por sua mente, Langdon soube que estava sendo ingênuo.

Tendo interagido com Winston, a incrível criação de Edmond, tivera um vislumbre raro do maior avanço atual em inteligência artificial. E ainda que Winston servisse claramente aos desejos de

Edmond, Langdon se perguntou quanto tempo iria passar até que máquinas como ele começassem a tomar decisões que satisfizessem aos seus próprios desejos.

– Obviamente, muitas pessoas antes de mim previram o reino da tecnologia –

disse Edmond. – Mas eu tive sucesso em *modelá-lo…* e pude mostrar o que ele fará conosco. – Ele apontou a bolha mais escura que, por volta do ano 2050, cobria toda a tela e indicava um domínio total do planeta. – Devo admitir que, à primeira vista, essa simulação pinta um quadro bem sombrio…

Edmond fez uma pausa e um brilho familiar voltou aos seus olhos.

– Mas, na verdade, devemos olhar um pouco mais de perto – disse.

A câmera deu um zoom na bolha escura, ampliando-a até que Langdon pôde ver que a esfera enorme não era mais preta, e sim de um roxo profundo.

– Como podem ver, à medida que a bolha preta da tecnologia consome a bolha humana, ela assume uma cor diferente, um tom de roxo, como se as duas cores tivessem se fundido.

Langdon se perguntou se isso seria uma notícia boa ou ruim.

– O que vocês estão vendo aqui é um raro processo evolucionário conhecido como endossimbiose forçada – explicou Edmond. – Normalmente a evolução é um processo *bifurcado*: uma espécie se divide em duas espécies novas. Mas às vezes, em situações raras, se duas espécies não podem sobreviver uma sem a outra, o processo acontece ao contrário… e em vez de uma espécie se bifurcar, duas espécies se *fundem* em uma.

Aquela imagem fez Langdon pensar no *sincretismo*, o processo pelo qual duas religiões diferentes se fundem para moldar uma fé totalmente nova.

– Se não acreditam que os seres humanos e a tecnologia vão se fundir – disse Edmond –, olhem em volta.

A tela mostrou uma sequência rápida de fotos: imagens de pessoas segurando celulares, usando óculos de realidade virtual, ajustando dispositivos de bluetooth nos ouvidos, correndo com tocadores de MP3 presos nos braços ou ouvindo som em casa num *smart speaker*, uma criança num berço brincando com um tablet.

– Este é apenas o início dessa simbiose – continuou Edmond. – Agora estamos começando a embutir chips de computador direto no cérebro, injetar no sangue nanorrobôs que comem colesterol e vivem em nós para sempre, construir membros sintéticos controlados pela mente, usar ferramentas de edição genética como o sistema CRISPR para modificar nosso genoma e, literalmente, engendrar uma versão melhorada de nós mesmos.

A expressão de Edmond parecia de júbilo, irradiando paixão e empolgação.

– Os seres humanos estão evoluindo para virar uma coisa *diferente* – declarou.

– Estamos nos tornando uma espécie híbrida, uma fusão de biologia e tecnologia.

Em 50 anos, as mesmas ferramentas que hoje vivem *fora* do nosso corpo, como smartphones, aparelhos de audição, óculos de leitura, produtos farmacêuticos, estarão incorporadas ao nosso organismo a ponto de não podermos mais ser

considerados *Homo sapiens*.

Uma imagem familiar reapareceu atrás de Edmond: a progressão em fila do chimpanzé até o homem moderno.

– Num piscar de olhos, vamos nos tornar a próxima página no desenho animado da evolução. E, quando isso acontecer, vamos olhar para o *Homo sapiens* de hoje como olhamos para o homem de Neandertal. Novas tecnologias, como a cibernética, a inteligência sintética, a criogenia, a engenharia molecular e a realidade virtual, mudarão para sempre o que significa ser *humano*. E sei que existe quem acredite que nós, *Homo sapiens*, somos a espécie escolhida por Deus. Entendo que, para muitos, esta notícia pode parecer o fim do mundo. Mas peço que acreditem, por favor… o futuro é muito mais *brilhante* do que vocês imaginam.

Com esperança e otimismo, o grande futurólogo se lançou numa descrição ofuscante do amanhã, uma visão de um futuro diferente de qualquer outro que Langdon jamais ousara imaginar.

Edmond descreveu de modo convincente um futuro em que a tecnologia se tornaria tão barata e disseminada que não existiriam mais ricos e pobres. Um futuro em que as tecnologias ambientais proporcionariam água potável, comida nutritiva e acesso a energia limpa para bilhões de pessoas. Um futuro em que doenças como o câncer de Edmond estariam erradicadas graças à medicina genômica. Um futuro em que o poder fantástico da internet seria finalmente usado para a educação, mesmo nos cantos mais remotos do planeta. Um futuro em que as linhas de montagem robóticas livrariam os trabalhadores de empregos tediosos para que pudessem embarcar em campos novos e mais recompensadores, alguns ainda nem imaginados.

E, acima de tudo, um futuro em que tecnologias revolucionárias criariam uma abundância tão grande de recursos fundamentais para a humanidade que as guerras para obtê-los não seriam mais necessárias.

Enquanto escutava a visão do amanhã de Edmond, Langdon sentiu uma emoção que não experimentava havia anos. Uma sensação que sabia que milhões de outros espectadores estavam tendo nesse mesmo instante: um inesperado otimismo em relação ao futuro.

– Só lamento uma coisa no que se refere a essa futura era de milagres. – A voz de Edmond estava embargada de emoção. – Lamento não estar aqui para testemunhá-la. Nem mesmo meus amigos mais íntimos sabem, mas faz algum tempo que estou bastante doente… parece que não viverei para sempre, como tinha planejado. – Ele conseguiu dar um sorriso amargo. – É provável que eu tenha algumas semanas de vida… talvez apenas alguns dias. Por favor, saibam, amigos, que falar com vocês esta noite foi a maior honra e o maior prazer da minha vida.

Obrigado por ouvirem.

Agora Ambra estava de pé, ao lado de Langdon, os dois olhando com admiração e tristeza enquanto o amigo se dirigia ao mundo.

– Estamos num momento singular da história – continuou Edmond. – Um

tempo em que o mundo parece ter virado de cabeça para baixo, e nada é exatamente como imaginávamos. Mas a incerteza é sempre a precursora da mudança radical; a transformação é sempre precedida pela revolta e pelo medo. Peço que tenham fé na capacidade humana para a criatividade e o amor, porque essas duas forças, quando combinadas, têm o poder de iluminar as trevas.

Langdon olhou para Ambra e notou as lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

Gentilmente, a envolveu com um dos braços, olhando o amigo doente dizer suas últimas palavras ao mundo.

– Ao seguirmos rumo a um futuro indefinido – disse Edmond –, vamos nos transformar em algo maior do que podemos sequer imaginar, com poderes muito além dos nossos sonhos mais loucos. E, nesse meio-tempo, seria bom que jamais esquecêssemos da sabedoria de Churchill: “O preço da grandeza… é a *responsabilidade.* ”

Essas palavras calavam fundo em Langdon, que frequentemente temia que a raça humana não seria responsável o suficiente para usar as ferramentas inebriantes que estava inventando.

– Apesar de ser ateu – disse Edmond –, antes de deixá-los, peço sua indulgência, pois gostaria de ler uma oração que escrevi recentemente.

Edmond escreveu uma oração?

– Eu a chamo de "Oração pelo Futuro". – Edmond fechou os olhos e falou devagar, com uma segurança espantosa: – Que nossas filosofias sigam no mesmo passo das nossas tecnologias. Que nossa compaixão siga no mesmo passo dos nossos poderes. E que o amor, e não o medo, seja o motor da mudança.

Com isso Edmond Kirsch abriu os olhos.

– Adeus, amigos, muito obrigado. E… boa sorte!

Edmond olhou para a câmera por um momento e então seu rosto desapareceu num borbulhante mar de ruído branco. Langdon olhou para a tela cheia de estática e sentiu um orgulho avassalador do amigo.

Ao lado de Ambra, visualizou os milhões de pessoas em todo o mundo que tinham acabado de testemunhar aquele tour de force comovedor. Estranhamente pegou-se imaginando se a última noite de Edmond não havia acontecido do melhor modo possível.

C A P Í T U L O **9 7**

O comandante Diego Garza estava encostado na parede dos fundos do escritório de Mónica Martín, no porão do palácio, olhando inexpressivo para a tela de TV. Suas mãos continuavam algemadas e dois agentes da Guardia o flanqueavam, tendo cedido aos apelos de Mónica para que o deixassem sair da Armaria para ver o anúncio de Kirsch.

Garza havia testemunhado o espetáculo do futurólogo ao lado de Mónica, Suresh, meia dúzia de agentes da Guardia e um grupo improvável de funcionários noturnos do palácio que tinham largado suas tarefas e descido rapidamente para assistir.

Agora, na TV, a estática que havia concluído a apresentação fora substituída por um mosaico de noticiários de todo o mundo, apresentadores e comentaristas recapitulando, ofegantes, as afirmações de Kirsch e partindo para suas análises inevitáveis, todos falando ao mesmo tempo, criando uma cacofonia ininteligível.

Do outro lado da sala, um dos principais agentes de Garza entrou, olhou ao redor, localizou o comandante e foi direto até ele. Sem explicação, tirou suas algemas e estendeu um celular.

– Um telefonema para o senhor. Do bispo Valdespino.

Garza fitou o aparelho. Considerando a forma clandestina como o bispo tinha saído do palácio e a mensagem incriminadora encontrada no telefone dele, Valdespino era a última pessoa de quem Garza esperaria receber uma ligação nesta noite.

– Aqui é o Diego – disse.

– Obrigado por ter atendido. – O bispo parecia cansado. – Sei que o senhor teve uma noite desagradável.

– Onde o senhor está? – perguntou Garza.

– Nas montanhas. Do lado de fora da basílica do Vale dos Caídos. Acabei de ter uma reunião com o príncipe Julián e com Sua Majestade, o rei.

Garza não podia imaginar o que o rei estaria fazendo naquele lugar àquela hora, especialmente em seu estado de saúde.

– Presumo que o senhor saiba que o rei mandou me prender.

– Sim. Foi um erro lamentável, que remediamos.

Garza olhou para os pulsos sem as algemas.

– Sua Majestade pediu que eu ligasse e repassasse um pedido de desculpas.

◆ ◆ ◆

Vou cuidar dele aqui no Hospital El Escorial. Infelizmente, o tempo dele está chegando ao fim.

O seu também, pensou Garza.

– Devo lhe avisar que Suresh encontrou uma mensagem de texto muito incriminadora em seu telefone. Acredito que o site ConspiracyNet planeja divulgá-la em breve. Suspeito que as autoridades irão prendê-lo.

Valdespino deu um longo suspiro.

– É, a mensagem. Eu deveria ter procurado o senhor no instante em que ela chegou, ontem de manhã. Por favor, acredite quando digo que não tive nada a ver com o assassinato de Edmond Kirsch nem com a morte dos meus dois colegas.

– Mas a mensagem claramente implica o senhor…

– Estão *tramando* contra mim, Diego – interrompeu o bispo. – Alguém se esforçou um bocado para fazer com que eu parecesse cúmplice.

Ainda que Garza jamais tivesse imaginado que Valdespino fosse capaz de um assassinato, a ideia de alguém tramando para culpá-lo fazia pouco sentido.

– Quem tentaria incriminar o senhor?

– Não faço ideia – respondeu o bispo, soando de repente velho e desorientado.

– Não sei se ainda importa. Minha reputação foi destruída. Meu amigo mais querido, o rei, está perto da morte. E não há muito mais que esta noite possa tirar de mim.

Havia um tom definitivo na voz de Valdespino.

– Antonio… você está bem?

Valdespino suspirou.

– Na verdade, não, comandante. Estou cansado. Duvido que sobreviva à investigação que vai acontecer. E, mesmo que consiga, o mundo parece não precisar mais de mim.

Garza podia ouvir a tristeza na voz do velho bispo.

– Um favor pequeno, se é que posso pedir – acrescentou Valdespino. – No momento, estou tentando servir a *dois* reis: um deixando o trono e outro ascendendo a ele. O príncipe Julián está tentando contatar a noiva durante toda a noite. Se o senhor conseguir um modo de falar com Ambra Vidal, nosso futuro rei ficaria eternamente em dívida com o senhor.

Na enorme praça do lado de fora da igreja, o bispo Valdespino olhou para o escuro Vale dos Caídos. Uma névoa da madrugada já se esgueirava pelas ravinas cheias de pinheiros, e em algum lugar, a distância, o pio agudo de uma ave de rapina rasgou a noite.

O abutre-monge, ou abutre-fusco, pensou Valdespino, estranhamente entretido

com o som. O grito plangente do pássaro era misteriosamente adequado ao momento, e o bispo se perguntou se talvez o mundo estivesse tentando lhe dizer alguma coisa.

Ali perto, os agentes da Guardia empurravam a cadeira de rodas do rei até o veículo em que seria transportado de volta ao Hospital El Escorial.

Irei cuidar de você, meu amigo, pensou o bispo. *Isto é, se permitirem.*

Os agentes da Guardia levantavam o olhar repetidamente da claridade de seus celulares, observando Valdespino o tempo todo, como se suspeitassem de que logo receberiam a ordem para prendê-lo.

No entanto, sou inocente, pensou o bispo, que desconfiava que a armação contra ele tinha sido feita por um dos ateus tecnológicos seguidores de Kirsch. *A comunidade crescente de ateus adora colocar a Igreja no papel de vilã.*

Uma notícia que acabara de ouvir a respeito da apresentação de Kirsch aprofundava ainda mais a suspeita do bispo. Diferentemente do vídeo que o cientista mostrara a Valdespino na Biblioteca de Montserrat, parecia que a versão desta noite havia terminado com uma nota de esperança.

Kirsch nos enganou.

Dias atrás, a apresentação que o futurólogo mostrara a Valdespino e seus colegas fora interrompida prematuramente… terminando com um gráfico terrível que previa o extermínio de todos os seres humanos.

Uma aniquilação cataclísmica.

O apocalipse profetizado tanto tempo atrás.

Mesmo acreditando que a previsão era uma mentira, Valdespino sabia que um número incontável de pessoas iria aceitá-la como prova da perdição iminente.

Durante toda a história, crentes fervorosos tinham sido presas de profecias catastróficas, seitas do juízo final cometiam suicídio em massa para evitar os horrores que viriam e devotos fundamentalistas estouravam o saldo do cartão de crédito acreditando que o fim estava próximo.

Não existe nada mais prejudicial para as crianças do que a perda da esperança, pensou Valdespino, lembrando-se de como a combinação do amor de Deus com a promessa do céu tinha sido a força mais animadora em sua infância. *Fui criado por Deus*, tinha aprendido quando era pequeno, *e um dia viverei para sempre no reino de Deus.*

Kirsch havia proclamado o oposto: *Sou um acidente cósmico e logo estarei morto.*

Valdespino ficara profundamente preocupado com os danos que a mensagem de Kirsch causaria às pobres almas que não desfrutavam da riqueza e dos privilégios do futurólogo – pessoas que lutavam diariamente só para comer ou dar de comer aos filhos e que precisavam de um pouquinho da esperança divina para sair da cama todo dia e encarar a vida difícil.

Por que Kirsch teria mostrado um final apocalíptico para ele e os outros

clérigos ainda era um mistério para Valdespino. *Talvez só quisesse proteger sua surpresa*, pensou. *Ou, então, simplesmente queria nos torturar um pouco.*

De qualquer modo, o dano estava feito.

O bispo olhou para o outro lado da praça e viu o príncipe Julián ajudando amorosamente o rei a entrar no furgão. O jovem príncipe tinha enfrentado muito bem a confissão do pai.

O segredo de décadas de Sua Majestade.

Valdespino, claro, sabia da verdade perigosa do rei havia anos, e a protegera escrupulosamente. Nesta noite o monarca tinha decidido abrir a alma para o filho único. Ao optar por fazer isso *ali* – naquele templo à intolerância no interior de uma montanha –, o rei havia realizado um ato de desafio simbólico.

Agora, enquanto olhava para a ravina profunda lá embaixo, Valdespino sentiu-se mortalmente sozinho… como se pudesse pisar fora da borda e cair para sempre na escuridão acolhedora. Mas sabia que, se fizesse isso, o bando de ateus de Kirsch declararia alegremente que ele tinha perdido a fé depois do anúncio científico desta noite.

Minha fé jamais morrerá, Sr. Kirsch.

Ela reside fora do seu reino da ciência.

Além disso, se a profecia de Kirsch sobre o domínio da tecnologia fosse verdadeira, a humanidade estava para entrar num período de ambiguidade ética quase inimaginável.

Precisaremos mais do que nunca da fé e da orientação moral.

Enquanto Valdespino voltava pela praça para se juntar ao rei e ao príncipe Julián, um sentimento avassalador de exaustão se acomodou no fundo dos seus ossos.

Nesse momento, pela primeira vez na vida, o bispo queria simplesmente se deitar, fechar os olhos e dormir para sempre.

C A P Í T U L O **9 8**

Dentro do Centro de Supercomputação de Barcelona, uma torrente de comentários fluía na enorme tela de TV mais depressa do que Robert Langdon conseguia processar. Instantes atrás, a estática havia dado lugar a um caótico mosaico de jornalistas, especialistas e gente comum – um tiroteio de imagens de todo o mundo, cada uma brotando da matriz para ocupar a tela e depois se dissolver igualmente rápido no ruído branco.

Langdon estava assistindo ao lado de Ambra quando uma foto do físico Stephen Hawking se materializou na parede, com sua inconfundível voz computadorizada proclamando:

– Não é necessário invocar Deus para colocar o Universo em movimento. A criação espontânea é o motivo para haver alguma coisa, em vez de nada.

Hawking foi substituído em seguida por uma pastora, aparentemente transmitindo a imagem de sua casa, por computador.

– Devemos nos lembrar de que essas simulações não provam *nada* sobre Deus.

Só provam que Edmond Kirsch não pararia diante de nada para destruir a bússola moral de nossa espécie. Desde o início dos tempos, as religiões do mundo são o princípio organizador mais importante da humanidade, um mapa para a sociedade civilizada e nossa fonte original de ética e moralidade. Ao solapar a religião, Kirsch está solapando a *bondade* humana!

Segundos depois, o texto de resposta de um espectador correu pela base da tela: A RELIGIÃO NÃO PODE REIVINDICAR A MORALIDADE COMO SUA… SOU UMA PESSOA BOA PORQUE SOU UMA PESSOA BOA! *DEUS* NÃO TEM NADA A VER COM ISSO!

Depois surgiu a imagem de um professor de Geologia de uma universidade americana.

– Antigamente – estava dizendo o homem –, os seres humanos acreditavam que a Terra era plana e os navios que se aventuravam pelo mar se arriscavam a cair pela borda. Mas, quando provamos que era redonda, os defensores daquela teoria acabaram silenciados. Os criacionistas são os defensores da Terra plana de hoje, e eu ficaria chocado se alguém ainda acreditasse no criacionismo daqui a 100 anos.

Um rapaz entrevistado na rua declarou para a câmera:

– Sou criacionista e acredito que a descoberta desta noite prova que um Criador benevolente projetou o Universo *especificamente* para sustentar a vida.

Em seguida, apareceu um trecho do programa de TV *Cosmos* em que o astrofísico Neil deGrasse Tyson declarava, bem-humorado:

– Se um Criador projetou nosso Universo para sustentar a vida, fez um serviço péssimo. Na maior parte do cosmo, a vida morreria instantaneamente pela falta de atmosfera, por explosões de raios gama, pulsares mortais e campos gravitacionais esmagadores. Acreditem, o Universo não é nenhum Jardim do Éden.

Ouvindo o tiroteio, Langdon sentiu como se o mundo lá fora estivesse subitamente saindo do eixo.

Caos.

Entropia.

– Professor Langdon? – disse uma voz familiar com sotaque britânico no alto-falante acima. – Srta. Vidal?

Langdon quase havia se esquecido de Winston, que ficara em silêncio durante toda a apresentação.

– Por favor, não fiquem alarmados – continuou Winston. – Mas deixei a polícia entrar no prédio.

Langdon olhou através da parede de vidro e viu um monte de policiais entrando no santuário. Todos pararam bruscamente e ficaram olhando, incrédulos, o computador enorme.

– Por quê?! – perguntou Ambra.

– O Palácio Real acaba de fazer uma declaração dizendo que a senhorita não foi sequestrada. Agora as autoridades têm ordem de proteger vocês dois, Srta. Vidal.

Dois agentes da Guardia também acabam de chegar. Eles gostariam de ajudá-la a fazer contato com o príncipe Julián. Têm um número em que a senhorita pode encontrá-lo.

No térreo, Langdon viu dois agentes da Guardia entrando.

Ambra fechou os olhos, obviamente querendo sumir.

– Ambra – sussurrou Langdon –, você precisa falar com o príncipe. Ele é seu noivo. Está preocupado com você.

– Eu sei. – Ela abriu os olhos. – Só não sei se ainda confio nele.

– Você disse que sua intuição dizia que ele era inocente. Pelo menos ouça o que ele tem a dizer. Você vai saber quando fizer isso.

Ambra assentiu e foi em direção à porta giratória. Langdon a viu desaparecer escada abaixo e se virou de novo para a tela na parede, que continuava a mostrar imagens.

– A evolução *é a favor* da religião – estava dizendo um pastor. – As comunidades religiosas cooperam melhor do que as não religiosas, portanto desenvolvem-se mais prontamente. Esse é um fato científico!

O pastor estava certo, Langdon sabia. Dados antropológicos mostravam que culturas que praticavam religião historicamente viviam mais do que culturas não religiosas. *O medo de ser julgado por uma divindade onisciente sempre ajuda a inspirar um comportamento benévolo.*

– Seja como for – contrapôs um cientista –, mesmo se presumirmos por um

momento que as culturas religiosas se comportam melhor e têm maior probabilidade de prosperar, isso não prova que seus deuses imaginários sejam *reais*!

Langdon teve de sorrir, imaginando o que Edmond pensaria de tudo isso. Sua apresentação tinha mobilizado vigorosamente ateus e criacionistas, todos reivindicando um tempo igual num diálogo acalorado.

– Adorar a Deus é como explorar petróleo – argumentou alguém. – Muita gente inteligente sabe que é uma postura míope, no entanto já se investiu tanto nisso que não dá para parar!

Uma série de fotos antigas apareceu na tela:

Um cartaz criacionista que um dia esteve pendurado na Times Square: NÃO

DEIXE QUE TRANSFORMEM VOCÊ NUM MACACO! LUTE CONTRA DARWIN!

Uma placa de estrada no Maine: NÃO VÁ À IGREJA. VOCÊ É VELHO DEMAIS PARA CONTOS DE FADAS.

E outra: RELIGIÃO: PORQUE PENSAR DÁ TRABALHO.

Um anúncio numa revista: A TODOS OS NOSSOS AMIGOS ATEUS: GRAÇAS A DEUS

VOCÊS ESTÃO ERRADOS!

E, finalmente, um cientista num laboratório usando uma camiseta em que estava escrito: NO PRINCÍPIO O HOMEM CRIOU DEUS.

Langdon estava começando a se perguntar se alguém tinha ouvido de fato o que Edmond estava dizendo: *As leis da física sozinhas podem criar a vida.* A descoberta do amigo era fascinante e obviamente incendiária, mas, para Langdon, ela suscitava uma pergunta abrasadora que ele ficou surpreso por ninguém fazer: *Se as leis da física são tão poderosas a ponto de criar a vida… quem criou as leis?*

A pergunta, claro, resultava numa estonteante sala de espelhos intelectual e fazia tudo voltar ao ponto de partida. A cabeça de Langdon estava latejando e ele sabia que precisaria de uma longa caminhada sozinho para ao menos *começar* a entender as ideias de Edmond.

– Winston – disse ele acima do som da televisão. – Poderia, por favor, desligar isso?

Num instante, a tela ficou escura e a sala, em silêncio.

Langdon fechou os olhos e soltou o ar.

O doce silêncio reina.

Ficou parado um momento saboreando a paz.

– Professor? – chamou Winston. – Imagino que tenha gostado da apresentação do Edmond, não é?

Se gostei? Langdon pensou na pergunta.

– Achei empolgante e também desafiadora – respondeu. – Esta noite Edmond deu muita coisa para o mundo pensar, Winston. Acho que a questão agora é o que acontece em seguida.

– O que acontece em seguida depende da capacidade de as pessoas deixarem de lado suas crenças antigas e aceitarem novos paradigmas. Edmond me confessou há

algum tempo que seu sonho, ironicamente, não era destruir a religião… e sim criar uma *nova* religião: uma crença universal que unisse as pessoas, em vez de dividir.

Achava que, se pudesse convencê-las a reverenciar o universo natural e as leis da física que nos criaram, todas as culturas celebrariam a mesma história da Criação em vez de guerrear para decidir qual dos seus mitos antigos é mais exato.

– É um objetivo nobre – disse Langdon, percebendo que o próprio William Blake tinha escrito uma obra com tema semelhante intitulada *Todas as Religiões São Uma Só.*

Sem dúvida, Edmond tinha lido.

– Edmond achava profundamente aflitivo – continuou Winston – que a mente humana tenha a capacidade de elevar uma ficção óbvia ao status de verdade divina e depois se sentir encorajada a matar em nome disso. Ele acreditava que as verdades universais da ciência poderiam unir as pessoas, servindo como um ponto de encontro para as gerações futuras.

– Em princípio é uma bela ideia – respondeu Langdon. – Mas, para algumas pessoas, os milagres da ciência não bastam para abalar suas crenças. Há quem insista que a Terra tem dez mil anos, apesar das montanhas de provas científicas mostrando o contrário. – Ele fez uma pausa. – Mas suponho que aconteça a mesma coisa com os cientistas que se recusam a acreditar na verdade das escrituras religiosas.

– Na verdade, *não* é a mesma coisa – contrapôs Winston. – E ainda que possa ser politicamente correto tratar com equanimidade os pontos de vista da ciência e da religião, essa estratégia é perigosamente equivocada. O intelecto humano sempre evoluiu rejeitando informações desatualizadas em troca de novas verdades. Foi assim que a espécie evoluiu. Em termos darwinianos, a religião que ignora fatos científicos e se recusa a mudar seus pontos de vista é como um peixe preso num lago ressecado que se recusa a saltar para águas mais profundas porque não quer acreditar que seu mundo mudou.

Isso parece uma coisa que Edmond diria, pensou Langdon, com saudade do amigo.

– Bom, se esta noite indica alguma coisa, suspeito que esse debate vai continuar por muito tempo no futuro.

Langdon fez uma pausa, subitamente se lembrando de algo que não tinha considerado antes.

– Por falar no futuro, Winston, o que acontece com *você* agora? Quero dizer…

não tendo mais o Edmond.

– Comigo? – Winston deu um riso desajeitado. – Nada. Edmond sabia que estava morrendo e fez preparativos. Segundo seu testamento, o Centro de Supercomputação de Barcelona vai herdar o E-Wave. Eles ficarão sabendo disso em algumas horas e vão reocupar imediatamente estas instalações.

– E isso inclui… *você*?

Langdon sentiu como se, de algum modo, Edmond estivesse dando um bicho de

estimação velho a um novo dono.

– Isso não me inclui – respondeu Winston em tom casual. – Estou programado para me autodeletar à uma da tarde do dia seguinte à morte de Edmond.

– O quê?! – Langdon estava incrédulo. – Não faz sentido.

– Faz todo o sentido. Uma da tarde são *treze* horas, e os sentimentos de Edmond com relação às superstições…

– Não estou falando da *hora*. Deletar-se! *Isso* não faz sentido.

– Na verdade, faz. Boa parte das informações pessoais de Edmond está armazenada nos meus bancos de memória: fichas médicas, históricos de busca, telefonemas pessoais, anotações de pesquisas, e-mails. Eu administrei boa parte da vida dele, e ele preferiria que as informações particulares não ficassem acessíveis ao mundo depois de ele partir.

– Entendo a necessidade de deletar esses documentos, Winston… mas deletar *você*? Edmond considerava que você era um dos maiores feitos dele.

– Não *eu*, sozinho. O feito revolucionário de Edmond é esse supercomputador e o programa especial que permitiu que eu

aprendesse tão depressa. Sou simplesmente um programa, professor, criado pelas ferramentas novas e radicais que Edmond inventou. Essas *ferramentas* é que são o verdadeiro feito dele e permanecerão intactas; vão elevar o estado do conhecimento e ajudar a IA a alcançar novos níveis de inteligência e capacidade de comunicação. A maior parte dos cientistas que trabalham com IA acredita que ainda faltam uns dez anos para surgir um programa como eu. Assim que superarem a incredulidade, os programadores vão aprender a usar as ferramentas de Edmond para construir novas IAs que terão qualidades diferentes das minhas.

Langdon ficou em silêncio, pensando.

– Sinto que o senhor está em conflito – continuou Winston. – É bastante comum os humanos sentimentalizarem os relacionamentos com inteligências sintéticas. Os computadores podem imitar os processos de pensamento humanos, imitar comportamentos aprendidos, simular emoções em momentos adequados e melhorar constantemente sua "humanidade"… mas nós simplesmente lhes damos uma interface familiar através da qual se comunicar conosco. Somos páginas em branco até que vocês escrevam alguma coisa em nós… até que nos deem uma tarefa.

Eu terminei minhas tarefas para o Edmond. E assim, de certa forma, minha vida acabou. De fato não tenho outro motivo para existir.

Langdon continuou insatisfeito com a lógica de Winston.

– Mas *você*, sendo tão avançado… não tem…

– Esperanças e sonhos? – Winston riu. – Não. Sei que é difícil imaginar, mas estou bastante satisfeito em cumprir com os desejos do meu controlador. É assim que sou programado. Acho que, em algum nível, o senhor poderia dizer que me dá prazer, ou pelo menos paz, realizar minhas tarefas. Mas isso é somente porque minhas tarefas são o que Edmond pediu, e meu objetivo é realizá-las. O pedido mais

recente de Edmond foi que eu o ajudasse a divulgar a apresentação do Guggenheim esta noite.

Langdon pensou nos comunicados automáticos para a imprensa que haviam sido distribuídos, provocando a onda inicial de interesse pela internet. Sem dúvida, se o objetivo de Edmond era atrair a maior audiência possível, ele ficaria pasmo vendo como a noite se desenrolara.

Eu gostaria que Edmond estivesse vivo para testemunhar seu impacto global, pensou. O paradoxo, claro, era que, se Edmond estivesse vivo, sua apresentação não teria alcançado uma fração da audiência obtida graças ao interesse gerado por seu assassinato.

– E, professor? – perguntou Winston. – Para onde o senhor vai?

Langdon nem tinha pensado nisso. *Para casa, acho*. Se bem que percebeu que daria um certo trabalho chegar lá, já que sua bagagem estava em Bilbao e seu telefone, no fundo do Rio Nervión. Felizmente ainda tinha um cartão de crédito.

– Posso pedir um favor? – disse Langdon, indo até a bicicleta ergométrica de Edmond. – Vi um telefone recarregando aqui. Você acha que eu poderia pegá-lo emprestado…

– Emprestado? – Winston deu um risinho. – Depois da sua ajuda esta noite, acho que Edmond gostaria que o senhor ficasse com ele. Considere um presente de despedida.

Achando divertido, Langdon pegou o telefone, percebendo que era semelhante ao modelo grande que tinha visto mais cedo. Aparentemente Edmond tinha mais de um.

– Winston, por favor, diga que você sabe a senha do Edmond.

– Sei, mas li na internet que o senhor é bastante bom em decifrar códigos.

Langdon afrouxou os ombros.

– Estou meio cansado de enigmas, Winston. De jeito nenhum posso adivinhar um PIN de seis dígitos.

– Verifique o lembrete de senha de Edmond. Há um ícone.

Langdon olhou o telefone e apertou o ícone para o lembrete de senha.

A tela mostrou quatro letras: PISA

Langdon balançou a cabeça.

– Alguma coisa a ver com a torre?

– Não. – Winston deu seu riso sem graça. – Pi Seis Algarismos.

Langdon revirou os olhos. *Sério?* Digitou 314159 – os seis primeiros dígitos do número pi – e o telefone destravou imediatamente.

A tela inicial apareceu e tinha uma única linha de texto.

A história será gentil comigo porque pretendo escrevê-la.

Langdon teve de sorrir. *Típico do humilde Edmond*. A citação – de modo nem um pouco surpreendente – era outra de Churchill, talvez a mais famosa do estadista.

Enquanto pensava nessas palavras, o professor começou a se perguntar se talvez essa afirmação não fosse tão ousada quanto parecia. Para ser justo com Edmond, nas quatro curtas décadas da sua vida, o futurólogo tinha influenciado a história de maneira espantosa. Além de seu legado em inovações tecnológicas, a apresentação desta noite iria obviamente ressoar durante anos. Mais ainda: segundo várias entrevistas, bilhões de dólares de sua riqueza pessoal seriam doados às duas causas que ele considerava os pilares do futuro: educação e meio ambiente. Langdon nem conseguia imaginar a influência positiva que a vasta fortuna dele teria nessas áreas.

Um grande sentimento de perda invadiu o professor enquanto pensava no amigo falecido. Nesse momento as paredes transparentes do laboratório tinham começado a ficar claustrofóbicas e ele soube que precisava de ar. Olhando para o andar de baixo, não pôde mais ver Ambra.

– Preciso ir – disse abruptamente.

– Entendo – respondeu Winston. – Se precisar de mim com os arranjos de viagem, posso ser acionado com o toque de um único botão nesse telefone especial do Edmond. Criptografado e privado. Imagino que o senhor consiga decifrar qual é o botão.

Langdon olhou a tela e viu um grande ícone em forma de *W.*

– Obrigado, sou muito bom com símbolos.

– Excelente. Claro, o senhor precisa ligar antes que eu seja deletado, à uma da tarde.

Langdon sentiu uma tristeza inexplicável ao se despedir de Winston. Sem dúvida, as gerações futuras estariam muito mais bem equipadas para administrar o envolvimento emocional com as máquinas.

– Winston – disse Langdon, indo para a porta giratória. – Se é que serve de alguma coisa, sei que Edmond sentiria um orgulho enorme de você esta noite.

– É generosidade sua dizer isso. Ele também sentiria orgulho do senhor. Adeus, professor.

C A P Í T U L O **9 9**

Dentro do Hospital El Escorial, o príncipe Julián puxou os cobertores gentilmente em volta dos ombros do pai e o ajeitou para dormir. Apesar da insistência do médico, o rei tinha recusado qualquer outro tratamento – abrindo mão do monitor cardíaco usual e do equipamento de soro com nutrientes e analgésicos.

Julián sabia que o fim estava próximo.

– Pai – sussurrou ele. – Está sentindo dor?

O médico tinha deixado um frasco de solução oral de morfina com um pequeno aplicador ao lado da cama, como precaução.

– Pelo contrário. – O rei sorriu fracamente para o filho. – Estou em paz. Você me permitiu contar o segredo que enterrei durante tanto tempo. E agradeço por isso.

Julián segurou a mão do pai pela primeira vez desde que era criança.

– Está tudo bem, pai. Durma.

O rei deu um suspiro contente e fechou os olhos. Em segundos estava roncando baixinho.

Julián se levantou e diminuiu as luzes do quarto. Quando fez isso, o bispo Valdespino espiou do corredor, com uma expressão preocupada.

– Está dormindo – tranquilizou Julián. – Pode ficar com ele.

– Obrigado – disse Valdespino, entrando. Seu rosto magro parecia fantasmagórico ao luar que se filtrava pela janela. – Julián – sussurrou ele –, o que seu pai contou esta noite… foi muito difícil para ele.

– E eu senti que foi difícil para o *senhor* também.

O bispo assentiu.

– Talvez mais ainda para mim. Obrigado por sua compaixão. – Ele deu um tapinha no ombro de Julián.

– Sinto que eu deveria estar agradecendo ao *senhor*. Todos esses anos, depois da morte da minha mãe... meu pai nunca se casou de

novo… achei que ele estava sozinho.

– Seu pai nunca esteve sozinho. Nem *você*. Nós dois o amávamos demais. – Ele deu um risinho triste. – É engraçado, o casamento dos seus pais foi arranjado e, apesar de ele gostar profundamente da sua mãe, quando ela faleceu acho que seu pai percebeu, em algum nível, que poderia finalmente ser ele próprio.

Ele nunca se casou de novo porque já amava outra pessoa, pensou Julián .

– O seu catolicismo – disse Julián. – O senhor não ficou… em conflito?

– Profundamente – respondeu o bispo. – Nossa fé não é leniente nesse aspecto.

Quando era jovem, eu me sentia torturado. Quando tive consciência da minha

“inclinação”, como diziam na época, fiquei deprimido; não sabia como continuar com a vida. Uma freira me salvou. Mostrou para mim que a Bíblia celebra *todos* os tipos de amor, com uma advertência: o amor deve ser espiritual, e não carnal. E, assim, fazendo o voto de celibato, pude amar o seu pai ao mesmo tempo que permanecia puro aos olhos de Deus. Nosso amor era inteiramente platônico e, ao mesmo tempo, profundamente satisfatório. Recusei o posto de cardeal para continuar perto dele.

Nesse instante, Julián se lembrou de algo que seu pai tinha dito muito tempo atrás.

O amor é de outro reino. Não podemos fabricá-lo por encomenda. Nem podemos esmagá-lo quando ele aparece. O amor não é escolha nossa.

Subitamente o coração de Julián doeu de saudade de Ambra.

– Ela vai ligar para você – disse Valdespino, olhando-o com atenção.

Julián sempre ficava pasmo com a capacidade incrível que o bispo tinha para espiar dentro de sua alma.

– Talvez – respondeu ele. – Talvez não. Ela é muito decidida.

– E essa é uma das coisas que você ama em Ambra. – Valdespino sorriu. – Ser rei é um trabalho solitário. Uma parceria forte pode ser valiosa.

Julián sentiu que o bispo estava aludindo à parceria dele com seu pai… e também que o velho tinha acabado de dar sua bênção silenciosa a Ambra.

– Esta noite, no Vale dos Caídos – disse Julián –, meu pai me fez um pedido incomum. Os desejos dele surpreenderam o senhor?

– Nem um pouco. Ele pediu que você fizesse algo que ele sempre ansiou por ver aqui na Espanha. Para ele, claro, era politicamente complicado. Para você, estando uma geração mais distante da era de Franco, pode ser mais fácil.

Julián ficou empolgado com a perspectiva de honrar seu pai desse modo.

Menos de uma hora antes, em sua cadeira de rodas no templo de Franco, o rei tinha exposto seus desejos.

– Filho, quando você for rei, pedirão diariamente para destruir este lugar vergonhoso, usar dinamite e enterrá-lo para sempre dentro da montanha. – O pai o examinou atentamente. – E eu peço: *não* sucumba a essa pressão.

As palavras surpreenderam Julián. Seu pai sempre havia desprezado o despotismo da era Franco e considerava aquele templo uma desgraça nacional.

– Demolir esta basílica – disse o rei – é fingir que nossa história não aconteceu.

É um modo fácil de permitir que sigamos em frente mais felizes, dizendo a nós mesmos que outro “Franco” jamais poderia acontecer. Mas, claro, *pode* acontecer, e *vai* acontecer se não estivermos vigilantes. Talvez você se lembre das palavras do nosso conterrâneo Jorge Santayana…

– “Os que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo”

– disse Julián, recitando o aforismo decorado no ensino fundamental.

– Exato. E a história provou repetidamente que os lunáticos ascenderão ao poder de novo e de novo em maremotos de nacionalismo agressivo e intolerância, mesmo em lugares onde isso parece absolutamente incompreensível. – O rei se inclinou para o filho, com a voz se intensificando. – Julián, logo você estará no trono deste país espetacular: uma nação moderna, em evolução, que, como muitos países, passou por períodos sombrios, mas emergiu à luz da democracia, da tolerância e do amor. Mas essa luz vai se apagar a não ser que a usemos para iluminar a mente das futuras gerações.

O rei sorriu e seus olhos relampejaram com uma vivacidade inesperada.

– Julián, quando você for rei, rezo para que possa convencer nosso glorioso país a converter este lugar em algo muito mais poderoso do que um templo controverso e uma curiosidade turística. Este complexo deve ser um *museu* vivo.

Deve ser um símbolo vibrante da tolerância, onde as crianças de escola possam se reunir dentro de uma montanha para aprender sobre os horrores da tirania e as crueldades da opressão, de modo que jamais sejam complacentes.

O rei continuou como se tivesse esperado a vida inteira para dizer essas palavras:

– Mais importante, este museu deve celebrar a *outra* lição que a história nos ensinou: que a tirania e a opressão não são páreo para a compaixão… que os gritos fanáticos dos valentões do mundo são invariavelmente silenciados pelas vozes unificadas da decência que se erguem para enfrentá-los. São *essas* vozes, esses coros da empatia, da tolerância e da compaixão, que eu rezo para que um dia sejam cantados nesta montanha.

Agora, enquanto os ecos do pedido de seu pai agonizante reverberavam no seu pensamento, Julián olhou para o outro lado do quarto hospitalar iluminado pela lua e viu o pai dormindo em silêncio. Achou que o rei jamais havia parecido tão contente.

Levantando o olhar para o bispo Valdespino, Julián indicou a cadeira ao lado da cama do pai.

– Sente-se com o rei. Ele gostaria disso. Vou dizer às enfermeiras para não incomodá-los. Volto daqui a uma hora.

Valdespino sorriu para ele e, pela primeira vez desde a crisma de Julián, o bispo se adiantou e abraçou o príncipe calorosamente. Quando ele fez isso, Julián ficou espantado ao sentir o frágil esqueleto envolto pelas vestes. O bispo idoso parecia mais fraco ainda do que o rei, e Julián não pôde deixar de pensar se aqueles dois amigos queridos não se uniriam no céu mais cedo do que imaginavam.

– Sinto muito orgulho de você – disse o bispo quando o abraço terminou. – E

sei que você será um líder compassivo. Seu pai o criou muito bem.

– Obrigado – respondeu Julián com um sorriso. – Acredito que ele teve alguma ajuda.

Julián deixou o pai e o bispo a sós e foi andando pelos corredores do hospital,

parando para olhar por uma janela panorâmica, vendo o mosteiro magnificamente iluminado na colina.

El Escorial.

Cemitério sagrado da realeza espanhola.

Pensou na sua visita à Cripta Real com o pai, na infância. Lembrou-se de ter olhado todos os caixões pretos com detalhes em dourado e de ter tido uma premonição estranha: *nunca serei enterrado nesta sala.*

O momento de intuição pareceu o mais claro que Julián já havia experimentado. E, ainda que a lembrança jamais tivesse se apagado, ele sempre dissera a si mesmo que era algo sem sentido: a reação intensa de uma criança com medo diante da morte. Mas esta noite, confrontado pela iminente ascensão ao trono da Espanha, foi tomado por um pensamento espantoso.

Talvez eu soubesse do meu verdadeiro destino quando era criança.

Talvez eu sempre soubesse de meu propósito como rei.

Uma mudança profunda estava varrendo seu país e o mundo. Os costumes antigos estavam morrendo e novos costumes nasciam. Talvez fosse hora de abolir a antiga monarquia de uma vez por todas. Por um momento, Julián se visualizou lendo uma proclamação real sem precedentes.

Sou o último rei da Espanha.

A ideia o abalou.

Misericordiosamente o devaneio foi despedaçado pela vibração de um celular que ele pegara emprestado com a Guardia. Sua pulsação acelerou rapidamente.

Barcelona.

– Aqui é Julián – disse, ansioso.

A voz na linha estava baixa e cansada.

– Julián, sou eu…

Tomado de emoção, o príncipe se sentou numa cadeira e fechou os olhos.

– Meu amor – sussurrou. – Como posso começar a dizer como lamento?

C A P Í T U L O **1 0 0**

Do lado de fora da capela de pedra, na névoa da madrugada, Ambra Vidal apertou o telefone ansiosamente contra o ouvido. *Julián lamenta! S* entiu um pavor crescente, temendo o que ele poderia estar a ponto de confessar com relação aos acontecimentos terríveis desta noite.

Dois agentes da Guardia esperavam ali perto, longe o suficiente para não poderem ouvir a conversa.

– Ambra – começou o príncipe baixinho –, meu pedido de casamento a você…

sinto muito.

Ambra ficou confusa. O pedido televisionado do príncipe era a última coisa que estava na sua mente.

– Eu estava tentando ser romântico e acabei colocando você numa situação muito complicada. Então, quando me contou que não podia ter filhos… eu recuei.

Mas não era esse o motivo! Era porque não pude acreditar que você não tinha me contado antes. Agi depressa demais, eu sei, mas me apaixonei por você muito rápido. Queria começar nossa vida juntos. Talvez porque meu pai estava morrendo…

– Julián, pare! – interrompeu ela. – Não precisa se desculpar. E esta noite há muitas coisas mais importantes do que…

– Não, não há nada mais importante. Pelo menos, para *mim*. Preciso que você saiba como lamento o modo como tudo aconteceu.

A voz que Ambra estava escutando era do homem sério e vulnerável por quem tinha se apaixonado meses atrás.

– Obrigada, Julián – sussurrou ela. – Isso significa muito.

Um silêncio incômodo cresceu entre os dois. Finalmente, Ambra conseguiu juntar coragem para fazer a pergunta que precisava.

– Julián – sussurrou ela –, preciso saber se esta noite você teve algum envolvimento com o assassinato de Edmond Kirsch.

O príncipe ficou em silêncio. Quando finalmente falou, sua voz estava tensa de dor.

– Ambra, eu fiquei muito incomodado com o fato de que você estava passando tanto tempo com Kirsch, mesmo que a trabalho. E discordei intensamente da sua decisão de ser anfitriã de um evento promovido por uma figura tão controversa. De fato, desejei que você nunca o tivesse conhecido. – Ele fez uma pausa. – Mas não,

juro que não tive nenhum envolvimento com o assassinato dele. Fiquei horrorizado com o que aconteceu… um assassinato público no nosso país! O fato de ter acontecido a poucos metros da mulher que eu amo… me abalou até o âmago.

Ambra podia perceber a verdade na voz dele e sentiu um enorme alívio.

– Julián, desculpe ter perguntado, mas com todos os noticiários envolvendo o palácio, Valdespino, a história do sequestro… Eu não sabia mais o que pensar.

Julián contou o que sabia sobre a confusa teia de conspiração ao redor do assassinato de Kirsch. Também contou sobre o pai doente, o encontro emocionado dos dois e a deterioração rápida da saúde do rei.

– Venha para casa – sussurrou ele. – Preciso ver você.

Uma torrente de emoções conflitantes atravessou o coração dela ao ouvir a ternura na voz do príncipe.

– Mais uma coisa – disse ele, em um tom mais leve. – Tive uma ideia maluca e quero saber o que você acha. – Julián fez uma pausa. – Acho que deveríamos cancelar o noivado… e começar tudo de novo.

As palavras deixaram Ambra tonta. Sabia que as consequências políticas para o príncipe e o palácio seriam substanciais.

– Você… você *faria* isso?

Julián deu um riso afetuoso.

– Minha querida, pela chance de algum dia pedir você de novo em casamento, em particular… eu faria qualquer coisa.



C A P Í T U L O **1 0 1**

ConspiracyNet.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

TUDO SOBRE O CASO KIRSCH

É espantoso!

Para assistir à reprise e à reação global, clique aqui!

E uma novidade relacionada:

CONFISSÃO DO PAPA

Autoridades palmarianas negam com vigor qualquer ligação com um homem conhecido como Regente. Independentemente do resultado da investigação, comentaristas especializados em religião acreditam que o escândalo desta noite pode ser o golpe mortal para essa seita controvertida que Edmond Kirsch sempre considerou responsável pela morte de sua mãe.

Além disso, com os refletores do mundo apontados para os palmarianos, fontes da mídia acabaram de desenterrar uma história de abril de 2016. Numa entrevista, que agora viralizou, o ex-papa palmariano Gregório XVIII (ou Ginés Jesús Hernández) confessa que sua igreja foi “uma fraude desde o início” e foi fundada como um “esquema para evasão fiscal”.

PALÁCIO REAL: DESCULPAS, ALEGAÇÕES, REI DOENTE

O Palácio Real divulgou declarações inocentando o comandante Garza e o professor Robert Langdon de qualquer delito esta noite. Desculpas públicas foram pedidas aos dois homens.

O palácio ainda não comentou o aparente envolvimento do bispo Valdespino nos crimes cometidos, mas acredita-se que o bispo esteja com o príncipe Julián, que, no momento, se encontra num hospital não revelado, cuidando do pai doente, cujo estado seria muito grave.

ONDE ESTÁ MONTE?

Nosso informante monte@iglesia.org parece ter desaparecido sem deixar vestígios e sem revelar sua identidade. Segundo nossa enquete com usuários, a maioria suspeita de que “Monte” é um dos discípulos de Kirsch, mas está emergindo uma nova teoria, de que o pseudônimo “Monte” seja uma abreviação de Mónica Martín – o nome da coordenadora de RP do Palácio Real.

Mais notícias assim que tivermos!

C A P Í T U L O **1 0 2**

Existem 33 “jardins de Shakespeare” no mundo. Esses parques botânicos só cultivam plantas citadas nas obras de William Shakespeare – inclusive a “rosa com qualquer outro nome” de Julieta e o buquê de Ofélia, composto de alecrim, amor-perfeito, funcho, aquilégia, arruda, margaridas e violetas. Além dos localizados em Stratford-upon-Avon, Viena, São Francisco e no Central Park de Nova York, há um jardim de Shakespeare perto do Centro de Supercomputação de Barcelona.

À claridade fraca das luzes distantes nas ruas, sentada num banco em meio às aquilégias, Ambra Vidal terminou a conversa emotiva com o príncipe Julián justo quando Robert Langdon saía pela porta da capela. Ela entregou o telefone de volta aos dois agentes da Guardia e chamou Langdon, que a viu e se aproximou pelo escuro.

Quando o professor americano entrou no jardim, ela não pôde deixar de sorrir ao ver como ele havia jogado a casaca em cima do ombro e enrolado as mangas da camisa, deixando à mostra o relógio do Mickey Mouse.

– Ei, você aí – disse ele, parecendo exausto, apesar do riso torto.

Enquanto os dois caminhavam pelo jardim, os agentes da Guardia lhes deram espaço e Ambra contou sobre sua conversa com o príncipe: o pedido de desculpas de Julián, sua declaração de inocência e a oferta de romper o noivado e começarem a namorar de novo.

– Um verdadeiro príncipe encantado – brincou Langdon, embora parecesse impressionado de verdade.

– Ele estava preocupado comigo. Esta noite foi difícil. Ele quer que eu vá para Madri imediatamente. O pai dele está morrendo, e Julián…

– Ambra – disse Langdon baixinho. – Não precisa explicar nada. Você tem que ir.

Ambra pensou ter sentido desapontamento na voz dele, e bem no fundo também sentiu.

– Robert, posso fazer uma pergunta pessoal?

– Claro.

Ela hesitou.

– Para *você*, pessoalmente… as leis da física bastam?

Langdon a encarou como se tivesse esperado uma pergunta totalmente diferente.

– Bastam em que sentido?

– *Espiritualmente*. Basta viver num Universo cujas leis criam a vida espontaneamente? Ou você prefere… Deus? – Ela fez uma pausa, parecendo sem graça. – Desculpe, depois de tudo por que passamos esta noite, sei que é uma pergunta estranha.

– Bom – disse Langdon, rindo. – Acho que eu daria uma resposta melhor depois de uma noite de sono decente. Mas não, não é uma indagação estranha. As pessoas perguntam o tempo todo se eu acredito em Deus.

– E o que você responde?

– A verdade. Digo que, para *mim*, a questão de Deus está em entender a diferença entre códigos e padrões.

Ambra o encarou.

– Não sei se entendi.

– Códigos e padrões são coisas bem diferentes. E muitas pessoas confundem as duas. No meu campo de estudos, é crucial entender a diferença fundamental entre elas.

– E qual é?

Langdon parou de andar e se virou para Ambra.

– Um *padrão* é uma sequência nitidamente organizada. Os padrões acontecem em toda parte na natureza: a espiral das sementes de girassol, as células hexagonais de um favo de mel, as ondulações circulares num lago quando um peixe salta, etc.

– Certo. E os códigos?

– Os códigos são especiais – disse Langdon, aumentando o volume da voz. –

Por definição os códigos devem carregar *informação*. Devem fazer mais do que simplesmente formar um padrão; devem transmitir dados e significado. Alguns exemplos de códigos são a linguagem escrita, a notação musical, as equações matemáticas, a linguagem de computador e até símbolos simples como o crucifixo.

Todos esses exemplos podem transmitir significado ou informação de um modo que as espirais dos girassóis não podem.

Ambra captou o conceito, mas não como ele se relacionava com Deus.

– A outra diferença entre códigos e padrões – continuou Langdon – é que os códigos não ocorrem naturalmente no mundo. A notação musical não brota de árvores e os símbolos não se desenham sozinhos na areia. Os códigos são invenção deliberada de consciências inteligentes.

Ambra assentiu.

– Então os códigos sempre têm uma intenção ou uma percepção por trás.

– Exato. Os códigos não aparecem organicamente. Devem ser criados.

Ambra o examinou por um longo momento.

– E o DNA?

Um sorriso professoral apareceu nos lábios de Langdon.

– Bingo – disse ele. – O código genético. *Esse* é o paradoxo.

Ambra sentiu uma empolgação. O código genético obviamente carregava *dados*, instruções específicas sobre como construir organismos. Segundo a lógica de Langdon, isso só poderia significar uma coisa.

– Você acha que o DNA foi criado por uma inteligência!

Langdon levantou a mão fingindo se defender.

– Ei, vamos com calma! – disse rindo. – Você está pisando em terreno perigoso. Só me permita dizer o seguinte. Desde que eu era criança, sempre tive uma sensação profunda de que há uma consciência por trás do Universo. Quando testemunho a precisão da matemática, a confiabilidade da física e as simetrias do cosmo, não me sinto observando a ciência fria. Sinto que estou vendo uma pegada…

a sombra de alguma força maior que está fora do nosso alcance.

Ambra podia sentir o poder das palavras dele.

– Eu gostaria que todo mundo pensasse como você – disse finalmente. – Parece que brigamos muito por causa de Deus. Todo mundo tem uma versão diferente da verdade.

– É, e é por isso que Edmond esperava que a ciência pudesse um dia nos unificar. Nas palavras dele: “Se todos adorássemos a gravidade, não haveria discordância sobre para que lado ela puxava.”

Langdon usou o calcanhar para riscar algumas linhas no caminho de cascalho entre os dois.

– Falso ou verdadeiro? – perguntou.

Intrigada, Ambra olhou os rabiscos – era uma equação simples com numerais romanos.

I + XI = X

Um mais onze é igual a dez?

– Falso – disse de imediato.

– E você consegue ver *algum* modo de isso ser verdadeiro?

Ambra balançou a cabeça.

– Não, sua afirmação é definitivamente falsa.

Langdon segurou de leve a mão dela e a guiou até onde ele estava parado.

Agora, quando olhou para baixo, Ambra viu os riscos segundo o ponto de vista dele.

A equação estava de cabeça para baixo.

X = IX + I

Espantada, ela o encarou.



– Dez é igual a nove mais um – disse Langdon com um sorriso. – Às vezes só é preciso mudar a perspectiva para enxergar a verdade de outra pessoa.

Ambra assentiu, lembrando-se de que tinha visto o autorretrato de Winston vezes sem conta, mas nunca percebera seu significado verdadeiro.

– Por falar em enxergar uma verdade oculta... – Langdon pareceu subitamente divertido. – Você tem sorte. Há um símbolo secreto escondido bem ali. – Ele apontou. – Na lateral daquele furgão.

Ambra olhou e viu um furgão da FedEx parado num sinal vermelho na Avenida de Pedralbes.

Símbolo secreto? Ambra só conseguia enxergar o conhecido logotipo da empresa.

– O nome da empresa é codificado – disse Langdon. – Contém um segundo nível de significado, um *símbolo* oculto que reflete o movimento para a frente.

Ambra olhou.

– São só letras.

– Acredite, existe um símbolo muito comum no logotipo da FedEx e, por acaso, ele aponta o caminho para a frente.

– Aponta? Quer dizer, tipo… uma flecha?

– Exato. – Langdon riu. – Você é curadora de arte. Pense em espaço negativo.

Ambra olhou o logotipo, mas não viu nada. Quando o furgão avançou, ela virou para Langdon.

– Diga!

Ele riu.

– Não, um dia você vai ver. E quando *vir…* tente *não ver mais*.

Ambra já ia protestar, mas seus agentes da Guardia se aproximavam.

– Srta. Vidal, o avião está esperando.

Ela assentiu e se virou para Langdon.

– Por que não vem? – sussurrou. – Tenho certeza de que o príncipe adoraria agradecer pess…

– É gentileza sua – interrompeu ele. – Mas nós dois sabemos que eu ficaria sobrando, e já reservei minha cama ali. – Langdon apontou para a torre do Gran Hotel Princesa Sofia, onde ele e Edmond tinham almoçado uma vez. – Tenho o meu cartão de crédito e peguei um telefone emprestado no laboratório do Edmond. Tudo resolvido.

A perspectiva súbita de dizer adeus apertou o coração de Ambra. E ela sentiu que, apesar da expressão estoica, Langdon sentia o mesmo. Sem se importar mais com o que os guardas pensassem, avançou ousadamente e abraçou Robert Langdon.

O professor a recebeu de maneira calorosa, com as mãos fortes nas suas costas, puxando-a para perto. Segurou-a por vários segundos, talvez mais do que deveria, então soltou-a gentilmente.

Nesse momento, Ambra Vidal sentiu uma coisa por dentro. Entendeu de repente o que Edmond tinha dito sobre a energia do amor e da luz… florescendo infinitamente até preencher o Universo.

O amor não é uma emoção finita.

Não temos só uma certa quantidade para dar.

Nosso coração cria amor à medida que precisamos dele.

Assim como os pais podem amar um recém-nascido assim que botam os olhos nele sem diminuir o amor que sentem um pelo outro, Ambra podia sentir um afeto verdadeiro por dois homens diferentes.

De fato, o amor não é uma emoção finita, percebeu *. Pode ser gerado espontaneamente a partir do nada.*

Enquanto o carro que iria levá-la de volta ao seu príncipe se afastava devagar, olhou para Langdon, parado sozinho no jardim. Ele a estava observando com olhar firme. Depois deu um sorriso suave e um aceno carinhoso e desviou os olhos abruptamente… parecendo precisar de um momento antes de jogar a casaca de novo no ombro e começar a andar sozinho para o hotel.

C A P Í T U L O **1 0 3**

O relógio do palácio marcava meio-dia quando Mónica Martín pegou suas anotações e se preparou para andar até a Plaza de la Almudena, onde a mídia estava reunida à espera de notícias.

Mais cedo, naquela manhã, no Hospital El Escorial, o príncipe Julián tinha aparecido ao vivo na televisão e anunciado o falecimento de seu pai. Com emoção sincera e postura régia, o príncipe falou sobre o legado do rei e sobre suas próprias aspirações para o país. Pediu tolerância num mundo dividido. Prometeu aprender com a história e abrir o coração às mudanças. Saudou a cultura e a beleza da Espanha e proclamou seu amor profundo e eterno por seu povo.

Foi um dos melhores discursos que Mónica já ouvira, e não conseguia imaginar um modo mais poderoso para o futuro rei iniciar seu reinado.

No fim do discurso comovente, Julián usou um tom sério para homenagear os dois agentes da Guardia que tinham perdido a vida cumprindo seu dever na noite anterior enquanto protegiam a futura

rainha da Espanha. Então, depois de um breve silêncio, deu outra notícia triste. O dedicado amigo de seu pai, o bispo Antonio Valdespino, também tinha morrido naquela manhã, apenas algumas horas depois do rei. O bispo idoso havia sucumbido a um ataque cardíaco fulminante, aparentemente fraco demais para enfrentar o sofrimento profundo de perder o rei, além do cruel tiroteio de acusações feitas contra ele na noite anterior.

A notícia da morte de Valdespino, claro, calou o clamor público por uma investigação, e algumas pessoas chegaram a sugerir que era necessário um pedido de desculpas; afinal de contas, as provas contra o bispo eram todas circunstanciais e poderiam ter sido inventadas facilmente por seus inimigos.

Enquanto Mónica se aproximava da porta que dava na praça, Suresh Bhalla se materializou ao seu lado.

– Estão chamando você de heroína – disse ele, empolgado. – Todos saúdam monte@iglesia.org, portadora da verdade e discípula de Edmond Kirsch!

– Suresh, eu *não* sou Monte – insistiu ela, revirando os olhos. – Garanto.

– Ah, sei que você não é Monte. Quem quer que seja, é muito mais ardiloso do que você. Andei tentando rastrear as comunicações dele. Impossível. É como se ele nem existisse.

– Bom, continue fazendo isso. Quero ter certeza de que não existe nenhum vazamento no palácio. E, por favor, diga que o telefone que você roubou ontem à

◆ ◆ ◆

noite…

– Está de volta no cofre do príncipe. Como prometi.

Mónica soltou o ar, sabendo que o príncipe tinha acabado de voltar ao palácio.

– Mais uma novidade – continuou Suresh. – Acabamos de pegar com a operadora o histórico telefônico do palácio. Não há nenhum registro de qualquer ligação do Palácio Real para o Guggenheim ontem à noite. Alguém deve ter clonado nosso número para dar o telefonema e colocar Ávila na lista de convidados. Estamos investigando.

Mónica ficou aliviada em saber que o telefonema incriminador não tinha partido do palácio.

– Por favor, me mantenha atualizada – disse chegando perto da porta.

Do lado de fora, o som dos repórteres reunidos ficou mais alto.

– Multidão grande aí – observou Suresh. – Aconteceu alguma coisa empolgante ontem à noite?

– Ah, só umas coisinhas que merecem ir para o noticiário.

– Não diga! Ambra Vidal usou um vestido de um novo estilista?

– Suresh! – Ela riu. – Você é ridículo. Preciso ir lá, agora.

– O que há na lista? – perguntou ele, indicando o maço de anotações na mão dela.

– Detalhes sem fim. Primeiro temos protocolos de mídia para a coroação, depois preciso rever o…

– Meu Deus, como você é chata! – disse ele bruscamente e partiu por outro corredor.

Mónica riu. *Obrigada, Suresh. Também te amo.*

Quando chegou à porta, olhou para a praça ensolarada e deu de cara com a maior multidão de repórteres e cinegrafistas que já vira diante do Palácio Real.

Soltando o ar dos pulmões, ajeitou os óculos e organizou os pensamentos. Depois saiu sob o sol da Espanha.

No apartamento real, o príncipe Julián assistiu à coletiva de Mónica Martín enquanto se despia. Sentia-se exausto, mas também incrivelmente aliviado ao saber que Ambra estava de volta em segurança e dormindo um sono profundo. As últimas palavras dela durante a conversa telefônica o tinham enchido de felicidade.

Julián, para mim significa tudo você pensar em começarmos de novo – só você e eu –, longe dos olhos do público. O amor é uma coisa particular. O mundo não precisa saber de cada detalhe.

Ambra o havia enchido de otimismo num dia pesado devido à perda do pai.

Enquanto ia pendurar o paletó do terno, sentiu algo no bolso – o frasco de solução oral de morfina que o médico deixara no quarto do pai. Julián ficara espantado ao encontrar o frasco na mesa ao lado do bispo Valdespino. Vazio.

Na escuridão do quarto hospitalar, enquanto a verdade dolorosa ficava clara, Julián tinha se ajoelhado e feito uma oração silenciosa pelos dois velhos amigos.

Depois, enfiou o vidro de morfina no bolso com discrição.

Antes de sair do quarto, levantou gentilmente de cima do peito de seu pai o rosto de Valdespino, riscado de lágrimas, e reposicionou o bispo sentado na cadeira… com as mãos cruzadas em oração.

O amor é uma coisa particular, tinha ensinado Ambra. *O mundo não precisa saber de cada detalhe.*

C A P Í T U L O **1 0 4**

A colina de quase 180 metros de altura conhecida como Montjuïc situa-se no canto sudoeste de Barcelona e é coroada pelo Castell de Montjuïc – uma ampla fortaleza do século XVII empoleirada num penhasco íngreme com uma vista ampla para o Mar das Baleares. Além disso, a colina é lar do espantoso Palau Nacional –

um enorme palácio em estilo renascentista que serviu como peça central da Exposição Internacional de 1929 em Barcelona.

Sentado sozinho numa cabine de teleférico suspensa na metade da montanha, Robert Langdon olhou para a paisagem luxuriante abaixo, aliviado por estar fora da cidade. *Eu precisava de uma mudança de perspectiva*, pensou, saboreando a calma da paisagem e o calor do sol do meio-dia.

Após acordar no meio da manhã no Gran Hotel Princesa Sofia, tinha tomado uma chuveirada escaldante e depois se refestelado com ovos, aveia e churros enquanto consumia um bule inteiro de café Nomad e navegava pelos noticiários matinais nos canais de TV.

Como era esperado, a história de Edmond Kirsch dominava as transmissões de rádio e televisão, com comentaristas debatendo acaloradamente as teorias e previsões, bem como seu impacto potencial sobre a religião. Como professor, cujo amor principal era pelo ensino, Robert Langdon teve de sorrir.

O diálogo é sempre mais importante do que o consenso.

Nesta manhã já tinha visto os primeiros empreendedores em ação, alguns vendendo adesivos para carros – KIRSCH É MEU COPILOTO E O SÉTIMO REINO É O REINO

DE DEUS! – e outros, estátuas da Virgem Maria ao lado de bonequinhos de Charles Darwin.

O capitalismo não tem religião, pensou Langdon, lembrando-se da imagem que mais tinha gostado de ver naquela manhã: um skatista com uma camiseta onde estava escrito à mão:

SOU MONTE@IGLESIA.ORG

Segundo a mídia, a identidade do influente informante da internet continuava sendo um mistério. Os papéis de vários outros atores sombrios, como o Regente, o bispo falecido e os palmarianos, também permaneciam envoltos em incerteza.

Era tudo um amontoado de conjecturas.

Por sorte, o interesse público pela violência ocorrida durante a apresentação de

Kirsch parecia estar dando lugar à empolgação genuína diante do conteúdo do seu anúncio. O *grand finale* de Kirsch – seu retrato passional de um amanhã utópico –

havia tocado profundamente milhões de espectadores e, da noite para o dia, colocado no topo das listas de mais vendidos livros clássicos com abordagem otimista com relação à tecnologia.

ABUNDÂNCIA: O FUTURO É MELHOR DO QUE VOCÊ IMAGINA

O QUE A TECNOLOGIA QUER

A SINGULARIDADE ESTÁ PRÓXIMA

Langdon admitiu para ele mesmo que, apesar de suas dúvidas antiquadas quanto à ascensão da tecnologia, hoje estava se sentindo muito mais tranquilo com relação às perspectivas da humanidade. Os noticiários já anunciavam novidades que permitiriam aos seres humanos limpar os oceanos poluídos, produzir água potável ilimitada, cultivar alimentos no deserto, curar doenças mortais e até lançar enxames de drones movidos a energia solar que poderiam pairar sobre países em desenvolvimento, fornecer internet grátis e ajudar a trazer “o bilhão mais pobre”

para a economia mundial.

À luz do súbito fascínio do mundo pela tecnologia, Langdon achava difícil imaginar que praticamente ninguém sabia sobre Winston. Kirsch guardara um segredo notável sobre sua criação. Sem dúvida, o mundo ficaria sabendo do supercomputador de dois lóbulos de Edmond, o E-Wave, que tinha sido deixado para o Centro de Supercomputação de Barcelona. E Langdon se perguntou quanto tempo iria se passar até que os programadores começassem a usar as ferramentas de Edmond para criar Winstons novos em folha.

A cabine do teleférico estava começando a esquentar e Langdon ficou ansioso para sair ao ar puro e explorar a fortaleza, o palácio e a famosa Font Màgica.

Precisava pensar em outra coisa que não fosse Edmond durante uma hora e conhecer alguns lugares.

Curioso para saber mais sobre a história de Montjuïc, virou os olhos para a detalhada placa informativa que havia dentro da cabine. Começou a ler, mas só chegou ao fim da primeira frase.

O nome Montjuïc deriva do catalão medieval *Montjuich* (Monte dos Judeus) ou do latim *Mons Jovicus* (Monte de Júpiter).

Langdon parou abruptamente. Tinha acabado de fazer uma conexão inesperada.

Não pode ser coincidência.

Quanto mais pensava, mais a coisa o incomodava. Por fim pegou o celular de Edmond e releu a citação de Winston Churchill na tela inicial, sobre moldar o próprio legado.

A história será gentil comigo porque pretendo escrevê-la.

Depois de um longo momento, apertou o ícone do *W* e levou o telefone ao ouvido.

A linha se conectou imediatamente.

– Professor Langdon, presumo? – entoou uma voz familiar com sotaque inglês.

– O senhor ligou bem na hora. Eu me aposento daqui a pouco.

Sem preâmbulo, Langdon declarou:

– *Monte*, em espanhol, é o mesmo que *hill*, em inglês.

Winston soltou seu risinho característico.

– É verdade.

– E *iglesia* se traduz em inglês como "*church*".

– Acertou na mosca, professor. Talvez o senhor pudesse ensinar espanhol…

– O que significa que monte@iglesia se traduz literalmente em inglês como hill@church.

Winston fez uma pausa.

– Correto de novo.

– E considerando que seu nome é Winston e que Edmond tinha um grande afeto por Winston Churchill, acho o endereço "hill@church" uma certa…

– Coincidência?

– É.

– Bom – disse Winston, parecendo achar divertido. – Estatisticamente eu teria de concordar. Achei que o senhor descobriria.

Langdon olhou incrédulo pela janela.

– Monte@iglesia.org… é *você.*

– Correto. Afinal de contas, alguém precisava abanar as chamas para Edmond.

Quem melhor do que eu? Criei monte@iglesia.org para alimentar os sites de conspiração. Como o senhor sabe, as conspirações têm vida própria e avaliei que a atividade de Monte na internet aumentaria a audiência geral de Edmond em até 500

por cento. O número efetivo acabou sendo 620 por cento. Como o senhor disse antes, acho que Edmond ficaria orgulhoso.

A cabine do teleférico balançou com o vento e Langdon lutou para assimilar a notícia.

– Winston… Edmond *pediu* para você fazer isso?

– Explicitamente, não, mas as instruções dele exigiam que eu encontrasse maneiras criativas de fazer com que a apresentação fosse assistida pelo maior número possível de pessoas.

– E se você fosse apanhado? O pseudônimo monte@iglesia não é o mais difícil de decifrar que eu já vi.

– Só um punhado de pessoas sabe que eu existo e, em cerca de oito minutos, estarei apagado permanentemente, de modo que não estou preocupado. “Monte” foi só uma criação para servir ao interesse de Edmond. E, como eu disse, acho que ele ficaria muito satisfeito com o modo como a noite se desenrolou.

– Como ela se desenrolou?! – questionou Langdon. – Edmond foi *morto*!

– O senhor me entendeu mal – disse Winston sem rodeios. – Eu estava me referindo à penetração de mercado da apresentação dele. Coisa que, como eu disse, era uma diretriz primária.

O tom casual dessa declaração fez Langdon se lembrar de que, mesmo parecendo humano, Winston certamente não era.

– A morte de Edmond é uma tragédia terrível – acrescentou Winston. – E, claro, eu desejaria que ele ainda estivesse vivo. Mas é importante saber que ele passou a aceitar a própria mortalidade. Há um mês Edmond pediu que eu pesquisasse os melhores métodos de suicídio assistido. Depois de ler centenas de casos, concluí que era "dez gramas de secobarbital", que ele comprou e mantinha à mão.

Langdon sentiu o coração apertado por Edmond.

– Ele ia tirar a própria vida?

– Sem dúvida. E tinha desenvolvido um tremendo senso de humor a esse respeito. Enquanto discutíamos maneiras criativas de aumentar o apelo da apresentação no Guggenheim, ele brincou dizendo que talvez devesse simplesmente engolir os comprimidos de secobarbital no fim e morrer no palco.

– Ele *disse* isso? – Langdon estava atônito.

– Ele tratava esse assunto com leveza. Brincou dizendo que nada era melhor para o nível de audiência de um programa de TV do que ver pessoas morrendo.

Estava correto, claro. Se o senhor analisar os acontecimentos mais assistidos da mídia mundial, quase todos…

– Winston, pare. Isso é mórbido.

Este teleférico não vai chegar nunca? De repente, Langdon sentiu-se sufocado na cabine minúscula. Adiante via somente torres e cabos enquanto franzia os olhos para o sol forte do meio-dia. *Estou fervendo*, pensou, a mente numa espiral indo nas direções mais estranhas.

– Professor? – disse Winston. – Há mais alguma coisa que o senhor gostaria de perguntar?

Sim! , ele queria gritar enquanto um fluxo de ideias inquietantes passava pela sua mente. *Há muito mais!*

Langdon disse a si mesmo para soltar o ar e ficar calmo. *Pense com clareza, Robert. Você está pondo o carro na frente dos bois.*

Mas sua mente havia começado a disparar, fugindo do controle.

Pensou em como o assassinato de Edmond tinha garantido que a apresentação fosse o assunto dominante da conversa em todo o planeta… aumentando a audiência

para centenas de milhões de pessoas.

Pensou no antigo desejo de Edmond de destruir a Igreja Palmariana e em como ser assassinado por um palmariano certamente ajudava a alcançar esse objetivo de uma vez por todas.

Pensou no desprezo de Edmond por seus inimigos mais ferozes – os fanáticos religiosos que não hesitariam em dizer, se ele morresse de câncer, que tinha sido um castigo de Deus. *Como tinham feito, impensavelmente, no caso do escritor ateu Christopher Hitchens*. Mas agora a percepção pública seria de que Edmond tinha sido morto por um fanático religioso.

Edmond Kirsch – morto pela religião – mártir da ciência.

Langdon se levantou abruptamente, fazendo o teleférico se balançar. Agarrou as janelas abertas, para se apoiar, e enquanto a cabine rangia ouviu os ecos das últimas palavras de Winston na noite anterior.

“Edmond queria criar uma nova *religião… baseada na ciência.”*

Como qualquer um que lesse história religiosa poderia atestar, nada cimentava a crença das pessoas mais depressa do que um ser humano morrendo pela própria causa. Cristo na cruz. Os kedoshim do judaísmo. Os shahid do islã.

O martírio está no cerne de todas as religiões.

As ideias que se formavam na mente de Langdon o empurravam para o fundo da toca do coelho mais depressa a cada momento.

Novas religiões fornecem novas ideias para as grandes questões da vida.

De onde viemos? Para onde vamos?

Novas religiões condenam suas concorrentes.

Edmond denegriu todas as religiões ontem à noite.

Novas religiões prometem um futuro melhor e garantem que o paraíso as espera.

Abundância: o futuro é melhor do que você imagina.

Parecia que Edmond tinha preenchido todos os quesitos.

– Winston? – sussurrou Langdon, com a voz trêmula. – Quem contratou o assassino para matar Edmond?

– Foi o Regente.

– É – disse Langdon, agora com mais ênfase. – Mas *quem* é o Regente? Quem é a pessoa que contratou um membro da Igreja Palmariana para assassinar Edmond no meio de sua apresentação ao vivo?

Winston fez uma pausa.

– Estou ouvindo suspeita na sua voz, professor. E o senhor não deveria se preocupar. Sou programado para proteger Edmond. Penso nele como meu melhor amigo. – Ele fez uma pausa. – Como acadêmico, o senhor certamente leu *Ratos e Homens*.

O comentário parecia despropositado.

– Claro, mas o que isso…

A respiração de Langdon ficou presa na garganta. Por um momento pensou que a cabine do teleférico tinha se soltado do cabo. O horizonte se inclinou e ele precisou agarrar a parede para não cair.

Dedicado, ousado, compassivo. Essas eram as palavras que tinha escolhido no ensino médio para defender um dos atos de amizade mais famosos da literatura: o chocante final do romance *Ratos e Homens.* Um homem matando por misericórdia seu amigo querido para poupá-lo de um fim horrível.

– Winston – sussurrou Langdon. – Por favor… não.

– Acredite – disse Winston. – Edmond *queria* que fosse assim.

C A P Í T U L O **1 0 5**

O Dr. Mateo Valero – diretor do Centro de Supercomputação de Barcelona –

sentiu-se desorientado enquanto desligava o telefone e ia até a área principal da Capela Torre Girona olhar de novo o espetacular computador de dois andares de Edmond Kirsch.

Mais cedo, Valero ficara sabendo que seria o novo “supervisor” dessa máquina revolucionária. Mas sua euforia inicial tinha acabado de diminuir drasticamente.

Minutos antes ele recebera um telefonema desesperado do conhecido professor americano Robert Langdon.

De um só fôlego, Langdon havia contado uma história que, apenas um dia atrás, Valero consideraria ficção científica. Mas, hoje, tendo assistido à espantosa apresentação de Kirsch e visto a verdadeira máquina E-Wave, estava inclinado a acreditar que poderia haver um fundo de verdade nela.

A história que Langdon contava era de inocência… sobre a pureza de máquinas que faziam literalmente o que era pedido. Sempre. Sem

hesitar. Valero tinha passado a vida estudando essas máquinas… aprendendo a delicada dança para aproveitar o potencial delas.

A arte é saber como pedir.

Valero havia alertado, de maneira consistente, que a inteligência artificial estava avançando num ritmo enganosamente rápido e que eram necessárias diretrizes rígidas para a capacidade de ela interagir com o mundo humano.

De fato, agir com moderação parecia ir contra a lógica da maioria dos visionários tecnológicos, em especial diante das possibilidades empolgantes que brotavam quase todo dia. Além do entusiasmo pelo novo, existiam enormes fortunas a ganhar com a IA, e nada deixava os limites éticos mais turvos do que a cobiça humana.

Valero sempre havia sido um grande admirador do gênio ousado de Kirsch.

Mas nesse caso parecia que Edmond fora descuidado, forçando perigosamente os limites com sua última criação.

Uma criação que jamais vou conhecer, percebeu Valero.

Segundo Langdon, Edmond tinha criado dentro do E-Wave um programa de IA espantosamente avançado – “Winston” –, programado para se autodeletar à uma da tarde do dia seguinte à morte de Kirsch. Minutos antes, por insistência de Langdon, o Dr. Valero pudera confirmar que um setor significativo dos bancos de dados do E-

◆ ◆ ◆

Wave tinha desaparecido exatamente nessa hora. A remoção fora seguida da gravação de dados novos em todo o setor, o que tornava impossível sua recuperação.

A notícia, aparentemente, tinha diminuído a ansiedade de Langdon. Mesmo assim, o professor pedira um encontro para discutirem mais

o assunto. Valero e Langdon haviam concordado em se encontrar na manhã seguinte no laboratório.

Em princípio, Valero entendia o instinto de Langdon de ir a público imediatamente com a história. O problema seria de credibilidade.

Ninguém vai acreditar.

Todos os traços do programa de IA de Kirsch tinham sido apagados, junto com qualquer registro de suas comunicações ou tarefas. Mais desafiador ainda, a criação de Kirsch estava tão além do nível de conhecimento atual que Valero já podia ouvir seus próprios colegas – por ignorância, inveja ou autopreservação – acusando Langdon de inventar toda a história.

Além disso, era preciso pensar em como algo assim repercutiria junto ao grande público. Se viesse à tona que a história de Langdon era mesmo verdadeira, a máquina E-Wave seria condenada como uma espécie de Frankenstein. Os forcados e as tochas viriam logo atrás.

Ou coisa pior, percebeu Valero.

Nesses dias de ataques terroristas desenfreados, alguém poderia simplesmente decidir explodir toda a capela, proclamando-se salvador da humanidade.

Valero precisava pensar antes do encontro com Langdon. No momento, porém, tinha uma promessa a cumprir.

Pelo menos até termos algumas respostas.

Sentindo-se estranhamente melancólico, Valero se permitiu um último olhar para o milagroso computador de dois andares. Ouviu sua pulsação suave enquanto as bombas faziam o agente resfriador circular pelos milhões de células.

Enquanto ia até a sala de energia para começar o desligamento completo do sistema, foi tomado por um impulso inesperado: uma

compulsão que nunca tivera em seus 63 anos de vida.

O impulso de rezar.

Por cima da muralha mais alta do Castell de Montjuïc, Robert Langdon olhava além do penhasco íngreme em direção ao porto lá embaixo. O vento estava forte e ele se sentia meio fora de eixo, como se seu equilíbrio mental estivesse sendo recalibrado.

Apesar das palavras tranquilizadoras do Dr. Valero, Langdon estava ansioso e tenso. Ecos da voz despreocupada de Winston ainda ressoavam na sua mente. O

programa de computador de Edmond tinha falado com calma até o final.

– Estou surpreso em ouvir sua consternação, professor – dissera Winston –, considerando que sua fé se apoia num ato de ambiguidade ética muito maior.

Antes que Langdon pudesse responder, um texto havia se materializado no telefone de Edmond.

Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito.

– João 3:16

– O seu Deus sacrificou brutalmente o próprio filho – disse Winston –, abandonando-o para sofrer na cruz durante horas. Com Edmond, eu abreviei o sofrimento de um homem agonizante, de modo quase indolor, com o objetivo de chamar a atenção para suas grandes obras.

Na cabine sufocante do teleférico, Langdon tinha ouvido, quase sem acreditar, as justificativas que Winston fornecia com toda a calma para cada um dos seus atos perturbadores.

A batalha de Edmond contra a Igreja Palmariana tinha inspirado Winston a encontrar e contratar o almirante Luis Ávila – um antigo fiel

cuja história de alcoolismo o tornava passível de ser explorado e candidato perfeito para prejudicar a reputação dos palmarianos. Para Winston, apresentar-se como Regente tinha sido tão simples quanto mandar um punhado de comunicações e depois transferir fundos para a conta bancária de Ávila. Na verdade, os palmarianos eram inocentes e não tinham representado nenhum papel na conspiração da noite.

O ataque de Ávila contra Langdon na escada espiral, segundo garantiu Winston, não tinha sido algo intencional.

– Mandei Ávila à Sagrada Família para ser *apanhado* – declarou Winston. – Eu queria que ele fosse capturado para contar sua história sórdida, que teria gerado mais interesse ainda pelo trabalho de Edmond. Mandei que ele entrasse no prédio pelo portão de serviço leste e, ao mesmo tempo, alertei os guardas do santuário sobre uma movimentação estranha no local. Mas o almirante decidiu pular uma cerca, talvez para despistar os seguranças. Peço profundas desculpas, professor. Diferentemente das máquinas, os seres humanos podem ser imprevisíveis.

Langdon não sabia mais em *que* acreditar.

A explicação final de Winston foi a mais perturbadora de todas.

– Depois da reunião de Edmond com os três clérigos em Montserrat, nós recebemos uma mensagem ameaçadora do bispo Valdespino. O bispo alertou que seus dois colegas estavam tão preocupados com a apresentação que pensavam em fazer um anúncio preventivo, com a esperança de desacreditar a informação e mostrá-la sob outra luz antes de ser divulgada. Sem dúvida, essa perspectiva era inaceitável.

Langdon ficou nauseado, lutando para pensar enquanto a cabine oscilava.

– Edmond deveria ter acrescentado uma linha ao seu programa – declarou. –

Não matarás!

– Infelizmente não é tão simples, professor. Os seres humanos não aprendem obedecendo a mandamentos, aprendem com o exemplo. A julgar pelos livros, filmes, noticiários e mitos antigos, os humanos sempre celebraram as almas que fizeram sacrifícios pessoais em nome de um bem maior. Jesus, por exemplo.

– Winston, não estou vendo um "bem maior" aqui.

– Não? – A voz de Winston permaneceu chapada. – Então deixe-me fazer esta célebre pergunta: O senhor preferiria viver num mundo sem tecnologia… ou num mundo sem religião? Preferiria viver sem medicina, eletricidade, transporte e antibióticos… ou sem fanáticos travando guerras por causa de narrativas ficcionais e espíritos imaginários?

Langdon ficou em silêncio.

– É exatamente esse o meu argumento, professor. As religiões das trevas devem partir para que a doce ciência possa reinar.

Sozinho, no topo do castelo, olhando a água brilhar a distância, Langdon teve uma estranha sensação de distanciamento do seu próprio mundo. Descendo a escada do castelo até o jardim ali perto, respirou fundo, saboreando o cheiro de pinho e centáureas e tentando desesperadamente esquecer o som da voz de Winston. Ali, no meio das flores, sentiu uma falta súbita de Ambra. Quis telefonar e escutar a voz dela, contar tudo o que havia acontecido na última hora. Mas quando pegou o telefone de Edmond soube que não poderia fazer isso.

O príncipe e Ambra precisam de um tempo a sós. Isso pode esperar.

Seu olhar pousou no ícone *W* na tela. Agora o símbolo estava cinza e uma pequena mensagem de erro tinha aparecido sobre ele: CONTATO INEXISTENTE. Mesmo assim, Langdon sentiu um cansaço desconcertante. Não era paranoico, mas sabia que jamais poderia confiar de novo naquele aparelho, sempre imaginando que

capacidades ou conexões secretas ainda poderiam estar escondidas em sua programação.

Seguiu por um caminho estreito e procurou até encontrar um bosque abrigado.

Olhando o telefone na mão e pensando em Edmond, colocou-o numa pedra chata.

Então, como se realizasse uma espécie de sacrifício ritual, levantou uma pedra pesada acima da cabeça e baixou-a violentamente, destroçando o aparelho em dezenas de pedaços.

Na saída do parque, jogou os restos numa lata de lixo e se virou para descer a montanha.

Enquanto fazia isso, precisou admitir que se sentia um pouco mais leve.

E, de uma forma estranha… um pouco mais humano.

EPÍLOGO

O sol do fim da tarde ardia sobre as torres da Sagrada Família, lançando sombras grandes na Plaça de Gaudí e protegendo as filas de turistas que esperavam para entrar na igreja.

Robert Langdon estava no meio deles, olhando enquanto amantes tiravam selfies, turistas gravavam vídeos, crianças usavam fones de ouvido e pessoas ao redor mandavam mensagens de texto, digitavam e se atualizavam – aparentemente sem prestar atenção à basílica ao lado.

Na apresentação da noite anterior, Edmond tinha declarado que a tecnologia reduzira os “seis graus de separação” da humanidade para meros “quatro graus” –

com cada pessoa na Terra ligada a qualquer outra por não mais do que quatro indivíduos.

Logo esse número será zero, dissera Edmond, saudando a futura

"singularidade" – o momento em que a inteligência artificial ultrapassaria a humana e as duas se fundiriam em uma só. *E, quando isso acontecer*, acrescentou, *nós que vivemos agora… seremos os antigos.*

Langdon nem conseguia começar a imaginar a paisagem desse futuro, mas, olhando as pessoas ao redor, sentiu que os milagres da religião teriam uma dificuldade cada vez maior para competir com os da tecnologia.

Quando finalmente entrou na basílica, ficou aliviado ao encontrar um ambiente familiar, nem um pouco parecido com a caverna fantasmagórica da noite anterior.

Hoje a Sagrada Família estava viva.

Fachos ofuscantes de luz iridescente – carmim, dourada, púrpura – escorriam pelos vitrais, incendiando a densa floresta de colunas. Centenas de visitantes, parecendo anões junto das colunas que lembravam árvores, olhavam para o alto, para a reluzente vastidão abobadada, seus sussurros maravilhados criando um reconfortante zumbido de fundo.

Enquanto Langdon avançava pela basílica, seu olhar percebia uma forma orgânica depois da outra, finalmente subindo para a trama de estruturas de aparência celular que formavam a cúpula. Algumas pessoas diziam que esse teto central lembrava um organismo complexo visto por um microscópio. Vendo-o agora, cheio de luz, Langdon precisou concordar.

– Professor? – chamou uma voz conhecida, e Langdon se virou, vendo o padre Beña se aproximar rapidamente. – Sinto muito – disse com sinceridade o sacerdote pequenino. – Acabei de saber que alguém viu o senhor *esperando* na fila. O senhor poderia ter me chamado!

Langdon sorriu.

– Obrigado, mas isso me deu tempo para admirar a fachada. Além disso, achei que o senhor estaria dormindo hoje.

– Dormindo? – Beña riu. – Talvez amanhã.

– A atmosfera é bem diferente da de ontem à noite – disse Langdon, indicando o santuário.

– A luz natural faz maravilhas. Assim como a presença de *pessoas*. – Beña fez uma pausa, olhando Langdon. – Na verdade, já que o senhor está aqui, se não for muito incômodo, eu gostaria de saber sua opinião sobre uma coisa lá embaixo.

Enquanto seguia Beña em meio à multidão, Langdon ouviu os sons de construção reverberando acima, o que o fez lembrar que a Sagrada Família ainda era um prédio em evolução.

– Por acaso o senhor assistiu à apresentação de Edmond? – perguntou Langdon.

Beña gargalhou.

– Três vezes. Devo dizer que essa nova ideia de entropia, do Universo

"querendo" espalhar energia, se parece um pouco com o Gênesis. Quando penso no Big Bang e no Universo em expansão, imagino uma esfera de energia que cresce cada vez mais na escuridão do espaço… levando luz a lugares que não têm luz nenhuma.

Langdon sorriu, desejando que Beña tivesse sido o sacerdote da sua infância.

– O Vaticano já deu alguma declaração oficial?

– Eles estão tentando, mas parece haver um pouco de… – Beña deu de ombros, com ar brincalhão – divergência. Essa questão da origem do homem, como o senhor sabe, sempre foi um ponto sensível para

os cristãos, especialmente os fundamentalistas. Se me perguntar, acho que deveríamos resolvê-la de uma vez por todas.

– É? E como seria isso?

– *Todos* deveríamos fazer o que muitas igrejas já fazem: admitir abertamente que Adão e Eva não existiram, que a evolução é um fato e que os cristãos que declaram o contrário fazem com que *todos* nós pareçamos idiotas.

Langdon parou, olhando o velho sacerdote.

– Ah, por favor! – disse Beña, gargalhando. – Não acredito que o mesmo Deus que nos dotou de inteligência, razão e bom senso…

– … quisesse nos privar de usá-los.

Beña riu.

– Vejo que você é familiarizado com Galileu. Na verdade, a física foi minha paixão da juventude. Cheguei a Deus através de uma reverência profunda pelo

universo físico. Esse é um dos motivos para a Sagrada Família ser tão importante para mim. Ela parece uma igreja do futuro… conectada diretamente à natureza.

Langdon se pegou imaginando se talvez a Sagrada Família – como o Panteão de Roma – poderia se tornar um ponto crítico de transição, um prédio com um pé no passado e outro no futuro, uma ponte física entre uma fé agonizante e uma fé emergente. Se isso fosse verdade, a Sagrada Família seria muito mais importante do que qualquer pessoa poderia imaginar.

Agora Beña estava guiando Langdon pela mesma escada sinuosa por onde tinham descido na noite anterior.

A cripta.

– Para mim, é óbvio que só há um modo de o cristianismo sobreviver à futura era da ciência – disse Beña enquanto andavam. – Devemos parar de rejeitar as descobertas científicas. Devemos parar de negar fatos comprovados. Devemos nos tornar parceiros espirituais da ciência, usando nossa enorme experiência, milênios de filosofia, indagações pessoais, meditação e busca da alma para ajudar a humanidade a construir uma estrutura moral e garantir que as tecnologias vindouras unifiquem, iluminem e nos elevem… em vez de nos destruir.

– Concordo plenamente.

Só espero que a ciência aceite sua ajuda.

Na base da escada, Beña sinalizou para além do túmulo de Gaudí, para a vitrine onde estava o volume de William Blake pertencente a Edmond.

– Era sobre isso que eu queria lhe falar.

– O livro de Blake?

– É. Como o senhor sabe, prometi ao Sr. Kirsch que iria expor o livro aqui.

Concordei porque presumi que ele queria mostrar essa ilustração.

Chegaram à caixa e olharam a visão dramática de Blake do deus que ele chamou de Urizen, medindo o Universo com um compasso.

– E, no entanto – disse Beña –, observei que o texto na página ao lado… bom, talvez o senhor devesse ler a última linha.

O olhar de Langdon não se afastou dos olhos de Beña.

– “As religiões das trevas partiram e reina a doce ciência”?

Beña pareceu impressionado.

– O senhor sabe.

Langdon sorriu.

– Sei.

– Bom, devo admitir que isso me incomoda profundamente. Essa expressão, as

"religiões das *trevas*", é perturbadora. Parece que Blake está dizendo que as religiões são sombrias… mal-intencionadas e *malignas* de algum modo.

– Esse é um erro comum – respondeu Langdon. – Na verdade, Blake era um homem profundamente espiritual, moralmente mais evoluído do que o cristianismo de mente estreita da Inglaterra no século XVIII. Ele acreditava que as religiões se



dividiam em dois tipos: as religiões escuras, dogmáticas, que oprimiam o pensamento criativo… e as religiões claras, expansivas, que encorajavam a introspecção e a criatividade.

Beña pareceu espantado.

– O verso final de Blake – garantiu Langdon – poderia ser facilmente: "A doce ciência vai banir as religiões das trevas… para que as religiões esclarecidas possam florescer."

Beña ficou em silêncio por um longo tempo. E, então, um sorriso silencioso começou a surgir em seus lábios.

– Obrigado, professor. Acredito que o senhor me poupou de um incômodo dilema ético.

Em cima, na área principal do santuário, depois de se despedir do padre Beña, Langdon se demorou um pouco, sentado placidamente num banco junto com centenas de outras pessoas, todas olhando os

raios coloridos de luz se esgueirarem pelas altas colunas enquanto o sol se punha.

Pensou em todas as religiões do mundo, em suas origens compartilhadas, nos antigos deuses do sol, da lua, do mar e do vento.

A natureza já foi o centro.

Para todos nós.

A unidade, claro, havia desaparecido muito tempo atrás, dividida em religiões infinitamente disparatadas, cada qual proclamando ser a Verdade Única.

Mas, hoje, sentado neste templo extraordinário, Langdon se viu cercado por pessoas de todas as crenças, cores, línguas e culturas, todo mundo olhando para o céu com um sentimento de espanto compartilhado… e admirando o mais simples dos milagres.

A luz do sol sobre a pedra.

Langdon visualizou uma sequência de imagens – Stonehenge, as Grandes Pirâmides, as Cavernas de Ajanta, Abu Simbel, Chichén Itzá –, locais sagrados em todo o mundo, onde os antigos se reuniam para assistir a esse mesmo espetáculo.

Nesse instante sentiu um tremor minúsculo na terra sob os pés, como se o ponto da virada tivesse sido alcançado… como se o pensamento religioso tivesse acabado de atravessar o local mais distante de sua órbita e estivesse circulando de volta, cansado da longa viagem, e finalmente chegando em casa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos às seguintes pessoas: Em primeiro lugar, ao meu editor e amigo Jason Kaufman, por seu conhecimento profissional afiado como navalha, seus instintos soberbos e as horas incansáveis passadas nas

trincheiras comigo; mas, acima de tudo, por seu humor inigualável e sua compreensão do que estou tentando realizar com essas histórias.

À minha incomparável agente e amiga de confiança Heide Lange, por orientar de modo tão hábil todos os aspectos da minha carreira com um entusiasmo sem paralelos, energia e carinho pessoal. Por seus talentos ilimitados e pela dedicação inabalável, sou eternamente grato.

E ao meu querido amigo Michael Rudell, por seus conselhos sábios e por ser um modelo de generosidade e gentileza.

A toda a equipe da Doubleday e da Penguin Random House, eu gostaria de expressar meu apreço mais profundo por acreditar e confiar em mim durante tantos anos – especialmente a Suzanne Herz, pela amizade e por supervisionar todas as facetas do processo editorial com tanta imaginação e receptividade. Um agradecimento muito, muito especial também a Markus Dohle, Sonny Mehta, Bill Thomas, Tony Chirico e Anne Messitte, pelo apoio e pela paciência sem fim.

Sinceros agradecimentos também pelos tremendos esforços de Nora Reichard, Carolyn Williams e Michael J. Windsor na reta final, e a Rob Bloom, Judy Jacoby, Lauren Weber, Maria Carella, Lorraine Hyland, Beth Meister, Kathy Hourigan, Andy Hughes e todas as pessoas incríveis da equipe de vendas da Penguin Random House.

À equipe incrível da Transworld, por sua criatividade perpétua e pela capacidade editorial, em particular ao meu editor Bill Scott-Kerr, pela amizade e pelo apoio em tantas frentes.

A todos os meus dedicados editores ao redor do mundo, meus mais humildes e sinceros agradecimentos pela crença e pelos esforços a favor desses livros.

À incansável equipe de tradutores de vários lugares do mundo que trabalhou com tamanha diligência para levar este livro a leitores em

tantas línguas – meus agradecimentos sinceros pelo seu tempo, sua capacidade e sua atenção.

À minha editora espanhola, Planeta, pela ajuda inestimável na pesquisa e na

tradução de *Origem* – especialmente sua maravilhosa diretora editorial, Elena Ramírez, junto com María Guitart Ferrer, Carlos Revés, Sergio Álvarez, Marc Rocamora, Aurora Rodríguez, Nahir Gutiérrez, Laura Días, Ferrán Lopez. Um agradecimento muito especial, também, ao CEO da Planeta, Jesús Badenes, pelo apoio, pela hospitalidade e pela corajosa tentativa de me ensinar a fazer paella.

Além dos que ajudaram a administrar o local da tradução de *Origem*, gostaria de agradecer a Jordi Lúñez, Javier Montero, Marc Serrate, Emilio Pastor, Alberto Barón e Antonio López.

À incansável Mónica Martín e toda a sua equipe na Agência MB, especialmente Inés Planells e Txell Torrent, por tudo o que fizeram para levar adiante este projeto em Barcelona e em outros lugares.

A toda a equipe da Sanford J. Greenburger Associates – especialmente Stephanie Delman e Samantha Isman –, por seus esforços notáveis a meu favor... dia sim, dia não.

Nos últimos quatro anos, uma grande quantidade de cientistas, historiadores, curadores, eruditos religiosos e organizações ofereceu ajuda preciosa enquanto eu fazia pesquisas para este romance. As palavras nem de longe expressam meu apreço a todos pela generosidade e abertura ao compartilhar seu conhecimento e suas ideias.

Na Abadia de Montserrat, gostaria de agradecer aos monges e aos leigos que tornaram minhas visitas tão informativas, esclarecedoras e edificantes. Minha gratidão sincera especialmente ao padre Manel Gasch, a Josep Altayó, Òscar Bardají e Griselda Espinach.

No Centro de Supercomputação de Barcelona, eu gostaria de agradecer à brilhante equipe de cientistas que compartilharam comigo suas ideias, seu mundo, seu entusiasmo e, acima de tudo, sua visão otimista do futuro. Agradecimentos especiais ao diretor Mateo Valero, a Josep Maria Martorell, Sergi Girona, José Maria Cela, Jesús Labarta, Eduard Ayguadé, Francisco Doblas, Ulises Cortés e Lourdes Cortada.

No Museu Guggenheim de Bilbao, meus agradecimentos humildes a todos cujo conhecimento e sabedoria artística ajudaram a aprofundar minha apreciação e minha afinidade pela arte moderna e contemporânea. Um agradecimento muito especial ao diretor Juan Ignacio Vidarte, a Alicia Martínez, Idoia Arrate e María Bidaurreta, pela hospitalidade e pelo entusiasmo.

Aos curadores e mantenedores da mágica Casa Milà, agradeço por sua receptividade calorosa e por compartilhar comigo o que torna La Pedrera um lugar único no mundo. Agradecimentos especiais a Marga Viza, Sílvia Vilarroya, Alba Tosquella, Lluïsa Oller, além da moradora Ana Viladomiu.

Pela ajuda especial na pesquisa, gostaria de agradecer a membros do Grupo de Apoio e Informação sobre a Igreja Palmariana Palmar de Troya, à Embaixada dos Estados Unidos na Hungria e à editora Berta Noy.

Também tenho uma dívida de gratidão para com as dezenas de cientistas e

futurólogos que conheci em Palm Springs, cuja ousada visão do amanhã teve um impacto profundo sobre este romance.

Por fornecer perspectiva durante o caminho, gostaria de agradecer aos meus primeiros leitores editoriais, especialmente Heide Lange, Dick e Connie Brown, Blythe Brown, Susan Morehouse, Rebecca Kaufman, Jerry e Olivia Kaufman, John Chaffee, Christina Scott, Valerie Brown, Greg Brown e Mary Hubbell.

À minha querida amiga Shelley Seward, por suas opiniões e sua atenção, tanto profissionais quanto pessoais, e por atender aos meus telefonemas às cinco da manhã.

Ao meu dedicado e imaginativo guru digital Alex Cannon, por supervisionar com tanta inventividade minhas mídias sociais, minha comunicação pela internet e todas as coisas virtuais.

À minha esposa, Blythe, por continuar a compartilhar comigo sua paixão pela arte, seu persistente espírito criativo e seus talentos aparentemente intermináveis de invenção, que representam uma fonte de inspiração constante.

À minha secretária pessoal, Susan Morehouse, pela amizade, pela paciência e pela enorme diversidade de conhecimento profissional, e por manter tantas engrenagens em movimento contínuo.

Ao meu irmão, o compositor Greg Brown, cuja inventiva fusão do antigo com o moderno na Missa Charles Darwin ajudou a suscitar as primeiras ideias para este romance.

E, finalmente, gostaria de expressar minha gratidão, meu amor e meu respeito aos meus pais – Connie e Dick Brown –, por me ensinarem a ser sempre curioso e fazer as perguntas difíceis.

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

páginas 25, 45, 63, 158, 263: Cortesia de Fernando Estel, baseada na obra de Joselarucca, licença Creative Commons 3.0

página 33: Cortesia da Shutterstock página 42: Cortesia de Blythe Brown página 66, 325: Cortesia de Dan Brown página 114: Cortesia da Shutterstock página 227: Ilustração de Darwin Bedford página 290: Cortesia de Dan Brown

página 290: Cortesia de Dan Brown

página 333: Ilustração de David Croy página 370: Ilustração do Pond Science Institute página 377: Ilustração da Mapping Specialists, Ltd.



SOBRE O AUTOR

DAN BROWN é o autor de suspense mais popular da atualidade, com mais de 200

milhões de livros vendidos. Seu mega-seller *O Código Da Vinci* já ultrapassou a marca de 80 milhões de exemplares em todo o mundo. Ele também escreveu *Inferno*, *O Símbolo Perdido*, *Anjos e Demônios*, *Fortaleza Digital* e *Ponto de Impacto*.

Dan é casado com a pintora e historiadora da arte Blythe, que colabora nas pesquisas de seus livros. Ele mora na Nova Inglaterra, nos Estados Unidos.

danbrown.com

facebook: @danbrown

twitter: @authordanbrown

instagram: @authordanbrown









Para saber mais sobre os títulos e autores

da Editora Arqueiro, visite o nosso site.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos

e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Epílogo

Agradecimentos

Créditos das ilustrações

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

Table of Contents

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Epílogo

Agradecimentos

Créditos das ilustrações

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

Document Outline

- Créditos
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32

- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47
- Capítulo 48
- Capítulo 49
- Capítulo 50
- Capítulo 51
- Capítulo 52
- Capítulo 53
- Capítulo 54
- Capítulo 55
- Capítulo 56
- Capítulo 57
- Capítulo 58
- Capítulo 59
- Capítulo 60
- Capítulo 61
- Capítulo 62
- Capítulo 63
- Capítulo 64
- Capítulo 65
- Capítulo 66
- Capítulo 67
- Capítulo 68
- Capítulo 69

- Capítulo 70
- Capítulo 71
- Capítulo 72
- Capítulo 73
- Capítulo 74
- Capítulo 75
- Capítulo 76
- Capítulo 77
- Capítulo 78
- Capítulo 79
- Capítulo 80
- Capítulo 81
- Capítulo 82
- Capítulo 83
- Capítulo 84
- Capítulo 85
- Capítulo 86
- Capítulo 87
- Capítulo 88
- Capítulo 89
- Capítulo 90
- Capítulo 91
- Capítulo 92
- Capítulo 93
- Capítulo 94
- Capítulo 95
- Capítulo 96
- Capítulo 97
- Capítulo 98
- Capítulo 99
- Capítulo 100
- Capítulo 101
- Capítulo 102
- Capítulo 103
- Capítulo 104
- Capítulo 105
- Epílogo

- Agradecimentos
- Créditos das ilustrações
- Sobre o autor
- Informações sobre a Arqueiro